

Historia. Conselho

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

J. CAPISTRANO DE ABREU . . . do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro	Paulistica	3
OLIVEIRA LIMA da Academia Brasileira	O copiadador do Barão de Penedo	19
HELIO LOBO do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro	Brasil e Estados-Unidos	32
EMILIO DE MENEZES da Academia Brasileira	O Corvo (Edgard Poe) . .	48
MEDEIROS E ALBUQUERQUE . . da Academia Brasileira	Livros	58
CARLOS DE LEMOS	A fallencia da doutrina na guerra naval . .	67
FERNANDO DE AZEVEDO	Educação hygienica . .	74
GODOFREDO RANGEL	Vida ociosa	82
MACHADO DE ASSIS	Cartas inéditas	101
COLLABORADORES	Resenha do mez	105

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 17 - ANNO II

VOL. V

MAIO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Céu e agua (*Basilio de Magalhães*)
— Nossos defeitos (*F. G. Schmidt*) — Movimento literario —
Movimento theatral — Bibliographia — Vigarios estrangeiros
(*Tobias Monteiro*) — A nossa poesia (*João Ribeiro*) — Emilio
Verhaeren — A segunda revolução russa — O renascimento
catholico na literatura franceza — A industria do livro na
França — Os Estados-Unidos e o commercio mundial — Os
pés dos combatentes — O uso do assucar — A mãe da marinha
britannica — Leipzig, a Capital do Livro. — As caricaturas
do mez.

As assignaturas começam em qualquer tempo
e terminam em Junho ou Dezembro.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PRDPRIEDADE D UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SEIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 - TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericórdia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

ROBES & MANTEAUX

Lingerie de Luxe, Blouses, Trousseaux

Bertholet

Corsets, Spécialité de Fornitures pour Modes

Rua 15 de Novembro, 30

São Paulo - Paris

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de lettras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recbe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que dsejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Calxa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

ROBES & MANTEAUX

Lingerie de Luxe, Blouses, Troussesaux

Bertholet

Corsets, Spécialité de Fornitures pour Modes

Rua 15 de Novembro, 30

São Paulo - Paris

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de lettras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abri-la por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subseqüentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

WILSON, SONS & CO. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523

End. Electr. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres

Seguros maritimos e contra fogo

J. B. White & Brothers, Londres

Cimento Portland "J. B. W."

Aberthaw & Rhose Portland Cement & Lime
Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"

Read Brothers Limited, Londres

Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"

Curtis's & Harvey Ltd., Londres

Dynamite marca "Dragão"

Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres

Chá preto e verde marca "Bond"

William Pearson Ltd., Hull

Creolina, Pacolol e Pacofluido

Andrew Usher & Co., Edinburgo

Whisky "Liqueur"

J. Bollinger, Ay Champagne

Champagne "Bollinger"

P. Virabian & Cie., Marselha

Ladrilhos e Cimento

Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne

Tintas preparadas "Lagoline"

Aceitam pedidos para importação directa mediante modica commissão



UNESP - Biblioteca - Assis
Class.: OR 050
Tombo/Tit.: 1084

REVISTA
DO
BRASIL

VOLUME V

MAIO - AGOSTO DE 1917

ANNO II



PROPRIEDADE DE UMA SOCIEDADE ANONYMA

S. PAULO - BRASIL

20291



DIRECTORES:

L. P. BARRETTO,
JULIO MESQUITA
ALFREDO PUJOL.

REDACTOR-CHEFE:

PLINIO BARRETO

SECRETARIO-GERENTE: J. M. PINHEIRO JUNIOR

IESOS



PAULISTICA

A PRETEXTO DE UMA MOEDA DE OURO

I

Braz Cubas, fundador de Santos, descobriu ouro e metaes no anno de 1560, lê-se em epitaphio. Affonso Sardiinha deixou por morte oitenta mil cruzadas de ouro em pó, extrahidas de Jaraguá e Santa Fé, assegura Pedro Taques. El rei D. João IV, ao subir ao throno, fez á rainha consorte mercê de cinco mil cruzadas annuaes nos quintos de São Paulo, apurou Dom Vasco Mascarenhas, conde de Obidos, segundo vice-rei do Brasil.

A 2 de Setembro de 1654, da almiranta que o conduzia para o reino depois de vencidos os Hollandezes, escrevia Francisco de Brito Freire: “mui consideravel é já a quantidade que se tira de ouro de lavagem. Deste me mandaram para a Rainha nossa Senhora, dos quintos que Vossa Magestade lhe concedeu, mais de nove arrateis. Poderam passar d’arrobas sem os descaminhos que ouvi murmurar. Ouro de beta não se busca por necessitar de mais industria e cabedal, mas asseguram haver delle e de prata muitas minas, principalmente nos serros descobertos de novo em Pernaguá, dos quaes me amostraram com differentes veias varias pedras que trago para V. Magestade mandar vêr”.

Mesmo palpando estas provas, o Almirante manteve duvidas. “Porém eu, depois de todas aquellas diligencias feitas com D. Francisco de Sousa por el-rei de Castella e

das noticias e particularidades que agora soube no Rio de Janeiro das pessoas mais bem vistas e desinteressadas nesta materia, não acabo de persuadir-me de que na realidade haja taes minas”.

Com esta reserva contrasta o enthusiasmo do jesuita Simão de Vasconcellos na vida do padre João de Almeida, impressa em 1658: “em todos os rios que descem desta serrania, desde Patos até S. Paulo, se acha ouro e toda a terra de suas varzeas e arredores é um puro ouro. Rara é a parte em todo este grande districto aonde se não ache, em uma em mais quantidade de que em outras; paragens ha em que se acharam pedaços inteiros e vergas grandes d’ouro já perfeito; mas ordinario é tirar em grãos, mais miudos, outros mais grossos, e todos quantos vão a buscalo vêm providos delle e é o dinheiro e remedio ordinario daquella gente. E quando os pés destas montanhas assim são ricos de prata e ouro, quanto o serão as entranhas dos montes? E’ a mesma corda que a do Potoci e não duvido que se houvera a mesma diligencia nos dariam as mesmas riquezas e o tempo irá mostrando esta virtude, e no presente já em São Vicente se bate moeda de ouro e é ali o dinheiro ordinario”.

Sobre a mineração compraz-se em minucias o verboso biographo: á enxada faziam as excavações de quatro, cinco, seis palmos e mais, no lugar escolhido, até bater no cascalho; si a terra é anil, dá-se o trabalho por perdido; si é amarella, muito branda, á moda de sabão, encontram-se laçes atravessadas de metal que despensa a fusão, ou vê-se o ouro, aqui já formado pela acção defecante do sol, além ainda em formação”, como claramente se percebe, porque em parte se vê a materia molle e em parte rija e formada em ouro, cousa que até agora não ouvi de outra alguma parte do mundo”.

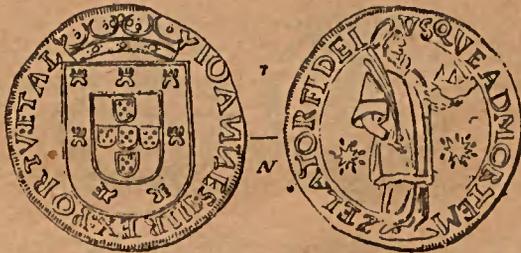
A terra desmontada ia a canôas furadas na popa e na proa, expostas á corrente de algum rio, de modo que a agua penetrasse por um extremo e vasasse pelo outro: agitada com certas pás, a terra desfazia-se em lodo e sahia pela proa, o ouro se assentava no fundo com seu peso. “Um morador de São Paulo me contou que em espaço de tres mezes com vinte pessoas de serviço tirara em uma cata setecen-



tas e tantas oitavas no modo sobredito; e outros me referiram suas catas com semelhante rendimento pouco mais ou menos, conforme a qualidade do sitio aonde acertam de cavar. Destes pagam os quintos a el-rei, o demais o levam a bater em moeda ou vendem em ser”.

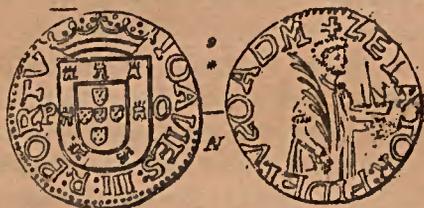
Sobre o rendimento dos quintos faltam informações, e o silencio é explicado numa portaria do Conde de Obidos de 15 de Dezembro de 1663: “achei que a administração dos quintos de ouro de S. Paulo não corre pela provedoria da fazenda de São Vicente nem dão delles conta a esta provedoria do estado e nem nos livros dos registos della ha noticia alguma das causas por que se administra; antes se tem por tradição que se faz por ordens particulares concedidas a Salvador Corrêa de Sá e Benavides e Pedro de Sousa Pereira, provedor que foi do Rio de Janeiro... e se acha nos ditos livros uma provisão de el rei meu Senhor D. João quarto, que Santa Gloria haja, por que faz mercê a Rainha minha Senhora de cinco mil cruzadas cada anno no rendimento dos ditos quintos, com condição que si rendessem mais lhe não pertencia, suppondo não ser menos”.

No presente já em São Vicente se bate moeda de ouro e é ali o dinheiro ordinario, escreve Simão de Vasconcellos na vida de João de Almeida e na de José de Anchieta accrescenta: “de ouro se batem moedas chamadas (com o mesmo nome da terra) de São Vicente”.



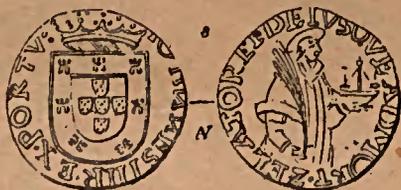
As moedas de São Vicente introduzidas sob D. João III pesavam inteiras 151 grãos de ouro, representavam São Vicente em pé á direita, com a palma e um navio entre duas estrellas, e a legenda VSQUE AD MORTEM — ZELATOR FIDEI; meias representavam o busto de São Vi-

cente á direita, com a palma e o navio e a mesma legenda ou a variante ZELATOR FIDEI VSQ. AD. M., como se vê na *Descripção das moedas* de Teixeira de Aragão. *Zelator fidei* era o titulo com que o papa Paulo II agraciou o monarcha que introduziu a Inquisição em Portugal.



A moeda valia a principio mil réis inteira, meia moeda valia quinhentos réis. Em 12 de Julho de 1642 um alvará elevou o valor a mil e trézentos réis da inteira; a 26 de Julho outro alvará mandou correr a inteira a mil trezentos e oitenta, a 14 de Janeiro de 1645 se estabeleceu que o São Vicente inteiro corresse a mil novecentos, meio a seiscentos e noventa réis.

Naquelle tempo as moedas fabricavam-se a martello, — bater moeda exprime bem o facto; nada obsta a que Salvador Corrêa ou algum donatario obtivesse a remessa dos cunhos para a capitania e a moeda ahi fosse cunhada. Que



já sabiam fundir o metal e reduzil-o a barretas desde 1600, mostra um mandato de D. Francisco de Sousa impresso no vol. 1.º do *Registo geral*, que acaba de sahir, em que prohi-be ouro em pó e ordena que se reduza a barras com as armas reaes. Si a cunhagem dos São Vicente data dos Philip-pes ou começou com os Braganças os documentos conhecidos não permitem concluir.

Os primeiros reis bragantinos legislaram constantemente sobre moeda. Para custear as despesas da infundável guerra da independência e evitar sua saída para o exterior augmentaram-lhe o valor extrínseco, já refundindo-a, já carimbando-a ás pressas. Para evitar a introdução e circulação de moeda inferior comminaram graves penas ou sujeitavam-na á pesagem que ás desvalorisava. Não pouco que fazer deu-lhes o irreprimível cerceio: o engenho inaugurado pelo Conde de Ericeira em 1678, que supprimiu a cunhagem a martello, apenas acautelou o futuro. A moeda de S. Vicente entrou no movimento geral, de alça como fica visto.

O alvará de 26 de Fevereiro de 1643 “havendo respeito ao grande damno que se seguiria aos meus reinos e vassallos de se levarem delles as patacas e meias patacas (espanholas) pela utilidade que se recebia na qualidade e bondade da prata” mandou contra-marcas as primeiras para quatrocentos e oitenta, as segundas para duzentos e quarenta réis; “os mais crescimentos que vêm a ser vinte por cento fiquem para minha fazenda”. Em outros termos: o possuidor recebia em menor numero de peças de quatrocentos e duzentos réis o valor que depositava: o lucro do fisco estava na differença de oitenta e quarenta réis respectivamente. Para o Brasil a carimbagem devia fazer-se no Rio, na Bahia e tambem no Maranhão, que formava estado differente.

Operações mais consideraveis determinaram os Decs. de 20 de Novembro de 1662 e 22 de Março de 63, para cuja execução promulgou o Conde de Obidos um longo regimento em 7 de Julho deste anno.

O regimento, talvez inedito, providencia sobre a subida de 12 1/2 0/0 nas moedas de ouro e de 25 0/0 nas de prata.

Far-se-iam tantos cunhos quantos fossem necessarios, e se procederia a contramarcação na casa de contos da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro; em São Vicente nas em que costumavam assistir os provedores da fazenda com seus officiaes. Nos cunhos para as moedas de ouro se abriria um escudete com uma corôa em cima e dentro no escudo o novo valor; nos cunhos para as moedas de prata não havia

escudo para a declaração do valor e sobre as letras estaria uma corôa. O dinheiro do Ceará até o rio de S. Francisco receberia o novo cunho em Pernambuco; o de Sergipe até Porto Seguro na Bahia, o de Espirito Santo no Rio.

“E todo o das villas de São Vicente, Santos, São Paulo, Parnahyba e mais logares que ha naquella capitania e fora della para o Sul (se ha de resellar) na mesma casa donde costumam assistir os officiaes da fazenda real na villa de São Vicente... E porque ali se podem achar algumas moedas *que tem por armas São Vicente* se lhe accrescentará cunho com o excesso que lhe tocar a respeito do valor a que sobem as moedas de ouro, que é doze e meio pór cento”.

Recunhado o dinheiro, o thesoureiro geral responderia na propria especie a seu dono com a mesma quantidade de dinheiro resellado com cinco por cento de avanço si fosse prata, com dois e meio si fosse ouro.

Será tambem exacto que abundava dinheiro de ouro em S. Paulo, como affirma Simão de Vasconcellos? As *Actas da Camara da Villa de São Paulo* permittem responder a este ponto com bastante precisão.

Em 1661 Portugal assignou os tratados de casamento da infanta D. Catharina com Carlos 2.o, recentemente restaurado ao throno da Inglaterra, e de paz com a Hollanda, raivosa ainda da perda de Pernambuco. Pelo primeiro obrigou-se ao dote de um milhão de cruzados, pelo segundo á indemnisação de quatro milhões que deveriam ficar pagos dentro no praso de dezeseis annos.

Para cumprir estes compromissos não bastavam os récurso do velho reino, que teve de soccorrer-se das colonias. Sobre o Brasil foi lançada uma contribuição annual de cento e vinte mil cruzados, para a paz da Hollanda, de vinte mil para o dote da Infanta, ou dois milhões duzentos e quarenta mil, mais trezentos e vinte mil cruzados respectivamente, durante os dezeseis annos em que deviam ser cobrados. A Francisco Barreto, o vencedor de Gurarapes, governador geral, coube iniciar e organizar a arrecadação, ordenada por duas cartas regias de 4 de Fevereiro de 62.

Francisco Barreto reuniu no palacio do Salvador as pessoas mais notaveis e accordou com ellas as quotas das

capitanias. A' Bahia, como a mais opulenta, pois Pernambuco apenas sahia de uma guerra devastadora e Rio de Janeiro estava quasi todo preso ainda dentro das serranias da Ganabara, focou metade; Pernambuco, Itamaracá e Parahyba entrariam com trinta mil, Rio de Janeiro com vinte e seis mil, São Vicente com quatro mil cruzados. Ilheos, Porto Seguro e Espirito Santo não ficaram isentos, mas suas contribuições serviriam para as quebras. O pedido, donativo ou finta real (tributo não era porque as Cortes não intervínham) correria desde Agosto de 1662.

A 5 de Agosto de 1662 na Camara de S. Paulo, perante o povo e os homens bons da villa, foram lidas as cartas regias ao Governador geral do Estado e a provisão deste de 28 de Abril attinentes ao objecto, e eleitos procuradores para tratar do caso em Santos, onde, parece, deviam reunir-se os procuradores das differentes Camaras, os capitães D. Simão de Toledo Pisa e Antonio Ribeiro de Moraes. O resultado da conferencia divulgou-se a 2 de Novembro: São Paulo com seu districto pagaria quinhentos e oitenta mil réis, accrescidos no anno seguinte, por ordem do Conde de Obidos, de mais setenta mil: seiscentos e cincoenta mil réis annuaes portanto durante dezeseis annos.

A Camara paulista, em que era juiz ordinario Estevão Ribeiro Bayão Parente, o futuro conquistador dos sertões bahianos, votou logo o estanco do vinho do reino, da aguardente do reino e da terra e do azeite. Em Janeiro de 63 mandou fazer listas dos contribuintes de cada bairro, que seriam entregues a dois moradores incumbidos da cobrança. A 21 de Setembro lançaram-se quarteis para que todos os moradores sujeitos ao pedido pagassem a annuidade até dia de Todos os Santos. A 3 de Novembro mandou-se proceder contra os que não queriam pagar. A 4 de Março de 64, reunidos a Camara e os homens bons com assistencia do Ouvidor, reconheceram que apenas se apuraram cem mil réis. E o primeiro exercicio terminara em Agosto!

Neste anno de 64 continuou o esforço. Para a finta real votou-se que cada carga de farinha de trigo pagaria 40 réis, cada peça de panno 240, cada arroba de carne de porco mandada para Santos 40 réis; carne de vaca ou porco consumida na villa 20 réis a arroba; arroba de fumo 40



réis, o couro de vaca 10 réis, a peruleira de melado 30, cada cabeça de gado descido para Santos um tostão, botija de azeite de amendoim ou carrapato dois vintens, de vinte pães vendidos nas vendagens um vintem.

Estas taxas deviam ser comunicadas aos moradores da Parnahiba, Jundiahy, Itu' e Sorocaba. Os de Parnahiba não estiveram por ellas. Voltou-se ao systema de commissarios de bairros: a 1 de Novembro prestaram juramento de fingar verdadeiramente, sem attender a odio, parentesco ou amizade, os de Taramembé, os da villa de Caguacú, de São Miguel, de Marueri, dos tres Juquirys, de João Pires Monteiro, Manoel Rodrigues Moraes, D. Francisco de Lemos, de S. Amaro, de Caocaia, do Forte (Carapicuíba?) e de Cotia.

A historia é longa: para que debulha-la? Basta conhecer o resultado da apuração do desembargador João da Rocha Pitta, o tio do ôco e ruidoso autor da *Historia da America portugueza*, apuração feita em 1679.

O praso primitivo de dezeseis annos fora ampliado ao de vinte e quatro no Rio e São Vicente— na Bahia a trinta e dois: assim a annuidade paulista desceu de 650\$ a 433\$333. Nos exercicios de 1663 a 1678 foram expedidas para Santos com doze remessas de letras, pannos de algodão etc. 3.237\$. A partir de 1678 pagamentos e fornecimentos diversos a Jorge Soares de Macedo, a D. Rodrigo de Castelhaneo, a D. Manoel Lobo, ao desembargador syndicante João da Rocha Pitta, em quatorze addições montaram a 2.856.670; com outros accrescimos ficaram os moradores de S. Paulo restando ainda 238.665 réis.

O desembargador não podendo deter-se na cobrança deste saldo, deu as contas por ajustadas e desobrigados os vereadores e moradores de tudo quanto até ali estavam a dever do donativo, sob a condição de que se cobraria o restante nos dois primeiros annos dos oito que faltavam para se ultimar a finta, pedido ou donativo. Evidentemente estes factos depõem contra a abundancia de ouro batido em moeda, apregoada pelo chronista da Companhia.

Por aquelle tempo occorria no Brasil em geral um phenomeno de alta gravidade. As frotas traziam annualmente ou quasi, por que ás vezes falhavam, maltas de commissaria-



rios que vendiam as fazendas e mais artigos necessarios á população, levando o assucar, o tabaco e mais generos da terra, que se convertia em feira buliçosa e variada por algumas semanas para logo recahir na estiagem habitual. Ultimamente notava-se que os commissarios continuavam sim a vir com os carregamentos, mas não queriam mercadorias em retorno, exigiam dinheiro de contado.

Varias medidas, todas improficuas, tomaram-se para impedir esta sangria implacavel. João Peixoto Viegas, dono de curraes de gado em Itaporocas, possuidor de vastas sesmarias para as bandas de Jacobina e rio do Salitre, homem provado em varios cargos importantes, muito pratico e experimentado, cuja figura se vae formando e avultando na medida do estudo dos documentos contemporaneos, foi inquerido pelo Marquez das Minas, governador geral, sobre o que se deveria fazer.

Viegas explicou a paralysação do commercio do assucar pela abundancia da producção; pela concorrência das Barbadas e da India, feita em condições mais favoraveis; pela inferioridade do producto brasileiro, entregue ao empirismo dos mestres de assucar, que acertavam agora uma safra para logo estragar a seguinte, aggravada pela demora das frotas que deixavam o genero nas alfandegas sujeito ás intemperies, levando-o para alem-mar velho e já deteriorado; pela carestia dos fretes; pelos excessos de impostos, lançados quando o assucar alcançava tres mil e quinhentos a arroba, mantidos invariaveis quando o preço pouco excedia de mil réis. O tabaco durante annos assumira grande incremento, concorrera para o cultivo dos sertões, mas agora os plantadores desilludidos e desanimados refluíam para as praias aonde menos os mariscos e carangueijos lhes garantiam a subsistencia, porque o estanco do tabaco crestava todos os impulsos e propagava a miseria por toda parte: entretanto a simples liberdade da droga bastaria para restabelecer a vida: só o Oriente consumia mais do que o Brasil poderia produzir.

“Vejam lá os sabios da politica qual póde ser o remedio, concluia descorçoado o velho republico: eu lhe não vejo se não dar-nos Deus um novo fruto de estima e preço,



e esperar milagres para o que a prudencia dos homens basta não se costuma nem é racional".

Este fruto de estima e preço, pelo qual suspirava, já muitos o julgavam descoberto e maduro: bastava estender a mão para apanhal-o; era o levantamento da moeda.

Em 1641, apenas começado o primeiro anno da dynastia bragantina, o marco de prata corria por dois mil e oitocentos. No anno seguinte a oitava de ouro, que valia quatrocentos e sessenta e oito réis, a 29 de Março subiu a seiscentos e sessenta, o marco a quarenta e dois mil duzentos e quarenta réis. Estava dado o primeiro passo: quem quizer acompanhar os outros recorra ao segundo tomo de Teixeira de Aragão, que aliás não é completo. A lei de 4 de Agosto de 1688 fixou o grão de ouro em vintem, a oitava em mil e quinhentos, a onça em doze mil, o marco em noventa e seis mil réis; de prata o marco valeria seis mil réis, a onça setecentos e cinquenta; a oitava e o grão proporcionalmente. Involuntariamente ironico, nosso Varnhagen vê neste facto o baixo preço proporcional em que estavam os metaes amoedados.

A lei chegou á Bahia em meados do anno seguinte, quando, por morte do titular Mathias da Cunha, governava interinamente o arcebispo D. Manoel da Resurreição, que a transmittiu ao desembargador Manoel Carneiro de Sá, chanceller da Relação, para publical-a, como era de seu officio. Entre os dois potentados parece houvera attritos e não reinava grande harmonia. O chanceller não deu signal de vida. O arcebispo mandou proceder á publicação, "ao som de caixas e tambores" que se alvoroçava o povo e não sabia si era lei ou bando", commenta Carneiro de Sá.

A attitude do chanceller procedia de motivos superiores a despeitos mesquinhos, como explica em documento official.

Tinha duvida si podia applicar-se ao Brasil uma lei relativa a moedas que aqui não corriam, e mandava que as patacas de menos de sete oitavas de prata fossem pesadas e valessem a tostão a oitava. A generalidade das patacas de Bahia não passava de quatro oitavas e meia e valiam seiscentos e quarenta; cada moeda perderia portanto, levada á balança, cento e noventa réis; o prejuizo total se-



ria de trezentos mil cruzados; resolveu por isso participar á corte estes inconvenientes e esperar pela decisão para agir.

O arcebispo, recémchegado á terra e pouco conhecedor da situação, confessa ter sentido escrupulos; decidiu-o a noticia de se haverem antecipado em Pernambuco. Apenas a lei se divulgou, soaram vozes descontentes, encheu-se a Camara de povo, e foi redigido um papel contrario á execução da medida. O arcebispo convocou então uma junta geral a que assistiram pessoas de todos os estados, — alguns ministros, frades e sacerdotes, assegura Carneiro de Sá, que não quiz comparecer. Votaram-se varias resoluções: eliminou-se o emprego das balanças e fixou-se em dois cruzados o valor da pataca (duas patacas) que pesasse seis oitavas e meia e dahi para cima, em setecentos réis a de seis oitavas perfeitas até seis e meia; as de quatro e meia até seis continuariam a valer seiscentos e quarenta réis.

Em sua carta de 11 de Junho de 89 para a Corte o prelado revela-se satisfeito de sua obra. Antes da junta só se tratava de reunir as moedas de maior peso e conduzi-las para bordo; muitos navios não tinham ainda lastro, outros só meia carga; depois da junta, appareceu o dinheiro de peso, espertavam-se as compras de assucar, que já estava naquella data quasi todo embarcado e a frota prestes a seguir.

A elevação da prata que devia vigorar apenas na Bahia, durante a assistencia da frota, alastrou pelo Brasil inteiro com impeto irresistivel e firmou-se como conquista irrevogavel.

Em officio de 18 do mesmo mez, o chanceller explicou sua reluctancia nos termos já conhecidos; lembrava que para tolher o açambarcamento das moedas de peso bastaria uma vistoria nos navios; levantar dinheiro é regalia de principe; não invejava as glorias do autor, si o acto fosse approvedo; contentava-se em não ter comparecido nem concorrido para elle.

As duas cartas, acompanhadas de outros documentos, foram lidas a 20 de Dezembro no Conselho Ultramarino, em Lisboa. O procurador da Corôa accentuou que levantamento de moeda só compete a el-rei; não julgava a lei ap-



plicavel ao Brasil, aonde o uso commum dos moradores, sem lei nem ordem, tinha dado á moeda valor a seu arbitrio: o chanceller andara bem retrahindo-se, o arcebispo não andara mal adiantando-se; devia confirmar-se a lei do arcebispo, visto ser por commum acceitação e accordo do povo e não poder nos termos presentes haver outro remedio. Dois conselheiros deram votos analogos; a maioria votou que inviolavelmente devia guardar-se a lei de 4 de Agosto de 1688, sem curar dos clamores do povo.

El rei deu razão ao Conselho. Em 21 de Março de 90, enviou-lhe uma carta com data de 19, dirigida ao novo governador geral, Camara Coutinho, almotacé-mor, ex-donatario do Espirito Santo, que vendera sua capitania ao riquissimo Francisco Gil de Araujo. Da carta regia de 19 de Março, que de modo a não permittir dilações fixava novamente em tostão o valor da oitava da prata e prescrevia o uso de balanças, existe copia official no Archivo Publico. Della ha transcripto exacto no quinto volume dos *Annaes do Rio de Janeiro* de Silva Lisboa.

Camara Coutinho recebeu a carta de 19 de Março em Pernambuco, que governava ainda, aonde se fizera o primeiro levantamento da moeda; suas idéas eram-lhe favoráveis; mas a ordem regia não permittia dubiedades. Esperou que a frota partisse para evitar o exodo subito do numerário, e por edital de 3 de Junho de 1691 mandou publical-a em todas as capitancias. O laborioso Guilherme Young descobriu o documento em Iguape e imprimiu-o no 8.o vol. da *Revista do Inst. Hist. de S. Paulo*, tão cheio de erros e contrasensos que ficou inintelligivel. A Bibliotheca Nacional possui boa copia.

Da sensação causada na Bahia dá testemunho o quasi nonagenario Antonio Vieyra, que no theatro de sua infancia e de seus primeiros triumphos viera penitenciar-se das vaidades do mundo e preparar a viagem suprema. "As frotas que vierem não acharão destes generos (tabaco e assucar) para tomar carregados, por terem levado entre elles o que não paga frete nem direito, que é toda a prata e dinheiro, em que os mercadores achavam mais conta que nas outras drogas" — escreve em 1 de Julho de 1692 ao antigo governador Roque da Costa Barreto.



Em 15 de Junho de 93 escrevia o Governador geral: "O Brasil até agora esteve muito mal e de presente fica com a candeia na mão e com poucas ou nem-umas esperanças de remedio, porque emquanto teve sangue deu o que tinha, agora tem perdido as forças e as esperanças, porque lhe falta a moeda, que é o essencial, com que todos os pagamentos estão parados, o assucar nos trapiches, sem haver quem os compre, os senhores delles como devem mais do que têm não os podem manear e cada um chora e não sabe porque... Ou se ha de usar dos novellos de Maranhão ou das macutas de Angola".

O venerando Jesuita escrevia ao duque de Cadaval: "O remedio... e não pode haver outro, é o da moeda provincial com tal preço extrinseco que nem para os de fora nem para os de dentro tenha conta a saca della". No mesmo sentido, apenas com restricções a respeito da moeda de ouro que entendia dever ser a mesma tanto na colonia como na metropole, varias vezes se manifestou o Governador geral em sua correspondencia publica, parte impressa no tomo 71 da *Rev. Trim.* parte ainda inedita, existente na Bibliotheca Nacional. O povo da Bahia, o governador do Rio, o provedor da Fazenda em Pernambuco reflectiam unanimes sentimentos e opiniões identicas. A corte cedeu.

A lei de 8 de Março de 1694, que fundou a casa da moeda da Bahia, desde o principio reconhece a necessidade de uma moeda provincial "porque só sendo fabricada com maior valor e differente cunho, prohibindo-se sua extracção com graves penas, se poderia conservar a moeda no estado do Brasil, sem que se trouxesse para este reino como a experiencia tinha mostrado". Neste intuito foi levantado o marco de prata de oito onças a sete mil e quarenta, a onça a oitocentos e quarenta, a oitava a cento e dez réis; cada marco de ouro de oito onças — a cento e cinco mil e seiscentos réis, cada onça a treze mil e duzentos e cada oitava de ouro a mil seiscentos e cincoenta réis.

Navegava-se até o seculo passado por monções, navegação longa, incerta, intermittente. A noticia do levantamento da moeda feito na Bahia em 1689 chegou a S. Paulo em Agosto de 90. O povo alvoroçou-se, em 3 de Agosto invadiu a Camara, coagiu os vereadores e, mais atrevido

que a junta, impoz que a pataca de quatro oitavas e meia valesse oitocentos réis, a pataca simples quatrocentos réis etc.: por este valor corriam em Santos e villas circumvisinhas, lê-se na acta.

A 1 de Março de 92 os vereadores decidiram conservar a moeda na mesma altura até da Corte virem ordens em contrario; a realidade era, porém, outra; "em S. Paulo, escrevia Camara Coutinho, não só não se deu execução á baixa da moeda, mas não a quizeram aceitar nem me responderam". Em outra occasião: "a villa de S. Paulo ha muitos annos que é republica de per si, sem observancia de lei nem-uma assi divina como humana."

Em 23 de Janeiro de 1693, o povo foi adiante: á vista da confusão resultante da falta de moedas para trocos, levantou novamente o valor do dinheiro miudo acima do que decidira tres annos. A seguinte tabella resume a marcha desde 1689 até 1693:

1689	1690	1693
640	800	—
500	600	—
400	500	—
320	400	—
250	300	—
200	240	280
160	200	240
120	160	200
100	120	160
80	100	120
60	80	100
40	50	80

Ha ligeiras divergencias: na acta de 3 de Agosto o cruzado apparece convertido em 480 e 500 réis; na de 23 de Janeiro fala-se em tres vintens — moeda que não devia mais haver, pois os dois tinham sido elevados a meio tostão.

Em 23 de Janeiro de 1694, a Camara de S. Paulo pediu a Manoel Peixoto da Motta, Capitão-Mór, as ordens sobre a baixa da moeda, deu-lhes logo o cumpra-se, passando



quarteis e publicando-as. "Querendo á vista da carta de V. S.^a executar o que nella mandava, escrevem os vereadores em data de 30 a D. João de Lencastre, o novo governador geral, e baixar com publico edito a moeda, levantou-se no acto da publicação de tal sorte e com tal furor o povo que não deixou acabar de se intimar a ordem legitimamente na praça, ajuntando-se com clamores contrarios, com insultos contra o capitão mor e com tumulto contra os poucos ministros que costumam intervir a estes actos impedindo desta sorte o cumprimento do que se intentava fazer".

A noticia da lei que creava a casa da moeda da Bahia, instituia a moeda provincial e elevava a oitava de prata a cento e dez réis, pouco modificou a situação: ainda tres annos depois a exaltação persistia rubra.

A 19 de Janeiro de 1697, notando conçurso e rumor, acudiram os officiaes da Camara e defrontaram um ajuntamento de povo armado de armas de fogo e espadas, gentio com arco e flechas, exigindo o levantamento da moeda. Os camaristas allegaram as terminantes ordens regias, lançaram mão do recurso habitual de convocar os prelados das diversas religiões para deliberar. "Responderam todos juntos que elles como povo levantaram o dinheiro e que se não quizessem dar o valor de seu requerimento que tocariam a degolar gritando com vozes altas que morressem todos, com que de necessidade por remir sua vexação lhes foi proposto pelos vereadores que chamassem os prelados das religiões para com elles se ajustar o que mais conveniente fosse", no que não quizeram consentir cousa alguma sinão que dessem cumprimento a seu requerimento, que não tinham necessidade de que viessem prelados para o que lhes convinha a elles, sinão que levantassem a moeda, sinão que morreriam todos".

O segundo volume do *Registo geral* prestes a sahir trará naturalmente mais documentos completando as indicações por vezes demasiado summarias das *Actas*. O capitulo final desta historia comprida e mal contada descobriu Basilio de Magalhães em suas penetrantes e fecundas pesquisas archivaes e vem na primeira parte da opulenta collecção, publicada no volume 18 da *Revista do Inst. Hist. de*



S. Paulo: é uma carta a D. Pedro 2.^o de 1.^o de Junho de 1698 escripta pelo governador do Rio de Janeiro, Arthur de Sá e Menezes.

Encabeçava o movimento Pedro de Camargo que resistia a todas as ordens vindas da Bahia, vivia em S. Paulo feito regal, criminoso de quatro mortes, de latrocínios e violencia, e exercia o cargo de Juiz ordinario aquelle anno. Mandou intimar ao governador que não fizesse á capitania a annunciada viagem em que ia providenciar sobre as minas, nem descobertas. O governador não se deixou intimidar, grangeou partidarios, transpoz a serra e chegou ao campo.

“Chegado que fui a S. Paulo achei morto ao sobredito Pedro de Camargo... Violentamente o mataram com um seu mesmo bacamarte ao meio dia, e foi cousa prodigiosa, por que o matador é um dos nossos melhores homens que ha naquella capitania, tanto pelo seu modo de vida, como por ser muito observante de todos os preceitos e ordens de Sua Magestade, extranhando sempre o não se lhe dar aquella devida execução que merecem com que parece que foi divina providencia que o melhor homem matasse ao mais tyrano e inobediente vassallo.

“E como lhe faltara o castigo, que por tantos titulos merecia, quiz Deus que pagasse a enormidade de seus delictos, porque depois de lhe atirarem foi dando mais de cem passos com o coração passado por duas balas, e foi cahir ao pé do pelourinho, aonde merecia ser justificado”.

Rio, Abril, 1917.

J. CAPISTRANO DE ABREU.



O COPIADOR DO BARÃO DE PENEDO

Tive em mãos no Rio de Janeiro o copiadador das cartas politicas — reservadas todas ellas e muitas confidenciaes — dirigidas pelo barão do Penedo, nos annos de 1856 a 1863, aos vultos mais importantes da administração brasileira d'aquelle tempo — Sinimbú, Cotegipe, Abrantes, Paranhos, Angelo Ferraz, etc. Facultou-me essa leitura o dr. Arthur de Carvalho Moreira, filho do illustre diplomata e elle proprio diplomata distincto, com o grave senão porém de ser devéras intelligente. Por isto foi posto á margem na categoria de secretario de legação, e si outro tanto não aeonteceu ao velho Penedo, foi porque este se retirou espontaneamente do serviço quando foi proclamada a republica, dando tal prova de fidelidade ao soberano que sempre muito o distinguira. Tinha já passado os 70 annos e não se achava disposto a aprender cousas novas. Papagaio velho... ficou sendo um papagaio real.

Penedo foi um dos agentes mais prestimosos que o nosso paiz contou no estrangeiro, onde representou o Brasil nos Estados Unidos, em Londres por mais de 30 annos, em Paris, em missão extraordinaria e ordinaria, e em Roma, em missões extraordinarias junto a Sua Santidade Pio IX. A elle se deve o impulso tomado pelas nossas estradas de ferro com o emprego de capitães inglezes do Recife ao São Francisco, Bahia e Santos a Jundiahy; a elle foi confiada a negociação de grande numero dos emprestimos que, em moderada escala contrahidos, permittiram o desafogo financeiro e economico do paiz; a elle foi confiada a missão de obter do governo de Napoleão III a livre sahida do estaleiro francez do vaso de guerra *Brasil* que a neutralidade retinha por

ocasião da guerra do Paraguay; a elle foi dado restabelecer nossas relações com a Inglaterra, interrompidas pelo irritante incidente Christie. A vida diplomatica do homem que falleceu nonagenario no Rio de Janeiro, tão esquecido dos seus concidadãos, foi cheia de uma actividade fecunda exercida n'uma quadra em que costumava ser melhor apreciada e melhor galardoada. Não me refiro ao galardão do dinheiro, hoje até mais facil, mas ao do aprego, que as almas nobres melhor aeolhem. Penedo, em nossos dias não teria escapado ao *harakiri* diplomatico que foi a reforma capital do sr. Lauro Muller na secretaria do exterior, em beneficio dos incapazes e mesmo dos deshonestos.

Antes de entrar para o serviço diplomatico, e apesar de não ter ainda 40 annos quando o mandaram para Washington, Penedo já se tinha creado um nome como parlamentar e como advogado. Com trinta e poucos annos presidira o Instituto dos Advogados e na Camara se tornára orador escutado e personalidade influente. D'ahi o prestigio que fóra o acompanhava aos olhos dos de casa e a intimidade com que tratava os chefes politicos, especialmente Sinimbu' e Cotegipe.

* * *

A quadra que o copiadador abrange comporta dous traços principaes no que diz respeito á nossa politica exterior: a intromissão da Inglaterra nos negocios brasileiros e a intromissão do Brasil nos negocios platines. A primeira intromissão provinha do bill Aberdeen — bill algerino, como lhe chamou o seu autor, fazendo-nos com isto o cumprimento de comparar-nos com os piratas de Argel; cabeça de Medusa, denominava-o Penedo, que se achava encarregado de fazel-o revogar pelo Parlamento britannico.

No Senado, Jequitinhonha bradava com relação á fiscalização que a Inglaterra se arrogara sob pretextos philanthropicos e humanitarios: "A Inglaterra quer exercer uma omnipotencia, quer dominar o Brasil; quer que elle reconheça um patronato vergonhoso, indigno de nós, e que deve merecer da nossa parte a mais forte, energica e desmedida resistencia."

De Londres Penedo escrevia a 6 de Maio de 1856 a Silva Paranhos, então na pasta de estrangeiros: "Tenho-me esquivado de fallar n'este e em outros assumptos a lord Palmerston por muitas razões. E para que? Esse demonio é um negrophilo Mephist-

topheles a quem ninguem convence, insolente, intratavel em se lhe fallando em negros..."

Entretanto a má vontade ia crescendo de lado a lado. Christie não se teria afoitado a quanto fez si não sentisse as costas quentes. Na carta citada escrevia Penedo: "Esta nossa questão com a Inglaterra é séria, muito séria. A pretexto de nossas culpas velhas (que foram muitas) a Legação Britannica tem assumido um tom de censura, de policia, de dominação insupportavel... Não ha já uma questão por mais ridicula, que não mereça uma injuria a nós da parte da Legação Britannica. Casamentos mixtos, prisões policiaes, tudo tudo é objecto de nma nota e sempre insolente!"

Penedo nada angrurára de bom da escolha de Christie para o posto do Rio de Janeiro, baseado no facto da Inglaterra estar sustentando violentamente seus agentes consulares, ameaçando constantemente com o bill Aberdeen, o qual, como é sabido, lhe emprestava auctoridade nas nossas aguas territoriaes. Em cartas a Paranhos, Sinimbu', Pedreira (Bom Retiro), Wanderley (Cotegipe), Olinda e outros manifestava elle sérias apprehensões sobre aquelle individuo extraordinario que, dizia elle, aprendera diplomacia no território de Mosquitos, onde as prepotencias eram proverbias.

Uma carta a Sinimbu', ministro então de estrangeiros, em 8 de Maio de 1860, encerra as seguintes ponderações: "Vejo o que me contas a respeito da idéa aventada pelo Christie de uma convenção supplementar da de 2 de Junho para discernir a natureza das reclamações que se devam julgar pela commissão mixta no Rio de Janeiro, etc. Se houvesse de prevalecer o meu conselho, nunca tal convenção supplementar se assignaria. Isso é uma tricea, e uma infamia d'este governo insolente com quem não lhe pode responder como elle merece.

Porque havemos de perder a vantagem da nossa actual posição á sombra da generalidade da convenção de 2 de Junho, do seu espirito, da sua letra, para irmos fazer uma explicação que terá por fim e dará em resultado não vermos julgada uma só talvez das reclamações brasileiras, pois quasi todas senão todas tem o defeito da origem a que elles objectam? Nada ganharemos, e teremos dado uma prova de humilhação alem de tantas que já nos devem envergonhar, e muitas porque queremos, ou não temos a coragem de saber *querer*.

Mil vezes fique para sempre sem execução e em suspenso essa commissão; ficaremos com mais uma prova da nossa credulidade e impotencia, mas a odiosidade, e o escandalo da má fé britanica ficará com o seu governo. Esta é a minha opinião. Eu creio ver bem claro todo o machinismo posto em jogo contra nós. Para revogar o bill Aberdeen venha um tratado de commercio; não estamos por isso — allicia-se-nos com a convenção; começa a executar-se, suspende-se com escandalo e frivolos pretextos; e ao mesmo tempo vai esse raposo velho chamado Christie ineumbido de atormentar-nos com a abertura do Amazonas, decisão da questão dos direitos de nacionalidade e de funcções consulares; mas *par contre* faz-se-nos a bocca doce galanteando o nosso amor proprio com a alliança permanente comnosco na politica do Prata! Penso que não devemos acceder a nada d'isso, e resistir com resolução.”

*
* *
*

Para melhor comprehensão d'essa attitude de um diplomata vulgarmente taxado de anglophilo, pelo facto de gostar de Londres e de admirar as instituições inglezas, mas que antepunha á sua anglophilia seu patriotismo e sua dignidade profissional, é mister recordar que o Brasil e a Grã Bretanha tinham accordado attribuir o julgamento das presas por contrabando de escravos a commissões mixtas anglo-brasileiras com séde no Rio de Janeiro e em Serra Leôa, na costa d'Africa. Em 1842 a missão Ellis pretendeu sem resultado, em vista da forte opposição do sentimento nacional, obter do governo imperial a creação de um tribunal mixto para julgar no Brasil os litigios entre inglezes e brasileiros — em virtude do tratado de 1827 os processos civis e criminaes de subditos britannicos eram julgados por um magistrado privativo, o juiz conservador escolhido pela Inglaterra entre os desembargadores brasileiros — e tornar affectas exclusivamente a magistrados britannicos as cousas de navios negreiros. Em troca promettia a Inglaterra conceder favores especiaes ao commercio brasileiro no Reino Unido.

Foi sobretudo a opposição politica a qualquer novo accôrdo sobre o assumpto nos moldes indicados, especialmente dirigida



contra Aureliano Coutinho (Sepetiba), então ministro de estrangeiros, que determinou em 1843 a formação do gabinete presidido por Honório Hermeto Carneiro Leão, futuro marquez do Paraná.

O tratado de 1827 caducava em 1844 e o mallogro da missão Ellis contribuiu muito para a apresentação do bill Aberdeen, abolindo as comissões mixtas, transferindo para os tribunales inglezes o julgamento dos culpados de trafico de escravos, considerando piratas e passíveis das penas estabelecidas para tal crime nas leis britannicas tripolantes e passageiros, e finalmente auctorizando os cruzadores britannicos a não mais respeitarem, quer as aguas territoriaes, quer o proprio sólo brasileiro na sua caça aos negreiros.

Apesar da abolição definitiva do trafico de escravos pela lei de 14 de Novembro de 1850, que tornava praticamente nullo o alcance d'aquella lei de excepção internacional, desde o momento em que nos tribunales brasileiros encontravam castigo os transgressores da lei nacional, o bill Aberdeen permanecia como um tropeço a toda negociação diplomatica entre os dois paizes, tanto mais quanto ficára o resentimento pelas vexações e humilhações recebidas e que foram até as aggressões contra as fortalezas do nosso littoral. Do lado da Inglaterra tudo traduzia arrogancia; do lado do Brasil tudo testemunhava mau humor. N'estas circumstancias fôra Christie despachado.

Penedo, em Londres, não se enganára. Elle sempre suppoz, e o escrevia a Abrantes, que aquelle diplomata irritadiço queria prestar servigos de natureza a recommendal-o ao seu governo, coadunando seu proceder com o que Penedo chamava "o plano inglez de coagir-nos e mortificar-nos para obter um tratado de commercio." Na Inglaterra havia aliás quem pensasse differentemente. A guerra de Secessão nos Estados Unidos prometia farto ensejo de attritos entre os governos de Washington e de Londres, e antes de surgir o incidente do *Trent* que quasi levou ao rompimento, já lord Malmesbury discutia no Parlamento a eventualidade de uma guerra na qual as boas relações com o Brasil constituiriam um ponto de apoio para a Inglaterra: "O Brasil, ponderava Malmesbury, será para a Grã Bretanha no Atlantico o que seria a Sardenha no Mediterraneo." A Inglaterra não costuma agir sósinha.

*
* *

A famosa questão Christie de facto encerra duas questões diversas, apenas accidentalmente reunidas. Em primeiro lugar tinha havido entre a Legação britannica e o nosso ministerio dos negocios estrangeiros uma correspondencia acrimoniosa provocada pelo naufragio de uma barca ingleza — a *Prince of Wales* — n'um trecho deserto da costa do Rio Grande do Sul onde, segundo as informações consulares, fôra pilhada a carga por malfeitores que alli tinham apparecido e que se suspeitava tinham assassinado tripulantes escapados ao desastre. O inquerito das autoridades brasileiras estabelecia que occorrera com effeito roubo dos salvados, mas que se não descobria vestigio de assassinato: os ladrões eram conhecidos e achavam-se refugiados na Banda Oriental, d'onde sua extradição havia sido sollicitada.

Sem esperar a ultima resposta do governo imperial, Christie reclamou o pagamento de uma indemnização e exigiu que um agente inglez participasse na acção instaurada. O naufragio succedera em Junho de 1861: um anno depois, em Junho de 1862, sobrevinha o incidente dos tres officiaes da fragata de guerra *Word*, os quaes, estando á paizana e ebrios de cahir, tinham provocado um posto de policia, merecendo pernoitar no xadrez em pouco desejavel companhia. Uma vez reconhecida sua identidade e reclamada sua soltura pela autoridade consular do seu paiz, a pedido do vice-almirante britannico, foram tratados com a consideração devida e postos em liberdade sem se lhes instaurar processo pelas tropelias commettidas.

Christie entendeu porém que aos seus compatriotas e ao seu paiz é que cabia receber satisfação: a offendida era a dignidade ingleza. Das reeriminações passou elle ás ameaças e a breve trecho recebia a nossa chancellaria um ultimatum exigindo a indemnização pelos prejuizos do naufragio e, no tocante á prisão dos officiaes, não se contentando com o rigoroso castigo da sentinella brasileira insultada por elles, mas reclamando demissão do alferes que lhes dera voz de prisão e nota de censura ao chefe de policia e seu sub-delegado. Só assim teria o ultrage sido lavado por uma completa satisfação — igual á que muitos annos depois o poderoso imperio allemão daria á republica brasileira no incidente da *Panther*, exonerando o commandante e privando-o por algum tempo de todo commando.

O governo imperial deixára prolongar-se demasiado a insolência dos funcionarios britannicos no seu territorio. Desde antes dos incidentes que tinham servido de pretexto á arrogancia do plenipotenciario, Penedo escrevia e Sinimbu' a proposito de agentes consulares: "Dizes que Morgan e Cowper não podem mais ser consules no Brasil — *je le crois bien*; mas porque estão elles lá? porque no Brasil tem-se medo de mulher velha quando se trata da Inglaterra. He um *tutu'* que petrifica todo mundo... Se esses dois consules continnam nas suas estripolias, faze-lhes a cama e manda-os embora *et puis voilà.*"

Sinimbu' o não fez e Christie criou gaz. A 20 de Dezembro de 1862 seu ultimatum era entregue e já a 31 cinco navios mercantes brasileiros, dõ serviço de cabotagem, que demandavam a barra do Rio de Janeiro, eram apreizados pela esquadra britannica a titulo de represalias. Só então, consummada a affronta, declarou Christie accetar o arbitramento para as duas questões. A indignação popular fôra grande e a policia e a tropa tinham tido a maior difficuldade em conter os exaltados que queriam atacar a legação britannica, o consulado e as casas de commercio inglezas que precipitadamente fecharam suas portas, occultando-se seus proprietarios. Christie, pessoalmente, era animoso, tanto assim que é voz ter pereorrido a rua do Ouvidor com um rebenque na mão.

*
* * *

Consultado, resolveu o Conselho d'Estado emittir o parecer de que se accitasse o duplo arbitramento, mas o ministerio de-liberou submeter o segundo incidente ao julgamento e decisão do rei dos Belgas, pagando immediatamente, sob protesto e por coacção, a indemnização de 3.200 libras, fixada pelo proprio Christie, pela embarcação naufragada. A nossa chancellaria applicava que não assentava á dignidade brasileira empregar arbitros em questões tão miseraveis. Os navios apreizados foram restituídos, mas o governo imperial por sua vez reclamou do governo britannico reparação pelo acto de violencia commettido pelo seu plenipotenciario e pelo vice-almirante commandando a esquadra.

A convenção de arbitramento foi assignada no Rio a 5 de Janeiro de 1863, sendo a sentença dada a 18 de Junho do mes.

mo anno. O ministro Christie, que se tornára, pelo que se vê, *persona non grata* como a que mais o fosse, viera entretanto receber as felicitações dos seus superiores, não tendo absolutamente sido retirado em desagravo do que praticára. Si a história official assim o pensa ou diz, do copiador do barão do Penedo consta diversamente. Eis o que o nosso ministro em Londres escrevia ao marquez d'Abrantes a 23 de Março de 1863.

“Como já tive occasião de communicar a V. Exa., tenho como certo que Mr. Christie estará a esta hora em caminho para Londres. Não he como satisfação ao governo do Brasil que esse ministro he retirado do Rio de Janeiro, depois do que lá fez ou lhe mandaram fazer. Elle vem d'ahi porque lord Saint Germans, *lord stewart* da Rainha, e pessoa de muita importancia, deu-se por offendido do que elle Christie fizera com Mr. Elliot, filho d'aquelle lord. Elle vem d'ahi porque este governo receia que Mr. Webb, ministro americano, seja bem capaz de fazer ahi um escandalo com Mr. Christie. Em summa, pode-se dizer que um e outro motivo apressará esta retirada; mas como quer que seja, a sahida de Mr. Christie é um facto importante para o restabelecimento de futuras relações nossas com este governo e sendo logo depois do conflicto, presta-se á interpretação de que o governo inglez não julgou conveniente a continuacão d'esse homem lá, por bem d'essas mesmas futuras relações, inutilizando assim o instrumento da sua passada vindicta. Que este governo o retirasse como satisfacção a nós, nunca o esperei, nem alguem o devia esperar.”

Penedo entretanto ia tratando de obter a reparação reclamada pelo apresamento dos nossos navios, mas não se illudia nem sobretudo queria illudir o seu governo com o optimismo commum na diplomacia. A 8 de Abril eserevia elle ao seu amigo e conterraneo Sinimbu' :

“Muito estimei saber que o Imperador e o governo approvaram o modo porque encetei a questão da satisfacção que he na verdade o escolho da minha tarefa... Quanto ao resultado, não tenho um só elemento de calculo que me dê esperanca de bom exito. O mesmo facto de se ver o governo condemnado geralmente por todos, será, penso eu, um obstaculo para que elle se preste a reparar-nos a offensa que nos fez... Na *London Gazette* de 31 de Março ultimo appareceu por ordem do Forcing Office um celebre *address* feito a esse bôbo por alguns inglezes residentes,



no Rio de Janeiro. Por esse meio quiz o Foreign Office como que diminuir a força da queda que na opinião publica levou o seu agente, e este resignou-se ao papel de homem *for petty mercies...* Hoje acabo de receber do Grenfell (*nosso consul em Liverpool*) a lista inclusa que elle naturalmente recebeu de algum negociante de Liverpool, e pela qual se vê que 44 casas inglezas recusaram prestar-se a esse *address* encomiastico não sei de que, pois nada prova, e até he contraproducente."

*
* * *

A decisão arbitral de Leopoldo I foi inteiramente favoravel ao Brasil. Foi arredada a hypothese da provocação ter partido do posto de policia, e as autoridades brasileiras só não cumpriam integralmente seu dever porque soltaram os officiaes britannicos sem darem seguimento ás disposições legaes. No emtanto o governo britannico recusou toda e qualquer satisfação pela violencia commettida pela sua marinha de guerra contra a nossa marinha mercante, nas aguas territoriaes do Imperio, em tempo de paz, em violação de todos os tratados vigentes e em opposição a todos os principios do direito das gentes. Nem satisfação nem indemnização: lord John Russell avocou toda a responsabilidade do proceder dos seus agentes, declarando apenas que outro não fôra o intento do governo da Rainha senão "obter seguranças para os bens e as vidas dos subditos britannicos que tivessem a desventura de naufragar em costas brasileiras, e forçar o repetido devido ás pessoas dos officiaes da marinha real".

Seguiu-se o rompimento das relações diplomaticas a que trez annos depois puzeram cobro os bons officios da Legação portugueza em Londres, após uma primeira recusa de mediação por parte d'El Rei Dom Luiz, a quem seu tio Dom Pedro II respondeu que a iniciativa de uma reconciliação cabia ao offensor e não ao offendido. A Inglaterra com effeito acabou por tomar a iniciativa, e o Imperador recebeu no acampamento de Uruguayana, onde tinha ido assistir á rendição da columna paraguaya invasora, a credencial de que era portador o novo plenipotenciario britannico. Para dar uma prova especial de deferencia, o Foreign Office escolheu para o posto o ministro em Buenos Ayres, Thornton, que nos successos que provocaram a Triple Alliance se tinha mostrado sympathico á politica brasileira.

Da attitude do soberano em quanto se relacionava com os negocios publicos falla Penedo nos seguintes termos n'uma carta a Sinimbu' de 8 de Abril de 1861, quando o illustre liberal deixou a pasta de estrangeiros — carta muito intima em que Penedo taxa Angelo Ferraz de tresloucado, que deixou o Brasil com seu credito abalado, e refere-se ao ministro do imperio como sendo um pateta:

“Muito estimei que as tuas informações viessem fortificar a opinião que tenho desde muito tempo de que Elle é o unico que se interessa com um zelo permanente pelos negocios d'essa terra, que teve a grande fortuna de o ter por chefe...”

*
* * *

Penedo especializou-se por assim dizer no manejo das relações diplomaticas do Brasil com as grandes poteneias europeas do seu tempo, que eram a França e a Inglaterra, mas não podia perder de vista os interesses primordiais do Imperio no Rio da Prata, onde então se achava o eixo da nossa politica. Quando em 1859 os governos de Paris e Londres propuzeram uma mediação officiosa entre a Confederação Argentina, isto é, o governo de Urquiza, e Buenos Ayres, o Foreign Office mostrou desejos de unir o Brasil a tal mediação, no intuito de jungir-nos aos interesses europeus e nos não permittir actividade propria fóra d'esse eirenlo. Sinimbu' era a esse tempo ministro dos negocios estrangeiros do gabinete Ferraz, e Penedo escrevia-lhe que a mediação em questão era platonica nas intenções, tendo por fito acalmar os possuidores de fundos de Buenos Ayres e os especuladores da Bolsa de Londres, não sendo idéa do governo britannico intervir á força para obrigar os dois belligerantes á paz.

A um amigo seu que Penedo não cita pelo nome, mas que pelas indicações me parece dever ter sido Mr. Clark, um inglez grave e ladino que por muito annos foi o confidente londrino do nosso ministro e o correspondente do *Jornal do Commercio* — um d'esses homens que tem mais influencia do que posição — respondia lord John Russell, particular e reservadamente, “que era do interesse da Inglaterra e de todas as poteneias maritimas conservarem a paz no Rio da Prata. Nós (quer dizer a Grã Bretanha) não temos ambições de territorios n'aquellas paragens, e não le-

varemos a mediação ao ponto de intervenção, mas as vistas do Brasil são differentes, e d'elle se deve recear como sendo um Estado de raça portugueza opposto ás republicas hespanholas."

Lord John Russell assim evidenciava ou affectava uma desconfiança do Brasil que era então geral, pretendendo-se no mesmo enxergar um imperio imperialista. Seu poderio latente estava de facto em desproporção com a fraqueza real dos outros paizes sul-americanos. O receio alludido era a imagem d'esta situação que por occasião da guerra do Paraguay se precisou, acarretando-nos a má vontade da Europa e da America Hespanhola. Nem se pode dizer que haja de todo desaparecido semelhante impressão, alimentada no Rio da Prata pela lembrança da nossa constante intromissão, metieulosa e aborrecida.

O correspondente de lord John ajuntava que o paragrapho citado da carta d'este homem d'Estado estava "obscuramente redigido e admittia dous sentidos: ou que a Inglaterra desconfia do Brasil nas questões do Rio da Prata porque attribue ao Brasil designios territoriaes, ou que é o Brasil quem inspira maior suspeição ás republicas hespanholas." Na carta de Sinimbu' de 5 de Novêmbro de 1859 escrevia Penedo: "Qualquer das duas interpretações me parecee possivel esteja na idéa de lord John Russell, porque essa é a opinião stereotypada no Foreign Office de longa data, trazida do Rio da Prata por lord Ponsonby." Como se sabe, foi lord Ponsonby, representante britannico em Buenos Ayres, o mediador da creação da Republica do Uruguay em 1828.

Pelo tempo em que Penedo se occupava d'este assumpto, apparecia no *Daily News* uma serie de artigos em que, a proposito da mediação fallada, se emprestavam ao Brasil vistas de expansão territorial no Sul. A estes artigos, de lavra de um rico capitalista muito interessado nos negocios de Buenos Ayres, Mr. Robertson, respondia á legação com outros sob o pseudonymo de *Federalist*.

O conceito do barão do Penedo sobre as gentes do Prata era o commum entre os homens publicos do Imperio e acha-se reflectido n'este trecho da sua carta a Sinimbu' de 7 de Março de 1860:

Quando, a cada phase de nossos favores e caricias com aquelle Rio da Prata, observo novos desprezos, perfidias e insultos feitos a nós que a cada momento fazemos votos, pela prosperidade

l'aquella chamada familia argentina, isto é, desejamos que se unam todos para nos atacar, lembro-me sempre do que dizia Tibullo da donzella que figura n'uma das suas *Elegias*:

*Perfida nec merito nobis,
nec amica merenti,
Perfida, sed quanves?
perfida, cara tamen."*

*
* *
*

Da associação diplomatica de Penedo com negocios dependentes da Santa Sé se acha vestigio no copiador d'onde venho colhendo. Na carta a Sinimbu' de 7 de Março de 1860 encontra-se o trecho seguinte suggerido por uma "obrinha" que era sua intenção escrever: "Tinha por fim mostrar com documentos que a Santa Sé desde a nossa independencia fez por nós o que nunca fez nem faz pelas republicas hespanholas, fez-nos o que sempre fez ao Portugal de Dom João V, e que nós temos progressivamente desde 1826 para cá marchado em uma senda de indifferença e provocação em materia de religião. Tencionava dizer mesmo muita cousa que tenho a dizer e que não se sabe, e isso sem se me dar de arranhar as crenças ou antes as nenhuma crenças dos Philosophantes do Seculo 18, que hoje predominam mesmo no lugar onde nunca deveriam predominar como muito bem dizes." A allusão parece ahi clara ao que se conveio denominar "voltairianismo imperial."

Foi Penedo quem negociou e assignou em Londres o tratado que nos poz em relações politicas com a Turquia, mas parece sina nossa, pelo que então occorreu e pelo que não ha muito succedeu com Rio Branco, ferirmos as susceptibilidades ottomanas. Em carta de 9 de de Setembro de 1860 o nosso ministro assim se abria com Sinimbu':

"De officio te digo o que me cumpre em resposta ao que me ordenaste que fizesse aqui com o Embaixador turco a respeito do consul nomeado para Constantinopla. O que me ordenas não he fazivel em occasião como esta, quando o embaixador está resentidissimo com o governo e o que he mais commigo, que entrei n'isso como Pilatos no Credo. Se lhe fosse pedir que arranjasse por sua

influencia o exequatur para o tal consul, poderia dizer-me — *vous avez manqué l'adresse, Monsieur*. Eu não sou o governo otomano...”

Toda a irritação provinha de condecorações que não tinham sido dadas. Penedo comtudo entendia que “tudo foi mal desde o principio. Fez-se um tratado com a Turquia, e para se abrirem as relações, lembramo-nos de mandar um consul. Isto não tem feito governo algum... A Turquia tem os seus prejuizos tradicionaes, mas não é a nós que compete corrigil-os — nenhum governo jamais se incumbiu d'essa tarefa — as nações que querem ter com ella relações fazem o que as outras teem feito.” A Turquia até hoje não perdeu a altivez nem a dignidade.

Parnamirim, Fevereiro de 1917.

OLIVEIRA LIMA.



UMA AMIZADE TRADICIONAL

BRASIL — ESTADOS-UNIDOS

1822 - 1916

(CONFERENCIAS REALIZADAS NA
UNIVERSIDADE DE HARVARD)

“A amizade historica que existe entre o Brasil e os Estados-Unidos não é, nem foi jámais, mera formalidade. Baseou-se sempre no seguro fundamento da estima, da admiração e do respeito mutuos. E nossos sinceros desejos são que a força e os recursos dos nossos grandes paizes, possam sempre ser utilizados não sómente para o seu respeito e proveito reciprocos, mas tambem para os mais nobres fins da humanidade”.

Mensagem do Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil ao Congresso Nacional na abertura da primeira sessão da Sexta Legislatura, em 3 de Maio de 1906.

“Tenho a grande satisfação em vêr que cada vez mais se estreitam as relações de cordial amizade entre o Brasil e os Estados-Unidos da America. Concorrendo para isso, não tenho feito mais do que seguir a politica traçada desde 1822 pelos fundadores da nossa Independencia e invariavelmente observada por todos os Governos que o Brasil tem tido.”

William Mac Adoo, Secretario do Thesouro dos Estados-Unidos, de bordo do cruzador *Tennessee* ao deixar o Rio de Janeiro, ao Exmo. Sr. Lauro Muller, Ministro das Relações Exteriores do Brasil, 27 de Margo de 1916.

I

PRIMEIRAS RELAÇÕES
(1822)

Precederam a quaesquer outras as relações diplomaticas do Brasil com os Estados-Unidos da America.

E' sabido que, aossado pela invasão napoleonica, teve que retirar-se D. João VI de Portugal com destino ao Brasil (1808).



Sua permanencia no Rio de Janeiro foi a carta de alforria da colonia. Provado nos habitos do governo autonomo, não volveria o Reino á sujeição primitiva.

E a prova é que, tendo permanecido no Brasil como Regente, logo que regressou seu Pae para a Europa, publicou o Principe D. Pedro, futuro Imperador do novo Imperio, um *Manifesto aos Governos e Nações Amigas*, no qual escreveu: "Estarei prompto a receber os seus Ministros e Agentes diplomaticos e a enviar-lhes os meus..." (6 de Agosto de 1822).

A 12 de Agosto do mesmo anno 1822 foi assignado o decreto nomeando Encarregado de Negocios do Brasil nos Estados Unidos da America a Luiz Moutinho Lima Alves e Silva, official da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros. Era Ministro de Estrangeiros José Bonifacio de Andrada e Silva.

Foi a nossa primeira nomeação diplomatica. Dois decretos posteriores, do mesmo dia, designaram o Marechal de Campo, Felisberto Caldeira Brant Pontes, depois Visconde de Barbacena, e Manoel Rodrigues Gameiro Pessoa, mais tarde Visconde de Itabaiana, ministros do Brasil em Londres e Paris. Anterior a essas nomeações só houve a designação, a 24 de Maio de 1822, de M. A. Corrêa da Camara para consul em Buenos Aires.

Nossa representação na America do Norte creava-se assim antes de qualquer outra, e antecipou-se de quasi um mez á declaração da Independencia.

Esta realizou-se a 7 de Setembro de 1822. A proclamação do Imperio foi a 12 de Outubro seguinte.

Era sabido o cuidado que aos homens do norte inspirava a independencia brasileira. Em 1787, em França, Thomas Jefferson discorrera della com estudantes brasileiros, á frente dos quaes se achava José Joaquim da Maia.

A 15 de Janeiro de 1823 foi nomeado Consul do Imperio nos Estados Unidos da America, Antonio Gonçalves da Cruz.

O Encarregado de Negocios, Luiz Moutinho, não pôde, porém, assumir seu posto, visto achar-se retido em serviços extraordinarios na Secretaria dos Negocios Estrangeiros. Por decreto de 21 de Janeiro de 1824 foi nomeado para



substituiu-o José Sylvestre Rebello, de experiencia e luzes, e assim conceituado por Porto Alegre em nosso Instituto Historico: "Como enviado aos Estados Unidos, elle desempenhou a sua missão de fazer reconhecer a independencia de uma maneira rapida e satisfactoria; como homem de letras, possuia raros conhecimentos de historia e geographia; como membro do Instituto, era uma columna firme, trabalhador, zeloso e modesto; além destas especialidades tinha muitas idéas de archeologia, numismatica e esthetica..." (*Elogio dos socios do Instituto pelo orador Porto Alegre em 1844*).

Sylvestre Rebello chegou a 28 de Março de 1824 a Baltimore, e a 3 de Abril seguinte a Washington.

Presidia o paiz James Monroe. Suas declarações de anti-colonização e anti-conquista, feitas em mensagem de 2 de Dezembro de 1823, tinham causado sensação. Era Secretario de Estado John Quincy Adams.

Escreveu logo a Adams pedindo fosse marcado dia para apresentação de suas credenciaes. Começaram as conferencias entre ambos. Deixou o Encarregado de Negocios do Brasil nas mãos do Secretario de Estado uma memoria justificativa, sob este titulo: "*Succint and true exposition of the facts that lead the Prince, now Emperor, and Brazilian People, to declare Brazil a free and independent nation* . (20 de Abril de 1824).

Poucos dias depois, a 26 de Maio, era Sylvestre Rebello apresentado a James Monroe e acreditado no caracter de Encarregado de Negocios do Imperio do Brasil. Fricou a occurencia o *Daily National Intelligence*, de Washington n. 3.354, do dia immediato, 25. A 26 escrevia Sylvestre Rebello para o Rio de Janeiro e concluia: "Foi, pois, o Imperio do Brasil reconhecido por este Governo no dia 59.º depois que desembarquei em Baltimore... Dou a V. Exa. meus parabens."

Eduardo Prado na sua *Illusão Americana*, de que se falará adiante, consignou: "Por occasião da independencia do Brasil não recebemos prova alguma de boa vontade dos americanos, e só depois de outros paizes reconhecerem a emancipação do Brasil foi que os Estados Unidos reconheceram a nossa independencia".



Bem se está a apurar como a informação é menos verdadeira.

O auctor classico da nossa lei internacional deixou dito (Pereira Pinto, *Apontamentos para o direito internacional*, Rio de Janeiro, 1865, II, pag. 386): "Foi a União Americana a primeira potencia que reconheceu a independencia do Brasil. Emquanto a Grã-Bretanha, impellida de um lado a favor de nossa emancipação pelas suas exigencias commerciaes, pelo systema liberal de Governo e pelas suas tenazes aspirações a abolir o trafego de escravos, oscillava, de outro lado, nesse empenho pelas deferencias que era obrigada a guardar com a sua antiga e sempre fiel alliada, a nação portugueza; emquanto a Austria, ligada por vinculos bem estreitos ao fundador do Imperio, era ainda mais ligada aos compromissos da Santa Alliança que encarava com olhos vesgos a independencia dos paizes americanos; os Estados Unidos, consequentes com a esclarecida politica que haviam adoptado em referencia a todos os povos que, na America, separando-se da metropole, se tinham constituido regularmente, estende-nos mão fraternal e convida-nos a tomar assento no grande congresso das nações do Globo. Consagremos, pois, neste momento. um voto de gratidão ao povo dessa, a mais poderosa nação do Novo Mundo".

II

JAMES MONROE E SUA MENSAGEM

(1823)

Estabelecidas as relações diplomaticas, estreitaram-se para logo as espirituas, politicas e economicas.

A lição de um aproveitava ao outro. O que faltava ao norte, tinha o sul em abundancia; e vice-versa.

Fundava-se uma solida amizade internacional, que nada destruiria.

"S. M. o Imperador do Brasil, disse o Ministro de Estrangeiros Marquez de Aracaty, do Rio de Janeiro para Washington, a 6 de Abril de 1827, em sua alta politica,



muito bem calculada, conhece muito bem o que é o que vale essa Nação e quanto interessa a ambos os paizes que seus respectivos Governos estreitem com muita especialidade suas relações e se deem mutuamente as mãos.”

E' sabido como se edictou, e em que condições internacionais surgiu, a declaração de anti-colonização e anti-conquista: a ella deve este continente a soberania integral, em que vive. “Sem a attitude dessa grande e poderosa nação perante a Europa, escreveu um dia Rio Branco em documento reservado (18 de Novembro de 1905), os paizes francos da America hespanhola, dilacerados pelas guerras civis, empobrecidos por exploradores politicos e pretensos salvadores de patrias, estariam expostas aos ataques das potencias europeas e até á conquista.” (Archivo do Ministerio das Relações Exteriores do Brasil).

Cedo comprehendeu-o o Brasil, fazendo justiça ao nobre gesto do presidente americano. Mais do que isso: quando viu periclitár sua independencia apenas estreada, para aliolveu-se logo, em busca de um accôrdo defensivo.

E' sabido o caso, que um estadista brasileiro, amigo pessoal e admirador de vosso John Bassett Moore, o nosso Rio Branco, expoz em anonymo e hoje se estampa, depois de sua morte, na *Revista Americana*. (O Brasil, os Estados Unidos e o Monroismo, fasciculo de Maio e Junho de 1912).

Cincoenta e nove dias depois de promulgada a declaração de James Monroe, a 31 de Janeiro de 1824, era o Encarregado de Negocios do Brasil em Washington habilitado com instrucções do Governo Imperial no sentido de “sondar a disposição desse Governo para uma liga offensiva e defensiva com este Imperio, como parte do continente americano, comtanto que semelhante liga não tenha por base concessões algumas de parte a parte, mas que deduza tão sómente do principio geral da conveniencia mutua proveniente da mesma liga”.

O fito de assegurar a independencia approximava, dessa feita, os dois maiores paizes do novo continente. Abundando em considerações dessa natureza, escreveu o Ministro de Estrangeiros Carvalho e Mello, a 15 de Setembro de 1824, a Sylvestre Rebello:



“Certamente, as nações daquelle hemispherio (Europa) não deixarão de prever ou receiar a união ou alliança que poderemos fazer com o Governo dos Estados-Unidos, *formando assim uma politica totalmente americana*, que lhes dará cuidado pelos acontecimentos que daqui podem decrescer. A’ vista disso, S. M. Imperial deseja que V. Mercê promova junto desse Governo, o dar-se um caracter de Ministro Plenipotenciario, com poderes eventuaes, a Mr. Conty Raguet que já aqui se acha, ou mesmo a qualquer outra pessoa, medida esta que contribuirá a firmar o reconhecimento; encarregando, outro sim, S. M. Imperial a V. Mercê proponha uma alliança relativamente a conservar e fomentar a liberdade das potencias americanas; mas V. Mercê ficará na intelligencia de que esta sua proposta será por ora para ouvir as condições em que esses Estados quereriam tomar parte activa em semelhante alliança, dando logo em conta, o mais breve possivel e pelas vias adoptadas, do que a este respeito se lhe disser. Sobre isto refiro-me ás informações que se lhe deram tendo em lembrança a fala do Presidente dos Estados Unidos ali citada (2 de Dezembro de 1823) na qual claramente diz, o mesmo Presidente, que aquelles Estados não extranhariam que por parte das metropoles se fizessem tentativas para recobram as suas colonias; mas não permittiriam intervenções de outras potencias, principio este que tambem foi admitido pelo Governo Britannico...”

Podia acaso haver mais remontado espirito de pan-americanismo? E’ ao Brasil, entretanto, que se vae accusar mais tarde, na America hespanhola, de desertar a causa commum.

Dando execução ás suas instruccões, escreveu Sylvestre Rebello, a 28 de Janeiro de 1825, ao Secretario de Estado John Quincy Adams:

“O Governo do Brasil, convencido de que é effectiva a declaração feita pelo Governo dos Estados-Unidos na Mensagem de S. Exa., o sr. Presidente, na primeira sessão do 18.º Congresso, na qual foi dito que relativamente áquelles paizes na America que haviam declarado a sua independencia e a mantinham e cuja independencia este Governo tinha reconhecido, fundado em profundas razões e princi-

pios de justiça, este Governo não veria imparcialmente interposição alguma com o fim de opprimir ou diminuir, de qualquer modo que fosse, o destino dos mesmos por qualquer potencia européa, senão como uma declaração de sentimentos inimigos para com os Estados-Unidos; e supposto seja de esperar que as sobreditas Potencias européas, esclarecidas pelas verdadeiras idéas que todos os Governos devem ter sobre a justiça e principios em que o Brasil firmou a sua independencia, não se entremetam na questão que elle tem com Portugal, comtudo, como é dos homens errar e aquelles Governos são de homens, e, portanto, como é possivel que alguns dos mesmos Governos queiram auxiliar o exaustio Portugal para recolonizar o Brasil, pelo que tão inconsideradamente anhela; e devendo em tal caso o Governo dos Estados Unidos pôr em pratica os principios de politica annunciados na sobredita Mensagem, dando provas de generosidade e consequencia que o anima, o que não pôde fazer sem sacrificio de homens e capitaes; e não sendo conforme á razão, justiça e direito que o Governo do Brasil receba gratuitamente taes sacrificios, está este prompto a entrar com o Governo dos Estados Unidos em uma Convenção que tenha por objecto a conservação da independencia do Brasil, no supposto de que alguma potencia auxilie Portugal nos seus vãos e chimericos projectos de recolonização.”

Como o tempo se encarregou de provar, e o previram na sua condicional os pro-homens de nossa independencia, esta consolidou-se logo sem auxilio de especie nenhuma. Isso não diminuiu em merecimento a offerta do Brasil, recebida com toda boa vontade nos Estados Unidos. Não podia a fazer nenhuma liga a politica norte-americana, pois o defendiam seus principios cardeaes de procedimento exterior, consubstanciados no *Farwell Adress* de Washington. Alhear-se de compromissos externos, quaesquer que fossem, tinha sido a palavra de adeus; mas a sympathia era integral por nossa causa: “O Presidente dos Estados-Unidos, respondeu Henry Clay, já Secretario da Presidencia Adams, a 16 de Abril de 1825, adhere aos principios do seu antecessor exactamente como estão formulados na sua Mensagem, de 2 de Dezembro, do Congresso Americano.



Mas no tocante á vossa primeira proposta, como se não percebe presentemente nenhuma probabilidade de que Portugal consiga obter auxilio de outras potencias para recolocar o Brasil, parece não haver oportunidade alguma para uma convenção fundada nessa improvavel contingencia. Pelo contrario, o Presidente vê com prazer claros indicios de uma prompta paz entre Portugal e o Brasil sobre a base da independencia brasileira, que o Governo dos Estados Unidos foi o primeiro a reconhecer. Declinando, por isso, entrar no ajuste da proposta convenção, tenho, entretanto, a satisfação de dizer que podeis assegurar ao vosso Governo que a determinação do Presidente não procede de quebra alguma no interesse que os Estados-Unidos constantemente mostraram pelo estabelecimento da Independencia do Brasil, mas resulta sómente da ausencia das circumstancias que seriam necessarias para justificar a assignatura de uma semelhante convenção. Se, pela marcha dos acontecimentos, se poder notar que os aliados europeus renovam demonstrações de ataque á independencia dos Estados Americanos, o Presidente dará a essa nova situação de cousas, caso ocorra, toda a consideração que sua importancia reclamaria.”

Com razão se disse, portanto, “que foi o Brasil o primeiro paiz a reconhecer a Doutrina de Monroe”. Sua attitude invariavel no consideral-a depois, marcou-o como a unica nação americana que soube vel-a como devia ser vista, — um anteparo efficiente ás ambições da Europa. A identidade de vistas entre os Estados-Unidos e o Brasil parecia tanto mais relevante, quanto ninguem ignora que a mensagem de James Monroe era sobretudo democratica e o Brasil um Imperio ligado pelo sangue real á casa d’Austria. Esta circumstancia o poz suspeito por algum tempo em toda America, conforme já se demonstrou cabalmente (Ver Helio Lobo, *A’s Portas da Guerra*, capitulo *Sós na America*, Rio de Janeiro, 1916, pag. 31). Preciso será mostrar em compensação que a America teve tambem de prevenção a mensagem de 2 de Dezembro, e que foi ao Brasil, já republicano, que coube provar seu engano?

O caso, deste particular, é de hontem. Ideiou o Brasil por ocasião da reunião da IV Conferencia Internacional

Americana em Buenos-Aires, como homenagem á sua grande irmã do Norte, a apresentação de uma moção, que assim se redigiu:

“O largo periodo decorrido desde a declaração da doutrina de Monroe habilita-nos a reconhecer nella um factor permanente da paz externa do continente americano. Por isso, festejando os primeiros esforços para a sua independencia, a America Latina envia á grande irmã do Norte a expressão do seu reconhecimento por aquella nobre e desinteressada iniciativa, de tão grande beneficio para o mundo”.

“Haveria nada mais natural? perguntamos alhures. Qualquer que seja o juizo sobre a mensagem do quinto presidente, não se pode esconder o beneficio que prestou ao futuro do continente americano. A America, desassombrada do espectro europeu, forrou-se á cobiça das companhias e governos estrangeiros. Festejando o centenario de sua independencia seria demais uma palavra de commum reconhecimento?” (*A Assembléa de Buenos-Aires*, no meu livro *De Monroe a Rio Branco*, Rio de Janeiro, 1912, pag. 75).

A proposta devia ser apresentada no recinto, a juizo da chancellaria brasileira, com o apoio das delegações da Republica Argentina e do Chile. Faltando este accôrdo prévio, foi omittida na discussão. Prevenções mal explicadas estavam alertas. Na Europa teve éco o caso, e o *Temps*, de 29 de Agosto de 1910, não deixou de dizer: “Le berger Monroe s’est fait tour à tour loup puis *policiman*...” Entretanto, quem da America timbrou de defender o gesto brasileiro? O Brasil; e no Brasil, o seu jornalismo.

Assim escreveu o *Paiz*, do Rio de Janeiro, a 30 de Agosto de 1910: “O facto incontestavel é que, durante um largo periodo, em que muitos povos da America Latina viveram enfraquecidos e desacreditados por fequentes desordens, barbaras tyrantias e destruidoras guerras civis, as declarações de Monroe contiveram e impediram os projectos da Santa Alliança e os posteriores de alguns Governos europeus, inclinados a expansões coloniaes. A unica Republica americana que os conteve e podia conter foi a dos Esta-



dos-Unidos da America. Desconhecer isso é ignorar a historia da America. Ter vergonha de o manifestar, é talvez explicavel nos fracos, mas não nos povos latino-americanos, que hoje devem ter consciencia da sua força.”

III

CONTY RAGUET

O procedimento de um agente, menos comedido, pareceu porém burlar logo a atmospha de mutua amizade e harmonia então reinante.

Não seria singular o caso. Vae-se ver mais tarde como o temperamento de um homem irado pode comprometter serios e radicados interesses.

Chamou-se ao incidente de Caso Raguet. Conty Raguet era o representante americano no Rio de Janeiro, perante cuja côrte fôra dos mais amistosos seu discurso de apresentação de credenciaes (*Diario Fluminense*, Rio de Janeiro, 5 de Novembro de 1825). Excedeu-se, porém, de tal maneira em sua linguagem com o Gabinete Imperial, que foi immediatamente substituido por William Tudor.

A causa de debates estava na questão das presas feitas no Rio da Prata, por ocasião da guerra então recente entre o Brasil e as Províncias Unidas daquelle nome. Das tres guerras em que se empenhou o Brasil, essa podia reflectir ainda o sentimento colonial. Mas não a provocou o Imperio, ao contrario procurou solvel-a do melhor modo para a independencia do paiz por cuja causa irrompeu, isto é, a Republica Oriental do Uruguay.

E' sabido que, tendo as mais severas instrucções para poupar, em caso de bloqueio, a propriedade neutral, desmandou-se por tal modo no apresal-a o Almirante Pinto Guedes, Barão do Rio da Prata, que foi submettido a Conselho de Guerra e o Brasil obrigado a pagar consideraveis sommas a varios paizes então prejudicados. “Tal era o modo illegal com que se portava, em tão desgraçado bloqueio, aquelle Almirante, disse o Ministro de Estrangeiros do Brasil, em 1834, ás Camaras, que se considerava como dono

dos navios neutros que capturava, dispondo delles como sua propriedade, sem sentença dos tribunaes competentes”.

Muita indemnização devida e indevida teve então que pagar o Imperio.

Conty Raguet advogou a de alguns barcos americanos, em 1827. Sua linguagem foi inadequada. *Covarde*, no seu entender, era a esquadra brasileira em operações no Prata; e *povo civilizado* não podia dizer-se o da antiga colonia portugueza.

A' representação do Governo Imperial correspondeu immediatamente o de Washington, despachando para o logar de Raguet a um homem de maneiras polidas e distincto. Porque era o proprio Governo Imperial a sentir-se com o procedimento do seu Almirante.

As tradições de guerra marítima, em que se educava, primaram sempre pela liberalidade. Podia orgulhar-se o Brasil de as ter, e formosas. A prova foi que, pouco a pouco, tratou de liquidar esta questão de presas com todos os reclamantes, e da melhor e mais digna maneira. (Ver Helio Lobo, *Um trecho da guerra marítima e a lição do Brasil*, na “Atlantida”, Lisboa, 1916, e do mesmo auctor. *As tradições internacionaes do Brasil*, “Jornal do Commercio”, Rio de Janeiro, 28 de Maio de 1916).

A's reclamações americanas negou, entretanto, o Conselho de Estado fundamento razoavel, opinião que manteve a nota Imperial de 2 de Outubro de 1846. O desejo de liquidar essa pendencia era, apesar disso, tão sincero que conveio o Brasil em assignar, alguns annos mais tarde, a Convenção de 27 de Janeiro de 1849, cujo artigo 1.º é aqui de transcrever-se:

“Conhecendo as duas altas partes contractantes a difficuldade de se entenderem sobre assumpto daquellas reclamações, pela convicção em que ambas estão, uma da justiça outra da injustiça das mesmas reclamações, e convenidas que o unico meio justo e honroso para chegarem a um perfeito accôrdo os dois paizes em taes questões, será resolvel-as por via de uma transacção; concordaram mutuamente, depois de maduro exame sobre aquellas reclamações, e para o fim de poder levar-se a effeito aquella transacção, em que por parte do Brasil se ponha á disposição

do Presidente dos Estados-Unidos a quantia de quinhentos e trinta contos de réis, moeda corrente do Brasil, como quantitativo razoavel e equitativo que comprehenderá a generalidade das reclamações, qualquer que seja a sua natureza e importancia, e, como compensação plena pelas indemnidades reclamadas pelo Governo dos ditos Estados, as quaes serão satisfeitas em globo, sem referencia a nenhuma dessas reclamações, em cujo merito prescindem de entrar as altas partes contractantes, ficando ao Governo dos Estados Unidos avaliar a justiça que assista aos reclamantes, para distribuir por elles a supradita somma de quinhentos e trinta contos de réis, como julgue mais conveniente." (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1851, pag. 29).

IV

TRATADO DE 12 DE DEZEMBRO
(1828)

Ao demonstrar ao representante do Brasil, em 1826, que não havia mais razão para temer nenhuma reacção por parte da Europa, com o fito de recobrar Portugal sua colônia na America, falou Henry Clay a Sylvestre Rebello "da conveniencia de se unirem os dois paizes permanentemente pelos laços da amizade, da paz e do commercio".

Dessa iniciativa, e das negociações que se seguiram, surgiu o Tratado de Amizade, Navegação e Commercio de 12 de Dezembro de 1828, de que foram plenipotenciarios para o Brasil o Conselheiro Marquez de Aracaty, Ministro dos Negocios Estrangeiros, e Miguel de Souza Mello e Alvim, Ministro da Marinha; e para os Estados-Unidos, seu representante no Rio de Janeiro, William Tudor.

Tratados mais ou menos identicos tinha o Imperio assignado com a Grã-Bretanha e a França. Não se podia negar á grande Republica do Norte o que se concedera para além do Atlantico.

Não é aqui logar para dizer-se dessas Convenções nem dos effeitos que tiveram para o Brasil. Adoptando,

por um lado, principios dos mais liberaes, continham, por outro, certas regras que foram origem de graves dissidencias com a França e a Inglaterra. Uma dellas pretendeu conferir aos consules estrangeiros faculdades em desacôrdo com a soberania territorial; e a questão d'ahi decorrente prolongou-se annos a fio, assumindo por vezes bem antipathico aspecto. Outra, concedendo favores de entrada a certos productos estrangeiros, foi accusada de opprimir a producção nacional nascente, assáz primitiva e carecedora de animação. Ficou o Brasil escarmentado para accôrds de tal natureza, e esse receio inspirou depois uma politica de invariavel abstenção.

No seu relatorio ás Camaras em 1847, disse o Ministro dos Negocios Estrangeiros, Barão de Cayru': "Os maus effeitos dos tratados que o Brasil, alguns annos depois da sua independência politica, celebrou com varias potencias pelos embates que de continuo nelles encontravam os verdadeiros interesses do paiz, as questões e mesmo complicações que sobrevieram nas relações com varios Governos, o futuro embaraçoso que nos legaram certos compromissos que ainda hoje subsistem, estes e outros motivos trouxeram a crença de que os tratados não são os melhores meios de estreitar os vinculos que ligam as nações entre si; que o Imperio, tendo por via delles atravessado uma época de continuo constrangimento para seu desenvolvimento social, deve ser hoje cauteloso, nada conceder em absoluto que não seja a applicação de principios, que tenham merecido o assenso de todos os povos cultos, abandonar tudo mais ás phases que forem apresentando os acontecimentos, e as conveniencias sociaes, e assim regular sua marcha politica e commercial com as outras nações."

Dos tres tratados, assignados depois da Independencia foi o americano o mais conciliador. Não continha a taxa expressa dos quinze por cento que beneficiou, por exemplo, entre constantes reclamações do Brasil, aos productos francezes e inglezes. Não instituiu o juizo da conservatoria, que tão grandes queixas provocou á soberania territorial brasileira.

O tratado de 12 de Dezembro de 1828 devia vigorar e



de facto vigorou por doze annos, "em todas as partes, segundo preceituou, relativas ao commercio e navegação, ficando porém nas outras partes que se referiam á paz e amizade ligando permanentemente e perpetuamente a ambas as potencias." Aqui vae, mais ou menos, seu contexto.

Preceituado ficou, no artigo primeiro, "paz perfeita, firme e inviolavel, e sincera amizade" entre o Brasil e os Estados Unidos da America; no segundo, que nenhum favor seria concedido a nação alguma em materia de commercio e navegação, que se não tornasse immediatamente extensivo a outra parte contractante; no terceiro, que o commercio e a navegação dos dois paizes fossem postos no pé da mais perfeita reciprocidade e egualdade de tratamento, exceptuando o commercio de cabotagem, que seria reservado aos respectivos subditos e cidadãos; no quarto e quinto, que essa egualdade fosse observada tanto a respeito de direitos de navegação como de alfandega, tanto no commercio de exportação como no de importação, directo ou indirecto; no sexto, que em virtude dos mesmos principios houvesse toda a liberdade para os subditos e cidadãos dos dois paizes de dirigir seus próprios negocios, em todos os portos e logares sujeitos á jurisdicção de qualquer delles, como os próprios nacionaes; no setimo, que não ficassem sujeitos a nenhum embargo e não fossem detidos sob nenhum pretexto, navios e mercadorias dos subditos e cidadãos dos dois paizes; no oitavo, que se fossem obrigados a buscar refugio ou asylo em um dos dois paizes, fossem recebidos com humanidade e com todo favor e protecção; no nono e seguintes, preceituou o tratado sobre uma protecção efficaz aos subditos e cidadãos dos dois paizes; isenção para elles do serviço militar e de qualquer contribuição ordinaria que não fosse geral; restituição de navios, mercadorias e effeitos tomados por piratas na jurisdicção de cada um; processo a respeito de navios e objectos naufragados; liberdade de disposição de bens e heranças, conforme as respectivas leis; direitos, prerogativas e immuni- dades dos agentes diplomaticos e consulares; e, emfim, regras e preceitos a observar em caso de guerra entre os dois paizes contractantes ou com terceira potencia no que respeitasse á propriedade neutral.

Vae-se ver que a reciprocidade commercial, prevista no tratado, não podia existir em egualdade de condições. E' por isso, assim que pôde, della desvencilhou-se o Imperio.

Nos seus preceitos geraes foi o tratado cheio de garantias para o desenvolvimento commercial entre os Estados Unidos da America e o Brasil. Numa parte, sobretudo, conteve principios dos mais liberaes e formosos, — os que se referiam á protecção da propriedade neutral em caso de guerra.

V

A PROPRIEDADE NEUTRAL E A GARANTIA DO DIREITO

(1828)

Foi um Ministro do Brasil, o Conselheiro Benevenuto Augusto de Magalhães Taques, quem, em discussão memoravel, escreveu: “Bastantes são os incommodos que a guerra maritima traz inevitavelmente ao commercio dos neutros, e a idéa mais humanitaria e mais liberal foi sempre aquella que limitou quanto possivel os estorvos postos a esse commercio. E' gloriosa para os Estados Unidos da America a parte que nestas discussões tomaram e os esforços constantes que empregaram para fazer prevalecer o bom direito”.

Disse certo o Ministro de Estrangeiros do Imperio. Para não ir mais longe, ha mais consolador documento que as instrucções com que o Governo de Washington habilitou seus plenipotenciarios ao Congresso de Panamá, convocado para 1826? Foram do punho de Henry Clay, e isso diz tudo (Ver *British and Foreign State Papers*, 1825-1826, pag 496). “Monumento que por si só serve de dignificar uma chancellaria”, chamei-as eu num estudo sobre aquella assembléa fracassada (Ver *A Assembléa do Isthmo*, no livro citado *De Monroe a Rio Branco*, pag. 58).

A abolição do direito da captura, sobretudo, mereceu, da grande Republica, desde cedo, prolongado desvelo. E' um brasileiro ainda, o Embaixador do Brasil na Segunda Con-

ferencia Internacional da Paz, reunida na Haya em 1907, quem o lembrou. "A' ce point de vue, orou o Conselheiro Ruy Barbosa, a 28 de Junho daquelle anno, par rapport à la condamnation du droit de capture, soit qu'il s'exerce par la course, soit qu'il advienne un privilège des marines de guerre, rien de plus remarquable que l'exemple des Etats Unis, dont le langage dans la proposition soumise aux Conférences de la Paix en 1899 et 1907, ne fait que reproduire une thèse contemporaine du berceau de la grande république où elle a été defendue en 1783 dans ses négociations avec la Grande Bretagne, en 1785 dans le traité avec la Prusse, en 1823 dans le project de Convention avec la Russie, en 1854 dans la réponse de Buchanan a Lord Clarendon, à propos de la guerre de Crimée, et de 1856 à 1858 dans son refus d'accéder aux declarations du Congrès de Paris."

O Brasil, tambem, não se deixou ficar atraz nessa luta pela garantia aos direitos neutraes. Nas estipulações que assignou desde o inicio de sua vida independente poz bem expresso seu interesse. Não houve appello em bem dos neutros que nelle não tivesse éco. Um acto seu, dentre tantos outros, ficou memoravel, dadas as circumstancias em que se deu, porque se achava em guerra provocada, e no continente ia viva a campanha contra as suas instituições: o protesto contra o bombardeamento de Valparaiso pela esquadra hespanhola no Pacifico. "O Brasil e a maior parte dos Estados sul americanos, escreveu naquelle documento famoso o Ministro de Estrangeiros José Antonio Sarai-va, novos ainda, não dispõem de todos os recursos precisos para se fazerem respeitar; e, disseminados ao longo das costas extensas e indefezas, estão sujeitos aos abusos da força e necessitam por isso que sejam mantidas as maximas da civilização moderna, que constituem sua principal e mais efficaz protecção."

Já lembrada foi por mim, num estudo sobre as tradições internacionaes do Brasil, nossa pratica nestes assumptos. Falando dos Estados Unidos da America, não seria demais narrar o que occorreu por ocasião da adhesão, que se nos pedio, ás declarações do Congresso de Paris.

(Continúa).

HELIO LOBO.



O CORVO

(EDGARD POE)

A' memoria de Machado de Assis — o inexcédido e inexcédível traductor do genial poema de Edgar Poe, consagro esta pallida paraphrase, que em nada se approxima e jámais pretendeu approximar-se da immorredoura traducção feita pelo Mestre dos Mestres.

I

*Desta amarga existencia em certo, amargo dia,
A' hora da meia noite, augural e profana,
Eu, de velha doutrina, as paginas relia,
Curvo ao peso do somno e da fadiga insana.*

*Mal do meu pensamento a direcção seguia
Por essa hora de horror em que da treva emana,
Toda em funda hediondez, desoladora e fria,
A atra recordação, a atra saudade humana.*

*Foi assim que senti, do meu triste aposento,
Como um leve sussurro a passar, lento e lento,
E uma leve pancada a bater nos humbraes.*

*Disse commigo: *alguem vem, pela noite fóra,
Em retarda visita e retarda-se agora...*
A bater mansamente á porta, nada mais!...*

II

*O' se o recorde, e bem! numa hinvèrnia brava,
O rispido e glacial Dezembro decorria,
E da lareira ao chão, cada braza lançava
O supremo fulgôr da sua lenta agonia.*

*E eu, a esperar, em vão, a aurora que tardava,
Queria, em vão, achar nessa velha theoria
Contida no volume antigo que estudava,
Um consolo sequer á dôr que me pungia.*

*Em vão! consolo, em vão! á minha dôr profunda,
Em vão! repouso, em vão! á alma que se me inunda
Desta immortal saudade aos prantos immortaes.*

*Porque jámais se esquece alma consoladora
Como essa que nos céos é chamada Eleonora,
Nome que nunca mais ouvirei, nunca mais!*

III

*Ante o vago oscillar, indefinido e brando,
Das cortinas que o vento, ao leve, sacudia,
Ia-me o coração sinistramente entrando
O sombrio terror da noite erma e sombria.*

*Um tetrico pavôr que então desconhecia
E que me estrangulava o peito miserando,
A alma, sem compaixão, de duvidas me enchia
E pouco a pouco foi meu ser avassalando.*

*Emfim, para volver á ambicionada calma
E a coragem, de novo, amparar-se-me d'alma,
Repetia a mim mesmo estas palavras taes:*

*"Nada mais é, talvez, que retarda visita
Que vem da noite em fóra e entrada solícita!
E' visita que vem, por certo, e nada mais!..."*

IV

*A calma que até ahí do peito me fugia
Voltou de novo ao peito e á coragem primeira.
Não mais vacillações, não mais mente erradia.
Ao estranho rumôr fallo desta maneira:*

*“Como nesta occasião o somno me prendia
E a pancada foi tal, tão leve e tão ligeira,
Que presto não corri; perdoai-me esta ousadia,
Dama ou senhor que estaes da minha porta á hobreira.”*

*Tão receiosamente e vagorosamente
Batestes, que não fui receber-vos contente,
Como hospede que sois e á minha porta estaes.*

*E assim fallando e olhando, escancarei a porta,
Mas só encontrei naquella hora adiantada e morta,
Treva! Treva sómente! A treva e nada mais!*

V

*Cravo os olhos na treva e longamente a escruto,
E a treva é muda e é muda a propria ventania,
E longo tempo assim com o proprio medo lucto,
De duvida e terrôr povoando a phantazia.*

*Sonhos que outro mortal, como eu, nunca ousaria
Sonhar, me vêm, num bando esmagador e bruto.
Profunda calma aquieta a quieta calmaria.
Immovel é o silencio e só o silencio escuto!...*

*A unica voz humana, o unico som ouvido,
E' este nome, em surdina e, a medo, proferido;
E' este nome que encerra os meus mortos ideaes.*

*Sou eu quem o profere, eu que o trago na mentc.
E um éco a repercutir, repete-o vagamente:
— “Eleonora! Eleonora!” E' isto, e nada mais!*

VI

*Entrei de novo em ancia e ardendo a estranho fogo,
Senti que dentro em mim todo o meu ser ardia.
Ouvi distinctamente outra pancada, e logo,
De outra pancada o som mais claro percutia.*

*A essa nova impressão, volto-me e monologo:
Talvez cousa qualquer me bata á gelozia.
Certamente que sim, pois que ludibrio e jogo
Do pavor de mim mesmo, eu, certo, não seria!*

*Fujamos, pois, do medo ao tenebroso imperio.
Animo, coração! sondemos o mysterio,
Se bem que a noite esteja uivando aos vendavaes.*

*E continuando fui: Nada mais foi que o vento,
Não foi mais que o feroz, não foi mais que o violento
Sopro de furacão! Foi isso e nada mais!...*

VII

*Abro a janella e vejo entrar, ruídosamente,
Amplas azas batendo e ares de fidalguia,
Um magestoso corvo altivo e irreverente,
Como arauto feral da noite erma e bravia.*

*Sem fazer o menor signal de cortezia,
Sem um gesto sequer de hesitação prudente,
Como entraria um nobre, alta dama entraria,
Entrou e se alojou despreoccupadamente.*

*Vagaroso e solemne, ar indolente e farto,
Exactamente sobre a entrada de meu quarto,
Seguro abrigo achou acima dos portaes.*

*Esta recordação até agora me enerva:
Sobre um pallido busto antigo de Minerva,
Rigido e senhorial, postou-se, e nada mais!*

VIII

*A este passaro audaz, de ébano á côr das pennas,
Grave na compostura e na physionomia,
Que ao cerebro me dava idéas mais serenas,
Que me acalmava o peito, e a sorrir me induzia,*

*Voltando-me disse eu: "Tu que te não ensenas
De altas cristas ou poupa á negra frontaria,
Velho corvo feral que te mostras apenas,
Certo, não és o vil nuncio da covardia.*

*Corvo! antigo viajôr que das regiões da noite
Partiste a procurar um tecto que te acoite,
Dize-me tu quaes são teus titulos reaes!*

*Qual a patria ante a qual teu orgulho se ufana?
Quaes as tuas regiões na noite plutoneana?...
E o corvo senhorial respondeu: "Nunca mais!!..."*

IX

*Ao perceber assim que a ave me comprehendia
E que dava resposta a esta pergunta estranha,
Que eu, entre espanto e medo, a medo lhe fazia,
Senti, de pasmo, n'alma um peso de montanha.*

*Porque ainda quem tenha uma intuição tamanha,
Capaz de perceber o que outrem mal veria,
Certo, não achará neste deãalo um guia
Para o tirar do cháos em que a alma se emmaranha!*

*Ninguem verá como eu, a ave negra num busto,
Sem que a mova o receio e sem que a mova o susto,
Tranquilla espreguiçando as azas triumphaes,*

*Ouvir a minha voz a lhe indagar o nome
E ante a curiosidade atroz que me consome,
Dizer-me simplesmente a phrase: Nunca mais!...*

X

*A ave hedionda, entretanto, erma, a encimar o busto,
Sobre cuja brancura as azas distendia,
Como se essa palavra o sentido mais justo
Tivesse e contivesse a suprema harmonia;*

*Fosse do pensamento um envólucro augusto,
Cheio de precisão e cheio de energia,
Nada mais pronunciou, nem ao menos, a custo,
Uma pluma moveu da plumagem macia.*

*Eu, que continha mal toda a minha saudade,
Apenas murmurei: Amigos de outra idade
Tive, partiram; certo, assim também te vaes!*

*Assim também te irás, mal rompa em luz a aurora!
Esperanças que tive, assim fostes embora!
E o corvo repetiu a phrase: Nunca mais!...*

XI

*Todo o assombro em meu ser por temôr se annuncia,
Ouvindo a ave augural, sem o menor estorvo,
Tal resposta me dar, com tanta analogia,
Que inda agora, a lebral-a, éco por éco a sorvo.*

*Certo a phrase aprendeu na triste companhia
De algum mestre infeliz cujo destino torvo,
Da dôr o escravizou á fera tyrannia,
E a sabe assim de cór, o foragido corvo!*

*Tantas vezes a ouviu, tão repetidamente
O seu mestre infeliz lh'a fez vibrar na mente,
Que hoje a profere a rir, como a profere em ais!*

*De profundis! cruel de uma morta esperança,
Tão tristonhas canções deixaram na lembrança
Do corvo este estribilho, este só: Nunca mais!...*

XII

*Como apesar de tudo a calma conseguia
Fazer-me d'alma vir, do labio, um riso, á tona,
Chegando-me ao portal, do corvo hospedaria,
Sentei-me e recostei-me a uma antiga poltrona.*

*Frente á frente do corvo, a alma já me sorria
E todo entregue a mim, como quem se abandona,
Busco ansioso indagar que novas me traria
O funebre viajôr que inda hoje me emociona!*

*Procuro comprehender qual o escondido goso
Desse vil e sinistro arauto tenebroso
Que em dois termos resume os seus vis cabedaes,*

*Que os seus vis cabedaes de sciencia e de linguagem
Resume, ao exhibir-me a tetrica plumagem,
Crocitando e grasnando a phrase: Nunca mais!...*

XIII

*Deixo-me após ficar como quem se extasia
Entre allucinação e funda conjectura,
Ante a luz da razão e a nevoa da utopia,
Sem nada a me apoiar a mente mal segura.*

*Nada mais pronunciei, nem um som se me ouvia
E como a um ferro em braza, a uma horrivel tortura,
Da ave ao olhar hostil e á perfida ironia
N'alma entrou-me o terror que as almas transfigura.*

*Mas a um torpor de quem vagamente resona,
Recosto-me ao espaldar dessa velha poltrona,
Que eu para alli trouxera em ancias infernaes,*

*E vejo a luz brilhar sobre o roxo velludo
Em que por tanta vez d'Elle o semblante mudo
Brilhou, mas nunca mais brilhará! Nunca mais!*



XIV

*Sinto assim a envolver-me uma nuvem de incenso,
Solta de um incensorio occulto que pendia
Das invisiveis mãos de anjos que em côro extenso
Revoavam roçagando a ampla tapeçaria.*

*Haurindo o ar aromado e, de balsamo, denso,
De mim para mim mesmo exclamo em gritaria:
Infeliz! Infeliz! Um Deus piedoso e immenso,
Pelos anjos te manda o repouso e a alegria!*

*Do nepenthes é o sumo! Eil-o, bebe-o! Eil-o, esquece!
Elle é a seára do bem, do esquecimento a messe!
Nelle ouvirás a voz dos gosos celestiaes!*

*E' o nepenthes idéal que Deus te manda agora!
Bebe-o! Bebe-o olvidando a tua morte, Eleonora!
E o corvo crocitou de novo: — Nunca mais!*

XV

*Passaro ou Satanaz, ave de prophecia,
Sejas ave ou Satan, sempre has de ser propheta.
Venhas do teu inferno ou da brava hibernia
Que naufrago te fez, acalma esta alma iniquita.*

*Já que a noite exigiu, no vôo que te guia,
Que cahisses aqui, onde a angustia secreta,
Onde o secreto horror tem tecto ou moradia,
De pouco que disseste o sentido completa!*

*Diz-me, por quem és, se neste mundo triste,
Existe algum repouso, algum consolo existe
Para estes meus crucis soffrimentos mortaes!*

*Existe esse mendaz balsamo da Judéa
Que, da saudade, a dôr nos arranca da idéa?
E o corvo, inda outra vez, repetiu: Nunca mais!*

XVI

*Propheta ou Satanaz, negro ser da desgraça,
Propheta sempre atroz de negra prophecia,
Peló azul deste céu que sobre nós se espaça,
Pelo Deus, todo luz, que em ambos nós radia,*

*Dize a esta alma sem luz e de duvidas baça,
Baça de incertidão e de melancholia:
Ser-lhe-ha dado abraçar o anjo que entre anjos passa,
E de cujo esplendor hoje o céu se atavia?*

*Ser-lhe-ha dado abraçar a virgem pura e santa,
Virgem casta e piedosa e que os anjos encanta
Com seus gestos de encanto e encantos virginaes?*

*Ser-lhe-ha dado abraçar, oh! dize-o sem demora,
A rútila, a radiosa, a radiante Eleonora?
E o corvo, inda outra vez, repetiu: Nunca mais!*

XVII

*“Que esta palavra, emfim! de negra prophecia
Do teu regresso o início ambicionado seja.
Regressa ao reino teu, á noite que te envia,
A’ noite plutoneana, essa que em ti negreja!*

*Volve! Cala essa voz que me fére e angustia!
Reentra no temporal, volve á tua peleja
De lá fóra, e não fique uma só pluma esguia
Neste chão, de tua vil plumagem malfazeja!*

*Não quero que de ti uma reminiscencia
Fique nesta de dôr, sagrada residencia,
Sobre a qual distendeste as azas funeraes!*

*Vae-te! Deixa da deusa a face casta e branca!
Arranca-me do seio as garras vis, arranca!”
E o corvo crocitou de novo: Nunca mais!*

XVIII

*E o corvo permanece em perpetua estadia,
Sinistro a repousar, do marmore, á brancura.
Quem o contempla assim pela verdade jura
Que algum sonho feroz no aspecto se annuncia.*

*E' um demonio a sonhar sonhos que o inferno cria
E que lhe enrijam mais a riça catadura,
Tal o fulgôr do olhar que os olhos lhe allumia
E com que a propria sombra elle sondar procura.*

*Essa sombra que a luz da lampada suspensa
Faz reflectir no chão, qual atra nuvem densa,
No mesmo chão negreja em linhas sepulchraes:*

*E desse ambito negro, esse ambito de sombra,
Minha alma que da dôr da saudade se assombra,
Nunca mais sahirá! Nunca mais! Nunca mais!*

EMILIO DE MENEZES.



LIVROS...

AFFONSO ARINOS — Lendas e Tradições brasileiras — Conferencias realizadas na Sociedade de Cultura Artistica, S. Paulo.

Não é possível, para quem tenha conhecido Affonso Arinos, escrever sobre qualquer dos seus livros sem evocar-lhe a figura. Ela era aliaz uma dessas figuras radiantes de vida, um belo exemplar de homem, que poderia figurar entre os tipos apolíneos, no genero de Joaquim Nabuco e poucos outros.

Era um gigante meigo. Pela sua alta estatura, dominava sempre as multidões no meio das quais estivesse. Juntava a isso ser airozo e simples. De uma grande elegancia natural de gestos, sabendo trajar com a mais apurada correção, simples e sobrio, ele atraía naturalmente a atenção. Atraía, encantando. Tinha uma voz cheia, grave, um pouco velada. Si fazia gosto vê-lo, não menor era o agrado em ouvi-lo.

Affonso Arinos tinha a paixão do patriotismo. Tendo vivido muito tempo nos sertões do Brazil, que conhecia palmo a palmo, guardava dessa epoca uma inesquecivel recordação. De mais, preocupava-se muito com as couzas do seu paiz.

Habitando ultimamente na Europa, ele parecia ter requintado essa preocupação.

Affonso Arinos sofreu muito a influencia do peregrino e anarquico espirito de Eduardo Prado. Foi o proprio Arinos que o confessou, revelando aliaz que em Eduardo



Prado se inspirára Eça de Queiroz, ao traçar o tipo do Jacinto, da *Cidade e as Serras*.

Nem Eduardo Prado, nem Arinos, acabaram, porém, como o Jacinto. Este foi ao começo ávido das ultimas descobertas da civilização, só podendo viver no centro de uma grande capital européa, com os requintes do luxo e do conforto. Acabou, entretanto, preferindo a simplicidade da vida aldeã. Arinos e Prado inverteram essa ordem. Começaram na simplicidade dos campos, no interior dos nossos sertões e terminaram no luxo, no conforto, no bem-estar de Paris.

E diante disso fica-se côm o dezejo de saber bem do que era feito o patriotismo dos dois... Era realmente "patriotismo" ou apenas uma atitude artistica?

Eça de Queiroz, Afranio Peixoto e varios outros já têm feito aluzões a esse extranho estado de espirito de alguns estetas, que acham muito bonita a conservação das velhas ruas tortuozas de antigas cidades mal calçadas, mal alinhadas, mal iluminadas, — finos artistas que têm ironias mordazes para todos os requintes do progresso e, no emtanto, só se ajeitam bem, só sabem viver nos fócios mais intensos da civilização moderna.

Arinos era assim. O sertão do Brazil lhe parecia uma maravilha. Ninguem contasse com o seu apoio á menor transformação do aspeto das nossas velhas igrejas, de tudo quanto fosse tradicional em nossa terra. Mas pessoalmente, podendo viver aqui ou em Pariz, preferia Pariz... E' aliaz uma preferencia facil de compreender.

O que parece é que as pessôas nessas condições não se analizam bem a si mesmas. Isso as impede de sentir a contradição entre as suas vidas e suas opiniões. Para qualquer paiz mais valem os que nele vivem, labutam, e se esforçam para fazê-lo progredir, embora declarando-o sempre a mais insuportavel das nações do mundo, do que os patriotas ferventes que a declaram uma nação admiravel, não permitem que se lhe irrogue a menor acuzação, mas vivem longe, sem contribuir para o seu adiantamento.

Affonso Arinos era um temperamento fundamentalmente, integralmente artistico, desses para quem tudo o que ha no mundo se divide apenas em couzas belas e cou-

zas destituídas de beleza. O Verdadeiro e o Falso são categorias que não os interessam. Si podessem, deixariam o povo mergulhado na ignorancia, só para que este conservasse tais e quais tradições antigas, que se lhes afiguram muito bonitas.

O livro de Arinos sobre *Lendas e tradições do Brazil* é uma prova desse estado de espirito.

O autor dessa obra nunca figurou entre os cinzeladores meticulosos da forma. Si deixou numerosos trabalhos, que são bellissimos, foi porque tinha realmente o temperamento de um grande escritor. Via com os olhos de artista. Via bem. Dele se pode dizer como Théophile Gautier que era um homem para quem o mundo existia. Porque não faltam aqueles que passam por entre as cenas mais belas sem quazi lhes prestar atenção. Arinos sabia descrever com uma intensidade prodijioza de colorido. O que a sua pena evoca, apparece nitidamente diante dos nossos olhos. Mas tudo isso é nele um dom natural; não é o meticuloso trabalho de polimento e cinzelatura artistica. Ele sempre foi um improvisador.

As *Lendas e Tradições do Brazil* não desmentem esse modo de vêr. Valem menos como um livro definitivo do que como a indicação de uma obra que deve ser tentada. Já depois da publicação desse volume Olavo Bilac fez uma conferencia sobre o mesmo assunto. Mas a tarefa está ainda pedindo novos trabalhadores.

Quando alguém se decide a colecionar lendas, tradições, poezias populares, o que se chama o *folk-lore*, precisa vêr bem que programa quer executar.

A reunião, por assim dizer, grosseira de todo o material que fôr encontrando é apenas a primeira parte do trabalho. Não é a melhor. O colecionador tem só a dificuldade de ir de lugar em lugar colher nas boas fontes, bem fielmente, o que se pode apurar.

Mas o essencial está em fazer a seleção dessa colheita, buscando-lhe as origens e explicando-lhe a formação e a evolução.

Pensem, por exemplo, nas coleções de quadras populares. Em regra, os colecionadores procuram sobretudo as



que lhes parecem mais bonitas, as que exprimem pensamentos elevados, embora sob uma forma sinjela.

Ora, não é isso o que se deve buscar no *folk-lore*. Si um homem do povo, ignorante, exprimiu um pensamento muito elevado, muito acima da mentalidade dos que o cercam, ele deixou de ser *representativo*. É uma exceção individualmente curiosa e interessante; mas que não traduz o espirito do povo de que faz parte.

O estudo do *folk-lore* deve servir para a descoberta da psicologia coletiva. O interessante, em uma coleção de quadras populares não é a estrofe rara, que revela um grande poeta, a quem falta apenas cultivo, no homem simples do povo que a compoz. O essencial é a quadra que se parece com muitas outras e que, por isso mesmo, na sua banalidade, revela um sentimento generalizado.

Não ha meio mais eficaz de chegar ao conhecimento da psicologia nacional de qualquer povo do que o balanço ao seu *folk-lore*.

Classificando o material do nosso, varios pesquisadores, á frente dos quais o mais laborioso foi talvez Sylvio Romero, procuraram indagar o que provinha da orijem portugueza, africana e aborijene.

Affonso Arinos alude a isso e mostra como é, ás vezes, difficil remontar até a primeira aparição de uma lenda em qualquer povo, seguindo-lhe as transformações. Mas aí exatamente é que está o grande mérito da tarefa. Mérito científico e mérito patriótico. Quando alguém toma uma lenda, oriunda da nação que povoou um territorio, e vai acompanhando as suas metamorphoses atravez do tempo, o estudo das causas dessas transformações permite conhecer em que direção está evoluindo o povo, quais os sentimentos que tinha e não tem mais e em compensação quais os que não tinha e tem agora.

O livro de Affonso Arinos é uma boa coleção de lendas e tradições brasileiras. Boa — não porque seja muito abundante; mas porque a escolha foi muito feliz. Não ha, porém, nenhum estudo sobre essas lendas e tradições.

É certo que, ao principio, Arinos indica as classificações possiveis pela orijem ou pelo assunto. Mas não se demora nisso.

Cita, ao começar, algumas lendas de origem portuguesas, como, entre outras, a *Náu Catarineta*. É a história de uma nau que, estando em viagem fez vinte anos e um dia, acabára por esgotar todos os mantimentos. Os marujos pensaram primeiro em satisfazer-se com pedaços de sola; mas como isso fosse impossível, decidiram tirar á sorte quem teria de ser assassinado e comido. A sorte designou o comandante. Felizmente, porém, um marinheiro avistou terra e pôde assim salvar a vida do seu "capitão-general". Este, como recompensa, lhe deu a própria *Náu Catarineta*.

Arinos assevera que esta lenda é ainda cantada, dançada e até representada pelo povo, em varios pontos do Brazil.

O que, porém, ele não nos diz é si a letra que reproduz se conservou, tal qual. E isso seria da mais alta inverosimilhança.

Faz vinte annos e um dia
 Que andamos n'ondas do mar,
 Botando solas de molho,
 O' tolinha!
 Para de noute jantar.
 A sola era tão dura
 Que a não pudemos rilhar.
 Deitam sortes á aventura,
 O' tolinha!
 A ver quem se ha de matar!
 Os dados rolam todos
 Sobre as ondas do mar
 Logo foi cahir a sorte
 O' tolinha!
 No capitão general!
Capitão: — Sobe, sobe, meu gageiro
 Meu gageirinho real,
 Vê se vês terras de Hespanha,
 O' tolinha!
 Areias de Portugal...
Gageiro: — Não vejo terras de Hespanha,
 Areias de Portugal...
 Vejo sete espadas nuas
 O' tolinha!
 Todas para te matar!...

Basta lêr esses versos para notar que a linguagem é genuinamente portugueza. Portugueza de Portugal. Ninguém pode crêr que, tratando-se de uma composição que já



tem alguns séculos, transplantada para um paiz distante, nela não se hajam feito diversas alterações.

Sylvio Romero dá uma variante ouvida em Serjipe e outra no Rio Grande do Sul. Todas duas já são mais abrazeiradas, sendo que a ultima tem um final bem diferente da lenda orijinal: o gageiro, que avista terra e que se chama Chiquito, cai ao mar:

— Alviçaras, meu capitão,
Alviçaras vos quero dar:
já vejo terras de Hespanha,
arelas de Portugal;
tambem vejo trez meninas
debeixo de um laranjal.
— Todas trez vos dera a ti:
uma para vos lavar,
outra para vos engomar,
a mais bonita de todas
para comtigo cazar.

Palavras não eram ditas,
Chiquito caiu no mar.

O texto rio-grandense é mais humano que o primitivo portuguez. Lá se diz que o resultado da sorte, recaindo no capitão, penalizou os marinheiros:

A maruja era tão bôa
que o não queria matar.

De qualquer modo, porém essa historia é das que não têm nenhum fundo brasileiro. Pode ter durado pelo que ha nela de dramatico, mas não corresponde a nenhum sentimento nacional.

Evidentemente essa e outras lendas são do tempo das grandes navegações, do tempo em que o mar era um misterio tenebrozo, do tempo em que os navegantes não sabendo bem orientar-se — o calculo das lonjitudes foi durante inumeros séculos um problema, que parecia insolúvel — era frequente que os navios se perdessem, errassem á tôa pelos mares. A *Náu Catarineta* é parenta do Navio Fantasma.

Tudo isso não tem, portanto, raizes no Brazil. Fundo e forma — nenhuma das lendas analogas a essa é nossa.

D'aí talvez o fato de não se terem alterado muito. Mas o curioso é notar em que direção se fizeram as raras alterações que ainda aparecem.

Por um lado, é a compaixão, a que os marujos da lenda orijinal pareciam inacessíveis. Por outro, é a repugnância á ideia de ter como premio voltar para as aventuras no mar.

O gageiro da historia primitiva era bem um portuguez do tempo dos descobrimentos. Como premio, pedia a *Náu Catarineta* para partir de novo, ir de novo enfrentar os perigos do mar. O sentimento do sertanejo brasileiro teria isso mais como um castigo do que como um premio. Ha muito na nossa poezia popular a nota de tristeza fatalista. O transformador anonimo da lenda preferiu esse sentimento, optando por um desfecho brusco:

Palavras não eram ditas,
Chiquito caiu no mar.

E' possivel que haja um pouco de fantazia nesta interpretação. Seja como fôr, o essencial, sempre que se tome uma lenda antiga, de orijem conhecida, é buscar e interpretar as suas alterações.

As lendas mais antigas do volume são as das Amazonas e da Yara ou Mãe da Agua. São lendas que vêm de uma antiguidade varias vezes milenar! Ou, si não procedem diretamente das que achamos em outros povos; si, como as deles naceram espontaneamente e independentemente em varios lugares, provam pelo menos que obedecem a uma necessidade psicologica identica em varias raças e varios tempos.

Foi Orellana que declarou ter visto as nossas Amazonas — tribu guerreira, que bania do seu meio os homens.

Arinos manifesta uma clara tendencia para achar que o fato deve ter sido real. Não se pode pensar nisso sem lembrar as varias tribus de Amazonas mais ou menos lendarias de que ha vestijio nas tradições de diversos povos.

As mais antigas são as Amazonas africanas, cuja rainha Myrina subjugou os Atlantides, os Numidas e os Etíopes. Foi necessaria a intervenção de Hercules para exterminá-las.



Por ordem de antiguidade, vêm depois as Amazonas da Azia, que foram vencidas no cerco de Troya, quando Achilles matou Penthesiléa.

E, como parece que cada parte do mundo deve ter as suas Amazonas, as americanas, que Orellana diz ter visto, vieram preencher uma lacuna.

Ter-se-á realmente constituido alguma tribu exclusivamente feminina entre os nossos indios? E' difficil saber a verdade.

Das Amazonas aziaticas a tradição conta a orijem e essa orijem é aceitavel. Os povos vizinhos dos territorios habitados pela raça sarmata atacaram-n'a e exterminaram-lhe todos os homens. Vendo-se sós, as mulheres juraram vingança e constituíram-se em uma sociedade exclusivamente femin'na. Assim, o fato não foi uma aberração inexplicavel: proveio de uma fatalidade historica.

Qualquer que seja, no emtanto, a veridicidade de todas essas tradições, o que se vê, quando se estabelece a comparação entre elas e a nossa, é que nós pomos logo na nossa uma nota de carinho, de amor, de sensualidade.

De fato, o que havia de mais interessante na vida das Amazonas brazileiras era o cazamento anual que elas efetuavam. Arinos narra esse costume.

Em certa epoca, os homens de uma tribu vizinha vinham vêr as Amazonas. Em uma embarcação traziam as rêdes de todos. Ao chegarem, as Amazonas precipitavam-se, cada uma tirava uma das rêdes e ia arma-la. Cada indio ia então vêr onde estava a sua rêde e a Amazona que a tivesse armado era a sua espoza de um dia, designada pela sorte.

Só um dia. No immediato, todos partiam de novo.

Nas tradições das Amazonas aziaticas ha alguns episodios amorozos. São raros e excepcionais. Em regra, os guerreiros que as combatiam é que se apaixonavam por elas. Quando Achilles viu Penthesiléa morta não consentiu que Thersito zombasse dela: matou-o, irritado. Uma fantazia de poeta foi que levou Catulle Mendés a dizer, falando da rainha das Amazonas:

Elle ne savait pas qu'avant la fin du jour,
mourante, elle mordrait la sanglante poussière,

en jetant au vainqueur, beau comme une guerrière,
un regard moins chargé de haine que d'amour!

O que predomina nas narrações sobre as Amazonas dos outros continentes são os feitos de bravura e ferocidade, de odio e de vingança. As nossas não deixaram uma historia muito longa. Não se sabe como se constituíram; não legaram a lembrança de proezas muito ferozes; mas sabe-se qual o seu rito essencial do amor...

Não seria talvez impossivel, fazendo essa mesma analize para todas as lendas européas importadas para o nosso paiz e nele transformadas, mostrar sempre o adoçamento dos traços de ferocidade, a substituição dos sentimentos violentos por outros mais brandos, mais meigos.

E quem sabe si essa não é uma regra geral, mesmo em outros dominios?

Já se notou que, vindo dos climas mais frios para os mais quentes, mesmo dentro de qualquer paiz, as linguas se abrandam, a pronuncia se torna mais lenta. Os sentimentos seguirão talvez a mesma marcha.

Seria curiozo fazer esse exame sobre a evolução psicologica das lendas e tradições que importamos. Curiozo e patriotico, porque isso forneceria um dos recursos para se penetrar a psicologia do nosso povo.

Arinos não teve essa ambição. Ele quiz em meia duzia de conferencias dar apenas uma amostra da variedade do nosso *folk-lore*. O essencial para o seu fim era despertar a curiozidade sobre um assunto pouco explorado. Ainda assim, ele se referiu a muitas lendas interessantíssimas: as Amazonas e o seu Rio, as Yaras, o S. Francisco e suas lendas, a Serra das Esmeraldas, as Minas de Prata, o Caboclo d'Agua e varias outras.

Deixou um livro leve e encantador. Alguem o devia tomar como baze afim de fazer o estudo para que ele fornece apenas uma parte do material.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.



A FALLENCIA DA DOCTRINA NA GUERRA NAVAL

Impugnemos este titulo. Na serie dos acontecimentos que constituem a conflagração européa não ha, nem fallencia de doutrina, nem guerra naval. A doutrina não falliu, e, não falliu, pela mesma razão de que não ha, em verdade, guerra naval. O que ha é uma tremendissima e unica guerra regulada por principios que são em terra como no mar, os sós com que indifferentemente os exercitos se guiam e os navios manobram. Uns e outros triumpham hoje, como triumpharam sempre. Com todas as suas inusitadas applicações industriaes, o seu opulentissimo avitualhamento bélico e a sua formidavel potenciação de catastrophes os exercitos de terra e de mar estão a produzir, nesta guerra, máo grado alguns episodios despicientes, os mesmos phenomenos normaes em que se retribaram os de que ella é, por assim dizer, a recapitulação pormenorizada e a progressão geometrica crescente dos agentes primeiros destruidores.

O avanço e o retrocesso teutonico, o recúo e o revide fulminante do Marne, a retracção estrategica de Hindenburgo, em Tannenberg, onde entre cujos atoleiros a ala direita moscovita malbaratou-se destrozada, a exacção do "bloqueio" de ambas as costas da Allemanha, a classica e por todos os motivos academica batalha do Coronel, a refrega rapida mas brilhante de Heligoland, e o lance audaz de Beatty, o mais estrategico dos marinheiros, não são actos de mera inspiração individual. Recapitulam-se, a qualquer momento, no menos exercitado dos taboleiros de jogo de guerra. Reproduzem-



se, pela analyse das suas situações iniciaes, n'aquelles mesmos resultados definitivos do terreno. Preveem-se.

Por mais paradoxal que fosse esta guerra, os principios com que ella se tramou, desencadeou e venceu se não postergariam assim tão precipite. Preparada á luz dos ensinamentos colhidos a phenomenologia de todas as guerras anteriores, organisada como para actos convergentes de uma vida em que tōdas as energias nacionaes se convertem em francos aparelhos de arremetidura bēlica, exigindo para se manter até os proprios elementos biologicos da nação, e, acarretando do mesmo passo que para as actividades industriaes, a luta geral e porfiada entre as politicas, a ordem das transformações que ella poderia soffrer não seria de vulto a abrir entre suas phases a larga solução de continuidade donde se pudesse dizer, que esquecidas as melhores lições dos nossos mestres militares, ou abrogados por inefficazes os methodos em que com elles firmamos a guerra, perdeu-se em um dia-o que se ganhou em vinte seculos.

A guerra, como todos os movimentos bio-sociaes collectivos, está submettida a processos que não só se tramam, si não ainda se manifestam com finalidade irresistivel.

Não está nos poderes do homem o resolver de prompto, sob influxo de inspirações exclusivamente estheticas, o que só se resolve, por correlação, sequentemente. Os câmpos de batalha são meios naturaes, regidos pelas mesmas leis com que se elabora na paz a propria evolução. Scientifica nas suas origens, philosophica na sua phase intermediaria, esthetica ao deante, a acção guerreira, avesando-se ás contingencias do *processus* mental commum a toda especie de conhecimento, surge-nos como resultante de tres fórmias irreductiveis, tres estados creados, os dois primeiros, pelos valores da sciencia e da philosophia, o terceiro e ultimo pelos do da arte. Não ha acção guerreira que não tenha a sciencia da sua concepção, a philosophia dos seus methodos, a arte dos seus conductores.

A concepção da batalha, a coordenação e a previsão dos seus casos já por filiação ou analogia, já por deducção ou inducção, constituem a parte scientifica e philosophica da acção. A provisão das suas necessidades nos dominios da extensão é a arte. A primeira parte, promana unica, e exclu-

sivamente da reflexão. E' obra do conhecimento. A segunda vem d'atravez os estados d'alma, pela sensibilidade, do sentimento. E' uma obra "emocional". Uma não é nada sem a outra. Ambas é que realisam o combate. Mas, por invariavel nos seus processos, a primeira, que se origina da meditação inductiva e deductiva, conserva a todo instante o cunho inconsutil da sciencia. Não se polarisa. Não se transmuda. Não se individualisa. De qualquer fórmula que a tomemos é sempre aquella lei inexoravel de que se não foge impunemente, é sempre a regra incoercível, é a sciencia inconvertivel, Ao contrario da segunda, toda expressão de nós mesmos, das nossas necessidades moraes ou affectivas que provemos segundo a nossa sensibilidade, de mil formas, volitivamente, independe dado o seu character amoral, das razões do sentimento. Um problema de geometria não se ha de modelar ha de se resolver de accôrdo com as leis embora artificiaes que todas são ellas da propria mathematica. Tal como uma columna que se projecta á luz das leis geometricas, com todos os requintes algorithmicos, não se ha de levantar e palpar para os espaços sinão a golpes de escopro. As naves das nossas cathedraes assentam n'uma geometria velha de vinte seculos. Construindo-se hoje como se não construiam ha cem annos, não foi a sciencia que variou. Foi a arte. Os principios scientificos ficaram onde estavam. Os meios da arte, isto é, os com que ella se satisfaz foi que se transformaram. Do mesmo modo que conservando-se immunes os principios, são os meios de que nos provemos para os cumprir, o que se modifica na guerra. Com outra indumentaria venceu Napoleão como Alexandre. De outras naves combateu Suffren como Nelson. A outros engenhos oppoz-se Annibal como Cesar. Os principios de um foram os principios de outros e todos venceram com os mesmos principios. Mas de um para outro só a arte variou. Variaram-lhes os sentimentos estheticos, as faculdades artisticas, os pendores pela arte. A sciencia é que não mudou.

No desenlace das batalhas, a execução dos planos comporta por vezes casos tão profundamente concretos, que, ultrapassando as raias do conhecimento, só teem solução pela arte. Neste ponto a guerra pôde romper com todos os seus principios e moldurar-se como uma tela. Está ao sabor do

sentimento. E' o instante das revelações inopinadas, dos retoques esculpturaes, dos lances e das grandes temeridades. O nosso Barroso, entre os fogos convergentes das baterias de terra, plantadas a tiro de bésta da sua garbosa "Amazonas" e os canhões da esquadra paraguaya, comprehende que é necessario fazer alguma cousa mais, e, transformando pela primeira vez no mundo um navio de vapor em ariete, põe em fuga as naves do chefe Mesa. Imita-o, mais tarde, em Lissa, o almirante austriaco Tegetoff. Kuroki, entre alternativas de derrota e victoria, contra todos os preceitos, lança mão das suas reservas e alastra pelo mundo o triumpho de Mukden. Os primeiros quadrados de Napoleão, as bordadas vélicas de Nelson, as cargas de Cesar, nas situações em que se perfilhavam, eram como deslumbramentos de arte. E' que os héroes antigos davantagem artistas, sentiam mais do que meditavam a guerra. Os de hoje reflectem mais. Porque senhores de outras predicções. Mas reflectir, sentir e agir são, afinal, uma mesma cousa. A batalha da Jutlandia é reflexão, sentimento e acção ao mesmo tempo. Reflexão porque cumprida á risca dos ensinamentos guerreiros. Sentimento porque, com unidades mais frageis, Beatty combateu — ante o inesperado — o grosso da esquadra alemã, sem perecer. Acção porque resulte de tudo isso. Elle lhe foi o *coup de pouce*, aquelle celebre *coup de pouce* com que Brulof tomando de um lapis palpitou o desenho inanimado...

A' luz destas deducções os acontecimentos mais ao parecer desgarrados do fio evolutivo são a todo ponto justificaveis.

Primeiramente, não são casos de excepção, impostos por necessidades que se não provinham com os meios de que nos armamos para realisar esta guerra, na successão de cujos factos tivessesmos de appellar *a priori* para outros principios.

Depois, os factos culminantes em derredor dos quaes ella determinou-se tomando essa translação embora lenta mas definida e fatal para a victoria que —des em que as primeiras náos inglezas começaram o primado do Mar do Norte e as hostes franco-inglezas venceram no Marne — ficou assentada, são em tudo iguaes aos das guerras anteriores.

No assegurar a liberdade da extensão, batendo ou "bloqueando" o inimigo, "bloqueando-o" ou batendo-o no mar,



sitiando-o ou batendo-o em terra, substantiva-se o problema estrategico da guerra.

Buscando o inimigo para o combater e "bloqueando-lhe" a esquadra a breve trecho do abrir-se das primeiras hostilidades diplomaticas, a esquadra ingleza incidia na mesmice historica de todas as guerras da civilização. Fazia o que sempre se fez. Garantia a segurança das communicações cisatlanticas das bases de operações do exercito franco-inglez ao mesmo passo que exercendo sobre as bandeiras o direito de visita, impedia para logo o reabastecimento do inimigo. Assentava as bases para o prolongamento indefinido da guerra, cujas necessidades estancaria com a só vehiculação humana e material das colonias, que em incessante communicação com as metropoles, recomporiam as perdas na medida das suas transcorrencias. Resumia, a demais, as operações navaes pelo alliviar as de transporte de força daquela complexa formação, com que se premunem através os mares, as marinhas semi derrotadas, sem *sea powder*.

E' como se vê a applicação juxtalinear dos principios mais comesinhos de estrategia.

Mas entre as anomalias que se apontam para pedir a fallencia d'aquelles, e—é de ver-se-lhes a ingenua censura—tres importam no mostrar que contrariamente as nossas previsões: o transporte de forças devendo-se fazer á cauda de uma esquadra, faz-se á ilharga de uma meia duzia de "destroyers"; o ataque torpedico preconisavel só para a noite, entrou pelo dia a dentro; a linha de fila perdeu a sua capitania.

Ora, o dominio do mar no primeiro caso, a tecnologia das armas nos dois ultimos nol-os explicam de sobejo.

A primeira observação é um corolario do principio fundamental do dominio do mar. O acompanhamento dos transportes por "destroyers" com ser de boa estrategia, consulta, além d'isso, as maiores impertinencias do bom senso. Dominio do mar significa liberdade de locomoção. Sem elle não ha na guerra transportamentos maritimos de forças. Elle é que os realisa e assegura finalmente.

Com o dominio do mar, estava a "Entente" apta para transportar livremente as suas forças, e, se não fôra o ataque submarino, de as transportar ainda mesmo que sem a as-

sistencia de "destroyers". Mas a superveniencia do ataque torpedico submarino impondo certas e determinadas restricções ao principio do dominio do mar, como o aéreo lhe imporia, por sua vez, outras do mesmo vulto, levou a que se premunissem os "comboios" de contra aquelles ataques, por meio de "destroyers". O seu emprego é, por consequencia, logico e racional.

Não colhe ainda a segunda objecção. O ataque torpedico não podia ficar onde começou. Começou á noite. Mas augmentou tanto no seu alcance, tornou-se tão alongeado, distendeu-se tanto com a mão de obra industrial que acabou por ser empregado de dia. O torpedo é o rival mais proximo do canhão. A tendencia balística actual contem-se inteiramente no torpedo e no canhão. Procura-se atirar torpedos tal como se atira com canhões. Não admira, pois, que em plena batalha da Jutlandia os "destroyers" operassem a vezes com os "dreadnoughts" e fulgurassem...

A terceira objecção é um equivoco. A linha de fila constitue, theoreticamente, a linha fundamental de combate. Mas é intuitivo que ha outras considerações além da simples referente á disposição da artilharia que restringem o uso d'ella. Baste considerar-se entre outras as attinentes á extensão da formação tactica e as que decorrem das imperiosas necessidades tacticás de momento. A batalha da Jutlandia transcorreu por isso mesmo, entre linhas de fila e de columnas. Foi linha de columnas, quando houve de encurtar-se a formação. Linha de fila foi, quando se fez mister de aproveitar as vantagens balísticas da propria distribuição da artilharia de cada navio.

A linha de combate continua de ser a de fila, a mais simples, a mais perfeita, a mais prolifica de todas. Não ha navio que se não trace sem a sua indagação inicial. A artilharia dispõe-se para o combate em linha de fila. E' o criterio universal. Até neste ponto, a doutrina ou mais rigorosamente o methodo, não falhou.

O que falhou nesta guerra, não foi decerto a predicção com que a anteviam os nossos magos militares. Falhou o ponto de vista moral. A primeira e maior vantagem estrategica dos imperios centraes encontra-se n'esse desquitar-se peccaminoso das leis mais comesinhas de humanidade...



A sua primeira superioridade proveio de um crime horrendo: a invasão da Belgica. O seu ultimo alento é ainda outro crime innominavel: a pirataria naval. Esses brilhos instantaneos, esses fulgores incomparaveis, essas marchas que desarticulavam as previsões mais rigorosas, essas campanhas apavorantes que mal apontavam logo se alastravam, pelos territorios inimigos, victoriosas e terriveis na sua immensa crueza, tudo isso é mais obra de crimes que de guerra.

O mais não se inventou. Está no proprio determinismo da guerra.

CARLOS DE LEMOS.



EDUCAÇÃO HYGIENICA

A ergasthenia escolar (*surmenage*) e suas causas. — Mobiliario inadequado. — A rotina na educação physica e o regimen do encyclopedismo. — Os martyres da Instrução. — A escola e o hospicio. — Abrir escolas seria fechar prisões? — A estatistica escolar da criminalidade da infancia. — O prof. Letulle na Academia de Medicina. — Renascença physica. — O cerebro e o musculo. — O "athleta por dentro" e o "athleta por fóra".

A ergasthenia escolar, ou, melhor dito, o esgotamento emocional (*nervous exhaustion*), que se objectiva na atrophía das fauldades intellectivas, na nimia accessibilidade á fadiga mensuravel pelos processos de Griesbaeh e Vannod, e emfim no pauperismo museular, de que nos podem dar testemunho as observações experiencias pelo ergographo de Mosso, constitue o primeiro acto deste drama ethnico, educativo, cujo enredo, desenrolado a principio na vida escolar, quando não acabe tragicamente á porta das prisões ou na galeria dos hospieios, perpetúa-se á surdina com o abastardamento da raça e a invalidação para o trabalho.

O problema não é de hoje; as queixas, longe de serem novas, remontam "aos ultimos tempos da Grecia, onde já se engrossava um conjuneto certo de conhecimentos que deviam assimilar os filhos das altas classes" para se agravarem em 1830 na Allemanha, onde, como na França, depois de uma synalepha de alguns annos, voltaram á baila insistentemente nos annos que se seguiram á guerra franco-prussiana.

Se o mal, como se vê, não é endêmico ou, por outra, privativo de nosso paiz, o perigo é incontestavel que se caracteriza pelos mais graves symptomas sobretudo entre nós, onde temos, a aggravarem-nos as consequencias, não somente a temperatura de nossas zonas calidas, em que “como numa pyra, toda a energia se consome e se volatiza”, e prolongada durante todo o anno sem os estimulantes do inverno, como tambem a fraqueza, que nos vem de nossas mães, o exgottamento atavico que se vae perpetuando em caracteres ethnicos quasi definitivos na media da população brasileira.

E se nesta encantada infancia dos hellenos e dos pelasgos, como em França, a ergasthenia não encontrou obstaculos ás suas devastações na efflorescencia primaveril e na robustez physica da media da classe collegial, que fizeram Dumas Filho perguntar: “Como é que sendo as creanças tão intelligentes e robustas, os homens são tão tolos”? respondendo: “Deve ser por culpa da educação” — que podemos esperar de um paiz onde nos adytos dos gymnasios já se aeotovela ao revez uma infancia seoliotica, de thoraces preearios e herdeira destas organizações debéis, que lhes põem na pupila dos olhos esta luz morticia de uma adynamia caracteristica?

Não é preciso, clamava um velho professor da Universidade de Berlim, fallar sobre o abaixamento da força nervosa média da infancia de hoje, sobre a acção da vida actual e seus effeitos exhaustivos e irritantes, nem sobre a rapidez sempre crescente com que se fatiga... O que não convem esquecer é que “o desejo e o prazer de trabalho, que eram evidentemente maiores nas gerações anteriores, tem constantemente diminuido.”

O mal ahi está: Quaes porém as causas da ergasthenia escolar?

* * *

Sendo variadas e importantissimas as causas deste phenomeno de pathologia nervosa, é mister focalizar-as em seu conjuncto para depois esmiuçal-as, definindo-lhes o gráu de responsabilidade na consummação deste attentado pedagogico, deste “peccado physico”, segundo dizia H. Spencer, fallando pittorescamente de uma moral do corpo — dessa hygiene que, se antes era um rito religioso, passou a ser hoje uma instituição social, como o Bem, que



se era "antigamente o fructo de uma simples emoção, é hoje uma necessidade reflectida".

Este problema já não é absolutamente uma esphinge posta nos arraiaes educativos e cujo enigma precisasse da decifração de um Edipo... Na Academia de Medicina de Paris, Lagneau ha muito tempo estabeleceu, segundo diversos documentos estatisticos, que a cifra dos escolares dos dois sexos attingidos de cephalalgia, epistaxis frequentes, eserofulas e seoliões augmentava na proporção mesma da duração dos estudos.

As suas consequencias que nos proporeionarão capitulos separados, já as maiores mentalidades medicas de França nol-as descreveram no seu duplo aspecto physio-psychico, ou chamando-lhes "insignificancia de espirito" (Fonssagrives) "exgottamento das aptidões intellectnaes" (Dally), ou englobando-as nas expressões de aniquilamento da vontade e energia moral" (Lagneau) de "Exeitabilidade exaggerada" (Beumetz), ou finalmente, de "embotamento da intelligencia" (Beckel).

O phenomeno tem sido, pois, ataeado á saciedade, nas suas consequencias e nas suas causas. Estas não são tantas, porém, que não possam facilmente accomodar-se nas quatro grandes categorias: a) dos programmas plethoricos e systema do encyclopedismo; b) de falta de hygiene na construcção do predio e escolha de mobiliario escolar inadequado; c) da rotina e empirismo da educação physica, e emfim d) do regimen sedentario e immobilisação demorada nos bancos das escolas — causas que agora apenas aenaremos de passagem para lhe voltarmos, em artigos successiveis, a um estudo mais acurado.

A quem de facto attente na etiopathogenia do exgottamento nervoso das escolas, depara-se logo como causa das mais serias o systema intensivo da instrucção propedeutica que nos lembra a phrase celebre, com que um dos academicos com tanto espirito quanta justeza estereotypou a situação: "Não se deve sacrificar a humanidade" ás humanidades" (tomado o vocabulo "humanidades" no sentido actual de "estudos das disciplinas necessarias á matricula nas academias", chamando-se primitivamente na resnacença "humanistas" os que, irem ás Universidades, a estes estudos se entregavam, em contraposição aos "scolasticos" homens de escola).

A escola, na expressão de Greard, para ser racional, deveria



ajustar-se ás aptidões da media das intelligencias e não martyrizar a infancia por um regimen plethorico, que sobre contraproducente, provocando o enojo pelos estudos que se lhe afiguram inacessiveis á comprehensão, determina quando menos a decaendencia physica naquelles mais ativos que tentem amalgamar no espirito conhecimentos de que nunea talvez precisariam...

Ao emprego do mobiliario escolar improprio imputa Victor Brudenne, em grande parte, a degeneresencia organica, produzida pela formidavel pressão dos orgãos internos do thorax e dos intestinos, compromettendo gravemente o acto respiratorio que se integra no seu duplo phenomeno de introdução do ar nos pulmões e consequente oxydção nos tecidos (causa fundamental das combustões vitaes) e da expulsão de venenos, como o acido carbonico, que devem ser eliminados de organismo.

E o que diriamos da rotina dessa educação physica brutal, a cujos exercicios violentos, administrados sem criterio e ao sabor de um exhibicionismo perigoso no gravissimo periodo pubertario, incidente com o periodo escolar, se deve entre nós este grande arsenal pathologico das luxações, fracturas, osteomielites, incurvação das pernas e desvios da columna vertebral, tão faccis naquelle periodo (até a idade adulta) em que sendo o esqueleto em grande parte cartilaginosa, "é por isso sujeito a profundas alterações no plano normal do desenvolvimento, se ocorrerem movimentos forçados improprios"?

E dizer-se (para citarmos a escriptora sueca Ellen Key) que tudo isto se consuma impunemente em pleno "Seculo da Creança!" Ao regimen sedentario cabe, por ultimo, uma pareella no depauperamento physico dos collegiaes, imputavel á auto-intoxicação chronica do organismo nos proprios banços da escola, resultante "das más installações escolares, em ambientes de pouco arcajamento, e dessa immobilisação aturada que tão gravemente compromette as condições de existencia do menino, imperiosamente impostas pela natureza".

Dahi, toda esta serie de males que a traços severos pinta o professor Toulouse, medico director do asylo de Villejuif, mostrando o coefficiente importante de loucura aguda, com que a escola contribue para o engrossamento da população amental das casas de saude, de cujas portas não póde muitas vezes arrancar a legenda "Lasciate ogni speranza ó voi che entrate"...

*
* *
*

Dahi o descredito da celebre phrase de Vietor Hugo "abrir escolas é fechar prisões", desconceituada pelo relatorio official do professor Letulle da Academia de Medicina ao Ministerio da Instrueção Publica, accusando a escola de ser responsavel pela recrudescencia anormal da eriminalidade precoce da infancia, "baseando-se sobre comparações de estatistea entre 1850 e 1907; 1850 em que a frequencia escolar era minima, 6.879 crimes de rapazes de 15 a 20 annos; 1907 em que a frequencia era maxima, 36.806 erimes de rapazes de 15 a 20 annos!

E assim "abrir escolas seria fechar prisões"? ou quando alcançariamos esta infibratura que fizesse o homem eneanecer numa infancia infinita, e que Euelydes da Cunha exigia (Contrastes e Confrontos) para os naturalistas, e a sciencia agora reclama para todos os homens de vida intellectual? Quando seriamos emfim "esta sorte de titans pensadores (de que fala) "em que os museulos eresçam com o cerebro, por maneira que a innervação vibratil e poderosa se juxtaponha a uma compleição inteiriça e risistente feita para as rudes batidas do deserto" ou aparelhadas para as diuturnas luebrações do cerebro e embates repetidos da lueta pela vida?

E depois apregoar-se que "abrir escolas é fechar prisões"? Os hospieios multiplicam-se; a lotação das prisões e hospitaes se completa...

Não será tambem por culpa de nosso regimen de educaçãõ?... O que é certo é que muitas destas ereanças passam deante de nós cantando o "moriturae te salutant: As que vão morrer te saudam!"

*
* *
*

Bem que este problema complexo da educaçãõ-physisca, tal qual é estudado sob seus multiplos aspectos, seja essencialmente, no seu molde tecnico, uma assisteneia moderna á infancia ou um instituto de providencia, e, nas suas bases uma sciencia biologica exaeta, podemos, comtudo, proeurar-lhe o germen, a ideia primeira desta "nova forma de educaçãõ", no movimento de propaganda



accentuado no primeiro quartel do sec. XIX na Dinamarca, Suecia e Allemanha principalmente.

Não passaria de um truismo reafirmar-se que o sec. XIX foi o seculo da renascença physica, mas o que porventura teria escapado a muitos seria a partilha que, pequena embora, ao Brasil e a Portugal competiu, por varios de seus illustres filhos, nesta reacção em prol da educação physica, que, apesar de já tão brilhantemente preconizada pelos Montaigne, Mercuriales, Locke, Rousseau e Frôbel, apenas agora, desenvencilhando-se dos rudes preconceitos que a deturpavam, começa a fechar as portas das escolas ás indigestas e discrecionarias evoluções da aerobacia...

O valor destes autores, "in subjecta materia", é por certo relativo: estriba-se essencialmente na affoiteza com que enfrentaram o assumpto, despertando na pedagogia estas questões relegadas então á desuetude, e reagindo contra o animismo esteril — "este dogma de ferro que asphyxiava a carne, filha da terra, comprometendo gravemente o espirito."

Não nos quer parecer, pois, que evocar uma vez por outra os vultos da renascença seja a mesma cousa que perfilhar-lhes as theorias, que desenrolavam ou o methodo que, de accordo ás vezes com o empirismo da epoca, defendiam.

* * *

De facto, o objecto da educação physica, a qual se adstringe hoje o duplo intuito de manter na sua integridade a aparelhagem funcional dos órgãos do corpo, como de fortifical-os, obtendo-lhes todo o desenvolvimento que comportam, era antigamente pouco definido e impreciso, constituindo um territorio fronteiriço com a aerobacia e a instrucção militar, e exposto ás reiteradas irrupções destas ultimas, como um territorio que lhes pertencesse de direito.

Fraccionando-se, no conceito moderno, em "preventiva e positiva", abraça no primeiro departamento a hygiene geral, e sobretudo escolar, isto é, alimentação, o vestuario dos alumnos, a distribuição das horas de estudo e recreio, as condições hygienicas do predio e as installações de mobiliario escolar adequado, para tratar na segunda parte da applicação posologica e methodisada do exercicio propriamente gymnastico, dos jogos infantis e de todo esse opulento arsenal esportivo da educação ingleza.

Ao espirito pelo corpo, ao cerebro pelo musculo — é o lema suggestivo da educação physica moderna, pela qual estes jogos infantis, exercicios gymnasticos e esportes devem ser de tal modo urdidos e seleccionados de accordo com as condições physicas e psychicas do individuo, que, enrijando o corpo, agindo beneficilmente sobre as funções e solidificando a saude, representem o papel preponderante que lhes está reservado na formação e aprimoramento do caracter, segundo a doutrina do syncretismo e as leis da unidade biologica do ser humano.

Bafejada pelas novas doutrinas da psycho-physiologia, a educação physica falsearia hoje o seu grande destino se, zelando pelo "animal" não tendesse, como fim ultimo, na phrase de Pascal, á vida superior do "anjo" de maneira a poder, avigorando o physico e constituindo o "athleta por dentro" garantir o moral de enervamentos, debilidades e nervosismos, e provocar a actividade funcional do systema nervoso, cuja disciplinação e aperfeiçoamento nos estreitem as relações com o mundo exterior, aumentando a receptividade da massa encephalica, pelas reciprocas influencias entre o phenomeno psychico e motor, entre a motilidade e a intelligencia.

O cerebro que fosse sempre cerebro como a luz sempre é luz; mas restringindo-se a grossura e opacidade das placas dum vidro além do qual se tivesse collocado um foco de luz, não se facilitaria cada vez mais a passagem dos raios desta luz pelo vidro interposto?

Ou, por outra, que valeria o cerebro para o mundo, ou que importaria para o cerebro o mundo, distanciados pela opacidade, por assim dizer, do systema da vida relacional, que é o systema mais susceptivel de educação, "por se construir funcionando" no aphorismo de Dantec (applicavel a toda mechanica animal) e que serviria ao cerebro de poderoso instrumento para as suas lucubrações, se disciplinado nos jogos sociaes e systematicos por uma educação physica adequada?

A intelligencia (não ha negarmos) é a alavanca, cujo ponto de apoio é o musculo. Esta phrase já não é uma figura de rhetorica: encerra no fundo uma verdade scientifica.

* * *

Outro fosse aqui nosso intuito, e desenvolveriamos a these de psychologia experimental, em que plasmamos este nosso, quasi

diríamos, apophtegma, que no fundo não é mais do que o principio orientado da educação physica moderna, que se apoia sobre as intimas relações entre o physico e o moral e que, exigindo tomadas em consideração a idade, o sexo dos alumnos e os multiplos e variados aspectos que os differenciam, nos manda cuidar do corpo, mas em vista do cerebro, velar sobre elle, e enfim tratar do physico, mas para facilitar a aquisição do nosso ideal — a vida do cerebro, a vida "hyper-organica".)

E' que quanto "mais forte é o corpo mais obedece, e quanto mais fraco mais commanda", conforme o chrystalisára a observação arguta de Rousseau.

A educação physica, segundo este prisma, é pois, como se vê, um vasto problema moderno, cuja complexidade merece estudada no espaço, no tempo e na ethnologia: nem se comprehenderia pedagogicamente a educação physica senão com a readaptação do systema ás condições climatericas do meio e ás circumstancias historicas e ethnicas da raça, "cujos typos anomaes se proponha corrigir, pela regeneração, reintegrando-os á forma primitiva senão nos individuos ou nas gerações actuaes, ao menos na descendencia".

A esta novissima concepção da educação physica, chegamos, porém, não só devido ás novas doutrinas da psychologia experimental, da anthropologia pedagogica e da medicina, como tambem, mereê do movimento reaccionario nos fins do seculo XVIII e sobretudo principios do XIX, pelas obras então publicadas na Allemanha por Gutschmuths, Jahn, Rotestein, Basedow e Spiesse, na Scandinavia por Ling e Nactigall, na França por Amoron e Roger Collard, e por Pestalozzi na Suissa.

Entre os pioneiros das novas ideias, foram estes os nomes que mais se destacaram e cujos estudos, constituindo a literatura melhor de pedagogia hygienica do seculo passado, não deixaram de impressionar seriamente os circulos professoraes do mundo europeu, onde tiveram bôa aceitação, dealbando no horizonte educativo os esquisços da renascença hellenica, e lançando as primeiras bases d'esta educação physica, que viria a transformar-se depois n'uma sciencia biologica exacta.

FERNANDO DE AZEVEDO.



VIDA OCIOSA

I

Atravesso um longo trecho do povoado, que ainda dorme na penumbra. A orla do horizonte empallidece. Cantos roucos de gallos erguem-se de todos os quintaes. Arvoredos somnolentos debruçam-se sobre velhas cercas, sombrios e relentados, com um fulgor de diamante negro em cada folha. A aragem corta e ligeira névoa adensa-se nas extremidades da rua. E sorvendo até o imo dos pulmões o ar humido e frio, sinto meu sangue reagir alvoroçadamente, dando-me uma doce impressão de bem estar.

A estrada. Um resto da melancolia da noite ainda se exprime no cricrilar transnoitado dos ultimos grillos; em compensação, o hesitante rangido com que as primeiras cigarras ensaiam a musica do dia, o crescendo de pios e regorgios na grande matta do outro lado do rio, annunciam o dia que alvorece.

Essa hora exerce sobre mim effeitos contradictorios. A's vezes acabrunha-me, intumesce-me o coração de velhas recordações imprecisas; ha em minha alma o renascer de sensações antigas, e que de longinquas jaziam em lethargo, como mortas. Para despertal-as basta um quasi nada: um reflexo alvacento num alagadiço, um vôo ondulante de passaro, o sussurro da viração nas folhagens... De que me lembro então? A que scenas deslembradas de minha vida se prendem essas fugitivas sensações? Sabe-o apenas o subconsciente. Nesses instantes a alma tumultua-me; dentro de mim *alguem* debruça-se á janella do passado, e alonga olhos nostalgicos para o que quer que seja que não distingo. Sim!

Diviso ás vezes uns como toques ephemeros de paisagem entre nevoas: minha mãe que com o lenço me acena, certa madrugada de despedida; um perfil de companheiro de infancia, uma fita de fumaça immota no ar parado, desnovellando-se sem pressa, e que o comboio ao longe continua a estirrar pela varzea, até o cabo de certa interminavel recta, minha conhecida da infancia.

Saudades, emfim, de pessoas e cousas velhas, ou de pessoas apenas, que as cousas dos antigos tempos como que se personificam e vivem, fitando-nos, como almas chorosas, do fundo de nosso passado.

Outras vezes causa-me um recrescer de vitalidade. Sinto-me germinar. Como um canteiro prolifero, minh'alma desabrocha em aspirações, e sinto-me forte para realisa-las. Parece que todos os triumphos dependem da minha simples vontade. Um "quero" equivale a um "fiat". Se estou enfermo, esqueço a lazeira physica, todo impessoalizado na consciencia da força. Não! meu coração não desequilibra seu rythmo, nem os pulmões arfam penosamente; não sou carne, não tenho besta! sou uma idéa que *quer*, uma energia que *póde*.

O caminho segue a cavalleiro do rio, que deriva á minha direita, encoberto pela vegetação. A's vezes corre tão perto, que, arremessando-se uma pedra em sua direita, se ouve o grulhar das aguas deglutindo-a. Flue mysterioso e silente, apenas espaço a espaço trahindo sua presença o marulho da correnteza arrufando-se em coivaras, ou um breve reflexo prateado numa entreaberta das ramarias. E a estrada, sanguejante, com vincos de carros de bois e o molde de cascos de animaes, prolonga-se á minha frente, orlada de laçarias bambas de cipós florescidos. Em certo ponto, numa surpresa de colorido, surge uma sempre-lustrosa revestida de flôres rôxas, alto a baixo, tantas flôres que se não lhe vê outra côr; e no chão, onde roja as dobras da rica tunica, esgarça-se num rastro de petalás violaceas. Nas vertentes o caminho abahula-se em facões. Não raro, ladeando a estrada, cruces negras abrem os braços carcomidos; peciolos resequidos coroam o tope de uma ou outra, indicando que a creatura que alli tombou inda não está totalmente esquecida; e achegadas aos seus pés, pia offerenda dos viandantes, morouços de pedras soltas.

Que alegre tintinabular me canta agora nos ouvidosi Que lyrico madrigal, cadente e argentino, vem carrilhonando estrada em fóra? Ah, é uma tropa. A' frente trota a madrinha, com um collar de campainhas por peitoral. Vem lepida, contente, estimulada pela doce musica que suas passadas ferem, orgulhosa talvez dos laços de baeta vermelha que a adornam, como rustica divindade de um culto primitivo. Até ao alto do pau do arrocho, enristado sobre as cargas como um conto de bandeira, ondula a flammula ridente de duas tiras escarlates. Embala-me assim a alma com as suas ves toadas da minha infancia, canta-me essa velha cantiga serrana, simples e sem letra, ó doce apparição das estradas mineiras, poetica fantasia de tropeiros roidos de saudades, que se á noite descantam nos arpejos da viola as suas melancolias de eternos desterrados, de dia sentem que o jornada é mais suave embalado pelo teu carrilhão sonoro e jovial, doce encantamento para os ouvidos, e refrigerio para a nostalgia.

E repicando festiva, com o surdo acompanhamento do patear da tropa, a agreste harmonia perde-se a distancia.

Agora a vetusta pôrteira, de largos tabões horizontaes. O coice é um tronco, mal falquejado, tendo ao topo uma abertura esculpida em cruz. Ao abrir, ella emite um rangido prolongado e sonoro; e volta silenciosa para fechar-se em baque poderoso sobre o moirão-batente, que retumba pelos grotões como um tiro de peça.

Não sei porquê, é grande a força emotiva destes dois sons combinados; quando os ultimos écos se calam, inda noss'alma está a vibrar, ferida profundamente em suas mais intimas cordas; e á bocca vem-nos aquelle mesmo resaibo de vaga saudade, uma melancolia de recordações longinquas; talvez porque suggerem, com a influição do meio, com a paz agreste da natureza, a lembrança de velhos fazendões semi-abandonados, onde as horas passam arrastadamente, apenas escandido o seu espesso silencio pelo baque das portei-ras lá fóra, e pelo fanho bater de horas do velho relógio, alto como um armario, empertigado a um canto do immenso salão de jantar.

Como toda a porteira de antigas estradas, esta é um monumento em que collaboram a mão do homem e a da nature-



za. E' característica e pittoresca. Para cima e para baixo, vallos divisorios colmados de um "betume" de raizadas, gramineas, trapoerabas de florinhas azues. A restinga de matta que orla em geral toda a beira de vallo, alli arqueia as ramagens em tunnel, sobre a estrada. Unhas-de-vacca de folhas fendidas, angicos rendilhados, bicos-de-pato de bastas e miudas folhas, crescem ao lado dos moirões, estremisturando ao alto as verdes galhadas obliquas, em tacito concerto para resguardar naquelle trecho uma pouca de sombra fresca e preciossima.

Quando as soalheiras escaldantes zimbram as abundantes invernadas que margeiam o caminho, estorricando os capinzaes, subtilizando em ondadas de pó a terra vermelha das estradas, procurando haurir, indessedentaveis, até á ultima gotta de seiva da vegetação causticada, para aquelle que andou longo percurso á inclemencia do sol, a porteira é uma surpresa e uma delicia. A urdidura das copas é impenetravel; das barrancas revestidas da verde cabellugem de avencas e musgos, poreja continuamente um pouco de humidade que não chega para empapar a terra, mas que sobeja para fazer da temperatura caricia e voluptuosidade para a epiderme. As proprias borboletas se comprazem nessa nesga de sombrailhada ahi providencialmente; quem chega vê-as no chão humido, aos enxames, pintalgando a terra, como petalas soltas espalhadas pelo vento, petalas de tonalidades vivas, com predominancia do amarello-canario e vermelho de fogo. A' chegada do viandante evoluam-se e revoluteiam, como torturadas por um pé de vento; mas não fogem; e, esvoaçando ás tontas, esperam que o importuno se afaste, para, esthetas, rusticas, quem sabe! deleitarem-se em bordar de novo, na grata penumbra, ingenuas phantasias coloridas.

Agora, pela manhã frigida, este bosque põe-me um arrepio á flôr da pelle. As borboletas—preguiçosas! ainda para aqui não vieram, a espairecer as suas "borboletices". Das folhagens encharcadas espaçadamente o orvalho gotteja, crivando o chão de pequeninos furos; e ao estrondar da porteira no batente, precipita-se numa chuva ephemera, que rumoreja largamente e cessa de improviso.

Seguem-se duzentas braças de campo. D'aqui em deante

vae-se sempre subindo, suavemente, por um chão apisoado e enegrecido. O morro é todo encarçado de cupins, a que as gramineas põem cerco, num sem conto de frageis pendões aprumados. Aqui e alli vingam escalar os comoros mais baixos, que abafam sob a sua invasão, deixando apenas adivinharem-se as convexidades submersas. Quantas vezes do eirado da velha fazenda do Corrego Fundo, que neste momento demando, durante a estiagem das primeiras chuvas, contemplei, nesse campo, o exôdo ascencional das alleluias! Então, de mil furos invisíveis, via borbotar como vaporações turvas, cones de fumo vivo que subia e se espalhava, dando, ao raso do campo, um tom côr de fuligem, fino e vibratil, que observado de perto era o debater de myriades de azas minúsculas. E divertia-me o alvoroço das gallinhas de siá Marciana, o pescoço esticado para o ar, cacarejando afflictas, a regalar-se do farto manná que lhes cahia do céu sob a forma de insecto.

Já do oriente, tangenciando a lombada da serra, e premidido sob uma nuvem rosa e ouro, filtra-se o primeiro raio de sol. Pelas barrancas sombrias da estrada, em moitas de barba-de-bóde, rebrilha aqui e além obliquo fio alvissimo. Recrudescer a vozearia dos passaros, e azas multiplicam-se nos ares, aos trinços, aos chilros, e surriadas de crystal.

Mais abaixo mostra-se emfim uma curva do rio, harmoniosa e suave como uma linha humana. A' superficie liquida desfilam nevoaças, aos esquadrões, sopradas pela aragem matinal. Do lado da estrada as aguas espraíam-se claras sobre areias; do outro lado, alto e ininterrupto paredão de verdura, exuberante, selvatico, como se a correnteza delimitasse as terras habitadas do sertão bruto. E d'aquelle tapume enredado com que a natureza parece entrincheirar-se contra a invasão dos pequeninos civilizados, d'essa exuberancia quasi aggressiva, do longe e confuso alarido dos seres da selva, do engrazado das copas, do perfume acre de matta virgem que em ondadas a viração traz, vem-me uma attracção conturbadora, o violento anhelar de fazer-me féra ou jequitibá, para compartilhar, como parte de indivisivel todo, da rude e mysteriosa vida da floresta.

Mas meus olhos fogem á vertigem e attentam numa figura humana acocorada como um mocho, num cupim. E' o



Americo, meu grande amigo, que me espera. Radiante acentua-me uma saudação e precipita-se ao meu encontro; alegremente correspondo em gesto e movimento; afinal estreitamo-nos em reforçado abraço.

Mais uma centena de passos, e eis-nos chegados á fazenda do Corrego Fundo.

II

Alquebrada de velhice, a casa mal se firma agora nos esteios obliquos e comidos de cupim. Vergastadas dos temporaes, e aluidas pollegada a pollegada pela acção erosiva do tempo, as paredes destroçadas só raros vestígios mostram da ultima mão de cal levada vinte annos antes.

As ripas enxadrezadas com os paus a pique, exhibem por toda a parte a sua ossatura carunchosa. E' mais um cadaver de casa, uma carcassa decomposta, que já exhibe as costellas descarnadas. Ao lado da casa, onde foram as tullhas, é hoje um montão de escombros; e no eirado, para onde se abre a porta principal, cresce o capim desafogadamente. Contrastando com esse ar de morte e abandono, e dando uma nota ridente, de vida, ao vetusto pardieiro, sobe dos fundos uma espiral de fumo azul, que se desfibra lentamente no espaço.

Ahi moram o velho Prospero e siá Marciana, paes do Americo. Já rumando os oitenta ou noventa annos (nem sei quantos!) dão exemplo de serena velhice, sem amarguras contra a vida, nem o pezar de deixal-a. Emquanto pode, o velho trabalhou. Foi fazendeiro, teve grandes rebanhos de gado, e extensos alqueires de plantações; mas, por ser bom e confiante, o que tinha foi-se rapidamente, quando sua actividade começou a declinar, e ao peso dos gastos não podia oppor equivalente receita. Ingratidões e abusos de confiança levaram-lhe até o ultimo vintem; o que porém se lhe salvou do sossobro, e á sua companheira, o unico e precioso thesouro inconsumptivel de que não os puderam esbulhar, foi a branda alegria d'alma que os acompanhou em todas as vicissitudes do passado, e que dá á velhice de ambos uns toques de mocidade vivaz, como festões de madresilvas alastrando

em paredes meio derruidas. Pauperrimos, a propria vivenda em que moram é alheia — pertence a um irmão mais moço de Prospero, fazendeiro “desempenhado”, e tão sovina que o ceder-lhes por favor essa moradia, deixa todos boqui-abertos. Os velhos nunca se queixaram; mas sei que o proprietario, o major Claudino, não lhes dá ahi completo socego. E’ uns dez annos mais moço que Prospero. Foi este quem lhe deu a mão para começar a vida, e continual-a; e tambem foi Claudino quem abocanhou os ultimos restos de sua fortuna, valendo-se de contas pouco comprehensiveis e de jurros mysteriosamente intrincados. Nessa época, como quizesse expulsar os velhos da fazenda, levantou essa barbaridade tal clamor entre os conhecidos e parentes, que Claudino cedeu, a contragosto, deixando-lhes o uso-fructo da casa e de algumas braças de terreno. — “Estão velhos, pouco hão de durar”, dizia para conformar-se. Mas os velhos estão varando valentemente o restante do seculo; e Claudino com isso impacienta-se, diz impertinencias, reclama contra o descalabro crescente de tudo, e quer leval-os para sua propria casa. Prospero limita-se a replicar sorrindo e sem levar a mal: “Tenha paciencia, mano! Espere mais um pouco. Para o anno eu e a prima já estamos pescando mandys no rio da Eternidade...” (A “prima” é siá Marciana. Dá-lhe este tratamento, por serem parentes chegados).

Emquanto esperam, vão pescando mandys no rio que passa aos fundos da fazenda. Tanto basta para esquecerem os annos e as enfermidades. Toda a tarde, Prospero, com o rosto encoberto sob as largas abas de um chapéo achamboado, entra em sua velhissima canoa de peroba, que é preciso tentar com cuidados infinitos para não fazer agua, e vae distribuindo aqui e allí, pelas duas margens, anzoes de espera e laços de capivara; e sobre a madrugada seguinte, lá vae correr os mesmos sitios, a dar balanço nos rendimentos da noite... E longe em longe acontece acabar de matar no anzol, a pontoadas de chuço, um enorme dourado, que alegremente traz ás costas, ládeira ácima, e que, resfolegando, num gesto triumphal, atira pesadamente sobre a mesa de jantar.

Durante o dia, elle, mais a velha, radicam-se á sombra d’um ingazeiro, cujas ramarias espalhadas protegem do sol,



e pescam no remanso que em baixo faz o rio, e que transformaram em ceveiro. E vendo-os ahi juntinhos, as varas paralelas curvando-se ao peso das chumbadas, cotovelo contra cotovelo, a gente adivinha que os dois irão juntinhos para a cova, quando um d'elles assentar de zarpar para as trévas eternas, que talvez já estejam tão proximas como a primeira curva do rio.

O velho Prospero foi caçador apaixonado.

Quando lhe peço que me conte trechos de sua vida, vêm estes, as mais das vezes, misturados com episodios de caça: o primeiro parto de siá Marciana, ligava-se intimamente com a aventura de uma celebre Pirata, cadellinha onceira; quando lhes morreu o segundo filho estava havia tres dias batendo matto bravo, atraz d'uma bandeira de queixadas; e, ao voltar a casa, carregado de magnificos despojos, seus gritos de triumpho morreram-lhe na garganta, ante o cadaverzinho exposto numa mesa, entre quatro vélas altas. Agora que lhe falta resistencia para varar brenhas e desentocar onças, canaliza o seu furor venatorio contra os peixes, contentando-se, quanto a caças de pêlo, em armar ás capi-varas que lhe destroçam o arrozal.

Invejo-lhe a mania da pesca. Escolheu-a bem para passatempo da velhice, pois não depende de agudeza de vista, nem de musculos reforçados. Seus braços de canoeiro pratico, embora tremulos, ainda sabem o geito de "temperar" uma canôa sem excessiva despesa muscular. Lastimavel é o escriptor que, dobando-se os annos da segunda metade da vida, nota em si incapacidade crescente para obter a tensão espiritual que engendra as obras primas; ao meticuloso sabio que esmiuça ao microscopio os elementos invisiveis das cellulas, sua preocupação de especialista, deve ir-se-lhe, com o acume da visão, o gosto pela vida. Ai dos que, em sobrevindo o momento, não estiverem aparelhados para empunhar a philosophica vara de pescar do velho Prospero! E isso o torna feliz. Tiraram-lhe a fortuna — tomou do anzol; arrebatem-lhe o anzol, ainda resta o rosario; de modo que, a sua bondosa simplicidade, si lhe perdeu a abastança, grangeou-lhe a conformidade na desgraça. Rememora os antigos annos de fartura, compraz-se ás vezes em narral-os, como um viajante relata as maravilhas que viu no decurso



da viagem. Essas recordações teem para elle o doce resaibo das boas cousas gosadas, sem que lhes sinta amargor por serem cousas idas.

Contou-me um dia que, no tempo de seu pae vivo, havia tantos escravos na fazenda, que davam de comer á molecada num cocho de que ainda no eirado restam vestigios. Despejavam alli dentro tachadas de cangiquinha, e com uma buzina convocavam a miuçalha esparsa. De todas as senzallas, da casa, da horta, do pasto, negrinhos acudiam correndo, como uma horda de capetinhas nu's. E as mãos avançavam soffregadamente na comida. "Ficava estivado de negrinho, tudo pelado", explicou Prospero em sua linguagem pittoresca, accentuando a phrase com um gesto em linha direita, para indicar a fila ininterrupta de petizes, de uma e outra banda do cocho. Por morte dos paes herdara bons lotes de cultura; veio depois a legitima da "prima", o que ainda seu trabalho accresceu, nos annos felizes da mocidade. Por essa época povoavam-lhe a casa parentes e amigos. Até parecia hotel. Pessoas havia que lá passaram mezes, a ares ou para caçar. Um tal Leonardo, comido de syphilis, permaneceu na fazenda mais de anno, em tratamento. Ao restabelecer-se, Prospero emprestou-lhe dinheiro para comprar um sitio. O pobre do Leonardo! se não tinha recursos para tocar a vida! Com esse principio arranjou-a tão bem, que hoje é homem de largas posses. E' verdade que os esqueceu e que, quando os cruza, mal bole no chapéo; mas anda tão atarefado, sua camaradagem é tão grande, que na cabeça, cheia de preocupação, não póde guardar attenção para cortezias futeis. Negou-lhes uma vez auxilio — não por ingratidão, e sim porque o muito serviço põe a gente assim azaranzado e de máu humor, e a elle, coitado, serviço não faltava. O pobresinho do Leonardo! Como a velha se lembra ainda d'elle quasi cego, babando pu's, com a bocca cheia de tumores que mal o deixavam alimentar-se, tanto que era preciso descerem-lhe leite á garganta por um canudinho de bambu! E agarrava-se a siá Marciana chamando-lhe mamãe e chorando, num retrocesso á infancia, quasi imbecilizado pela molestia.

Entre outras passagens tambem contou-me que estancara por lá umas semanas certo medico portuguez, o dr.



Philippe, homem muito divertido, e a cuja figura evocada os velhos sorriam um para o outro. Sem clinica, vivia a correr terras, de sapatões ferrados e roupa no fio... Nem recursos tinha para viajar a cavallo; ia de logar em logar com a malinha ás costas e bastão na mão, e por isso na cidade puzeram-lhe a alcunha de dr. De-a-pé. Que maldade, coitado! Põem appellido num homem infeliz e sensível, que, ao falar na "terra", marejavam-se-lhe os olhos, saudosos da mãe e da irmã que lá ficaram tão longe, sem amparo, da outra banda do grande mar.

Mas os velhos sorriam lembrados de certo episodio malicioso. Querendo aprender a caçar, esse bom dr. Philippe mal sabia pegar numa espingarda. Deu alli seus primeiros tiros, e a cada um, que assignalava um insuccesso, escapava-lhe um "ma-raios" de desapontamento. Prospero, porém, não desanimava com o alumno, e repisava como estribilho: "Ainda espero ver um dia o doutor matar uma capivara!" Afinal esse dia chegou. A matta virgem alastrava até tão perto da fazenda, que á tarde os uru's e inambu's vinham mariscar no terreiro, confraternizando com as gallinhas e marrecos da criação domestica. As capivaras, então, eram uma praga. Uma tarde foi visto um casal d'ellas á beira d'um açude ao fundo da horta. "Pegue na espingarda, dr. Philippe, e venha!" disse o velho; "d'esta vez ha de matar uma, nem que eu segure pela perna, para o senhor acertar! Não quero que diga que passou por aqui e não matou nem uma capivara". Foram-se ao açude. A' sua chegada, os grandes roedores mergulharam promptamente na agua negra. Certo momento appareceu um focinho á tona, bem perto do dr. Philippe. Elle atira á queima-bucha: "Má-raios!" Outro tiro — por um milagre acerta. A cachorrada encarrega-se de tirar d'agua o animal ferido, e summariamente o acaba ás dentadas. O dr. ficou radiante da façanha. Então o velho Prospero propoz-lhe uma questãozinha magana: "Dr., o senhor que é medico entende muito de organismos viventes; por isso, diga-me si esta capivara é macho ou femea" "Oh! nada mais simples!" exclamou o dr. offendido pela insignificancia da consulta. E olha o bicho despreoccupado, depois examina-o attento, e concentra-se na analyse e submete-o a uma revista conscienciosa e scientifica... Porfim desis-

te, enfiado e perplexo. Então Prospero solta uma casquinada: "E' macho, dr.! Olhe o focinho... Capivara macho tem um callo no nariz". E os velhos riam-se, á evocação da descocha do dr. De-a-pé, por levar o formidavel quinau.

Chegada a uma recordação como esta, mistura de antigas grandezas com reminiscencias de velhas caçadas, a retentiva do velho transvia-se do fio direito da narração, e, esquecido do mais, deleita-se em memorar proezas de caçador. E é sobremaneira agradável ouvi-las, principalmente em torno de um brazido, em noite frígida. Se o tempo é desabrido, e as chuvas fazem das estradas extensos lameiraes, reu-nem-se nesses serões mais pessoas na velha fazenda, viandantes colhidos pelo temporal, e que esperam, ao abrigo de suas telhas hospitaleiras, estiagem propicia para a continuação da jornada. E quando acerta serem caçadores esses viajantês encharcados, ainda augmenta o prazer da palestra, pois cada um desfia o mais interessante de suas recordações. Quanto a siá Marciana, essa limita-se a commentar as narrativas do "primo" com as suas impressões pessoaes de esposa extremosa, as angustias das longas esperas, o olhar pela janella verrumando o oceano das copadas que se deramavam em torno ou sondando as ultimas curvas das estradas, a medir o tempo com as pulsações do coração... Como tardavam os caçadores! Prouvesse a Deus não houvesse acontecido uma desgraça! E quando Prospero voltava, que jubilo ao vel-o são e salvo, e ao apreciar, como entendedora, o porte da suçuarana que dizimou a matilha, ou o numero de queixadas abatidas no bando!

III

—Então, dr. Felix! tardou mas sempre appareceu, repetia-me o Americo exultando, ao abrir a cancella que dizia para o eirado, deixando á esquerda a porta da vendinha da fazenda.

Ao chegarmos á entrada principal da casa, com o indicador cruzando a bocca recommendei-lhe silencio; e gritei para dentro, engrossando a voz:



— O de casa!

Respondeu-me de dentro uma voz de velha:

— Quem está dando “ô de casa” pôde entrar, que d’esta vez não me assusta!

Ouvi no mesmo instante vindô da cozinha, o arrastar conhecido das chinellas de siá Marciana, e a voz do velho Prospero, já um tanto surdo, que lhe perguntava o que succedia de anormal áquella hora tão matutina.

—E’ o tropeiro de fala grossa que me assustou o outro dia, explicou ella.

Penetrando a sala de entrada, depuz o chapéo sobre uma mesa negra de uso, chata e larga, d’esse estylo esparramado dos antigos estrados e arcas de guardar sementes. Relanceei as paredes fuliginosas, cobertas de desenhos de grandes peixes: dourados ao natural, piabas de tres palmos, mandys gigantes ainda com os ferrões alvoroçados e as barbatanas em leque, promptos para a defesa — registro fiel das felicidades de pesca do velho Prospero, que o Americo, amator assim de sciencias numerosas como de artes varias, perpetuara sobre a cal a urucú e pó de sapateiro, como o chronista fiel das antigas expedições de descobertas. Cada peixe grande que subia do rio, antes de ir para a pannela fazia escala ante o artista primitivo, que lhe debuxava a effigie na parede.

Abracei os velhos que tropegamente vieram ao meu encontro.

— Então, como vamos de doenças? perguntei-lhes, enetando o assumpto obrigatorio á chegada, questão preliminar, como dizemos em nossa gyria forense (não sei se já disse que sou bacharel, e juiz municipal de um termo sertanejo).

— Ah, dr. Felix! Andamos cheios de “não presta!” exclamou a mulher. Vamos pendendo de velhice. Minhas carnes estão seccando, meu corpo é só osso. Tambem já estou uma irára velha — accrescentou mostrando os cabellos encanecidos.

Para despreoccupal-a, disse Prospero que aquillo não era nada. A “prima” sempre teve d’essas alternativas de engordar e emmagrecer d’um momento para outro.

— Ella tem natureza de cachorro — terminou, rindo-se. Siá Marciana protestou, altamente escandalizada com a comparação.

Depois foi o turno do Americo, que se queixou do mal moral que lhe causava aquelle ermo e a falta do convívio de homens superiores. Por fim tive de soffrer um interrogatorio minucioso, que me obrigou a desfiar-lhes, á mingua de molestias mais graves, todos os meus defluxos, dores de dentes e mordidelas de pernilongos, sobrevividos desde a minha ultima visita; os velhos, a todo o instante sussurrando um “coitado!” ouviram-me concentradamente. Siá Marciana receitou-me um simples, bom para tudo isso; Prospero contraveio, aconselhando outra coisa. Disputaram-se um pouco neste ponto, mas afinal vieram a um accôrdo. Sobre que accordaram não puz tento.

Conversando chegamos á varanda. O descabro das paredes era o mesmo. Sobre os pannos de cal empardecida escapos á acção roaz do tempo, viam-se novos desenhos de peixes enormes, alguns ainda de anzol espetado no beijo, meticulosidade de cópia do consciencioso artista. A mobilia ahí compunha-se de um vasto estrado que podia servir de cama, de uma immensa arca e duas cadeiras desconjuntadas, uma ainda com uns restos de palhinha e conservada com cuidado, porque era “a cadeira do dr. Felix”. Para contental-os, sentei-me um pouco na alfaia privilegiada que me offereciam quatro mãos solicitas; em seguida fui aboletar-me á oriental sobre a arca, vindo o velho ladear-me, devido á sua surdez. Ouvi as queixas que me faziam pelas minhas espaçadas visitas: que viviam a esperar por mim, a fazer conjecturas sobre a minha ida, si era hoje ou amanhã ou a que hora, a todo o instante indo sondar a estrada. a ver si eu apontava. Quanto ao Americo, ia toda a manhã para o seu posto de observação, que era o cupim onde eu o vira acocorado.

— Si o senhor soubesse a falta que nos faz, vinha todo o dia — rematou Americo.

Perguntei então ao velho sobre as ultimas pescas.

Ah! dr. Felix! exclamou apaixonadamente, fiquei hoje aborrecido. Os aruráus esta noite fizeram mutirão e rasgaram-me todas as rêdes da lagôa. Já esses damnados

do papo amarelo me comiam leitões, quando era o mangueiro no fundo da horta, e agora, perseguem-me os peixes!

E contou-me que entre a massaroca das redes rotas encontrara a metade de uma piaba de dois palmos, magnifico peixe que poderíamos comer ao almoço.

Emquanto Prospero falava, era visível o desgosto que sentia Americo, pelo rumo trivial que a conversação tomava. De espirito fundamentalmente sciéntifico, anciava por abordar questões de maior tomo; mas repugnava-lhe profanar altos problemas, mesclando-os ás phrases dispersas de uma palestra vulgar. Porfim, não se conteve, e alvitrou um conhecido expediente:

— Dr. Felix, quero um particular com o senhor.

Nunca fui amante das conversas reservadas. Lembra-me que, a primeira, foi com o meu primeiro mestre, que me chamou a um quartinho, mimoseando-me ahi com meia duzia de varadas! Já lá vão mais de tres lustros. A segunda, tive-a com um ex-futuro-cunhado, que, em noite atra, os olhos fuzilantes, um bruto cacete alçado, á guiza de mundéo, sobre minha inerme personalidade de estudante, me propoz um dilemma: "Ou casar, ou..." O logar ermo e a attitude diziam o resto. Até hoje não sei que milagroso santo me tirou dentre as aspas do terrível Minotauro. Que embirração, inventarem os philosophos essas especiosidades escolasticas! D'esse tempo em deante, os colloquios á parte me causam horror. Sendo, porém, conhecida a natureza inoffensiva do que me solicitava o bom Americo, accedi. Em consequencia, meu amigo travou-me o braço, e conduziu-me a seu quartinho.

IV

Os velhos não protestaram contra o despotismo do Americo, que assim me roubava, em dois tempos, ao seu convivio. E' que adivinharam que iam falar sobre os "estudos". Mas a este ponto precisa ser focalizada á vista do leitor, n'alguns dos seus aspectos, a alma e a situação do meu amigo.

Americo, apesar de seus quarenta annos, era ainda uma especie de filho-familia. Na fazenda sua unica funcção era gerir a vendola, que abria a porta exigua para a estrada, compartimento mais frequentado pelos mangan-gás e maribondos, que pelos transeuntes raros.

Usava a barba, intonsa e arrepellada ao Deus dará, e, ao alto da testa, accidentada de várias bossas correspondentes aos seus varios talentos, rareava-lhe o cabello em profundas entradas, apresentando um capucho revolto, na linha de symetria. As bossas da frente e os olhos encovados davam-lhe uma expressão aquilina que parecia ter a virtude de revolver escaninhos d'almas.

Americo tinha assombrosas disposições para fazer a canivete, com pontas de bambu', pedaços de carretel e palhetas de mica, umas canetas de fórmãs caprichosas, pintadas a urucú e pó de sapateiro, de um amarello terroso listrado de preto. Dava-lhes ainda outros matizes com succos de fructinhas sylvestres. As canetas amontoavam-se aos môlhos nas prateleiras da venda, e allí ficavam eternamente, patente mostra do disequilibrio entre a offerta e a procura da mercadoria. Os pedaços de carretel serviam para tirar sortes: a gente fazia-os rodar, e, ao parar, um certo pique apontava no eixo uma letra ou uma phrase que respondia á pergunta formulada a esse oraculo de nova especie.

Nos intervallos dessa fabricação, mergulhava-se em suas leituras predilectas, entre ellas um tratado de mesmerismo nunca assás manuseado, outro de physica, e qual-quer cousa de Allan Kardec. o que tudo, agindo separado e conjuntamente, era para estremecer-lhe a fraca razão. Gostava das conversações scientificas, não admittindo que se perdesse tempo em prosas de nonada; e, debatendo sua especialidade, sabia encantoar o interlocutor desprevenido em questões profundissimas, insondaveis, que explicavam a desusada proeminência de suas bossas frontaes. Para isso tinha um geito especial, uma certa manha em concatenar perguntinhas fecundas, na apparencia inoffensivas, e que insensivelmente iam guindando a gente ao pinnaculo de altos problemas transcendentis. Estas questões constituiram o nobre emprego de sua vida. Na época em



que todo o mundo se casa, elle esqueceu o matrimonio, todo embebido em resolver o problema do infinito do tempo e do espaço. Onde começa o mundo? Onde acaba? Seria o espaço o conteudo d'uma immensa bola de vidro? E para além desse vidro? Outras bolas? Quando começara o tempo? Se desde o principio até hoje decorrerá o infinito, como poderíamos chegar até o *hoje*, se de hoje ao fim ha o mesmo tempo infinito e nunca chegaremos ao fim? E com a attenção aguda applicada a estes altos problemas, não vira a mocidade que fugia, nem as roceirinhas casadeiras que o rodeavam, attrahidas pelas culturas paternas. Só agora, depois que lhe demonstrei por uma serie de finas induções e deducções que a reproducção da especie é um dever moral, porque a sciencia não póde morrer, e porque se todo o mundo pensasse como elle a humanidade se extinguiria e a sciencia com ella; e, como a unica forma legitimadora da reproducção é o *conjugo vobis*, concluia-se que etc. Americo convenceu-se; e depois ficou, além de convencido, altamente estimulado, quando lhe contei com ar mysterioso que já tinha á mão uma viuva moça e rica, que só esperava para apparecer-lhe, acabar de assimilar umas tinturas de magnetismo e electricidade, com uns toques de Kardec, para não ser uma esposa vulgar, e incapaz de sustentar uma conversação instructiva com o seu scientifico marido.

Americo fôra toda a vida o orgulho da familia, o seu grande homem; e todos lastimavam que não houvesse seguido uma carreira superior. Desde creança revelara inclinações destoantes do seu meio. Em pequenito, enquanto os outros fedelhos andavam a correr pastos a pegar animaes, ou a brincar de "tempo será", elle deixava-se ficar no chão, espichado de barriga, a passar figuras do "Manual de creador de gallinhas". — "Era um amor pelos livros!" dizia siá Marciana ao marido, indo buscal-o para vir de mansinho apreciar o serio applicado do pirralho. E os dois ficavam a cocal-o com o olhar repassado de commoção. E faziam planos: seria isto, seria aquillo. Mais tarde, nos tempos de estudante, firmou-se a vocação. Tinha uma memoria para guardar as cousas que aprendia! Depois que o mestre o deu como preparado, e que pediu, af-

flicto, que não lhe mandassem mais o “Merquinho” (bons quinaus lhe pregara o pequeno!) este continuou a ser, só comsigo, bom estudante. Conservara sempre, e sempre manuseada, a sua bibliotheca de alumno, recapitulando, no intervallo de mais altas cogitações, a materia aprendida, com uma sêde de conservar que era quasi avareza; e a conservara com tal afêrro, que inda agora, que dobrava os quarenta annos, tinha fresquinha na memoria a exotica onomastica das ilhas da Oceania e dos vulcões do Mexico; sabia de côr todas as definições da Grammatica da Infancia, e traduzia correntemente os exercicios do Sevène. Si não encorporou esse cabedal, tambem não desaprendeu o sabido. A’s vezes pedia-me que abrisse ao acaso um de seus livros escolares, e lesse a primeira linha. Eu o fazia. E Americo tomava logo o fio da phrase, e desembestava por alli abaixo sem uma hesitação; a materia sahia-lhe fluente, correidia, sabidinha, e em um nunca acabar.

Depois da sahida do collegio, nem tentaram os paes mettel-o na lavoura: Americo revelara uma aversão profunda por tudo que não fosse sciencia pura, e por isso tambem não praticara em officio e nem occupara empregos; vivia na fazenda á espera de uma opportunidade para continuar os estudos fóra numa grande capital; mas o amor maternal, hesitações sobre a carreira a seguir, o apêgo á fazenda, e, principalmente, um não sei quê muito imperioso e que nunca souberam o que fosse, não os deixavam encontrar uma opportunidade bastante opportuna para a execução dos seus mimosos planos. E assim foi ficando e amadurecendo em annos, meu bom e estudioso amigo.

— O Americo não é como qualquer um, elle tem qualquer coisa aqui — dizia ainda o velho, dando pancadinhas na cabeça. — Elle é porque nunca sahiu da roça, senão poderia ser hoje medico, advogado... ou... ou mesmo professor (era uma escala ascendente).

E se bem que melancolizados com o esteril dobar dos annos, os velhos ainda esperavam que o filho, *mais tarde*, attingisse uma daquellas summidades.

Chegados ao seu quarto Americo fez-me sentar á beira cama, para o mysterioso colloquio. Em frente estava um armarinho em cima de uma mesa. Em suas prateleiras

via-se um cáos de fructinhas seccas, papeis amarellentos, cascalhos de côr e forma exquisita, volumes desconjuntados, com folhas espessas e de bordos revirados, pelo applicado manuseio em tantos lustros. A' margem d'aquella mesa um velho Delamarche aberto, exhibia um mappa das constellações. Induzi que andava Americo virado para a astronomia.

— Sr. dr., começou, desculpe ter-lhe pedido este particular; mas, o sr. comprehende, ha assumptos de interesse que não convem debater levianamente.

— De que se trata? perguntei, algo curioso.

Sem responder, Americo concentrou-se, firmando dois dedos da mão esquerda, nas arcadas superciliares. Passados instantes, perguntou-me:

— Acredita na pluralidade dos mundos habitados?

— Acredito.

— E... será gente pacifica?

— Conforme o grau de seu adeantamento.

De novo a frente pendeu-lhe sobre o pollegar e index, e Americo submergiu-se no subjectivo. Esperando a continuação eu examinava-lhe as bossas, comparando-lhes as dimensões respectivas e conjecturando: esta, mais chata, era a do magnetismo; outra, mais pontuda, a das especulações philosophicas; aquella, sobre cujo cimo lustroso uma mosca deambulava em idas e vindas, era a do espiritismo; a outra...

— Porque o meu receio, continuou Americo enxotando a mosca, é que o scientista do futuro que primeiro realizar a communicação interplanetaria, seja recebido num meio hostile, que o faça prisioneiro das alturas; e, semelhante desterro, como premio de uma arrojada tentativa, seria innominavel ingratição.

Concordei que era uma possibilidade lastimavel; não acreditava, porém, que quem quer que fosse, em dias vindouros, chegasse a correr tal risco. As excursões intermundias nunca seriam praticaveis.

— Como não! E o progresso da sciencia, sr. dr.! protestou Americo.

— Mas não crê que noutros astros mais velhos que o nosso, esteja a sciencia infinitamente mais adeantada?

— Sim...

— Pois bem, se fosse possível semelhante viação, já nos teria visitado algum habitante dessas regiões privilegiadas.

— Ora essa! e eu que ainda o não havia pensado! pas-mou Americo.

E, transparecendo-lhe da physionomia o allivio de uma preocupação incommodativa, removida por aquelle argumento, tomou-me a mão, asseverando com calor:

— Uma palestra com o senhor vale contos de réis!

Protestei modestamente; Americo insistiu que valia; teimei que não, elle que sim, e não cessaria a disputa se não ouvíssemos a voz alegre de siá Marciana, avisando:

— O café está na mesa! Não deixem esfriar!

(Continúa).

- GODOFREDO RANGEL.



MACHADO DE ASSIS

CARTAS INÉDITAS

4 de Fevereiro de 1905.

Meu caro José Verissimo.

Hontem depois que nos separámos recebi o livro e a carta que V. me deixou no Garnier. Quando abri o pacote, vi o livro e li a carta, recebi naturalmente a impressão que me dão letras suas, — maior desta vez pelo assumpto. Obrigado, meu amigo, pelas palavras de carinho e conforto que me mandou e pelo sentimento de piedade que o levou á devolução do livro. Foi certamente o ultimo volume que a minha companheira folheou e leu a trechos, esperando fazel-o mais tarde, como aos outros que ella me viu escrever. Cá vae o volume para o pequeno movel onde guardo uma parte das lembranças della. Esta outra lembrança traz a nota particular de amigo.

Apezar da exhortação que me faz e da fé que ainda põe na possibilidade de algum trabalho, não sei se este seu triste amigo poderá metter hombros a um livro, que seria effectivamente o ultimo. Pelo que é viver comigo, ella vive e viverá, mas a força que me dá isto é empregada na resistencia á dôr que ella me deixou. Emfim, póde ser que a necessidade do trabalho me traga esse effeito que V. tão carinhosamente afiança. Eu quizera que assim fosse.

— Quanto á minha visão das cousas, meu amigo, estou ainda muito perto de uma grande injustiça para descrêr

do mal. Nabuco, animando-me como V., escreveu-me que a mim coube a melhor parte — “o soffrimento”. A visão del-
le é outra, mas em verdade o soffrimento é ainda a melhor
parte da vida.

Adeus, obrigado, não esqueça este seu velho

MACHADO DE ASSIS.

Rio de Janeiro, 6 de Dezembro de 1904.

Meu caro Nabuco.

Quando ia responder a sua carta de 8 de Outubro, aqui
chegada depois da morte da minha querida Carolina, trou-
xe-me o correio outra de 17 de Novembro, a respeito desta
catastrophe. A nova carta veio com palavras de animação,
quaes poderiam ser ditas por V. São ellas cabaes e verda-
deiras. Ha só um ponto, meu grande amigo: é que as lê e
relê um velho homem sem forças, radicalmente enfermo.
Farei o que puder para obedecer ao preceito da amizade e
da bondade. Ainda uma vez obrigado!

Indo a carta anterior dir-lhe-ei que a inscripção para
a academia terminou a trinta de novembro e os candida-
tos são o Osorio Duque Estrada, o Vicente de Carvalho e
o Souza Bandeira. A candidatura do Jaceguay não appa-
receu; tive mesmo occasião de ouvir a este que se não apre-
sentaria. Quanto ao Quintino não fallou a ninguem. A sua
theoria das supeioridades é boa; os nomes citados são di-
gnos, elles é que parecem recuar. Estou de accôrdo com o
que V. me escreve ácerca do Assis Brazil, mas tambem es-
te não se apresentou. A eleição entre os inscriptos, tem
de ser feita na primeira quinzena de fevereiro. Estou
prompto a servir a V. como guarda da consciencia littera-
ria, por mais bisonho que possa ser. Ha tempo para rece-
ber as suas ordens e a sua cedula.

Adeus, meu caro amigo. Tenho estado com o nosso Graça Aranha, que trata de estabelecer casa em Petropolis, onde vae trabalhar official e litterariamente; ouvi falar de outro livro, que, para ser bello, não precisa mais que a filiação de *Chanaan*. O Verissimo está de ha muito restaurado. Eu, se viver do grande golpe, não o deverei menos a V. e ás suas bellas palavras, para o unico fim de resistir; não é que a vida em si me valha muito.

Releve-me a insistencia, e receba um abraço amantissimo do amigo velho

MACHADO DE ASSIS.

Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1907.

Meu caro dr. Alfredo Pujol.

O nosso Euclides da Cunha trouxe-me a sua carta com o seu benevolo pedido. Não tendo nenhum retrato moderno, e não valendo dois ou tres antigos e moços que me restam, mandei fazer esse, que lhe envio pelo correio. Deste modo satisfaço com muito gosto um desejo que me honra e commove. Não ha como a boa vontade dos moços para restituir á vida o que os velhos já não acham nella. Tenho tido dessas restituições que me consolam e a sua fica entre as melhores pela expressão do sentimento e pelo valor da pessoa, que é grande.

Releve a demora, e accite os agradecimentos de um admirador velho,

MACHADO DE ASSIS.

Rio de Janeiro 1 de março de 1907.

Meu prezado confrade dr. Alfredo Pujol.

Aqui tenho e agradeço o seu retrato e a amavel carta que o acompanhou. O meu era-lhe devido pela razão que lá

digo na carta que lhe escrevi, quando o nosso Euclides me fez ver de palavra e com o proprio texto de V. Exa. o desejo que nutria de guardar alguma lembrança de um pobre velho solitario.

Já uma vez nos vimos, como recorda agora, na Camara dos Deputados, ainda que de passagem. A vida e o tempo nos separaram logo. Cá estou ainda agora no meu Cosme Velho, casa numero 18, onde terei o gosto de o receber e de o servir, como admirador e amigo,

MACHADO DE ASSIS.



RESENHA DO MEZ

CÉO E AGUA

Em agosto de 1916, a bordo do "Amazon", passou por nossas plagas, rumo da Europa, Jesé Enrique Redó, o primoroso escriptor de "Ariel", e erudite chrenista do "Mirador de Próspero" e o profundo pensador dos "Motivos de Preteó".

A natureza incomparavel da nossa terra proporcionou-lhe assumpto para uma pagina soberba, em que vibra, sempre terso e elegante, o estyle original do philosopho uruguayo.

Publicou-a a revista norte-americana "Las Nevodados", em seu numero de novembro, sob a opigrapho "Cielo y agua", o, como dove ella interessar a todos os brasileiros, especialmente aos amantes das boas letras, eil-a fiolmento vertida para o nesso idioma:

— "Tenho o sentimento do mar. Essas affinidades instinctivas com as cousas da natureza, essas mysteriosas sympathias, que parecem recordações de uma existencia elemental, não me falam de minha fraternidade com a montanha abrupta, nem com a dilatada pampa, nem com outra das duras fórmulas da terra, mas de minha fraternidade com as aguas immensas e ondulantes, com o ser erradio do vagalhão. Abre o coração e a alma a este ambiente marítimo: sinto como si a minha substancia espiritual se reconhecesse em seu centro.

"Sempro mo pareceu do consciencias immoveis, de caracteres apegadas ao fixo o esthetico, a incomprehensão da belleza do mar e do que ha nelle de suggestão profunda. E' elle o reino da apparencia passageira e cambiante, da indefinida successão do linhas e do tons, onde todo relevo e tuda figura, apenas esboçadas, se dão em sacrificio ao movimento innovador. A irrequieta superficie bosqueja, ha myriades de annos, uma fórmula que não chega a precisar jamais. Dir-so-ia a perfia indomavel do artista que se abraça ao material rebelde, o, possuido de uma nerma interior, com vezes recomeça a sua obra o outras com vezes a desfaz. Dir-se-ia tambem a maneira por que, na consciencia verdadeiramente viva o dinamica, as idéas fervem, passam e se substituem, sem petrificar-se nunca em convieção immutavel.

"Como um maravilhoso simulacro das nuvens, levanta-se no horizonte a bahia do Rio de Janeiro. Não ha melhor espectaculo para quem chega, iniciado pelo mar na visão do grande e do magestoso. Si é possível fixar em alguma parte o portico do mundo, —esto é o portico da America. Estas sublimes linhas de montanhas, estas luxuriantes grinaldas de bosques, estas immensas e harmonicas curvas de praia, suggerem a idéa architectonica de um mundo que se abre, de um continente que compendia a sua infinidade e o seu caracter em um aspecto capaz do ser abarcado com os olhos.

Por este arco triumphal deveu penetrar na Atlantida sonhada, para consagral-a na Historia, o genio latino. Aqui, aqui, e não em outra parte, deveram tocar as caravelas da excelsa aventura e plantar o pendão primeiro e a primeira cruz.

Volvo para o meu mar e para as milhas ondas. Doce emprego do tempo é vel-as nascer, morrer e renovar-se, e, no abandono de um catresonho, sentir que a immensidade invade a nossa alma o como que a penetra com o seu espirito, e não saber, emfim, si o objecto da contemplação está no infinito das aguas ou está na profundidade da nossa propria alma. Doce é então associar a cada onda um pensamento, uma lembrança, uma fieção, o dizer: esta, pujante e clamorosa, é a fé que me sustém, a aspiração que me leva para deante; aquellas que alvejam lá ao longe, são as saudades dos que me querem; esta outra, pequenina e exanime, que pareço alguma cousa e nada é e se dissipa num leve brinco de espuma, é a promessa que deixei incumprida, o meu desejo que morreu ao nascer, o anheilo que não hei de realizar nunca...

Eis agora o porto da Bahía, amplo o bello. A cidade, sem possuir o soberbo quadro de montanhas de Santos e do Rio, mas pinturescamente escaionada sobre o seu pé de ondas azues, evoca em mim a imagem de uma Montevideú dos tropicos. Confirno, em frente de suas paisagens, uma impressão do panorama fluminense: de tudo quanto este maravilhoso sol dolinea e colora, são as palmeiras gigantescas, ondeantes, o traço que me captiva os olhos e permanece indelevel na phantasia. Será só pela belleza esbelta e sobria dessa admiravel columna natural? E' tambem, sem duvida, porque, differentemente de outras fórmas empolgantes, porém faltas do sentido historico, deste mundo virginal, aquella arvore incendo na imaginação um nimbo de idealidade embellezante, um prestigio immemorial de historia e de lenda. Não ha plenitudes de poesia sinão onde se une á obra da natu-

reza a vibração, o saibo do sentimento humano.

"Mar e céu, outra vez. A suggestão da onda ajusta o meu soliloquio á tonalidade lyrica. Acabo por ver o mar com os olhos de um grego da Odysseá, com o candor da imaginação heroica, que lhe deu uma alma o a encarnou em mil fórmas divinas.

"Salve, titã ceruleo, — diz minha palavra interior, — salve, velho titã, que arrulhaste os meus primeiros sonhos, quando eu aspirava á gloria do nauta o o heróe do meu anheilo era o Simbad das "Mil e uma noites"! Só tu és livre, só tu és forte! Não ha lindes quo to reparatam em patrias e herdades, nem vontade que te submetta, nem pégrada que em ti dure. Não ha immundicio que seja capaz de macular-te, porque a todas desvaneces em tua infinidade e a todas rodimes com a tua pureza. Nos teus antros ignotos vélas os mundos da lenda e da fabula, monstros, thesouros e jardins azues, que guardam para sempre a frescura da creação... Teus amigos são o céu e o vento: tens de um a profundidade mysteriosa o do outro o desasoceo implacavel. A força e a graça estão contigo: é teu o côro das oceanides, que suavizou a dôr de Prometheu. Com o teu alento salubre, tornas audaz e indomito o animo do homem. Ao teu lado, toda paixão se depura, toda meditação se ennobrece. Salve, titã ceruleo, mestre de almas grandes, inquieto como o pensamento, amargo como a vida, singello como a verdade!

"Cae a tarde. Inelino-me ao costado do navio, para contemplar, quer os ouros e purpuras do pôr-do-sol, quer os alabastos, os marmores, os onyx, que a esteira do bareo vae compondo com a onda transparente. Balsamica emanação de paz e de mysterio parece exalar-se da soidão infinita. Vejo umas claras pupillas de creança fixar-se, com doce espanto, numa estrella que surge. Rumor de vozes, apagados echos de musica, arremedam a palpitação longinqua do mundo. Nivea mão arrojá ao vento do mar um montão

de papeis rotos, que a rajada dispersa em seus vãos e que, á maneira de brancos aleyones, vão perder-se na immensidade”.

Rio de Janeiro, I — 917.

BASILIO DE MAGALHÃES

NOSSOS DEFEITOS

O vezo do depreciar e amesquinhar as coisas nacionaes, é, entre nós, inveterado, não ha negar. Em muitissimos casos, o méro facto duma coisa ou duma pessoa serem estrangeiras constituo boa recommendação, fazendo ju's aos nossos louvores e á nossa preferencia.

Reconhecemos plenamente que podem existir exemplos em que isso seja satisfactoriamente justificado, mas por outro lado é mister não cairmos no extremo.

Temos notado, por exemplo, que aquelles que são mais promptos a apontar os nossos defeitos, a criticá-los, a estabelecer comparações não raro irritantes e injustas, são justamente, os que menos cooperam para a remoção desse defeitos, para a melhoria da situação, para o advento de dias melhores.

São raros aquelles que estimam que se lhes apontem os defeitos e os erros. Nem todos sabem aquilatar devidamente um aviso, uma admoestação, especialmente quando dirigidos no verdadeiro espirito.

Em muitissimos casos, o simples facto de estarmos a repetir os defeitos alheios, a repisal-os, a constata-los, tem provado ser uma medida altamente prejudicial e mesmo retroactiva. Ha quem resolva persistir no erro, quem endureça o coração, quando tratado sem sympathia sem amor. Uma illustração instructiva se encontra na organização das modernas prisões, na maneira como actualmte, nos paizes mais adiantados do mundo, são tratados os prisioneiros. Mesmo os processos primitivos e deshumanos para arrancar ao eriminoso a confissão do delicto estão rapidamente evoluindo, e cedendo e logar a normas mais brandas o mais efficazes.

Illustrado observador, que tem vivido por largos annos em nosso paiz, a cujo progresso moral tem-se dedicado com todas as suas forças e boa vontade, chegou á sabia conclusão de que é “pela persuasão suave, firme e sympathica” que obtemos de facto o verdadeiro correctivo para defeitos e males que so notam entre nós.

Não é decerto por exhibições tantas vezes grotescas, do enthusiasmos violentos, não é com discursos campanudos, com dissertações dogmaticas, citando opiniões ou idéas, que podem ser excellentes para o meio onde ellas surgiram, mas, que não se applicam ao nosso caso, não será assim que conseguiremos algo de pratico e de proveitoso na verdadeira direcção.

Nosso povo ainda é falho em muita coisa; todo patriota sincero e sensato está prompto a admittil-o, mas, a verdadeira maneira de supprir essas falhas não é decerto estar constantemente a denunciá-las, a criticá-las o a estabelecer comparações irritantes destruindo quicá qualquer parecella de estímulo ou de boa vontade que possa ainda existir. O melhor plano é “desenvolver suas mais elevadas susceptibilidades” fortalecer suas mais nobre aspirações, e “ineular os mais altos ideaes”.

Ha aqui uma vasta esphera de acção para todo o cidadão deste vasto e bello paiz. Não é preciso que passemos procuração a uma personalidade especial, ou que façamos contribuições pecuniarias para que seja feito um serviço que cada um, individualmente, póde prestar com toda a efficacia.

Primeiro, euidemos de emendar-nos, de aperfeiçoar o nosso proprio caracter, afim de que possamos ter a precisa autoridade para falar e para recommendar aquillo de quo somos um exemplo vivo e eloquente. Será sómente desta fórma que nossas palavras calarão profundamente e que nossa doutrina produzirá o almejado e sazornado fructo. O exemplo é altamente contagioso, e constitue o melhor e mais convincente argumento. As boas intenções,

de per si, de nada valem, e é dito com propriedade, que dellas está calçado o inferno. Existem defeitos entre nós, não o contestamos; mas não é caso para desanimar. E' mister corrigil-os; é mister eliminál-os! Saibamos porém promover a sua eliminação. Cada um elimine primeiro a sua propria falta de sympathy para com as fraquezas alheias, persuadindo suave mas firmemente, que dovemos fazer logar para uma virilidade real e uma libordade ordenada, cultivando aquellas qualidades que constituem um são caracter.

Não ha melhor serviço prestado á Patria do que esse de cooperar sincera e intelligentemente para o advento de maior numero de cidadãos dignos, desenvolvendo as mais elevadas susceptibilidades, fortalecendo as mais nobres aspirações o inculcando os mais elevados ideaes. Quando assim o fizermos e quando ao encetar tão nobre tarefa, já tivermos apropriado aquillo que recommendamos, podemos com segurança esperar o fructo de nossa sementeira e ter a certeza de que estamos realmente trabalhando para que muitos dos nossos defeitos sejam uma coisa do passado.

Falámos ha pouco da inconveniencia de estar constantemente a apontar defeitos, a critical-os impudicamente. Alguem objectará que doutra fórma é impossivel extirpal-os desde que a sua presença não é constatada ou denunciada. Entretanto, o facto de existir tanto desanimo entre os que iniciam uma campanha em pról de desejavaes reformas, prova exuberantemente o que affirmámos ha pouco. E' preciso promover o reconhecimento de faltas e defeitos sem provocar qualquer fricção desagradavel. Temos topado com pessoas que não toleram a mais leve observação. Ora, é de imaginar que tal susceptibilidade suba de ponto, quando nossas palavras, ainda que bem intencionadas revelem qualquer laivo de critica ou de censura. O sentimento de offensa brotará logo, nullificando afinal qualquer esforço

tendente a conseguir-se a almejada correccão.

De tudo o que fica dito, resalta a necessidade imprescindivel de — disciplinar o educador. — Este deve ser eminentemente qualificado para bem desempenhar sua ardua mas importante tarefa. Com calma, com sympathy, com amor, deve elle approximar-se daquelle cujos defeitos deseja vêr reformados. E' sómente imbuidos do verdadeiro espirito, tratando com caridade o nosso semelhante, quo conseguiremos convencel-o de sua falta e vél-o emfim marchar na verdadeira direcção. Mas, ha ainda um factor de relevancia com que se deve contar: — perseverança. Em nossa educação propria, cumpre proseguir com constancia.

Presenciamos a miudo os mais bellos planos e as mais nobres resoluções; mas, não obstante a sua bolleza e a sua nobreza, permanecem inactivos e afinal, como a miragem do deserto, dissipam-se, desapparecem, porque fallece-lhes o imprescindivel elemento do realidade, aquella sinceridade, que nos induz não só a tomal-os a sério, mas tambem a perseverar até que elles se oncarncem e tomem corpo.

Essa ausencia de perseverança explica plenamento grande parte dos nossos insuccessos. Dondo brota, muitas vezes, osse sentimento de incapacidade, o afinal de desanimo dissolvente? Evidentemente do pessimismo costume de encetar uma tarefa e do abandonal-a a meio caminho.

De tudo o que ficou dito, podemos fazer a seguinte summula, que afinal não encerra regras fixas ou infallíveis; mas, que decerto contém sugestões já provadas e valiosas para a eliminação de defectos, que impertinentemente constatamos:

- 1) Cooperemos individualmente com o nosso bom exemplo.
- 2) Procuremos corrigir pela persuasão suave, firme e sympathyca.
- 3) Não façamos critica impiedosa ou comparações irritantes.
- 4) Saibamos desenvolver as mais altas susceptibilidades, fortalecer

as mais nobres aspirações e inculcar os mais elevados ideaes.

5) Se almejamos o papel de educadores, qualifiquemo-nos devidamente para elle, preparemo-nos, disciplinemo-nos.

6) Tendo bem alto e bem claro o nosso objectivo, — perseveremos!

Aqui ficam, pois, estas idéas simples, sem pretensões, sem preocupações dogmaticas, animadas apenas pelo sincero desejo de quo possam ser uteis para a solução dum problema que muitos julgam insolúvel, porque, a seu vêr, são prejuizos que já vem no sangue e que são o estigma do uma raça!...

Rio Grande do Sul

FRED. G. SCHMIDT.

MOVIMENTO LITERARIO

Está a sair a terceira edição dos *Poemas e Canções*, de Vicente de Carvalho. O proprio autor dirige a terceira impressão do seu livro, a que juntou numerosas notas e produções ineditas.

A noticia de uma terceira edição de um livro de versos, é tão lisonjeira para o poeta como para o seu meio. Se, por um lado, demonstra que o poeta é lido e admirado, por outro depõe a favor do bom gosto e cultura do povo que o lê. Vicente de Carvalho, vendo esgotadas por essa forma, rapidamente, as edições do seu livro, tem assim a maior e melhor consagração a que pode aspirar um escriptor...

A Emilio de Menezes foi ha dias offerecida, nesta capital, uma bella festa, que se realisou no salão do Conservatorio Dramatico e Musical. Emilio recitou numerosas poesias que figurarão no seu proximo livro, a apparecer por estes dias, entre as quaes alguns sonetos da paraphrase do "Corvo", que a *Revista do Brasil* conseguiu obter e publica neste numero.

A Academia Brasileira realisou no dia 17 a eleição para a vaga de

Garcia Redondo. Dos dois candidatos em luta, o sr. Luiz Guimarães Filho e o sr. Agenor de Roure, foi escolhido o poeta dos *Sonetos e rimas*.

Estão ainda abertas na Academia as vagas do conselheiro Lafayette e de Oswaldo Cruz. Para a desta é candidato o dr. Aloysio de Castro. Para a de Lafayette o dr. Alfredo Pujol, nosso director.

Se ainda não está nas livrarias, dentro de poucos dias figurará nas suas montras o novo livro de Amadeu Amaral — *Espumas*, que está sendo editado pela revista *A Cigarra*.

Outro livro a apparecer: *Nós*, de Guilherme de Almeida. Ainda outro: *Torre encantada*, de Homero

Prates.

A assignalar ainda, como novidades de livraria — *Estudos criticos*, do sr. Jos- Maria Bello; e *Numa e a Nympa* do sr. Lima Barreto. Des-te, porém, só temos noticia pelos jornaes do Rio, pois até hoje não chegou a S. Paulo...

MOVIMENTO THEATRAL

Encerrou-se com exito a temporada official da Companhia Dramatica do S. Paulo, organisaada por um grupo de amigos do theatro chefiados pelo dr. Gomes Cardim. O objectivo principal desses cavalheiros é constituir em S. Paulo uma companhia permanente que possa, todas os annos, proporcionar ao publico uma série de espectaculos bons em quo predominam peças nacionaes. Parece-nos que lhes não será difficil conseguilo. Basta que se cijnjam ás indicações que o proprio publico lhes deu.

O publico mostrou claramento que a tudo prefere peças genuinamente nacionaes, com aspectos da nossa vida mesmo que do ponto do vista tecnico sejam peças defeituosas. O maior triumpho da temporada foi

um dramasinho ingenuo do fallecido dr. Cesario Motta, a *Caipirinha*.

E' uma peça que não resiste a uma critica severa. Os seus defeitos saltam aos olhós mais inexperientes e para aggraval-os houve ainda o concurso dos interpretes que, embora artistas estimaveis alguns, estavam na impossibilidade physica de reproduzir com perfeição os nossos typos da roça.

Mas é tanta a sêde de nacionalismo em nosso publico, é tão grande o cansaço em que o theatro estrangeiro o prostrou que essa peça com todas as suas maculas, com todas as suas velharias de estylo e de acção lhe deu uma satisfação immensa e, emquanto outras, de fóra e da terra, tragadas com todos os primores da arte apenas figuravam nos cartazes duas ou tres vezes, e eram levadas deante de salas quasi vazias, ella se eteruivava na scena, applaudida sempre por uma assistencia numerosa.

O dr. Gomes Cardim e os seus companheiros ficaram sabendo o que é que o publico deseja. Os nossos escriptores do theatro ficaram scientes tambem de que nunca farão coisa que preste e que viva emquanto se obstinarem a arremedar o theatro francez, imitando-o servilmente no que elle tem de peor ou traduzindo-o com maior ou menor felicidade. Do theatro estrangeiro chega-nos a dôse annual que offerecem no Theatro Municipal á alta sociedade de S. Paulo, por preços elevados, e com a vantagem de não corromper a nossa lingua e os nossos costumes — a nossa lingua por que é na dos outros que nos proporcionam esse theatro e os nossos costumes porque, embora de uma moral deploravel, esse theatro é entendido por muito pouca gente...

Os nossos empresarios precisam convencer-se de que a mais singela comediasinha nacional, isto é, que desenhar os nossos costumes, a nossa gente e a nossa terra, vale mais para nós que todo o theatro francez e que o nosso publico comprehende mais a *Caipirinha* que *Misanthrope*. Os adulterios elegantes que o

theatro francez nos serve, com todas as perfeições de linguagem o de technica, interessam muito menos á nossa gente do que por exemplo, um episodio da nossa vida eleitoral...

Não quer dizer que devamos eliminar de vez o theatro estrangeiro. Não. Elle tem a sua utilidade: dá aos nossos escriptores optimas lições de technica e ensina aos nossos actores a arte do representar. Além disso, a literatura theatral de um paiz como toda a literatura em geral, não pôde isolar-se, intoiramente, da dos outros paizes. Ha na arte theatral de um povo, como em todos as outras artes ao lado da sua feição nacional, alguma coisa de universal, alguma coisa que a torna parecida com a arte dos outros povos e que é por assim dizer, o seu molde commum.

O que é necessario é que os nossos escriptores ponham dentro do seu molde commum um conteúdo nosso. O theatro que escrevem e o que chamam brasileiro ainda não tem esse conteúdo: ou não tem coisa alguma ou tem coisas alheias. E' um theatro vasio quando não é um theatro de emprestimo ou de franca rapinagem.

O caracter nacionalista das nossas peças só será completo, além disso, quando tivermos artistas nacionaes que as interpretem. Os que temos são poucos e, esses mesmos no geral, com uma educação theatral muito deficiente. Para constituir a companhia de S. Paulo, o dr. Gomes Cardim teve de recorrer em grande parte, ao elemento estrangeiro. Mas entre os poucos alguns existem com valor incontestavel. Dir-se-á que não chegam para as necessidades de uma temporada. Não ha duvida. Mas, com pertinacia e intelligencia, dentro de algum tempo chegarão. Aqui mesmo em S. Paulo temos onde lhes recrutar auxiliares e emulos. Não existe aqui um Conservatorio dramatico?

Porque não se hão de conjugar os esforços dessa instituição com as do grupo organisador da Companhia Dramatica afim de se aproveitarem no theatro as vocações que forçosamente se encontram entre os rapa-

zes e as raparigas que frequentam as aulas do conservatorio?

Qualquer tentativa nesse sentido seria de uma grande utilidade e teria, certamente, o apoio do publico e dos poderes estaduaes e municipal.

A commissão, chefiada pelo dr. Gomes Cardim, já fez alguma coisa. Faça um pouco mais e terá completado a sua obra meritoria.

O que não deve é parar.

BIBLIOGRAPHIA

A enxurrada de 1914 — Volta aos tempos de d. João VI? — por Lima Campello, Rio de Janeiro, 1916.

O sr. Lima Campello, vivendo retirado em seu Estado, sentiu-se impressionado com a marcha dos negocios publicos no Brasil. Assustou-se, muito justamente. O seu patriotismo, sincero e ardente, entrou a temer pela sorte da nossa nacionalidade. A quo praias desconhecidas irá dar a nossa desarvorada nau? Que rochedos não encontrará ella por ahi fóra, assim perdida, desmantelada, sem governo e sem rumo certo? — E, como não é politico, e não pode, pois, da tribuna do parlamento ou em entrevistas aos jornaes, contar ao paiz os seus receios e as suas tristezas, — pensou em escrevel-as e publicar-as. E' a razão do opusculo que temos á vista, cerca de 150 paginas largas de "critica social". Para o A. o nosso mal provém da falta de moralidade nos actos e de methodo no trabalho. Ou nós adoptamos logo, no exercicio da nossa funcção politica, aquellas duas virtudes, ou então devemos perder duma feita as esperanças, e aguardar, resignados, o momento fatal em que seremos vendidos na luta pela vida.

O povo brasileiro é, por indole, profundamente honesto, mas quasi todo analfabeto, ou pouco mais quo isso. Restam as classes intolletuaes, que, constituindo uma peque-

na "élite", governam ou desgovernam o paiz, ao sabor do acaso o das conveniencias do cada um. Ora, nessa classe privilegiada existem, entretanto, muitos homens de boa vontade. Para elles é que o A. appella, com calor e convicção, pré-gando "uma acção libertadora para saecudir o jugo dos tyrannos que nos agrilhoam". Ventilando varias questões de administração o politica geral, o sr. Lima Campello suggere alguns alvitres, com os quaes julga que nos salvaremos. Não é aqui logar para discutil-os... Mas, não podemos deixar de fazer votos para que os uossos prohomens attendam ao appello do A., e, comprehendendo as suas apprehensões, que são, afinal, a de muitos brasileiros — procurem dar á politica e á administração do paiz outro rumo que nos leve a bom porto.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS
E COISAS NACIONAES

VIGARIOS ESTRANGEIROS

Ha noticia de que os bispos e arcebispos brasileiros vão publicar uma pastoral collectiva, recommendando aos fieis o cumprimento dos deveres patrioticos, impostos pela gravidade da situação internacional. Apesar desses conselhos serem dirigidos directamente a todos os catholicos, é natural que maior divulgação lhes seja dada pelos sacerdotes, sobretudo pelos vigarios, em todas as occasiões propicias. Num paiz de analfabetos, como o Brasil, e em circumstancias como as deste momento, a palavra oral é um meio muito efficaz de propaganda. Ninguem melhor que os padres a pôde empregar em condições mais favoraveis. Quizesse o clero tornar-se o orgão de varios ensinamentos para aperfeiçoar as nossas pobres populações do interior, e além da missão religiosa que lhe incumbo caber-lhe-ia uma grande missão so-

cial, do resultados proficuos para a Nação inteira.

Parece, porém, que a primeira condição para despertar no clero esse interesse particular pela sorte da nossa gente, interesse que vá além da preocupação de salvamento das almas, é identificar todos os seus dirigentes, quer dizer, não só o episcopado, mas todos os vigários, capellães o coadjuutores, com os destinos nacionaes dos brasileiros.

O clero teve sempre um papel importante na evolução da nossa nacionalidade. Na Inconfidencia Mineira e na revolução de dezeseite, que foram os movimentos principaes a favor da Independencia, houve a collaboração ás vezes decisiva de sacerdotes, como a desse estoico Miguelinho, coroadó até pelo martyrio. Nos tempos tormentosos do primeiro reinado e da Regencia o clero deu á politica figuras de primeira ordem, de que Feijó póde ser apontado como exemplo culminante. E' possivel que as paixões partidarias afrouxassem o rigor do dever sacerdotal. Em todo o caso, o clero era uma força nacional, que resvalava naturalmente para o terrono onde se decidiam os grandes interesses do paiz. Até o fim do Imperio houve padres de partido em Provincias inteiras, no Pará, no Ceará, no Rio Grande do Norte, em Sergipo e em Minas Geraes.

A separação da Igreja do Estado e mais que isso a ausencia de partidos afastaram o clero da politica, donde desapareceram as agremiações definidas e duradouras, escolas de disciplina e de fé, cheias de attração para espiritos formados na obediencia da Igreja.

Coincidiu com esse facto o crescimento da população no ultimo quarto de seculo, o desenvolvimento material de regiões ainda hontem adormecidas ou desconhecidas, principalmente no Amazonas, em S. Paulo, em Matto Grosso, no Paraná. A administração ecclesiastica alargou-se em proporções exaggeradas e a criação de parochias e curatos correspondeu á proliferação dos bispos, muitos dos quaes sem meios para viver.

Parece que tambem a Igreja soffreu dessa febre de crescimento intempestivo, em que havia grande dóse de imprudencia nos saques sobre o futuro, sem reconhecimento bem medido das forças reaes que deveriam responder pela audacia dos sacadores. Enquanto tudo isso assim augmentava, um elemento diminuia: era a sympathia da mocidade pela carreira ecclesiastica.

Já havia alguns annos, antes da queda do Imperio, o phenomeno estava evidente. Até 1870, mais ou menos, era um signal de distincção para cada familia ordenar um filho. Depois, um sopro de scepticismo, emanado de novas doutrinas philosophicas, mudou o sentimento da juventude e enquanto as faculdades regorgitavam, os seminarios empobreciam de alumnos.

Com a immigração estrangeira, engrossada ha cerca de trinta annos, foram vindo levas de padres, a principio portuguezes e italianos, depois hespanhões, holandezes, francezes e principalmente allemães. Aos padres seguiram-se frades e freiras de varias ordens, que oncheram os conventos, quasi vãos desde a prohibição do noviciado brasileiro, sob o Imperio. O ensino em internatos, sobretudo femininos, ficou quasi monopolizado pelos collegios de religiosos estrangeiros. Os collegios dos padres brasileiros, outr'ora tão numerosos, começaram a fechar um a um. Ainda se apontam no Rio as grandes casas onde tantos delles floresceram. Começando em predios de aluguel, as novas casas de ensino foram-so dilatando, depois mudando para immensos immoveis, destinados a agasalhar centenas de alumnos. De norte a sul, notavelmento no Rio, em Petropolis, Nova Friburgo, S. Paulo, Bello Horizonte, S. Leopoldo, a grande massa desses edificios chama a attenção dos forasteiros.

Não só a educação da mocidade brasileira passou ás mãos das corporações religiosas de varias nacionalidades, cada uma das quaes procura incutir a influencia da respectiva raça no espirito dos seus alum-

nos, começando por arvorar nos salões retratos dos seus chefes de Estado, dos seus heroes e symbolos nacionaes, mas tambem a direcção espiritual das massas catholicas vacando pouco a pouco conquistada pelos vigarios estrangeiros. E' preciso que essa questão seja aventada e encarada de frente.

Acabo de sentir quanto ella pôde impressionar a um observador. Ha menos de um mez fui ver em Ouro Preto e Marianna os officios da Semana Santa. Queria avivar as recordações da minha infancia e fixar aquelles quadros, cheios de poesia, que me encantaram com o seu mysticismo os primeiros annos da vida. Só nas pequenas cidades do interior, onde ainda a fé floresce, só num daquelles remansos preservados das immigrações que desvirtuam a tradição, semeia dado viver, como aos quinze annos, aquelles dias consagrados pela Egreja á Paixão de Jesus.

Na sexta-feira fui assistir numa das matizes de Ouro Preto ao officio do dia. Ha um momento em que tres dos celebrantes deixam o altar e sobem aos pulpitos. E' o canto dos Evangelhos, narrando o martyrio do Christo, desde o momento da prisão, no Horto das Oliveiras, até o "consummatum est" na cruz sobre o Calvario. Um dos padros é o chronista que refere todas as scenas do glorioso supplicio; outro reproduz as vozes ouvidas aos personagens principaes da Synagoga, como Pilatos, que intervem no episodio fatal do julgamento; o terceiro é Jesus, grandioso na altiva sobriedade do seu falar. O côro representa o povo, gritando, bramindo, impondo a condemnação daquelle justo: "Crucifige eum! crucifige eum!"

A pobreza das vozes tirava todo sabor á largueza do cantochão. Mais que isso, porém, me impressionava a pronuncia latina de Jesus, cujo papel, de direito, deveria caber ao vigario. Informaram-me, então, que era realmente o vigario quem cantava e que o vigario era um padre hollandez.

Terminado o Evangelho, novo padre surgiu no pulpito, para prégar o sermão da paixão. A's primeiras palavras percebi que o prégador tambem era estrangeiro. Apesar do grande o seu esforço em pronunciar convenientemente o portuguez, deixava logo adivinhar a origem hespanhola, ás vezes claramente, como falando das "miradas" que deviamos lançar para a cruz no momento de adoral-a. Disseram-me que esse sacerdote fôra chamado especialmente de Bello Horizonte, como um luzeiro da tribuna sagrada. Não quero dizer do morecimento do seu sermão, pois ouvi, dos proprios que o mandaram vir, juizo acorde com o meu pensar.

De tudo isso, porém, ficou-me a triste impressão do que até no dominio das cousas espirituaes estamos cedendo dia a dia ao estrangeiro a posse de uma influencia que deveria estar em nossas mãos. Em fins do anno passado publiquei um livro para mostrar que a mocidade, está concentrando todas as suas aspirações no funcionalismo o nos varios diplomas de "doutor". Estes ultimos vão-se transformando um simples degráo para a preferencia a toda especie de emprego publico, e todo o orçamento está sendo convertido numa caixa de ordenados e pensões. As profissões que lovam á independencia pessoal e dispensam o amparo do Estado, concorrendo ao mesmo tempo para o augmento da riqueza publica, estão do preferencia nas mãos dos estrangeiros. A's mãos dos estrangeiros está passando tambem o ensino e até a direcção das almas.

O Brasil é um paiz carecedor de immigração e devendo promover a immigração; mas isso não quer dizer que seus filhos entreguem ao immigrante até os instrumentos moraes mais efficazes para influir na formação do espirito nacional. A nossa aspiração devo ser transformar o immigrante em brasileiro e não doixar que o brasileiro come os varios aspectos das differentes colonias que aqui venham viver. E' certo que

a superioridade technica e o adelantamento intellectual de algumas serão obstaculo á desejavel assimilação. Um dos meios de promovela é facilitar a fusão de individuos de varias origens, pondo-os em contacto com o velho elemento nacional e não consentindo a formação de nucleos de nacionalidades exclusivas, que entretêm na descendencia o espirito e a tradição da sua raça e até a lingua de seus paes. Além disso, o Estado e as grandes forças sociaes, podendo obrar nesse sentido, não devem abdicar nas mãos do estrangeiro funções creadoras e conservadoras do sentimento nacional.

Por mais livre pensador que seja um homem de Estado, tem de tomar na devida conta o fundo religioso do seu paiz. As religiões são grandes forças nacionaes, capazes de influir sobre problemas onde ás vezes não se deveria suspeitar da sua influencia. A questão do "home-rule" na Irlanda é, na realidade, uma questão religiosa entre a pequena minoria protestante, rica e poderosa do Ulster, e a enorme massa catholica, do mediocre valor economico. O clero, portanto, é um instrumento consideravel de preservação nacional.

Não se comprehende que o Estado tenha feito uma lei de separação amistosissima, para a Igreja viver ao seu lado melhor do que vivia antes, cultivando uma especie de alliança onde ella tudo obtem em honras e vantagens, e o Estado não veja até onde essa separação possa ser nociva aos interesses que lhe cabe defender. Parece que os nossos dirigentes politicos devem roubar algum tempo ás graves questões que de preferencia os preocupam e procurar conhecer a nacionalidade dos nossos vigarios coadjuutores, curas e capellães. Em poucos dias os governadores poderiam colher, nesse sentido, informações preciosas. E' preciso saber a que causas, a que influencias attribuir essa invasão de vigarios estrangeiros: si ha uma deserção ou uma preterição nacional.

O proprio episcopado brasileiro, cuja reunião se annuncia para breve com intuitos patrioticos, inspirados pelas inquietações internacionaes da hora presente, antes de tudo deve dar um balanço a esse respeito para ver a quem vae confiar a nobre missão de exaltar no animo dos brasileiros a paixão do Brasil. E' preciso verificar se o numero de padres mingouo tanto que já não seja possível preencher só com elles a direcção e os postos principaes das nossas parochias. Não haveria outra desculpa para os chefes das nossas dioceses, a não ser que elles estejam executando recommendações, ás quaes não se possam furtar. Elles estão vendo agora que de um momento para outro a direcção das almas tambem exige um sopro de inspiração patriótica. Si realmente não temos bastantes padres, ao menos aos que existem devem caber as melhores freguezias, as mais populosas, as mais importantes. Esses vigarios brasileiros constituiriam exemplos capazes de despertar no espirito dos nossos mancebos o desejo da successão. Si os brasileiros vivem á cata de empregos, o emprego de vigario não é para desprezar. Aliás, si os jovens de familias abastadas ou com recursos para prover a propria educação raream nos seminarios as dioceses abastadas devem promover a educação de meninos pobres, capazes de ser facilmente atraalhidos para uma carreira onde poderão elevar-se em dignidade social.

A tremenda lição dada ao mundo nestes dias calamitosos deve advertir todas as nações de perigos que até bem pouco tempo nem as mais atiladas tinham ainda previsto. A Igreja tem uma missão humana, acima das disputas das nações e das raças; porém, por mais que tenham celebrado ao altar o sacrificio do cordeiro immaculado, rarissimos padres terão substituído nas veias o sangue de seus paes pelo sangue de Jesus.

(Tobias Monteiro — *A Noite*, Rio de Janeiro).

A NOSSA POESIA

Entre nós, a literatura, desde os tempos colonias vive de méras imitações. A poesia que tem sido quasi a unica manifestação literaria que possuímos, é de terceira ou de quarta ordem. Basta para verificá-lo dizer que os portuguezes deste seculo não têm literatura de primeira mão; como nós outros, são imitadores mais ou menos habeis; e, apesar desso valor secundario, offeroem alguns nomes como os de Garrett ou Castilho, superiores a todos os nossos.

Gonçalves Dias, considerado o maior dos poetas brasileiros, é inferior a qualquer delles.

Em tempos mais proximos, entre os imitadores serodios e retardarios de Hugo, encontramos um hugolatra, Guerra Junqueiro, mais poderoso e opulento que Castro Alves.

Assim, a nossa inferioridade é evidente nesta serie de epigonos da poesia franceza.

Não escondemos, aliás, semelhante subalternidade e antes a confessamos nos arremedos o copias dos titulos e rotulos de escolas: tivemos romanticos, parnasianos, symbolistas, mysticos e quejandos flagellos mundiaes.

Ja so vô que a poesia é internacional, e o proprio desastre do *indianismo* do *tacape*, do *boré* e da esdruxula *inubia* dos nossos romanticos foi uma advertencia decisiva.

Entretanto, a respeito das nossas relações luso-brasileiras na poesia ha certos accidentes que convém lembrar, pois que são a nosso favor.

E' certo que vivemos secularmente da seiva portugueza. Os nossos antigos poetas, desde Gregorio de Mattos, vivem á sombra da poesia lusitana. A chamada *escola mineira* do Basilio da Gama, Santa Rita Durão, Claudio Manoel da Costa, é um ramo da Arcadia portugueza, toda formada ás margens do Mondogo. Portuguezes o brasileiros são nessa epoca essencialmente indistinctos. Entre elles ha apenas um poeta de genio, um luso-brasileiro,

Thomaz Gonzaga, nascido em Portugal e aqui victima da inconfidencia mineira.

Este Dirceu é um camoneano, em antagonismo com todos os arcades, e é seguramente o maior poeta do seculo XVIII.

Posta do parte, cá e lá, esta excepção gloriosa, não passam todos elles de seres gregarios, vivem em bando, formam tribu e escola o arremedam-se reciprocamente, a custa da seiva italiana do velho Sannazaro o das arcadias romanas.

Com a independencia do Brasil, as predilecções, em regra sempre as mesmas, começam a tomar um rumo novo e de longo curso. A educação superior, já então instituida na America, offerce-nos outras possibilidades. Podemos imitar as literaturas estrangeiras sem o intermedio portuguez.

Do facto, no seculo que acabou, antes de Portugal tivemos em primeira mão o romantismo. Magalhães precedo Garrett.

E' já muito a precedencia na imitação ou na renovação das fontes, embora essa prioridade não nos liberte, do assiduo influxo dos romanticos da antiga metropole. Emancipação politica e literaria.

Outra ascendencia ainda mais caracteristica, depois do romantismo. Portugal não teve nunca *parnasianos* de vulto, de inspiração e de technica; e tivemos, então, os nomes consagrados de Raymundo Corréa, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac.

Por esse tempo, os portuguezes não offerciam mais que um hugoano, Guerra Junqueiro, ou um poeta simplista inspirado, mas rustico, como João de Deus.

A poesia de Banville, Heredia, Gauthier, Lecomte do L'Islo não teve representantes em Portugal. O *parnasianismo* em lingua portugueza pode só ser conhecido naquelles nossos poetas Raymundo, Alberto e Bilac. Somos o unico porta-voz vernaculo dessa escola poetica.

Trata-se ainda de epigonos da poesia franceza, de influxo, aliás in-

superavel em todo o mundo latino; mas precedencia e privilegio aqui são nossos, e de grande esplendor.

O proprio hugonismo com as suas antitheses monstruosas e suas sobejidões verbaes, apezar de conhecido e aclamado, só veiu a ter uma expressão portugueza, digna de nota, em Guerra Junqueiro, quando entre nós era coisa velha desde os primeiros versos de Luiz Delphino aos das *Espumas Fluctuantes* e da legião dos chamados *condorceiros* da poesia nacional.

Tivemos em Alvares de Azevedo a poesia byroniana, de entre Byron e Musset, movimento original que tambem não descobrimos na literatura portugueza.

E' claro e nem me hão de fazer a critica mesquinha, de que affirmo tenham sido Byron, Banville ou Leconte de L'Isle, desconhecidos nas terras de Portugal. Foram naturalmente conhecidos e imitados; mas, dos seus epigonos ou discipulos nenhum é representativo.

De Hugo falava com entranhada admiração o velho Castilho e quasi se dava por discipulo do grande genio francez. Mas Castilho, conservador, classico e rigidó, de limitada imaginação verbal, nem de longe podia lembrar o liberrimo poeta francez.

Os portuguezes desconhecem inteiramente a nossa literatura. Não ha muitos annos um erudito do lá, benevolo e amavel, escrevia da sua admiração pelos nossos poetas e citava-lhes os nomes: *Gonçalo Dias*, *Alvaro de Azevedo* e *Castro Alva-*

res.

Apenas...

E' impossivel, pois, que reconheçam as precedencias apontadas.

Tudo isto que desalinhavadamente ahí está, vem a proposito da poesia novissima que entre nós parece já definitiva sob os nomes dubios ou incertos de *mysticismo*, *symbolismo* ou coisas que os valham.

Pouco importam os nomes; é uma poesia, de facto, nova e differente do *parnasianismo* caracterizado po-

la sua technica esculptural inteiramente classica, rigida e severa.

A poesia nova é livre no metro e na expressão, o seu rythmo tem o desalinho da prosa, variado e profuso; e tambem possui o seu vocabulario e os seus themas predilectos.

Os parnasianos, technicos, inflexiveis, não acompanharam essa evolução; intimamente detestam, acreditamos, essa poesia nova.

Ora, grave dizel-o: os parnasianos não têm razão alguma. A poesia é sempre a mesma, mas tem as suas modas.

E, em taes casos, a evidencia é um pouco arriscada.

Os srs. Alberto e Bilac fazem-se a si grande mal em teimar pela publicidade de inspiração inteiramente *demodée*, fóra de tempo, com a sua technica sempre rigida e perfeita, mas tendo a menos o frescor juvenil e a oportunidade agora extincta.

Os dois grandes poetas, já merecidamente consagrados, podiam conformar-se ás contingencias da nossa historia literaria que se faz sempre seguindo correntes externas, como acabamos de vêr, sem que as gerações influam umas, sobre outras.

Da mesma sorte que foram *parnasianos* de origem franceza contra os ultimos romanticos da sua terra, agora têm que ceder a outras correntes extranhas, renunciando a qualquer influxo sobre os homens novos.

A poesia *parnasiana* entre nós já se tornou fatigante em retardatarios, imitadores provincianos, que aprénderam as excellencias technicas dos seus mestres, egualaram quasi a sua perfeição, e, por assim dizer, banalizaram, até ao fastio, a sua esthetica.

Dahi, o desencanto de antigos segredos, o excesso de sonetos perfectos e inuteis, aos milhares, aos milhões, que causam terribes embarços a collectores latitudinarios e complacentes como o dr. Landelino Freire, e suscitam animosidades a criticos inhabeis da especie do que aqui escreve por dever de officio. (João Ribeiro — *O Imparcial*, Rio de Janeiro).

HOMENS
E COISAS BSTRANGEIRAS

EMILIO VERHAEREN

Eu conheci Emilio Verhaeren antes que a gloria e eroasse, antes que a homenagem dos seus entusiastas admiradores divulgasse o seu nome, reconhecendo nelle um dos mais altos e dignos representantes da poesia contemporanea. Por esse tempo, quando o seu tormento methaphysico e a sua angustia espirital se exprimiam no tryptico lyrico — *Soirs, Débacles e Flambleaux noirs* — o poeta tinha um aspecto que bem se conformava com a sua obra: e eu o vejo ainda, tal qual me appareceu um dia no meu gabinete em Bruxellas, magro e ossudo, com a physionomia sulcada pela dor, o os rudes bigodes flamengos, e os olhos claros, penetrantes; e tão cheios do energia e vontade, como o gesto decidido o o timbre martelado da voz. A sua obra futura se esboçava então, com todo o seu esplendor e toda a sua grandeza, naquella fronte obstinada e pensativa: passada a crise passageira, a obra devia repontar magnificamente, animada por todas as "forças tumultuosas" da vida. Porque este grande poeta — e é uma das suas caracteristicas — foi, a um tempo, um realista e um sonhador. Realista, pelo senso de observação pittoresca, pelas preocupações sociaes, pelo conhecimento do mundo moderno, pelo interesse com que acompanhava as manifestações organicas e mechanicas da nossa civilização; mas, dando á sua imaginação o fundamento da realidade, o poeta a ampliava e o deformava, com admiravel jogo de optica, até obter uma visão dramatica, epica ou lyrica, na qual o mundo obedecia ás leis da sua magia pessoal. Toda a obra do Verhaeren é fundada sobre este principio esthetic, ou antes, sobre esta facultade: ollo foi o evocador sincero do uma realidade magnificamente deformada, expressão dos mais generosos impetos, das mais nobres

idéas. Infinito amor e infinita piedade pelo genero humano, profundo o masculino affecto pela terra natal é o que transluz dessa poesia, cheia de respeito pelo passado, de confiança no futuro: e a alma do poeta so mostra inteiramente, com as suas violencias apaixonadas, chimeras passageiras, visões grandes e brutas, sensibilidade profunda. Para compôr essa obra, Emilio Verhaeren formára um instrumento admiravel, uma lingua bizarramente pessoal, original pela variedade do vocabulario (o seu vocabulario não excluía neologismos nem tecnicismos), e por audacias sympathicas que chegavam até a virtuosidade de singular effeito. Ser expressivo — era essa a preocupação constante do nosso poeta. E para sel-o, cada vez mais livremente, renunciou ao uso exclusivo do verso classico, e deixou-se guiar pelo seu fino senso do rythmo. Mesmo quando torna ás cadencias tradicionaes, o verso se torna, nas suas mãos, instrumento de justa expressão — o grita, tropeja, murmura ou canta em harmonia com a sua necessidade. Do Verhaeren do ha vinte e cinco annos, tal como o vejo commodamente em espirito, ao Verhaeren de hontem, que não veremos mais o que uma morte brutal arrancou á nossa admiração e á nossa amisade, que progresso seguro e ininterrupto, o que merecida celebridade! A sua fama crescia de anno para anno, porque, através do um labor incosante, desenvolvia, afinava a sua innata virtude poetica, potente como a do poucos poetas. Essa onda do poesia já se via nas exuberantes *Flamandes*, de sua primeira mocidade, nas estrophes sonoras o esculpturaes de *Moines*, o tornamos a encontrar nos *Villages illusaires*, nas *tentaaculaires*, *Aubes Philippe II*, cada vez mais abundante, mais rica, mais vibrante, ás vezes modorada até a doçura, outras exaltada até o phrenesi. Essa virtude que fez d'elle um grande poeta, um admiravel creador de imagens e de rythmos, evocador de potencia estranha, Verhaeren pôz ao serviço do seu impetuoso e universal amor da vida; e

essa vitalidade magnífica é que dá particular belleza á sua poesia, dotando-a do accento magico e singular força de encantamento. Quarenta annos de trabalho não tinham exaurido a fonte preciosa. Após um periodo de anciedade e melancolia, illuminado pelo lampejar dos *Flambeaux noirs*, Verhaeren tinha tomado definitivamente o seu rumo, e proseguia com segurança. O successo não o fez vaidoso: na gloria, foi sempre egual, continuou a ser um homem simples, conservou o seu coração fiel e a sua mão leal. Não a si, mas á sua poesia attribuia a honra de universal respeito de que se sentia rodeado. E como o tempo não conseguira enfraquecer o seu genio, longos annos fecundos lhe pareciam reservados. "Verhaeren, dizia-me um dia um amigo commum, terá uma velhice como a de Victor Hugo". Quem falava assim não sabia que prophetisava para o poeta belga o exilio da sua terra amada, nem um *Année terrible*. Mas se os fados negaram a Emilio Verhaeren a longa fecundidade do autor dos *Chatiments*, não lhe nogarão o ingresso entre os mortos que vivem eternamente porque em si resumiram um pouco da alma de um povo o da gloria de uma patria. (Henri de Régnier — *Mercure de France*, Paris).

A SEGUNDA REVOLUÇÃO RUSSA

A revolução russa de março de 1917 não surpreendeu senão os meios governamentais de Petrogrado, porque os acontecimentos que se desenrolaram na Duma, no 2.º semestre de 1916 e nos dois primeiros mezes deste anno, eram de molde a esclarecer os menos perspicazes. Era, pois, de prever essa crise do subversão. A luta incruenta que os progressistas e os socialistas sustentaram contra os successivos ministerios, o que custou a autoridade suprema de Goremykine, Sturmer e Trepof, não tinha as apparencias de uma luta parlamentar commum. Não eram partidos que lutavam, mas concepções politicas antagonicas. Os discursos de Miliukof,

de Korenski, de Chidlovski, de Chingaref, de Tchkeidó, e outros, muito antes de 9 de março, eram cheios de ameaças para o czarismo e para a dynastia dos Romanof. Ha muitas semanas, todo homem que reflectia tinha os olhos irresistivelmente voltados para a Russia. Percebia-se que grandes acontecimentos estavam lá em gestação.

A revolução seria longa ou rapida; tomaria o aspecto de uma derrocada ou de uma luta sangranta; imporia ao soberano uma abdicção ou uma alteração na sua prerogativa. Poucas pessoas, porém, suppunham que a revolução seria radical, a ponto de transpor a etapa do liberalismo constitucional para tomar o rumo da democracia social.

Os Miliukof, os Chidlovski e os Chingaref, reclamavam um ministerio responsavel. Para justificar as suas reivindicações, elles allegavam a impericia da maioria dos secretarios de Estado, as faltas grosseiras que tinham sido commettidas na conducta da guerra, e que valeram ao paiz as mais rudes decepções, os actos de corrupção, de concussão e de traição que so denunciavam publicamente ou em segredo. Apoiavam-se no descredite da autoocracia, que tinha provado, como em 1904, a sua incapacidade, a fraqueza das suas instituições e suas tativas incuráveis. Accusavam — e muitos factos lhes davam razão — o czar de mediocridade, de submissão a favoritos despudorados, de ignorancia das realidades mais evidentes; accusavam a czarina de negociações suspeitas com os inimigos da Russia; a burocracia de malversações e incuria; os ministros de indifferença aos grandes interesses nacionaes. Os argumentos que serviam a esses progressistas serviam tambem a propaganda dos "comités" operarios, os quaes, em 1914, nas vespers da guerra, já tinham rotomado a sua energia combativa. Esses "comités" operarios eram ainda mais levados a mobilisar os seus effectivos em março de 1917, porque reinava quasi miseria de cereaes — se o paiz é dos mais

ricos da Europa em cercaes — e porque uma enorme fermentação se fazia nas massas populares. A revolução foi realisada por elementos que não se haviam concentrado antes, mas que todos condemnavam um estado de coisas funesto. Os liberaes queriam a liberdade, e o proletariado pão. O exercito e a marinha soguiram o bloco progressista ou os agrupamentos socialistas, e o czarismo desmantolou-se sem resistencia, porque não tinha mais defensores. Nas suas reminiscencias publicadas recentemente o conde Bonkendorf, embaixador da Russia em Londres, ao qual succedeu Sasonof, escrevia: "Quando eu vejo os homens, que têm o dever de salvar o meu paiz — levarem-no ao abyssmo, minha dôr é indefinivel. Chama-se a isso cegueira voluntaria: não se quer nada, não se quer saber nada. Eu só almejo bem para a Russia, mas cada correio que me chega de Petrogrado me afunda mais ainda num triste pessimismo." E era um diplomata nomeado por Nicolau II que formulava taes pensamentos nos meiaados do 1916.

A segunda revolução russa ligase intimamente á primeira. Se as recordações de 1905 estivessem menos apagadas, ter-se-ia comprehendido melhor. 1917, e mais justamente apreciado, antes de 15 de março ultimo, o valor das forças da revolução que se exerciam no imperio. Se a historia do reinado do Nicolau II fosse mais presente aos espiritos ter-se-ia previsto a catastrophe quo devia terminal-o.

Houve quem quizesse descobrir no ultimo czar um liberal occulto, dando aos seus conselheiros toda a responsabilidade do seu absolutismo. A these não se sustenta, porém, quando examinamos os factos. A 29 do janeiro de 1895 o monarcha declarava quo "manteria o principio da autoeracia tão firmemente, tão obstinadamente quanto o tinha feito seu inolvidavel pai." Foi um verdadeiro programma que elle applicou nas suas relações com os seus "vassallos". Elle não accetava um "contrôlo", nem uma limitação, nem

reconhecia os "desiderata" mais legitimos dos grupamentos ethnicos: a Finlandia, cuja carta Nicolau rasgou em 1899, experimentava, como os escriptores livres, a dureza desse regimen. Não ha duvida que Nicolau II foi mal rodeado, mal informado, e, para julgar o pessoal que dominava na côrte, basta citar Pobedonotsef no principio e Protopopof no fim. Mas era o monarcha que escolhia esse pessoal, quo o conservava perto de si, e que, quando um dos seus secretarios de Estado merecia qualquer popularidade, o despedia: Sasonof foi assim sacrificado, porque vivia em boas relações com a Duma. Não ha duvida tambem que influencias occultas apreciavam o cataclysmo, mas Rasputine teria ficado no olvido se o favor imperial não lhe tivesse dado a mão. Na realidade, o czar não percebeu antes de 1905 a necessidade ineluctavol de uma evolução interior, nem depois de 1905 admittiu a transformação de estrutura que, entretanto, elle assignára. O famoso manifesto de 30 do outubro, que remonta a mais de 11 annos. sancionára a primeira victoria dos elementos operarios e liberaes; o terrorismo e o liberalismo antes o durante a guerra do Extremo-Oriente, tinham abalado o systema: houve os assassinatos de Sipiagume, de Bobrikob, do Plehrve, do von der Lantz, a petição dos Zemstvos, reclamando a liberdade politica, as autonomias locais e a criação de uma camara legislativa, a qual tinha sido rudemente repellida, — as greves e os fusilamentos de Petersburgo e o assassinio do grão duquo Sergio, quo tão profundamente abalou o imperio. Logo depois da outorga do estatuto de outubro, a fermentação continuava o se aggravaava: a marinha sublevava-se em Cronstadt e em Sebastopol; a desordem campeava nas provincias balticas; as barrieadas em Moscou. A burocracia não pensava senão em retomar o terreno que ella, theoreticamente, abandonara. A lei fundamental de 8 de maio de 1906 caracterisava-se pela ausencia do vocabulo constituição, e até dava ao imperador o po-

der autocratico supremo. Durante onze annos os primeiros ministros successivos — Goremykine, Stolypine, Kokotseb, e os mais recentes, tiveram a incumbencia de combater a representação nacional, de lhe isolarem as bases por meio de novas leis electoraes, de lhe reduzir as attribuições, de a desacreditarem por dissoluções brutas ou prisões ordenadas contra a lei, afim de prepararem a volta ao absolutismo puro e simples. Depois do grande esforço de 1905, a Russia se prostrára aos golpes do poder, como incapaz de defender, senão por tentativas terroristas individuaes, as liberdades que lhe haviam dado. Stolypine ponde assim proceder a 2835 execuções capitães por delictos politicos, em menos de dois annos, sem que a colera publica se fizesse sentir. Depois, o surdo trabalho do liberalismo e do socialismo — em propaganda paralela, retomou uma energia crescente, facilitado pelo desenvolvimento industrial, pela nova orientação diplomatica do imperio — que associava á alliança com a França a “entente” com a Inglaterra, — e pelas correntes de idéas que circularam no mundo e que a mais vigilante das policias não podia deter nas fronteiras. Quando a guerra européa se iniciou em 1914, a Russia parecia em vespera de uma revolução, que teria sido, principalmente, uma resposta á reacção burocratica dos ultimos oito annos. A guerra adiou a revolução, mas os acontecimentos interiores e militares deviam dar á crise uma intensidade excepcional e aos elementos de subversão uma potencia irresistivel. (Paul Louis — *Revue Bleue*, Paris).

O RENASCIMENTO CATHOLICO NA LITERATURA FRANCEZA

São cada vez mais frequentes e numerosos os signaes deste renascimento. Ahi está Paul Bourget affirmando desde 1889 no *Disciple*, a importancia de certas doutrinas para governarem a vida. Ahi está Joris Huysmans, sahido do naturalismo

(*A Rebours*), que depois de vagar pelos abysmos da demonologia (*Lá Bas*, nos refere em *La Route* as crises da sua conversão ao catholicismo, a que se sente attrahido por uma parte incomparavel e pelo fastio de uma vida sem fé. Paul Claudel, que deixa os symbolistas e torna á fé. François Coppée, que, ferido pela enfermidade, nos conta ingenuamente a sua conversão no prologo da *Bonne Souffrance*. E ahi está, enfim, Brunetière, que, depois de uma lenta approximação ao catholicismo, escreve *Aprés une visite au Vatican*, na vespera do seu famoso discurso de Lille, em que dirá ao mundo assombrado: “Se quereis saber o que creio... ide perguntal-o a Roma.”

E’ certo que são muitos os espiritos que não vão tão longe nas suas affirmações, que soffrem como Loti, na terra santa, dessa impotencia para erer que é o triste dom dos que peccaram muito com a intelligencia; que ha tambem os que, como Anatole France, perseveram no seu scepticismo o no seu diletantismo infecundo. Mas não ha duvida de que o mundo começa a comprehender, pelo menos confusamente, que “fora d’Elle não ha nada”. Nos dezeses annos do seculo actual, quanto já se andou! Os proprios incredulos tiveram que confessal-o. Anatole France, por exemplo, diz que “a nova geração sem ter fé, porque a fé já está perdida, affecta a esterioidade della”. Aos homens dos ultimos annos do seculo 19 — E. M. de Vogué, Paul Bourget, Ferdinand Brunetière, Joris Huysmans — vêm juntar-se outros, convertidos ao catholicismo, como o poeta Charles de Pomairols, herdeiro da tradição lamartiniana, como o poeta Francis James, o grande poeta franciscano das *Georgicas Christians* que affirma na primeira pagina da sua obra principal a intransigencia do seu catholicismo; como Charles Guerin, que conta as lutas entre a sua carne pagan e o seu catholicismo renascente; como Louis Bertrand, o forte novellista da *Invasion* que emprega os seus fervores de neophyto em resuscitar Santo

Agostinho; como Paulo Loevengord, que conta as magnificencias da liturgia; como Charles Péguy, cujos mysterios de Joanna d'Arte parecem emanar da mais pura Idade Media; como Paul Claudel, e maior dos poetas catholicos contemporaneos de França o de fóra da França, cujas odes e cujos dramas (*L'Arnoncée faite à Marie, L'Otage*) revelam uma plenitude de vida interior expressa numa linguagem magnifica; como Louis Le Cardonnel, o poeta sacerdote de *Carmina sacra*; como Albert Fleury, Adolphe Retté, Charles Morise, Ernest Psichari, e tantos outros.

Ha tambem outros escriptores que começam a fazer acto de fé, e cujas obras são já consideraveis. Taes René Bazin, o grande novelista social, de um realismo sympathico, da *Terre que meurt*, da *Donatienne*, *Les Oberlé*; Jean Nesmy, Henry Bordeaux, que consagrou o seu fino talento de observador a estudar a organização christan da familia em livros como *La Croisée des Chemins*, e sobretudo *La Maison*; Emile Bauman, Robert Valéry-Radot, François Mauriac, André Lefon, Henri du Roure, Maurice Brillant, Amedé Guiard, André Lamandé, A. Paysant, Martial Piéchaud Charles Grolleau, Armand de Praviel, Paul Bronté, François Cailhard, Olivier Honzcade, Louis Mercier, Louis Pize...

Além dos que affirmam a sua filial submissão aos ensinamentos da Igreja catholica, existe uma poderosa corrente de sympathia pelo catholicismo, cujo representante, Maurice Barrés, foi conduzido, pelo culto da patria, e dos mortos, a considerar o problema religioso e a necessidade de uma disciplina para a vida da alma (*La Colline inspirée*), e a defender contra os ataques da barbaria e da impiedade o thesouro espiritual que as igrejas representam (*La grande pitié des églises de France*). (Juan de Hinojosa — *La Revista Quincenal*, Barcelona).

A INDUSTRIA DO LIVRO NA FRANÇA

Esteja proxima ou longinqua a paz, é tempo de falarmos do livro francez. Durante quatro soculos a superioridade do livro francez foi inconstetada. A sua decadencia começou em 1900. Em 1899 foram exportados da França 14.130.000 francos de livros; já em 1900 a exportação baixou a 10.338.000. Não se pode attribuir essa redução á inferioridade da produção intellectual franceza, porque, nestes ultimos annos, têm sido publicadas obras de grande valor. O que é preciso reconhecer, para explicar esse facto, é que os livros de leitura commum, em vez de attrair o comprador, o repellem graças á sua impressão defeituosa, ao papel inferior e ás capas desclegantes. E' de lastimar que obras literarias, historicas ou scientificas, reconhecidas como excellentes, se tenham tornado raras em França, porque não se reimprimiram. O sr. Henri Clouard fazia ha pouco conhecer as sommas enormes necessarias para a acquisição dos *Principes de Géométrie* de D'Alembert, do *Traité des Sensations*, de Condillac, e das obras completas de Laplace, que existem só na inacessivel edição da Academia das Sciencias. Não ha uma edição, ao alcance de todos, de Froissart, de Montluc, do *Plutarcho* de Amyot; não ha uma edição completa, em volumes de baixo preço, dos grandes poetas da Renascença, de Ronsard, de du Bellay e de outros, cujos trechos são muito lidos nas Anthologias. No campo dos livros escolares as coisas não vão a melhor. Em geral, basta um nome de um commentador ou do autor do prefacio para fazer aceitar o livro nas escolas. E entretanto livros que não se encontram nas colleções francezas, são encontrados nos catalogos allemães. Basta dizer que na *Bibliotheca germanica*, da Allemanha foram publicados no texto original, Ronsard e du Bellay, como tambem Danto, Petrarca, Boccaccio, Calderon e Cervantes.

Deploravel é pois a improvidencia dos editores francezes, os quaes,

por uma economia mal entendida, confiam a impressão dos seus livros a estabelecimentos belgas, allemães ou inglezes. Para avaliar-se a situação da industria do livro na França, bastam os seguintes dados referentes aos livros, periodicos e opusculos, feitos em lingua franceza e importados na França: em 1912: 7.506.000 francos de livros; 13.753.000 francos de periodicos e 2.395.000 francos de opusculos. Em 1913, respectivamente: 8.869.000 francos, 16.685.000 francos, 3.504.000 francos. Em 1914 primeiros mezes: 6.513.000 francos, 13.805.000 francos e 1.693.000 francos. Se as coisas continuassem assim, a arte da impressão na França, apesar de todas as glorias passadas, seria logo coisa morta.

Ora, é preciso reagir contra isso, cuidando amorosamente das novas publicações francezas. Quo é preciso, para fazer um livro? — Uma boa impressão, obtida com caracteres elegantes, adequados ao texto, bom papel, uma bella capa. E que os oditores dêem a mão aos escriptores noviços, os quaes, em geral, não encontrando editores no seu paiz, procuram os do estrangeiro. E' preciso tambem que os proprietarios do estabelecimentos typographicos sejam menos avaros, mais generosos com os technicos renovando sempre o seu material e tendo nas suas officinas os mais habéis operarios. A educação profissional tambem precisa ser reformada, afim de que forneça bons technicos. Ha ainda que attender ao papel. O papel feito de madeira estraga-se facilmente. Os inglezes substituiram, na fabricação do papel, o esparto ás madeiras. As fabricas de papel francezas podoriam fazer o mesmo, mandando buscar esparto na Argelia, onde elle abunda. Além disso, ha outras substancias, com que se pode fazer optimo papel. Deve-se cuidar tambem de tornar as capas atrahentes, mas de todos os livros e não apenas dos grandes escriptores. (Charles Saunier — *La Grande Revue*, Paris).

OS ESTADOS-UNIDOS E O COMMERCIO MUNDIAL

Tem-se falado muito do extraordinario commercio norte-americano, pesando enormemente sobre o commercio mundial, mas não se recorreu ainda ao unico meio admissivel para se conhecer a verdade: as estatisticas. Nos sete primeiros mezes de 1914 a exportação dos Estados Unidos foi de 1.178.678.000 dollars, ao passo que no periodo correspondente do anno passado atingiu a 2.892.712.000 dollars. São esses os dados do Departamento do Commercio, os dados mais recentes e os mais importantes, pois os primeiros sete mezes de 1914, estando o mundo em paz, representam o commercio normal dos Estados Unidos; ao passo que nos primeiros sete mezes de 1916, a industria europeia e mesmo a americana se achavam em situação anormal, exportando os Estados Unidos productos que só elles possuíam. Assim, o augmento de cerea de 1.700.000.000 dollars ó produzido pela guerra.

E' licito agora levantar uma questão: qual será o commercio norte-americano, logo que se acabe a guerra? — As estatisticas dizem que esse grande augmento do commercio não pode durar depois da guerra. Mas, continuarão os alliaados a adquirir nos Estados-Unidos com a enorme largueza de agora? — Está claro que os productos bellicos estão excluidos desta questão. Mas os outros, os que a guerra destruiu na Europa, e o ferro, o aço, as madeiras, productos manufacturados, etc? Segundo os optimistas, a exportação dos Estados-Unidos será ainda maior depois da guerra. E' preciso, porém, recordar que as nações tenderão a reconstruir economicamente, pouco a pouco, tudo quanto a guerra arruinou, como o individuo rico que, ferido pela desventura, refaz lentamente a sua fortuna pela economia, evitando o luxo. E é preciso lembrar ainda que o europeu não tem, como o norte-americano, a paixão de especular e de arrisear: ao contrario, o euro-

peu baseia o futuro sobre o passado. As cidades, formadas em seculos, não podem reconstruir-se num dia, nem ellas o desejam: cada geração tem a sua tarefa: que tenha tambem a sua — embora pesada — a geração futura.

Restará contudo aos Estados Unidos um producto de exportação, que, embora não appareça nas estatisticas officiaes, será durante muitos annos boa fonte de riquezas: o credito. Desde o principio da guerra até o presente, os Estados Unidos deram ao mundo emprestimos no valor de cerca de dois bilhões de dollars, a juro de cinco a seis por cento, o que significa uma entrada de cem milhões de dollars ou mais, pagaveis aos Estados-Unidos. Alem disso, estes compraram na Europa os titulos proprios, no valor nominal de dois bilhões de dollars, com um juro annual medio de cem milhões de dollars. Assim, os Estados-Unidos terão tido com a guerra um luero que orçará por 200 milhões de dollars por anno. (A. M. Low — *North American Review*, Nova York).

VARIÉDADES

OS PÉS DOS COMBATENTES

Antigamente diziam que a acção de um exercito depende do estado do seu estomago. Não é verdade: a acção do um exercito depende do estado dos seus pés. Quando os pés dos soldados se acham doentes, o exercito caminha pouco e vagarosamente. E essa é a razão pela qual nas casernas e nas repartições sanitarias militares se presta hoje uma attenção que pode parecer exagerada ao estado dos pés. Um homem caminhará durante um dia ou dois sem alimentar-se, mas não caminha se lhe doem os pés. O soldado da infantaria em marcha traz consigo trinta kilos do peso morto, de mochila, espingarda e munições; não pode mover-se livremente, dovendo regular a sua marcha pela dos outros; atravessa terrenos de toda

qualidade, gelo ou lama, rocha ou areia. Em geral, não tem meios de mudar de calçado e traz o mesmo par de sapatos dia e noite, molhados ou enxutos. So os sapatos apresentam algum defeito o se os pés não se acham bem sãos, uma semana depois o infeliz não se pode conservar de pé. Nos primeiros tempos da concentração das tropas no Texas, o exercito americano adquiriu dolorosa experiencia acerca dos pés dos soldados. "Dezenas de homens, disso o relatorio official, tiveram de ser recolhidos ás ambulancias por causa dos pés doentes." Mas, em auxilio dos militares surgiu então um propheta, o major modico William W. Reno, que se propunha, pura e simplesmente, conservar o exercito americano "de pé". Estabeleceu um systema de inspecção dos pés, o consequentes correções dos sapatos, e nos ultimos seis mezes elle examinou cerca de 250.000 pés, prescrevendo a cada um a medida do sapato com uma exactidão que attingia até o quinto do centimetro. Recorda o major Reno que os povos que andam descalços ou calçados de sandalias marcham melhor do que os que trazem sapatos. Os índios dos Estados Unidos o do Mexico são capazes de caminhar todo o dia, e durante muitos dias, sobre arcias ardentes ou asperas rochas, sem sentirem os pés doloridos. Os índios do Mexico resistem mais longamente a pé do que a cavallo. Os homens civilizados passam mais tempo sentados do que os seus antepassados, e por isso não sabem caminhar como elles.

Todo calçado limita a liberdade dos pés o necessariamente lhe atrophia alguns musculos. O pé normal, o pé do um menino, do um arabo, do uma dançarina descalça, é muito flexivel. E assim deveriam ser todos. Mas é inutil revoltar-se a gonte contra a tyrannia dos sapatos, porque não ha esperança de a abandonar. O que é preciso é attenuar os seus danos. E' de lamentar que, desde creança os homens não tragam sapatos rigorosamente adoquedos aos seus pés. Quando chega á idade militar, os

seus pés estão já deformados e contorcidos / tanto que já perderam grande parte da sua primitiva agilidade o resistencia.

E' interessante a inspecção dos pés no exercito norte-americano. A inspecção se faz, de cada vez, num regimento ou num batalhão. Os homens se dispõem em fila, com os pés nu's e bem lavados, deante da tenda onde so faz o exame. Entram de cinco em cinco, e, na tenda, senta-se cada um sobre uma grande taboa, pondo os pés sobre um papel branco. Os medicos traçam rapidamente os contornos do pé com um lapis; depois examinam as condições de cada pé. Um secretario, perto, vai escrevendo todas as observações e o numero do modelo. Num regimento de infantaria norte-americano, em 1087 homens examinados se encontraram somente 290 pés sãos; 476 usavam sapatos muito pequenos, de, pelo menos um numero ou dois abaixo do normal. O numero dos callos subia a 750; a das unhas encravadas a 762, etc. E' de espantar que um regimento assim pudesse andar. E não era uma excepção! (John S. Gregory — *World's Work*, Nova York).

O USO DO ASSUCAR

De 208 fabricas de assucar que se exploravam em França, antes da guerra, 138 estão situadas nos territorios invadidos ou na zona de combates. As 70 usinas restantes foram, ellas tambem, duramente attingidas pelos resultados da guerra. Em primeiro lugar, a mobilisação as privou de uma mão de obra, difficil de substituir; porque a fabricação do assucar exige especialista, e não é do dia para a noite que se arranja um desses operarios. Além disso, os "stocks" do carvão foram requisitados, e foi preciso reconstituir novos aprovisionamentos e por preços que cada vez estão mais elevados. A essa alta do preço do combustivel precisam juntar-se a do acido sulphurico, a dos oleos, etc. Emfim, a materia prima escasseou muito, por effeito da occupação pelo inimigo de vastos campos de

beterraba. Não ha, pois, nada de espantar nos preços do assucar nem na insufficiencia da fabricação. Em 1913 a produção foi de cerca de 900.000 toneladas. No anno passado essa produção não passou de 150.000 toneladas, e, como o consumo ultrapassou de 700.000, foi preciso recorrer á importação. Mais de 500.000 toneladas foram compradas no estrangeiro e mais de cem milhões de francos saíram de França.

Assim, foi preciso tomar medidas para reduzir ao estritamente necessario a sahida do numerario, que pesaria enormemente na fortuna nacional, tanto mais quanto os fretes se tornam cada vez mais caros. As circunstancias presentes justificam, pois, a limitação do consumo; mas isso não é senão um expediente passagreiro, uma solução provisoria.

Nós poderíamos, sem duvida, dispensar o assucar, porque os antigos não o conheciam e não tinham senão mel para preparar bolos e xaropes. Embora a canna do assucar fosse conhecida dos gregos desde as conquistas de Alexandre, o caldo que se extráo della servia apenas de medicamento, reservado aos ricos. Faziam-no vir da India onde a arte de purifical-o alvojal-o e crystalisal-o só mais tarde foi empregada. Os arabes conheceram o assucar refinado muito tempo antes dos europeus, que começaram a fazer uso d'elle só no seculo 14. Os primeiros documentos que fazem menção disso são uma conta do anno 1333, para a casa de Humberto II, Delphin de Viennois, e uma ordem do rei João, datada de 1353. O assucar chegava então da India pela via de Alexandria onde os navios de Veneza iam buscal-o, para vendel-o a toda a Europa. Descoberto o Cabo da Boa Esperança, o monopolio do assucar passou para os portuguezes, depois para os holandezes, e para os inglezes. Até o seculo 16, o assucar não era mais que um medicamento, raro e caro, e só encontrado nos boticarios que o vendiam ás onças. Entretanto, os assucares das Canarias e das illas

do Cabo Verde começaram a fazer concorrência ao da Índia e pouco depois começou a chegar o da America. Emfim, em 1695 as colonias francezas das Antilhas produziram assucar bastante a satisfazer as necessidades da metropole. Contudo, pouco antes da Revolução o assucar valia ainda, na França, 5 francos a libra. O assucar de beterraba, descoberto em 1796 por Charles Achard, só se tornou objecto de uma industria importante depois de 1830, quando os processos da fabricação foram aperfeiçoados por Cellier, Laporte, Mathieu do Dombasle, Dufrenfaut, Charles Derosno, François Cail, etc. O preço baixo do assucar e o seu uso generalizado são factos muito recentes.

Seja como fôr, os nossos contemporaneos já se acham tão habituados com esse alimento, agradável e são, que agora já será muito difficil, já não dizemos do privar os dolle, mas de restringir o seu consumo habitual. Aliás, é um erro tentar substituir o assucar por outra qualquer substancia, do gosto equivalente mas desprovido das mesmas propriedades nutritivas. Os jornaes annunciaram ha pouco que o governo italiano tinha resolvido autorisar a venda de um producto de base de saccharina "que poderia substituir vantajosamente o assucar". Porque deixar que se propague no publico esse erro? A saccharina não é um alimento: dá somente a illusão do assucar, ao passar pelo véo palatino, e atravessa em seguida o apparoelho digestivo sem se assimilar. E' por essa razão que os diabeticos acreditam poder adoçar com ella as suas bebidas, o quo, entretanto, não deixa de apresentar inconvenientes, a julgar pelo testemunho de um neutro que partiu da Prussia em dezembro de 1916, e prestou ao *Times* varios esclarecimentos sobre a situação interna da Alemanha. Diz elle: "A saccharina é empregada em lugar do assucar, mas causa doenças de garganta e dysenterias, assim como o café artificial que é uma bebida horrivol." (E. C. — *Revue Scientifique*, Paris).

A MÃI DA MARINHA BRITANICA

Abro o *Who's who*, manual biographico dos personalidades contemporaneas notaveis e lei: "Weston, Miss Agnes; acclamada em lois *ad honorem* da Universidade de Glasgow. Nascida em Londres, onde seu pai exerceia a advocacia. Fundadora das casas dos marinheiros em Portsmouth, em Devonport e em Keyham. Endoreço: *Royal Sailor's Rest*, Portsmouth." E' pouco, para dizer dessa mulher que ha mais de quaranta annos, através de obstaculos do toda especie, dá vida a um organismo que exerceu e exerce onorimo influencia sobre a marinha britannica, proporeionando bem estar aos marinheiros que, em paga desses serviços, a condecoraram com o titulo de Mãe: *Mother Agnes*.

A obra de Ignez Weston é synthetizada no seguinte trecho do um discurso pronunciado em 1905 por lord Charles Beresford: "Vou referir-vos alguns factos que desejaria fossem conhecidos do publico de toda a Europa. Essas casas do repouso e conforto em Portsmouth, Devonport e Keyham custaram: em Portsmouth 140.000 libras esterlinas; em Devonport, 120.000; em Keyham 8.000. Um total de mais de um quarto de milhão de libras. Essa bella somma foi recolhida graças á energia e ao trabalho altruistico de duas mulheres, as senhoras Weston e Wintz.

Num só mez, 12.600 marinheiros dos navios britannicos occuparam igual numero de leitos nessas casas, e em 1845 o somno desceu sobre outros tantos colohões estendidos, sobre o solo porque os quartos de dormir oram insufficientes para as necessidades. Num só anno esses quartos de dormir tinham hospedado 352.345 marinheiros. Ainda vos não disse, porém, que estes grandes estabelecimentos prosperam."

De 1905 até hoje foram dados á casa do Devonport mais 900 quartos de dormir, á do Portsmouth 700, o á de Keyham 200. Esses pequenos aposentos são modelos do austera elegancia em que domina o exagerado asseio hollandez, tão grato aos

homeus do mar. Quasi todos foram dados por bemfeitores, em memoria de amigos e parentes. Trazem assim uma pequena placa de bronze, com a indicação do bemfeitor o do motivo que o levou ao beneficio. Um pequeno quarto de dormir desses custa 30 esterlinas, alugando-se aos marinheiros ao preço de 60 centesimos por noite. Ha banhos tambem, custando cada um 30 centesimos. Em Portsmouth ha por semana uma media de mil banhos.

Mas não basta proporcionar a Jack um bom somno em lençoes alvos e um bom banho com sabão (O sabão é a alegria de todo o marinheiro). E' preciso ainda dar-lhe de comer. *Mother Weston* e a sua companheira pensaram nisso tambem. E os marinheiros têm alimentação das 5 da manha ás 8 da noite, sendo prohibidas as bebidas alcoolicas. A pedra angular da obra de *Mother Agnes* é a sobriedade. "Torna sobrio o marinheiro o não ha nada no mundo que elle não consiga fazer", diz ella no seu livro *Life among the Bleu Jackets*. Este axioma tanto quanto a publicação da Revista illustrada *Ashore and Afloat* poz ao lado da sra. Weston todos os almirantes da marinha britannica. A Revista, que é obra de propaganda, tendo uma carta de *Mother Agnes* aos seus filhos, é distribuida gratuitamente em todos os navios da armada britannica. A sua tiragem é de 80.000 exemplares, com uma tiragem especial de 10.000 exemplares destinada á marinha japoneza. (Jack la Boliua — *Il Marzocco*, Florença).

LEIPSIG, A CAPITAL DO LIVRO

Leipsig era, antes da guerra, a capital do livro, não só da Alemanha, mas do mundo inteiro. A reputação de algumas livrarias de Leipsig é devida ás suas publicações importantes e á sua existencia mais que centenaria. A casa Breitkopf e a casa Haertel existem em Leipsig desde 1719; a Brockhaus desde 1817.

Leipsig tem estamparias, fundições de typos, estabelecimentos de gravação, officinas de enadernação. Pouco a pouco foi-se concentrando lá a imprensa musical e a das cartas geographicas. Mas o que constitue a verdadeira originalidade de Leipsig o lho assegura o predomínio das edições, é a maneira como se faz o serviço de commissões: 160 livreiros commissarios operam como mandatarios dos 13.000 editores e livreiros do imperio allemão e dos 1500 ou 2000 livreiros allemães estabelecidos em toda as partes do mundo. Esses commissarios não recebem somente ordens, e não fazem somente negocios por conta do outrem: aceitam tambem volumes em deposito, edições inteiras, substituindo-se, mediante uma commissão de 2 0/0, aos editores proprietarios. Dessa forma, certos editores têm uma clientela univorsal e podem negociar como se tivessem vastos estabelecimentos. Jules Huret, no seu livro *La Bavière e La Saxe* conta o sou espanto quando foi visitar o proprietario dos Guias Baedeker, cucontrando-o num escriptorio modesto e tranquillo. O trabalho dos Guias Baedeker faz-se todo na casa Breitkopf. Ao contrario, estão longe de ser silenciosos os locais da Casa Volkmar ou das outras casas commerciaes, que têm clientes aos milhares. E a actividade dessa casa corresponde á das estradas do ferro. Duas vezes por semana 21 vagões especiaes, carregados de livros, partem de Leipsig a grande velocidade, em todas as direcções. E, ontretanto, a tarifa dos livros é a da pequena velocidade.

A liquidação das contas entre os revendedores dos livros de todas as partes do muudo e os grandes commissarios de Leipsig, se fazem algumas semanas depois da Paschoa, justamente no tempo em quo se abre a feira dos livros. Então a *Deutsche Buchhändlerhaus* (Casa dos livreiros, a *Buchgewerbehaus* (Casa dos typographos), o os museus o as exposições que contêm, são invadidos por uma multidão de expositores e visitantes.

AS CARICATURAS DO MEZ

UMA SAHIDA



Nilo — Eu acabo resolvendo esse negocio do frigo, appellando para o arrozal de Pendotiba.

(“Careta” — J. Carlos)

DESPEDIDA



Lauro — Ao successor à sahida,
Desejo na pasta sorte.
Não seja um meio de vida,
Nem seja um meio de... morte...

(“Jornal do Brasil” — Luiz)



John Bull — Olá, Tio Sam. Como vae essa bizzarria?... Cada vez mais bonito..., Você pode me arranjar *algum* ?

(“Careta” — J. Carlos)

13 DE MAIO DE 1917

A ESCRAVA BRANCA



No fronco

("O Palz" -- *Julião Machado*)

COMMUNICADO AUSTRIACO

MÃO PRESAGIO



Varremos o inimigo em toda a
extensão da nossa frente...

("A Cigarra" -- *J. Carlos*)



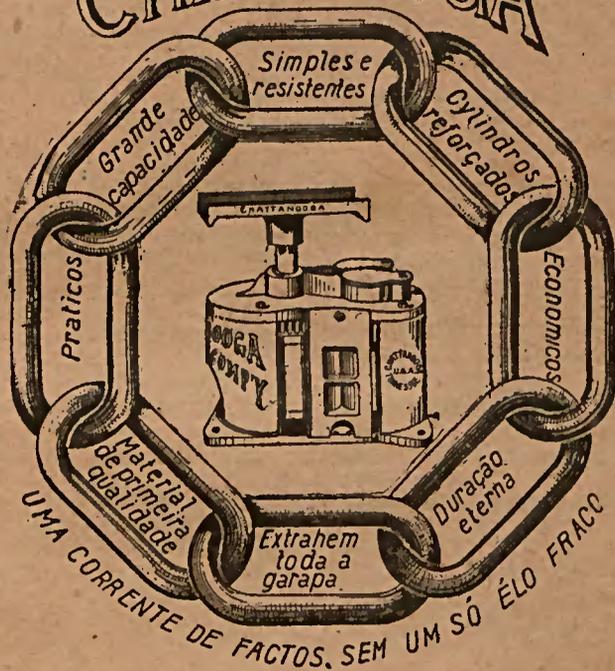
Kaiser — Quando houver tempo,
havemos de mudar o curso do sol.
Esta luta contra ingleses nos obriga
a marchar para o *occidente*.

("Carêta" -- *J. Carlos*)

O nome "CHATTANOOGA" estampado num
engenho de canna é uma garantia de superioridade

ENGENHO DE CANNA

"CHATTANOOGA"



O facto de serem os engenhos de canna "CHATTANOOGA" os
MAIS BARATOS EM PREÇO, OS MAIS EFFICIENTES EM FUNC-
CIONAMENTO E OS MAIS DURAVEIS, é prova evidente de sua
superioridade.

Temos sempre um grande "stock" de engenhos "CHATTA-
NOOGA", eugenhos a mão, a força animal e a força motora, como
tambem alambiques para aguardente, tachos para garapa, turbinas
para assucar e emfim tudo que se relaciona com a cultura e moagem
de canna.

IMPORTADORES.
F. UPTON & C.

LARGO S. BENTO, 127 AV. RIO BRANCO, 18
SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO

Desejando receber a nova
circular illustrada, referente
aos ENGENHOS

"CHATTANOOGA"

cortem este annuncio e en-
viem-nol-o junto com o seu
NOME e ENDEREÇO

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Traversa da da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correo 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Saia 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Geneva e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças-Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE VIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Traversa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Traversa do Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Traversa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rúa Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emilio Rocco — Novidades em case-

mira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, caudelas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo

— A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

△ SECÇÃO DE OBRAS DO △
O ESTADO DE S. PAULO

EXECUTA-SE QUALQUER
TRABALHO TYPOGRAPHICO

RUA 25 DE MARÇO, 145
TELEPHONE 725 S. PAULO

Loteria de S. Paulo
Para S. Pedro, 28 de Junho

200:000\$000

em 3 grandes premios

de { 100:000\$000
50:000\$000
10:000\$000 } por 9\$000

Os bilhetes estão á venda nas Agencias Geraes

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os julzes, promotores e delegados de policia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373



REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA

A maior, a mais completa, a mais util, a mais lida e a mais interessante revista cômmercial, economica financeira do Brasil. Collaborada pelos mais eminentes economistas, juriaconsultos e contabilistas brasileiros. Unica publicação nacional que traz os seus leitores ao corrente dos progressos, das necessidades e da situação do commercio, da industria e das finanças do país. Já está no seu 3.º anno de publicidade. Responde gratuitamente a quaesquer consultas dos seus assignantes.

Assignatura Annual 10\$000

Envia-se um numero GRATIS a quem o pedir ape

EDITORES: OLEGARIO RIBEIRO & Co.

CAIXA POSTAL, 1172 - SÃO PAULO

Redac.: R. Direita, 27 - Offic.: R. Dr. Abranches, 43

REVISTA FEMININA

Directora: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

S. PAULO—Rua 15 de Novembro, 33 (sobre-loja)—Telephone, 5661

A REVISTA FEMININA é uma publicação dirigida exclusivamente por senhoras e que se dedica com especial interesse a todos os assumptos femininos.

Recommenda-se especialmente pelo criterio com que é dirigida, contendo leitura escolhiðissima e de moral impeccavel, pelo que é a verdadeira revista do lar, que pôde ser lida por senhoras e senhoritas. Chrysanthème, a chronista das segundas-feiras do "Paiz" do Rio de Janeiro, referindo-se á "Revista Feminina", escreveu:

"NÃO HA NENHUMA OUTRA QUE A IGUALE. — TODAS AS SENHORAS BRASILEIRAS DEVEM LELA E DAL-A A LER A'S SUAS FILHAS"

SECÇÕES de modas, bordados, trabalhos de agulha, artes applicadas, metaloplastia, pyrogravura, estanho repoussé e outros.

SECÇÕES de educação social, de educação privada.

SECÇÕES de hygiene domestica, hygiene alimentar, hygiene do vestuario.

SECÇÕES de ornamentações, estylo e decoração.

AMOSTRAS de trabalhos, figurinos e modelos.

RECETAS originaes de fogão e forno.

SERVIÇO completo e perfeito de remessa para o Interior e artigos para trabalhos.

A assignatura custa apenas 8\$000

Um numero specimen remetteremos a todas as pessoas que nos enviem este coupon da "Revista do Brasil" e 600 réis em sellos do correlo.

Dirijam suas cartas á Directora
VIRGILINA DE SOUZA SALLES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 (sobre-loja) — S. PAULO

Srs. lavradores e industriaes!

Como substituir o trigo ?

Não nos devemos surpreender se, — em consequencia das difficuldades oriundas da guerra — fór totalmente impedida, para o futuro, a exportação da farinha de trigo para o Brasil.

Nem tão pouco devemos considerar indispensavel aquelle alimento, que podemos perfectamente SUBSTITUIR por outros igualmente nutritivos.

Do milho, por exemplo, faz-se uma variedade infinita de farinhas, e assim tambem da mandioca — para não citar as numerosas feculas que constituem a riqueza do nosso sólo privilegiado.

Os lavradores brasileiros devem rejubilar-se com as difficuldades que vão apparecendo relativamente á vinda da farinha de trigo do estrangeiro — pois que isso concorrerá para valorisar productos do nosso sólo, criando para o paiz novas fontes de renda.

Ja se accentua por toda a parte a grande procura do FUBA' DE MILHO, para as suas innumeradas applicações; os productos extrahidos da MANDIOCA vão tendo, igualmente, boa collocação em todos os mercados.

Resta que, para a exploração destas industrias de tão grande futuro — os srs. lavradores e industriaes procurem machiulismos que se recommendem pela sua PERFEIÇÃO e resultados praticos.

Nós temos os melhores MOINHOS HORIZONTAES PARA FUBA', com legittimas pedras ituanas desde 16" até 44", para produzir de 5 até 40 alqueires por dia, e de custo desde 400\$000. fabricamos tambem MOINHOS PARA FUBA' COM RODIZIOS, muito proprios para as fazendas onde haja uma pequena agua a aproveitar, com queda desde tres metros para cima — molinos estes extremamente simples, podendo trabalhar dia e noite sem interrupção e sem vigilancia.

Para a fabricação da FARINHA DE MANDIOCA, fornecemos installações COMPLETAS, comprehendendo: — lavador de mandioca, cevadeira para ralar, ferragem de prensa para a massa, torrador cylindrico, aperfeçoado, prensa mecanica para separar, e machina completa para bater e coar a farinha. Esta installação é para uma produção de 1.000 kilos de farinha por dia. — PREÇO TOTAL: — 4:000\$000. — Installação verdadeiramente economica, a titulo de propaganda.

Para mais informações, dirijam-se á

Companhia Industrial MARTINS BARROS

RUA DA BOA VISTA, 46 — :: — Caixa Postal, 6 — :: — SÃO PAULO

EDIÇÃO DA NOITE
DO

O Estado de S. Paulo

JORNAL MODERNO
DE FORMATO COMMODO

EDIÇÃO ESPECIAL
AOS SABBADOS

ASSIGNATURAS

ANNO. 15\$000
SEMESTRE 8\$000

ANNUNCIOS a preços reduzidos



ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-6

SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

F. J. OLIVEIRA VIANNA	Populações meridionaes do Brasil	129
MARIO PINTO SERVA	O problema do transpor- te maritimo	147
OLIVEIRA LIMA da Academia Brasileira	O meu professorado em Harvard	154
HELIO LOBO do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro	Brasil-Estados Unidos .	168
MONTEIRO LOBATO	Pollice verso	178
AMADEU AMARAL	} Poesias	190
MARTINS FONTES		
MEDEIROS E ALBUQUERQUE da Academia Brasileira	Livros...	205
GODOFREDO RANGEL	Vida Ociosa (romance) .	215
COLLABORADORES	Resenha do mez	230

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 18 - ANNO II

VOL. V

JUNHO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Vicente pe Carvalho — Ophir (*Othoniel Motta*) — Missões de professores paulistas (*Carlos da Silveira*) — Bibliographia — Movimento literario — Machado de Assis — NOTAS DE SCIENCIA (A paralytia infantil — A vista das creanças — A utilização mechanica dos raios solares. — O problema da morte — Os couraçados terrestres) *M. P* — Expressões teclnicas da architectura (*João Ribeiro*) — A França e a Grecia (*Afranio Peixoto*) — Ricardo Wagner e o germanismo — O inventor do Esperanto — A educação da mulher — Um novo programma escolar — O patriotismo de Renan. — As repetições da historia — O theatro francez e a guerra — Superstições de soldados e lendas da guerra — Ladões intellectuaes — O medo do kaiser — Publicações recebidas — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: Vicente de Carvalho (*Wasth Rodrigues*) — As galeras portuguezas (*trichromias*).

As assignaturas começam em qualquer tempo
e terminam em Junho ou Dezembro.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica tabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SEIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de lettras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Palva).

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Traversa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correo 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo — S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-arquitecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emilio Rocco — Novidades em case-

mira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, caudelas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo

— A **CASA MARCELLINO** compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

OS ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA

Loteria de São Paulo

PARA 6 DE JULHO

30:000\$000

POR 2\$700

**Os bilhetes estão á
venda em toda a parte**



POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL

(POPULAÇÕES RURAES)

I — FORMAÇÃO DO TYPO RURAL

I

Nada mais surprehendente do que o estudo da vida e dos costumes da aristocracia rural do sul e do norte, durante os primeiros seculos coloniaes, principalmente nos seus dous centros mais vivazes: Pernambuco e S. Paulo. Dir-se-ia um recanto de côrte européa transplanteda para o meio da selvageria americana. Tamanhas as galas e as louçanias da sociedade, o seu maravilhoso luxo, o seu fausto espantoso, as graças e os requintes do bom tom e da elegancia.

Da nobreza de Pernambuco, nos começos do II seculo, diz o autor do *Valeroso Lucideno* que por miseravel é tido entre ella quem não tem um serviço de prata, e que as damas são tão ricas nas vestes e nos adereços com que se

adornam, que parecem “chovidas em suas cabeças e gargantas as perolas, rubis, esmeraldas e diamantes”:

— “As mulheres andavam tão louças e custosas que não se contentavam com os tafetás, os chamalotes, os velludos e outras sedas, senão que arrojavam as finas telas e os ricos brocados; e eram tantas as joias com que se adornavam que pareciam chovidas nas sua cabeças e gargantas as perolas, rubis, esmeraldas e diamantes.

Os homens não haviam adereços custosos de espadas e adagas, nem vestidos de novas invenções com que se não ornassem. Os banquetes quotidianos, as escaramuças e os jogos de canas em cada festa se ordenavam. Tudo eram delicias e não parecia esta terra senão um retrato do terreal paraizo”. (1)

Entre os senhores de engenho é, ao que parece por esse tempo, a vida uma perpetua festa, uma ininterrupta troca de folganças e prazeres. — “Ha homens muito grossos de 40, 50 e 80 mil cruzados de seu — diz o proibidoso Fernão Cardin, descrevendo a nobreza pernambucana dos fins do I seculo. Vestem-se, e as mulheres e filhos, de toda a sorte de velludos, damascos e outras sedas; e n’isto têm grandes excessos. As mulhêres são muito senhoras e não muito devotas. Os homens são tão briosos, que compram ginetes de 200 e 300 mil cruzados, e alguns têm trez e quatro cavallos de preço. São, sobretudo, muito dados a banquetes, em que de ordinario andam comendo um dia dez ou doze senhores juntos e, revezando-se desta maneira, gastam quanto têm, e bebem cada anno dez mil cruzados de vinho de Portugal, e alguns annos houve que beberam oitenta mil cruzados dados em ról” (2)

Nas fazendas do interior pernambucano, “maiores e mais ricas do que as da Bahia”, encontra Cardin igual opulencia e iguaes larguezas. Os senhores dellas lhe fazem grandes honras e gazalhados; mas, com tão grandes gastos, que elle confessa não poder descrever. Dão-lhe “banquetes de extraordinarias iguarias” e o agasalham em “leitos de damasco cramezim, franjado de ouro, e ricas colchas da India”. Estes aristocratas de Pernambuco guardam ainda as tradições hippicas do tempo de D. Duarte, o rei cavalleiro, que havia composto o *Livro de ensynança de bem cavalgar*

(1) — Frei Manoel Callado — *O Valeroso Lucideno*.

(2) — Cardim — *Narrativas epistolares*.

toda sella. E' de vêl-os então no seu amor pelas touradas, pelas corridas, pelas cavalhadas. Cavalleiros eximios, cheios de donaire e arrojo, primam todos na elegancia e gentileza da montaria, na riqueza dos jaezes, todos cobertos de prata, na destreza com que toureiam, no garbo com que praticam os jogos da argolinha, das canas, das justas e das alcancias. — Quando, em 1641, Nassau, em commemoração á acclamação de D. João IV, dá, em Olinda, uma grande festa, o luxo dos cavalleiros brasileiros mostra-se deslumbrante. — “Todos cavalgaram á gineta — diz Frei Manoel Callado —; e corriam tão fechados nas sellas, e tão compostos, e tão airosos, que levavam após si os olhos de todos, e principalmente os olhos das damas”.

Não ostenta a aristocracia colonial do sul menor sumptuosidade de viver. Os homens, que a formam, vêm da mesma estirpe ethnica e trazem a mesma civilisação social e moral. Como os de Pernambuco, os representantes da nobreza paulista são altamente instruidos e cultos. Nas suas relações sociaes e domesticas o tratamento, que mantêm, é perfeitamente fidalgo.

Ha dentre elles um, que póde ser citado como o typo verdadeiramente modelar de todos elles, pela grandeza, pelo luxo, pela liberalidade. E' Dr. Guilherme Pompeu, da familia illustre dos Lemes. Graduado em canones, espirito cultissimo, é a sua casa o centro de reunião de todo o escól de S. Paulo; nos dias de festa é toda ella como “uma populosa villa ou côrte”; tamanha a assistencia e o concurso dos hospedes.

E' numerosa a sua bibliotheca; “ricos e de primor” são todos os seus moveis. Como das muitas arrobas de prata, que herdara dos seus paes, mandara em Lisboa pôr em obra mais polida, póde, dest'arte ostentar “a copa mais primorosa que nenhum outro seu nacional”. Para maior agrado dos seus hospedes, cultivava elle grandes vinhedos. — “O vinho era primoroso, de uma grande vinha que com acerto cultivava, diz Pedro Tacques; e, supposto o consumo era sem miseria, sempre o vinho sobrava de anno a anno”. No preparo das iguarias e na sua profusão, tudo era igualmente primor e prodigalidade. — “Foi tão profusa a mesa do Dr. Guilherme Pompêu, que

nella as iguarias de varias viandas se praticavam com tal advertencia que si, acabada a mesa, depois della, passadas algumas horas, chegassem hospedes, não houvesse para banquetear-os a menor falta. Por esta razão estava a ucharia sempre prompta". (3)

Para bem avaliar-se a grandeza do tratamento com que Guilherme Pompeu honra os seus hospedes, basta dizer que para acolhel-os elle tem, ricamente paramentadas, cem camas, cada uma com um cortinado proprio, lençóes finos de bretanha, guarnecidos de rendas, e "uma bacia de prata debaixo de cada uma dellas", segundo o expressivo detalhe de Tacques. — "Entrava o hospede, ou fosse um, ou muitos em numero, e nunca mais nos dias que se demoravam, ainda que fossem de uma semana ou de um mez, não tinha nenhum dos hospedes noticia alguma dos seus escravos, cavallos e trastes. Quando, porém, qualquer dos hospedes se despedia, ou fosse um ou quinze ou muitos ao mesmo tempo, chegando ao portão cada um achava o seu cavallo, com os mesmos jaezes em que tinha vindo montado, as mesmas esporas e os seus trastes todos, sem que a multidão de gente produzisse a menor confusão na advertencia daquelles criados, que para isto estavam destinados. Esta advertencia era uma das acções de que os hospedes se aturdiavam por observarem que nunca jámais entre a multidão de varias pessoas, que diariamente concorriam a visitar e a obsequiar dias e dias ao Dr. Guilherme Pompêu de Almeida, se experimentára uma só falta, nem uma só troca de trastes a trastes." (4)

Como se vê, Guilherme Pompeu recebe na sua casa, á maneira dos "ricos hombres" peninsulares. E, como elle, toda a fidalguia paulista do tempo. Nenhum dentre estes aristocratas ha que não possua de cavallos os mais finos e ardegos exemplares. De José de Góes Moraes diz, por exemplo, o mesmo Tacques — que "não teve no seu tempo quem o igualasse no tratamento, porque de cavallos da melhor fama e bondade tinha muitos e todos bons em actual cavallarice, e tão briosos, que nem para beber agua sahiam para fóra sem antólhos nem cabeções".

(3) — Pedro Tacques — *Nobiliarquia paulistana*.

(4) — Tacques — *obr. cit.*

Como em Pernambuco, o cavalgar com arte, donaire e luzimento se faz tambem aqui distinctivo e pundonor de nobreza. O coração das damas — tal como nas côrtes de amor da idade média — está com os que com mais gentileza e brio meneiam o ginete, farpeiam o touro, ou manejam a lança nos jogos da cavallhada. E' Pedro Lara, da familia dos Laras, quem tem, ao que parece, no seu tempo, o primado nesses exercicios da arte da picaria. Delle nos fala Tacques, como sendo, pelas suas habilidades de cavalleiro, o mais gabado dos mancebos entre as damas e o mais invejado delles entre os homens.

Aliás, pela elevação dos sentimentos, pela hombridade, pela altivez, pela dignidade, mesmo pelo fausto e fortuna que ostentam, estes aristocratas, paulistas ou pernambucanos, mostram-se muito superiores á nobreza da propria metropole. Não são elles sómente homens de cabedaeas, com habitos de sociabilidade e de luxo; são tambem espiritos do melhor quilate intellectual e da melhor cultura. Ninguem os excede nos primores do bem falar e do bem escrever. Sentê-se na sua linguagem ainda aquelle raro sabôr de vernaculidade, que na peninsula parecia já haver-se perdido. Pois é aqui, na colonia, segundo Bento Teixeira Pinto, que os filhos de Lisboa vêm aprender aquelles bons termos, que já lhes faltavam, e com os quaes se fazem, no tracto social, polidos e distinctos.

II

Ora, no meio dessa civilização de "Far-West", estes costumes de sociabilidade, estes habitos de grandezas, surprehendem, á primeira vista. Tão contradictorios são elles com a classica rusticidade dos nossos homêricos desbravadores de sertões. Explica-se, porém, a sua apparição aqui pelo accidentê da presença, no ecumeno a colonisar, de um escól consideravel de fidalgos de sangue, descendentes authenticos das mais notaveis e illustres casas da peninsula. Para S. Paulo Martim Affonso de Souza traz



uma vintena delles, todos da melhor linhagem. Com a dominação hespanhola, numerosos representantes da nobreza de Hespanha aqui chegam, e se fixam. Em Pernambuco igualmente, no dizer de Domingos Loreto, a nobreza local é "innumeravel e illustre, como procedida de nobilissimas casas de Portugal, Castella, França, Italia e Allemanha". (5)

Por outro lado, os primeiros seculos da nossa colonização correspondem justamente ao periodo, em que, na Europa, as côrtes estão em pleno fastigio, e brilham do mais vivo fulgor. — Em Portugal, por exemplo, os reis já não são mais aquelles heróes primitivos e rudos, armados de ferro, couraçados de ferro, calçados de ferro, que fizeram as guerras da reconquista e as campanhas da Africa. Reflectindo o espirito medieval na sua ultima feição, fazem da sua côrte, ao contrario, um centro de luxo, fausto e galanteiria, para onde accorrem, em cardumes, desde o tempo de D. João II, os descendentes da nobreza guerreira da primeira dymnastia. — Como observa Rabello da Silva, "os grandes proprietarios ecclesiasticos e seculares, desde o reinado de D. João II que tinham principiado a viver ausentes das suas terras e solares a maior parte do tempo, não os visitando senão de largos em largos intervallos. Longes das herdades e dos costumes campestres, as pompas e distracções da côrte iam-lhes desvanecendo do animo o amor do solo, por tantos respeitos digno do seu interesse e cuidados, ao passo que lhes quebrava nos exercicios aulicos a rija independencia das outras éras". (6)

Estes fidalgos e cortezãos, educados, dest'arte, na vida dos paços reaes e nos seus prazeres e galas, é que, descoberta a America, trazem para entre nós, com o gosto das mundanidades, esses habitos, tão surprehendentes aqui, de sociabilidade, de urbanidade, e de luxo.

(5) — Domingos Loreto — *Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco*, cap. 19, L. 3.

(6) — Rabello da Silva — *População e agricultura de Portugal*, pag. 203.

III

Estes habitos mundanos e sociaes representam, porém, como se vê, exclusivamente modos de viver só compatíveis com uma existencia palaciana, com uma vida de côrte — em summa, com uma aristocracia essencialmente urbana. E' completa a contradição delles com essa rusticidade, em cujo seio bravio e aspero penetram os colonizadores. Neste ambiente de florestas e campos, essa nova sociedade em formação é, e ha de ser por muito tempo ainda, uma sociedade de estructura fundamentalmente rural, asentada por inteiro sobre uma base exclusiva de latifundios pastoris e latifundios agricolas. Portanto, uma sociedade de habitos e costumes caracteristicamente ruraes.

Dahi esse conflicto interessantissimo, que assistimos, durante todo o periodo colonial, entre o espirito peninsular e o novo meio, isto é, entre a velha tendencia européa, de character visivelmente centripeto, e a nova tendencia americana, de character visivelmente centrifugo: a primeira, atrahindo as classes superiores da colonia para as cidades e os seus encantos; — a segunda, impellindo essas mesmas classes para os campos, e o seu rude isolamento.

Este conflicto, tão vivace, entre as duas tendencias sociaes é impossivel comprehendel-o, na sua exacta significação e importancia, sem uma breve observação sobre a maneira porque se compõe a nossa nobreza territorial por essa época, — ao sul pelo menos. Ella é formada de uma dupla camada: — a camada dos latifundiarios de origem fidalga e a camada dos latifundiarios de origem plebéa.

E' a primeira camada composta de elementos nobres, com o sangue das mais fidalgas linhagens da peninsula. Tem os habitos das aristocracias européas, o traquejo dos paços reaes, o orgulho das suas genealogias illustres. Os melhores cargos da colonia são exercidos por ella; os seus representantes possuem immensos latifundios agricolas, numerosas fazendas de criação, e, como observa Diogo de Vasconcellos, têm voto consultivo no governo.

Compõe-se a segunda camada de elementos plebêos—lavradores do Minho, de Tras-os-Montes, das Beiras, da

Extremadura — homens pobres e honrados, embora de poucas posses — “homens de calidades”, como se lê em algumas cartas de sesmarias — que pedem terras; e, obscura e silenciosamente, se vão fixando, com os seus gados grossos e miudos, nos campos e mattas do *hinterland*. (7) E’ remediada, a principio. Depois, é abastada. Engrossando de cabedaes, attinge em regra a grandes fortunas; torna-se senhora oplenta de latifundios valiosos, de vastos curraes, de importantes engenhos, de copiosa escravaria.

Com isto classifica-se, aos poucos, ao lado da nobreza authentica. Do III seculo em diante é visivel a ascensão dessa camada, que acaba, por fim, por submergir a primeira — e absorvel-a.

E’ justamente esta segunda classe de proprietarios ruraes—rica, opulenta, incomparavelmente mais numerosa — que, pondo-se em contacto com a pequena minoria dos fidalgos de sangue, deixa-se fascinar por elles; e entra então a copiar-lhes ingenuamente — “com furor”, como se diria hoje nas chronicas mundanas — a sociabilidade, o tratamento, os modos urbanos de vida. (8)

Nos primeiros tempos prevalece, por isso, a tendencia européa, — de concentração urbana. Para as raras cidades existentes na colonia por essa época, ao norte e ao sul, são attrahidos os senhores ruraes. Elles organisam um duplo domicilio; installam-se em casas proprias na cidade; e procuram fruir ahi todos os prazeres da sociedade; e as suas pompas; e os seus requintes; e as suas diversões.

Entretanto, esta nova situação é instavel e extremamente difficil para elles. Porque, como diz o nosso classico Antonil: — “Quem se resolva a lidar com engenhos, ou se

(7) — E’ uma das mais absurdas abusões o preconceito de que entre os elementos formadores do nosso povo estão os criminosos e degredados. Estes elementos detricarios são parte absolutamente insignificativa na formação da nossa nacionalidade; não tem importancia alguma. Nós, ao contrario, formamos o nosso povo com os elementos mais excellentes da peninsula, quer da aristocracia, quer da plébe.

(8) — “Os senhores de engenho pretendiam imitar os antigos fidalgos na grandeza das accões, no orgulho do sangue, na importancia do tratamento e na hospitalidade generosa, que ostentam nas suas propriedades”. — (Pereira da Silva — *Historia da Fundação*, I pg. 210)

ha de retirar da cidade, fugindo das occupações da republica, que obrigam a divertir-se; ou ha de ter actualmente duas casas abertas, com notavel prejuizo onde quer que falte a sua assistencia, e com dobrada despeza”.

O duplo domicilio, como se vê desse trecho, sacrifica duramente os fazendeiros nos seus interesses mais materiaes e immediatos. E' patente a incompatibilidade entre esta vida urbana, onerosa e descuidada, e os prementes e mutliplos labôres fazendeiros. O trato dos engenhos exige, naquelle tempo mais do que hoje, ao que parece, uma attenção continua. Tanto que, segundo o testemunho do mesmo Antonil, homens de bastante cabedal e juizo preferem ser lavradores possantes com canna obrigada a moenda alheia, que senhores de engenho, “com a lida e a attenção, que pede o governo de toda essa fabrica”. (9)

Os grandes senhores ruraes, que, attrahidos pela vida das cidades, gravitam, como asteroides, em torno do pequeno nucleo fidalgo, são, assim, collocados, pela força das circumstancias, por simples exigencias de natureza puramente economica, entre as pontas deste dilemma imperioso: — ou optam pelo campo, onde estão os seus interesses principaes; ou pela cidade, centro apenas de recreio e dissipação. Ora, com o correr dos tempos, elles acabam optando pelo campo, como é natural; e recolhem-se, aos poucos, á obscuridade e ao silencio do viver rural...

Desse recuo, dessa retirada, dessa sórte de transhumancia da nobreza colonial para o interior, dá-nos expressivo testemunho o Conde de Cunha, o nosso primeiro vice-rey. N'uma carta, que dirige ao rei, em 1767, diz elle: — “Com errada politica introduziram os meus antecessores nesta cidade luxos e excessivas despezas em divertimentos indecentes, assim tambem como em carruagens inuteis, para abaterem e arruinarem as casas nobres e distinctas, o que conseguiram com esta desordenada idéa; com ella viram-se precisadas todas as pessoas nobres, e retiraram-se as suas fazendas e engenhos, onde teem existido e vivem presentemente sem apparecerem, nem terem com quê”. (10)

(9) — Antonil — *Riqueza e opulencia do Brasil*.

(10) — Felisbello Freire — *Os portuguezes no Brasil*, pag. 228.

Dahi, a decadencia, nesta época, dos centros urbanos. Dessa decadencia dá-nos ainda o Conde de Cunha, na mesma carta uma descripção flagrante e impressiva, ao referir-se ao retorno dos patriarchas ruraes á sua rusticidade:

— “Estas pessoas, que eram as que tinham com que luzir e figurar na cidade — diz o Conde, com referencia ao Rio — e as que a enobreciam, estão presentemente dispersas pelos districtos mais remotos, e em grandes distancias umas das outras, sem tratarem com pessoa alguma, e muitas dellas casando-se mal, e algumas deixando só filhos naturaes e pardos, que são seus herdeiros. Pelo que se vê esta cidade, que pela sua situação e porte deve ser a cabeça do Brasil, e nella a assistencia dos vice-reys, sem ter quem possa servir de vereador, nem servir cargo autorisado, e só habitada de officiaes mechanicos, pescadores, marinheiros, mulatos, pretos boçaes e nós, e alguns homens de negocios, dos quaes muito poucos podem ter este nome”.

Este trecho da carta do Conde de Cunha tem, aliás, para nós uma significação immensa. Elle nos deixa vêr, — já nos meizados do III seculo — este duplo factó, da maior importancia para a nossa historia social: — *de uma vida urbana rudimentar, em contraste com uma vida rural intensissima.*

Ao Conde de Cunha este isolamento rural, em que se mette a classe nobre da terra, parece extranho e dá-lhe a impressão de um *declassement* doloroso. E' que elle não póde comprehender a vida em solidões tão apartadas, elle o aristocrata, o homem da côrte, filho, além disso, de uma terra, onde a população, pela sua extrema densidade, não sabe o que é viver “sem trato com pessoa alguma...”

Ora, a verdade é que este retrahimento significa apenas que a vida social dos colonisadores do Brasil se está organisando, diferenciando, e adquirindo uma physionomia propria, perfectamente incomprehendida, por inédita, aos portuguezes. O que o Conde de Cunha chama “casar-se mal” não é, talvez, sinão o casar-se com pessoa sem nobreza, a ligação do luso nobre com o elemento não nobre, mais rico e rural, do paiz.

Essa ligação, essa alliança, essa fusão dos nobres vindos d'além-mar com os nossos fzeendeiros do



interior, prova quanto a obra de adaptação rural, de *conformismo rural*, — em uma palavra, a obra da ruralização da população colonial, durante o III seculo, é rápida, vasta, profunda. Sente-se que o nosso typo do homem rural, — *homo rusticus* —, com os caracteristicos com que o conhecemos hoje, já se vai modelando por esse tempo, e diferenciando-se cada vez mais do typo peninsular originario. — De maneira que nada ha a admirar ao vê-lo surgir, um pouco mais tarde, já no IV seculo, depois da independencia nacional, no governo do paiz, com a sua physionomia inconfundivel e propria.

Mas, desse empobrecimento e quéda da nobreza colonial não ha só o testemunho valioso do Conde de Cunha. Ha tambem o precioso testemunho do meticuloso Antonil, que plenamente o confirma. Modela Antonil o seu quadro pelo viver dos senhores do norte; mas, a consonancia da sua descripção com a do vice-rey, mostra a generalidade do phenomeno na época colonial.

— “Cavalllos de respeito mais do que bastam — pondera elle — chameleiros, trombeteiros, tangedores, e lacaios mimosos, não servem para ajuntar fazenda, mas para diminuil-a em pouco tempo com obrigações e empenhos. E muito menos servem as recreações ameudadas, os convites superfluos, as galas, as serpentinas, e o jogo. Por este caminho alguns, em poucos annos, do estado de senhores ricos, chegaram ao de pobres e arrastados lavradores, sem terem o que dar de dote ás filhas, nem modo de encaminhar honestamente os filhos”.

— E' este irremediavel antagonismo entre a vida urbana e a vida rural, que acaba por dar, afinal, victoria á tendencia centrifuga, — propria ao meio americano. E' elle que impelle, pouco a pouco, como se vê, a nossa aristocracia colonial para o isolamento dos engenhos, para a vida rustica e tranquillã das fazendas e dos campos de criação. No sul principalmente, os grandes dominios cafeeiros de S. Paulo, as grandes fazendas cerealiferas de Minas, os grandes engenhos assucareiros do Rio de Janeiro estabelecem a preponderancia definitiva do regimen agricola sobre o pastoril e, impondo, de uma mneira absoluta, a residencia local, não permitem mais o absenteismo.

Esta dispersão da nobreza colonial pelo interior rural é vigorosamente intensificada pela collaboração de outros agentes possantes de centrifugismo urbano. E', primeiro, a penetração dos sertões, em busca dos indios. E', depois, a expansão pastoril nos planaltos. E', por fim, a conquista das minas. — Tudo isto concorre poderosamente para deslocar e dispersar a população para fóra da periphéria das cidades e das circumvisinhanças dos centros urbanos.

Os proprios nucleos mineradores, formados em torno ás explorações auríferas, e tão vivazes, e compactos, e populosos, exhibindo um aspecto sensivelmente urbano, têm todos elles, como é sabido, uma existencia ephemera. Extincta a febre da mineração, exgottadas as "catas", morrem de inanição, e desaparecem de todo, absorvidos rapidamente pelo oceano rural.

IV

Essa forçada internação da alta classe da colonia nas fazendas e campos do *hinterland* exerce, por seu turno, uma influencia considerabilissima sobre o destino de todos esses elementos de pura extracção fidalga, que a compõem, e que vemos illuminar com as suas sumptuosidades e grandezas a nossa rude barbaria colonial. Elles tendem a desaparecer, á medida que avançamos do I para o II, do II para o III seculos, através de um rapido e vigoroso processo de selecção, exercida num sentido democratico.

Esta é, pelo menos, a impressão synthetica, que se tem, lendo-se, com attenção, as paginas da *Nobiliarchia paulistana*, e acompanhando-se cuidadosamente o desdobramento das suas varias genealogias pelos tempos em fóra. Porque, realmente, á proporção que nos approximamos dos fins do II seculo, sentimos que as grandes casas paulistas vão perdendo progressivamente aquelles altivos costados aristocraticos, em que ellas fundamentam o seu orgulho e a sua soberba; e a pureza do sangue; e o lustre; e os titulos; e os brazões das suas linhagens. Com o expandir das grandes familias pelo interior, com o seu ramificar crescente, com a sua multiplicação em novas familias

frondejantes, os elementos puramente fidalgos, que lhes constituem, a principio, o nucleo central, como que se vão dissolvendo, — e se esvanecem.

Destas novas familias, diffusas pelo vasto ecumeno rural, os troncos formadores já não são mais, como nos primeiros tempos, exemplares, authenticos e sem mescla, de fidalguia; muito ao contrario, o que se deprehe de das discriminações genealogicas de Tacques, é que são figuras mais ou menos obscuras, sem nobreza de sangue, sem tradições aristocraticas, ás vezes, mesmo sem o *cursus honorum* das magistraturas locaes. Quer dizer: genuinos representantes dessa pequena nobreza rural, que vemos formar-se, e crescer, e prosperar ao lado da grande nobreza.

Eis porque estas tradições de urbanismo e sumptuosidades, tão vicejantes no I e no II seculos, desaparecem. E' que a internação, cada vez mais profunda, da população nos sertões do *hinterland*, pouco a pouco, as elimina dos costumes.

Familias ha, por certo, que, fiéis aos seus instinctos aristocraticos e voluptuarios, resistem a esta geral transformação, e levam para o interior das fazendas, e ahi conservam com orgulho, os remanescentes dessas brilhantes tradições de opulencia e conforto, em que se educaram e viveram os seus nobres antepassados. Dahi essa serie de solares luxuosos, que vemos esmaltar, com a sua riqueza e imponencia, o interior do Rio, de Minas e de S. Paulo, no periodo imperial.

Fóra dahi, porém, exceptuada essa pequena minoria de fidalgos de instincto, a nossa nobreza territorial apresentase, durante o IV seculo, perfeitamente rural na sua quasi totalidade, pelos habitos, pelos costumes e, principalmente, pelo espirito e pelo carácter. Das tradições da antiga nobreza peninsular nada lhes resta, senão o culto cavalheiresco da familia e da honra. Pelo menos, a descripção dos interiores paulistas e mineiros, feita por Saint-Hilaire, nos principios do IV seculo, é a menos indicativa da existencia de habitos de conforto e de luxo entre a nossa aristocracia rural. Muito mais expressivas sobre este ponto são as referencias de Koster á riqueza e aos habitos mundanos da gente alta de Pernambuco.

Esta obra de *ruralização* da população colonial dura seguramente três séculos, e só está completa e integralizada no IV. Quando se faz a independência, o elemento authenticamente fidalgo já rareia na sociedade e no governo. Nos dous imperios, os elementos dominantes na politica e na côrte são já, como veremos, na sua quasi unanimidade, homens de pura formação rural. (11)

V

Dissemos que no IV seculo a população brasileira está completamente ruralizada. Realmente, esta necessidade forçada da presença permanente no latifundio agricola acaba gerando, no seio da sociedade colonial, um estado de espirito, em que o viver rural não é mais uma sorte de provação ou de exilio para a alta classe, como outr'ora; mas, um signal mesmo de existencia nobre, uma prova até de distincção e importancia. O que nos primeiros séculos era acceto sómente pela pressão invencível das circumstancias, passa neste seculo a ser querido, procurado, estimado, como fonte de prazer e de encantos. Facto este, que vale como uma esplendida verificação daquelle conceito profundo de Tarde, quando affirma que qualquer sentimento social só se forma e propaga quando se faz socialmente util. (12)

Com effeito, ao alvorecer do IV seculo, o sentimento da vida rural está perfeitamente fixado na psychologia da sociedade brasileira: a vida dos campos, a residencia nas fazendas, a fruição do seu bucolismo e da sua tranquillidade, se torna uma predilecção dominante da collectividade. Todas as pessoas capazes de posição procuram preferencialmente a roça.

No Rio, a sua nata social, no III como no IV seculo, vive no retiro das bellas chacaras afazendadas, por estes recantos umbrosos, por onde se estende actualmente a casaria de nossos bairros e suburbios. (13). Tão grande é a attracção

(11) — v. cap. II sobre: — *Preponderancia do typo rural.*

(12) — Tarde — *Logique sociale*, pag. 304.

(13) — Felisbello Freire — *A cidade antiga, passim.*

pelo campo, que estrangeiros illustres, que aqui chegam nos começos do seculo IV, por ella se deixam levar, numa irresistivel seducção. Chamberlain, consul inglez, explora uma fazenda de café um pouco adiante do actual aqueducto da Carioca. O seu collega russo, Landsdorff, cultiva, por sua vez, na Raiz da Serra, uma fazenda de cereaes. (14)

Em S. Paulo é sensivel o aspecto rural, mesmo na capital. Martius encontra alli uma vida perfeitamente patriarchal; nas residencias urbanas — ao contrario do que assistimos no II ou no III seculo — domina, segundo elle, a mais absoluta ausencia de conforto e de luxo. Tudo o que alli se lhe depara denuncia, na essencia, “uma collectividade agricola”. (15). Debalde se procuraria alli as velhas grandezas aristocraticas do tempo de Guilherme Pompeu.

Em Minas, segundo ainda os mesmos observadores, os nucleos urbanos são um pouco mais vivazes, é verdade; mas, é manifesta a sua transição para uma phase agricola e pastoril preponderante. (16)

Esse profundo character rural da nossa população dá-nos a razão da pouca importancia demographica dos centros urbanos, ao sul. Nos começos do IV seculo, S. João d’El-Rey conta apenas 6.000 hab.; Villá Rica não é mais do que a sombra da sua antiga grandeza; Barbacena e Marianna — outr’ora, rumorosas e brilhantes cidades—são agora povoações secundarias e sem vulto. S. Paulo tem sómente 20.000 habitantes. Já na época da chegada da familia imperial, o proprio Rio é uma “mesquinha séde de monarchia”. Em 1808, contá 60.000 hab.; em 1820, cerca de 80.000; e é uma aldeia desolante... (17)

Sómente o amor do campo, sómente a seducção rural, sómente uma forte predilecção pela vida agricola, poderia produzir essa profunda anemia dos centros urbanos, em tamanho contraste com a vitalidade que exhibiam um ou dous seculos antes. Em 1820, pelo que nos conta Saint Hilaire, essa seducção pelo campo é enorme e dominante:

(14) — Oliveira Lima — D. João VI, pag. 1

(15) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 131.

(16) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 126.

(17) — Oliveira Lima — obr. cit.

— “La possession d’une sucrerie, établit parmi les cultivateurs de Rio de Janeiro — diz elle, falando do interior fluminense — une sorte de noblesse. On ne parle qu’avec consideration d’un “senhor de engenho”, et le devenir est l’ambition de tous. Un “senhor de engenho” a ordinairement un emboinpoint qui prouve qu’il se nourrit bien et travaille peu. Il se regorge, tient la tête élevée et parle avec cette voix forte, ce ton imperieux qui indique l’homme accoutumé a commander un grand nombre d’esclaves”. (18)

Este trecho de Saint Hilaire nos deixa vêr claramente que, na sociedade colonial do primeiro quartel do IV seculo, a ambição preponderante é a posse de um fundo agricola, o senhorio de um grande dominio rural. Tornar-se senhor de fazenda, proprietario territorial, grande feudatario assuacareiro, é o desejo geral: *et le devenir est l’ambition de tous*.

Não é mais, então, o goso dos encantos urbanos, a vida folgada e divertida das cidades, como nos dous primeiros seculos, o que se procura; já agora todos querem viver no campo a existencia larga e luminosa das estancias e dos engenhos. O objecto das preferencias sociaes não é mais, como no I ou no II seculo, o luxo das sêdas e dos salões; é já o dominio rural com os seus gados, os seus cannaviaes, os seus cafezaes, os seus engenhos, e a sua escravaria numerosa.

— “O brasileiro que pôde — diz Tavares Bastos — é agricultor; vai exercer a unica verdadeiramente nobre profissão da terra. Os empregos servis, elle os pospõe. Esse é o orgulho nacional. Recordai-vos dos ares senhoris e certas maneiras fidalgas do grande proprietario: eis o typo brasileiro rico. Exprimo o pensamento de muitos observadores”. (19).

Dahi o traço fundamental da nossa psychologia nacional. Isto é, pelos costumes, pelas maneiras, — em summa, pela feição mais intima do seu character, o brasileiro é sempre, sempre se revela, sempre se affirma um homem de campo, á maneira antiga. O instincto urbano não está na sua indole; nem as maneiras e os habitos urbanos.

(18) — Saint-Hilaire — *Voyages au Rio Grande du Sud*, pag. 497.

(19) — Tavares Bastos — *Cartas de um solitario*, pag. 215.

(20) — Demolins — *La supériorité des anglo-saxons*.

Esta indissimulavel vocação rural do brasileiro não terá talvez a energia da vocação rural do saxão puro, o homem de pura formação particularista (20); mas, é muito superior á do romano antigo. Este é principalmente um urbano; não vai ao campo esnã em villegiatura (21). Os magnatas dos engenhos, ao contrario, não vêm as cidades e as villas senão em recreio, ou para negocios: a sua vida se passa, na maior parte, no pleno isolamento das fazendas.

E', pois, erro, e grande erro, dizer-se que o que os attráe para o campo, e ahi os prende, é apenas e simplesmente um fito commercial, isto é, a ambição material de explorar industrialmente a terra (22). Tambem, e principalmente, os prendem e fixam no campo as bellezas e as doçuras da vida rural, bem como a importancia social decorrente da posse de grandes fundações agricolas.

Este temperamento fundamentalmente rural é de pura formação americana, oriundo da acção combinada de varias particularidades nossas, particularidade do nosso meio e da nossa historia. Os luzos, que nos colonisam, não o possuem, — pelo menos, com a nitida e exclusiva feição que nos é propria. Sendo, a um tempo, uma raça duplamente dotada com aptidões para o commercio e para lavoura, isto é, sendo, a um tempo, commerciantes e colonos, não são organicamente nem uma, nem outra cousa, — nem puros commerciantes, á maneira dos phenicios e judeus, nem puros colonos, á feição dos povos de formação particularista; o que faz com que a sua vida oscille entre uma dupla polaridade, a dos campos e das cidades. Das suas aldeias trazem certas tradições de vizinagem e urbanismo, explicaveis alli pelo seu regimen de

(21) — H. de Tourville — *Hist. de la formation particulariste*, pag. 145-6.

(22) — Este é, de um certo modo, o pensameto de Sylvio Romero e de Alberto Torres. Em ambos esses pensadores, porém, a visão do phenomeno é dominada pela impressão da exploração da terra nos primeiros seculos. Elles não quizeram ponderar o silencioso e obscuro trabalho das forças interiores de adaptação e conformismo, cujos effeitos esparsos e locais, só se totalisam e se tornam visiveis no IV seculo. Por outro lado, essa tendencia para as cidades, esse centripetismo urbano, tão sensível hoje, e que Sylvio, deixando-se influenciar demasiado pela escola de La Play, julga ser uma característica do nosso povo, é, ao contrario, um facto recente, que data de 88, quando se desorganisa a nossa vida agricola e se desmantela a nossa nobreza territorial.

pequena propriedade e pela natureza do seu trabalho agrícola, que é quasi uma jardinagem. Estas tradições dissolvem-se, porém, aos poucos, transportadas para aqui, e perdem-se totalmente, á medida que augmenta a nossa penetração pelo interior. Dahi o typo differencial do brasileiro, do “natural da terra”, surgir com um caracter essencialmente rural.

— Em synthese: expansão pastoril, expansão agrícola, expansão mineradora, e, por fim, emersão, no IV seculo, do latifundio cafeeiro nos planaltos —, tudo isto acaba por fazer prevalecer em nossa sociedade meridional sobre o typo peninsular e europeu do “homem urbano” ou do colono “semi-urbano”, o typo especificamente nacional do “homem do campo”, cujo supremo representante é — o fazendeiro.

VI

Este possante senhor de latifundios e escravos, obscurecido longamente, como acabamos de vêr, no interior dos sertões, entregue aos seus pacificos labores agrícolas e á vida estreita das nossas pequenas municipalidades coloniaes, — sómente depois da transmigração da familia imperial, ou melhor, sómente depois da independencia nacional, desce das suas solidões ruraes para, expulso o luzo dominador, dirigir o paiz. (23).

F. J. OLIVEIRA VIANNA.

O PROBLEMA DO TRANSPORTE MARITIMO

O problema do transporte marítimo no Brasil assume cada dia uma feição mais grave e se apresenta cada dia mais insolúvel.

Na França uma das inferioridades reconhecidas da marinha nacional é a legislação que impõe a obrigação de compôr a equipagem com tres quartos ao menos de marinheiros francezes, de onde resulta um monopólio de facto para estes, monopólio que se traduz por exigencias cada dia maiores, salarios mais elevados, alimentação mais abundante e menos tempo de trabalho, com a consequente necessidade de maior numero de homens a bordo. E' o que vem succedendo exactamente entre nós.

Aliás esse monopólio dos marinheiros francezes vinha provocando os mais vivos protestos, porque, syndicados em associações, elles já chegaram a suspender a navegação entre a França e a Algeria, cujos portos estão sujeitos ao monopólio da cabotagem.

Por isso o frete na França é muito mais caro normalmente que nos outros paizes visinhos, com enorme prejuizo para o commercio francez.

Entre nós a situação vai-se caracterisando cada dia mais grave.

As exigencias por parte dos marinheiros nacionaes crescem dia a dia. Senhores da situação em virtude do monopólio das empresas nacionaes, unicas que podem fazer o commercio de cabotagem, não ha limite para as exigencias dos ma-



rinheiros nacionaes. Como consequencia, o frete que é função dos elementos de custeio, forçosamente terá que subir consideravelmente.

E assim nós vemos grande numero de portos brasileiros completamente abandonados, em que se acumulam as mercadorias inutilmente á espera de vehiculos que as transportem. E assim nós vemos innumeradas lavouras que perecem ou que deixam de se desenvolver porque o frete as impossibilita de subsistirem. E o que se dá com as lavouras, dá-se tambem com o trabalho industrial no Brasil inteiro.

E' uma situação que perdura insolúvel eternamente graças á legislação actual.

Ha 14 annos, na mensagem presidencial de 1903, dizia o então presidente da Republica:

“A restricção aos navios nacionaes da navegação de cabotagem, como preceito que, por constitucional, não comporta as modificações que cada situação commercial reclame, acarretou para as classes productoras difficuldades e embaraços que o tempo já teria permittido attenuar grandemente, si a crise que a nação atravessa não lhe tivesse consumido os elementos que facilitariam á iniciativa privada o augmento da nossa frota mercante”.

Na mensagem de Maio de 1906 externava-se o chefe de Estado:

“O serviço de cabotagem continu'a a fazer-se defeituosamente e assim perdurará, até que haja material sufficiente e apropriado para as necessidades crescentes do movimento commercial entre os portos nacionaes”.

Na de 1907 dizia-se ainda:

“A situação da nossa navegação costeira mantem-se precaria, apesar da concessão a outras empresas dos mesmos favores de que tem gosado o Lloyd Brasileiro, excepto a subvenção, e do augmento da frota a ella destinada”.

Na de 1908 dizia o Presidente da Republica:

“A situação da nossa navegação costeira não é lisongeira, apesar da concessão a varias empresas dos mesmos favores de que tem gosado o Lloyd Brasileiro, excepto a subvenção, e do augmento de algumas unidades da frota a ella destinada. *Os capitaes nacionaes, encontrando melhor remun-*



neração na exploração de outras industrias, com difficuldade se empregam na dos transportes maritimos, e dahi o pequeno incremento da nossa marinha mercante, não obstante as medidas protectoras que lhe têm sido dispensadas”.

E', pois, positivamente um problema insolúvel dentro da legislação actual.

Tem-se dado no Brasil phenomeno identico ao observado nos Estados Unidos: a protecção á marinha mercante brasileira tem servido para atrophiar e impedir o desenvolvimento da navegação nacional, entorpecendo toda a enorme série de transacções de porto a porto nacional, de Estado a Estado.

Ainda em 1907 dizia a Associação Commercial da Bahia, em representação ao Governo Federal: “Vêm de longe as difficuldades causadas pela navegação costeira ao commercio, lavoura e industria do nosso paiz, sendo a sua principal origem a lei de 11 de Novembro de 1892, que instituiu, embora com intuitos de reconhecido patriotismo, o monopolio da cabotagem para a navegação exclusivamente nacional, que era áquelle tempo, e ainda hoje é, insufficiente á expansão commercial do nosso vastissimo littoral”.

Isso era em 1907. Actualmente a situação se tornou muito mais grave, muito mais angustiosa. Actualmente os navios nacionaes têm sido empregados no commercio internacional, havendo abandonado muitos portos do paiz quasi por completo.

No Amazonas e no Pará accumulam-se os productos nacionaes sem encontrarem vehiculo maritimo que lhes dê escoamento.

A Associação Commercial do Piauhly dizia ha pouco, dirigindo-se á Federação das Associações Commerciaes: “A situação angustiosa do commercio do Piauhly, impossibilitado de transportar os seus productos em consequencia da suspensão das viagens dos navios estrangeiros ao porto de Tutoya, obriga-nos a pedir a vossa intervenção urgente perante o Governo Federal, no sentido de conseguir que os vapores do Lloyd Brasileiro, da linha da America do Norte, *toquem uma vez ao menos por mez no referido porto*”.

Da mesma forma no Rio Grande do Sul, em Santa Catharina, no Paraná, accumulam-se nos respectivos portos



mercadorias que não encontram vehiculo que as transportem para outros portos de destino. E note-se que quando por acaso ha transporte esse é o peor possivel, não só na careza dos fretes respectivos como nas condições offereidas pelos navios.

Demais, em tal situação, aproveitando-se dos lucros que lhes advieram de circumstancias assim anormaes, as nossas empresas de navegação cuidavam de alienar as melhores uni-dades de suas frotas, certas de que os seus lucros actuaes só perdurarão emquanto não findar a guerra.

Finda a guerra européa, sem duvida decahirão os lucros momentaneamente obtidos pelas empresas nacionaes, graças ao desaparecimento dos navios estrangeiros. Além disso se aggravarão certamente as despesas de custeio com as novas exigencias sempre crescentes dos marinheiros nacionaes.

Ha, pois, necessidade de mudar radicalmente a legisla-ção que nos rege no assumpto. Não podia ser maior o fracasso da politica que nos tem orientado nessa materia, como não podiam ser mais desastrosas as consequencias que ella tem produzido na vida nacional.

O monopolio que a Constituição e a legislação republicana conferiram á marinha mercante nacional, relativamente ao serviço de transporte entre os portos do paiz, tem tido como consequencia o atrophamento e a desorganisação completa do commercio littoraneo, entre os differentes Estados e portos nacionaes.

Toda a industria monopolisada evidentemente fica com a faculdade sem pêas de elevar os preços dos seus serviços, desde que se não acha sujeita á concorrência, que é o unico factor efficaz contra essa elevação. Todo aquelle que monopo-lisa eleva os preços tanto quanto possivel.

Na hypothese occorrente a elevação dos preços de trans-porte não só tem prejudicado todas as industrias cujos pro-ductos dependem da cabotagem, como tambem não tem sequer favorecido o desenvolvimento da marinha mercante nacio-nal. Esta se mostra cada vez mais insufficiente ás necessida-des do commercio nacional. Não temos estaleiros de cons-trucção naval, de maneira que a protecção por nós conferida



é apenas ridícula, porque protege uma industria nacional no rotulo, pois todos os navios da marinha mercante nacional são de construcção estrangeira.

O regimen monarchico já havia resolvido sabiamente o problema, decretando a liberdade de cabotagem, num acto acertadissimo.

Referindo-se a esse acto diz o Visconde de Ouro Preto:

“Applaudiu-o a nação inteira, pois comprehendeu que permittindo a multiplicidade e barateza de transportes movimentar valores até então inertes, ociosos ou perdidos, avultariam as transacções mercantis, com vantagem de todas as classes e do Estado, pelo accrescimento da receita, da qual maior quota seria possível reservar-se para a manutenção da marinha de guerra”.

“O problema a decidir, continu’ a Ouro Preto, assim se formulava: — insufficiencia da marinha mercante brasileira para bem servir ao commercio costeiro; impossibilidade de desenvolver essa marinha quanto preciso, sem sacrificios que não comportava o Thesouro; necessidade urgente de fomentar aquelle commercio. A solução offerecia-se naturalmente: — admittir o concurso dos navios estrangeiros, que affluem numerosos onde quer que haja carregamento e passageiros a tomar”.

Desde que o Estado ou Governo não pode ser obrigado a manter a expensas suas marinha mercante, ao lado da de guerra, — não ha senão abrir mão do privilegio da cabotagem conferido aos navios nacionaes, organisando-se um outro systema de protecção que não seja tão formidavelmente lesivo dos supremos interesses nacionaes consistentes na producção agricola e industrial, cuja expansão não exige senão frete barato e transporte facil e frequente.

Na facilidade do transporte reside o principal elemento da civilisação.

A civilisação surgiu nas margens do Mediterraneo em consequencia das facilidades que esse enorme mar interior offerecia á navegação, pela tranquillidade das suas aguas, pela multidão das suas ilhas, pela proximidade das praias que o cercam, o que facilitava o transporte mesmo quando não

existia a bussola nem as perfeições a que attingiu a arte da construcção naval.

Entretanto a legislação brasileira não faz senão crear difficuldades e complicações em materia de transporte maritimo.

Com a multiplicidade de producções e de climas que possuímos, logicamente o trabalho economico no Brasil poderia diversificar-se e tornar-se extremamente differenciado nas varias regiões e zonas nacionaes, com o augmento consequente do trafego interno de Estado a Estado, de porto a porto, de região a região. Entretanto, pela careza do frete, pela escassez dos vehiculos de transporte maritimo, cada vez são mais difficeis as relações commerciaes dos Estados entre si, separados cada vez mais profundamente pelas barreiras consistentes nos altos fretes e na deficiencia dos navios.

Em consequencia da falta de navios e careza dos fretes, a producção nacional estiola-se, a riqueza perece, as terras desvalorizam-se, o desanimo, o desalento, a inercia dominam a nossa população.

Multipliquem-se, porém, os meios de transportes, abai-xem-se os fretes, e, como consequencia, surgirão por toda a parte as culturas novas, as terras se valorisarão, a riqueza se espalhará por todo o paiz, com a expansão da cultura e da civilisação.

O brasileiro precisa produzir e não pode produzir por falta de transporte.

A exportação por habitante no Brasil é hoje dez vezes menor que na Argentina. Um argentino exporta dez vezes mais que um brasileiro. Por isso a prosperidade extraordinaria da Argentina, a valorisação colossal das suas terras, a expansão da sua civilisação.

No Brasil nós não podemos produzir porque as leis não permitem, porque não temos transporte, porque os fretes nos asphyxiam, porque os impostos nos escorcham.

Entretanto dizia Bryce:

“Considerado o Brasil no seu todo, nenhum paiz no mundo, habitado por uma raça européa, possui uma tão grande extensão de terras aproveitaveis para a subsistencia humana

e para o trabalho productivo. Nos Estados Unidos ha extensas regiões occupadas por desertos arenosos e na Russia egualmente se encontram em maior parte desertos e terras inhospitas. Mas aos portuguezes do Brasil a natureza nada deu que o homem não possa utilizar para qualquer fim. Um tal dominio era mais que sufficiente para compensar o pequeno reino da perda do Imperio que elle começou a edificar na India no século XVI, antes que surgissem os desastrosos dias que se seguiram á morte do Rei Sebastião”.

MARIO PINTO SERVA.



O MEU PROFESSORADO EM HARVARD

(Conferencia feita na Faculdade de Direito do Recife por occasião da posse da directoria do Centro Academico, a 3 de Maio de 1917).

O Centro Academico da Faculdade de Direito de Pernambuco manifestou o amavel desejo de que eu me occupasse n'uma das suas reuniões de um assumpto que o pudesse interessar, e concordamos em que porventura o interessaria o meu recente semestre academico nos Estados-Unidos. Os professores brasileiros no estrangeiro são raros, mais raros mesmo do que os professores estrangeiros no Brasil, e penso haver eu sido o primeiro brasileiro a occupar n'uma Universidade americana uma cadeira de professor, eleito pela congregação e confirmado pelos *trustees* ou junta directiva para o periodo de um anno.

Não se tratava d'esta vez de conferencias como as que realizei na Sorbonne, na Universidade de Lovaina e em doze das principaes Universidades americanas. Taes conferencias eram livres: não faziam parte integrante do programma lectivo; não constituíam um curso. Deviam ser consideradas como accessorias do ensino e a frequencia dos alumnos era de todo facultativa. A cadeira de historia e economia da America do Sul que eu fui chamado a inaugurar em Harvard não se acha, porém, no mesmo caso. E' uma das cadeiras que compõem o departamento de historia, e o alumno, ao organizar o seu *curriculum*, pôde escolhel-a de preferencia a outra, si



entende que ella está mais de accôrdo com seus gostos intellectuaes ou com as exigencias da illustração do seu espirito.

Em varias Universidades americanas funcçionam hoje cadeiras de historia da America Latina. Em Stanford ha uma regida pelo professor Martin, o qual está presentemente escrevendo uma historia do Brasil; em Urbana, no Estado de Illinois, outra, regida pelo professor Robertson, auctor, entre outros trabalhos, de um livro excellente sobre Miranda, e que acaba de visitar a America do Sul; em Columbia, na cidade de Nova York, rege cadeira identica o professor Sheperd, conhecido como uma das primeiras auctoridades n'estes estudos nos quaes foi pioneiro; em Yale, que é a Universidade rival de Harvard, professa o distincto escriptor Bingham, cujas explorações archeologicas e ethnographicas no Perú são notaveis, e que n'um opusculo celebre demonstrou a inanidade da doutrina de Monroe segundo a encaram muitos dos seus compatriotas. Não me demorarei em enumerar toda a lista.

Porque fui chamado a reger semelhante cadeira, quando são tantos dados a esses estudos e no caso de expol-os com mais traquejo e proficiencia do que eu? Simplesmente porque a Universidade de Harvard, a mais antiga dos Estados-Unidos, fundada no seculo XVII pelo legado de um medico da Nova Inglaterra, deseja converter-se quanto possivel n'um centro cosmopolita de saber, dahi derivando experiencia e irradiando influencia. Com relação á referida cadeira, sua idéa é vel-a occupada cada anno por um intellectual latino-americano, mais identificado cada um d'elles com as instituições do seu paiz, que são o fructo do seu desenvolvimento historico.

Todos os annos professores estrangeiros alli vão de varias partes levar o ensino das suas especialidades. Ao mesmo tempo que eu discorria sôbre as cousas da America do Sul, um professor belga, da Universidade de Lovaina, tratava da philosophia escolastica, e outro professor, japonéz, da Universidade de Pekim, explicava a philosophia ou antes a moral confuciana. Antes da guerra, quando o mundo andava mais ou menos regulado, havia até troca constante, annual, de professores entre a Universidade de Harvard e certas Universidades europeas, como as de Berlim e de Paris. Este

uso, que os meios universitarios norte-americanos desejariam estender ás Universidades sul-americanas, para mais estreitar os laços entre os dous continentes, traz vantagens para o melhor conhecimento dos intellectuaes entre si, mas sua execução não é facil nem representa uma panacéa.

Em primeiro lugar é indispensavel que os professores permutados fallem respectivamente a lingua do paiz aonde vão leccionar, sob pena de ser infructifera sua actividade docente: fallem a lingua e conheçam alguma cousa da psychologia dos seus alumnos, a saber, da sua nacionalidade, porque o ensino, para ser fecundo, tem que ser adaptado a cada povo. Não penso aliás que da permuta só por si possam resulltar beneficios extraordinarios.

Os professores americanos destacados para Berlim foram tratados com distincções singulares. O Imperador os recebia á sua mesa e os condecorou, e á Universidade de Harvard fez elle o presente de um Museu Germanico. Não ficaram por isso os professores mais allemães de coração. Quando rompeu a guerra, Harvard salientou-se como um centro vehementemente anglophilo, e os professores de patria ou ascendencia teutonica, que não são poucos alli, porque a sciencia é em boa parte allemã, passaram suas tribulações. Velhas amizades foram cortadas; camaradas tornaram-se inimigos ou pelo menos indifferentes, e houve quem chegasse a querer excluir das suas cadeiras os mestres allemães.

O presidente da Universidade, que é no emtanto muito amigo dos inglezes, n'esse ponto reagiu e negou-se a praticar tal arbitrariedade, mesmo a respeito do professor Munstemberg, de psychologia, o qual se tornára notorio pela virulencia das suas polemicas. A morté foi quem o excluiu, e Harvard acaba de receber de um grupo de allemães a doação da rica bibliotheca do eminente cientista, para ser conservada em memoria "dos seus serviços á Universidade e aos Estados-Unidos".

Taes manifestações anglophilas, francophilas, russophilas, germanophilas e quejandas, confinaram-se aos professores: não se estenderam aos estudantes. Estes, nos Estados-Unidos, não costumam manifestar-se em politica. Na crise actual alguns, fanaticos pela França, foram alistar-se e pe-



gar em armas contra os allemães, sem se interromper com isso a boa ordem academica. Mesmo depois de declarada a guerra entre os dous paizes, não tenho visto nos jornaes americanos outras demonstraões dos estudantes além da assiduidade nos exercicios militares que entraram a fazer parte dos programmas universitarios e que são tanto mais bem vindos quanto, representando um desporto, abonam faltas nas aulas.

O estudante americano reparte o seu tempo entre o preparo do seu curso e o athletismo; em rigor deve dizer-se que reparte o seu tempo em trez, e que a terceira fracção é a mais agradável. Cada estudante tem a sua namorada, o seu *flirt*, e o *flirt* consome tempo. Não é por um sentimento maior de disciplina, comparado por exemplo com o estudante francez, que o seu collega americano se abstem de intervenções que considera fóra da esphera das suas preoccupaões: é mesmo porque sua idiosyncrasia é assim. Pelo que se passa no estrangeiro elle nutre de ordinario, ao memo tempo que certa curiosidade, bastante indifferença. Creio que até tratando-se de uma guerra — na qual, já se sabe, não estejam mettidos os Estados-Unidos porque então fallará naturalmente mais alto o sentimento patriotico — não haveria feito militar que lhe provocasse o enthusiasmo que suscita o torneio annual de *foot-ball* entre Harvard e Yale, o qual monopoliza a attenção de todo o paiz e attraí espectadores de todos os cantos da União.

Não sei de materia prima melhor do que aquella que constitue o estudante americano: é bem humorado, alegre, deferente, applicado. Tenho as mais vivas saudades do tempo passado com os meus discipulos de Harvard. Os professores nos Estados-Unidos teem muito mais trato com os seus alumnos do que os professores no Brasil. Começa porque, afóra as horas de classe, cada professor dedica uma a duas horas por semana a receber aquelles dos seus alumnos que o querem consultar sobre pontos de ensino: escolha da these, esclarecimento de uma passagem mais obscura da prelecção, indicação de obras a lêr para um determinado trabalho, etc.

A nova e esplendida livraria de Harvard facilita muito este serviço. E' um edificio que custou dous milhões de

dollares e foi doado pela Sra. Widener, cujo filho, que era um joven bibliophilo, falleceu no desastre do *Titanic*. No centro do enorme quadrilatero foi collocada, em sala especial, a bibliotheca do mallogrado rapaz, com seu retrato a oleo no lugar de honra. Uma somma destinada a tal fim permite pelos seus juroes que todas as mezas d'essa sala sejam diariamente enfeitadas de flôres frescas e das mais finas. No resto do edificio, além das salas de leitura, depositos de livros etc., existem accomodações bastantes para cada professor ter seu gabinete de trabalho, o total de uns 200, situado perto dos livros, cujo prompto accesso lhe convém: assim o professor de physica perto dos volumes da sua especialidade, o de historia idem e igualmente os outros. O professor tem apenas a obrigação de mobilar o gabinete á sua custa e ao seu gosto, e não se lhe consente que ponha cortina na porta, que é metade de vidro. Foi uma medida de fiscalisação que, até minha sahida de Harvard, permittira descobrir que o professor de historia das religiões fazia ás 5 horas o seu chá e passava em seguida por uma curta somneca. O escandalo não foi grande.

A convivencia entre professores e alumnos não se limita porém ás questões de ensino: dá-se no campo propriamente da sociabilidade, sem que entretanto a familiaridade venha deturpar esse intercurso. Aos sabbados á tarde as senhoras dos professores offerecem aos alumnos uma recepção, ou mais exactamente um chá, e aos domingos á noite a senhora do presidente da Universidade recebe-os nas suas salas. Os estudantes adquirem assim um traquejo mundano que d'outra forma lhes poderia faltar e que constitue um bom complemento da sua educação domestica. Talvez por isso seja o americano, como de facto é, o cavalheiro que melhor sabe tratar com senhoras, com um respeito que não é acanhamento e com uma naturalidade que não é petulancia.

Nos proprios clubs universitarios se encontram professores e alumnos. Não raro, depois da minha licção, que findava á 1 hora, vinha um dos meus discipulos convidar-me a lunchar com elle. Lá iamos para o seu club, tomavamos uma refeição frugal — um bife ou uma costeleta, um naco



de queijo ou uma fructa e uma chicara de café — e passava-se n'isso meia hora de agradável palestra.

Onde comtudo me espantei de ver professores associados aos seus alumnos foi nas sessões de troça. Assisti a uma *iniciação* no club *Signet*, do qual aliás me fizeram socio e possuo a medalha. Uma duzia de candidatos a membros fazia n'essa noite suas provas, entre elles um filho do ex-Presidente Roosevelt. Depois de lida por cada um uma composição litteraria, em prosa ou verso, séria ou humoristica, passa-se á parte jocosa. A sala é posta ás escuras; illumina-a frouxamente a luz da lareira e os candidatos são trazidos um por um para responder ao mais comico dos interrogatorios e prestar juramentos disparatados. Dirigem-lhe perguntas absurdas a que elle tem de responder com espirito: ai d'elle si toma a cousa ao serio! Cai-lhe a faculdade em cima com uma vaia.

Os professores pareciam gosar tanto ou mais do divertimento que os alumnos. Lembro-me de que n'essa occasião estavam presentes o professor Coolidge, que é o chefe do departamento de historia e o director da bibliotheca, o homem talvez de mais prestigio na congregação de Harvard, e o professor Merriman, que é um athleta e um anglophilo exaltado, cuja casa está toda decorada de caricaturas contra os allemães — o que eu não deixava de repetir-lhe, quando lá ia, ser pouco caridoso.

Perguntar-me-heis talvez de que especie de alumnos se compunha a minha aula, o que os levára a alli se matricularem? Motivos varios. Alguns, levados pelo puro espirito scientifico. Citarei como exemplo um rapaz da Nova Orleans, de ascendencia hollandeza, que escreveu uma these excellente sobre as missões jesuiticas no Paraguay e que pensava ser de futuro professor de historia latino-americana ou professor na America Latina. Outros porque visavam fins mais praticos: pretendiam ganhar dinheiro na America do Sul ou com a America do Sul — si não fazem mal as musas aos doutores, muito menos mal lhes fazem os negocios — e desejavam conhecer alguma cousa do passado e das instituições do continente irmão. O commercio hoje em dia tornou-se uma cousa scientifica e todas essas no-

ções adquiridas pôdem representar uns tantos por cento de lucro a mais.

Tive entre os meus discipulos um naturalista que ia para a região do Roraima, onde convergem as fronteiras do Brasil, da Venezuela e da Guyana Ingleza, em excursão zoológica. Este rapaz era alumno da Universidade, mas já tinha seu emprego como ajudante de preparador no Museu. Certo numero d'aquelles moços pretendia entrar em exames para seguir a vida diplomatica e consular que lá, como aqui, seduz muito os jovens, proporcionando-lhes conhecer os paizes estrangeiros de um modo commodo. Um nosso conterraneo, de veia caustica, que reside em Pariz, chama a isso realizar o idéal de viver fóra do Brasil á custa d'elle: manda a verdade que se diga que o nosso alludido patricio poude elle proprio realizar esse idéal pela sorte no jogo da bolsa. Como os concursos nos Estados-Unidos não são tanto uma farça como n'outros paizes, os aspirantes a lugares na America Latina consideram avisado especializar-se a tempo. Antes de findar o curso, já um d'elles estava escolhido secretario particular pelo embaixador americano em Pariz, que é afinal de contas a verdadeira capital da America Latina.

Seja por isto ou por aquillo, o facto é que os meus discipulos estudavam bastante e que a applicação é a regra geral nas Universidades americanas. Em Harvard um alumno que não der boa conta de si, é excluido das aulas sem que lhe valham empenhos, si é que estes se movem, tão seguros estão do insuccesso da sua tentativa. Indaga-se primeiro qual a razão da insufficiencia manifestada — si defeito mental, si indolencia. Uma vez apurado o inquerito supprime-se o elemento de mau exemplo. Na minha aula tive dous que assim foram eliminados pelo voto da congregação, não por queixa minha — a nossa indulgencia nacional, n'alguns casos fraqueza, mas ás vezes tambem virtude, não m'ó permittiria — mas por queixa de outros professores.

Fui ouvido a respeito, abstendo-me, posso garantir-o, de carregar a mão sobre os ameaçados, um dos quaes, rapaz aliás de fortuna, era muito sympathico e si melhor copia não dava de si, era porque a intelligencia lhe não chegava para isso. A sorte encarregara-se de compensal-o do-

tando-o de bens, e não falta quem muito prefira ser rico a ser sabio.

Já estaes vendo que a vida academica nos Estados-Unidos não é uma pagodeira. Trabalha-se a valer. Cada mez realizam-se provas escriptas, acompanhando o adiantamento da classe, e no fim ha que redigir uma these, escolhida pelo alumno de uma lista assaz longa preparada pelo professor. Não ha inconveniente em que dous alumnos escolham a mesma these para tratá-la cada um ao seu modo. Eu propuz 80 theses, entre ellas as seguintes: Influencia de Las Casas sobre a legislação hespanhola concernente aos indios; Feições communistas do governo inca; O governo hollandez em Pernambuco; Estudo e explorações de Alexandre von Humboldt na America do Sul; A abolição da escravidão no Brasil; Garcia Moreno e a theocracia no Equador; Origem e desenvolvimento do pan-americanismo; O socialismo na Argentina; A doutrina de Drago; A America do Sul e a doutrina de Monroe; o saneamento da America do Sul; As relações diplomaticas entre os Estados-Unidos e o Brasil; Opulencia e queda da industria do guano; Industria do asphalto em Trinidad e Venezuela; Interesses economicos da Inglaterra, da Allemanha e da França na America do Sul; Valorisação do café no Brasil; Cotejo das Constituições argentina e norte-americana. Posso assegurar-vos que algumas d'essas theses foram excellentemente tratadas.

Nas provas escriptas parciaes o costume é formular trez ou quatro perguntas para serem respondidas durante a hora de aula. A Universidade fornece os cadernos em branco para isso. A última d'essas provas obedeceu ao programma seguinte:

- Indicar summariamente quem foram Miranda, Castilla, Mosquera, Guzman Blanco e Garcia Moreno;
- Apontar as causas das guerras de independencia e resumir a carreira ou de San Martin ou de Bolívar;
- Traçar a evolução politica do Chile no seculo XIX;
- Condensar o desenvolvimento do Brasil republicano.

Conservo como lembrança algumas d'essas provas que dão uma idéa optima do aproveitamento dos alumnos. Elles sabem sel-o como os professores sabem ser pro-

fessores. Estes, nos Estados-Unidos, devotam-se ás suas funções pedagogicas. Os professores não são simultaneamente legisladores, empreiteiros de negocios ou outras cousas alheias á sua profissão. Caso queiram dedicar-se a um segundo genero de actividade, deixam o primeiro a quem o possa exercer sem partilha da sua atenção.

Não significa isto no emtanto que os professores americanos se alieiem da vida politica, ou mesmo das contendas que a compõem. São politicos no sentido mais largo, mais comprehensivo, mais elevado da palavra e o são tambem no sentido mais restricto, na accepção partidaria. Cada um d'elles pertence a uma das aggremações em que se divide politicamente a communidade, mesmo porque não ha americano que não seja d'este ou d'aquelle partido. Votar é a ultima cousa que esse povo deixaria de fazer. Um americano poderá passar sem o jantar, mas não sem exercer o seu direito nas urnas. Por isso são os Estados-Unidos uma democracia no nome e de facto.

Entre os presidentes de Universidades e os mestres eminentes que em cada uma d'ellas se crearam uma justa reputação, vamos mesmo encontrar guias dos melhores do pensamento nacional. Estes porém consideram os negocios publicos de um plano superior, antes impessoal, onde logra porventura introduzir-se a paixão, inseparavel da natureza humana, mas d'onde se acha banido o vil interesse que torna caricatos, ao mesmo tempo que odiosos, surtos de eloquencia declamatoria e maligna como tantos que se exhibem no tablado das assembléas populares. E os presidentes que se aposentam, como ficam com mais tempo á sua disposição, mais conspicuos se tornam n'essa sua obra de evangelização social.

Assim o presidente emerito de Stanford, Dr. Jordan, não descança em prégar o pacifismo, do qual é discipulo convencido, por mais extraordinario que pareça haver ainda alguem que não preconize a guerra como a theurapetica por excellencia; o presidente emerito de Cornell, Andrew White, que foi embaixador em Petrogrado e em Berlim e delegado chefe á primeira conferencia da paz, dizia ha poucas semanas as cousas mais sensatas do mundo sobre



a consistencia moral da revolução russa, que povôa de tantas illusões a alma sempre ingenua dos crentes que se alimentam das doutrinas da Revolução Franceza; o presidente emerito Elliot, de Harvard, não cessa, muito embora octogenario como White, de tratar de quanto thema se suscita e provoca debate, movendo guerra diaria ao alcoolismo, que já se diz será n'um futuro não remoto o eixo de uma campanha presidencial.

Sem excepção saem d'esses meios universitarios palavras dignas de ser ouvidas e discutidas, e ás vezes saem conceitos judiciosos como os não poderia produzir nenhum outro meio que não combinasse, como esse, a reflexão e a imaginação, a visão de conjuncto e o habito da analyse. A titulo de curiosidade vou repetir o que, já depois de rotas as relações entre o seu paiz e a Allemanha, quando se sabia imminente a guerra, dizia aos seus alumnos o presidente Hadley, da Universidade de Yale, a saber que o mundo carece tanto do concurso inglez como do allemão, e que o resultado d'esta guerra não deve ser o triumpho, nem do principio inglez, nem do allemão, mas sim a fusão de ambos n'um producto que sirva de modelo á humanidade. Eis as nobres palavras do grande educador:

“O ideal do inglez cifra-se no character; o do allemão na execução. O inglez deseja ser um homem entre os homens, governado tanto quanto possivel pela opinião publica. O allemão deseja ser uma parte efficiente de uma organização efficiente, contribuindo para que ella execute sua faina melhor do que até então o fizera qualquer outra organização. A guerra abriu-se entre esses dous typos e a licção a ser tirada d'esses annos terriveis é que as virtudes dos dous typos devem ser combinadas e não oppositas. Abandonado a si mesmo, o typo inglez tende a desenvolver-se com mais galhardia e lealdade do que intelligencia. Em identicas condições o typo allemão tende a alcançar seus objectivos immediatos intelligente e efficientemente, mas com o sacrificio d'esses habitos de cortezia e de ethica que são os fundamentos da civilização”.

Não entro na apreciação d'esses conceitos que se prestam a um debate interminavel: quiz apenas pôr em destaque o desassombro mental de quem os proferiu n'um mo-

mento em que se pretende fazer do povo germanico o inimigo irreconciliavel de todo o genero humano. Aliás a idéa que nos seus ultimos dias absorveu o cerebro audaz de Cecil Rhodes, o creador da Africa do Sul, personagem em que se reencarnou a alma dos conquistadores peninsulares do seculo XVI, de Cortez e de Albuquerque, era a da união da raça anglo-saxonica e da raça teutonica, a saber, da Inglaterra, dos Estados-Unidos e da Allemanha.

Tal união, sim, representaria o domínio do mundo, ou melhor dito, a partilha do mundo. O progresso, a civilização talvez lucrasse com ella — é esta a eterna justificação do predominio das nações fortes — mas o nacionalismo, agora exultante, soffreria um golpe de morte... Porventura tem razão os que pensam que semelhantes abstrações nasceram com a triste sina de serem exploradas e desfazerem-se. Perdoai-me si ia resvalando para o terreno candente da politica internacional, que d'antes podia ser feita com intrigas, mas que hoje se está fazendo com violencias e infamias. O grito — crê ou morre! que consubstanciava a intolerancia das épocas chamadas de obscurantismo, é um grito que infelizmente não desapareceu do mundo, antes n'elle fez uma reaparição ruidosa. O lema do momento é: quem não está por nós é contra nós. E de accôrdo com elle se quer compellir quem tem consciencia a pactuar com as iniquidades e quem tem independencia a acompanhar a enxurrada demagogica, cujos caracteristicos são o desvario e o servilismo deante da força.

Não sacrificuemos, nem mesmo n'esta hora pavorosa, nos altares da intolerancia. Os Estados-Unidos estão em guerra com a Allemanha; durante dous annos se previu e se discutiu esta participação americana na conflagração universal por motivo da acção dos submarinos; existem na União 12 milhões de allemães e descendentes de allemães: entretanto não se deu alli conflicto algum como os que occorreram no Rio Grande do Sul e em São Paulo, e que estão longe de corresponder ao grão de cultura de que esses Estados justamente se ufanam.

Os allemães que residem nos Estados-Unidos foram deixados em paz, entregues aos seus affazeres: si visassem, alguns d'elles, perturbar a ordem publica, a policia

então se encarregaria de os pôr a bom recato. Não foram lá internados milhares de civis innocentes e indefesos, brutalmente roubados ás suas occupações e ás suas familias, que deixavam a braços com a miseria, para serem levados para campos de concentração, onde se pôde bem imaginar qual seja o conforto, pelo méro facto de serem cidadãos de um paiz inimigo.

Recorreram a esta pratica sem discriminação as mais cultas nações da Europa do seculo XX, que nos seus livros de historia tanto infamam a Hespanha e Portugal porque ahi se queimavam outr'ora judeus simplesmente por serem judeus. Hoje perseguem-se criaturas humanas, são ellas condemnadas á tortura lenta da morte pela falta de agasalho, pela alimentação insufficiente, pelo desespero, apenas porque nasceram do outro lado de uma fronteira historica traçada muitas vezes em resultado de usurpações territoriaes, sem o menor respeito á famosa theoria das nacionalidades, e que portanto só engendrou rancores e só consagra odios. E estes rancores e estes odios são os que as potencias europeas querem agora transplantar, como si lhes não bastassem os seus continentes pejados de miserias, para este mundo novo, cujas nações se constituíram e organizaram por effeito de um bello movimento geral de emancipação, quando lhes chegou a hora da maioridade politica, e cujas fronteiras se regularam pela prioridade da occupação, pelo principio do *uti possidetis*, porque são o fructo de explorações e expedições que não apparecem por certo incruentas, visto que envolveram a escravidão e a anniquilação das tribus indigenas, mas ás quaes não devemos ajuntar luctas e remorsos alheios ao nosso desenvolvimento.

E' verdade que um dos nossos intellectuaes mais requintados e mais cosmopolitas, Joaquim Nabuco, disse que os americanos, isto é, todos os nascidos na America, teem a alma europeá. A asserção está-se tornando mais exacta do que elle proprio queria significar e podia prever, porque o seu espirito gentil não se referia senão ás cousas da intelligencia e não ás da bestialidade. Emquanto "alma europeá" significava alma de luz, de altruismo, de *sympathia* humana, como ella propria aspirava a definir-se, bom era

que a tivéssemos, animando a nossa gente para formar a qual concorreram tantos elementos, que a expressão de *mãe patria* passou a ter um valor todo relativo. Hoje porém que "alma européa" quer dizer alma de trevas, do egoísmo mais feroz, votada á destruição desápiada, melhor é que se forme uma alma americana composta de isenção e de bondade, que seja compassiva para com todas as dores, equanime para com todos os erros, generosa para com todas as faltas. N'ella residirá o espirito christão, que é o espirito stoico sobre que gottejou o orvalho divino da misericórdia.

O Brasil honrava-se da sua brandura, orgulhava-se da sua aversão ás soluções violentas. Para que tão brusca mudança como aquella para que alguns o querem impellir? Na nossa Constituição acha-se mesmo estampada em mais de um artigo essa preferéncia pelas soluções pacíficas. Exceptuam-se, é evidente, os casos de aggressão contra a nossa soberania, de violação do nosso territorio, de ameaça á nossa independéncia ou á integridade nacional. Não se trata felizmente de nada d'isso na crise que nos confronta. Trata-se de uma questão de liberdade de commercio, de direitos de neutros, a que o estado europeu de guerra veio emprestar uma nota trágica.

Os que advogam nossa participação na guerra são os primeiros a dizer que afortunadamente estamos a coberto de qualquer ataque do inimigo em perspectiva, e que só podemos auferir lucros e não derivar perdas da nossa attitude bellicosa. A suggestão, como elles a concebem, abona mais a prudéncia do que a coragem. A prudéncia está porém, ao meu ver, em evitar uma contenda inutil, não em medir-lhe os ganhos possíveis realizados á sombra de outros, sob cuja protecção nos haveríamos de collocar.

Não carecemos, Deus seja louvado, de licções de patriotismo. Quando um destacamento naval francez desembarcou no Amapá e victimou compatriotas nossos alli estabelecidos, não declaramos guerra á França, antes conscios do nosso bom direito reprimimos nosso justo impeto e appellamos para o arbitramento, de que proveio a mais formosa e a mais importante das victorias diplomaticas de Rio Branco. Quando a affronta assumira outras propor-



ções, quando o territorio nacional, invadido pelos paraguayos, deixára de comportar sua integridade, não medimos os sacrificios e teriamos marchado sós para a lucta — que rematamos afinal sós — quando mesmo não tivéssemos alliados.

Sejamos pois n'este momento ainda **BRASILEIROS** como o temos sido em todo o decorrer da nossa historia, sabendo associar a equidade com a longanimidade e a combatividade com a moderação. Foi devido a esses traços que eu tive tanto desvanecimento em recordar na Universidade de Harvard os nossos fastos. Que prazer não foi o meu quando, no dia em que tratei da questão servil, contei que o Brasil, unico entre os paizes do mundo, resolveu esse problema de economia e de humanidade dentro da legalidade e por uma affirmação inequivoca da vontade nacional, não obstante os appellos á rebelião e á devastação! Que prazer não foi o meu quando, ao descrever a guerra do Paraguay, conclui mostrando que fomos talvez o unico paiz do mundo a sahir de uma guerra de cinco annos, com os louros da victoria, sem ter annexado uma parcella de territorio inimigo, nem extendido sobre este um humilhante protectorado!

Provamos n'um dos casos como sabemos encaminhar para um desfecho ordeiro uma transformação social, e no outro como sabemos zelar o respeito pelos direitos alheios. Identico respeito melhor o poderemos exigir dos outros, em criticas circumstancias, temperando a dignidade com a imparcialidade. A consequencia é a justiça.

OLIVEIRA LIMA.



“ national, d'exempter la propriété particulière sur l'océan, de
 “ toute saisie, par les croiseurs armés par un E'tat, de même
 “ que par les corsaires, nous sommes prêts à nous rencontrer
 “ avec elles sur ce large terrain.”

Pareillement dans la note sous-mentionnée, deux ans après, le ministre américain dans la capitale brésilienne disait au gouvernement impérial:

“ Le soussigné a reçu du président l'ordre de proposer au
 “ gouvernement du Brésil d'entrer dans une entente pour
 “ acquiescer aux quatre principes de la déclaration du Congrès,
 “ moyennant la modification du premier de ces principes spécifiée
 “ dans la note de M. Marcy, du 28 Juillet 1853, au Comte
 “ de Sartiges. Sans cette modification le président sera tenu,
 “ par plusieurs raisons importantes, dont quelques-unes s'y
 “ trouvent exposées, de ne pas accéder au premier principe de
 “ la déclaration.”

Dans la note à laquelle se rapporte celle-ci, M. Marcy, Ministre d'E'tat à Washington, s'adressait à M. de Sartiges, Envoyé Extraordinaire et Ministre Plénipotentiaire de la France aux E'tats-Unis, en renouvelant la même protestation, la même revendication et la même proposition, qui, depuis Benjamin Franklin et Thomas Jefferson, signalait, avec tant de cohérence et de fermeté, dans cette question, la politique nord-américaine.

“ Le soussigné — disait le Ministre des E'tats Unis au représentant du gouvernement de Napoléon III — a reçu du président l'ordre de déclarer qu'il est prêt à donner son assentement au principe de protection de la propriété particulière sur l'océan, de même que sur terre, du moment qu'on l'applique sans la moindre restriction.”

Cette note était longuement raisonnée, et, en montrant les fâcheuses conséquences, pour l'intérêt général des nations, de la pratique maintenue par les termes incomplets de la Déclaration de Paris, concluait:

“ Le président propose, donc, qu'à la première clause de la Déclaration du Congrès de Paris on ajoute ces mots: Et la propriété privée des sujets ou citoyens d'une des puissances belligérantes sur la haute mer ne pourra pas être saisie par les vaisseaux de guerre nationaux de l'autre, excepté dans le cas de contrebande de guerre.”

Quelques mois après, c'est à dire le 2 décembre 1856, le président Pierce, dans son message annuel au Congrès, en reproduisant ce qu'il avait dit en 1854, insistait avec la même précision dans cette ligne de conduite.

“ J'ai exprimé — disait-il — de la part de ce Gouvernement la disposition d'accéder à tous les principes contenus



“ dans la Déclaration de Paris, pouvu que l'on altère celui
 “ concernant l'abandon de la course, dans un sens qui réalise
 “ l'objet qu'il a du avoir en vue, c'est-à-dire, l'immunité de la
 “ propriété privée sur l'océan à la capture hostile. Pour aboutir
 “ à ce résultat, nous proposons d'ajouter à la Déclaration que
 “ — la course est et reste abolie — une addition, qui exempte
 “ de la capture par les vaisseaux de guerre d'un E'tat belligé-
 “ rant la propriété de sujets et citoyens de l'autre sur l'océan.
 “ Cet amendement — ajoutat-il — a été présenté, non seule-
 “ ment aux puissances qui ont demandé notre acquiescement à
 “ la déclaration qui éteint la course, mais encore à tous les au-
 “ tres E'tats maritimes. Aucun d'eux, jusqu'ici ne l'a repoussé, et
 “ tous ceux qui nous ont répondu, l'ont accueilli favorablement.”

En effet, la France, la Prusse, la Russie, les Pays-Bas, la Sardai-
 gne se montrèrent disposées à accepter la proposition américaine
 d'abolir tout ensemble la course et la capture des bâtiments de com-
 merce ennemis et leurs cargaisons. La Grande-Bretagne elle-même re-
 connut dans l'amendement proposé par le gouvernement américain
 lo pourrait se trouver annéé, dans l'examen des détails de la question,
 un principe équitable, et déclara qu'elle ne voyait aucune objection
 à en faire l'objet d'une délibération commune — tout en annonçant
 qu'elle pourrait se trouver amenée, dans l'examen des détails de la
 question, à faire quelques réserves, qui pourraient être soumises, en
 temps et lieu, à l'appréciation des puissances appelées à discuter la
 matière.

En répondant à la proposition américaine, le Gouvernement du
 Brésil ne s'est pas mis d'accord avec elle pour ce qui était de nier
 son assentement à l'art. 1 de la Déclaration de Paris. Loin de ça,
 il l'approuva. Mais, en même temps, il s'associa avec effusion à l'ini-
 tiative des E'tats-Unis pour que l'on établît l'immunité complète de
 la propriété particulière ennemie dans la guerre navale.

Voici les termes de notre Déclaration, consigné dans la note que
 la Chancellerie Brésilienne adressa, le 18 mars 1857, à la Legation
 de la France.

“ L'humanité et la justice doivent certainement au Con-
 “ grès de Paris une grande amélioration à la loi commune des
 “ E'tats; mais, au nom des mêmes principes, il nous faut en-
 “ core demander aux puissances signataires du traité de 30
 “ mars 1856, comme conséquence de leur oeuvre de paix et
 “ de civilisation, la conséquence bienfaisante, que se renfer-
 “ me dans les maximes y proclamées. Cette conséquence est
 “ que toute propriété particulière inoffensive, y compris les
 “ bâtiments de commerce, doit rester sous la protection du
 “ droit maritime contre quelque atteinte des croiseurs de
 “ guerre. Le Gouvernement Impérial adhère ici à l'invitation

UMA AMIZADE TRADICIONAL

BRASIL — ESTADOS-UNIDOS

1822 - 1916

VI

A GUERRA MARITIMA

(1828)

Não o podia fazer melhor do que transcrevendo o que, a propósito, disse perante a Quarta Comissão da Segunda Conferencia Internacional da Paz, ainda a 28 de Junho de 1907, o Delegado do Brasil (Deuxième Conférence de la Paix, Actes et discours de Ruy Barbosa, La Haye, 1907, pag. 3). Discorrendo então do Congresso de Paris e de suas quatro resoluções, orou o Sr. Ruy Barbosa:

“Dès cette époque là, c'est à dire depuis le premier moment où la question nous a été pesée, le Gouvernement Brésilien a adhéré au principe de l'inviolabilité de la propriété privée sur mer. Comme vous savez les Etats-Unis ont refusé de souscrire à l'abolition de la course, en la considérant inconséquente, inique et, comme telle, inadmissible. Si l'on ne l'associait à la règle absolue de l'inviolabilité de la propriété privée dans la guerre maritime. Jamais, depuis le dix-huitième siècle, la République Nord-Américaine n'avait cessé de soutenir l'inséparabilité entre les deux aspirations libérales de la suppression de la course et de l'extinction du droit de capture. En s'opposant par ce motif à l'article 1 de la Déclaration de Paris, qui abolissait simplement la course, le Cabinet de Washington adressa, le 5 novembre 1856, une note à celui de Rio de Janeiro, dans laquelle il l'invitait à l'accompagner sur les deux points. Son langage était le même de M. Buchanan, deux années avant, à Lord Clareudon et du président Pierce, le 4 décembre 1854, dans son message au Congrès.

“ Si les principales puissances de l'Europe, disait ce président, s'accordent à proposer, comme principe de droit inter-

“ des E'tats-Unis d'Amérique et, dans l'espoir de voir s'accomplir l'ampliation proposée par cette puissance au premier des principes adoptés au Congrès de Paris, se déclare prêt à l'embrasser tout de suite comme l'expression entière de la nouvelle jurisprudence internationale.”

En se prononçant ainsi, le département des affaires étrangères du Brésil s'empresse de renseigner la Légation Américaine à Rio, par moyen de la note expédiée le 18 mars 1857, où le gouvernement de l'Empereur lui disait:

“ M. Trousdale constatera dans le document ci-joint, auquel le soussigné se rapporte, que le Gouvernement Impérial a cru devoir donner son approbation aux maximes proclamées par le Congrès de Paris, d'autant plus qu'elles étaient déjà, en grande partie, consacrées dans le droit conventionnel de l'Empire. Mais ce qui est extrêmement agréable au soussigné d'ajouter, M. Trousdale pourra voir de ce document même où le gouvernement de S. M. l'Empereur, déférant à ces principes, se déclara, en même temps, disposé à souscrire à l'ampliation proposée par les E'tats-Unis d'Amérique, comme le complément nécessaire et salutaire de la nouvelle politique internationale.”

Ces notes mémorables étaient signées l'une et l'autre par le Ministre Silva Paranhos, plus tard Vicomte du Rio Branco, dont le nom, célèbre surtout comme celui d'un des protagonistes de l'émancipation des esclaves au Brésil, a rencontré dans son fils, le Ministre actuel des Affaires Etrangères chez nous, un continuateur de l'esprit et des services de son père; heureuse coïncidence, qui imprime une expression, pour ainsi dire, d'identité personnelle, à la cortinité nationale de notre tradition.

En vous donnant ce témoignage, Messieurs, je suis heureux de vous signifier, dans ce moment, que ni les sentiments de mon pays, ni ceux de son Gouvernement, qui est tenu de les interpréter, et dont j'observe les instructions n'ont varié, à ce sujet, dans les derniers cinquante ans.

Nous ne faisons, donc, que préserver un ancien héritage, en adoptant de bon gré la proposition déposée au Bureau de la Conférence au nom de la Délégation des E'tats-Unis, et en répondant, au nom de la Délégation Brésilienne, qu'à notre avis il convient d'abolir la pratique, jusqu'ici en vigueur, de la capture et confiscation de la propriété ennemie sous pavillon ennemi dans la guerre maritime.”

O Tratado de 12 de Dezembro de 1828 é sob este aspecto da garantia dos neutros, um padrão de gloria para os Estados-Unidos da America e o Brasil. Nem por findar seus efeitos doze annos de nego-

ciado, ficaram valendo menos seus principios e suas prescripções. Bastará dizer que determinou, entre outras cousas, que as pessoas encontradas a bordo de um navio livre e inimigas de uma das partes contractantes nunca poderiam ser delle retiradas "salvo se fossem officiaes ou soldados em serviço actual dos inimigos"; que a bandeira cobriria a carga; que o contrabando de guerra seria limitado ao que se ennumerava no artigo XVI; que o apresamento só poderia justificar-se em caso de bloqueio, quando fosse o navio notificado, e, apesar disso, tentasse passar a linha de assedio maritimo; que no caso de visita de um navio neutro por um de guerra, o primeiro se conservaria a distancia durante a realização della, "não sendo a parte neutra em nenhum caso obrigada a ir a bordo do navio examinador, para o fim de apresentar os papéis, ou para outro qualquer"; que na hypothese de combolo bastaria ao visitante "a declaração verbal do commandante dando sua palavra de honra que os navios que elle protege pertençam á nação cujo pavilhão tivesse içado, e, si se destinassem a um porto inimigo, que elles não tivessem genero de contrabando a bordo"; que as dividas dos individuos de uma nação a individuos da outra, as acções ou dinheiros que pudessem ter nos fundos publicos ou em bancos publicos ou particulares jámais seriam sequestrados ou confiscados no caso de guerra occorrente, e, finalmente, no caso de infracção de alguma das clausulas do tratado, que nenhuma das partes contractantes ordenaria ou autorizaria "acto algum de represalia, nem declararia guerra á outra por queixas de prejuizos ou danos, antes que a dita parte contractante, que se considerasse offendida, tivesse primeiro enviado á outra um relatório daquelles prejuizos ou danos, verificado; com provas competentes, reclamando justiça e satisfação e tivesse a mesma sido negada ou desarrazoadamente demorada".

Nesta disposição sadia, que a harmonia e amizade entre os Estados Unidos da America e o Brasil jámais tiveram occasião de executar, está-se a ver a semente de que nasceu, longos annos depois, ha dois annos apenas, o tratado que sob o nome de **Tratado Bryan** unio, a 24 de Julho de 1914, os dois paizes. E' de hontem a assignatura dessa convenção, egual á que a Republica Americana concluiu com outros povos da terra. Não é preciso, pois, dizer nem de seus intuitos, nem de seu nobre significado. Baste salientar que pela letra della, assentaram o Brasil e os Estados-Unidos em "submeter á investigação de uma Comissão Permanente, que sobre ellas dará parecer, todas as difficuldades de caracter internacional, que surjam entre elles e não possam ser directamente resolvidas por via diplomatica, nem caibam nos termos da convenção de arbitramento vigente entre ambos; e accordam em não declarar guerra um ao outro, nem começar hostilidades, emquanto não fôr apresentado o resultado dessa investigação". (Relatório da Repar-



tição dos Negocios Estrangeiros, 1857, pag. 2. — Relatorio das Relações Exteriores, 1915, 1, pag. 141. — Pereira Pinto, Apontamentos citados, II, pag. 339).

Que diria a Europa confiagrada ante essa sadia e madrugadora messe de bons principios?

VII

UMA DIVERGENCIA DE INTERPRETAÇÃO

(1845)

Sobre o tratado mesmo, levantou-se depois, entre o Governo de Washington e o do Rio de Janeiro pequena divergencia na interpretação quanto aos seus cessados effectos.

Valido por doze annos, estatuto que suas disposições, no que se referiam á paz e amizade, considerar-se-lam perpetuas. Uma amizade sem reservas podia ter seguranças desta natureza. Quasi um seculo depois, vê-se que não errou.

Pretendeu, porém, o Ministro Wise, então acreditado no Rio de Janeiro, que a clausula de perpetuidade devia interpretar-se de modo amplo, abrangendo tambem a attribuição, reconhecida por extensão aos consules americanos, de procederem á arrecadação e administração das heranças jacentes de cidadãos americanos fallecidos no Imperio sem testamento. "O negocio de maior importancia na epoca actual, escreveu S. Ex. em nota de 1.º de Julho de 1846, que existe entre os Estados-Unidos e o Brasil, é a perpetuidade do Tratado de 12 de Dezembro de 1828, em certos pontos, assim determinados na primeira parte do disposto no art. 3.º. Concordeu-se por este artigo em que, um anno depois da notificação da cessação do tratado ter sido feita por uma das partes contractantes á outra, o tratado, em todas as suas partes relativas ao commercio e navegação, cessaria de todo e terminaria; e, em todas aquellas partes que se referissem á paz e amizade, seria permanente e perpetuamente obrigatorio para ambas as potencias. Em conformidade com esta positiva clausula, todas as partes do tratado referiam-se necessariamente a esses quatro objectos respectivos, commercio, navegação, paz e amizade. Os pontos que não diziam respeito ao commercio e navegação naturalmente referiam-se, segundo o espirito do tratado, á paz e amizade. Todos os pontos portanto que não eram relativos ao commercio e á navegação, eram permanentemente e perpetuamente obrigatorios para ambas as potencias".

Respondeu para logo Cayrú, em notas de 21 e 24 de Agosto do mesmo anno de 1846, pondo em claro o engano dessa interpretação. "Sé bem, no paragrapho 1.º do artigo 33, escreveu elle, se

considerem permanentes e perpetuas todas as partes do referido tratado, relativas á paz e amizade, era evidente que uma tal estipulação devia ser entendida segundo o tem sido eguaes clausulas nos tratados entre os mesmos Estados e varias outras potencias, como termos genericos e indicativos de que entre as duas nações se observariam todos aquelles principios universaes e regras geralmente estabelecidas como protectoras dos direitos individuaes e internacionaes que tendem a firmar a paz e amizade entre os povos, e não abrangem quaesquer disposições regulamentares taes como as que regulamentam a maneira de se fazer a arrecadação e administração das heranças jacentes, e bens vagos elxstentes no imperio, sobre que não houve declaração expressa das duas partes contractantes". (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1847, pag. 110)

Tinha accedido tacitamente o Governo Americano a interpretação brasileira, quando um facto occorreu que determinou a retirada de Henry Wise do seu posto.

VIII

DESATTENÇÃO NÃO APPROVADA
(1847)

Em fins de 1846, uma patrulha de policia do Rio de Janeiro prendeu junto do caes de desembarque a tres marinhellos da marinha de guerra dos Estados-Unidos, um dos quaes foi sorprendido no acto flagrante de puxar uma faca para outro.

Apresentou-se então o tenente Alonso Davis, da corveta Saratoga, norte americana, exigindo que a patrulha entregasse os presos e, "não sendo attendido, foi buscar sua espada, que tinha deixado em um armazem proximo, e com ella desembainhada correu atraz da patrulha, que se dirigia ao Palacio Imperial, pretendendo até nelle entrar nessa attitude offensiva das leis do paiz; foi então preso pelo commandante e remettido, acompanhado por um official brasileiro, para o estado maior do corpo de permanentes emquanto os marinheiros eram conduzidos ao Aljube". (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1847, pag. 8)

Entretanto, tinha apparecido o consul dos Estados Unidos exigindo a soltura e protestando contra a prisão como uma offensa (indignity) ao seu paiz; o que fez tambem dous dias depols, o ministro dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, Henry Wise, que, além da soltura, exigia ainda o castigo da patrulha e do commandante da guarda.

O Governo Imperial, attendendo a discordancias e contradicções no relatorio da autoridade e na reclamação da legação, man-

dou proceder a um summario para se conhecer da verdade. Entretanto, como o Saratoga devia seguir no dia immediato para os Estados Unidos, ordenou a entrega do official Davis "dando assim, como disse, uma demonstração da sua deferencia para com o Governo da União, a cujo conhecimento seria levado o summario, para se applicar o castigo correspondente".

O acto de deferencia Imperial não foi, porém, devidamente apreciado. Henry Wise respondeu que não admittia a soltura de Davis sob condição alguma e, instando pela entrega immediata d'elle e dos marinheiros, reclamou de novo o castigo dos responsaveis. O ministro americano poz mesmo em duvida o direito de soberania do Brasil em suas praias, desconheceu a força publica por não trazer brilhantes uniformes nem ter rosto claro, qualificou de traição e cobardia a captura do tenente Davis, e vio nella um insulto á bandeira e commando do comodoro Rousseau. Ao receber o Governo Imperial esta nota, já tinha sido entregue a bordo o tenente Davis.

Ordenou, em consequencia o Gabinete do Rio de Janeiro, ao seu representante em Washington, que entabulasse ali a competente reclamação, para o que lhe remetteu toda a correspondencia e documentos necessarios. A discussão tinha sido suspensa no Rio de Janeiro por acto de Henry Wise, que, entre asserções mezes verdadeiras e ameaças ambiguas, declarou esperar ordens de seu Governo.

Depois da discussão aberta convidou o Governo Imperial ao representante americano para o acto de baptismo de S. A. a Princesa Isabel; mas o ministro não só não compareceu, como ordenou ou consentiu que o commandante da estação naval dos Estados Unidos se conservasse no porto sem acompanhar os outros navios fundeados, nos respeitoos devidos por tão alto acontecimento. O successo repetiu-se a 2 de dezembro seguinte, anniversario do Imperador.

Escreveu o Ministro de Estrangeiros de então, Barão de Cayrú: "Depois de tão estranho como inqualificavel procedimento, faltaria o Governo Imperial á sua dignidade e aos seus deveres para com a nação, se continuasse a entreter relações com o ministro que desconheceu o acatamento devido ao governo junto de quem foi acreditado para promover a paz, boa intelligencia e todos os interesses que ligam as nações." Suspendeu em consequencia as relações com Henry Wise, ordenando ao seu representante em Washington que exigisse sua retrada do Rio de Janeiro.

Naquelle capital havia, porém, o ministro do Brasil acceto, contra a letra das suas instrucções, uma explicação isolada dos acontecimentos, da qual, segundo se lê no documento official do tempo, "poderia deduzir-se que se propoz dar uma satisfação em vez de solicitá-la como lhe foi ordenado". Teve, por isso, ordem de recolher-se ao Rio de Janeiro, depois de notificado o Governo Ame-

ricano de que o Brasil havia desaprovado o procedimento de seu agente e insistia nas satisfações a que se julgava com incontestável direito. Sem duvida não tinha havido nas prisões realizadas "a menor intenção de offender ou insultar os Estados-Unidos, ou sua bandeira; não houve mesmo esse insulto ou offensa, e nessa parte não podia ser censurada a declaração daquele ministro; o que sustentava o Governo Imperial era que nas ditas prisões não houvera senão o exercício de um direito perfeito, e que por isso a declaração do ministro, de que o Governo do Brasil adoptaria os meios próprios para prevenir semelhantes occorrencias no futuro, não podia ter o assentimento Imperial, pois seria o mesmo que admittir que a patrulha de policia fora a provocadora quando prendera os marinheiros americanos em semelhante delicto, e que nenhum direito tinha ella de prevenir desordens nas ruas da cidade, direito inconquistavel e emanado da soberania do Imperio". (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1848, pag. 9)

Emquanto pendia o caso de solução, chegou ao Rio de Janeiro o novo ministro americano, designado em substituição de Henry Wise, David Tod. Foi recebido na fórma do estylo. Seu procedimento cavalheiro, suas maneiras conciliadoras fizeram logo esquecer os actos do antecessor. E as relações com a Legação dos Estados Unidos retomaram o pé de harmonia e cordialidade então quebrado.

A questão pouco depois findou com satisfação para ambos os lados. Em Abril de 1849 o Secretario dos Estados-Unidos declarou á Legação do Brasil em Washington "que tendo o seu antecessor, Mr. Buchanan, reconhecido amplamente o direito das autoridades brasileiras para processar e punir os crimes e infracções de seus regulamentos de policia, commettidos no seu territorio por marinheiros, cidadãos ou subditos de qualquer nação, as questões consideradas pendentes sómente diziam respeito á apreciação dos factos occorridos em 31 de Outubro de 1846; e que, não havendo a menor utilidade, no estado das relações amigaveis que subsistiam entre os dois paizes, e promoviam as boas disposições de seus ministros, em recommear essa questão, com prazer lhe manifestava que o Presidente dos Estados-Unidos lastimava aquella occorrença, que havia infelizmente interrompido, temporariamente, a boa intelligencia entre os dois Governos, muito principalmente pelo grande desejo de cultivar com o Brasil relações intimas e pacificas, e pelos sentimentos de consideração e amizade que nutria para com o Soberano Constitucional e o Povo Brasileiro". Também foi disseo informada a Legação Americana no Rio de Janeiro.

A tal gesto não podia corresponder o Brasil senão da mais amistososa maneira. "A tão benevoias e amigaveis expressões, disse o Ministro de Estrangeiros, Paulino José Soares de Souza, ao Parlamento, respondeu a Legação Imperial que, estando assim reconhe-

do o direito e esquecidos os factos, pelos sentimentos manifestados pelo Governo dos Estados-Unidos e seu representante no Brasil, não duvidava que o Governo Imperial visse na declaração que lhe era feita um meio honroso de entregar a um completo oívido as desagradáveis occorrencias... O Governo Imperial, approvando o procedimento da Legação em Washington, deu assim por terminado este negocio”.

No seu Relatório ao Parlamento, em 1846, escrevera o Barão de Cayrú, Ministro de Estrangeiros do Imperio:

“ As nossas relações com os Estados-Unidos da America tornam-se cada dia mais importantes, sobretudo pelo envolvimento que se nota nos Interesses commerciaes dos dois paizes. As demonstrações de verdadeira consideração do Gabinete de Washington pelo Governo Imperial, nomeando successivamente tres enviados extraordinarios para residirem nesta Côrte, foram ultimamente correspondidas, elevando S. M. Imperial á mesma cathegoria o seu representante junto do Presidente da União.” (Relatório da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1850, pag. 17. — Perelra Pinto. Apontamentos cits. II, pag. 391. — Clovis Bevilacqua, Direito Publico Internacjonal, — A synthese dos principios e a contribuição do Brasil — Rio de Janeiro, 1910, 1, pags. 118 e 257. — Moore A. Digest of International Law Washington, 1906, IV pag. 495. — Consulta do Conselheiro de Estado de 9 de Maio de 1847).

(Continúa)

HELIO LOBO.



POLLICE VERSO

Dos dezeseis filhos do coronel Ignacio Gama, cedo revelou o caçula singulares aptidões para medico. Pelo menos assim julgára o pae como quer que o visse na horta, interessadissimo em destripar um passarinho agonisante.

— Descobri a vocação do Nico, — disse o arguto sujeito á mulher — dá um optimo esculapio. Inda agorinha estava lá fóra dissecando um sanhaço vivo.

Hão de duvidar os naturalistas estremes que o homem dissesse dissecar. Um coronel indigena falar assim, com esse rigor, é cousa inadmittida pelosmeticulosos, que abalissam o genero inteiro pela meia duzia d'azemolas agaloadas do seu conhecimento.

Pois disse. Este coronel Gama abria excepção á regra; tinha suas luzes, lia seu jornal, devorára em moço o *Rocambole*, as *Memorias de um medico*, e acompanhava os detalhes da camara, com grande admiração pelo Ruy Barbosa, o Barbosa Lima, o Nilo e outros. Vinha-lhe disso um certo apuro na linguagem, destoante do achavascado ambiente glossico da fazenda, onde morava.

Quem nada percebeu foi Dona Joaquininha, a avaliar pelo ar emparvecido que deu á cara.

— Dissecando, explicou superiormente o marido, quer dizer destripando.

Destripar, dada a sua boa vontade paterna em descobrir no menino pendores cirurgicos, equivalia a dissecar. Tomem nota os dictionaristas que têm filhos.

— E você dexou-o commetter semelhante “malvadeza”? exclamou a excellente senhora compadecida da ave-sinha.



— Lá vens tu com as tuas pieguices!... Deixal-o brincar. E' da idade. Eu em pequeno fazia peiores, e nem porisso virei nenhum ogre.

Outra vez! *Ogre!* Que querem? O homem nascera rebuscado. Este ogre devia ser reminiscencia do Ogre da Corsega, Napoleão de nome. Perdoem-lhe, á guiza de compensação á parcimonia da esposa, cujo vocabulario era dos mais restrictos.

Dona Joaquininha fechou a cara, e quando o pequeno facinora entrou do quintal, pediu-lhe contas da perversidade, asperamente. O coronel, que nesse momento lia, na rede, as folhas recémchegadas, houve por bem interromper a ingestão de um discurso flammante sobre o Amapá, para acudir em apoio do fedelho.

— Uma vez que será medico, não vejo mal em ir-se familiarizando com a anatomia...

— A anatomia está ali, rematou a encolerizada mãe, apontando a vara de marmello occulta no desvão da porta; eu que saiba que o *Senhor* me continua com judiarias aos pobres animaesinhos, que te disseco o lombo com aquella anatomia, ouviu, *seu carniceiro?*

O menino raspou-se; o coronel retomou resignado o fio do discurso; e o caso do sanhaço ficou pr ahi.

Mas não ficou por ali a malvadez do Nico. Acautelava-se agora. Era ás escondidas que apanhava moscas e "depennava-as", brinquedo muito curioso, consistente em arrancar-lhes todas as pernas e azas, para gozar o soffrimento dos corpinhos inertes. Aos grillos cortava as saltadeiras, e ria-se de ver os mutilados caminharem como qualquer bichinho de somenos. Gatos e cães farejavam-n'ó de longe. Fora elle quem derrubára o misero Brinquinho, da Emilianna, aggregada, e era quem descadeirava a todos os gatos da fazenda.

Isso, longe. Em casa era um anjinho. E assim, anjo internamente, e demonio *extra-muros*, cresceu até á mudança de voz. Entrou nessa occasião para um collegio, e deste passou ao Rio, matriculado em medicina.

O emprego que lá deu aos seis annos do curso, soube-o elle, os amigos, e as amigas. Os paes sempre viveram empulhados, crentes de que o filho era uma aguia a plumar-se,



futuro Torres Homem de Itaóca, onde, vendida a fazenda, então moravam. Nesta cidade tinham em mente encarregar o menino, para desbanque dos quatro caducos esculapios locais, uns onagros, dizia o coronel, cuja veterinaria rebaixava os itaóquenses á categoria de cavallos.

Pelas férias o doutorando apparecia por lá, e cada vez "voltava outro", mais desempennado, com tiques de carioca, ss sibilantes, roupas caras, e uns palavriados technicos de embasbacar. Quando se formou, e veiu de vez, estava já definitivo, nos seus 24 annos. Não se lhe descreve aqui a cara porque retratos por meio de palavras têm a propriedade de fazer imaginar feições ás vezes oppostas ás descriptas. Dir-se-á unicamente que era um rapaz espigado, entre louro e castanho, bonito mas antipathico, — com o olhar do Emilio Chione, dizia a Sinhasinha Lopes, meniua sabidissima em cinemas. No queixo trazia barba de medico francez, andó, parece, coisa que muito accrescenta á sciencia medica do seu proprietario. Doentes ha que entre um doutor barbudo, e um glabro, ambos desconhecidos, pegam sem tir-te no pelludo, convictos de que pegam no melhor.

O Dr. Ignacinho, entretanto, aborrecia aquelle meio acanhado, "onde não tinha campo".

— Isto por aqui, escrevia a um collega do Rio, é um puro degedo. Clinica escassa e mal pagante, sem margem para grandes lances, e inda assim repartida por quatro curandeiros que se dizem medicos, perfeitas vaccas de Hyppocrates, estragadoras da pepineira, com as suas consultinhas de cinco mil réis. O cirurgião da terra é um Doyen de 60 annos, emerito extractor de bichos de pé, e cortador de verrugas com fios de linha. Dá iodeto a todo o mundo, e tem a imbecilidade de arrotar scepticismo, dizendo que o que cura é a Natureza. Estes rabulas é que estragam o negocio, etc.

Negocio, pepineira, grandes lances, — está aqui a psychologia do moço medico. Queria panno verde para as boladas gordas...

— Além disso, continuava, é-me insupportavel a ausencia da Yvonne e de vocês. Não ha em Itaóca mulheres,

nem gente com quem uma pessoa palestre. Uma pocilga! As boas pandegas do nosso tempo, hein?

Esta Yvonne, estes amigos, estas pandegas foram o melhor do seu curso. Com mão diurna e nocturna manuseou-os, a estes tratadistas da anatomia, da physiologia e da calaçaria e agora roiam-no saudades.

Yvonne voltára á patria, deixando por cá a meia duzia de amantes exclusivos que depennára, a morrerem de saudades dos seus encantos. Antes de ir-se deu a cada parvo uma estrelinha do ceu, para, a tantas horas, encontrarem-se nella os amorosos olhares. Os seis idiotas todas as noites ferravam o olho, um no *Taureau*, (ella distribuiu as contellações em francez) outro na *Ecrevisse*, outro na *Chevelure de Berenice*, o quarto no *Bélier*, o quinto em *Antarés*, e o derradeiro na *Epi de la Vierge*. A marota de lá morria de rir nos braços dum *apache*, contando-lhe a historia comica dos seis parvos brasileiros e das seis estrellas respectivas. E liam juntos, elle e ella, as seis cartas recebidas por cada vapor, nas quaes os protestos amorosos em temperatura de ebulição faziam perdoar a ingrammatilidade do francez antarctico. E respondiam de collaboração em carta circular onde só variava o nome da estrella e o endereço. Promptas todas as copias, o *apache* abria o canhenho da Yvonne, e dictava:

— Mr. Gomes, *le Taureau*; Mr. Silva, *l'Epi de la Vierge*; Mr. Souza, *le Bélier*...

E Yvonne ia collocando as estrellas, a rir. Esta circular era o que havia de terno. Queixava-se ella, a rapariga, de saudades — essa palavra tão poetica que fôra aprender no Brasil, o bello paiz das palmeiras, do ceu azul, e do amor... Acoimava-os de ingratos, consolados já para novos amores, enquanto ella, a pobresinha, solitaria e triste "comme la juryty", na casa humilde dos velhos paes consumia os dias em rememorar o doce passado e os serões a fitar a estrella...

Eis explicada a razão pela qual, em noites limpidas, o Dr. Ignacinho ficava-se pensativo á janella, de olho posto na *chevelure de Berenice*. A cabelleira de Berenice era a sua constellação... E tambem se explica o segredo dumas

cartas que lhe entregava o correio, carimbadas de França, sobre a figurinha da Semeadora.

O sonho do moço era enriquecer ás rapidas, para reatar a gostosura do idyllio interrompido.

— Paris!... Paris!... balbuciava a meia voz, nos momentos de devaneio, semi-cerrando os olhos, no antegozo do paraiso.

Sonhava-se lá, riquinho, com a Yvonne pelo braço, flinando no Bois, tal qual nos romances; e a realização d'este sônho era o alvo de todos os seus passos. Jurára á amiga ir ter com ella, logo que a prosperidade lhe abastasse meios.

Entretanto o tempo corria, e nenhuma piabanha de vulto lhe cahia na rede. Tardava a bolada...

Em francez senegalesco, Ignacio *chorincou* epistolarmente, no collo da diva, nestes termos:

— Não adoce por cá nenhum rico; não ha "margem para grandes lances"; o pae está velho mas ainda rijo, além de que somos dezeseis herdeiros! Não sei quando poderei estreitar-te nos braços, ó minha...

Aqui vinham tres ou quatro comparações a fio, qual mais poetica, relembrativas do estro de Salomão quando cantava a Sulamita.

Entre os medicos antigos de Itaóca, o Dr. Ignacinho gozava pessimo renome, se um renome pessimo é coisa de gozo.

— E' uma bestinha, dizia um; eu fico pasmado mas é de sairem da faculdade cavalgadas daquelle porte! E' medico no diploma, na barbicha e no anel do dedo. Fóra d'ahi, que cavallo!

— E que topete! accrescentava outro. Presumido, petulante e pomadista como não ha segundo. Não diz humores, ou syphilis: é mal luetico. Que pedante! Eu o que quero é pilhal-o, n'uma conferencia, para escachar...

O pae, já viuvo por essa epoca, esse babava-se d'orgulho. Filho medico, e inda por cima destabocado e bem petulante como aquelle... Era de moer d'inveja aos mais. Enlevava-o sobretudo o seu modo alcandorado de exprimir-se. Revia-se no filho, o coronel...

— A terminologia inteira da sciencia allopatha, coisas em grego e latim, circumvolve ali n'aquella cabecinha,

disse uma vez ao vigario, que olhou de revez, por cima dos olhos, áquelle circumvolve, lindo, mas inapropositado.

E assim corria o tempo entre diatribes das duas sciencias, a moça e a velha, com entremeios dos bellos vocabulos que o coronel nunca perdia de embrechar no phraseado.

Entremettes, adoeceu o major Mendanha, capitalista aposentado com tresentas apolices federaes de conto, o Rockefeller de Itaóca. Deu-lhe uma subita afflicção, uma canceira, e a mulher alvoroçou-se.

— Não é nada, isto passa.

— Passará ou não; o melhor é chamar um medico.

— Qual, medico! Isto é nada.

Não era tão nada assim, como elle pretendia. Aggravou-se-lhe á noite o mal estar, e o velho cedeu ás instancias da esposa. Chamar a qual delles, porém?

— Pois o Moura, disse a mulher, para quem o da sua confiança era este Moura.

— Deus me livre, retrucou o marido. Aquillo é homem mal azarado. Não foi elle quem tratou o Zeca, o Peixoto, o Jeronymo? E não esticaram a canella todos os tres?

— O Dr. Fortunato, então...

— O Fortunato! Já você esqueceu o que me elle fez por occasião do jury, aquelle tranca? Cobrar por um attestado falso! Não me pilha mais um vintem, o maroto.

No Dr. Elesbão não se falou; era adversario politico.

— Chama-se o Galeno...

— E' tão burrego o Galeno... gemeu o doente com cara desconsolada. Andou annos a tratar o Faria do Hotel como diabetico, e já o dava por morto, quando um curandeiro da roça o poz sanissimo com um côco da Bahia comido em jejum. Os biabetes do homem eram solitaria... Só se vier o filho do Ignacio.

Aqui foi a mulhêr quem reluctou.

— Eu, a falar a verdade, prefiro a ruindade do Galeno, a má sorte do Moura, e até o Elesbão...

— Esse, nunca!! interrompeu o velho n'um assomo de rancor politico.

— ...do que a antipathia do tal doutorzinho. Os outros, ao menos, têm a experiencia da vida, ao passo que este...



— Este o quê?

— Este, Mendanha, é moço bonito que o que quer é dinheiro e pandega, você não vê?

— Qual! embirrinhou o teimoso, sempre ha de saber um pouco mais que os velhos; aprendeu coisas novas. No caso da Nhazinha Leandro, não a poz boa n'um apice?

— Tambem que doença!... Prisão de ventre...

— Seja prisão ou soltura, o caso foi que a curou. Mandé chamar o menino.

— Olhe, olhe! depois não se arrependa!...

— Mandê, mande chamal-o, e já, que não me estou sentindo bem.

Ignacinho veio. Interrogou detidamente o major, to-mou-lhe o pulso, auscultou com o semblante carregado, e disse, depois de longa pausa:

— Não diagnostico por emquanto, porque não sou leviano como "certos" por ahi. Sem auscultação esthetoscopica nada posso dizer. Voltarei mais tarde.

— Vê? disse Mendanha á esposa, logo que o moço partiu. Se fosse o Moura, ou qualquer dos taes, já ali da porta vinha berrando que era isto, mais aquillo. Este é consciencioso. Quer fazer uma auscultação, quê?

— Stereoscopica, parece.

— Seja o que for. Quer fazer a coisa pelo direito, é o que é.

O moço voltou logo depois, e com grande cerimonial applicou o esthetoscopio no peito magro do doente. Vincou de novo a physionomia das rugas da concentração, e por fim concluiu com imponente solemnidade:

— E' uma pericardite aguda, aggravada por uma phlegmasia hepatico-renal.

O doente arregalou o olho. Nunca imaginára que dentro d'elle surgissem doenças tão bonitas, embora incompreensiveis.

— E é grave, doutor? perguntou a mulher apprehensiva.

— E', e não é, respondeu o sacerdote; seria grave se, modestia á parte, em vez de me chamarem, chamassem um desses matasanos que por ahi rabulejam. Para mim, não. Tive no Rio, na clinica hospitalar, numerosos casos mais



graves, e a nenhum perdi. Fique descançada que porei o seu marido são dentro de um mez.

— Deus o ouça! rematou a mulher, já reconciliada com a “antipathia”, acompanhando-o até á porta.

— Então? perguntou-lhe o doente; fiz ou não fiz bem em chamal-o?

— Parece. Deus queira tenhamos acertado, porque isto de medicos é sorte.

— Não é tanto assim, redarguiu o velho, os que sabem conhecem-se por meia duzia de palavras, e este moço, ou muito me engano, ou sabe o que diz. Fosse o Fortunato...

E riu-se, ao imaginar as doencinhas caseiras que o Fortunato descobriria nelle.

A doença do Major Mendanha ninguem sabe qual fôra. O lindo diagnostico do Dr. Ignacinho não passava de mera sonoridade pelintra. Bacorejava ao moço que o velho tinha o coração fraco, e qualquer maromba pelo figado. Palpite. Isto, porque lhe doia a elle aqui no “vasio”; aquillo, por ser natural em organismo já combalido pela idade. Confessal-o com esta semceremonia, porém, seria fazer clinica á moda Fortunato, e desmoralisar-se. Além do mais, quem sabe não estaria ali o sonhado lance? Prolongar a doença... Engordar a maquia...

Ignacio não enxergava em Mendanha o doente, senão uma bolada maior ou menor, conforme a habilidade do seu jogo.

A saude do cliente importava-lhe tanto como as estrelas do ceu, excepção feita á cabelleira de Berenice. Como desadorasse a medicina, não vendo nella mais que um meio rapido de enriquecer, nem sequer o interessava o “caso clinico” em si como a muitos. Queria dinheiro, porque o dinheiro dar-lhe-ia Paris, com Yvonne de lambugem. Ora, o major tinha 300 apolices... Dependia, pois, da sua artimanha malabarisar aquelle figado, aquelle coração, aquellas palavras gregas, e n’um prestidigitar manhoso reduzir tudo a uns tantos contos de réis bem soantes.

A carta desse mez disse á Yvonne:

— Os negocios melhoraram. Estou mettido em uma empreza que se me afigura rendosa. Sahindo tudo a contento,



tenho esperança de inda este anno beijar-te sob a luz da terna confluyente dos nossos olhares...

O velho peiorou com a medicação. Injecções hypodermicas, capsulas, pilulas, poções, não houve therapeutica que se não experimentasse nelle, desastrosamente.

— E' mais grave o caso do que eu suppunha, disse o doutor á mulher, e os escrupulos do meu sacerdocio aconselham-me a pedir uma conferencia medica; os collegas da terra são o que a Sra. sabe; entretanto, submetto-me a ouvir-os. Se a familia quer...

— Não, doutor, Mēdanha não quer ouvir falar nos seus collegas; só tem confiança no doutor Ignacio Gama.

— Nesse caso...

Ignacinho voltou para a casa esfregando as mãos. Estava só em campo, com todos os ventos favoraveis.

Mau grado seu, na semana seguinte, inesperadamente, o major apresentou melhoras. Sarava, o patife! A Ignacio palpitou que com mais uma quinzena d'aquella arribação o homem se punha de pé. Fez os calculos: trinta visitas, trinta injecções, e tal e tal: tres contos. Uma miseria. Se morresse, já o caso mudava de figura, poderia exigir vinte ou trinta contos.

O costume dos tempos era fazerem-se os máus medicos herdeiros dos clientes. Serviços pagos ahi com centenas de mil réis em caso de cura, em caso de morte reputam-se por contos. Se reluctavam no pagamento os interessados, a questão subia aos tribunaes, com base no arbitramento. Os arbitros, officiaes do mesmo officio, sustentavam o pedido — por colleguismo, dizendo em latim: *Hodie mihi, cras tibi*, cuja traducção medica é: prepare-se você para fazer o mesmo, que eu tambem tenho em vista a minha cartada.

Ignacio ponderou tudo isto. Mediü prós e contras. Consultou accordãos. E de tal modo absorvido andou com o problema que, á noite, na janella, deixava-se ficar até altas horas, mergulhado em scismas, sem erguer os olhos para a Berenice estellar.

O que a sua cabeça pensou ninguem o saberá nunca. As ideias têm para escondel-as a caixa craneana, o couro cabelluda, a grenha; isso por cima; pela frente, têm a men-



tira do olhar e a hypocrisia da bocca. Assim entrincheiradas, ellas, já de si immateriaes, ficam inexpugnaveis á argucia alheia. E vae nisso a pouca de felicidade existente neste mundo sub-lunar. Fosse possivel ler nos cerebros, claro como se lê no papel, e a humanidade crisar-se-ia de horror ante si propria...

Positivo como era o Ignacinho, supponho que metheu em equação o problema das duas vidas.

1.a hypothese.

Cura do Major — 3 contos

3 contos = Itaóca, pasmaceira, etc...

2.a hypothese

Morte do Major — 30 contos

30 contos = Paris, Yvonne, Bois...

Depois desta solida mathematica, esta anavalhante philosophia: A morte é um preconceito. Não ha morte. Tudo é vida. Morrer é a transição de um estado para outro. Quem morre, transforma-se. Continua a viver inorganicamente, transmutado em gazes e saes, ou organicamente, feito Lucilias, Necrophoras e uma centena de outras vidinhas esvoaçantes. Que importa para a harmonia universal das coisas esta ou aquella forma? Tudo é vida. Tudo mata para viver. A grande questão é poder matar!... Eu preciso e quero viver a minha vida. Ha obices no caminho? Afasto-os! Tão simples...

Fiquemos por aqui. Estes soliloquios mentaes são apavorantes quando descarnados da abençoada polpa da hypocrisia.

Hypocrisia! que cascão precioso és tu! e como te injuriam... os hypocritas!...

Fiquemos por aqui.

Não ha tempo para malbaratar com o amoralismo, porque o Major Mendanha peiorou subitamente e lá agonisa. Morreu. O attestado d'obito baptisou a *causa-mortis* de phlegmatite aguda com nephrite elipsoidal. Podia baptisala de embolia estourada, nó cego na tripa, tuberculose mesenterica, estupor granuloso peristaltico, ou qualquer outro dos cem mil modos de morrer á grega. Morreu, e está dito tudo.

Morreu, e o Dr. Ignacinho apresentou em inventario uma conta de chegar: 35 contos de réis.

Os herdeiros impugnaram o pagamento. Move-se a traquitana desengonçada que chamam a Justiça, com maiuscula, inda se não descobriu porque. Moe-se o palavriado tabelionesco. Saem das estantes carunchosos trabucos romanos.

Procede-se ao arbitramento.

Os arbitros são Fortunato e Moura, os quaes disseram entre si:

— Que grande velhaco! Mata o homem e inda por cima quer ficar-se herdeiro! O tratamento, alto e malo, não vale cem mil réis. Que valha duzentos. Que valha um conto! Ou tres! Mas trinta e cinco, é ser ladrão.

No laudo, entretanto, acharam relativamente (esqueceram dizer relativo ao que) modico o pedido.

A Justiça enguliu aquelle papel, manipulou-o com os outros ingredientes da praxe, e ao cabo partejou um monstrosinho chamado sentença, o qual obrigava o espolio a alliviar-se de 35 contos em proveito do medico, mais as custas da esvurmada forense.

Ignacinho embolsou os cobres, e reconciliou-se com os dois collegas, que afinal não eram as azemolas que elle supunha.

— Collegas, o passado, passado; agora, para a vida e para a morte.

— Pois está visto, disse Fortunato. Tolo foi você de abrir lucta com os que ajudam o negocio. O colleguismo: eis a nossa grande força!...

— Tem razão, tem razão. Criançada minha, illusões, farofas que a idade cura.

Que mais? Que vôou a Paris? Está claro. Vôou, e lá está, sob o pallio da grenha astral, com a Yvonne, a passear no Bois.

Ao pae escreveu:

— Isto é que é vida! Que cidade! Que povo! Que civilização! Vou diariamente á Sorbonne ouvir as lições do grande Doyen, e opéro em tres hospitaes. Voltarei não sei quando. Fico por cá durante os 35 contos, ou mais se o pae entender de auxiliar-me neste aperfeiçoamento de estudos.



A Sorbonna! A Sorbonna deve ser algum "paraíso" em Montmartre, onde compartilha com o *apache* da Yvonne o dia da rapariga.

Doyen está claro que é a propria rapariga.

E os tres hospitaes? Ora! são os tres *cabarets* mais a geito.

Não obstante o pae scismou naquillo cheio d'orgulho, embora pezaroso: que pena não estar viva a Joaquininha para ver em que alturas andava o Nico, o Nico do sanhaço estripado... Em Paris!... Na Sorbonna!... Discipulo querido do Doyen, o grande, o immenso Doyen!...

Mostrou a carta aos medicos reconciliados.

— Isso de hospitaes, gemeu Fortunato, é uma mina. Dá nome. Para botar nos annuncios é de primeirissima.

— E o Doyen, hein? murmurou baboso o embevecido pae. Não ha como a gente aproximar-se das celebridades...

— E' isso mesmo, concluiu o Moura, relanceando um olhar a Fortunato, n'um commentario mudo áquelle mirifico aproxinamento. E os dois enxugaram, á uma, os copos da cerveja commemorativa, mandada abrir pelo bemaventurado Coronel.

— E a Consciencia? perguntará com indignação algum megatherio, ledor de Hugo e Sue, contemporaneo do remorso, do dedo de Deus e outras antigualhas fosseis.

— Dorme o somno do archaismo no fundo dos dictionarios, responde com o seu riso metallico o nosso prezado amigo Mephistopheles, de dentro de um "Fausto", de qualquer edição. E o megatherio embucha.

MONTEIRO LOBATO

POESIA

O AÇUDE

I

*Quando resoaram no crmo, com fragor,
as primeiras malhadas, em cadencia,
no alto da primeira estaca,
o Artifice passeou o olhar dominador,
quebrado numa vaga somnolenciã,
em torno da barraca.*

*Podia respirar, emfim... Podia,
emfim, sosinho, agora, irradiar energia,
ardentemente, sobre a natureza;
abrir, emfim, toda a comporta agora
à vontade fatal que no ser lhe estuava,
como a agua funda a arfar no ambito da represa.
Havia de sentil-a extravasar cá fora,
viver na vida que criava,
desdobrando-se á luz, como uma cobra,
na turbamulta dos trabalhadores,
resfolegando em bufos de motores,
ondeando em fumo, ardendo em luz, tinindo em aço,
cravando-se no solo, erguendo-se no espaço,
nas muralhas da Obra!*

*Fôra uma longa luta insidiosa e rasteira,
entre as malhas sombrias da cidade...
Veneera, emfim; veneera a custo,*



*e arrancara-se após a esse aseoso aranhol
para o livre horizonte deste campo,
como o rio que ferve na cachoeira
por entre paredões, num passo angusto,
e vai, enfim, ganhar a claridade,
amplo e calado sob o ceu escampo,
benéfico e feliz á luz do sol.*

*Podia respirar... Num vivo esorço,
ao sopé da collina, onde, como uma vela,
se arqueava a tenda aos júbilos do vento,
via agitar-se á luz a multidão obreira,
na alegria commum de um harmonico esforço;
e ella lhe pareceu formosa, e ella
lhe pareceu esplendida, um momento,
entre as seintillações dos ferros e o estridor,
e entre nuvens de pocira:
porque viu que em unisono, fremente,
como vibrando ao som de um remoto clarim,
parecia animada, heroicamente,
das audaeias de um sonho criador...
E era o seu sonho que vivia assim!*

*Largo e soturno, ao lado,
rebrilha o claro rio entre arbustos eseuos,
como um espelho em bronze emmoldurado.
Lança-lhe um longo olhar de desafio,
que a agua e as ribas abarea.
Ha de prendel-o, um dia, entre altôs muros:
ha de mudar-lhe, em breve, a insidiosa preguiça,
a frouxa lentidão de livre e calmo rio,
que as planicies inunda e as baixadas encharea,
numa força monstruosa e, entretanto, submissa.*

*E, até então, viverá, dia por dia,
essa vida maior que pela obra plasma:
transformada em legião, com dois mil braços,
será uma força natural bravia,
a luetar com o penedo e a fazel-o pedaços,*

*com a terra, áspera ou branda, a revolvel-a,
com a lama, o charco, o miasma,
a podridão, os vermes, a extinguil-os;
a lutar com a agua molle, a agua rebelde e mansa,
mortifera e cruel sob aspectos tranquillos,
a domal-a e vencel-a.*

*E ha de ver o seu sonho, a ideia acrea,
que era sombra de sombra, a aspiração
que pareceu morrer ao formular-se,
tomar formas visiveis á materia,
transladando-se aos poucos, sem disfarce,
a rápidos signaes de sua mão,
em sylogismos rijos de muralhas,
em conclusões de abóbadas e pontes,
rival dos rios e dos montes,
— sem desvios nem falhas,
sem uma imperfeição!*

II

*E a luta começou, porfiosa, dia a dia.
Vendo o campo talado e revolto, dir-se-ia
que ahí vaga e extravagava um formigueiro humano,
a arder numa paciente insânia, sem mais plano
que apagar as feições á obra da natureza.*

*Já do alveo que era seu banida, a correnteza
muge ao lado, a raivar, na curva de um desvio;
e do que foi ha pouco amplo e sereno rio
resta um jorro banal, saudoso do seu leito,
e um caminho de lama esboroado e desfeito,
onde os seixos ao sol são como os ossos brancos
de um morto apodrecido á sombra dos barrancos.
De um lado e de outro lado, entre montões de areia,
montões de alvenaria. Entre uns e outros, serpeia
confusa multidão de sulcos e de fossos.
E tudo em derredor são ruínas e destroços.*



*Entanto, o enxame, a ir e vir, não pára nunca:
rasga, esbruga, recorta, esmaga, fende, trunca.
Já leve ondulação do terreno não resta,
cuja curva gentil não lha rompa uma aresta.
Já relvado não ha, fresea e viçosa alfombra,
onde um ferro não rasgue uma guela de sombra.
E do seio do bosque ondulante e gemente,
que em vão busca na terra a agua do rio ausente,
surge, a ostentar no espaço a agudez do contraste,
o esqueleto anguloso e riço de um guindaste.*

*Mas, aos poucos, do eahos vem repontando a ordem;
nem só destroços ha no ehão que os ferros mordem.
Da larga sementeira espantosa de estragos
pareem já brotar, ainda lentos e vagos,
os contornos subtís de uma ideia, á conquista
da forma estreita e justa onde esplenda e subsista.
Passam dias ainda, e já da terra medra,
buseando o sol estivo, uma phrase de pedra;
outra, aos poucos, além, do solo se desata:
juntam-se, e já o sentido, em eommmum, se dilata.
Esboça-se mais longe, um arco, de onde em onde,
e aquem, a cada qual, arco igual corresponde.
A cavidade se une á cavidade. A fenda,
que era um enigma ha pouco, agora se desvenda:
será um longo canal. E do emmaranhamento
de eseombros e de paus, de pedras e eimento,
que além estrala e range entre nuvens de poeira,
vai deslindar-se em breve a leveza altaneira
de uma ponte graciosa, a cspelhar o areabouço
na agua que ha de fulgir, ampla e funda, no poço.*

*Presente sempre ahi, emquanto o sol é vivo,
o Artífice é a alma audaz do esforço collectivo;
seu gesto, sua voz, seu nome, seu eommando,
sua vonade está, por tudo, ahi, pairando.
Vem della o extranho ardor que ergue os alviões na faina.
Aqui, propelé o embate; além, o ímpeto amaina;
e a legião, que a lutar tão longos dias passa,*

outra razão não vê do que faça ou desfaça.
 Cada pedra partida em laseas, cada mole
 carregada, cada lenho a entrar na argila molle,
 cada alferce rompente a voar nos ares, tudo
 ponto por ponto espelha o pensamento mudo,
 tão prestes como o gesto ansiante ou harmonioso,
 como o olhar, o meneio, a palavra, o repouso,
 quando a saúde, em paz, alma e corpo equilibra.
 Toda essa vibração sae do seu ser que vibra!

Assim o moço forte, embriagado da lida,
 vê cada novo dia ampliar-lhe nova vida.
 Sente-se desdobrar, ser legião, ser torrente,
 crescer em derredor de si como uma enchente.
 E essa larga embriaguez tanto a alma lhe transtorna,
 tão alto o faz viver, tão jubiloso o torna,
 que, amando o que lhe empresta uma força dobrada,
 já quasi teme vêr a grande obra acabada...

III

Um dia, enfim, o Açude, acabado, se alteia,
 ao longe, sob o sol que o dorso lhe incendeia;
 lá fulge entre a cortina ondulosa da mata,
 mar de bronze arripiado em espumas de prata.
 Já o curso da agua, além, regulado pela arte,
 dons que antes não possuía, hoje, aos poucos, reparte:
 toda a cidade, agora, os percebe e reclama,
 e a mão, que os afeiçoou, grande e forte proclama.
 Já o valle improductivo, á surdina da rega,
 deixa que á messe farta abra espaço a macega;
 e ao mesmo tempo, em vez dos miasmas, a saúde
 vem conquistar mais terra em derredor do Açude.
 E aos domingos, na praça, o burguez que suspira
 por ares menos maus do que o ar que respira
 e por um quadro novo e de nova belleza,
 lá vai, em romaria, em busca da represa...
 Deante da immensa cuba, alta, larga e repleta,

*onde o ceu se despenha, elle sente-se poeta,
livra a imaginação do freio quotidiano...
E do tanque, florão da Cidade, anda ufano!*

*Um côro triumphal de louvores celebra
a forte concepção, a audacia que não quebra,
o subter minucioso, a razão previdente,
o sacrificio, a fé que alcançaram a obra ingente,
a despeito do error, da ignorancia, do pasmo,
da escumante impotencia e do ácido sarcasmo,
a despeito da muda opposição da terra,
do marnel que polue e do morbo que aterra,
a despeito do tempo, — e que assim, a despeito
de tudo, vieram dar num lavor tão perfeito.
O Artífice, porém, usado a ir contra tudo,
quando toda a cidade assim fala, está mudo.
Voa-lhe o nome no ar, porém, quanto mais vóa,
mais se esgueira e se apaga, em sombras, a pessoa.*

*Porque ha de elle fugir á alta gloria que o chama?
Porque, depois da luta em conquista da fama,
quando a fama se rende, elle lhe volta a face,
como quem não a quiz, como se a não amasse?
Julga-a talvez mesquinha? Achará que ainda é pouca?
Pouco, ir assim, de peito em peito e bocca em bocca!
Pouco, poder pregar taes asas á vaidade
— a gratidão do povo, o orgulho da cidade!
Ah! que é preciso arder numa ambição de louco,
para achar que tudo isto, afinal, seja pouco!*

*Assim mais de um varão sensato raciocina.
E a aura feliz do Obreiro, entre chaseos, declina.*

*O tempo faz o resto. O tempo tudo apaga,
tudo renova; após uma vaga outra vaga,
tudo alue e desfaz. A rosa em que a luz arde,
é um sonho de manhã, será um farrapo á tarde.
O olvido, cuja marcha esse não ha que tolha,
como a hera — sobre a fama ergue de folha em folha*

*o velario que eneobre o vigor, que deslustra
o brilho e as intenções, uma por uma, frustra;
como a lenta humidade — as juntas retalha,
aqui esborôa, ali amolga, além espalha
onde as linhas e a côr se davam mutuo arrimo
a lepra do bolor e a babugem do limo;
e como o earraseal que se larga a si mesmo
— por entre as eontrueções mais fortes viça a esmo,
perspectivas destroe, primores desalinha,
e reduz a grande obra a uma ruina mesquinha.*

*Soffrendo sorte igual á do esforço que o alçara,
o Açude soffre, além, a invasão que não pára:
a ruina, o esquecimento incoereível das cousas,
que dá ás obras da vida a tristeza das lousas,
avança: aqui escorece; ali deforma... Avança
como os pontos de sombra avançam na lembrança,
a creseer em tamanho e em negror, lento e lento.*

O esquecimento é ruina. A ruina é esquecimento.

IV

*Alma piedosa parte a consolar o Obreiro:
—“Bem eomprehando o pesar que te faz prisioneiro
de ti mesmo. Comprehando esse orgulho ferido,
que anda a soffrer a sós um mal incompreendido.
Sabias que a ovação da eidade e do povo
premiava em teu labor — não o bom, mas o novo,
(pois de agora não é que o vulgo inseiente e pulha
só se abre eom rumor ao que ehega eom bulha)
e quizeste fugir a essa falsa apparencia,
que, se afaga a vaidade, atormenta a eonseiencia...
E tiveste razão: eessa o rumor; o açude
lá está, triste e apagado, e para a gente rude
é como a arvore boa á beira de uma estrada:*

*pouco importa saber por que mão foi plantada.
Por isso te retraes...*

— *“Sim! como quem se dobra
sobre si mesmo, a erguer, na mente, nova obra,
— obra que lhe renove essa embriaguez de vida
cujo encanto se esvae quando a empresa é concluída!”*

*Que me importa o rumor transitorio ou perenne,
que affectuoso me exalte, ou duro me condemne?
que a obra feita pereça, ou dure e brilhe ainda,
se findou para mim, desde que a dei por finda?*

*Certo é doce pensar, numa volupia calma,
que a feitura onde estão pedaços de nossa alma
ha de permanecer, forte, — quaes penedias,
sob inquieta caudal, — sob o dobar dos dias.
Certo é doce a chimera. A's vezes, a chimera
é todo o bem do heroe, que, na treva, ainda espera
ver de brusco raiar, do atro horizonte ao nível,
o encantado esplendor de uma aurora impossivel...
Mas a ancia juvenil que me impulsa e me exalta
não vem dessa illusão, porque a illusão me falta.*

Tudo quanto me alenta o esforço — é o proprio esforço.

*Como quem, sobre um lenho, erra por sobre o dorso
mutante da agua viva, ora os remos batendo,
ora os remos largando, insaciavel bebendo
todo o vario esplendor da infinita paizagem,
sonhando entre dois céus, e só termina a viagem
quando é força parar e, parado, só pensa
em reatar bem depressa a cbriedade suspensa,
— tal eu vou pela vida, ancioso, de obra em obra...
Cada esforço a ambição de um novo esforço dobra.
Minha existencia é um rio, eu quero-a como um rio,
impetuoso, liberto, esplendente, sombrio,*

— e porque amo a caudal, quero vagar sobre ella,
contente se me exalta, e feliz se a acho bella.

Que me importa a represa? a aura infausta ou galerna,
que morra antes de mim, que sobreviva eterna?

O esforço é bom quando nos ergue e nos arrasta
no turbilhão da Vida e do Sonho! E isto basta.”

V

E, tomando o compasso e o esquadro, e reacendendo
no olhar a chamma azul que ia, ha pouco, perdendo,
— chamma serena e igual de lampada nutrida,
chamma de sonho largo e vontade contida, —
de novo se debruça, arfante, sobre a prancha;
traça, emenda, refaz; recomeça e desmancha...
E nesse extrenuo afan, que é delicia e tortura,
elle arqueja e sorrri, com raiva e com amor,
— qual quem lavra uma gleba dura,
— qual quem sorri para uma flôr...

AMADEU AMARAL

Março, 1916.



SIMPLICIDADE

*Chove. Sombra e silencio. Que saudade
No coração vazio!*

*Ha na minh'alma a dubia claridade
Deste dia sombrio.*

*Pelos humidos vidros das janellas,
Baças pela friagem,*

*Vejo a dansa das folhas amarellas,
Ao balanço da aragem.*

*Aeaso eu amo, para soffrer tanto
Esta magua profunda?*

*E olho cair a chuva, como o pranto
Que os meus olhos inunda.*

*A alma, deserta. A estrada, erma e tristonha.
E eu recordo o passado,*

*No vago mysticismo de quem sonha
Um sonho abandonado.*

*Ninguem, na alma e na rua adormecida.
Que indizível tristeza!*

*Pensa nessa mulher, quasi esquecida,
Que amaste com certeza...*

*A aria da chuva, tremula, de leve,
Tamborilando passa.*

*E, sem querer, a minha mão escreve
Um nome na vidraça...*

*Brilham as letras, vivas, irisadas
De ephemos cambiantes,
Mas, em perolas finas transformadas,
Eseorrem gottejantes...*

*E o coração, no carcere do peito,
Ouço de quando em quando
Solugar, vendo, em lagrymas desfeito,
O teu nome echorando...*

*Fria, de cada syllaba pendente,
Uma lagryma desee.
E o teu nome se apaga lentamente,
Por fim desaparece.*

*Tudo, tudo na vida brilha e passa,
Miragem de um momento,
Dando a impressão de um pouco de fumaça
Sobre as asas do vento...*

*Tu és como este céu, einzento e triste,
O' minh'alma viuva...
Tens a mesma tristeza que sentiste
Na musica da chuva.*

CANÇÃO DO CAHIR DAS FOLHAS

A Luiz Paulino Soares de Souza

*Porque te escondes na sombra?
De que modo se traduz,
Este medo que te assombra
De fulgir na propria luz?*

*Porque será que procuras,
Quando a volupia te cleva,
Tornar a sala ás escuras
Para beijar-me na treva?*

*Porque motivo é que trazes,
Florindo-te a pallidez,
As violetas e os lilazes
Presagos da viuvez?*

*Adivinho em teus martyrios,
A dor que te desespera :*



*Escuto a canção dos lírios,
No requiem da primavera...*

*Nos teus olhares descubro
A languidez outomnal,
Que têm as rosas de outubro
No silencio vespéral.*

*Paira em ti a luz tristonha
Da hora solenne e secreta,
Em que a natureza sonha,
Porque Deus se fez Poeta...*

*Como as roseiras, despida,
As tuas folhas se vão...
Sonhos mortos pela vida,
Folhas mortas pelo chão...*

*Alvo, em teu cabelo louro,
Já o inverno se retrata,
Mudando-te os fios de ouro
Em niveos filões de prata.*

*Envelheces, envelheces...
O tempo não volta mais...
E o luar caleia as messes,
No doirado dos trigaes...*

*Presinto, e com que tristeza,
Com que indizível desgosto,
Que, pouco a pouco, a belleza
Vae apagar-se em teu rosto...*

*Muito em breve, muito em breve,
Primavera, vae morrer...
Cerro as palpebras de leve,
Fecho os olhos para vers*

*Vejo, ao sol da carne, a tua
Cabelleira branca e fria,
Como essa imagem da lua,
Que se vê durante o dia.*

*E soffro, pensando a esmo,
Esta angustia pertinaz:
Amanhan serei o mesmo,
E a mesma tu não serás...*

*Adeus, aos sonhos perdidos,
E ás esperanças mais bellas...
Pobres beijos esquecidos...
Pobres folhas amarellas...*

*Outomno da terra, outomno
Dos corpos ainda em flor...
Prenuncio do ultimo somno,
Como um angelus de amor...*

*Tu, neste teu desengano,
Nas tuas tristezas calmas,
E's o crepuseulo do anno,
E o crepusculo das almas...*

*Si é a mesma lei que governa
As flores e os corações,
Si o amor é uma arvore eterna,
E as folhas são illusões,*

*Que, verdes como a esperança,
Perdem a eôr e feneecem,
Pois que, da nossa lembrança,
Aos poueos desaparecem,*

*Porque renaseem as flores
Nos dias primaveraes?
Mas, entretanto, os amores,
Nos corações, nunca mais?*



*Porque mysterios sagrados
Será que, todos os seres,
Têm tempos determinados
De descanso e de prazeres?*

*Só nós não temos a sorte
De viver sem desejar:
E, velhos, prevendo a morte,
Não nos cansamos de amar!*

*Branca se torne a cabeça;
Flor da neve é o nosso beijo;
E embora a carne envelheça,
Nunca se apaga o desejo!*

*Felizes são os amantes
Que não mudaram depois:
E sempre serão constantes,
Porque envelhecem os dois.*

*Porém nós! — si em mim relumbra
A aurora num céu aberto,
Sobre ti desce a penumbra
De uma noite que vem perto...*

*E esta é a causa de meu pranto,
Porque, infelizmente, sei
Que, si hoje te quero tanto,
Amanhan não te amarei...*

*Fria, em teu corpo se estampa
A brancura de uma lousa:
Tu és a marmorea campa
Em que meu sonho repousa.*

*Mas, si nos mente a miragem
De um amor que se bem diz,*



*Seja um consolo esta imagem
Tão simples e tão feliz:*

*E' sobre os vulcões ardentes,
Cujas entranhas crepitam,
Que, nas calmas apparentes,
As neves se depositam.*

*E assim como o alvor dos gelos
Na cratera abre o lençol,
Mesmo ao luar dos cabellos,
Nas almas ha sempre sol!*

"Verão".

MARTINS FONTES



LIVROS...

PAULO BARRETO — No tempo
de Wenceslau.

Paulo Barreto é um escritor torrencial. Tem-se pelo menos essa impressão ao vêr como os seus livros se sucedem com pequeno intervalo. O ultimo é o vizezimo.

No numero deles ha um pouco de tudo, desde as simples coleções, como os *Fados e Canções de Portugal*, até as reportagens, como as *Religiões no Rio*, os inqueritos, como o *Momento Literario*, a reunião de crônicas futeis das elegancias fluminenses, como o *Pall-Mall-Rio*, as crônicas, os contos, as conferencias, as traduções, os dramas...

O caso se explica, porque Paulo Barreto tem uma singularidade entre os nossos homens de letras: ele só é isso. Quem tome a lista dos membros da Academia Brasileira verificará que todos os outros acumulam o trabalho literario com a advocacia, a medicina, a administração, a politica... A orijinalidade de Paulo Barreto é a de ser um literato que não faz sinão literatura. Só por um breve espaço de tempo esteve á frente de um jornal, onde se empenhou em discussões politicas.

Empenhou-se com tanto brilho, como os mais brilhantes jornalistas. Mas o jornalismo é tambem literatura e tudo faz crêr que Paulo Barreto deve ter tratado a politica como um romance.

Voltado escluzivamente para preocupações literarias, não admira, portanto, que ele produza mais do que outros.

O livro de agora chama-se *No tempo de Wenceslau*. E o autor nos lembra que, outr'ora, os que viviam nos tempos dos cezares romanos, datavam os seus escritos com o nome desses ce-

zares. E pois que vivemos "*regnante Wenceslau*", o titulo se justifica.

Ha no volume 32 artigos publicados em varias epochas, sobre assuntos bem diversos. Isso mesmo torna difficil corrê-los, um por um, analisando-os. Mas, no conjunto, o que se vê é que Paulo Barreto tem uma grande tristeza pela degradação da nossa imprensa, onde, em geral, não se discute nada a serio. Ataca-se a tudo e a todos. Não se procura vêr quem tem razão, mas quem grita mais, quem mais insulta.

Nos ultimos anos, essa evolução se tem accentuado de um modo nitido e irrecuzavel.

O fato aliaz tem uma explicação natural no rejimen politico, que adotamos — o rejimen prezidencial. Trata-se de um rejimen em que a opinião publica não tem meio algum brando de se fazer ouvir. E' preciso forçar a nota e gritar. Gritar até provocar a revolta, porque o rejimen prezidencial, quando o presidente está em dezaecordo com a opinião publica, só tem um correctivo efficaz: a revolução.

O rejimen parlamentar tem valvulas mais dóceis. Desde que a pressão da opinião publica chega a um certo ponto, as valvulas cedem: um ministério cái, outro sobe — e tudo está rezolvido.

No rejimen prezidencial, em que o paiz está arrendado a um chefe de Estado por periodo certo, quer ele proceda bem, quer ele proceda mal, o unico recurso para removê-lo é a revolução. Preciza-se, portanto, chegar a extremos de violencia.

Isso não acontece nos Estados-Unidos, graças a uma longa educação anterior e, sobretudo, á força real das diversas unidades federativas, forças que as nossas não tem.

A violencia de nossa imprensa se explica pelo mesmo motivo porque em uma caza, onde o chefe da familia é surdo, todos tomam o habito de falar muito alto.

Paulo Barreto não entra nestas explicações, mas sente-se que é a sua maior preocupação. E aliaz nada mais explicavel em um homem de letras, que gostaria de trocar ideias, argumentar, bater-se leal e limpamente com armas de cavalheiro.

Na primeira das suas cronicas, ele põe na boca de um jornalista esta tirada:

"O jornalismo tomou a epilepsia como norma, convencido de que o publico deseja exactamente apenas isso. Ora, o publico

póde concordar que varram a páo um bando criminoso, mas exige que se lhe dê em substituição gente boa, ou pelo menos com idéas razoaveis. O jornalismo póde ser comprehendido como uma sentinela de avançada. Aqui transformaram a sentinela em campagada de ataque. Não ha um mal que a imprensa tenha obstado na bacchanal do desaforo. Em compensação a bacchanal trouxe o desrespeito geral, o acanalhamento integral. Tudo é máo, tudo é infame, inclusive os collegas que se mimosciam mutuamente com taes delicadezas, a proposito dos mais serios problemas nunca discutidos ou das mais estupidas futilidades. E as coisas chegaram a tal ponto que é impossivel aereeditar na sinceridade, não da onda nem da mulher, mas do jornalismo e da politica. Ao demais, varridos das columnas dos jornaes (como da politica) os homens de talento, os poetas, os homens de letras, os homens de opinião e tendo cada jornal o lemma *hydrophobo*: — “vocês todos são uns refinadíssimos canalhas” — sem mais nada, cada jornal passa á casa de tiro ao alvo, em que qualquer sujeito entra, pega da espingarda, faz a mira, e conta sempre com o escandalo de quebrar uma porção de eachimbos, sem saber se acertou, se os quebrou e nem mesmo por que os partiu.”

Mais adiante ele escreve uma longa carta a um amigo que pretende fundar um jornal e explica-lhe porque essa empreza é uma loucura.

E como isso é positivamente uma preocupação do seu espirito, mais longe faz a sua psicologia do cidadão-modelo, do cidadão tipico, em que se encarna o verdadeiro carioca:

“O cidadão protesta, o cidadão nega, o cidadão é contra. Sempre. Infallivelmente. Podemos de raro em raro vel-o ao lado de alguém. Está assim, não a favor do alguém, mas contra o inimigo desse alguém. Desta arte, o cidadão vê todas as coisas com amargor, descobre más intenções em cada cerebro, julga os homens com o fel do insulto. Os governos são compostos de ladrões; desde que um cavalheiro se destaca, para o cidadão tem vicios e crimes; os actos mais simples transformam-se em batotas, negociações, bandalheiras.

— Cidadão, que bello gesto o do grande Fulano querendo o Brasil patriota!

— Para cá vens de carrinho. Fulano comeu!

— Comeu o que?

— *Está sendo pago! Uma corja. E' o meu dinheiro que queimam.*

— *Cidadão, Cicrano publicou um bello livro.*

— *E' um canalha. Ha de certo comilança.*

— *Ainda agora, cidadão, o "lcader"...*

— *Pulha! Pulha!*

A sua colera, ás vezes gargalhante, ás vezes furibunda, arraza sem distincões. Para que esteja a favor de alguém é preciso que esse alguém seja uma pedra contra os outros. Nas letras, no commercio, nas artes, no magisterio, na diplomacia, nas industrias. Onde, entretanto, a razoura é sem piedade é na politica. Mal uma cabeça se levanta, o cidadão arruma-lhe no alto do craneo a primeira bordoadada. Descobri que alguns nem conhecidos eram do cidadão e já o cidadão os esbordoava, os enlameava.

— *Mas, cidadão...*

— *Canalha! subiu... Boa coisa não fez!"*

Toda esta ultima ironica é exeeleente. E ela prova que, apesar do seu grande desejo de passar por um ironista dezenganado e cético, Paulo Barreto sente como ninguem esse deploravel estado de couzas.

A's vezes, por exemplo, empreende paradoxalmente a apolojia do analfabetismo. Evoca, para faze-la, o tipo lendario que mais, de certo, sofreu o desejo de saber: o tipo de Adão. Si ele não tivesse tido a euriosidade de provar do fruto da ciencia do Bem e do Mal, não se teria perdido.

O tema é velho. Paulo Barreto renova-o, tratando-o com graça. Mas é uma distração, uma pilheria. O problema do analfabetismo é, ao contrario do que ele diz nessa ironica, uma das couzas que o preoccupam. Em dois outros artigos falando da reorganização do exercito, nota-se a satisfação com que assinala o paralelismo entre esse movimento e o combate ao analfabetismo. E em outro ponto, lembrando questões que ainda estão pendentes desde o tempo de D. João VI, não esquece esse ponto.

João do Rio tem, entretanto, uma admiração extranha pelos homens que *sabem querer*, pelos grandes ambiciozos. E' com evidente simpatia que ele traça o perfil de Enver-Pachá:

"De repente, a porta abriu-se. Um jovem airoso — botas altas, — dólman justo, espada; o fez militar de astrakan, o bigode em leve espuma, o olhar macio e dardejante, as mãos longas



e finas — atravessou o salão, parou em frente do general prussiano, fez a saudação militar.

— *Quem é esse rapaz?*

— *Enver-bey — o heróe de Andrinopla.*

Olhei com redobrada atenção. Aquella sympathia irradiante era o homem que desencadeara mais paixões em Berlim, era o espirito dominador que se fizera allemão pelo amor de uma grande dama da côrte do imperador, o guerreiro de Tripoli, o indigitado assassino de um ministro da guerra, o mais forte elemento da camarilha que matava a Turquia em nome da dolorosa inconsciencia de Mahomed VI! Vel-o seria dizer que elle conseguiria tudo até a morte — que a sua lucta era um duelo entre a sua ambiciosa juventude e a morte. E eu olhava-o como se olha um sêr estranho e fascinador cujo fim deve estar ali ou um pouco mais adiante. E' preciso estar no Mediterraneo ou no Bosforo para comprehender esses estados d'alma diante de alguns homens."

Não justifica o dominador trajieo da Turquia, mas vê-se que o admira:

Falando de Pinheiro Machado, que acabava de succumbir ao punhal de um assassino, Paulo Barreto escreve :

"A vida de Pinheiro Machado foi a mais bella tragedia do Brasil. Não é possivel pensar nessa existencia sem lembrar Suetonio, o Silencioso; sem lembrar Skakespeare, sem lembrar Plutarcho, os tres grandes plasmadores de homens para a historia. Pinheiro Machado era, num periodo de dissolução, uma alma punica — alma de conquista, de lucta, de affirmação, de dominio. Elle queria. Queria tudo, nos actos mais simples, como nos momentos mais graves. Queria. Nunca tivemos no Brasil um exemplo mais formidavel do verbo querer, com a consciencia cega de que querer é vencer, é poder, é dominar. Uns querem por ambição de cargos, outros querem por desejo de conquista, outros querem pelo sentimento de conservação propria. Elle queria para cristalizar na moveidica onda humana permanente e sempre maior o seu querer. Sacrificava amigos, era de pedra aos rogos, alliciava os inimigos, caminhava sereno para os golpes mais arriscados por qucrer. E desse querer sem peias brotavam as fontes de opposição, cresciam as caudaes da raiva. E' qualidade dos homens não admittir jugos eternos. E' das democracias o protesto contra os super-homens dominadores. E' o mal da politica a miseria da encaracteristica moral no vai-vem dos interesses. Na Grecia

de Pericles ou de Alexandre. Na Roma de Coriolano ou de Julio Cesar. Na França de Napoleão ou da Revolução. No Paraguay de Flores ou no Mexico de Porfirio Dias. Sempre. Em todos os tempos. Em todos os paizes."

Ora, esse entusiasmo pelas grandes vontades é tudo quanto ha de menos justificavel, quando essas vontades não teem um fito muito elevado.

E este ultimo não é, de certo, o cazo de Enver, nem o foi nunca o de Pinheiro Machado.

Dificilmente ainda hoje se consegue falar deste com serenidade, porque os seus amigos procuram obscurecer as verdades mais evidentes. Trata-se, porém, de uma figura a que a Historia tem de fazer referências, e, quando ela procurar o que possa dizer em sua defeza, não achará.

O cazo de Pinheiro Machado na politica brasileira explica-se com a maior simplicidade, sem apelar para nenhuma grande qualidade da sua parte. Os que raciocinam dizendo que não era possivel chegar ao fastijio do poder, como ele chegou, sem ser um super-homem, enganam-se absolutamente. A Historia está cheia do nome de tiranos, de dominadôres, de homens que tomaram de assalto o poder, impelidos apenas por uma grande sêde de mando, mas sem nenhuma superioridade moral ou intelectual, tendo apenas uma completa auzencia de escrúpulos.

Pinheiro Machado teve em 1900 um presidente da Republica que lhe permitiu compôr á sua vontade, livremente, a Camara e o Senado. Só se reconhecia deputado ou senador quem ele mandava.

A maquina politica ficou durante quatro anos aparelhada de acôrdo com a sua vontade soberana. Quando o novo presidente chegou, teve imediatamente de prezidir a eleições. Não lhe ficou tempo para modificar nada. Dois mezes depois as eleições estavam realizadas e Pinheiro Machado refazia a seu talento os reconhecimentos da Camara e sobretudo do Senado.

Esse novo presidente — o Sr. Rodrigues Alves — nunca esteve tão inteiramente escravizado a Pinheiro Machado como o seu antecessor.

Não pode, porém, romper com ele. Inteiramente destituído de qualquer honestidade em questões politicas, Pinheiro Machado fazia proclamar senador pessoas que não tinham tido sinão um



infimo numero de votos e repelia os que traziam maiorias esmagadoras. Rodrigues Alves, achou, portanto, o Sr. Pinheiro Machado com mais de dois terços do Senado e viu-se obrigado a contemporizar com ele. D'ahi por diante o seu dominio se accentuou. Tendo feito a seu modo os reconhecimentos de poderes em 1900, 1903 e 1906, em seis anos ele se viu dono do Senado e, pelo Senado, com forca para dominar o presidente da Republica.

Todo o seu grande poder veio dessa mesquinha manipulação de cozinha eleitoral, falsificando audaciosamente os reconhecimentos de poderes, sobretudo no Senado. A cumplicidade de um Presidente e a fraqueza de outro, que, occupado com misteres mais elevados, desdenhou de abrir luta com ele, deram-lhe um dominio supremo nos negocios publicos. Toda a sua obra foi esta: compôr um Senado docil á sua vontade.

Essa vontade foi sempre vijilante. Nunca, porém, se exerceu para propôr qualquer iniciativa alevantada.

E' mesmo um assombro o contraste entre o poder imenso desse homem e a esterilidade da sua obra. Nunca defendeu um grande projeto, nunca propoz uma medida nova, que trouxesse real progresso para o paiz.

E' certo que falava sempre no seu amor á Republica. Mas a Republica para ele era o seu proprio poder. Em uma especie de testamento, que deixou para ser publicado depois da sua morte, esse orgulho se ostentava injenuamente. A Republica e Ele — faziam um só corpo.

Mas que Republica? Representante de um Estado absolutamente divorciado das doutrinas democraticas, ele defendia lá e na União normas inteiramente diversas: nesta, se opunha á indicação dos sucessores pelos presidentes em exercicio; naquele, aceitava não só isso, como a reeleição; na União, queria que o Poder Legislativo tivesse toda a autonomia, no Estado, que se achasse fundido com o poder do Presidente....

Nem uma ideia, nem uma convicção, nem um principio politico, a não ser isto: mandar! dominar! ser o senhor absoluto! Quando ele mandava a Republica ia bem... Quando ele era combatido, a Republica corria perigo..

Acabou, assassinado. Mas o assassinato foi um modo de eliminação de adversarios, que sempre lhe pareceu perfeitamente legitimo. E mesmo sem averiguar muito até que ponto ele o prati-

cou por suas próprias mãos, na campanha rio-grandense, o incontestável é que deu o seu apoio a varias situações estaduais, que só se tinham firmado graças a assassinatos. Para provar não se precisa remontar sinão aos quatro ultimos anos da sua vida.

O interessante é que a ninguem o seu assassinato parecia mais lojico que a ele mesmo. Disse-o no seu testamento politico. E Paulo Barreto refere a seguinte conversa com Pinheiro Machado:

“— *Morro na lucta, menino. Elles matam-me. Mas pelas costas são uns “perna-finas”. Pena é que não seja no Senado, como Cesar.*

Meditou, balançando a perna, emquando desfazia o cigarro. E grave, como uma promessa:

— *Ha de ser na rua. Mas morro em defesa da Republica.”*

A defeza da Republica era sempre e só a defeza do seu proprio e ilimitado dominio.

Pouco antes da sua morte, alguém entrevistou um deputado sobre a reforma eleitoral e o deputado respondeu que só havia uma lei a fazer: “*Fica extinto o General Pinheiro Machado.*” Nessa resposta humoristica, que foi largamente publicada, estava todo o programa politico, que um rapaz ignorante e impulsivo tomou ao pé da letra e executou.

O desfecho foi lamentavel; mas natural. Estava na linha normal dos acontecimentos.

Paulo Barreto põe mal a sua admiração nos que “querem”, quando se esquece de indagar si eles querem o bem ou o mal. E, quando ele faz a Enver-Pachá o mesmo elojo de força de vontade que o leva a exaltar Pinheiro Machado, é espantozo que não tenha achado o desfecho da vida deste tão natural, como será o de Enver, si tiver “*de cair sob um punhal, junto ao trono do sultanato.*” Pinheiro Machado, na Turquia, ajiria como Enver. Neste, porém, ainda ha uma fagulha romantica, porque se atribui a aproximação com a Alemanha a uma paixão amorosa. E Pinheiro Machado só tinha uma paixão: Mandar! Mandar, para fazer nomeações, demissões, eleições, pequenas couzas de pequena politica...

A vontade é uma bela cauza; mas só ao serviço de belos ideais. Os grandes ambiciozos como Cesar, como Napoleão, que

pretendiam o supremo poder, mas que o utilizavam para grandes fins, são perdoáveis, podem mesmo ser louváveis. Os outros, não.

Si a vontade fosse suscetível de conta, pezo e medida, e alguém tomasse a soma de vontade dispendida por um grupo de grandes eriminozos e a soma de vontade dispendida por um grupo igual de grandes intelectuais, a primeira seria um Himalaya ao pé de um grão de areia... Ha mais vontade em uma prizão que em uma Academia...

No fundo, o que a apolojia da vontade feita por Paulo Barreto permite diagnosticar é que se trata de uma qualidade que ele dezejaria muito possuir em alto gráu. Essa apolojia é a inveja do homem que vive no mundo das ideias e que gostaria de passar para o das realizações.

O ceticismo de Paulo Barreto é um falso ceticismo. Vê-se que ele tem medo de que alguém zombe de suas convicções e quando lhe acontece escrever uma fraze um pouco mais solene, apres-sa-se a graecjar antes que os outros o façam.

Num determinado lugar, escapou-lhe esta sentença didatica e imponente: "*Conhecerno-nos é conhecer o que ha em nós de geral...*"

Mas logo ele atalha, com medo que haja quem zombe de tanta gravidade:

— *Muito bem.*

— *Obrigado.*

— *Não ha de que!*"

Parece-lhe que alguém pode querer caçar e, para prevenir o mal, incumbem-se ele mesmo dessa tarefa.

O estilo de Paulo Barreto é capricante, nervoso, feito de frases muito curtas. Parece o estilo proprio aos humoristas e bem contrario ao dos oradores porque o orador é o tipo do homem que crê em alguma couza ou, pelo menos, que precisa finjir que crê para transmitir a sua convicção. O humorista, antes de chegar ao fim de um periodo um pouco longo, já estaria com vontade de zombar de si mesmo.

Mas Paulo Barreto tem tambem paginas de emoção. Algumas delas estão na cronica admiravel escrita sobre um epizodio noticiado pelos jornais: o cazo de um pedreiro que ficou atolado num poço, durante dias, e para cuja salvação todos os esforços foram inuteis.



Os cronistas eram outr'ora personajens austeros e enfadonhos. Quem tome a sério as pretensões da Biblia, o precursor de todos foi aquele autor dos dois livros dos Paralipomenos, que começam assim:

- 1 — *Adão, Seth, Enos,*
- 2 — *Cainan, Malaleel, Jared,*
- 3 — *Henoch, Mathusale, Lameeh,*
- 4 — *Noé, Sem, Cão, e Jafeth,*
- 5 — *Filhos de Jafeth: Gomer, e Magog, e Madai, e Jovan, Thubal, Mosoch, Thiras.*
- 6 — *E filhos de Gomer: Ascenez, e Rifath, e Thogorma.*
- 7 — *E filhos de Javan: Elisa e Tharsis, Cethim e Dodanim.*
- 8 — *Filhos de Cão: Cus e Mesraim, e Fut, e Canaan.*
- 9 — *E filhos de Cus: Saba, e Hevila, Sabatha, e Regma, e Sabathaea. E filhos de Regma: Saba, e Dadan.*
- 10 — *Porém Cus gerou a Nemrod: este começou a ser poderoso na terra."*

Não se dirá que seja um estilo muito ameno...

Os cronistas modernos são os historiadores de fatos que em geral não figurarão na historia. E, no entanto, escrevendo sob a impressão immediata dos acontecimentos e, tendo quasi sempre de se conformar ao gosto popular, traduzem mais vezes com fidelidade os sentimentos reais de cada época do que os historiadores, que chegam tarde e analisam friamente documentos já resfriados pelo tempo...

Os que mais tarde quizerem conhecer o que foi o Brazil *no tempo de Wenceslau* não perderão seu tempo, si lerem o livro de Paulo Barreto onde por toda parte se revela um escritor de raça, um puro homem de letras, leve, sutil, ironico; mas sempre conceituoso, sempre cheio de ideias.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

VIDA OCIOSA

V

Vomos ao café. Atravessando a casa, eu aspirei com prazer o recender a vassoura verde, que impregnava o ambiente, deixado pela varredura da manhã. Outras conhecidas notas caseiras, vinham augmentar minha sensação de tranquillidade e bem estar: cacarejos e pios no quintal, chios de filhotes de morcego entre a fuligem da telha van. Entrevi em sua placa o velho papagaio sorumbatico.

Na larga mesa da sala de entrada, já estava o bule fumegante, rodeado de pequenas canecas de louça e tigellinhas desbeigadas, com letreiros: "saudade" "amizade", tudo sobre uma grande salva de prata, ultima alfaia preciosa dos velhos tempos, de abastança, reliquia de familia, que desde tempos immemoriaes vinha de paes a filhos. Minha cadeira, forrada com um couro de cachorro do matto, fôra removida para ali. Ouvia-se na cozinha um estralejar de gordura frita, e d'ahi a instantes surgiu siá Marciana com um prato de biscoitos ainda quentes da panella.

Abanquei-me ao lado de Prospero, que estava solenemente assentado deante de um canecão cheio até á borda. Siá Marciana intencionalmente offereceu-me a tigellinha "Amizade" e passou-me os biscoitos fritos, sentenciando:

— Diziam os antigos, dr. Felix, que café deve ser assentado, assoprado e mastigado.

Sem cerimoniaes, puz deante de mim uma pyramide de biscoitos, e fiz o prato sensivelmente diminuido continuar o



gyro. Em movimentos rythmados, o canecão, especie de patriarcha do vazilhame, ia até os bigodes aparados do patriarcha da familia e voltava para a mesa. O velho Prospero bebia silencioso, com a uncção de quem segue um ritual. No espaçado e no calmo das idas e vindas, havia como que a affirmação segura de que Roma não se fez num dia e que mais tempo menos tempo se veria o fundo do canecão.

— Porque está quieto, sr. Prospero? perguntei-lhe para puxar palestra.

Pousou a vasilha, e voltando-se para mim, disse:

— Ando mais surdo estes dias, dr., e recejo que minha prosa o incommode. Sei como é cacete conversar com surdos: é preciso gritar e ainda reter o riso, por causa dos disparates que se ouvem. No meu tempo eu tambem não gostava muito, e só conversava por espirito de caridade. Por isso julgo os outros por mim...

Rematou sorrindo, como quem conta com um protesto certo e delicado. Protestei e perguntei-lhe se o incommodo não o fazia soffrer.

— A's vezes entristece-me um bocado. A gente, dr., quando vae ensurdecendo, tambem vae ficando isolado. O som é um dos encantos de nossa vida e sentir-se elle esmorecer em torno de nós, é como sentirmos o afastar da vida. Com o som, os homens nos fogem, de sorte que vamos ficando trancados no silencio, como em uma nova especie de deserto. Mas emquanto eu tiver olhos para vêr minha velha, não desespéro... — E fitou maganamente siá Marciana, que lhe chamou enjoado, caçoando:

— Isso da surdez do meu velho, dr. Felix, acho que é um pouco de malandrice. Vêm aqui ás vezes umas caboclinhas bonitas, e com a desculpa de não escutar, elle vae renteando-as com desembaraço.

Houve risada, e o velho sentenciou, brejeiramente:

— Tudo neste mundo tem sua compensação. Essa é a da surdez. Deus quando dá o mal, tambem dá o consolo...

Contou-nos, em seguida, como começára aquillo, isensivelmente, affectando a um tempo os dois ouvidos, lá iam annos. Defeito imperceptível a principio, foi-se aos poucos fazendo doença incommoda. Parecia-lhe que todo o mundo

falava enrolado, ou em lingua extranha. Um dia teve um raio de esperança. Estava sentado na eira, a apreciar a tarde, quando sentiu uma especie de estouro na cabeça. A surdez cessou instantaneamente, por milagre. Ficou com o ouvido apuradissimo como nunca o tivera. Ouvia nitidamente a conversa de dois canoeiros, ao longe, na curva do rio, e o chapinhar compassado do remo na corrente. Levantou-se exultante, tremulo, para dar conta, á "prima". do prodigio; nisto ouviu um segundo estouro, formidavel como um trovão. E desse momento em diante teve oclusão completa de um ouvido. O outro peorava lentamente.

— Dizem que os moribundos têm, ás vezes, visita da saude. Isso foi, decerto, a despedida do som.

Após essas palavras, o canecão, em repouso algum tempo, recomeçou seus pausados movimentos. Para espancar a nuvem melancolica trazida pelo assumpto, resolvi entreter os altos espiritos de Americo com um pouco de physica recreativa. Com garbo de prestidigitador arregacei as mangas, pedi um copo d'agua e meia folha de papel, e perguntei:

— Conhece a experiencia do copo invertido, cuja agua não se entorna?

Apenas de leitura. Mas não suppozera que fosse cousa facil de reproduzir.

— Pois attenção! Um, dois, e...

Fiz a sorte. O pasmo de Americo assumiu as proporções de extase.

— Sim senhor! Ora vê-se! Sim senhor!—era só o que sabia dizer, arregalando olhos admirativos.

Essas surpresas, que eu me divertia a provocar no espirito simples do Americo, constituiam um regalo de minha predilecção. Todavia, em minha convivencia com essas boas creaturas, mais de uma vez pungitivo remorso feria-me a consciencia. Parecia-me não haver lisura em meu procedimento, e que na corrente alternativa de provas amistosas que entreteem a verdadeira affeição, eu alli dava menos do que recebia. Sentia-me profundamente amado pelos meus amigos: era um filho dos velhos e um irmão do Americo; e, para mim, eram todos talvez mero divertimento; pois ana-

lysando, bem pela raiz, meu sentimento por elles, reconheceria serem os quitudes de siá Marciana, as historias de caça do velho e os espantos virginaes do Americo que o entretinham e viçavam — como a certas flôres, garbosas de louçainha e poesia, o estrabo infecto a que se lhe apresam as raizes. Depois de me doer e redoer com essas considerações, eu rematava commigo, para aligeirar escrupulos:

— Afinal, tudo na vida corta-se pelo mesmo modelo; e é avisado, para a não desvestirmos do seu florente recamo, que nos contentemos com aspirar a flôr dos sentimentos, gozando a sua superficialidade amavel, sem cogitar das putridas fermentações dos sub-solos. Se remorsos me pungem, não é que eu peque muito, mas porque vejo mais. Não ha como fluctuar á tona dos bons sentimentos, levados pela sua onda mansa, sem que lhes decomponhamos a estrutura elementar...

O canecão, mais uma vez esquecido durante os ultimos debates, já retomara seus movimentos regulares. Então Prospero pediu-me noticias da conflagração.

— Tudo na mesma, respondi; a Allemanha a investir e a vencer, e os alliados a cantar victoria. E' incrivel o como se morre por lá; cada dia são milhares de soldados que tombam.

— Coitados! murmurou siá Marciana.

Brincando distrahidamente com o copo, em cuja agua clara um raio de sol, chegando obliquamente, accendia rebrilhos alegres, disse-lhe que desejaria estar lá, nos mais fortes da refrega, para apreciar a hecatombe.

— Appreciar! estranhou a velha. Como pôde dizer isto de uma coisa tão triste!

— Siá Marciana, continuei, o homem é um animal perverso. Somos parentes da panthera e do jaguar, e ainda remanescem em refolhos mysteriosos de nossa alma, como uma ninhada de viboras numa greta de lapedo, velhos instinctos vivazes, mal acobertados pela fragilima côdea civilisada com que campamos na sociedade; é um velho legado de sangue, atavismos de indole, de que não nos poderiamos alijar em poucos milhares de annos — um minuto na evolução. Em nós ha rugidos adormecidos, crispações de garras



dissimuladas pelo medo no velludo macio das patas. Amamos o sangue e o spectaculo do soffrimento, das agonias horriveis...

Os velhos ouviam sorridentes, como se a minha lenga-lenga os divertisse. Lançado no thema, e um tanto pela vaidade de exhibir, ante a rustica simpleza, a minha natureza perversamente refinada de homem culto, continuei, a balançar ligeiramente o copo, a cuja beira uma mosca pousara:

— Embora o neguemos, é-nos uma volupia o spectaculo do soffrimento. O sentimento da commiseração é um enxerto das moraes doentias, e por isso como que nos demora apenas á flôr da pelle. Pois o preceito principal da nossa moral indestructivel e primitiva é que cada um de nós é o eixo, o nucleo da humanidade, a sua razão de ser. Só existe o nosso soffrimento. Cada um de nós tem todos os direitos imaginaveis sobre as pessôas e coisas que nos cercam. Sabemos que a luta é necessaria — pois desses fundamentos resulta um permanente e salutar estado de luta. Lutamos para a solução do unico problema que nos interessa: o da nossa felicidade pessoal. E, se tudo foi criado para nosso gaudio, tambem o soffrimento alheio, que não é a menor de nossas delicias. Que deleite estranho e sobrehumano o sentirmos — tigres travestidos de homens — a presa cobiçada impotente entre as nossas garras! E' um ser vivo que pensa ter os mesmos direitos que nós, e que, com toda a sua arrogante presumpção, está á nossa mercê. Saboreamos-lhe o susto, que se lhe accende no olhar esgazeado, voltado para nós a supplicar misericordia. — Não terás quartel! — respondemos, cravando-lhe agudamente o olhar impiedoso, para augmentar o terror. E, como requinte da voluptuosidade da carnagem, brincamos primeiro com a presa inerme, alentando-a a espaços com uma falsa esperança. Simulamos descuido: pensa que póde fugir, tenta-o, mas reapoderamo-nos della. O terror acrece. E isto se repete indefinidamente. Sente, emfim, que tudo está acabado; e, esgotado pelo seu proprio excesso, o terror começa a esmorecer em desanimo, em conformidade... E, na sua passividade descorajada, nesse languecer de des-

alento, ha como o abandono voluptuoso de uma femea que se entrega...

Os velhos continuavam a sorrir. A' beira do copo, em cuja agua limpida uma flexa de ouro se abeberava, passeava a mosca confiadamente. Accendendo um cigarro prosegui:

— Então esgotaram-se os aperitivos preliminares, acabou-se a phase preparatoria. E' a grande hora. Ageitamos a victima para o sacrificio. Vamos saborear a agonia physica depois do soffrimento moral. Sedentos de sangue, e com frenesi de u mlascivo sedento de amor, cravamos-lhe os dentes agudos no flanco. Ha um ganir de dôr deliciosamente cruciante. Nervosamente afastamos com o focinho o lanho de carne arrancada, e applicamos a bocca sanguisudenta bem ao fundo da chaga, no esguicho da arteria rompida; empurramos o focinho soffrego até se justapor á ruptura dos tecidos, para que nós e a victima façamos um só todo, um caso delicioso de xyphopagia, de hêrmaphroditismo de nova especie, em que em vez da volupia se bebe a vida. Está formado o novo e estranho ser! Somos um! E nos nossos braços felpudos, que embalam e dominam, sentimos a victima barafustar impotente, com excitantes ralos de agonia, toda fremente, a estrebuchar, a estrebuchar, fazendo, a cada arranco, que o sangue borbote em golfadas mais avidas; e, quando o corpo afrouxado dá de esmorecer, num collapse, e o sangue flue moroso, reexcitamol-o com o entranhar nervoso das garras afiladas nas partes mais sensiveis, provocamos um ultimo e poderoso entesamento que nos jorra na guêla a ultima golfada quente. E emfim saciados, a cabeça torva, os sentidos preguiçosos, a volupia extincta, deixamos tombar dos braços, como uma trouxa inconsistente, o corpo da victima inanida, e a passo bambo, vamos enrodilhar-nos somnoïentos á sombra acalentadora de uma grande arvore da espessura...

Num estouvado movimento cahiu n'agua a pequenina mosca. Como se debate afflictta! Estendo-lhe uma felpa da palha do cigarro como ponte salvadora. Toda de seu desespero, espolinha-se e não a vê. Não vá a pobrezinha afoagar-se!

— Pois somos assim. O medo das represalias, elle apenas, recalca-nos o natural bravio de besta-féra. Por isso a guerra é bella e natural. Traz a abolição momentanea de todas as ferropias, de todas as mentiras juridicas e moraes — hypocrisias de nossa falsa civilisação. Podemos ser tigres, ser humanos! Deixados á solta, como matilha desatrellada, nossos instinctos recalcados cevam-se em todas as grandes voluptuosidades: os estupros, os saques, as carnificinas, as labaredas incendiarias... Somos selvagens, somos barbaros, mas humanos. E' a grande vida natural que resurge, é a natureza que reivindica os seus direitos imprescriptiveis, é o eterno, o indestructivel, que fulgura á labareda dos incendios, no resplendor de uma incomparavel apothese!

Afinal sentiu a mosca a fibra. Apegou-se a ella e começou a subir lentamente. Depui-a com cautela sobre a mesa. Andou um pouco, arrastando as azas pesadas. Tentou voar — cahiu. Espanejou-se, deu mais forte impulso, e librandose emfim no ar, alegremente vôou pela restea dourada, janelle em fóra, a seccar as azinhas humidas á luz gloriosa da manhã.

Os velhos continuavam a sorrir...

VI

Esvaziado o canecão, levantei-me, o que significava uma ordem para que cada um se desse ás suas occupações habituaes; era já combinação nossa, imposta por mim, para que não perdessem o dia rodeando-me, esquecidos de tudo. Prospero foi ver se ainda salvava alguns palmos de malha das rêdes rompidas pelos jacarés; siá Marciana dirigiu-se á cozinha, provocando, no caminho, a palra do velho papagaio, exgottado de velhice, que passava o dia a cochilar na placa da varanda; quanto ao Americo, ficou commigo. Aproveitei o momento para passar-lhe um pacotinho de pratas, uma especie de dadiva tira-remorsos, com que concorria, sem sciencia dos velhos, para o custeio da casa, afim de reparar o rombo que davam minhas visitas á caixa com-

mum; esse dinheiro apparecia como renda do negocio mal sortido, que dava uma porta exigua para a estrada. Americo, meio distrahido, e lançando um olhar vago para fóra, enfiou o rolete no bolso. Estava agitado, cogitabundo; porfim voltou-se para meu lado, e disse:

— Não sei se o José virá hoje; se o dr. permite, vou a casa delle saber.

— Pois não!

Americo calcou até ás orelhas um chapéo abudo, tomou um bengalão que figurava uma cobra enroscada num tronco — obra prima do seu canivete — e dirigiu-se para a cancella, que fechou sobre si.

José era um alumno, ou melhor, o alumno. Porque Americo ensinava. O quê, não sei. Por um certo pudor, se eu me avisinhava quando estava leccionando, parava, e por nada no mundo continuaria á minha vista, como quem se considera muito humilde para tão nobre empresa. A verdade é que no commodo de negocio, logar das aulas, eu via á hiora da lição profusas bolas de tabatinga, de varios tamanhos, que representavam, talvez, os planetas conhecidos — o que me fazia temer pelo miolo do seu catechumeno.

Embora admittido gratis, era o José tratado com todas as considerações. Americo trazia-o nas palminhas como um bem mui valioso que é necessario conservar. Se cahia doente, velava-lhe á cabeceira, em afflicções paternaes; queria-o comsigo ás refeições, como pensionista semi-interno; e cedo eram inquietações de cada momento: o negrinho viria? não viria? (José era da côr da noite). Commigo mesmo baptizei o discipulo amado: "o hospede do Grande Hotel". A historia da alcunha dava panno para longa novella comico-sentimental. Em poucas linhas passo a tracejal-a:

O sr. João de Almeida vegetou trinta annos numas bibocas infrequentadas do sul de Minas. Assim vegetara seu pae, seu bisavô, seu trisavô, e assim vegetariam mais tarde seus filhos, se os tivesse; mas era apenas pae de nove filhas casadeiras, as mais velhas bem passadinhas, as mais moças passando, ou no viço e frescor dos melhores annos.

Naquelle desterro onde viv'alma não estanceava, que valia, porém, a graça, o viço, o desabrolhar de tantas louçainhas? Ai das nove filhas solteiras! Ai dos ricos encantos que se fanavam na solidão! Feiticeiros sorrisos, voluntariedades feminis, fanfreluches cheios de encanto, momos caprichosos, tudo que faz da mulher um entezinho appetecivel, estavam alli como certas flôres agrestes amoitadas no ermo, e que esterilmente perfumam o ar com suas delicadas caçoilas aromaes, sem um olfacto que as aspire, nem olhos éxtasiados a quem maravilhem. As nove flôres agrestes do sr. João de Almeida, tinham-se apenas, uma ás outras, como espectadoras invariaveis de tanto encanto desperdiçado na solidão, e sabe Deus se se contentavam com tão pouco! A melancolia daquelle destino infecundo azedava-lhes o genio, ao ponto que passavam os dias a unharem-se umas ás outras.

E o sr. João de Almeida, por fim, coçava a barba, pensativo. Gostava de passar os dias pitando seu cigarrão de palha, um tôco babujado que lhe filtrava doce quietude á alma, de envolta com a fumarada, acororado perto de uma bacia com brasas, a ralhar com os crioulinhos e a gritar com as novê; comprehendia agora, porém, que sua vida não podia cifrar-se naquillo. Esta idéa embutiu-se com tanto aferro no seu cerebro, que um dia resolveu quebrar as tradições da familia, tomando uma grande resolução. O proprietario de um grande hotel, numa villa de aguas, desejava pôr lavoura; João de Almeida deu o que tinha pelo hotel e freguezia, e despediu-se definitivamente do ermo agricola. Não vira solução mais acertada para seu caso melindroso. Pois um hotel, em tal ponto, é frequentado pelo escól da sociedade carioca e paulista, e alli, pondo á vista dos pensionistas as nove virtudes guerreiras enrijadas na vida da roça, não lhe seria difficil achar bons partidos matrimoniaes.

E lá se foram. Infelizmente, porém, o Grande Hotel andava desconceituado. O dono alienara-o para livrar-se do alcaide. Tinha o predio corredores immensos, quartos sem conta, refeitorios amplos, era todo largueza e amplidão, mas não appareciam veranistas que lhe viessem despertar



o silencio claustral, animando aquelles corredores, longos e vasios como arterias cortadas, com um pouco de sangue corrente de gente viva. Mais cogitativo que nunca, e a reçoçar o queixo, João de Almeida resolveu installar a um canto um fogareiro, para sentir acalentar-lhe a melancolica desillusão um pouco de borralho, a cuja beira passava as horas interminaveis a cuspir o sarro do toco.

Um dia, não se sabe como, surgiu lá o primeiro hospede, homem dos seus quarenta. Foi um reboliço na casa. O sr. João gaguejava e errava o passo, e as nove musas, passadinhas ou não, ficaram num alvoroço de alleluias em tarde estiva, a trançar estonteadamente, pela casa, numa boa vontade de servir e agradar, que era para pôr um homem rendido. O sr. Garcia (era o nome do hospede) não podia queixar-se de mau tratamento. E' verdade que preferia menos reboliço e vae-vem pois, muito neurasthenico, fôra para calma dos nervos irritadiços que escolhera aquelle hotel desfrequentado. Só encontrava um pouco de bem-estar no ambiente sedativo dos logares ermos, na convivencia consigo mesmo em infindaveis meditações, em que o ondeante mover do pensamento parece fazer-se fóra do tempo e do espaço, e o espirito fluctua, frouxamente, como uma penumbra de crepusculo em nave abandonada. Com a sua chegada ao Grande Hotel, fez-se alli na sua paz morta e atmospherica de estupor, a vida que elle evitava. O toco do sr. João de Almeida lá ficou a tostar-se nas brasas esquecidas; na obrigação de dar prosa, não descollava do homem, interessando-se pela sua saude e familia e contado-lhe reminiscencias da lavoura. O sr. Garcia era delicado, e conversava. Se o hospede queria agua, o sr. João de Almeida berrava para os fundos: "Agua para o sr. Garcia!" A casa toda agitava-se, havia correrias, balburdia, rumor de luta, trinclidos de copos, gritos como éco: "Agua para o sr. Garcia!" E era um bater de portas, um alagar de torneiras, até que emfim, quando o sr. João berrava pela decima vez a reclamar a agua, apparecia uma das nove musas com um copo orvalhado numa salva, corada e pudica, e a fazer com os labios uns tregeitinhos graciosos, que eram para bulir



tentadoramente com um coração menos amante do ermo, como o do nevropathico pensionista.

O sr. Garcia ahi viveu, adorado, bemquerido, adivinhado, amimado, por espaço de algumas semanas; mas a situação tornava-se insustentavel; com receio de levantar celeuma, elle procurava conter até as mais urgentes necessidades corporaes. Chegava a passar fome e sede. Um dia, por fim, com o mal incuravelmente aggravado, e com a obsessão das mais tetricas idéas, sahiu do hotel subrepticamente, deixando a conta paga, e sumiu para sempre.

VII

Dos fundos da casa vinha-me sem interrupção o incansavel arrastar de chinellos de siá Marciana. O rangido da porta d'um velho armario, e um barulho secco de milho mexido, indicaram-me que ia tratar da criação de penna. Aquelle rangido conhecido alvoroçou o terreiro: ouviu-se um rumoroso frufutar de azas, pios, grasnidos. Cacarejante e em andar cauteloso, atravessou a casa, da frente para os fundos, uma gallinha cercada de pintos; ao cruzarme, deitou-me a matrona com desconfiança o seu olhar perscrutador, esse olhar lateral das aves, que parece exprimir simulação. Com o seu monotono *cro-cró*, saiu para o terreiro.

Fui-lhe na esteira, para apreciar o espectáculo. Ao atravessar a varanda, o velho papagaio que continuava a cochilar na placa, accordando em sobresalto caiu do poleiro, e com muito custo, á força de bico e de unhas, conseguiu grimpar pela correntinha e alcançar o pouso, onde continuou sua interrompida modorra de velho.

— Quit! quit! quit! — gritava siá Marciana da porta do terreiro, dando tempo a que chegassem os ultimos retardatarios

Debrucei-me á janella a cujo poial se acostava um longo caixote, onde vicejavam mangericões e fuchsias trepadeiras. D'ahi eu via o chão batido do terreiro, onde apenas medravam escassos caruru's e carrapichos de carneiro; e



além, o milharal já secco prompto para a colheita; os altos colmos vestidos de velhas folhas farfalhantes, afogava-os o feijão de vara subindo triumphalmente até aos pendões, enroscando-lhes suas espiraes fartas de folhas verdes, e pesadas de longos e oscillantes molhos de vagens. Entrelaçando seu caule voluvel com o do feijão, e misturando as folhas verdes, alastravam trepadeiras florescidas, atabafando mais os colmos resequidos, que entreappareciam aqui e alli, estonteados e como faltos de ar, emergindo de sob aquella viridente alcatifa, profusamente estrellada de alegres campanulas roseas e azues. Cobrindo totalmente as achas da cerca, que dava para a rua, com seus fofos de verdura, um xuxuzeiro proliferava em pendentes pesos brancos, de aspera casca. Elle era a providencia d'aquelle lar de pobres. Xuxu's e peixes formavam o fundo certo da alimentação no Corrego Fundo. O mais era aleatorio, problematico. Que a pesca não ajudasse, e que um gume maligno desse um talho no delgado caule da planta, passariam talvez aperturas de fome, pois com os rendimentos do negocio não podiam contar. Uma miseria que nem daria para o pagamento do imposto, si o exactor tivesse a descaridade de exigil-o. Mas o peixe miudo continuava a apparecer, e o xuxuzeiro vicejava sem eiva, numa fructificação sobejante. Havia portanto o que comer.

Para ver-se livre da gallinhada, que se apinhara á orla de sua saia, siá Marciana atirou o primeiro punhado de milho bem longe, no terreiro. As aves em confusão precipitaram-se para o cevo, e num momento cessou todo o rumor de azas, apenas ouvindo-se as pancadinhas seccas dos bicos no chão apisoado.

— T'c, t'c, t'c — e nova mancheia atirada ao meio do bando num rumor espalhado de grãos caídos.

— Chit! — fez a velha enxotando do hombro uma franga imprudente que lhe tomara de assalto o cogóte — Esta Quíta é confiada, que um precipició. Bem sabe ella que é a minha predilecta. A culpa foi da creação.

E, continuando a atirar o milho, siá Marciana contou-me sua historia:



— Era um pintinho doente, morre não morre, que um dia de chuva encontrei encarangado e nu', largado da mãe, debaixo do assoalho. Foi creado á beira do fogo, muito embrulhadito é, á custa de mil cuidados, vingou. Com isso ficou mal acostumado. Cresceu mansinha e hoje é essa agarrção que o sr. vê. Não sae da cozinha e dorme na taipa do fogão. Anda atraz de mim, que parece um cachorrinho; a cada momento preciso enxotal-a.

A lata cantou á saída do resto do grão atirado a esmo.

— Então chama-se Quita?

— Está extranhando? sorriu a velha. Minhas gallinhas teem todas nome de gente. Quem me deu a mãe d'esta com a roda de pintos, foi a Quita do compadre Elias. Aquelle gallo chama-se João de Mello — só porque este passou por aqui e o achou bonito. Alli está a Maria Flauzina, a Pinduca, a Amelia... Olha aquella arrepiada: tem um nome de homem... E' a Dr. Felix...

E tia Marciana riu alto.

— Meu nome? perguntei.

— Sim sr., porque estou reservando para o sr. Quero que tambem comece uma creação na sua casa, e o sr. sabe que gallinha, para ir adeante, é preciso que a primeira seja dada.

Deu-me ainda outras instrucções: que nunca eu chocsse numero par de ovos, senão gorava. O numero impar tinha virtudes, até nas creanças; nunca se vira nascer uma de 6 ou 8 mezes.

Num vôo pesado, depois de escolher posição, a Quita alcançou o braço de siá Marciana, onde ficou a bater asas, procurando equilibrio.

— Vem, tentação! fez a velha auxiliando-a a attingir o hombro.

A esse momento siá Marciana lembrou-se de uma operação que tinha de fazer. Acommodou a Quita na cozinha, e tirou de sob um jacá um frangote assarapantado. Munindo-se de tesoura e de agulha, veio sentar-se á porta do terreiro. O frango parecia doente, e fazia com o pescoço movimentos sacudidos, como para tossir, immobilizando-se depois com o bico aberto, anhelante.

— Ainda tem o pau atravessado no papo, este meu negro — disse ella acariciando-lhe a cabecinha.

Contou-me que se chamava Manequinho e que era, ha cinco dias, martyr do gallinheiro, desde que num accesso inconsiderado de gula abocara aquelle graveto. Nada que comia lhe parava no papo: vinham engulhos e vomitava. E o coitado, que era esganado, havia de sentir tanta fome! O resto da gallinhada já sabia aquillo, e, logo depois da ração matinal e da tarde, fazia-lhe numeroso acompanhamento á espera do vomito succulento. E o cortejo lá se punha em evoluções pelo terreiro, lento e expectante, o frango sorumbatico abrindo a marcha, com os engulhos, e as cabeças avidas a espreitar a hora, prestes para o assalto. Quando o vomito tardava, o augusto patriarca do quintal, o gallo João de Mello, bicava-lhe a cabeça afflicta, como a dizer-lhe que se apressasse, por favor, que aquillo de andar tanto, era, afinal, cansativo e aborrecido. Derepente, num engasgo mais forte, Manequinho estacava: era o despeja. Havia então um precipitar-se geral e desordenado; as aves premiam-no num assalto terrivel, pulavam-lhe ás costas; outras, mais soffregas, bicavam-lhe a lingua, e enfiavam o bico pela guela abaixo, de esganadas. Manequinho definhava. Aquillo não era vida!

Nesse dia siá Marciana resolveu livral-o do supplicio ou matal-o. Foi breve a operação: uma tesouradinha no papo, tirar o páo, uns pontos, tudo no meio de um exaggerado bater de azas. Emquanto isso, siá Marciana animava-o. Ia ver como a vida lhe mudava! Todo o dia, quando chamasse para o milho, não viria elle desconsoleado, sem entusiasmo, fechando a comitiva, como se acompanhasse ao proprio enterro; podia agora comer muito, quanto lhe appetcesse, até ficar com o papo tumefacto. Tivesse paciencia...

Um nó cego para rematar a costura e prompto. Acahou-se o estardalhaço de azas. E, como para demonstrar que a cesura não lhe diminui a voracidade do costume, Manequinho entupiu-se do milho, que a velha lhe serviu no côvo da mão. Em seguida soltou-o. Onde caiu encorajou-se receioso. Mas as gallinhas começaram a avishnar-

se. Rodearam-no. Premeram-no. Então, Manequinho poz-se a andar, recomeçando sua Via de Amargura. E lá ia o acompanhamento. Pelo terreiro fizeram as evoluções do costume. Manequinho á frente, desconsolado, inquieto, e o galinheiro todo atraz, com pausa e pertinacia. A's vezes, porém, notava-se em seu olhar uma fugidia expressão maliciosa, que parecia dizer: "Podem vir! Mas previno-lhes que perdem o tempo. Estão arrançados, si esperam a mamata do costume! Muitos dias regalei de grãos a vocês todos, com o maximo desinteresse; em vez de me agradecerem a magnanimidade, pagavam-me em maus tratos. Pois bem, já que foram tão ingratos, hoje acabou-se. Podem acompanhar-me quanto quizerem! isso até me distrae... E favorece o chylo. Façamos de conta que estamos fazendo a Avenida".

E, trocando com pachorra as longas pernas, guiava o povinho de pennas por todos os cantos e recantos do terreiro. Certo momento o gallo João de Mello foi-se-lhe pôr á beira, como para offerecer-lhe o braço. Mas não. Interprete do descontentamento geral da massa deu-lhe uma bicada de incitamento. Manequinho piou e abriu as pernas, correndo... A gallinhada atirou-se furiosamente ao seu encalço... Não vi qual foi o desenlace, porque o bando afastou-se, sumindo-se na horta.

(*Continúa*).

GODOFREDO RANGEL.



RESENHA DO MEZ

VICENTE DE CARVALHO

Vicente de Carvalho teve ha dias uma bella homenagem por motivo do apparecimento da terceira edição dos "Poemas e Canções". Valendo-se da opportunidade, os seus amigos e admiradores lhe offereceram um grande banquete e o seu busto, executado com arte pelo conhecido esculptor sr. Zadig. Toda a nossa sociedade associou-se a essa homenagem, que por isso resultou brilhantissima.



A Vicente de Carvalho deve ella ter sido particularmente grata, porque foi uma esplendida manifestação de sympathia o apreço, a que adheriram todos quantos presam as nossas letras. Valeu, além disso, por um attestado honrosissimo para o nosso meio intellectual, que assim demonstrou comprehender e admirar um grande poeta. Os successos de livraria que têm assinalado as edições dos "Poemas e Canções" só por si já testemunhavam a elevação literaria do nosso

meio — e a alta admiração e estima que o Brasil vota a Vicente de Carvalho. Mas, tratando-se de um poeta que aqui vive, e sempre aqui viveu e trabalhou, ficava bem, realmente manifestar essa admiração e essa estima numa grandiosa festa que marcasse época. Foi o que se viu, com applausos de todos.

O grande banquete offerecido a Vicente de Carvalho realisou-se no "Trianon", reunindo numerosissimos convivas, em nomo dos quaes falou o sr. Reynaldo Porchat. O distincto orador referiu-se a varios aspectos da obra de Vicente de Carvalho, e concluiu assim o seu excellente discurso:

"Bem sei que Vicente de Carvalho não pôde ser admirado sómente na sua esculptural estatura de grande poeta. Mais predicados tem elle, que exornam distinctamente a sua personalidade.

O modelar artista da palavra em verso também foi emerito no contornear a phrase de prosador elegante. No conto, sempre ameno ao desatar o enleio da novella, vivaz ao debuxar os quadros e as pessoas, attrahente e natural ao desdobrar as scenas, em que o leitor so sente interessado e attento. Veja-se "Folhas Soltas". Jornalista de alta envergadura, vigoroso no ataque e dextro na defesa, a sua penná brilhante de polemista, e relampagueante de satyras, quer em prosa, quer em verso, deliciou e dominou, em largo periodo, a opinião publica que o cercava.

Politico republicano de tempera rija, desses raros que o peso das batalhas nunca verga, e que mais se enrijecem, quanto mais accendem as discordias, a sua passagem pelo Governo do Estado deixou rastros do luz que o dignificam: foi o precursor da obra grandiosa de Cesario Motta, na Hygiene, tendo estudado e lançado as bases do Hospital de Isolamento, do Instituto Bacteriologico e do Instituto Vaccinogenico; trouxe para S. Paulo notaveis especialistas, que impulsionaram os trabalhos scientificos agora tão admiravelmente desenvolvidos: Lachaut, na chimica, Le Dantec, o mais querido discipulo do Pasteur, na bacteriologia, Gorecoix, na instrucção publica. Nunca poderá ser esquecida a sua dedicação e o seu esforço para dominar o terrivel flagicio de febre amarella, que assolava algumas cidades do Estado.

No fóro, foi a sua carreira sempre illuminada de saber e cimentada de honra. Advogado, perito nas leis e no direito; magistrado de limpida integridade, é hoje parte desse corpo de sacerdotes impollutos da justiça, que, na Camara Civil do Tribunal de São Paulo, glorificam o nosso Estado e honram o poder judiciario do Brasil.

E sobre tudo isso é o Pai de Familia, exemplar e inexcedivel, no carinho do lar, onde se desatam todas as meiguices, que florescem nas virtudes do seu coração affectuoso e bom.

Vicente de Carvalho:

Sois tambem grando amigo. E dos amigos, todos admiradores do vosso merito, são estas minhas pobrissimas palavras, sinceramente ditas. Não precisaveis desta homenagem. Já sois um immortal. As Academias de Letras já vos consagraram, acolhendo-vos em sua galeria e coroando-vos de louros.

Mas nós queremos tambem deixar, nas paginas adamantinas da historia de vossa vida, o marco de uma festa de sympathia e de carinho, offerecendo-vos, nesta recepção cordial, e neste modesto bronze, a

significação da nossa pura amizade e da nossa convicta admiração.

E desempenhando-me do honroso mandato, em palavras tão mingua-das para tão alto assumpto, eu vos saúdo como o homem de bem, o inspirado poeta lyrico e naturista que, no conceito valiosissimo do Euclydes da Cunha, nobilita o nosso tempo e a nossa terra”.

Falou tambem em nome da cidade de Santos, o sr. Heiter de Moraes, cuja oração foi muita applaudida, como já o fóra a do sr. Porchat.

Vicente de Carvalho, agradecendo a festa, disse estas bellas palavras:

“Meus senhores,

Não sei bem, para fallar-vos com sinceridade, como exprima o confuso sentimento que mo inspira a reunião de tantas sympathias associadas em torno dos versos e da pessoa de um poeta. A significação do vosso apreço, não a devo encarecer, que fóra immodesto; mas não a posso e não a quero amesquinhar, que fóra ingrato. Esta prova do vosso apreço, não a recebo como o applauso de um grande publico, que não sois, a um artista triumphante, que não sou. Sei que de um pequeno grupo de amigos, de amigos dedicados, partio a iniciativa desta demonstração de apreço em que tão expansivamente todos vos associastes; sei que, crescendo embora até avultar na multidão em que hoje me rodeaes, aquelle grupo inicial não perdeu o seu character puramente affectivo. Vejo e quero ver, em todos vós, amigos naturalmente generosos para com um amigo. Mas, e com estas palavras me dirijo não só a vós, presentes, mas a tantos outros que, ausentes, so affirmaram solidarios comvoseo, a vossa reunião é, tão largamente e por tantos titulos, representativa da sociedade em que vivemos, que ou sinto misturar-se á minha gratidão pela generosa amizade alguma coisa que se parece com um resquicio de orgulho. Perdoai-o a um poeta que, por premio do toda a alma que tem vindo a gastar em versos atra-

vés de uma vida onde já entardece, nunca teve outra ambição que não fosse merecer um pequenino reecanto na sympathia sincera de alguns corações. Perdoai-o a um poeta deslumbrado hoje com a consoladora certeza do que lhe affirmais de modo tão ostensivo: de que a sua ambição não era um sonho inútil e de que elle, semeando em versos a sua alma, não a desperdiçou.

Por um requinte do gentileza que percebo e agradeço, escolhestes para manifestar-me os vossos sentimentos, accentuando ainda nisso a natureza toda affectuosa desta manifestação de carinho um orador consagrado, ligado pessoalmente a mim por mais de um laço; um conterraneo que é, como eu, filho ausente, mas amoroso e fiel, da mesma terra em que vivemos em commum a nossa infância e a nossa adolescencia; um velho amigo de todos os tempos, em cujas palavras eloquentes acabastes de ouvir, não o juizo imparcial de um critico, mas a voz exaggerada de uma quente amizade. E pois que falei na minha terra, pegovos licença para expandir com relação a ella, especialmente, o contentamento e a gratidão que a todos vós devo. Ella é a minha terra — a terra onde nasci e onde vivi o melhor da minha vida. Foi referindo-me ao mar das suas praias, onde passei a minha infancia e onde tenho vivido e vivo toda a porção que posso da minha existencia, de rude praiano extraviado no tumulto da cidade, foi referindo-me á minha convivencia intima com o mar das suas praias, que eu escrevi:

Mar, bello mar selvagem
Das nossas praias solitarias! Tigre
A que as brisas da terra o somno
[embalam,
A que o vento do largo erriça o
[pello!
Junto da espuma com que as praias
[bordas,
Polo marulho acalentado, á sombra
Das palmeiras que arfando se de-
[bruçam
Na beirada das ondas, a minh'alma
Abriu-se para a vida, como se abre

Á flôr da murta para o sol do es-
[tio...

.....

Ah, vem d'ahi, por certo,

A voz que escuto em mim, tremula

[e triste,

Este marulho que me canta na alma

E que a alma jorra desmaiado em

[versos;

De ti, de ti unicamente, aquella

Cancão de amor, sentida e murmu-

[rante,

Quo eu vim cantando, sem saber se

[a ouviam,

Pela manhã do sol dos meus vinte

[annos.

Bem comprehendereis, e já foi dito que comprehender é perdoar, que eu, do contentamento e da gratidão que a todos vós devo, consagre especialmente uma pequenina porção á minha terra, a essa velha e gloriosa cidade de Santos: fazendo-se representar nesta manifestação de carinho a um dos seus poetas, ella affirma que não esqueceu o filho exilado pelos acasos do destino para fóra do seu seio, mas que é um de seus filhos, que lá escreveu o melhor dos "Poemas e Cancões", o que, de perto ou de longe, nunca a perdeu da vista e do coração...

Não esperaveis, de certo, e não o exigireis, que eu, pouco familiarizado com a oratoria, e dominado neste momento por uma natural emoção, vos dissesse mais do que as desalinhadas palavras que vos estou dizendo. De um poeta não seria razoavel esperar, ou não seria generoso exigir mais do que versos... Pois quiz um propicio acaso que eu pudesse retribuir com versos a um pouquinho de tanto que vos devo. Uma nova edição dos "Poemas e Cancões" apparece agora, neste momento, aqui, para vós, a quem tenho o prazer de offerecer os primeiros exomplares, sahidos hontem do prélo, desse livro feliz — livro feliz, digo-o com justificada ternura. São vossos; a vós destinei, a vós os offereço como devero pobre, mas agradecido, de uma grande divida. Aceitai-os como um preito que rendo á vossa amizade — e protejei-os com o vosso carinho."

OPHIR ⁽¹⁾

E' conhecido o pluri-secular debate áerea da região denominada Ophir, aonde Salomão mandava buscar ouro e pedras preciosas. A opinião mais corrente entre os commentadores biblicos é a de que se trata da Arabia. A nova edição da *Encyclopedia Britannica*, e o *Dicionario da Biblia* editado por Hastings, e outras obras modernas, referem-se a uma opinião que chamam "recente", segundo a qual Ophir ficaria na Africa, na região do Sofala.

Esta opinião "recente", quo os criticos inglezes parecem conhecer apenas pelos trabalhos de Theodoro Bent e pela novella de Haggard "*As minas de Salomão*", tem pelo menos quatro seculos na literatura portugueza, como vamos ver.

Entre os escriptores quinhentistas nota-se tambem grande hesitação quando ao local de Ophir. Camões, por exemplo, colloca-o em Sumatra, seguindo assim a Josepho. Da mesma opinião é frei Amador Arraiz. Mas Samuel Usque, evidentemente um dos escriptores que influíram no espirito de Camões, falando de umas nuvens "louras da cor do puro ouro de Ophir", explica em nota marginal que Ophir era Sofala. (*Dial. I, p. 5*). E no mesmo dialogo, repetindo as mesmas palavras na pag. 10, verso, explica: "Sofala, terra da India"

A expressão "terra da India" não nos deve espantar, uma vez que a India, para os antigos, era uma designação vaga que abrangia mais ou menos toda a região do oceano Indico. Vergilio refero-se a ella nestes termos: "*India... Oceano propior, extremi sinus orbis*". *Georg. II, 122*. — Ainda Garcia da Orta, protestando contra os hespanhoes que blasonavam de *las Indias Occidentales*, diz: "não tam somente não sam as vossas terras Indias;

(1) Appondice aos "Commentarios" ao canto X dos *Lusiadas*, obra a sair dos prélos da Casa Weiszflog, com varias gravuras e as duas trichromias adianto reproduzidas.

antes nunca forão sabidas dos antigos, nem o Brazil; se lho não quiserem chamar Indias, por serem terras inotas e distantes". (*Col. 34*).

O mesmo escriptor diz que "a Etiopia era chamada India dos antigos". Isto levou o conde do Ficalho a escrever uma erudita nota, de que transcrevemos uma parte: "O nome de India deriva-se geralmente da palavra sanscritica *sindhu*, que significa torrente caudalosa e larga, ou por analogia o mar, o se applicou especialmente ao grande rio do noroeste, estendendo-se ás terras quo limitava. *Sindhu* converteu-se em *Hindu*, e esta fórma no Indós dos gregos, e no *Indus* dos latinos, chamando-se a terra para além do Indus, *Indikê* o India. A designação de India alargou-se primeiro a toda a Peninsula, a India propriamente dita, ou *aquém do Ganges*, como a define Ptholomen; e depois vagamente ás terras *além do Ganges*, e mesmo á China. Alargou-se tambem para occidente, abrangendo em alguns escriptores a Ethiopia — *Indiam omnem plagam Aethiopiae accipimus*, diz Servius. D'aqui vieram as designações de *India major* o *India minor*, e uma *India tertia*, que incluía ás vezes Zanzibar. A palavra tornou-se em certos casos tão extensa, que alguns auctores dividiam o mundo conhecido em Europa, Africa e India, tomando-a como synonymo de Asia. Em todo o caso, uma parte da Africa foi abrangida pelo nome de India, e é neste sentido exacta a phrase de Orta: "A Etiopia era chamada India dos antigos".

Do testemunho de Samuel Usque, que tem no caso um valor especial, visto que se trata de um judeu muitissimo conhecedor da literatura hebraica, passaremos para o de João de Barros. Tratando das mesmas ruinas de que falam a *Encyclopedia Britannica* e os escriptores inglezes, diz o historiador:

"Tem outras minas em luma Comarca chamada Toróa, que per outro nome se chama o Reino de Butua de que he Senhor hum Príncipe per nome Burron vassallo do Benomotápa, a qual terra he vizinha a

outra, que dissemos ser de grandes campinas, e ESTAS MINAS SÃO AS MAIS ANTIGAS que se sabem naquella terra, todas em campo. No meio do qual está HUMA FORTALEZA QUADRADA, toda de canteria de dentro, e de fóra, mui bem lavrada de podras de maravilhosa grandeza, sem apparecer cal nas juntas della, cuja parede he de mais do vinte e cinco palmos de largo, e a altura não é tão grande em respeito da largura. E sobre a porta do qual edificio está HUM LETREIRO, que alguns Mouros mercadores, que alli foram ter, homens doctos, não souberam ler, nem dizer que letra era; e quasi em torno deste edificio em alguns outros estam outros á maneira delle no lavramento do pedraria, e sem cal, em que ha huma torre de mais de doze braças. A todos estes edificios OS DA TERRA LHE CHAMAM SYMBAOE, que ácrea delles quer dizer Corte; porque a todo lugar onde está Benomotápa chamam assi; e segundo elles dizem, deste, por ser cousa Real, tiveram toda las outras moradas d'El Rey tal nome. TEM HUM HOMEM NOBRE, QUE ESTA' EM GUARDA DELLE ao modo de Aleaide mór, e a este tal Officio chamam Symbacáyo, como so dissessemos guarda de Symbaoe, e sempre nelle estam algumas das mulheres de Benomotápa, de que este Symbacáyo tem cuidado. QUANDO OU PER QUEM ESTES EDIFICIOS FORAM FEITOS, como a gente da terra não tem letras, NÃO HA ENTRE ELLES MEMORIA DISSO, SOMENTE DIZEREM QUE HE OBRA DO DIABO, PORQUE COMPARADA AO PODER, E SABER DELLES, NÃO LHE PARECE QUE A PODIAM FAZER HOMENS; o alguns mouros que a viram, mostrando-lhe Vicente Pegado, Capitão que foi de Cofala, a obra daquella nossa fortaleza, assi o lavramento das janelas e arcos, pera comparação da canteria lavrada daquella obra, diziam não ser cousa pera comparar, segundo era limpa, e perfecta. A QUAL DISTARA' DE COfALA PERA O PONENTE PER LINHA

DIREITA POUCO MAIS OU MENOS CENTO E SETENTA LEGUAS, em altura entre vinte e vinte e hum grãos da parte do Sul, SEM PER AQUELLAS PARTES HAVER EDIFICIO ANTIGO, NEM MODERNO, PORQUE A GENTE HE MUI BARBARA, E TODAS SUAS CASAS SÃO DE MADEIRA; e per juizo dos Mouros que a viram parecer ser cousa mui antiga, e quo foi alli feita pera ter posse daquellas minas, que são mui antigas, EM AS QUAES SE NÃO TIRA OURO HA ANNOS, por causa de guerras. E olhando a situação, e a maneira do edificio mettido tanto no coração da terra, e que OS MOUROS CONFESSAM NÃO SER OBRAS DELLES, E MAIS POR NÃO CONHECEREM OS CARACTERES DO LETREIRO, que está na porta bem podemos conjecturar ser aquella a regiam que Ptholomeu chama Agysymba, onde faz sua computação Meridional; porque o nome della, e assi do Capitão que a guarda, em alguma maneira se conformam, e algum delles se corrompeo do outro. E pondo nisso nosso juizo, PARECE QUE ESTA OBRA MANDOU FAZER ALGUM PRINCIPE, QUE NAQUELLE TEMPO FOI SENHOR DESTAS MINAS, COMO POSSE DELLAS, A QUAL PERDEO COM O TEMPO, E TAMBEM POR SEREM MUI REMOITAS DE SEU ESTADO: CA' POR A SEMELHANÇA DOS EDIFICIOS PARECEM MUITOS A OUTROS, QUE ESTAM NA TERRA DO PRESTES JOÃO EM HUM LUGAR CHAMADO ACAXUMO, QUE FOI HUMA CIDADE CAMARA DA RAINHA SABA' a quo Ptholomeu chama Axumá, e que o principe Senhor deste estado o foi destas minas, e por razão dellas mandou fazer estes edificios do modo que nós ora temos a fortaleza da Mina, e esta mesma de Cofala''.

Desses dizeres de Barros concluimos:

1.º Que ha quatro seculos existiam ruinas de uma fortaleza e edificios adjacentes, a cerca de 170 leguas de Sofala.

2.º Que essa fortaleza tinha na porta um letreiro que mouros entendidos não puderam decifrar.

3.º — Que a fortaleza tinha o nome de Symbaoc, que é hoje o nome da região, e que esta palavra significa *côrte*.

4.º — Que ha quatro seculos ninguem sabia quando e por quem foram construidas essas edificações.

5.º — Que ha quatro seculos essas ruinas, consideradas quanto á edificação, destoavam completamente das rusticas habitações do madeira dos habitantes da região.

6.º — Que os aborigenes as consideravam tão estranhas e tão superiores á sua arte incipiente de construcção, que as reputavam obra do diabo, porquanto a julgar os demais homens por ellos proprios, não havia humanos capazes de tal empresa.

7.º — Que as minas adjacentes estavam abandonadas havia muitos annos.

8.º — Que os mouros confessam não ser obra dolles.

9.º — Que no conceito de Barros devia aquillo ter sido obra de um principe de região remota para assegurar-se a posse das minas.

10.º — Que a edificação se parece com as de "Aeaxumo", na Abissynia, a qual foi "Cidade camara da rainha Sabá".

11.º — Que apesar de tudo João de Barros não pensa em Salomão, como sendo o principe que fez as obras, mas em um outro que seria o senhor daquellas regiões, o que nos leva a enxergar que as suas conclusões, tão curiosas, não eram fructo de uma idéa preconcebida com relação a Ophir.

A 1.ª *Decada* de Barros foi publicada em 1553. As conclusões, portanto, dos ingleses, de que as ruinas são *kraals* ou aldeias hottentotes de 300 ou 400 annos de existencia, são absolutamente falsas, porque ha quatrocentos annos já eram ruinas inexplicaveis aos naturaes e aos mouros.

Passemos agora á *Ethiopia Oriental*, de frei João dos Santos, publicada em 1609. O capitulo XI do livro II é do seguinte teor:

"Perto da povoação de Massapa está uma mui alta, e grande serra, que se chama Fura, d'onde se descobre muita parte do reino de Manamotapa, e por esse respeito não consento o rei que os portuguezes subam a esta serra, por lhe não cubiçarem a grandeza e fermosura de suas terras, onde estão escondidas tantas, e tão grossas minas de ouro. No alto desta serra estão ainda em pé uns pedaços de paredes velhas, e umas ruinas antigas de pedra e cal, que bem demonstram estarem allí já casas, e aposentos fortes, cousa que não ha em toda a Cafraria; porque até as casas dos reis são de madeira, barradas com barro, e cobertas de palha. Dizem os naturaes destas terras, e particularmente alguns mouros antigos, que têm por tradição do seus antepassados, que aquellas casas foram antigamente feitoria da rainha de Sabbá, e que d'aqui lhe levavam muito ouro pelos rios de Cuama abaixo, até o mar Oceano Ethiopico, pelo qual navegavam em navios indo sempre correndo a costa da Ethiopia, até o mar Roxo, e entrando por elle acima, navegavam até chegarem ás praias que coufinam com as terras do Egypto, onde-se desembarcava todo este ouro, e d'alli o levavam por terra até a corte da rainha Sabbá, a qual diziam fóra rainha e senhora de muita parte da Ethiopia do Egypto, e que por este mar Roxo mandava suas armadas, buscar o ouro destes rios. No que eu tenho pouca duvida, porque esta opinião é de gravissimos auctores nossos, que dizem que a rainha Sabbá foi senhora da Ethiopia do Egypto, como são o glorioso S. Jeronymo sobre o propheta Sophonias, e Origenes sobre os Cantares, e Josepho no livro das antiguidades Judaicas. E além disso ainda hoje ha uma nobilissima cidade na Ethiopia, que antigamente se chamava Sabbá, situada em uma ilha que faz o rio Nilo, mui nomeada, e contada entre as cousas notaveis d'aquella região, assim por sua fertilidade, como por ser mui povoada, e frequentada de varias nações de gente. A esta eidade Sabbá mudou o

nome depois um rei deste reino, chamado Cambisses, e chamou-lhe Méroe, em memoria de uma irmã sua, a quem amava muito. Fazem menção dessas cousas Plinio, Strabo, Josepho o S. Jeronymo, e outros muitos auctores. Donde se collige ter muito fundamento o que se diz acerca d'essa rainha da Ethiopia pode ter sua feitoria nesta serra da Fura, donde lhe levassem o ouro.

Outros dizem, que estas ruínas foram feitoria de Salomão, onde tinha seus feitores, que lhe levavam muito ouro destas terras, pelos mesmos rios abaixo, até saírem ao mar Oceano Ethiopico, e pelo mesmo mar navegavam, até entrar pelo estreito do mar Roxo, o que desembarcando nas praias da Arabia, junto a Suez, o levavam por terra até Jerusalem, que são oitenta leguas de caminho, pouco mais ou menos. Dizem mais, que o ouro de Ophir, que levavam a Salomão, era desta terra, a que chamam Fura, ou Afura, e que pouca differença vai da Afura a Ophir, o qual nome andará já corrupto pela mudança dos tempos e edades que de então até agora correram. Eu não sei com que fundamento estes dizem uma coisa e outra, sómente sei dizer que ao redor desta serra ha muito e fino ouro, e que daqui podia ir por estes rios abaixo neste tempo, como agora vae por via dos portuguezes, e antigamente ia por via dos mouros de Moçambique e de Quiloa, antes que os portuguezes conquistassem estas terras. E assim como agora todo este ouro que sae destes rios vae para a India, assim podia ir até o cabo do Estreito do mar Roxo, e dahi até Suez e até Jerusalem, como fica dito. A qual navegação se devia fazer em muito tempo, porque então não estaria esta viagem tão sabida como agora, nem tambem haveria tão boas embarcações o pilotos, como hoje são os que sabem esta carreira, e tambem pelo muito tempo que se devia gastar emquanto se ajuntava e resgatava o ouro da mão dos cafres, porque ainda hoje que as minas estão mais sabidas e a cubiça dos cafres mais accessa no desejo de

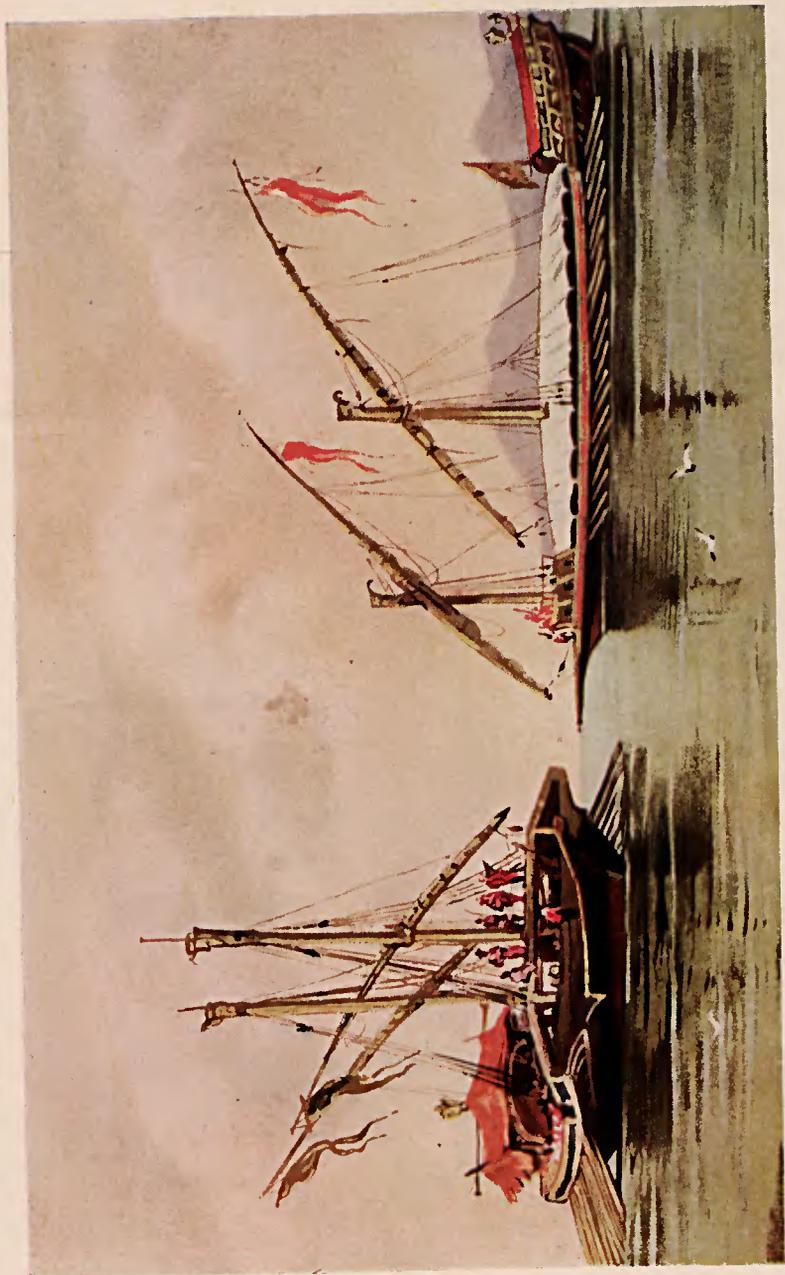
possuir as contas e roupas que os portuguezes de continuo levam a suas terras, todavia gastam os mercadores neste trato um anno e mais sem acabarem de vender suas mercadorias, por causa de serem os cafres muito preguiçosos em cavar a terra para buscarem o ouro, porque o não fazem senão constringidos pela necessidade. Além disso gasta-se muito tempo na viagem que se faz assim pelos rios, como pelo mar Ethiopico, o qual se navega com muitos contrastes, por causa dos tempos differentes que n'elles se esperam, porque em toda esta costa de Ethiopia se navega sómente com dois ventos que duram seis mezes da banda do Levante, e outros seis do poente, a que chamam monções. Pelo qual respeito invernam as embarcações muitas vezes nesta costa''.

O capitulo XII do mesmo livro continua a tratar do assumpto:

"Já temos visto no capitulo atraz, quantos impedimentos e detenções tem a navegação que os portuguezes hoje fazem da India para estas minas de ouro do Manamotapa. D'onde se pode colligir que no tempo de Salomão devia esta viagem ser ainda mais vagarosa e perigosa do que agora é, assim pelas razões allegadas no capitulo passado, como tambem porque a sua frota não podia navegar pelo mar Roxo de noite, senão de dia, por causa das muitas ilhas e baixos que nelle ha, e desta maneira devia gastar muito tempo, e além disso, quando navegasse pela costa da Ethiopia devia fazer muita detença em tomar os portos, concertando e reparando nelles suas embarcações, e provendo-as de mantimentos e agua, marinheiros e pilotos, que as fossem guiando até os rios de Cuama; pelo que não é de espantar que se gatassem nella os tres annos que diz a Sagrada Escriptura. O que se deve entender em ir e vir, e em ajuntar o ouro da Fura e as mais cousas desta região, que se levavam a Jerusalem.

Prova-se mais poder vir a frota de Salomão a esta costa da Ethio-

Galeras Ispanholas do seculo XVI, apud MODESTO LAFUENTE



«Vestido o Gama vem ao modo Hispano (peninsular).
Mas Francesa era a roupa que vestia,
De ecim da Adriatica Veneza,
Carmesi, cõr que a gente tanto preza». (II, EST. 97).

«Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta que dá o murice excellent
A varia cõr que os olhos alegrava». (IDEM, EST. 99).

«Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cõr purpurea ao longe apparecia». (II, EST. 75).



«Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Dò rico fio são que o bicho gera».

(VII, EST. 74).

Gravura aproximada de uma nau em festa, de acôrdo
com alguns dados historicos e com as caravelas de Colombo
e galeras hespanholas, como vêm na *Historia de Hespanha* de
Modesto Lafuente, vol. VII e VIII.

pia buscar ouro da Fura, pois tambem levava pedras preciosas, madeira para o templo, bogios e pavões, como consta de alguns logares da Escriptura; as quacs cousas todas so acham nesta costa, como são perolas finas, e aljofar, quo se pescam do parcel de Sofala, entre as ilhas Bocicas, de que já fallei; o a rica e preciosa madeira dos matos de Tebe, que estão entre Sofala e os rios de Cuama, em quo eu já estive, onde se fazem embarcações de um só páu cavado por dentro, que tem vinte braças de comprimento, pouco mais ou menos; e tambem em muitas partes desta costa, se cria e colhe muito e fino páo preto, que se leva para India, e vem para este reino. E quanto aos pavões, posto que os eu não visse nestas terras maritimas, contudo não devem faltar pela terra dentro, porque alguns cafres della tenho visto com penachos na cabeça de pennas de pavão mui conhecidas. Pois bogios são infinitos em toda esta costa da Ethiopia, de castas mui differentes. Já no ouro não fallo, porque ha grande copia del-le em todo este terroiro da Fura. Nem menos da fina prata de Chicova, onde sabe que ha ricas minas, como adiante direi. Assin que todas estas confrontações parece que provam ser esta terra da Fura a verdadeira região de Ophir. O que tambem se pode confirmar com o texto da Sagrada Escriptura, onde diz que Salomão enviava suas náos em busca de ouro a Tarsis a qual região intendem os gregos por Africa, onde estão as minas da Fura, de que estou fallando. Esta opinião segue Raphael Valaterrano, dizendo que muitos tiveram para si que Ophir era uma parte da Ethiopia, situada no mar de Sofala. Isto mesmo affirma Ludovico Veneto, no tratado que fez da sua navegação.

Outros auctores têm differentes opiniões, entre os quaes S. Jeronymo diz que Heber, patriarcha dos Hebreus, teve dois filhos, um chamado Phaleh e outro Jactan, os quaes lhe nasceram no tempo que foi a divisão de todas as linguas

em Babylonia, e que Jactan teve treze filhos, e dois delles Evila e Ophir foram habitar as terras da India, que estão do rio Ganges até Malaca, e por respeito destes dois homens chamavam ás terras do Ganges a região de Evila, e do Ganges, até Malaca, a região de Ophir. Deste antigo fundamento parece que veio a dizer Josepho quo a região de Ophir, d'onde levavam o ouro a Salomão, era a ilha de Samatra, situada na India, na costa de Malaca. Esta opinião segue tambem Rabano, auctor grave, dizendo que Ophir (que) é uma ilha deserta do mar da India, onde ha muitas feras e muito ouro, a qual tomou nome de Ophir, filho de Jactan. O mesmo diz Nicolau de Lyra. De modo, que desta opinião se collige, que Ophir está na India, e que deve ser a ilha de Samatra, o qual Josepho diz que se chama a terra aurea. Vatablo Parisiense vae por outra via mui differente, o diz que Ophir é uma ilha situada no mar do Sul, descoberta por Christovam Colombo, a que chamou Spagniola, mui abundante de fino ouro, e mui distante de Asion Gaber, menos provavel, pois sabemos que madras de Salomão partiam a buscar o ouro; e porquanto esta ilha estava tão longe, tardavam as náos tres annos em ir e vir. Esta opinião é menos provavel, pois sabemos que esta navegação da Arabia para o mar do Sul não se podia fazer senão pelo mar Oceano Ethiopico, até o cabo da Boa Esperança, e dali atravessando aquelle grande golfão até o estreito de Magalhães, por onde havia de entrar e sair. A qual navegação não estava ainda descoberta, porque muito tempo depois descobriu Fernando de Magalhães este Estreito, que foi no anno do Senhor em 1520, no mez de Setembro. Pelo que tem pouco fundamento a opinião deste auctor. De modo que todos os que tratam desta materia differem no sitio e região de Ophir. E finalmente não determinando en esta questão, digo que a serra de Fura, ou Afura, podia ser a região de Ophir, d'onde se levava o ouro a Jerusalem; pelo

que se pode dar algum credito a quem diz serem estas casas feitoria de Salomão, pois estavam na Fura, e o ouro que levavam era de Ophir; nem eu sinto outras minas mais perto, d'onde podesse ir ouro a Jerusalem; e neste tempo podia Salomão ter o commercio e trato que hoje têm os portuguezes nestes rios". (Da edição popular Luciano Cordeiro).

Diogo do Couto, abundando nas mesmas razões de frei João dos Santos, também colloca Ophir nesta serra de Afra.

Estamos certo de que se os inglezes tivessem conhecimento destas paginas esquecidas da literatura portugueza, não teriam recebido com tanta pressa as conclusões do sr. Rendall, a saber — que as ruinas de Sofala devem ter de trezentos (!) a quatrocentos annos.

Ha quatrocentos annos já eram, repetimos, ruinas que apontavam para tempos immemoriaes. Quanto a isto, não pode haver a menor duvida.

OTHONIEL MOTTA

MISSÕES DE PROFESSORES PAULISTAS

Não são poucos os professores primarios do Estado de São Paulo que tem ido a outras regiões da Republica para organizarem escolas e deixarem-n'as funcionando de accôrdo com o que a experiencia adquirida ha indicado como o mais viavel, entre nós, em materia de ensino propriamente e nas questões de administração escolar.

Varias tem sido, pois, as commissões desempenhadas por professores sahidos alguns da Escola Normal Secundaria de São Paulo, outros das antigas Escolas Complementares, e também das Normaes Primarias.

Lembro-me da missão Cardim, no Espirito Santo, em que o sr. prof. Carlos Augusto Gomes Cardim, actual director da Escola Normal Secundaria da Capital, desempenhou a respeitavel incumbencia de introduzir e divulgar naquelle Es-

tado, os methodos de ensino postos em pratica entre nós, devendo ao mesmo tempo dar uma organização moderna ao aparelhamento escolar espirito-santense. Considerando os obstaculos que sempre surgem diante destes nobres esforços e a incomprehensão de grande parte do povo a respeito do valor do problema dos ensinos preliminar o complementar, e levando-se ainda em conta os elogios recebidos das autoridades do sobredito Estado pelo digno funcionario paulista e a sua competencia em assumptos pedagogicos, é de crer tenha feito obra de monta que, se não prosperar, nenhuma culpa lhe cabe por isso.

Comissionado também para coisas de ensino estabeleceu-se em Santa Catharina, baluarte do germanismo no Brasil segundo se propala, o Director do 1.º Grupo Escolar do Braz, sr. prof. Orestes Guimarães. O enviado paulista aproveita-se actualmente, no cargo de Inspector Geral do Ensino no Estado do Sul, em applicar a sua intelligencia e longa pratica no desenvolver as escolas primarias brasileiras e, o que é melhor, em criar o sentimento nacional pelas localidades onde a preponderancia do elemento estrangeiro é tanta que alli, mais do que em nenhuma outra circumscripção do territorio patrio, torna-se assás difficil resolver o arduo problema da assimilação do elemento immigratorio. A incuria quasi secular da politica brasileira em atender a estas questões, acarretou para a geração actual, e quiçá para as futuras, um caso dos mais graves que se não decidirá sem energia e constancia sobretudo, attributos estes não muito proprios da nossa gente.

O sr. prof. Orestes Guimarães está em Santa Catharina, auxiliado por outros formados de São Paulo e, parece vão cumprindo o seu fim. O que se torna de necessidade e urgencia absolutas é intensificar o movimento escolar naquelle Estado, pois enquanto nós brasileiros discutimos se a criação de escolas é ou não da competencia federal, es-



tadual ou municipal, se se deve fazer a revisão constitucional, quem será o presidente no proximo quadriennio, a opinião do sr. deputado X e outros pontos de igual quilate; o estrangeiro pratico e malicioso, sem perda de tempo e sem palavrorio, funda escolas, cria instituições, propaga os seus usos e a sua lingua, organiza *de facto* ... contando com a nossa proverbial ingenuidade. Entretanto a conflagração européa veio bem claramente mostrar quejando é o reverso da medalha da qual os povos, em tempos de paz, costumam a apresentar-nos somente o auverso brilhante e enganoso.

De modo que aos professores nossos em Santa Catharina está reservado um papel importantissimo e eminentemente patriotico e o seu trabalho vem sendo observado com immenso carinho pela parte sã do Brasil.

Outra missão, para outras bandas, constituiu-se pelos srs. professores Leovigildo Martins e Gustavo Kuhlmann, idos ambos ha tempos para Mato-Grosso. Ignoramos a acção desses moços paulistas naquelle colossal Estado, mas, ao que me consta, occupavam cargos elevados na administração escolar e assim poderiam ter exercido uma influencia benefica, lutando aliás com enormes difficuldades se considerarmos a extensão do territorio, pouca densidade e atrazo da população e ainda a praga da politica-gem e dos levantes armados, desmoralizadores dos nossos creditos e attentatorios dos nosso foros de povo civilizado, sorvindo apenas interesses transitorios e mesquinhos de chefetes sem escrupulos e sem a minima dose do civismo.

Quando o Ministerio da Marinha quiz dar uma organização melhor ás Escolas de Aprendizizes Marinheiros, partiu para o Rio de Janeiro o sr. prof. Arnaldo Barreto que então exercia, em São Paulo, o cargo de Inspector Escolar. Dada a capacidade especial do commissionado, um dos melhores professores paulistas senão a mais completa organização pedagogica que já

sahiu das nossas Escolas Normaes, era de esperar a commissão do digno Inspector um proveito extraordinario. O sr. prof. Arnaldo Barreto levou como auxiliares muitos professores de São Paulo e, fazendo do Rio de Janeiro o centro de operações, deu principio ao seu vasto plano de reformas radicacs, depois de uma série de contratempos. Uma vez organizada a escola do Rio, as outras começavam a se modelar por ella, quando o Chefe da missão recolheu a São Paulo e bem assim quasi todos os seus companheiros, ficando no entanto alguns moços aggregados a diversas Escolas de Aprendizizes Marinheiros do paiz.

O sr. prof. dr. Luiz Piza Sobrinho esteve em Alagoas, durante bastantes mezes, iniciando aquelle Estado nos segredos da arte de ensinar e nos negocios referentes á organização e administração escolares. E' um moço intelligente, conhecedor dos habitos das nossas escolas e naturalmente muito se esforçou em prol do desenvolvimento da instrucção publica alagoana.

Em commissão pedagogica tambem esteve, em Sergipe, o auctor destas linhas. Tendo o presidente daquelle Estado, dr. José Rodrigues da Costa Doria planejado reformas no ensino sergipense, abrangendo o ensino secundario (Atheneu Sergipense), o pedagigo tecnico (Escola Normal) e o primario, dirigiu-se ao Director Geral do Ensino de São Paulo por intermedio do deputado federal por aquelle Estado, o sr. pharmaceutico Pedro Rodrigues da Costa Doria, a fim de obter um professor paulista, sendo então indicado o meu nome para a tarefa de pôr em execução a parte relativa aos ensinos normal e primario. Exercia eu então o cargo de Director do Grupo Escolar da Avenida Paulista, tendo partido logo para Aracaju' onde cheguei a 5 de Agosto de 1911. O presidente dr. Doria mostrou-me os planos que elaborára, demollhes alguns retoques e o trabalho de remodelação inaugurou-se sem demora na Escola Normal e no Grupo Modelo An-

nexo. As difficuldades que soem apparecer nessas occasiões iam sendo vencidas aos poucos e tudo denunciava um futuro de grande progresso, pois uma vez assentadas as bases e preparado um nucleo de mestres intelligentes (e os havia), a tarefa, á medida que se complicasse pelo arranjo do maior numero de escolas, simplificar-se-hia pelo lado da introducção de methodos e processos mais consontaneos com o maximo aproveitamento do esforço do mestre no desenvolver o character e a mentalidade do alumno.

A seára promettia farta messe e os corações bem intencionados abundavam em fagueiras esperanças quando, a 24 de Outubro de 1911, o governo mudou. O novo presidente, fructo do militarismo de então, não justificou os elogios que Euclides lhe fizera nos "Sertões", e entrou para a chefia do seu Estado com um rompanto offensivo e inutil. Não me convindo ficar em Sergipe, pedi a rescisão do contracto, e senti deixar um inicio promissor de reforma pedagogica a favor da qual tinha posto todas as minhas forças e um enthusiasmo aliás mal comprehendido de muitos.

Em compensação frequentemente recebo daquelle recanto do Norte, livros, folhetos, consultas, estatisticas, noticias varias que provam que o impulso primeiro foi mais ou menos aproveitado e que os quasi tres mezes de trabalho intensissimo se não perderam de todo.

Em Março de 1916 recebi de Araçaju' do actual presidente de Sergipe, um honroso convite para mim, nestes termos: "Desejo saber se posso contar com o vosso valioso concurso como director da Instrucção Publica deste Estado, cargo que brillantemente exercestes governo Doria. No caso affirmativo, rogo-vos dizer as condições e se vossa vinda depende de permissão do governo do São Paulo. — Oliveira Valladão, presidente de Sergipe".

Transerevo para aqui o telegramma apenas para mostrar que houve quem soubesse interpretar convenientemente os meus actos, em

1911, o que já é um consolo para um quasi mallogro de missão pedagogica.

Ora tudo que atrás referi vem a pêlo, neste artigo, para justificar a seguinte affirmação: os resultados das missões paulistas não teem correspondido ao que dellas se esperava. As causas disso são multiplicas e vamos tentar passal-as em revista.

Um facto salta logo aos olhares do observador e é o excessivo regionalismo de certos habitantes, patriocios nossos, uão permitindo um recebimento como convinha fosse feito aos quo de uma zona vão a outra levando o animo de trabalhar, mais nada. Muitas ninharias apparecem, as intrigas maçantes se levantam, a politicagem sordida volta-se para o estrangeiro (!) a quem se atiram, nos jornaes, artigos insultuosos e semelhantes productos da imprensa. Não se diga que nos devemos collocar acima destas coisas; não ha duvida que assim é, mas tambem é certo que, por detrás das lamas, muita má vontade se occulta e isto aborrece; demais, todo o intrigante e calumniador tem o seu pouco de psychologia para saber que não ha juizo, falso que seja, que não deixe traço no espirito alheio e, assim, contrariam-nos sobremaneira.

Quer-me parecer que, sem uma certa unidade de vistas nas classes dirigentes dos varios Estados que desejem cuidar do instrucção, não será jámais possivel eriar esse meio sympathico, propicio a qualquer trabalho serio, maxime da natureza de obra tão delicada como é o ensino publico.

As mais das vezes essas tentativas fallham porque os agrupamentos politicos fazem dellas eixo para séries de explorações inconvenientes e mesmo indignas, e resulta que não pôde haver continuidade administrativa: cada governo tem a sua reforma pedagogica, modificando por completo o que o antecessor estabelecera e, ainda peor, mudando quasi todo o pessoal cuja escolha

obedece mesmo a manejos e arranjos onde absolutamente se não attendem os interesses publicos. O interesse publico! Isto é assumpto de que se não cogita.

Tambem não é lá tão fácil ao governo de São Paulo encontrar professores que reünam os muitos requisitos exigidos para se proverem cargos tão importantes; os que temos estão collocados e se não querem aventurar por ahí além. Ha necessidade, para as missões, de homens entendidos em administração escolar e dispondo de orientação pedagogica; que sejam peritos mestres e tenham ainda iniciativa, muita energia para veneerem os contratempos; outrosim possuidores de uma certa finura diplomatica, etc.

Todavia professores desta tempera não os ha por aqui em abundancia, antes pelo contrario, são até raros; os que existem ou estão occupados e não desejam sair, salvo por uma paga inconveniente ao Estado que convida, ou então são professores que se orientaram já para outras carreiras por attenderem a que o magisterio está com o seu futuro comprometido, pois ao contrario do que devia ser e se dá em todas as demais profissões e em toda a parte, os ordenados diminuem constantemente, sob desvairados pretextos. Para fugirem de uma semi-indigencia na velhice, num Estado de vida cara como o nosso, os elementos mais aproveitavos poem-se a salvo, emquanto é tempo, com graves prejuizos para a mentalidade da classe.

Além disso tudo, um professor só, ou com alguns auxiliares, não perde pouco tempo e mesmo gasta boa parte da sua energia, até familiarizar-se com os novos companheiros do Estado para onde fôr a missão pedagogica.

Sou, conforme se vê, contrario ás idas de professores paulistas para outros pontos do Paiz, assim como sou contra as vindas de professores estrangeiros ao Brasil, por verificar a insubsistencia do trabalho que produzem, destinado a desaparecer uma vez terminada a tare-

fa de que elles se achavam encarregados.

Como, porém, não devemos destruir sem que reconstruamos, nem condemnar o que está estabelecido sem termos coisa melhor para offerrecer, eu aponto outro caminho a seguir e, segundo penso, muito mais proveitoso do que o até agora-trilhado e bem mais conveniente para ambas as partes contractantes, isto é, a população do Estado que solicita e o governo de São Paulo. Esta via nova consiste em mandarem os Estados que pretenderem ficar ao par da situação do ensino aqui, uma turma de tres a quatro mestres primarios, observadores, afim de que vejam as nossas easas do instrução publica, o frau de progresso das mesmas e a sua influencia no meio social; apprehendam o que houver de melhor no nosso organismo escolar e, de volta ás suas terras, adoptem o que seja adaptavel e se constituam nucleos das idéas que formaram quanto ao nosso ensino e sua efficiencia.

O Paraná acaba de seguir essa trilha, pois não faz muito esteve em São Paulo uma commissão de ensinantes primarios daquelle Estado e pena foi que o nosso M. D. Governo lhe não facilitasse uma visita a alguns estabelecimentos do interior, dignos de apreciação pelo seu trabalho honesto e bem orientado. Acabo de ler nos jornaes a chegada de uma sra. professora que, commissionada pelo governo do Maranhão, acha-se em São Paulo, a serviços do ensino: muito bem.

Eu mesmo, quando em Março de 1916 o sr. general Valladão mandou-me o delicado convite para voltar a Sergipe tratei de fazer sentir a s. exa. que a orientação mais proveitosa para aquelle Estado, ou para qualquer outra circumscripção do Paiz, era a consistente em remetter uns mestres primarios que aqui vissem de perto, durante alguns mezes, o que temos feito no assumpto.

São faceis de descobrir as vantagens desse novo systema; ellas dizem respeito ao ensino, á administração e ao professorado.

Quanto ao ensino propriamente,

isto é, á applicação de nossos methodos e processos pedagogicos, desde logo se verifica que a vinda de professores produzirá, na sua volta ao torrão natal, uma adaptação immediata do que fôr viavel e mais com ajustamento ás condições geraes da vida regional, não ficando, porisso, as novidades, a modo de enxertos exóticos e sem eficiencia. Além disso o nucleo de professores modernizados terá um caracter permanente o que não acontece agora, com qualquer missão paulista, a qual terá sempre os olhos voltados para São Paulo.

As vantagens relativas á administração são as decorrentes da economia com que se formará um professorado apto; fica mesmo relativamente mais barato para um Estado manter alguns mestres aqui entre nós, por algum tempo, do que subsidiar um enviado pedagogico ou uma comissão de professores paulistas. E noto ainda vantagens quanto á melhoria das informações sobre aquillo que fazemos e quanto á fisealização da tarefa de reforma, mais completa tratando-se de funcionarios habituados aos costumes dos respectivos Estados.

Com referencia ao professorado são grandes os proveitos que decorrem do systema que aponto. Em primeiro lugar os professores passeiam um pouco; passeiando, ficam conhecendo centros mais adiantados onde verificarão e adquirirão outros habitos de trabalho; todas estas observações trazem aos visitantes um estímulo suave e fructificador por virtude de sentirem elles claramente a obra feita, o esforço realizado, o que foi effectuado e o que ainda ha por fazer, não conhecendo apenas do outiva estas questões de ensino publico, organização de escolas, preparo do mestre e muito principalmente o seu caracter, a sua disciplina e o seu preparo geral e technico. E' essa convivencia num meio progressivo e que os filhos de outras terras brasileiras encontrarão aqui, que nós iremos sentir entre outros povos de adiantamento superior, muito superior mesmo ao nosso,

quando os governos de São Paulo enviarem os nossos professores aos paizes do cultura pedagogica intensa.

S. Carlos, 1917.

CARLOS DA SILVEIRA.

BIBLIOGRAPHIA

Historia da Revolução de Pernambuco em 1817 do dr. Francisco Muniz Tavares, 3.ª edição commemorativa, revista e annotada por Oliveira Lima.

Acontece com os episodios historicos o mesmo que, não raro, acontece com os individuos: ou têm a fama maior que a sua importancia real, ou têm uma importancia real maior que a fama. O povo, como qualquer critico ou historiador imparcial, deforma tudo que lhe atravesse o espirito, pondo ou tirando-lhe alguma coisa... E' quasi uma lei da natureza humana.

Vêde, por exemplo, o que se dá com estes dois episodios notaveis da historia patria — a Inconfidencia Mineira e a Revolução Pernambucana de 1817. Vivem ambos no espirito publico com os vultos trocados: a Inconfidencia é um acontecimento grandioso, e a Revolução Pernambucana um motim local sem grande relevo, quando a verdade historica é precisamente o inverso. A Revolução Pernambucana foi o movimento nacionalista mais serio que, antes de 1822, abalou a Colonia, reduzindo a um fio os liames que nos prendiam á Metropole, ao passo que a Inconfidencia Mineira não passou de uma vaga aspiração intellectual. Tudo, na Revolução Pernambucana, homens e factos, attingiu a uma altura que a Inconfidencia Mineira nem de longe rasteou. A Revolução Pernambucana obedeceu a um largo plano separatista e teve a seu serviço meia duzia de homens de acção, homens por varios titulos superiores, enquanto a Inconfidencia Mineira, mal sorvida de homens de acção, sem uma cabeça orientadora, nem sequer chegou a

concretisar-se em factos, diluindo-se, como um sonho luminoso, no espirito dos que a conceberam e recomendando-se á memoria dos posterros apenas pelo soffrimento de alguns dos implicados e pelo fim tragico a que levou o Tiradentes, cuja leviandade de palrador impenitente um subito arranco do heroismo em face da morte resgatou, dando-lhe em meio a covardia geral, um destaque varonil e amortalhando num clarão de gloria a sua insignificancia pessoal.

Mortes mais bellas, heroismos mais altos pontuam entretanto a Revolução Pernambucana, sem que o mesmo relevo hajam alcançado até hoje no espirito publico. O padre Roma, por exemplo, cuja morte lembra a de Ney, pois como o bravo dos bravos elle proprio dirigiu o destacamento incumbido de o fuzilar, ordenando-lho que visasse direito ao coração, é um typo de uma rara nobresa moral e nada fica a dever, em elevação de sentimento, em serenidade de animo, em intrepidez de caracter, aos maiores martyres politicos que honram a historia das outras nações. Muito longe, todavia, está a sua gloria de emparelhar, no espirito publico, com a do Tiradentes, quando, se a gloria fosse uma função exacta do merecimento, á deste devera do muito sobrepujar.

Não se pense disto que reputamos desarrazoado o culto nacional á memoria do Tiradentes. Não. Achamos apenas que esse culto devia ser repartido — e não o é — por outros que, tanto como o Tiradentes e alguns mais do que elle, legaram ás gerações actuaes uma herança grandiosa de serviços e do exemplos, de civismo e de nobresa. E' uma injustiça que temos o dever de apagar. Apagal-a-emos no dia em que estudarmos, sem preconceitos de qualquer especie e de ouvidos fechados á voz dos apolo-gistas, a historia real dos dois episodios.

Quanto á Revolução Pernambucana, esse estudo tornou-se facil hoje graças á Historia de Muniz Tavares, que é um depoimento pes-

soal prestado com a maior isenção de espirito e com o maximo respeito á verdade. Essa Historia acaba de ser editada pela terceira vez e vem acompanhada, na ultima edição, de preciosas annotações do nosso eminente collaborador sr. Oliveira Lima.

Quanto á Inconfidencia, andam esparsos ainda os elementos de estudo, mas não é difficil reunil-os. A boa vontade de qualquer estudioso, com um pequeno auxilio do governo do Estado, poderá levar a effeito, em pouco tempo, essa tarofo. Nem faltam em Minas espiritos esclarecidos capazes do fazer para o seu Estado o que Oliveira Lima acaba de fazer para o delle. Não ha época aliás mais propicia para uma empreza deste genero. Estamos todos empenhados em despertar o sentimento nacional, mostrando ao brasileiro que elle só tem motivos para amar a sua patria e para della orgulhar-se. Ora, não ha meio mais pratico de o conseguir do que dando a ler aos brasileiros a historia dos seus antepassados. Elles verão que o heroismo de fóra tem sido mais apregoado, mas não é maior do que o da sua casa e que para accender o seu enthusiasmo e alimentar a sua admiração não é preciso abrir as janellas e espisar para o terreno do visinho...

Poucas leituras serão neste momento mais proveitosas do que a da Historia da Revolução Pernambucana.

O sr. Oliveira Lima, annotando-a com o cuidado que costuma pôr em todos os seus trabalhos historicos, preston ás nossas lettras e ao paiz um dos mais valiosos sorviços que lhe podia prestar.

MOVIMENTO LITERARIO

Projecta-se uma grande festa em homenagem á poetisa Francisca Julia. Por iniciativa do sr. Simões Pinto, director do semanario *A Vida Moderna*, ser-lhe-á offerecido um bello brinde, realisando-se

então um sarau literario e artistico em sua honra. Não ha quem deixe de applaudir calorosamente essa homenagem á grande poetisa dos *Marmores*, que o Brasil inteiro conhece e admira.

* * *

Deve apparecer por estes proximos dias o novo livro de versos de Amadeu Amaral — *Espumas*. Com uma linda capa desenhada por Wash Rodrigues, *Espumas* está sendo carinhosamente editado por forma a poder garantir-se desde já que será um bello livro. Contém numerosos versos inéditos, entre os quaes o "Açude", que por gentileza de Amadeu Amaral pôde a *Revista do Brasil* offerecer agora aos seus leitores.

* * *

Annuncia-se tambem um livro muito interessante: *Os Lusíadas*, pelo sr. Othoniel Motta, professor do Gymnasio de Campinas. E' um grosso volume, de commentarios aos *Lusíadas*, apresentando muitas notas importantes á comprehensão do poema de Camões. Além de varias illustrações no texto, os *Lusíadas*, que estão sendo editados pela Casa Weiszflog Irmãos, trarão as duas admiraveis trichromias, que os leitores encontram neste numero. Ainda por amabilidade do sr. Othoniel Motta, a *Revista do Brasil* publica um dos capitulos da sua obra, que diz respeito á debatida questão de Ophir.

* * *

A apparecer tambem por estes dias, a *Torre Encantada*, do sr. Homero Prates, que está sendo artisticamente editada nas officinas do *Estado de S. Paulo*. A capa é desenho do distincto pintor sr. Fisher Elpons.

* * *

Verão é o titulo de um livro de versos que o nosso collaborador, sr. Martins Fontes, tem em preparo. Delle podemos dar aos leitores uma amostra, publicando as poesias que o sr. Martins Fontes assigna paginas atraz.

* * *

O sr. Valdomiro Silveira vae emfim reunir em volume os seus contos regionaes que têm sido tão apreciados. *Lereias* será o titulo desse interessantissimo livro de que a *Revista do Brasil* já publicou um conto — *Desespero de amor*.

* * *

O sr. Humberto de Campos, tambem nosso collaborador, tem a sahir do prélo um livro em prosa: *Da Seara de Booz*, que certamente está destinado ao mesmo successo que têm tido os seus versos.

MACHADO DE ASSIS

Já está publicado o quarto volume da "Sociedade de Cultura Artistica", com as conferencias sobre Machado de Assis alli realisadas pelo sr. Alfredo Pujol. E' um bello volume de 370 paginas, onde, em sete conferencias, o nosso director versa todos os aspectos da obra admiravel do grande escriptor brasileiro, illustrando o seu trabalho de diversas gravuras e numerosas notas inéditas. Entre estas ha duas cartas, dirigidas pelos srs. Medeiros e Albuquerque e Constancio Alves ao sr. Alfredo Pujol, ácerca das suas conferencias, e que julgamos interessante trasladar para aqui. Escreve o sr. Medeiros e Albuquerque:

"Meu caro Alfredo Pujol. — Recebi hontem a sua terceira conferencia do curso Machado de Assis. A Sociedade de Cultura Artistica está erigindo a Machado de Assis o melhor dos monumentos. Elle terá, mais cedo ou mais tarde, o calunga de bronze, que lhe é devido em uma praça publica. Não será, porém, a homenagem intelligente que você lhe está prestando, e excede qualquer outra. A proposito de Machado de Assis, ha uma nota que eu sempre julguei justa, no livro do Sylvio Romero.

'Trata-se de uma coisa' que era difficil dizer, emquanto elle estava vivo. Não sei se você conheceu o Sylvio de perto... Era um sujeito

excellent, bom, affavel, acolhedor, alegre, tão aggressivo quando escrevia, como meigo na intimidade. Tinha, porém, uma idolatria feroz pelo Tobias Barreto. Ora, para elle, Machado commettera o grave crime de haver obtido mais successo que Tobias. So o Machado disse que era discipulo de Tobias, no dia seguinte Sylvio o acharia gonial. Mas, emfim, no livro mediocre que o Sylvio escreveu sobre o Machado, elle fez uma observação interessante. Disse que o estylo do Machado era o *estylo de gago*. Disse-o, é claro, só por maldade, para lembrar ao Machado o seu defeito. Mas eu acho que a observação tem um fundo physiologico justo. Cada um, pensando, pensa com as phrases que está habituado a formar, que pôde formar, naturalmente. E' bem sabido que os oradores, cujo folego é extraordinario, (voê o sabe melhor do que ninguem) tem a natural tendencia a fazer as longas phrases, os grandes periodos, choios, amplos, redondos. E' natural que um gago — o Machado não o era de todo — faça phrases curtas, hesitantes; diga e corrija; vá e venha com a phrase. Exactamente pelo seu natural desejo de esconder um pouco 'o defeito natural, elle nunca se atirava a fazer phrases muito longas. Isto não tira o encanto real, a originalidade do estylo de Machado, que conseguiu fazer servir esse defeito á formação de um estylo gracioso e original. Para bem entender um estylo, vale a pena ás vezes tomar um imitador. O imitador exaggera. A esse respeito, creio que vale a pena ler o livro de contos de Pedro Rabello, *A Alma Alheia*. E' o *pastiche* mais perfeito que eu conheço do estylo do Machado. Uma nota ainda: o Machado devia ser do typo *visual*.

Certo dia, elle me chamou na rua para contar-me este factó: disse-me que, na vespera, á tarde, quando voltava para casa, vira no largo da Carioca um sujeito, que elle conhecia. Conhecia; mas não sabia de onde. Rodou em torno do sujeito, fazendo um grande esforço de me-

moria para lembrar-se onde o vira, até que, de subito, achou: — Ah! é o Raposo, do Medeiros!" Eu tinha publicado, dias antes, na *Revista Brasileira*, um conto — *As calças do Raposo*. Lendo-o, Machado de Assis evocara um certo typo para o meu Raposo. Fora esse typo que elle julgara reconhecer no homenzinho do largo da Carioca. A anedocta me parece significativa. Se, á simples leitura do um trabalho de valor muito secundario, elle evocava um personagem com tanta nitidez que o julgava encontrar na vida real, é bem evidente que devia evocar perfeitamente os dos seus livros, com os quaes convivia por mezes ou annos. Medite nestas duas observações. A primeira desagrada, mas me parece justa. Servir-se de um organo imperfeito, para com elle fazer uma coisa perfeita, é um grande merecimento. Positivamente, uma pessoa sem folego *não pensa phrases longas*. Embora não as profira em voz alta, a falta do sopro a impede de fazer, mesmo mentalmente, phrases que excedam a sua capacidade respiratoria. Mas... porque lhe escrevo eu tudo isto? — Porque é um excellent pretexto para estar um pouco em sua companhia. Do velho amigo, Medeiros e Albuquerque. — Siracusa, 31 de janeiro de 1916."

Em sua carta, o sr. Constancio Alves, diz:

"... O que talvez possa sorvir a V. como informação puramente anedoctica ou suggestiva, é a phrase (que me foi transmittida por 'Capistrano de Abreu) com que Raul Pompeia definia Machado de Assis: "escriptor correcto e diminuido". Nesse juizo ha, principalmente, malicia derivada de divergencias fundamentais: de uma incompatibilidade de espiritos, de um antagonismo de sensibilidades, e de uma differença de attitudes relativamente a acontecimentos sociaes e politicos do Brasil. Ao artista trepidante, entusiasta e arrebatado d'O *Athena* e dos folhetins do *Jornal do Commercio*, eram intoleraveis a alma contida, a inspiração vigiada, a correção meticulosa do creador de *Braz*

Cubas. Raul, nos seus ultimos annos, viveu inteiro na agitação da vida politica, e Machado de Assis, que ha muito deixara de azorregar saltimbancos, estava á margem dessa corrente e observava em silencio, de longe e do alto, a sua furia espunante. Raul, fervoroso jacobino, allucinadamente florianista, via em Machado de Assis o monarchista, o conservador, o aristocrata, o insensível ás vibrações do nativismo salvador...

Mas não é raro encontrar na malevolencia a verdade. V., que está estudando, com tanto carinho e tão fina agudeza intellectual, a obra de Machado de Assis, examinará aquella definição formulada com intuito depreciativo e dirá se Raul teve ou não razão: se Machado de Assis, á força de se corrigir, não se diminuiu, se não sujeitou o seu talento a uma lapidação excessiva, se não pôdó deshumanamente a sua obra — no interesse de sua perfeição, mas com prejuizo da sua espontaneidade — tolhendo a encantadora incorrecção de arvore, que alonga ramos indisciplinados carregados de flôres e de fruetos irregularmente dispostos.

Cabe a V. julgar se o proposito visível na obra de Machado de Assis. de constranger, de attenuar o que nelle havia de *sympathia* por seus semelhantes, não o diminuiu pelo menos como inventor de typos.

Lady Macbeth exproba ao marido o ter nutrido a alma com o *leite da ternura humana*, porque isso era um obstaculo a seus planos eriminosos. A observação é justa. Mas esse leite, que não presta para o alimento de ambiciosos não será o principio vital das creações literarias? E não parece que as de Machado de Assis se resentem de ter bebido aquelle leite misturado com agua?"

NOTAS DE SCIENCIA

A PARALYSIA INFANTIL

A'cerca deste interessante assumpto encontramos numa revista norte-americana um artigo, escripto

a proposito de uma epidemia de paralytia infantil que se manifestou ha um anno em Brooklyn, Estado de Nova York, e rapidamente invadio quasi todo o territorio dos Estados Unidos. A epidemia não foi sómente notavel pelo numero de casos, que excederam do 7.000, mas tambem pela proporção enorme de casos mortaes, sendo de notar ainda que quasi todos os sobreviventes ficaram paralyticos inteiramente ou pelo menos de um membro. Ora, o artigo a que alludimos, publicado pela importante "American Review of Reviews" mostra que ensinamentos se pôdem tirar dessa mysteriosa epidemia que periodicamente surge nos Estados Unidos. Segundo as estatisticas do Departamento de Hygiene de Nova York, oitenta e cinco por cento dos casos eram de creanças abaixo de seis annos, e em cada cinco casos tres creanças eram do sexo masculino. Essa doença, que tem hoje o nome de poliomielite, não é doença nova, pois desde tempos immemoriaes se registam casos isolados della.

O que fez chamar a attenção agora sobre essa paralytia e baptisala com um novo nome, foi a forma epidemica e contagiosa que assumiu, de sorte a representar um grande perigo social. Até agora os medicos mais illustrados confessam francaamente não saber a origem e as causas dessa molestia, e para elles a prophylaxia e a cura della são igualmente problematicas e nebulosas. O que se pôde affirmar com toda a segurança é que a poliomielite é devida a um germen pathologico, a um microbio que se encontra não sómente nos organismos doentes, mas ainda nas secreções mucosas das fossas nazaes e da bocca de pessoas que embora saas tenham tido contacto directo com os doentes. Assim, estes ultimos podem transmitir o microbio pathogenico, de sorte que o contagio se faz de preferencia para os organismos debeis e predispostos, o que explica que sejam as creanças as mais facilmente affectadas por esse mal. Nos adultos a infecção se limita ás fossas nazaes, ao passo que nas crean-



ças em geral attinge o cerebro e a medulla espinhal, determinando a paralyasia. Esta é a theoria adoptada pela maior parte dos medicos norte-americanos que têm feito estudo especial da mysteriosa molestia. A Sociedade Norte-Americana de Hygion Publica, porém, entende que são os insectos ou outros animaes os agentes necessarios da diffusão do mal, embora não haja ainda prova disso.

Experiencias clinicas realizadas sobre macacos demonstram que a poliomielite é transmissivel mediante contagio directo, pois adoeeceram da molestia os macacos cuja membrana nazal tinha sido posta em contacto com as materias infecciosas. Ha, porém, extranhas circumstancias que levam a crêr exactamente no contrario. Assim, por exemplo, as estatisticas da ultima epidemia demonstram que de 7.000 casos estudados em Nova York, 6.521, ou sejam 96,6 0|0 se limitaram a um só membro da mesma familia. Em 205 familias houve dois casos, e sómente em 22 familias os casos de poliomielite foram de tres ou mais. Não é improvavel que os casos multiplos occorram por infecção simultanea e não pela transmissão de um doente para outro.

Nas pequenas comunidades suburbanas pode-se mesmo estabelecer com absoluta certeza que a creança doente não estivera em contacto directo com outra pessoa atacada de poliomielite ou em que a doença se tenha desenvolvido mais tarde. Assim, pois, parece demonstrado que a infecção se transmite as mais das vezes por pessoas sãs, o que difficulta enormemente a fiscalisação e a lucta contra a insidiosa molestia. Os medicos norte-americanos não desesperam, porém, de encontrar algum meio seguro para distinguir os diversos graus de susceptibilidade e para descobrir os portadores da infecção. Além disso, estão se realisando nos Estados-Unidos estudos com o fim de obter a immuidade contra a molestia. Além do tratamento passivo adoptado na maior parte dos casos, verificou-se que algumas vezes é efficaz na cura

da poliomielite o uso de um sôro obtido com o sangue de pessoas immunisadas, isto é, que tenham sido já atacadas por essa molestia, mas tenham sarado della. Esse sôro é injectado na espinha dorsal, antes que a paralyasia se maifeste, e em numerosos casos esse tratamento, embora não seja infallivel, tem sido coroado de successo. As cousenencias da poliomielite, mesmo no caso da molestia não produzir a morte, são gravissimas, pois quasi sempre os doentes ficam paralyticos definitivamente. Em 2.715 individuos examinados em Nova York, nada menos de 1.885, ou sejam 2|3 são absolutamente incapazes de andar; 530 têm os membros inferiores paralyzados parcialmente; e 273 têm um braço ou ambos os braços paralyzados. Em numero restrito de casos se registaram melhores e até curas completas, mediante applicações electricas e outros remedios. Mas, apesar disso a cura da poliomielite é ainda incerta.

A VISTA DAS CREANÇAS

Observações medicas recentes demonstram que em 23.000.000 de creanças que frequentam as escolas norte-americanas, cerca de 3|4 estão em más condições physicas e pelo menos 1|4, isto é, 5.000.000, têm defeitos na vista. Essas perturbações em precoces do organo visual — lemos numa revista medica de Nova York — podem ser o prenuncio de graves molestias, capazes de acarretar mais tarde a cegueira. E' sabido, entretanto, que muitas dessas perturbações visuaes das creanças são susceptiveis de melhoas ou de correção completa, desde que sejam enradas a tempo. Deixando de lado o perigo da cegueira, consideremos sómente a situação dolorosa em que se achará o individuo que por causa do enfraquecimento de sua vista não possa trabalhar e ganhar a sua vida como os outros. E' grave o damno moral e mais grave ainda o damno economico que resulta dahi, repercutindo ambos sobre a sociedade. E por-

que? Porque o mestre escola supõe que o exame da vista lhe faz perder mais tempo, prejudicando a lição da arithmetica ou da grammatica. Ou porque nma municipalidade de idéas acanhadas não sabe calcular o resultado economico para o individuo e para a escola, do dinheiro dispendido com o serviço de inspecção medica das escolas. Ou ainda porque progenitores ignorantes e teimosos não prestaram ouvidos ás pessoas que os provinham contra o mal.

A's proprias creanças se deveria, entretanto, desde as classes mais elementares da escola, dar algumas noções sobre os perigos das doenças e sobre os modos de evitar os contagios: o ensino deveria ser feito por meio de lições, como o da geographia ou da arithmetica, e de maneira quanto possivel interessante e simples. No que toca á conservação da vista, dever-se-ia, antes de tudo, dar a conhecer aos mestres os elementos da hygiene ocular e o modo de descobrir os primeiros symptomas de qualquer perturbação, por meio de um exame diario metucioso. Depois dever-se-ia ensinar as creanças a ter cuidado com os olhos, a conserval-os limpos, a laval-os sempre, não enxugal-os nunca com pannos sujos nem tocal-os com lenços de outrem. Nas classes superiores outras noções mais completas deveriam ser dadas, sobre a necessidade de consultar um medico apenas se note alguma coisa de anormal na vista, sobre a causa das doenças, sobre o modo de estudar sobre a importancia das condições de luz quando se trabalha, sobre a utilidade dos olhos quando a vista é fraca ou defeituosa.

Os conhecimentos que se adquirem nos primeiros annos de vida são ás vezes os que se imprimem melhor na mente para dar fructos no futuro. Muitas coisas pôdem ser ensinadas a uma creança de cinco ou seis annos sem cançal-a, por meio de historietas, de desenhos ou de poesias. E quaes são as noções que importa dar a conhecer primeiro, senão as hygienicas, destinadas a salvar o organismo em geral e especial-

mente a vista, do molestias e danos talvez irreparavcis?

A UTILISAÇÃO MECHANICA DOS RAIOS SOLARES

Nos paizes meridionaes da Europa, ao meio-dia, um corpo humano exposto aos raios do sol accumula energia equivalente mais ou menos a 1.250 watts: o bastante para acender vinte e cinco lampadas de cincoenta velas. Trata-se, diz no "Correspondant", de Paris, o sr. Francis Marre, de "energia latente", ou, para usar termos menos abstractos, da quantidade de energia mechanica correspondente á quantidade total de energia luminosa que existe nos raios solares que incidem sobre o corpo. Physicos e physiologos são accordes: esta noção é baseada em calculos extraordinariamente precisos, os quaes demonstram que uma parte da superficie do nosso corpo do tamanho de um sello commum recebe tanta energia calorica quanta seja bastante para augmentar de um gráu, em um minuto, a temperatura de cem grammas de agua distillada. E' facil imaginar a enorme e incrível quantidade de energia solar que sem o perceber recebemos. Felizmente os pigmentos da pelle o a evaporação do suor nos defendem perfeitamente.

Mas é possivel que tamanha energia solar continue sem utilidade? Entre as muitas soluções que ha tempos tem sido propostas para o interessantissimo problema, ha uma digna de particular attenção, devida ao sr. Theodoro W. Case e que foi por este suggerida á Sociedade Electrica de Nova York. Imaginae uma cobertura daquellas que os horticultores empregam para proteger as sementes que plantam, cobertura que gira de modo a podel-a orientar, afim de que receba sempre os raios solares directos. Sob ella estão dispostas tantas cellulas, como alveolos quadrangulares ou caixinhas abertas. Dentro de cada cellula dois pequenos cilindros de assucar envoltos em cobre e entre os dois tubos mas não em contacto, um outro

de fio de prata, revestido de brometo de prata. Os fios do cobre de um lado e os fios do prata de outro estão em comunicação com um telephone de fio de alta resistencia. A cellula assim formada é submetida a uma corrente de agua, fraca mas continua. Quando um forte raio de luz cahe sobre ella, ouve-se no receptor do telephone um som: signal certo da passagem de uma corrente electrica. A experiencia demonstrou que sómente o tubo com fio de cobre reage sob a influencia da luz, razão pela qual se construíram elementos mais fortes com largas placas de cobre, em vez de fios, dissolvendo chloreto do sodio na agua, para diminuir a resistencia opposta á passagem da corrente. Assim se têm obtido effeitos de notavel intensidade. Estamos, pois, a caminho de uma descoberta preciosa, que permittirá recolher a energia electrica contida nos raios solares. A coisa não é impossivel em theoria, nem irrealisavel na pratica, embora até aqui não tenham dado resultado as experiencias para a utilização directa do calor escolar. A tentativa do sr. Theodoro Case abre uma via nova, porque não tenta a utilização directa do calor solar, mas a transformação em corrente electrica das radiações chemicas que acompanham os raios luminosos.

O PROBLEMA DA MORTE

Acaba de apparecer um livro do sr. Felix Le Dantec, escripto antes de 1914 e que agita problemas muito interessantes. Intitula-se "Le problème de la mort et la conscience universelle". O sr. Le Dantec entende que não ha "problema da morte". A apparencia da questão que a morte levanta provém de duas causas: Primeiro, o máu uso das palavras. O conjuncto dos phenomenos da vida psychologica recebe um nome — "alma" ou "espirito individual". Por uma crystallização crescente, esse conjuncto de phenomenos se torna uma coisa, uma realidade substancial. Dahi o pergun-

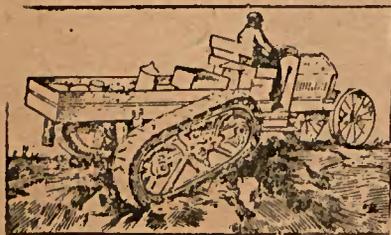
tar-se o que será essa realidade depois da morte. Mas ha tanta logica nisso como perguntar para onde vae a chamma da vela que nós assopramos. Um ser vivo é um individuo, isto é, um todo, em que cada parte é solidaria, e solidaria não sómente de uma maneira exterior, mas pelo seu funcionamento, na propria intimidade de sua formula chimica, o no typo de reacção continua que costituo seu caracteristico. A vida de cada ser é, pois, a sua propria individualidade, e esta individualidade desaparece quando cessa por completo o funcionamento della. E' tão absurdo indagar se a alma não sobrevive ao corpo quanto indagar se o menino que fomos, quando tínhamos apenas doze annos, não sobrevive em algum lugar, longe do adulto de barba grisalha que hoje somos. A segunda razão que faz nascer o apparente problema da morte é o facto da consciencia. Nós nos conhecemos de duas maneiras: de fóra, como conhecemos os outros e como os outros nos conhecem; do dentro, de maneira absolutamente unica, juxtapostas a representação espacial e physica do mundo, ou antes, envolvendo essa representação; e a sciencia não existe para nós senão quando conhecemos, e não conhecemos senão quando somos conscientes. Ha, entretanto, uma distincção a fazer: a consciencia por si mesma não tem conteúdo proprio; toda a consciencia é a consciencia de alguma coisa, que se passa no mundo physico, coherente, e completa por si mesma. Ella é como o raio de luz que aclara uma engrenagem sem modificar-lhe o movimento. A consciencia é assim um "epi-phenomeno", não que seja um phonomo secundario, accessorio, fazendo parte da trama das causas e effeitos, mas porque é de uma outra ordem completamente extranha á sequencia dos factos physicos o não intervindo nelles assim como as propriedades materiaes de um quadro negro não têm relação com as figuras geometricas que nelle são desenhadas. Ora, nós somos feitos de materia, de movimento, de reacções

physico-químicas, etc. Ha, pois, conhecimento pessoal da materia; e a questão fundamental da psychologia é saber quando o ha, visto como nós constatamos que em nós mesmos o funcionamento vital não so acompanha de consciencia. A experiencia parece mostrar que todo o despertar de consciencia corresponde ao esforço, á acção de uma força que encontra obstaculos ou ao contrario, que se liberta destes. O habito, a adaptação, destroem toda a consciencia.

Seria longo entrar em todas as consequencias que Le Dantec tira dos seus principios. Em resumo: acha elle que a morte não é temivel e provavelmente na maior parte dos casos não é tão dolorosa quanto imaginamos. Além disso, as consequencias de suas theorias nos levam a considerar que as idéas de justo e de injusto, de bem e de mal, repousam na crença do livre arbitrio e estão em desacôrdo com o determinismo scientifico

OS COURAÇADOS TERRESTRES

Os couraçados terrestres, as formidaveis machinas blindadas que os inglezes empregam na guerra actual com o nome de "tanks", atravessando todos os obstaculos accumulados deante das trincheiras inimigas, já eram conhecidos



nos Estados-Unidos, datando do 1876 as primeiras experiencias que com machinas semelhantes fez o norte-americano Holt. Apenas, nesse tempo essas formidaveis machinas não se tinham aperfeiçoado tanto e eram empregadas sómente nos

trabalhos agricolas. Não se conhece ainda em todos os detalhes o funcionamento dos "tanks". Mas é certo que a particularidade mais notavel delles é o systema de tracção, que já permittiu aos allemães empregarem machinas iguaes, não como instrumentos de defesa, mas como meio de transporte das grandes peças de artilharia que o exercito francez via subir como outros tantos reptis ou larvas gigantesas até as suas fortificações. A' primeira vista esses aparelhos parecem não ter rodas, mas estas se acham escondidas por uma cadeia dentada de cada lado da machina, e giram de maneira a lembrar uma locomotiva que levasso comsigo os trilhos. E' justamente por esta particularidade que os "tanks" actuaes lembram os vehiculos munidos de igual systema de propulsão e que foram inventados ha quarenta annos pelo americano Holt. Uma cadeia é composta de uma série de planos articulados, que giram entorno de rodas dentadas havendo na frente duas rodas menores, lisas, e que servem para guiar a machina. As rodas dentadas são motrizes, sendo a sua rotaçào determinada por um motor de petroleo. Essas machinas não podem orientar-se senão á maneira de um bloco e todos se surpreendem quando pela primeira vez observam a facilidade com que effectuam esta manobra. Cada cadeia, formando um conjuncto articulado, mas relativamente indeformavel, é uma especie de ponte que se lança sobre as escavações e outros obstaculos, constituindo um solo metallico sobre o qual rola o apparelho. Graças a esta disposição, a machina pôde percorrer os terrenos mais accidentados, os mais movediços ou lamacentos, pois a sua grande superficie evita o escorregamento e reduz ao minimo a pressão exercida sobre o solo. O seu poder de escalada é verdadeiramente extraordinario, pois sem esforço apparente e com a sua velocidade habitual de quatro a seis kilometros por hora, vence rampas de 7,5 por cento.

M. P.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS
E COISAS NACIONAES

EXPRESSÕES TECHNICAS DA
ARCHITECTURA

Na excellente e bem estudada contribuição sobre a *Arte tradicional do Brasil* pelo sr. Ricardo Severo na *Revista do Brasil* (n. 16) do abril d'este anno, vejo empregado, como expressão technica um vocabulo que não me parece o mais proprio

O autor fala de varios tectos de igreja em *caixotões rectos* e em *caixotões curvos* para designar a forma rectangular ou rhomboide de certos lavores conhecidos.

Parece-me, porém que os tectos quarteados, de uso antigo, quer procedam de uma superficie rectangular dividida em quadrados justapostos ou de rectangulos concentricos, têm a sua expressão technica especial.

Quartela diziam os antigos do alcapão das escotilhas, ordinariamente assim construído de modo a com seus vãos abertos, favorecer o arejo dos porões. E ainda se conserva essa forma tradicional em todos os tipos de navios de carga.

A mesma expressão como termo de heraldica se depara em *estudo quartelado*, *quartecado* ou *quartejado*. Comtudo, no que respeito ao lavor dos tectos, o quarteamento chama-se *alquerque*.

Esta palavra é de origem oriental que passou ás linguas e dialectos da peninsula para indicar não sómente esse lavor ornamental dos tectos como para designar um jogo infantil que consiste exactamente num taboleiro quarteado em que se dispoem algumas pedrinhas no sentido das linhas internas dos quadrados ou das diagonaes do quadrado maior.

Creio que o *alquerque* sobrevive em algumas regiões da peninsula. Segundo Guadix e Marina é um "juego de niños que consiste en colocar piedrecitas en cada una de las

caras de una figura formada por el trazado de tres cuadrados concentricos divididos por dos lineas diagonales y dos rectangulos".

Eguilaz y Yangas no seu *Glossario* oriental adopta essa explicação e dá como origem o arabe *alquire* correspondente ás formas *alquerque*, *alquerque* e *algarve* (forma esta ultima que fortuitamente coincide com a de *Algarve* mas inteiramente distincta, bem se vê).

Alquerque tambem foi colhido por Moraes, que desde as suas mais antigas edições, registra o adjectivo *alquergado*: "lavores de tectos *alquergados*" abonando o vocabulo com esse trecho, das *Cartas do Japão*. Ao mesmo tempo registra *Alquerque*, o jogo infantil. E' provavel que tomasse a definição da antiga Prosodia e Vocabulario bilingue de Bento Pereira que assim diz:

ALQUERGUE: *Calculatorum ludus vel ludus scrupcus.*

D'ahi ou talvez de outra fonte.

E' evidente que do nome do jogo, como da sua forma e dispositivo, se tiraram todas as demais derivações: *alquerque*, *tecto alquergado*.

Presumo, pois, que *alquerque* e *tecto alquergado* são expressões technicas, abonadas em exemplo classico, e por isso preferiveis á *tecto em caixotões*. Conviria conserval-as, pelo menos, entre architectos e archeologos.

E' curioso notar que o vocabulo a meu parecer se diffundiua para além da peninsula

Nas antigas canções medievas de *Lou Catounet Gascon*, (1) publicadas por A. Jeanroy, o erudito professor da Faculdade de Letras de Tolosa, occorrem os seguintes versos de interpretação difficil:

Non t'anes pas cargua de fantasies
Mes tout gaujou *alquerque* tous
|quehés.

(1) Poesias de G. Ader. Tomo IX da *Bibliothèque méridionale*, 194, composta de textos criticos da litteratura medieval.

Jeanroy comquanto grande conhecedor dos dialectos antigos do sul de França, confessa não conhecer o vocabulo e interpreta conjecturalmente aquelles versos:

“Ne vas pas te charger de vaines imaginations, mais arrange (?) allégrement tes affaires”.

E em nota propõe o etymo de *alguerque* por simples metathese de *aggregare*, mas ajuntando que a etymologia é duvidosa.

Quanto a mim, supponho que o *aguerquer* francez é o mesmo *alguerger* hispanico, que tambem significa *arranjar* e *compôr*, do *algirc* arabico que se disseminou um pouco além das fronteiras pelos incessantes contactos do limosino e do provençal com os dialectos espanhóes.

A segunda palavra, vernacula que, traduz o *caixotão* ornamental é *artezão*, derivado de *arteza*, vaso quadrilongo de funil, agulheirado para o fundo, e que serve para amassar pão.

O *artezão* é o mesmo lavôr dos tectos e é a morada ordinaria das aranhas; do termo serviu-se Felinto Elysio na versão das fabulas de Lafontaine:

Emtanto a aranha
Vae apossar-se de *artezão* dourado
Que tomou quasi a fóro vitalicio...

Fab. L. (ed. de Londres)

E' a fabula 8.^a do Livro III nas melhores edições do fabulista francez — *La goutte et l'Araignée*. A traducção é liberrima e *artezão* mal corresponde ao francez *lambris*, mas é o termo que em nosso idioma equivale ao *alguerque* já obsoleto. (João Ribeiro — *Sciencias e Letras*, Rio de Janeiro).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

A FRANÇA E A GRECIA

Uma das creações maravilhosas do genio grego, a lingua, a primeira civil e polida das que a memoria dos homens conserva, endereçou por sua vez as tendencias do povo e as suas concepções philosophicas, scientificas, artisticas e politicas para es-

se apogeu de perfeição que um atheniense do nosso tempo, Renan, chamou o “milagre grego”. Antes dos grandes engenhos exercerem uma influencia sobre ella, maior foi a della sobre elles dando-lhes a capacidade de creação, possibilidade efficaz de expressão com o quo revelaram o genio natural. Todo o povo que a falava seria educado nessa clareza de intenção, nessa penetração de pensamento, nesse infallivel rigor de logica, que ao grego devia dar o predomínio incontrastavel do mundo antigo, a ponto de poucos e não dos mais fortes, vencerem a tantos e tão violentos. Lembrem-vos como um symbolo aquelle argumento de um delles, invocado contra Themistocles — um bastão suspenso sobre a cabeça do orador, para se tolher a palavra: “Bate, mas escuta”. E tendo-o escutado, a convicção foi plena e maravilhosa — salamina — isto é, o desbarato de Xerxes, o recuo dos persas para a Asia, a salvação do mundo, obtida pela dialectica. Não é muito que nos livros sagrados dos christãos o proprio Deus venha a ser o Verbo, mas ha de começar pelo “Logos” hellenico. Não extranha que pela lingua, instrumento docil e efficaz de conquista, synthese de uma civilisação que communicava arte, sciencias, costumes, maneiras incomparaveis, todos os barbaros, o oriente classico da Europa, Asia e Africa, fossem gregos. As inscrições, as moedas, os decretos, como os negocios, a politica, o meneio da vida se escreviam e tratavam em grego. Os hellenos puzeram o alphabeto nas mãos de todos os povos da bacia do Mediterraneo; quando Alexandre chegou ás margens do Indus, viu que fóra precedido por emissarios pacificos da conquista hellenica, que haviam chegado seculos antes do tributo politico. Mais tarde, até os orgulhosos romanos, da Republica ou do Imperio, viriam educar-se em Athenas ou em Roma, com os mestres gregos. Além da lingua materna, que servia para falar ao povo, commandar os soldados, distribuir a justiça, todos os romanos de alguma instrucção falavam e escreviam



a lingua da philosophia, das letras, da graça e da polidez. Muitos chegaram a só pensar e a escrever nella e não dos menores. Marco Aurelio, imperador romano, foi um autor grego.

Tambem, pelas suas qualidades de clareza, elegancia, ordem directa que é o ideal do menor esforço, agilidade que so presta a toda desenvoltura do espirito, plasticidade que se adapta a todos os relevos e depressões da phantasia, aspectos communs e originaes das ideias, o francez foi no mundo moderno desde o seculo XII, "la plus delitablo parlure", por toda a parte, ainda quando os dominantes sejam inglezes, allemães, russos, hespanhoes ou americanos. A lingua essencial para que se communiquem entro si os civilizados o semi-barbaros, uns com os outros, porque se a propria é apenas sabida por poucos, a franceza é sabida por todos, lingua internacional, dos congressos de sabios, da conferencias do interesse, dos diplomatas e dos tratados, na qual se entendem e se trocam o pensamento, a graça, as boas manoiras, as disposições praticas efficazes e definitivas, economicas e politicas, lingua emfim da humanidade, em todas as acepções deste termo. Não um esperanto neutro e frio, imposto pelas rivalidades de raça o inconciliavel amor proprio nacional de povos agarrados ás suas presumidas semi-superioridades, mas espontanea, natural, porque não pretende, porque a procuram, pela necessidade delles, pela sua excellencia propria.

... Esta excellencia da lingua franceza, que lhe deu fóros do universal, despertou em França, principalmente ao nosso tempo, uma immensa produção literaria, sorte de industria intellectual que viria prover a uma clientella numerosa no mundo. Produção literaria muitas vezes feita para nós, para a exportação. As qualidades de graça e imaginação assim conduzidas ao livro, que a lingua facilitava, deram milhares de volumcs, de todos os feitios, de todos os preços, que abarrotam o commercio de livraria. Isocrates

dizia que simples pessoas em Athenas teriam passado alhures por professores de eloquencia. Toda a gente, em França, é capaz de fazer versos, escrever nos joinaes, ardir um drama ou compor um romance. Homens e mulheres: todas as francezas são Sevigné's mais ou menos graduadas: uma pobre costureira escreve "Marie Claire", o mais delicioso livro destes dez annos. Essa literatura assim tão facil para servir a tanta gente diversa que a reclamava, tinha que ser interessante, portanto, maliciosa, talvez má, porque não lhe bastava o sal da ironia. Os livros francezes, romances, dramas, poemas e canções inundaram por isse o mundo do que e mundo procura nos livros, isto é, namoros, perdições, raptos, adultérios, sevicias, perversidades, crimes por paixão ou por vicio, por ganancia ou por loucura. Andando o tempo, porém, esses estrangeiros servidos complacentemente nos seus gostos, talvez que enfatiados do excesso, devem capacitar-se, por uma transposição da phantasia na realidade que esse mundo que nos descreviam existia de facto e existia em França.

A França soría uma immensa podridão a infestar o mundo com a confissão da sua decadencia...

Foi assim tambem na Grecia. Erro de leviano seria que lhe julgassem os costumes pelos de Corinthe ou de cortos bairros de Corinthe, a cidade entre os mares e os dois muidos onde se reuniam todos os traficantes da Asia e da Europa, fartos de mercadorias que traziam e dinheiro que apuravam: Não era espantoso que muitos desses barbaros gastassem algo do lucro em orgias e deleites grosseiros ao alcance, para elles unica iniciação accessivel da civilização hellenica.

... Seria ocioso traçar o paralelo, a comparação da França intellectual, artistica e scientifica, com a Grecia antiga: nenhuma nação moderna se lhe emparelha o honra ossa ascendencia, nenhuma se encontra repetindo a outra, augmentada, como estas duas. Em grego o em francez estão escriptas as mais formo-

sas paginas de verso e prosa, sciencia e philosophia e ficção, que o mundo ainda leu. Na perspectiva das cidades, na proporção dos monumentos, no gosto e na imponencia comedida da architectura, nos marmores, nos bronzes, nas telas, nas medalhas, nas praças, nos jardins, nas modas, nas maneiras, nas palavras, na ironia, fina e ultima flôr do espirito — Athenas revê-se engrandecida em Paris, no Paris contemporaneo, no Paris de sempre. Já seculos atraz um grande da Inglaterra, escriptor, bispo, "lord" e chancellor, Richard Bury, dizia: "Que effluvios de volupia corriam-me pelo coração quando eu podia visitar esse paraizo do mundo, Paris! Ahi se encontram bibliothecas de perfume mais delicioso que todas as eaçoilas de aroma, vergeis de sciencia eternamente verdes"... Lembra-me agora uma palavra que ouvi, faz poucos annos, quando divagava pelo Oriente, a um pobre homem meu guia em Damasco: contava-me entre duas visitas pela cidade, como assistira a exposição de 1900, interprete contratado do seus naturaes, o não se continha nos louvores ingenuos a tudo o que vira e ainda o maravilhava, para concluir: "Ce n'est pas du tout Paris, e'est Paradis, on a enlevé deux lettres..." Conheceis mais formoso madrigal? Se o preelaro homem de Estado inglez, no Seculo XIV, encontra com um syrio humilde no XX, é que de facto pelo eonsenso de todos, merece Paris o louvor mais que humano, do Paraizo. Se os francezes fossem philologos arrogantes, como os seus presumpções inimigo, acabariam por achar uma etymologia verosimel, senão verdadeira.

Falamos de arte e encanto da vida, não nos esqueçamos da sciencia e da utilidade da vida; entenda-se, da verdadeira sciencia, a que descobre verdades novas e abre novos caminhos ao conhecimento original, fecunda e eterna como a Natureza, que ella investiga e decifra. E' Descartes que dá methodo á sciencia do espirito e funda a geometria analytica; Vauban que tra-

ça a arte das fortificações e inventa a sciencia economica; Montesquieu que dá base positiva ao direito e promove a sciencia das constituições politicas; Papin, que utiliza o vapor; Joffroy, que o applica á navegação, á qual Savage dá as helices; Chappe, que inventa o telegrapho semaphorico, tornado electrico por Ampère e radiographico por Branly; Niepce e Daguerre, que fixam a imagem photographica, á qual Lipman dá as cores naturaes; Becquerel, que descobre a radio-actividade; Curie, que descobre o radio. O metro é obra de Borda, Lagrange e Laplace; a couraça dos navios, de Dupuy de Lome; o gaz de illuminação de Lebon; o teár meehanico de Jacquart; a electro-dynamica, de Ampere; a industria chimica das gorduras e das eóres, de Chevreul; a polvora sem fumo, de Vieille; o acumulador electrico, de Planté; a electro-metalurgia de Moissan; o submarino, de Zédé e Romazzotti; o automovel, de Forest, de Dion, Panhard e Renault; o avião pratico, monoplano, de Bleriot; a separação do Velho Mundo pelo Suez, de Lesseps; a separação do novo pelo Panamá, plano de francez e traçado de Godin de Lepinay... (Afranjo Peixoto — *Revista Americana*, Rio de Janeiro).

RICARDO WAGNER E O GERMANISMO

Poucos conhecem as curiosas notas sobre "as idéas politicas de Ricardo Wagner" publicadas em 1884 por Konstantin Frantz, nos *Bayreuther Festbletter*. Trata-se ahi de uma correspondencia entre Frantz e Wagner. Baseado nessa correspondencia, Frantz refere como Wagner estava desolado com o materialismo que cada vez mais se apoderava do seu paiz. O que o exasperava, ainda mais, era a importancia crescente do militarismo, que então se propagava da Prussia por toda a Alemanha.

Wagner lamentava que não se tivesse dado á guerra de 1870 — essa guerra, dizia elle, "eriminosa-

mente desencadeada" — outra conclusão diversa desse "arranjo de Francfort", origem de conflitos sempre renascentes". — Eis um trecho do artigo intitulado *Deutsche Politik*: "Seria preciso não conquistar fortalezas, mas desmantelá-las; não dar garantias da segurança militar mas dar garantias da segurança da paz. Em vez disso, não se evocam e não se applicam senão *direitos historicos* oppostos a *reivindicações historicas*, as quaes igualmente, se fundam sobre o *direito de conquista*."

Já em 1880 elle havia escripto nas *Bayreuther Blätter*: "E' uma loucura querer manter a potencia, com as precauções, embora prudentes, da "força". Entretanto, tambem elle teve o sonho da *Weltherschaft*, a hegemonia mundial que Edgard Quinet, já denunciára nos "Teutomanos" de 1842: "Nós poderíamos, com o auxilio das raças germanicas que são nossas parentes, espalhar no universo inteiro as ereações do nosso genio particular sem precisar tonar-nos os "senhores do mundo". Não soubemos tirar partido das nossas ultimas victorias sobre os francezes. A Holanda, a Dinamarca, a Suecia, a Suissa, nenhuma dessas nações demonstra inquietação a respeito da nossa força, e entretanto, se se tratasse de Napoleão, é certo que elle as teria submettido ao seu imperio. Nós, porém, esquecemos desgraçadamente, de unir a nós, intimamente, esses vizinhos. E eis que agora um judeu inglez nos dá a lei! Nunca seremos, parece, grandes politicos. "Seremos talvez alguma coisa de grande, se medirmos com justeza as nossas aptidões".

Para avaliar estas palavras é preciso approxinal-as das reflexões que Wagner fez mais tarde no seu famoso artigo das *Bayreuther Blätter*, em resposta a esta pergunta: *Was ist deutsche? Que é allemão?* — Elle reconhece e proclama que o allemão não foi feito para dominar no exterior, e constata que todas as desgraças da Allemanha provêm das suas "ambições exteriores": "O periodo mais fatal da

nossa historia é a época em que os allemães "exerceram o seu dominio sobre povos não allemães..." A idéa desse dominio (Herrlichkeit) é uma idéa anti-allemã (undeutsch). E eis como elle desenvolve e fortifica esta apreciação: "O que distingue o allemão propriamente dito dos francos, dos godos, dos lombardos, etc. é que estes puderam estabelecer-se nas terras estrangeiras, misturando-se ao povo que nelles encontraram, até esquecer a propria lingua e os costumes proprios. O verdadeiro allemão não se sente bem no estrangeiro. E' por isso que elle tem sempre pesado como estrangeiro, sobre outros povos. Facto digno de nota é que, até o presente, os allemães na Italia e nos paizes slavos são detestados como estrangeiros e como oppressores. E, por outro lado, é uma verdade humilhante para nós termos de constatar que outras fracções do povo allemão se accomodavam de boa mente a um sceptro estrangeiro, desde que este não as tratava brutalmente, do ponto de vista da lingua e dos seus costumes: o exemplo da Alsaciaahi está diante de nossos olhos!"

Pela penna de Wagner, é essa uma observação interessante. Mas elle via nessa situação uma humiliação. E por isso não deixava de mofar com os "patriotas" allemães: "O patriota (allemão) pronuncia em geral o nome do seu povo com uma veneração eonvenida. Quanto mais um povo é poderoso menos deve elle mencionar o seu nome com esse respeito. E' infinitamente raro, na Inglaterra e na França, ouvir falar de virtudes "inglezas" e "francezas". Nós outros, allemães, não cessamos de gabar a "profundidade allemã", a "gravidade allemã", a "fidelidade allemã" e outras analogas". E accrescentava: "Infelizmente, numerosos casos nos têm demonstrado que essa gabolice não era completamente justificada". Nessa ordem de idéas, ainda ha outro trecho de Wagner: "Pelo facto de Goethe e Schiller, Mozart e Beethoven, terem sahido do seio do povo allemão, um grande numero de



mediocridades são facilmente levadas a considerar esses grandes espiritos como pertencentes de pleno direito ao seu meio. Com emphase demagogica persuadem a massa do povo de que ella mesma é Goethe e Schiller, Mozart e Beethoven! Nada favorece mais a tendencia á molleza e á preguiça do que ter uma alta opinião de si mesmo e fazer-se crêr que se é qualquer coisa de grande, que não vale a pena esforçar-se. "E' essa uma tendencia essencialmente allemã. Tambem, não ha povo que precise tanto como elle ser agulhoado e incitado á acção pessoal pela necessidade da sua propria salvação". (Maurice Kufferrath — *Revue Bleue*, Paris).

O INVENTOR DO ESPERANTO

Morreu ha pouco o dr. Zamenhof, inventor do Esperanto. De origem russa, Zamenhof exerceia em Varsovia a profissão de oculista. Desde a sua primeira mocidade elle acalentava o sonho de forjar um idioma internacional. Convencido de que nenhuma lingua existente pode dar a solução do problema, pôe de parte igualmente as linguas mortas, e aborda resolutamente tarefa mais ardua: fazer uma coisa verdadeiramente nova. Tacteia a principio, anima logo, mas reanima-se depois: "Uma lingua humana, escreve elle mais tarde, com a sua massa infinita de formas grammaticaes, com suas centenas de milhares de palavras tantas que os grandes dictionarios me aterrorisavam — parecia-me uma machina tão complicada e colossal, que por mais de uma vez disse a mim mesmo: — Para longe as chimeras! este trabalho é pesado de mais para as forças humanas — E contudo voltava sempre a pensar no meu projecto."

Impressionado com a simplicidade da grammatica ingleza, contrastando principalmente com as grammaticas grega e latina, Zamenhof se convence, graças a isso, que a multiplicidade das formas grammaticaes não é mais do que um "eego acaso historico que de nenhum modo

é necessario a uma lingua". Desta constatação nasceu a grammatica Esperanto, a mais simples de todas as grammaticas passadas, presentes e futuras. Em eguida elle volta-se para os dictionarios. Reconhecendo que é quasi impossivel aprender e reter palavras de formação arbitrária, Zamenhof decide-se a constituir sua lingua com raizes internacionaes, principalmente latinas e germanicas. Depois, tendo occasião de ler na rua todos os dias a taboleta de um "cabaret" (*Svejoarskaja*), e a de uma confeitaria (*Konditorskaja*), elle deduz desta approximação toda a theoria methodica e racional dos affixos, que lhe permite crear ao infinito vocabulos novos sem adjuncção de raizes novas. "Eu comecei, diz elle, a comparar as palavras, procurando entre ellas relações constantes e definidas, e todos os dias tirava do dicionario uma nova serie bem longa de vocabulos que substituiu por um suffixo indicativo de uma relação determinada". A 5 de dezembro de 1888 a *Lingwo universal*, primeira forma do Esperanto ainda bem imperfeita, estava prompta, e Zamenhof festejou solennemente o nascimento della com os seus camaradas, cantando um hymno escripto na nova lingua. Até ali tudo ia muito bem. Mas estava proxima a via dolorosa. Sãhindo do gymnasio, os primeiros adeptos não resistiram por muito tempo aos sarcasmos que os acolheram cá fóra, e sentiram sua fé abalada, abandonando o propheta. Zamenhof, embora abandonado por todos, luctou sem descanso pelo seu sonho durante os seis annos de estudos medicos na Universidade de Varsovia.

Viveu então sósinho, durate todo esse tempo, sem ninguem a quem confiasse as suas tristezas e esperanças. Foram para elle annos sombrio esse tempo de estudante que para tantos outros são a *plej bela tempo de l'vivo*. Mas a fé o sustinha. A sua obra não estava senão esboçada, e tornava-se preciso transpor o abysmo que separa a theoria da pratica. Zamenhof transforma, corrige, aperfeiçoa, dispensa suffixos inuteis—traduz obras estrangei-

ras, habitu-se a pensar e a escrever em sua lingua, dá-lho sobretudo o que lhe faltava ainda—duetildade, graça, vida, uma alma enfim. Terminados os seus estudos, abre o seu consultorio medico e enida de fazer conhecer a sua obra. Durante dois annos, procura em vão um editor desinteressado e audacioso, e após longos esforços “não podendo abandonar a idéa que lhe havia invadido o corpo e o sangue”, acabou por publicar elle proprio sua primeira brochura, em julho de 1887. Intitulava-se *Lingvo internacia*, e era assignada pelo pseudonymo de *Docteur Esperanto* (aquelle que espera), donde provén o nome da lingua.

Que será da lingua universal? Desenvolver-se-á? Está ao contrario, destinada a perecer? E' o quo se não pôde ainda saber. Os não iniciados podem ter della uma amostra com a seguinte traducção em Esperanto da primeira phrase da “Oração na Aeropole” de Ernesto Renan:

“Mi estas, blukula diino, naskita de barbaraj gepatroj, che la Kimmierianoj bonkoraj kaj virtamaj, kiuj loĝhas borde de maro malhela, plena je elstarighantaj shtonegoj, chiam batata de l'fulmotondroj”.

E' o seguinte o texto original:

“Je suis né d'éeesse aux yeux bleus, de parents barbares, chez les Cimmériens bons et vertueux, qui habitent au bord d'une mer sombre, herissée de rochers, toujours battue par les orages.”

Evidentemente é muito mais harmoniosa a prosa de Renan. — (*Les Annales*, Paris).

A EDUCAÇÃO DA MULHER

Até agora tem-se descuidado da educação da mulher, que começa apenas a fazer-se, graças aos ensinamentos que nos dá a tremenda guerra mundial. E, contudo, nada ha que mais mereça a attenção do que a educação da mulher. Todos os grandes psychopedagogistas do mundo, particularmente os modernos, todos os estudiosos de sociologia, têm proclamado esta verdade in-

discutivel: que não pôde haver progresso de civilisação se não se torna a mulher apta a educar a sua próle. Desde Aristoteles, que disse “omnis educatio est a matre” até Mazzini, até Dickens, numerosos escriptores têm escripto paginas bellissimas e commoventes sobre os deveres da maternidade. Estudamos esta materia e sobre ella escrevemos ha mais do trinta e cinco annos. Poderiamos, pois, citar numerosos escriptores autorisados que sobre ella temos versado. Mas, Bastam-nos apenas quatro, que synthetisam admiravelmente o nosso assumpto. J. B. Say disse: “C'est par l'education des femmes qu'il faut commeneor celle des hommes”. — Laboulaye: “Elever un homme, c'est former un individu qui ne laisso rien après lui: élever une femme, c'est former la génération á venir”. — De Tocqueville: “L'homme est pour ainsi dire, tout entier dans les linges de son berceau.” — Smiles: “As mulheres formam a atmosphera moral em que crescemos durante a infancia, e exereem enorme influencia em nossa vida de homens adultos”.

A nossa guerra tem dado origem a muitas coisas boas, entre as quaes o altruismo de que dão admiravel amostra as mulheres de todas as classes sociaes, altruismo que se manifesta sob as formas philanthropicas mais elevadas. Todos experimentamos grande satisfação e orgulho com as iniciativas tomadas pelas mulheres da Cruz Vermelha, que são dignas de estar ao lado dessas irmãs de caridade cuja vida é todo um sacrificio offerecido á humanidade soffredora. Ora, é justo pensar e indagar se esta guerra fará brotar na alma feminina virtudes novas que devam manter-se definitivamente pelo futuro adiante, tranfigurando as mulheres-bonecas de hoje. Esta obra é necessaria, e deve-se facilitar-a por todos os meios possiveis. As mulheres que, ou por ignorancia ou por futilidade, ou por amor cogo, descram os seus deveres na educação dos filhos, não podem dar á vida social senão fructos máos. Entretanto, as meninas assim educadas serão esposas ana-

nhã, serão mães, e sobre a sua prole pesará fatalmente a herança da sua má educação. São anneis da mesma cadeia, e é digno de recordar-se o ensinamento de Belgiojoso na "Escola e Família": "O sexo que, medido pelo dynametro, se faz chamar debil, é, entretanto, nosso arbitro, porque conserva nas mãos as duas idades que decidem de toda a nossa existencia: a infancia e a juventude". E' logico, pois, que se essas mãos pertencem a uma mulher-boneca, a infancia e a juventude da sua próle não poderão dar bons resultados. (Lino Ferriani. — *Rassegna Nazionale*, Florença).

UM NOVO PROGRAMMA ESCOLAR

Bernardo Shaw moveu guerra contra os systemas educativos em uso nas escolas, e a proposito divertiu-se em abalar as idéas mais firmemente estabelecidas a respeito, propondo um programma perfeitamente revolucionario: aconselhava entre outras coisas que se ensinassem ás creanças como se lê um horario de estrada de ferro...

Reformas não menos radicaes e praticas parecem estar nos propositos do Conselho Geral de Instrucção Rockefeller. O programma formulado por Abraham Flexner, secretario do Conselho, pretende alliviar a escola elementar e secundaria norte-americana de todo "o peso morto do ensino tradicional". E continua: "O estudo theorico da grammatica, por exemplo, como demonstram os factos, não constitue auxilio á correção do escrever e do falar: póde, pois, ser abandonado. Outro tanto se diga de certos factos historicos remotos que se ensinam aos meninos pela unica razão de que outras gerações precedentes os têm aprendido e esquecido. A escola moderna não precisa disto, como tambem não precisa dos antigos e difficeis classicos, cujo conhecimento imposto pela tradição, se tornou apenas uma regra de conveniencia". O latim e o grego serão tambem postos de parte, não porque as literaturas dessas duas linguas sejam menos bel-

las do que o que geralmente se liz, mas porque é inutil e absurdo o estudo forçado dessas linguas na escola, estudo que, pela sua difficuldade, predispõe a creança mais á antipathia do que á admiración. E' muito melhor despertar o interesse do alumno por meio dos elementos românticos e aventureiros da literatura, afim de que elle adquira o habito de lêr. Isso é mais proveitoso do que constrangel-o a admirar, e muitas vezes a imitar, certas coisas que nem chega a comprehendêr. A proprio mathematica deverá ser ensinada de modo diverso do actual, e sómente quanto o exijam as outras materias. Todos sabem o tempo e a fadiga que tal estudo nos absorve. Todos sabem que resultado escasso se colhe com elle. As creanças, na melhor das hypotheses executam mechanicamente certas operações algebraicas, por meio de signaes e modelos arbitrarios ou então aprendem de cór uma série de proposições geometricas: a inutilidade dessas coisas revela-se bem clara quando se lhes dá um problema mechanicamente de fôrma um pouco diversa da costumada. Isso não acontecerá, porém, quando por meio de systemas praticos a mathematica fór ensinada sómente para servir á applicação e nos limites em que póde servir. A nova escola offerecerá grande desenvolvimento ao ensino das linguas modernas, sobre as quaes procurará dar ao alumno tudo quanto lhe fór necessario na pratica; cuidará de todas as relações com a vida vivida; e como material desse estudo tomará tudo quanto a circunda, tudo quanto exista no ambiente: museus, officinas, theatros, jardins, laboratorios physicos, gabinetes chimicos, etc."

Não faltam naturalmente opposições a esse programma. Alguns pedagogistas, como o padre José H. Rokwell, do Brooklyn College o declara "absurdo". Outros, como o sr. Stephen S. Weise, pelo menos "suspeito" William G. Willecox, presidente do Conselho de Instrucção Publica norte-americano, declara-se contrario ao abandono dos classicos e da historia antiga, observando que

a natureza humana não mudou através dos seculos e que sem estudar os antigos não é possível compreender os moderuos. E parece que a razão está com elle. (*Literary Digest* — Nova York).

O PATRIOTISMO DE RENAN

Renan foi um patriota ardente, amando a França com um fervor de bretão, ciosamente guardado em sua alma. Consagrou duas de suas obras — *Réforme intellectuelle* e *Questions contemporaines* — ao progresso politico e material do seu paiz; quando em 1869 consentiu em apresentar a sua candidatura ás eleições, vencendo a sua repugnancia instintiva e o seu horror á multidão, — o fez por amor desinteressado da França.

Rebentando a guerra, em 1870, Renan, conservou-se no seu posto e soffreu todos os horrores do cerco de Paris, até o momento da Comuna, censurando os que abandonavam o seu paiz. E não foi só: pôz tambem a sua penna ao serviço da França. São desse periodo tres cartas suas, altivas e dignas, endereçadas ao governo, afim de que este se não decidisse a mutilar a França antes de ter convocado uma assemblea nacional. Ao mesmo tempo, recordava a Strauss que sómente por meio de um accordo poderia a Alemanha continuar dahi por deante a sua missão historica: e era o que se referisse á integridade da França. E comtudo, tambem elle fizera a sua educação intellectual na escola allemã. No pensar de Taine, Renan e Heine foram os primeiros divulgadores do pensamento allemão na França.

Mas, depois da guerra, o autor da *Vie de Jésus*, que sobre as bases da exegese germanica construiu o seu monumento historico, exprimiu toda a sua aversão para com o paiz que até então havia venerado como a fonte do idealismo, e que então via renegar todo o ideal. Esta irritação conta os vencedores é abertamente confessada no prefacio da *Réforme intellectuelle*: “O povo que

eu havia sempre mostrado aos meus compatriotas como o mais moral, revelou-se, sob as vestes do soldado, não differente dos povos de todos os tempos, dos povos máus, demoralizados e salteadores, como na idade de Waldstein”.

Mais tarde, a sua desapprovação ao paiz vaidoso e invasor, se torna mais aguda e sarcastica. Quando, no prefacio do *Avenir de la Science*, é constrangido a recordar-se da sua admiração de outro tempo por Fichte e por Goethe, Renan acrescenta: “ Não havíamos ainda aprendido em Treitschke que tudo aquillo eram sonhos immoderados”.

A necessidade do despertar da França e a preparação para a dorforra de Sédan são o sopro inspiador da *Réforme intellectuelle*, que entre as mais bellas paginas da philosophia politica contém a mais profunda interrogação do futuro. “A França, diz elle, não tem seuão que imitar o exemplo da Prussia, que, com cincoenta annos de trabalho, conseguiu pôr-se no primeiro logar entre as nações”.

Não se pôde censurar em Renan mais do que a moderação na sua colera e a ausencia de todo o fanatismo. Mas é facil desculpa-lo, quando se pensa na sua missão que não era a de rebaixar a natureza humana, mas a de eleva-la e nobilita-la. (Nicolas Ségur — *La Revue*, Paris).

AS REPETIÇÕES DA HISTÓRIA

Ha muitas analogias entre o presente conflicto mundial e o periodo napoleonico. Do confronto de um com outro resulta a confirmação da theoria segundo a qual as guerras de conquistas são empreendidas pelos povos mais prolificos, que acabam por se tomar prisioneiros da coalisção dos povos ameaçados. No principio do seculo findo a França, no que respeita ao desenvolvimento demographico, havia attingido um posto ainda mais preponderante, em relação aos outros paizes da Europa, do que o da raça germani-

ca, presentemente. Naquelle tempo não se viam senão francezes entre as populações estrangeiras das outras nações. Pode-se citar o testemunho de Dickens, com relação aos inglezes da sua época, os quaes tomavam por francezes todos os estrangeiros. A' expansão da França — que se lançou sobre a Europa como a Allemanha de hoje — não se havia aberto ainda a via das colonias.

A concepção militar de manobra, praticada hoje pelos allemães, é a mesma de Napoleão, cujo methodo consistia na surpresa dos adversarios, reunindo as forças, por meio de uma concentração rapida, e desfechando-as sobre um ponto fraco do exercito inimigo. Os soldados de Napoleão diziam ter ganho as victorias com as suas marchas. Não é diversamente que a Allemanha deve os seus primeiros successos á organização ferroviaria.. Mesmo na situação dos proprios aliados ha analogias flagrantes. Os paizes balcanicos representam hoje uma parte pelo menos semelhante á da Hespanha, relativamente a Napoleão, que, embora houvesse conquistado a região, ali começou a soffrer os primeiros desgostos, os quaes foram o indice da sua decadencia. Assim tambem os allemães viram esvair-se as esperanças da victoria quanto mais occupavam a peninsula balkanica. E as trincheiras de Salonica, destinadas a supportar o choque do inimigo no ponto extremo, recordam as defezas inglezas na peninsula iberica.

A propria attitude incerta dos neutros, as polemicas e as criticas provocadas pela expedição do oriente se encontram tambem nos jornaes daquella época, a proposito da expedição a Portugal. (L. De Montgolfier — *La Nouvelle Revue*, Paris).

O THEATRO FRANCEZ E A GUERRA

Numa conferencia feita recentemente pelo director do Theatro Antoine, sr. Gómier, que é tambem um verdadeiro artista, tratou-se da decadencia do theatro francez antes

da guerra. "Nunca, disse elle, o theatro foi tão invadido pelo mercantilismo como agora, porque, escrevendo uma peça, o autor quer antes de mais nada fazer um boim negocio. No tempo em que uma obra não chegava para alimentar um autor, no seculo de Corneille, de Molière, de Racine, por exemplo, os poetas escreviam obras primas porque nenhuma idéa de especulação, de proveito immediato vinha perturbar o seu pensamento e prejudicar a elaboração do trabalho. Elles sabiam morrer de fome: hoje, ninguem mais sabo sacrificar-se a esse ponto e ninguem o quer mais. E' muito bom que uma peça dê fortuna ao seu autor, mas o que é nefasto é o baixo objectivo de Gémier, que, de resto, não são sómente delles, têm muita gravidade. Semelhante situação, a continuar, acabaria por corromper as proprias fontes da rate dramatica. E' claro que escriptor que não se preoccupa com outra coisa senão ganhar dinheiro vê logo degenerar o seu pensamento. Mas não é preciso que todos os homens de talento morram de fome. E' sabido que um financeiro que se arruina com escandalo attrae immediatamente a attenção sobre si. Lastimam-n'o, toda a gente se interessa pelas circumstancias da sua ruina, ha uma certa tendencia em transformal-a em calamidade publica. Um homem que revolveu milhões mette pena aos outros no dia em que não tem mais com quo jantar. Mas todos acham muito natural, entretanto, que um artista ou um escriptor passeie melancolicamente nas ruas á hora das refeições. Isso foi mesmo durante muito tempo a melhor definição que a burguezia franceza tinha do verdadeiro talento. E' preciso, entretanto, considerar que as condições de uma sociedade se transformam. E aqui tocamos neste ponto: a sociedade depois da guerra em suas relações com o theatro. A minha opinião é que todas as nossas idéas sobre a sociedade de amanhã são vãs e não vale a pena pensar nisso. Aqui estão porém, as grandes linhas dos acontecimentos que já imagino: Vamos

encontrar-nos numa sociedade muito mais agitada no fundo do que na superficie. Exteriormente, a vida não será muito differente do que era antes da guerra. O que será modificado profundamente são os sentimentos, as idéas, as regras de conducta, modificações essas que terão caracter mais geral do que particu- lar. Quero dizer: não as notaremos num individuo determinado, que continuará a agir, entregar-se aos seus negocios, como antes: mas ellas repercutirão sobre o conjuncto do paiz, sobre o seu estado politico, a sua moral, o seu gosto, e por consequencia, darão ao theatro um publico, senão inteiramente novo, ao menos muito differente do que era antes da guerra. Em que sentido veremos nós orientar-se essas transformações? — Limitando-me ao publico do theatro, direi sem optimismo, como sem pessimismo, o que imagino. Por um lado, suponho que esse publico será avido de distrações, de espectaculos variados e faceis, o, reocio mesmo, de qualidade inferior: tudo quanto lhe puder dar essas distrações será empregado pelos empregarios de espectaculos. Nós assistiremos a combinações bizarras de cinema, de circo e de arte dramatica, dado que isso ainda se possa chamar de arte dramatica. Um publico cada vez mais numeroso precipitar-se-á para esse genero de espectaculos, pedindo-lhes emoções continuas; e um mundo de autores e de artistas as crearão. Artistas e autores serão obrigados a tornar-se habéis e medioeres, e muitas vezes terão bastante engenho para fingir talento. A critica lhes será indulgente, os jornaes rodeal-os-ão de vasta publicidade paga, e o lado industrial do theatro, a industria theatral, attingirá um gráu de prosperidade e tambem de vulgaridade que ella não conheceu nunca. Eis ahí o lado pessimista da minha opinião. Mas ha o lado optimista. Parallelamente a esse publico ansioso de esquecer as difficuldades da vida em qualquer ficção, haverá, estou certo, outro publico instruido pelas profundas lições da guerra, e que terá encon- trado na maior experiencia da his-

toria uma renovação do seu pensa- mento e de sua emoção. Esse publi- co será certamente menos numero- so que o primeiro, mas terá muito mais influencia sobre os verdadei- ros artistas, e esse será o que ha de orientar o ideal delles, porque em França ha de haver sempre artistas desinteressados que viverão de sua arte sem rebaixar-so, e que não a darão ao povo em troca de dinheiro. E haverá sempre uma *élite* franceza para animal-os e applaudil-os. O que eu prevejo, pois, é, de um lado, grandes theatros populares, bri- lhantes e animados, consagrados mais a espectaculos impressionan- tes do que á arte dramatica; de ou- tro lado, um numero restricto de pal- eos escolhidos em que esta arte se cultivará no que ella tem de mais nobre, de mais delicado e do mais serridente. Haverá sempre uma es- pecie de separação muito nitida e que será talvez muito fecunda pela distincção visivel que ostabelecerá entre o medioere e o bello. Será ce- casião da critica e da *élite* rodear os verdadeiros escriptores, e mereç delles conservar em alguns cantos reservados aos iniciados a graça e o genio da nossa raça. E eu espero que pouco a pouco o grande publi- co ir-so-á chegando pouco a pouco para junto dessa arte, aquecendo-se ao seu calor e deixando-se penetrar pela sua luz. (Alfred Capus. — *Re- vue Hebdomadaire*, Paris).

VARIÉDADES

SUPERSTIÇÕES DE SOLDADOS E LENDAS DA GUERRA

A longa duração da guerra tem produzido numerosas superstições e todo um "folk-lore" mystico ou profano entre os soldados combaten- tes. Aqui está, por exemplo, a su- perstição dos tres cigarros accesos por um só phosphoro. E' de ori- gem ingleza, mas foi-mo narrada por um tenente francez: "Expliquem a coisa como quizorem, mas eu não posso negar factos de que fui tes- temunha Toda a vez que deante de

mim se accendiam tres cigarros num unico phosphoro, acontecia pouco depois a morte de um dos tres fumantes." Em tempo normal, os inglezes attribuiam ao facto de se accenderem tres cigarros com o mesmo phosphoro resultados maleficos. Em tempo do guerra, porém, o resultado mais simples e mais natural é o de perder a vida. O tenente que me falou desta superstição não acreditava nella nem deixava de acreditar: mas conservava a seu respeito uma recordação muito impressionante Um dia, num grupo de militares, falava-se dessa superstição e todos riam, menos o tenente a que alludi e o seu amigo François V., o qual julgava muito interessante o facto. O tenente accendeu um phosphoro e passou-o ao seu visinho, e esto ao seu amigo François, joven official de artilharia, que se curvou e accendeu o seu cigarro tambem naquelle phosphoro. Pois, esse joven official foi morto no dia seguinte, enquanto desempenhava uma missão, e foi morto a sete ou oito kilometros atraz das linhas de fogo, por uma granada atirada ao acaso pelos allemães. Os "poilus" têm muito cuidado, por isso, em não accender tres cigarros com um mosmo phosphoro. E um capitão francez observava que muito mais temível é ainda o phosphoro fatal porque a morte que elle traz não é das mais bellas, colhendo a victima nas trincheiras ou na rectaguarda.

Outra superstição: a do "autobus" visto em sonho. Ouvi-a pela primeira vez de soldados francezes, addidos a uma bateria composta de homens do Norte. Asseguravam-me que todos quantos tinham sido feridos na batalha (cinco ou seis homens apenas) haviam, na noite precedente sonhado com um "autobus". E eis como um delles narrava esse sonho: "Era meia noite. Um "autobus" corria pesada e velozmente pelo caminho. Estava cheio de viajantes que se empilhavam uns sobre os outros e me olhavam com olhos esbugalhados de fazer tremer... Eu me achava numa especie de estreito corredor em quo todo o regimento desfilava, e fazia signal ao "auto-

bus" para que parasse e eu pudes-se subir; mas elle pesadamente se distanciava, cada vez mais rapido". Na verdade, tres dias depois o cabo que assim referiu o seu sonho morria heroicamente, enquanto estava a cortar rêdes de aramo. Como um soldado um dia sonhásse com "autobus", e contasse o facto, o sargento esforçou-se por mudar o caracter daquelle sonho. Conseguiu-o, e o soldado foi logo promovido a cabo. Mas o sargento lembrou-se de lhe perguntar: "Como sonhaste com "autobus" se nunca estiveste em Paris?" E o soldado lhe descreveu a machina com que sonhara. "Ah! respondeu-lhe o sargento. Aquillo com que sonhaste é com certeza uma nova machina que entrará no corpo dos "boches" Fica tranquillo: tu verás esse facto e eu tambem". A superstição dos soldados exerce-se ainda com relação ao ouro. Os soldados pensam que todo o prisioneiro que traz ouro consigo é mais bem tratado pelos allemães do que os outros. E por isso procuram trazer no bolso, quando podem, moedas de vinte e de dez francos. Na verdade, porém, elles se enganam inteiramente, apesar de ser certo que os allemães empalman todo o ouro que os prisioneiros francezes trazem consigo Mas é absolutamente falso que os tratem melhor por isso. Seja como fôr, porém, o ouro amoeado tomou o caracter de um talisman, destinado a proteger os quo tem a desgraça de ser feitos prisioneiros, feridos ou não. Muitos soldados trazem moedas de ouro do lado esquerdo, pensando que assim podem blindar o seu coração e protegel-o contra as balas. Tem-se attribuido ainda ao ouro a virtude de attrahir os allemães, narrando-se o facto de um sargento possuidor de um "louis", o qual, fazendo brilhar a moeda ao sol, encantára assim um grupo de soldados inimigos, tanto que os attrahira pouco a pouco até a trincheira franceza, onde foram feitos prisioneiros. Um soldado disse que todo o homem tem a sua estrella, mas quo é preciso procurar conhecê-la: e sómente a moeda de ouro pôde pôr o homem em communica-



ção com a sua estrella. Outros crêm que o ouro preserve contra a putrefacção: o assim, depois da guerra, o cadaver ainda reconhecível poderá ser transportado para o tumulo de familia ou para o pequeno cemiterio da aldeia natal. Isto me affirmava um pequeno soldado bretão, ingenuo e muito valente.

Ha ainda a lenda do ramo de louro que é oriunda da frente de batalha, e me foi narrada por um soldado de artilharia. O castello dos Sciarbaski, nos arredores de Moscow tem uma historia. Napoleão ahi se demorou um dia e uma noite, antes de entrar na Cidade Santa, tendo occasião de plantar um pé de louro que foi sempre cultivado com carinho. Sob os ramos dessa arvore ha um banco e todas as manhãs a joven e bella princeza Lydia Sciarbaski vem ahi ler ou sonhar longamente. Seu pac e seus tres irmãos são soldados: é nelles que Lydia pensa, nelles e em todas as mulheres que têm entes queridos na guerra.

Uma manhã, pensando nestas coisas, ella estendeu a mão machinalmente para a arvore e colheu um raminho, que beijou e lançou ao vento dizendo: "Raminho de louro eu te mando áquelle que nos restituirá os nossos entes queridos, ao grande soldado taciturno que na sua modestia prepara a victoria!" O vento, que soprava para Oeste, levou o ramo perfumado a um caminho por onde passava um official ferido que, já curado, voltava á frente de batalha. O official alegremente adornou o seu "bonnet" com o ramo. Num assalto feliz durante o qual esse official fez grande numero de prisioneiros, o raminho de louro, levado pelo vento, foi atirado para além das linhas allemãs; e como um passaro ferido, foi cahir sobre os joelhos de um jornalista norte-americano. Este jornalista, após algum tempo, tendo já visitado a frente oriental, partiu para a occidental. Passando por Lille, encontrou um comboio de mulheres francezas que os allemães arrancavam aos seus lares para levá-las a trabalhar em terra longínqua. O jornalista ficou tão

commovido com o spectaculo doloroso que offeroceu a uma dessas raparigas o ramo de louro. A rapariga agradeceu-lh'o, mas o official allemão que guiava o comboio, tendo presenciado a scena, arrebatou o raminho das mãos da rapariga. Ficou com ella, porém, uma folha, que foi escondida ciosamente sobre o coração. O official allemão offeroceu o ramo de louro a um aviador compatricio, e este, alguns dias depois, voando sobre as linhas francezas, foi abatido por um aviador francez. Na quóda, o raminho foi pelo vento arrancado ao "bonnet" do allemão e impellido a voar sobre Verdun em meio das graudades de grosso calibre que rebentavam no ar. Foi o mesmo vento que o lançou para dentro do um automovel que passava por uma estrada visinha. E assim o raminho de louro veio pousar delicadamente sobre o "kepi" do generalissimo Joffre que fazia a sua inspecção ao longo da frente. E foram afinal ouvidas as palavras da princeza Lydia Sciarbasky... (Guillaume Apollinaire — *Mercuré de France*, Paris).

LADRÕES INTELLECTUAES

Dá-se-lhes geralmente o nome de plagiarios, mas o de ladrões seria mais apropriado. A grande proeura de romances, novellas e dramas, e os ganhos que ás vezes se obtêm com elles, têm impellido muita gente ao plagio. E não é raro hoje que um editor receba, como manuscritos originaes, plagios evidentes — coisa estrahida de livros mais ou menos velhos, e rejuvenescidos por meio de dialogos opportunos e actuaes. Mas é de interesse dos editores e dos autores, é de interesse do proprio publico que se mova guerra sem tregua aos plagiarios. Elles exploram todo o campo literario: os livros e revistas, o theatro o o cinematographo, e fornain um exercito de parasitas que vivem á custa do trabalho alheio. Estes põem nos seus trabalhos a mesma

intelligencia aguçada que os falsarios põem nas suas empresas. Os argumentos de que usam em sua defesa, quando são descobertos, são as desculpas habituaes dos criminosos: "Não sabia que isso já havia sido impresso. Foi-me narrado por um amigo, como coisa original..." — Ou então: "Certa pessoa, cuja nome não posso revelar, e que nem sei mesmo onde hoje está, deu-me o manuscrito, pedindo-me que o retocasse um pouco". E ainda: "Não sei como explicar semelhante facto. Provavelmente li a historia em criança, guardando-a impressa na memoria. Surprehendeme muito o facto!"

Mas é extranho que individuos de memoria tão vacillante, e de tão mesquinho organismo intellectual, sejam capazes de reter detalhes de dialogos, situações e outras coisas *ad infinitum*.

Se esses mesmos plagiarios quizessem exercitar os seus dotes em qualquer actividade legitima, provavelmente alcançariam grandes successos porque possuem intelligencia subtil. A's vezes é difficil quasi distinguir nitidamente onde começa a sua arte e onde acaba a do autor.

E' grande o prejuizo que causam os plagiarios. Um editor, que já uma vez foi enganado por algum, que lhe passou, como seu, manuscritos roubados, conserva grande desconfiança com relação a todo o manuscrito que lhe venha de fonte não conhecida. Ha annos, aceitavam-se os trabalhos segundo o seu merito, admitindo *a priori* que os autores fossem honestos. Hoje, é preciso escrever, procurar informações; e nem mesmo assim pôde o editor estar seguro contra a fraude.

Como combater essa gente? — Dando a todos os casos de plagio que fossem descobertos a maxima publicidade: uma comissão especial deveria ser constituída para examinar os casos suspeitos, e sobre elles dar informações á Liga dos Autores. E todos os editores, directores de revistas, empregarios dramaticos deveriam ser notificados sobre esses casos.

Não é sufficiente a pena infligi-

da até aqui. Ha uma ruptura de relações, algumas vezes seguida da restituição do dinheiro desonestamente ganho. E como se segue um periodo de silencio, algum tempo depois o eriminoso põe-se de novo na sua escrevaninha, deante de uma resma de papel em branco, escolhe outro modelo — o recomeça a vender historias velhas como se fossem ineditas... — (Robert H. Davis — *Bulletin of The Author's League*, Nova York).

O MEDO DO KAISER

Um periodico de Dresde publicou não ha muito um retrato de Guilherme II, representando-o muito envelhecido, com o aspecto de um homem consumido por alguma enfermidade. Exgottou-se a edição inteira em poucas horas; mas não tardou que viesse a policia e apprehendesse todos os exemplares que encontrou. Não obstante, circularam clandestinamente muitos, que se pagam a peso de ouro. A apprehensão obedeceu ao temor de que o kaiser pudesse ver o retrato, reprodução de uma photographia instantanea, cujo aspecto sem duvida lhe havia de causar uma impressão terrivel, pois Guilherme tem um medo visceral de toda a casta de enfermidades, principalmente contagiosas, medo acrecido ainda pela doença que o abate e tanto o preoccupa. Por isso, toma excessivas precauções contra o contagio. Se vive durante a maior parte do anno no Palacio Novo de Potsdam, summamente incommodo, é porque esse palacio se acha isolado em absoluto. No Palacio de Mármol, Guilherme tem numerosos visinhos e se acha exposto a sustos, como o que lhe occasionou a morte do principe herdeiro de Schoenburg, commandante dos hussares da Guarda. Quando o Imperador ficou sabendo que esse principe tinha morrido de diptheria, exclamou:

— De diptheria? Com certeza a atmospheria deste lugar está contaminada! Digam ao "chambelland" de serviço que aprompte immediata-

mente a equipagem e a envie para Berlim.

O mordomo do palácio, que era então von Liebenau fez observar que as habitações de Sua Magestade em Berlim não estavam promptas.

— Não importa, replicou Guilherme; lá encontrarei ao menos um canto onde dormir e comer. Estarei logo do contágio!

E vendo que Liebenau vacillava, com duvida por considerações de etiqueta, o soberano acerescentou:

— Preparem tudo! Quero partir immediatamente!

Momentos após, encontrou a Imperatriz e disse-lhe som mais explicações:

— Sigo para Berlim, e não voltarei mais a esta casa.

Tão inesperada noticia deixou estupefacta Augusta Victoria, que não se atreveu a perguntar o motivo daquella subita resolução. O almoço imperial foi silencioso e triste. E acabado elle, a Imperatriz muito apprehensiva, chamou em particular uma das damas do serviço e perguntou-lhe:

— Sabeis porque razão o Imperador abandona o palácio?

— Sua Magestade soube da morte do principe de Schoenburgo, que succumbiu pela diptheria; e, vivendo tão perto, teme o contágio.

Ao ouvir estas palavras, a Imperatriz respirou como se se alliviasse de um grande susto:

— Mas porque não me disseram antes? Ter-me-iam evitado algumas horas de angustia.

Guilherme II nega-se frequentemente a conferenciar com os homens de Estado e demais personagens officiaes, só porque estes têm algum enfermo em casa. Com igual frequencia tambem, em plena recepção o kaiser se separa bruscamente de tal ou qual pessoa, deixando-a attonita, porque esta commetteu a imprudencia de dizer que um filho seu, um sobrinho, ou outra pessoa de sua familia está com angina ou sarampo, por exemplo. Apenas ouve falar da enfermidade, o Imperador cautelosamente escapa. Ao receber a noticia de que o pequeno principe de Reuss acabava de morrer de es-

carlatina, Guilherme exigiu que a Imperatriz fizesse desinfecção todo o vestuario do menino, que havia levado para Gera por occasião do baptisado. A propria doença do Imperador faz com que este seja mais apprehensivo. A primeira vez que na côrte de Berlim se ouviu falar do mal que Guilherme soffre desde muito moço no ouvido, foi em 1891, precisamente por occasião da morte do joven Henrique de Reuss Gora, primo da Imperatriz por parte do sua mãe, que era da familia Hohenlohe. Ao receber a noticia, Augusta Victoria chamou suas damas de honor e disse-lhes:

— Esperó que o Imperador não saberá de que morreu o menino, porque o aborrece em extremo ouvir falar de enfermidades contagiosas em sua presença.

— Sua Magestade não teve escarlatina? perguntou uma das damas do palácio.

— Sim, respondeu a soborana, e uma escarlatina de muito máo character. E' extranho que a senhora não o sabia, depois de estar a serviço tantos annos em palácio.

O kaiser deita-se habitualmente ás dez horas, depois de uma ligeira refeição. Junto á cama tem sempre uma mesinha, papel e lapis para anotar e que possa occorrer-lhe durante as horas do insomnia que na actualidade são cada vez mais frequentes. Guilherme dorme com um revolver carregado na gaveta superior dessa mesinha. Este revolver de aço, prata e marfim é precioso; mas conserva em continuo sobresalto a Imperatriz, que apesar das mais reiteradas instancias nunca poudo conseguir que seu esposo o abandone, o que prova que o medo do kaiser se estende a alguma coisa mais do que ás enfermidades contagiosas. Actualmento Guilherme evita permanecer em Berlim, por tenor da "peste" revolucionaria que da Russia ameaça extravasar para as margens do Spree. O peor é que contra essa classe de "epidemias" não ha nenhum dos antisepticos com que até agora se têm combatido os outros contagios. (*La Revista Quincenal*, Barcelona).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

NO'S, livro de versos de Guilherme de Almida, com illustrações de Corrêa Dias — Officinas do "Estado de S. Paulo". — S. Paulo

O CONTRACTADOR DOS DIAMANTES, peça em tres actos e um quadro, de Affonso Arinos — Livraria Francisco Alves. — Rio e São Paulo.

FIALHO D'ALMEIDA, com um desenho de Antonio Carneiro, pelo Visconde de Villa-Moura — "Renascença Portuguesa". — Porto.

CULTURA E ANALPHABETISMO, por Adolpho Coelho. — "Renascença Portuguesa". — Porto.

PENSAMENTOS, PALAVRAS E OBRAS, por Severo Portela — "Renascença Portuguesa" — Porto.

O METODO MONTESSORI, por Luisa Sergio, com uma advertencia de Antonio Sergio — Segunda edição, da "Renascença Portuguesa". — Porto.

1817 — A CONSPIRAÇÃO DE GOMES FREIRE, do Raul Brandão — Segunda edição, da "Renascença Portuguesa". — Porto.

O INFANTE DE SAGRES, drama em quatro actos por Jayme Cortesão — "Renascença Portuguesa". — Porto.

A RAÇA AFRICANA E OS SEUS COSTUMES NA BAHIA, por Manoel Querino — Bahia, Imprensa Official do Estado.

BALLES PASTORIS, trechos coordenados por Manoel Querino — Bahia, Papelaria Almeida.

ALMA CIVICA, por Vietruvio Marcondes — Livraria Magalhães.

Publicaremos nos proximos numeros:

Vocabulario analogico (continuação), por Firmino Costa.

A Ema, por F. Badaró.

O Aracambé, por F. Badaró.

A morte do Sacy, por Sergio Espinola.

Populações meridionaes do Brasil (II), por F. J. Oliveira Vianna.

Livros... por Medeiros e Albuquerque.

Brasil-Estados Unidos (continuação), por Hello Lobo.

Paulistica: Sob as Ordenações manuelinas, por J. Capistrano de Abreu.

Literatura didactica, por A. Sampalo Doria.

Vida ociosa (continuação), por Godofredo Rangel.

Epigrammas e madrigaes, por Amadeu Amaral,

e outros trabalhos dos srs. Pedro Lessa, Mario de Alencar, Oliveira Lima, Alfredo Pujol, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Monteiro Lobato, Magalhães de Azevedo, Julio Cesar da Silva, Homero Prates, Florivaldo Linhares, Roquette Pinto, Jacomino Define, Valdomiro Silveira, Humberto de Campos, Armando Prado, Carlos Chagas, etc.

AS CARICATURAS DO MEZ

CHRISTO — TIO SAM



— Venham a mim as creancinhas!

(D. Quixote — Rio de Janeiro)

SAHIU PEOR A EMENDA...



O urso roendo a corda do pacto de Londres.

(J. Carlos — "Caretta", Rio de Janeiro)

A TRINCA



Elle — Quem haveram de dizerem!

(Callisto — "D. Quixote", Rio de Janeiro)



Tio Sam — E' nas ocasiões que se conhecem os amigos.

(Callisto — "Gazeta de Noticias", Rio de Janeiro)



HORAS DE ARREPENDIMENTO

O sonho doirado do Kaiser: uma casinha á beira de um lago em... Santa Catharina.

(Volfollno — "Cigarra", S. Paulo)

AGENTES DA "REVISTA DO BRASIL"

AVULSOS: Salomão Kfourí, Francisco Gomes e Maurício de Camargo.

ABAETE': João Maciel.

ABRE CAMPO: Pharm. Estevam de Oliveira Cotta.

AGUDOS: Justino dos Santos Leal.

ALFENAS: Dr. Almeida Magalhães.

ANTONINA: Rocha & Picanço.

ARAXA': Acrísio Ferreira.

ARARAQUARA: Antonio Silva.

ARAGUARY: José Martins de Mello Junior.

ARRAIAL DOS SOUZAS: Nagib José.

ARIRANHA: Bento Pantaleão.

ATIBAIA: José Preto da Silva.

AVARE': Sebastião Araujo.

AYURUOCA: Luiz G. Dalia.

BAHIA: Romualdo dos Santos e Nevio & Pinto.

BARIRY: José Raphael de Almeida.

BARRA BONITA: Juvenal Pompeo.

BARRETOS: José Marchi e Moreira & Barros.

BAURU': José Ramos de Paula.

BEBEDOURO: Fidélis Esteves e Francisco Velloso.

BEELE'M DO PARA': J. B. dos Santos.

BELLO HORIZONTE: Giacomo Fernando Prado.

BOTUCATU': Cesar, Toledo & C.

BRAGANÇA: Samuel Saul e Joviano Alves Cardoso.

BUENOS AIRES: Balden Moen e Francisco Cabello Navas.

CAPITAL: Casa Garraux, Livrarias Alves, Lealdade, Acadêmica, Teixeira, Magalhães, Zenith e Livraria do Globo.

CABO VERDE: D. Carlos de Souza.

CABRAS: Nagib José.

CAÇAPAVA: Paulo Andrade e A. Andrade Netto.

CACHOEIRA: João Barboza Ferraz Filho.

CAMPANHA: Fabio da Velga Oliveira.

CAMPINAS: P. Genoud e Antonio Albino Junior.

CAMPO GRANDE: Salles & Campos.

CAMPOS DO JORDÃO: M. Corréa.

CASA BRANCA: Anysio Baptista de Mello.

CASTRO: Cel. Francisco Tiburcio da Silva Brasil.

CAYEIRAS: Pedro Fernandes Lara.

CAXAMBU': Dr. Polycarpo Vioti.

CORITIBA: J. Cardoso Rocha.

CORUMBA': João Antonio Esteves.

CRAVINHOS: José Caropreso.

CRUZ ALTA: L. P. Barcellos & Comp.

CURRALINHO: Nabor Silva.

DIAMANTINA: Dr. Argel Andrade.

DOIS CORREGOS: Cel. Joaquim Marcondes do Amaral.

DORADO: Jacomo Carlo.

ESPIRITO SANTO DO PINHAL: R. de Paula & Cia.

ESTRELLA DO SUL: Francisco de Paula Brasileiro.

FORTALEZA: (Ceará): Leandro P. Lyra.

FRANCA: Hygino Caleiro.

FLORIANOPOLIS: Paschoal Simone & Filhos.

GUARATINGUETA': Henrique Fonseca.

ITAPIRA: João da Silveira Mello.

ITAPOLIS: Dr. Orestes C. Sene Junior.

ITU': Antonio Ferreira Dias.

JABOTICABAL: Alcebiades Fontes Leite.

JAHU': Amerlro de Fraga Moreira.

JANUARIA: Luiz de Castro Araporanga.

JARDINOPOLIS: João Cernach.

JOAQUIM EGYDIO: Atílio Martins.

M. Campos & Cia.

JUIZ DE FO'RA: José Ferraz e JUNDIAHY: Nicolau Carderelli.

LAVRAS: Dr. La Fayette Padua.

LISBOA: Livraria Ferreira.

MANAOS: Cesar, Cavalcanti & Cia.

MARIANNA: Pharm. Raymundo de Oliveira Moraes.

MATTO GROSSO DE BAATAES: Manuel Cesario de Campos.

MOCO'CA: Manuel Oca.

MONJOLINHO: Pedro Fernandes de Lara.

MONTE ALEGRE: Arthur Ayorsa.

MONTE ALTO DE JABOTICABAL: Antonio Villas Bôas.

MONTES CLAROS: José Dias de Sá.

MONTE SIÃO: André Jacconi.
 MUZAMBINHO: José Poll.
 NAZARETH: Olandim Fumes.
 OURO PRETO: Edmundo Tarquinio Pereira e Manuel Cruz.
 PALMEIRAS: Borba & Villela.
 PARAHYBA: Gonçalves Penna & Cia. e Francisco Feliciano.
 PARAHYBANA: Paulo Andrade.
 PARNAHYBA: Antonio Corrêa do Amaral.
 PARANAGUA': Rocha & Picanço.
 PASSOS: José Scalmani.
 PEDREGULHO: Alfredo Alongo Galante.
 PIAUIHY: A. Carvalho & Cia.
 PINDAMONHANGABA: Benedicto Ribeiro e José Athayde Marcondes.
 PINHEIROS: Paulino Pinto.
 PRACICABA: Pedro Ferraz do Amaral.
 PIRASSUNUNGA: José Ferreira de Albuquerque.
 PITANGUY: Luiz Gonzaga Junior.
 PYRAMBOIA: Luiz Chaguri.
 PORTO ALEGRE: L. P. Barcellos & Cia., Carlos Echenique, Cunha Rentzsch & Cia. e Livraria Selbach.
 PORTO FELIZ: Eduardo Motta.
 PORTO FERREIRA: Lollo da Silva Oliveira.
 POUSO ALTO: Philadelpho de Souza Nilo.
 PRATA: Dr. Emygídio Marques.
 PRESIDENTE ALVES: Carvalho & Ferraz.
 QUELUZ: José de Paula França.
 QUIRIRIM: Paulo Andrade.
 RECIFE: Ramiro M. Costa & Filhos e Manuel Nogueira de Souza.
 REDEMPÇÃO: Joaquim Braga de Paula.
 RIBEIRÃO BONITO: Jorge Ferraz.
 RIBEIRÃO PRETO: José Selles e Veríssimo dos Santos.
 RIO DE JANEIRO: Agencia Cosmos, Leite, Ribeiro & Maurillo, Braz Lauria, Araujo & Lopes, Livrarias Garnier, Alves, Briguiet e Castilho.
 RIO PRETO: Francisco Mesquita.
 SABARA': José Alves Nogueira.
 S. CARLOS: Dr. Carlos da Silveira.
 S. JOÃO DA BOCAINA: Armando Azevedo.
 S. JOÃO D'EL-REI: Bel. Custodio Baptista de Castro.
 S. JOÃO DO CURRALINHO: Nabor Silva.
 S. JOAQUIM: Jacomo Cernah e Celso Junqueira.
 S. JOSE' DO RIO PARDO: Anyelo Baptista de Mello.
 S. LUIZ DO MARANHÃO: Ramos d'Almeida & Cia.
 S. MANUEL: Francisco Martorelli.
 S. ROQUE: José Hyppolito da Silva.
 S. SEBASTIÃO: Antonio Arginto da Silva.
 S. SEBASTIÃO DO PARAIZO: J. Aristheu de Castro e Carlos Orsi Parenzi.
 S. SIMÃO: José Luiz de Carvalho.
 S. THOMAZ DE AQUINO: Alvaro de Almeida Coelho.
 SANA ADELIA: Esmeraldo Figueiredo.
 SANTA CRUZ DO RIO PARDO: Dr. Alvaro Camera.
 SANTA ISABEL: Virgilio Wey.
 SANTA MARIA: L. P. Barcellos & Cia.
 SANTA RITA DO SAPUCAHY: João de Camargo.
 SANTA ROSA: Amerlco de Palva Pinheiro.
 SANTOS: José de Palva e André Soares Couto.
 SERRA AZUL: José Luiz Carmo.
 SERRA NEGRA: José Gomes Junior.
 SERTÃO SINHO: Arthur Camargo.
 SOCCORRO: Aurelio Martins.
 SOROCABA: Ricardo Moreira.
 TAQUARY: Joaquim Rodrigues.
 TAQUARARITINGA: Simeão Pereira dos Santos.
 TARU-ASSU': Nicolau Sinogôa.
 TATUHY: Antenor Dias da Silva.
 TAUBATE': Gabriel Nogueira de Toledo.
 THEREZINA: A. Carvalho & Cia.
 TREMEBE': Paulo Andrade.
 TRES LAGOAS: José Silveira Mello.
 UBERABA: João Ribeiro Bello.
 UBERABINHA: Prof. Honorio Gulmarães.
 VALLINHOS: Hygino Carlos Stellin.
 VARGEM GRANDE: Antonio Arruda.
 VARGINHA: Joaquim Getulio Ferreira.
 VILLA ADOLPHO: Augusto ROQUE.
 VILLA NOVA DE LIMA: José de Avila Oliveira.
 VILLA NOVA DE REZENDE: José Poll.
 VILLA OLYMPIA: Jovelino Antonio de Oliveira.

Companhia Mechanica e Importadora de S. PAULO

Fabricantes de Machinas de Café e para Lavoura, de Material
Ceramico e Sanitario - Fabrica de Pregos e Parafusos e Rebites
Fundição de Ferro e Bronze etc.

GRANDE SERRARIA A VAPOR ≡
CONSTRUCTORES e IMPREITEIROS

AGENTES de: Robey & C. (vapores) - Automoveis FIAT - Fabrica
de Ferro Esmaltado SILEX - Comp. Paulista de Louça Esmaltada -
Societá Itallana Transaerea SIT (aeroplanos e hidroplanos Bleriot),
etc., etc. — Deposito, fabrica e garage:

RUA MONSENHOR ANDRADE e AMERICO BRASILIENSE (Braz)

Estabelecmento Telephone
Ceramico : **AGUA BRANCA** N. 10-15

IMPORTADORES DE materiaes para toda a classe
de construeções e para estradas de ferro, locomotivas,
trilhos, carvão, ferro e aço em grosso, oleos, cimentos,
asfalto, tubos para abastecimento de agua, material
electrico, navios de guerra, rebocadores, lanchas e
automoveis FIAT, etc., etc.

RIO DE JANEIRO :

Avenida Rio Branco n. 25

Caixa 1534

SANTOS :

Rua Santo Antonio, 108, 110

Caixa 129

LONDRES - Broad Street House-New Broad - LONDON E. C.

EM S. PAULO :

Rua Quinze de Novembro n. 36

Endereço Telegraphico "MECHANICA"

Caixa do Correio 51 - Telephone 244

Codigos em uso: A. B. C. 5.ª EDIÇÃO - A. I. A. Z., WESTEN UNION
LIEBERS E RIBEIRO

ROBES & MANTEAUX

Lingerie de Luxe, Blouses, Trousseaux

Bertholet

Corsets, Spécialité de Fournitures pour Modes

Rua 15 de Novembro, 30

São Paulo - Paris

Casa de Saude ◉

△
◻
DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

Medico Interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

▽
Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560
▽



LE COURRIER DE LA PRESSE

“LIT TOUT”

Rensêgne Sur Tout

Ce qui est publié dans les JOURNAUX, REVUES
& PUBLICATIONS de toute nature :: :: ::

Paraissant en France et l'étranger et en fournit
les Extraits sur tous Sujets et Personnalités.

Circularres explicatives et Tarifs envoyés franco

CH. DEMOGÉOT, Directeur

21, Boulevard Montmartre - PARIS (2.)

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO DO NUMERO 17

25 DE MAIO DE 1917

J. CAPISTRANO DE ABREU (do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro) — *Paulistica*.
 OLIVEIRA LIMA (da Academia Brasileira) — *O coprador do Barão de Penedo*.
 HELIO LOBO (do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro) — *Brasil e Estados-Unidos*.
 EMILIO DE MENEZES (da Academia Brasileira) — *O corvo* (Edgard Poe).
 MEDEIROS E ALBUQUERQUE (da Academia Brasileira) — *Livros...*
 CARLOS DE LEMOS — *A fallencia da doutrina na guerra naval*.
 FERNANDO DE AZEVEDO — *Educação hygienica*.
 GODOFREDO RANGEL — *Vida ociosa*.
 MACHADO DE ASSIS — *Cartas inéditas*.
 COLLABORADORES — *Resenha do mez*.

RESENHA DO MEZ — *Céu e agua* (Basilio de Magalhães) — *Nossos defeitos* (F. G. Schmidt) — *Movimento literario* — *Movimento theatral* — *Bibliographia* — *Vigarlos estrangeiros* (Tobias Monteiro) — *A nossa poesia* (João Ribeiro) — *Emilio Verhaeren* — *A segunda revolução russa* — *O renascimento catholico na literatura franceza* — *A industria do livro na França* — *Os Estados-Unidos e o commercio mundial* — *Os pés dos combatentes* — *O uso do assucar* — *A máil da marinha britannica* — *Leipzig, a Capital do Livro*. — *As caricaturas do mez*.

WILSON, SONS & CO. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523

End. Telegr. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke etc. ; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de fiandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para Indústrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres

Seguros marítimos e contra fogo

J. B. White & Brothers, Londres

Cimento Portland "J. B. W."

Aberthaw & Rhose Portland Cement & Lime
Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"

Read Brothers Limited, Londres

Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"

Curtis's & Harvey Ltd., Londres

Dynamite marca "Dragão"

Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres

Chá preto e verde marca "Bond"

William Pearson Ltd., Hull

Creolina, Pacolol e Pacofluido

Andrew Usher & Co., Edinburgo

Whisky "Liqueur"

J. Bollinger, Ay Champagne

Champagne "Bollinger"

P. Virabian & Cie., Marselha

Ladrilhos e Cimento

Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne

Tintas preparadas "Lagoline"

Acetam pedidos para Importação directa mediante modica commissão



ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFE MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigit-se a

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

RUY BARBOSA <i>da Academia Brasileira</i>	Oswaldo Cruz 271
HELIO LOBO <i>do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro</i>	Brasil—Estados-Unidos . 322
MEDEIROS E ALBUQUERQUE <i>da Academia Brasileira</i>	Livros... 334
F. BARDARO'	A Ema 346
FIRMINO COSTA	Vocabulario analogico . 354
GODOFREDO RANGEL	Vida Ociosa (romance) . 361
JOAQUIM MANOEL DE MACEDO	Martius 370
COLLABORADORES	Resenha do mez 378

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 19 - ANNO II

VOL. V

JULHO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 62
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Amadeu Amaral — Os Andradas (*Martim Francisco*) — Bibliographia — A Argentina e Oswaldo Cruz — O Darwinismo e a guerra (*J. D.*) — Na Academia Brasileira — A pintura no Brasil (*Laudelino Freire*) — **Notas de Sciencia** (O alcool e a energia humana — A distribuição da população na China — As sciencias biologicas e a agricultura nos Estados Unidos) *M. P.* — A Laura do Petrarca de Villa Rica (*Nelson de Senna*) — Sobre a nossa literatura (*João Ribeiro*) — O industrialismo argentino — O ministerio da caridade — Alimentação e saúde — O medo entre os soldados. — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: Oswaldo Cruz e Amadeu Amaral, retratos por *Wasth Rodrigues* — Um autographo de Carlos Gomes — Instituto Oswaldo Cruz — Uma carta de Affonso XIII.

As assignaturas começam em qualquer tempo
e terminam em Junho ou Dezembro.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica tabalhos inéditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SEIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 - TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endoroçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscrito . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOAO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Aitos da Casa Paiva).

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travesa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. **Condes.**

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13.30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das **crianças** — Res.: R. Consolação, 62. Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo — S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu eartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Pentecado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli", Genova (Italia), Piazza Scuole Pio X — Casella 1.459. End. tel. "Bellico".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-

lio Rocco — Novidades em case-mira inglesa. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, caudelas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo — A **CASA MARCELLINO** compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

CASA DODSWORTH
RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

OS ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA

Loteria de São Paulo

PARA 10 DE AGOSTO

50:000\$000

POR 4\$500

Os bilhetes estão á
venda em toda a parte



OSWALDO CRUZ

CONFERENCIA REALISADA A 28 DE MAIO
DE 1917 NO THEATRO MUNICIPAL DO RIO
DE JANEIRO, NA SESSÃO SOLEMNE EM HO-
MENAOM A MEMORIA DE OSWALDO CRUZ.

Minhas Senhoras:

Meus Senhores:

Embora, nas homenagens desta natureza, tudo imponha ao ora-
dor a norma de se apagar e sumir-se a si mesmo, deixando a scena
inteira ao vulto illustre, para quem se volve a curiosidade e espe-
ctação de todos, destes estylos me leva a discrepar, hoje, uma dessas
circumstancias, que abrem excepção ás mais apertadas regras da
módestia e do bom gesto.

RECTIFICAÇÃO PRELIMINAR

Nem é destes que me arredo, ao exordiar, occupando-me commi-
go; porque o bom gesto e a discreção é que me não consentiriam re-
vestir aqui uma dignidade, que não me assiste, assoalhar galas, que
não são minhas entretendo, calado, o equivoco de que eu vos venha fal-
lar hoje "em nome da nação", como annunciaram os mossos fornaes,
ao darem, coom o seu programma, a noticia desta solemnidade.

Por menos que valha um homem, senhores, ainda menos fica-
rá valendo, quando tente ou lhe queiram engrandecer o tamanho com
o emprestimo de qualidades estranhas. Toda a absorpção do alheio
nos abala no gozo tranquillo do nosso. Não pôde estar seguro na sua
propriedade quem a dos outros usurpa; e, se não mentem grande
mentira os anexins, que mentir não costumam, uma figura, que se



atavia com o espolio do guarda-roupa dos outros, na praça despirá o que a furto vestiu. Não serei eu, pois, quem me dê por emissario da nação, no que ora me ides ouvir os que me honraes com a complacencia do vosso concurso.

Nenhuma delegação ou autoridade tenho, para fallar de tão alto. Pela nação não podem fallar, senão os que reconhecidamente a representam, ou os que, em nome della, della dispõem: os que lhe resolvem os actos, os que lhe decretam as leis, os que lhe traçam os destinos. Do numero desses eleitos ninguem estará mais longe do que o individuo, que ora vos dirige a palavra.

O diploma de senador me dá um logar numa das casas do Congresso e o direito de lhe occupar a tribuna. Mas a tribuna parlamentar é hoje em dia, uma cratera extincta, e as camaras legislativas mera sombra de representação nacional. Por essas cadeiras, em uma das quaes, naquella augusta camara, ha um quarto de seculo, tenho a honra de me sentar, resvalam camadas e camadas successivas de varões eminentes, descambado ao nada, sem deixar o mais leve rasto da sua passagem; e não será, de certo, ao que, menor de todos, não tem alcançado senão baixar constantemente, até se inscrever, hoje, entre os seus pares, no derradeiro grau da escala, não será, por certo a esse que ha de caber a distincção, não lograda jámais plos outros de ser o instrumento em cujas cordás vibre o espirito de sua terra.

OS QUE REPRESENTAM A NAÇÃO

Não basta, senhores, para encarnarmos uma nação, havermos conseguido, algumas vezes, reflectir-lhe, por momentos, no animo as nossas idéas, os nossos sentimentos, os nossos desejos. Essas coincidencias passageiras, que têm occorrido na minha vida, entre as crenças, as aspirações, as esperanças do povo e as de um individuo, são, as mais das vezes, episodios accidentaes, que não traduzem verdadeiras relações de representação espirital entré a nação e o homem, de quem ella transitoriamente se approxima.

Só os que possuem o condão extraordinario, a bem poucos reservado pela natureza, de mover as massas humanas, de lhes communicar a energia, a vontade, a perseverança, de as incendir na paixão das suas resoluções, só esses dynamos vivos, cujo poder de influencia electriza nacionalidades inteiras, receberam do Creador o privilegio divino da personificação real da sua raça, e trazem nos labios inspirados a voz da sua patria. Não assim os que, como eu, se matam, quasi sempre debalde, em prégar de idéas, que a multidão acclama, que as urnas abraçam, que uma impressão de geral assentimento recommenda, mas que, ao passarem do circulo do apostolado ao da acção pratica, ainda quando aureoladas pela victoria legal, naufragam de encontro ás conspirações dos interesses, sem achar,



nas maiores que as elevaram, a resistencia popular, onde se encontram para a reivindicação do triumpho burlado.



Das nações que se desnervam, desmendemam e descerebram, que renunciam ao proprio juizo, á propria força e á propria actividade, os genuinos representantes devem ser os que a ellas se substituem no goso e exercicio desses attributos. Da personalidade collectiva, que absorveram, são elles os senhores, como o tutor o é dos menores, que rege, ou o zagal do gado, que apascenta. Os demais, como eu, como eu são apenas átomos da poeirada raciocinante, que remoinha num raio de luz, tomando as côres do iris, mas

desapparece ao sopro dos que manejam o sol ou a chuva, a bonança ou a tormenta, as decisões irremediaveis e as medidas soberanas.

Só aos que nellas, pois, têm parte, só a elles seria dado fallarvos em nome da nação, dessa nação ausente e absentelista, que se apartou dos seus bens sem animo de volta, outorgando, por abandono, aos que delles se metteram de posse, carta branca e procuração em causa propria, com clausula, sem reserva, de substabelecer, dispor e alienar..

VOX IN DESERTO

Da nossa arraiá miuda apenas me distinguiria eu em não haver sido aquinhoado, como ella, com o dom da resignação, e, dissidente por experiencia, convicção e véso, me terem parado as coisas na condição ingloria, ociosa e triste de *vox clamantis in deserto*.

Clamando assim, quasi sempre no êrmo, desde que a nação não conclama commigo, não me posso considerar com o direito de abrir a bocca em seu nome. Apenas me seria licito, como ao commum dos que não padecem de surdez ou cegueira, testemunhar, com inteireza, dos sentimentos, que se ouvem rumorejar, comprimidos, nas consciencias, como a lava nas profundezas da terra.

Creatura de tal fectio, com esta vocação de importunidade, que a parou no fadario de atravessar uma vida inteira em quasi perenne combate com o seu melo, não poderia, claro está, ser a melhor escolhida, para o representar no que quer que seja.

Verdade é que, na camara de que sou membro solitario e inutil, a lei me permittiria orar em nome da nação. Mas a mesma anomalia da minha solidão naquella egregia assembléa deve ser, se não

falha a lógica, o signal mais certo de que eu, alli, corpo estranho, hospede impertinente, não represento em coisa alguma o Brasil, e já me tenho demorado sobremaneira em despejar esta censuravel situação de representante, que não representa o representado.

Para que legitimamente, vos pudesse eu, endereçar a palavra em nome da nação, era mister que as minhas disposições, preocupações ou convicções fossem as suas. Mas, se existisse identidade tal entre umas e outras, a nossa constituição não se acharia tão longe do regimen, que proclama; a democracia, a justiça, a legalidade já estariam começando a estampar o seu sello em toda a nossa vida, e a minha não teria sido, nestes vinte e cinco annos de republica promettida e adiada, a maldição de um ingrato duello com o irrealizavel. "Chefe de idéas", como, por irrisão, me chamaram, convencido estou, já hoje, de que acabarei, sem que as minhas tenham o seu dia, porque a minha patria ainda as não quiz, nem lhes quer.

ACTO DE FE'

Mas, embora acabe eu, a minha fé não acabará; porque é a fé na verdade, que se libra acima dos interesses caducos, a fé invencivel naquelle que nos disse: "Habete fidem Dei", a fé miraculosa do bem, que vinga oceanos e transpõe montanhas: Amen dico vobis "quia quicumque dixerit huic monti: Tollere et mittere in mare, et non hesitaverit in corde suo, sed crediderit, quia quodcumque dixerit, fiat, fiet ei". Em verdade vos digo que quem disser a este monte: Levanta-te, e lança-te no mar; e não duvidar no seu coração, mas crer que se faça o que elle diz, assim lhe será feito". Tanto vale a fé, no coração do homem sósinho. Quanto não poderá no coração das nações?

TESTEMUNHA E NÃO REPRESENTANTE

Por mais, porém, senhores, que de tudo me dispa, ou me dispam de tudo, sempre me ha-de restar o que nem eu a mim mesmo, nem todos os poderiós humanos, juntos e conjurados, me lograriam tirar: uma alma de homem, um coração de patriota, uma tempera de veterano do trabalho. E, se tanto bastasse, para honrar o varão illustre, que hoje celebramos, para testificar a grandeza da sua obra, para o evocar aqui revivo numa visão bemdita, não teriels errado tão de todo na escolha da testemunha, que nomeastes.

INCOMPETENCIA

Nem por isso, entretanto, deixou de me parecer temeridade o commettimento. Como descrever os trabalhos de Oswaldo Cruz, ca-

racterizar-lhes a expressão, medir-lhes o alcance, tomar-lhes o relevo, estimar-lhes os resultados, sem entrar pela região dessas sciencias, em cujo serviço viveu e ganhou os loiros da sua vida?

Medico era meu pae, ainda que tambem politico e homem de letras; e as minhas leituras de creança e moço, já então affavoradas pela sêde insaciavel desta curiosidade, a que ainda estou por descobrir sedativo, não distingulam, na variada e abundante bibliotheca de casa, entre os volumes de literatura, os livros de politica e os tratados de medicina, em todos os quaes, ora uns, ora outros, consoante me affectava o appetite, bebia eu a pasto, sem ordem nem regra, o que o ensejo me depárava, e o entendimento, ainda verde, ingeria, de ordinario sem digerir. Dahi, porém, só me terá restado, como era natural, quanto ao conhecimento das sciencias do organismo humano, um grosseiro começo de cultura, um amalgama sedimentario de noções vagas, incorrectas ou mal assimiladas.

Não era com estes recursos toscos e rudes que eu me havia de atrever ás delicadezas de um estudo sobre o introductor da pathologia experimental no Brasil. A tarefa é das que só aos iniciados se podem reservar. Submitter-me a ella era pôr-me, evidentemente, dado que o mal me viesse de mãos amigas, em risco de provavel desastre. Devia reluctar. Reluctei, mostrando-lhes a decepção, a que se aventuravam. Atalharam-me á bocca as objecções com elogios e flinzezas. Insisti, allegando o excesso dos meus encargos, crescentes na razão directa dos meus annos e na inversa das minhas forças. Persistiram, encarecendo a minha capacidade singular de trabalho. Não faltou senão dizerem-me, como o outro, que isso de ter descanso é bom para moços: "C'est bon pour les jeunes gens, le repos." Mas, se o não disseram, é o que sentiam. Com a medicina não se brigá. Calei, obedeci, e aqui estou.

Não sou eu, pois, o que hei-de ser julgado e condemnado pelas audacias desta submissão a uma contingencia de força maior. São os amaveis algozes da minha incompetencia, que a trazem, vencida e rendida, a esta exhibição do seu arrojo e fraqueza. Liquidae com elles a culpa, e relevae-me da pena.

A EPOCA DO NASCIMENTO

Mereceu Oswaldo Cruz á Providencia a graça de nascer numa época, em que a medicina, passando pela maior das suas revoluções, tomará uma direcção, a que o ajustavam de modo extraordinario as suas qualidades nativas, terreno admiravel para a germinção e desenvolvimento ulterior das qualidades adquiridas, que com aquellas se haviam de entretecer em tão fecunda harmonia.

A obra de Claudio Bernard, com que a medicina se tornou physiologica, e experimental a physiologia, começava a succeder a

obra pastoreana. A *Introdução á Medicina Experimental*, evangelho da renovação desses estudos, abriu o pórtico immenso, por onde se viu entrar o genio da experimentação, que encarnou em Pasteur, e deu o nome deste á nova era.

PASTEUR

Pasteur encontra o mundo scientifico dominado pela theoria de Liebig, reinante desde 1839. Segundo ella, as fermentações não seriam mais do que phenomenos meramente chimicos, relações lentas entre certas materias organicas e o oxygenio do ar. Mas Pasteur estabelece experimentalmente uma concepção opposta, introduzindo nesse domínio a noção da vida.

Aos olhos da nova interpretação, estribada na evidencia experimental, revela-se o fermento uma entidade viva, de natureza vegetal ou animal, susceptivel de se desenvolver num meio propicio, sobre o qual chimicamente actua, mas como ser vivente, segundo as acções chimicas de que, por sua vez, é objecto, operando, assim, o phenomeno, a um tempo chimico e biologico, da fermentação.

Começa, dest'arte, a rasgar-se o véu, que até ahi occultara o papel incalculavel, attribuido, na obra da criação, a esses germens microscopicos, disseminados, em variedades innumeraveis, por toda a natureza, e, juntamente, a sentir-se a extensão das consequencias praticas ligadas a esse descobrimento. Conhecida a verdade acerca das fermentações, determina Pasteur immediatamente a maneira de as regular, de as accelerar, de as fixar em um dado ponto do seu curso, atalhando-se a corrupção ulterior. A industria, na maturação dos vinhos e na produção das cervejas, estava renovada, e, deste modo, augmentada em proporções consideraveis a riqueza das nações productoras.

A DOCTRINA PASTOREANA

Mas a doutrina pastoreana tem outros lances de vista. Já se está percebendo que não se circumscreve aos meios chimicos a acção dos organismos microscopicos. Doenças ha, em cujos symptomas se não póde negar a mais clara analogia com as fermentações; e esta semelhança guia o irresistivel renovador á invenção da vida microbiana em todos os dominios da pathologia animal.

Ahi é que se tem de realizar a criação de Pasteur, verdadeira criação; porque, senhores, bem o disse, em expressões lapidares, um dos mais eminentes escriptores francezes, e não haverá blasphemia em o repétirmos, "Pasteur operou á semelhança do Creator, suscitando por um acto inicial as leis, donde havia de sair o desenvolvi-

mento progressivo do Universo". A differença está em que o Creador as extrahiu do 'chaos para o regimento do mundo, e a creatura as desentranha da ignorância para benefício do homem. O Creador é o agente da sua mesma omnipotencia e o sabio o instrumento do Creador.

Em 1847, quando o grande successor de Magendie e Claudio Bernard começava a entremostrar as suas temerarias aspirações, houve quem dissesse, com os sobresaltos de uma sincera sympathia: "Pasteur não conhece os limites da sciencia, e affecta os problemas insolúveis". Mas o tempo veio a desmentir os recelos de Verdet, provando que não havia esphinge capaz de resistir a esse Oedipo. Diríeis que a natureza o elegera para confidente dos seus mais intimos arcanos. "A gloria o procura, sem que elle a vá buscar."

Já era para contentar os mais ambiciosos a que Pasteur colheira, com os seus primeiros trabalhos, na chimica, arrancando-lhe um dos seus mysterios mais secretos, quando lhe descobriu a dissymetria molecular, ponto de inserção, na chimica organica, de um ramo inteiramente novo, a estereochimica, destinado para logo aos mais preciosos resultados. Mas onde o aguardavam triumphos inauditos, era nessa estranha sciencia do invisivel, em que o microscopio, conduzido pelo senso experimental de um observador de genio, la des-cortinar, aos nossos olhos, incriveis surpresas e portentos assombrosos.

O NOVO REINO

Não é que "esse novo reino da natureza", de que Pasteur foi o descobridor, não fosse antes d'elle, presontido e entrevisto por outros. Já no seculo IX houyera quem assimilasse a variola a uma fermentação e, no seculo XVI, quem attribuisse á transmissão de corpusculos a contaminação de certas doenças. Já Van Helmont, Sydenham e Bressy haviam tido lampejos da concepção microbiana. Já Rayer e Davaine, em 1851, tinham dado com a bacteridia carbunculosa.

Mas todas essas intuções, que preludiaram ás conquistas definitivas de Pasteur, estão, para com a theoria donde nasceu a medicina moderna e as suas experiencias demonstrativas, como os vagos presentimentos e os mallogrados tentames dos precuresores da invenção do nosso continente para com a inspiração de Colombo e a apparição da America á proa das suas naves.

Disso a que, vae por uns quarenta annos, se deu o nome de microbios, havia, primeiro que Pasteur os estudasse, antevisões e prenoções. Mas mal se suspeitara o papel incommensuravel, que elles desempenham na criação. "Ha quarenta annos", dizla, em 1877, Gaston Paris, na Academia Francéza; "ha quarenta annos não se

considerava senão como objecto de curiosidade o mundo desses entes microscopicos, dotados de uma vida puramente elementar. Hoje elle se nos representa como o substracto e a condição de todo o mundo animado, como o oceano sem fundo, donde sae e aonde volve toda a vida. Aos microbios se devem as fermentações e putrefacções, que transformam a materia organica. São elles os que fertilizam o solo, e permitem aos vegetaes cobrir-lhe a superficie, elles os que, invadindo os tecidos, geram as doenças contagiosas. Povoa o ar, enchem as aguas, saturam o chão, habitam os animaes e plantas, envolvem-nos a nós, e nos servem, e de toda a parte nos ameaçam. Que digo? Nós mesmos não somos senão elles."

UM NOVO MUNDO

Todo esse mundo, até então ignoto, emerge, como por encanto numa série triumphal de hypotheses immediatamente verificadas, ao contacto da vara desse magico da experimentação: o mundo infinitamente minimo, dos microbios e parasytas, das toxinas e antitoxinas, das vaccinas e sôros, dos fermentos e anticorpos, que, ha cinquenta e tantos annos, não cessa de crescer, rasgando á humanidade inesperados horisontes.

Nos seus passos iniciaes, o conhecimento das maravilhas que a microbiologia entrou a revelar-lhe, começa por eliminar para sempre o erro da geração espontanea. Embora aparentemente primitivos, esses organismos rudimentares não existem senão por descendencia de outros organismos, seus germens, seus ascendentes. Tão em todo extremo são minimos elles que só aos milhares encheriam o logar de uma ponta de agulha, tão prolificos que, em horas, pulliam aos milhões e milhares de milhões.

Pasteur começou mostrando como se podem semear nas culturas de laboratorio, á semelhança dos grãos de fermento nos sulcos do arado, esses germens invisiveis, em cada um dos quaes se encerra, como a espiga e a seara na semente, um poder incalculavel de reprodução, desorganização e morte. Depois, em 1863, a experimentação pastoreana, lhe demonstra a omnipresença em todo o campo da observação humana: no ar, nos corpos animados ou inanimados, no fundo e á tona de tudo. E, dahi avante, os gloriosos achados se succedem numa carreira vertiginosa.

Em 1865 é o micrococco da colera das gallinhas, aeróbio de virulencia tal, que, para matar o animal inoculado, basta um centesimo de millesimo de uma gotta do caldo onde se encerra, uma picada de agulha embebida no liquido fertilizado. Em 1867 é o microrganismo, de cuja pullulação resulta a doença do bicho de seda, epidemia animal de consequencias arruinadoras, que se aprendeu então a extinguir, discernindo-se-lhe a origem. De 1877 a 1881 é a demons-

tração, estrictamente scientifica, do papel pathogenico dos microbios, coroada pelas experiencias sobre o bacillo do antraz.

A PATHOLOGIA GERAL

A gotta de sangue carbunculoso, com que o immortal experimentador se realiza, veio salvar a nossa especie de males tremendos, pondo a pathologia animal ao serviço da pathologia humana, e creande essa pathologia geral, que, do seu estado até então inconsistente e nebuloso, passou á situação de sciencia solidamente estabelecida em bases experimentaes.

Nessa maravilhosa serie de revelações as experiencias fundamentaes são as que, encerrando-se no terreno de uma doença das gallináceas e uma doença do gado, alcançaram verdades e instituíram princípios, onde hoje se depara ao genero humano um dos seus maiores thesouros. Estudando o parasyto da cólera das gallinhas, descobre Pasteur que esse microbio vae diminuindo em virulencia, com o atravessar de culturas successivas, que se attenua, envelhecendo, e que o virus attenuado adquire a propriedade maravilhosa de tornar refractario o animal innoculado. E ahí estão as noções essenciaes, renovadoras, a attenuação da virulencia, a vacinação e a immunidadade, que senhoreiam, actualmente, a pathologia geral, e donde vão resultar, dia a dia, novos assombros.

A nova sciencia corre a passos agigantados, generalizando, por meio de revelações successivas, a evidencia de que, na medicina ou na cirurgia, "a doença é o parasytismo". Pasteur encarna em si a gloria suprema nesta renovação. Delle emana, como disse Richet, toda a sciencia medica de hoje, do mesmo modo como a physiologia e a chimica emanam de Lavoisier.

A ESCOLA DE PASTEUR

Mas a epopea pastoreana já não é sómente Pasteur: é a sua doutrina em evolução, é a sua escola em actividade, são os seus discipulos, que o genio do mestre, as suas lições, a sua disciplina fecundam, animam, enthusiasmam. E' elle, ainda quem, depois da vaccina contra a raiva, encontra o microbio da septicemia. Já a terrivel diphteria patenteou o seu mysterio sinistro. Já se não ignora a pathogenia da peste e da febre amarella, da colera e do impudismo. Mas tudo são transformações, adaptações ou desenvolvimento da idéa do grande originador, suas leis, sua influencia, seu ensino, seus processos technicos, generalizados hoje na medicina, cirurgia e hygiene.

Dahi procederam as conquistas capitaes da sciencia medica no

Paris regista cincoenta, Londres cem mil óbitos. A Italia perde metade da sua população, e dos cento e cinco milhões de almas, que viviam na Europa, vinte e cinco milhões, pelo menos, desaparecem. E' ainda a mesma furia espantosa, que seculos antes, sob o reinado de Justiniano, se diz haver arrebatado ao genero humano cem milhões de vidas.

PANDEMIAS

O nosso seculo já não conhece a antiga violencia dessas pandemias monstruosas. Mas a sua revivescencia não seria impossivel, se, presentemente, a sciencia não dispuzesse, para as conter, debellar ou prevenir totalmente, dos recursos maravilhosos, que ao mundo contemporaneo deu a revolução iniciada pelo genio de Pasteur na etiologia e therapeutica das doenças de contagio e infecção.

AS NOSSAS EPIDEMIAS

Ainda existem, porém, contagios de acção pavorosa e molestias despovoadoras, entre as quaes sobresaem as que, antes de Oswaldo Cruz, nos dizimavam, empobreciam, e infamavam sem esperanza de remedio capaz.

DOENÇAS DA GUERRA

Os beneficios, porém, da orientação dada á medicina e á cirurgia pelos principios que Pasteur estabeleceu e pela escola que fundou, não se limitaram a desarmar os grandes flagellos naturaes: desarmaram tambem o grande flagello da maldade humana, o flagello dos flagellos, desarmaram a guerra de metade, talvez dos seus inenarraveis horrores.

Pelas molestias de que é mãe ou nutriz, a guerra foizava mais vidas humanas do que as que juncam os campos de batalha, e a puerulencia dos ferimentos militares condemnava á morte, as mais vezes, os que a não recebiam logo das armas inimigas. No cerco de Sebastopol, durante os derradeiros mezes de 1855 notabilizados pelas acções mais decisivas do assedio, o exercito francez teve 21.957 feridos, ao passo que o numero dos acommetidos de febres ascendeu a 101.128. Durante a guerra sul-africana perdeu o exercito inglez, em victimas de doenças acautelaveis, entre as quaes, sobre todas, a febre typhoide, o dobro do numero, em que o desfalcaram as baixas occorridas nos combates. Na guerra dos Estados Unidos com a Hespanha essa molestia abateu vinte mil homens; o que montava um sexto das forças americanas. Dahi a noção, já ha muito comensinha

entre os medicos, de que as doenças matavam muito mais gente nas expedições militares do que o fogo do inimigo. Dahi o velho ditado inglez de que a doença, e não a guerra, é o coveiro dos soldados: "Disease, not battle, digs the soldier's grave."

GUERRA e MEDICINA

Mas, depois que a medicina preventiva e a hygiene transformada sanearam os acampamentos e immunizaram com as inoculações preservativas o organismo dos combatentes, a guerra já não tem, nas infecções que d'antes com ella se multiplicavam, as formidaveis collaboradoras, cuja contribuição duplicava a colheita da morte.

As medidas sanitarias adoptadas pela administração japoneza, de 1886 a 1893, chegaram a varrer inteiramente dos seus navios de guerra o beri-beri, que, antes disso, reduzia a cincoenta por cento a capacidade activa dos seus marinheiros; do sorte que, na lucta do Japão com a Russia, não se deu nem um caso dessa temivel infecção entre os vinte cinco mil homens, que lhe tripulavam as esquadras, e, naquella extraordinaria campanha, as mortes provenientes de enfermidades baixaram a um quarto das resultantes dos instrumentos de guerra.

Na campanha actual, a mais medonha de toda a historia, a mortandade por doenças, nos exercitos da Grã Bretanha, da França e da Allemanha, desceu a proporções menores, sem comparação, do que nas mais benignas das guerras anteriores; e o methodo preventivo das inoculações contra o typho baniu quasi de todo essa molestia devastadora dentre as forças belligerantes, onde o soldado se sujeita com rigor á disciplina da hygiene.

A NOVA SCIENCIA E A CIRURGIA

Ao mesmo tempo, a cirurgia se revoluciona sob a influencia das demonstrações de Pasteur, cujo tino infallivel oppõe as suas pesquisas acerca do vibrão ás idéas vulgares sobre a pathogenia da infecção purulenta.

Mas, já antes, Lister, inspirando-se nas doutrinas do mestre dos mestres, ia buscar a origem dos estados inflammatorios, putrescentes e febris, devidos aos casos traumaticos da guerra, na presença de germens infecçiosos, cuja existencia destróe mediante os processos da mais rigorosa desinfecção.

Desde os seus primordios este systema opera maravilhas. Os primeiros annos de experiencia habilitam o seu autor a consignar, de 1867 a 1869, a salvação de oitenta e cinco por cento na sua clinica de amputados. O asseio absoluto, a sequestração do contacto

com o ar, o emprego de germicidas cada vez mais seguros introduzem na cirurgia a antisepticidade, e da antisepticidade a levam á perfeição na assepticidade.

Graças a ella, vão-se multiplicando sem damno as mais arrojadadas tentativas operatorias; os instrumentos chirurgicos devassam, sem receio, as mais reconditas visceras do corpo humano, os seus mais delicados orgãos vitales; a purulencia, com a inflammação e a febre, desaparecem dos hospitaes de sangue, e, ao terminar o seculo dezenove, ha quem, sem exaggero, possa dizer que o histerismo, adaptação do pastoreanismo á cirurgia, salvara, em vidas humanas, nos cinco ou seis lustros anteriores, numero maior do que o das arrebataadas pela guerra em toda aquella centena de annos.

Mas não é só no conflicto das armas e ao fragor dos canhões que o genero humano se utilizã dessas bençãos. Cada mãe que transpõe illesa os riscos do puerperio, depois de render as graças a Deus, lhe dirigiria uma oração por esses bemfeitores ignorados, se soubesse o que lhes deve. Elles emanciparam da morte a maternidade. As casas a esta consagradaes eram, outr'ora, devastadas pelas infecções puerperaes. Pasteur descobriu a procedencia dessas contaminações funestas, identificando o microbio, que as determina, e, mercê desse invento, um systema de cautelas protectoras, moldadas nas leis da medicina preventiva, acabou para sempre com esses desposorios sinistros do nascimento com a morte.

OSWALDO E A ERA DE PASTEUR.

Nascendo em 1872, nasceu Oswaldo Cruz, por feliz coincidência, ao alvorecer da era de Pasteur, quando, no oriente do pensamento humano, sobre as alturas luminosas da França assomava esse astro de immensuravel grandeza, cujo signo ainda não cessou, nem cessará de presidir aos destinos da medicina; porque foi pela sua iniciativa, ou debaixo da sua influencia, que se acharam as leis da observação experimental adaptadas á sciencia das lesões da vida organica, seu character, sua origem, seus remedios, e esta alliança cabal da observação com a experiencia é o estado normal e definitivo no conhecimento das verdades naturaes.

PRIMEIROS PASSOS DE OSWALDO CRUZ

Votado á medicina, que já era a profissão de seu pae, e em que se laureou doutor, ultimando, precisamente aos vinte annos de idade, o curso medico na Faculdade do Rio de Janeiro, a sua these inaugural sobre A vehiculação microbiana pelas aguas, trabalho notado com distincção pelos competentes, começa a dar a ver a propensão das sympathias intellectuaes do joven medico para a microbiologia.

Já então o papel pathogenico dos microbios está scientificamente averiguado pelas experiências de Pasteur, que desde 1877 o deixaram absolutamente demonstrado; e de anno em anno se alarga o ambito desses estudos com progressos cada vez mais deslumbrantes.

Natural era que para ahí se sentisse attrahido o futuro "reformador da medicina nacional", cujo pendore neste sentido entrara a revelar-se desde os bancos da academia, onde, servindo como ajudante de interno de preparador no Instituto de Hygiene, deu á estampa o seu primeiro tentamen scientifico, estudando, no "Brasil Medico", "um microbio das aguas putrefactas encontrado nas aguas de abastecimento da nossa cidade".

Extincto um anno após a sua graduação medica o Instituto de Hygiene, a vocação, nascente, mas já notavel, do joven bacteriologista o leva a estabelecer á sua custa um esboço de laboratorio, onde se entregue ás lucubrações que o absorvem, e principiam a lhe caracterizar a individualidade scientifica aos olhos dos seus collegas

O meo, porém, não bastava á cultura das suas grandes faculdades em um ramo de estudos até então entre nós escassamente explorados. O seu grande centro de attracção está em Paris, na pleiade dos investigadores suscitados pelas lições de Pasteur e por obra do seu espirito creador reunidos na instituição que primeiro delle recebeu o nome.

Allí vae o novo alumno, ainda mal iniciado nos arcanos da grande sciencia, desalterar a sêde na matrix, que o mestre animara com o seu contacto, deixára immortalizada com a herança da sua tradição. Durante mais de tres annos, de 1896 a 1899, a sua vida mergulha no Instituto Pasteur, onde esse demorado tirocinio na companhia dos successores immediatos do excelso iniciador lhe retempera as qualidades nativas na austera disciplina daquelle nucleo de altas investigações experimentaes; e dalli regressa documentando a proficiencia adquirida com a sua memoria sobre as alterações histologicas num genero de envenenamento ainda não estudado a esse aspecto; producção essa já de valor consideravel, que lhe abriu as portas da nossa Academia Nacional de Medicina.

OSWALDO E A PESTE

No mesmo anno da sua volta ao Brasil começa o palz a utilizar os trabalhos do consummado bacteriologista, em que a madureza de saber tanto precede á dos annos Já o seu nome entra a chamar a attenção do governo brasileiro, que o incumbe de ir estudar, em Santos, a peste allí declarada, e traçar o plano de combate á formidavel epidemia, cujos terrorés principiam então a nos amea-

gar. Oswaldo Cruz reconhece para logo o microbio de Versin, certifica a presença da epidemia, e, num relatório cabal, com o desembaraço, a presteza, a segurança de quem pisa em terreno conhecido, formula o systema de providencias, a que deve obedecer a debellação da temerosa enfermidade.

Mas a sua capacidade vae ser posta á prova em theatro maior. A peste, que em 1899 nos entrara o territorio por Santos, já em 1900 lavra nesta cidade. Vae-se crear, no Rio de Janeiro, o Instituto Sôro-therapico, e a Directoria de Hygiene, commettida então ao barão de Pedro Affonso, necessita de um profissional, a quem se entregue missão tão ardua quanto a de nacionalisar entre nós os methodos e processos da medicina pastoreana, encetando a producção, no Brasil de sôro contra a peste.

OSWALDO E O INSTITUTO PASTEUR

Não se acredita que se possa encontrar o homem abalizado para inaugurar aqui essa meíndrosa especialidade, senão no proprio Instituto Pasteur. Quem o dirige, é Emilio Roux, o auxiliar de Pasteur nos estudos sobre a etiologia e a vaccina do carbunculo, sobre a attenuação dos virus, sobre a prophylaxia da raiva, o descobridor, com Bhering, do sôro anti-diphtherico, o collaborador inextinguivel de Metchnikow, de Valliard, de Borrel e tantos outros em trabalhos magistraes sobre a toxina do bacillo virgula e o sôro contra a colera, sobre a serotherapie tatarica, sobre as injecções intra-cerebraes contra o tetano. Que especialista nos indicará essa autoridade tantas vezes consagrada? Escutae-lhe a resposta: "Entre o pessoal tecnico que tenho a honra de dirigir", diz Emilio Roux, "ninguem possui maior competencia do que o dr. Oswaldo Cruz, cuja capacidade e idoneidade scientificas pessoalmente conheci durante o tempo em que lidou no nosso Instituto."

O INSTITUTO BACTERIOLOGICO

Está Oswaldo Cruz, pois, nomeado para fundar e reger o nosso Instituto bacteriologico, nomeado aos vinte e oito annos de idade, e nomeado pelo Instituto Pasteur, por Emilio Roux, em quem delegamos a incumbencia de o designar. O encargo não podia ser mais grave; erigir uma construção exotica em chão de areia nua e raza. Nem cooperadores a que recorrer, nem elementos de que se utilizar. Cultores da bacteriologia ou das sciencias a ella annexas, quasi não os tinhamos. Curiosos ou dilettantes haveria no assumpto; mas quem de veras o conhecesse, não. Força era, dest'arte, que de si mesmo extrahisse tudo:

a instalação material, a direcção technica, a educação do pessoal. Esta, sobre todas, a mais embaraçosa parte da sua tarefa, a criação de todos os seus auxiliares, o inicial-os, adestral-os, consummal-os nos variados misteres de uma instituição como essa, bem se avaliará quanto lhe vae custar.

Todo esse cargo, entretanto, esse peso todo, elle o tem, e não verga. Os collaboradores de que necessitava, do seio lhe vão saindo cabaes no officio delicado. Respiraram a sua sciencia, a sua devoção, o seu enthusiasmo. Abrazaram-se no contagio da sua energia, do seu desinteresse, da sua tenacidade. Já com elle se parecem. Já o reflectem. Já o completam. Poder maravilhoso do mérito, quando os homens o não esbulham do logar, a que a Providencia o destina. Louvado sejaes vós, Senhor, por terdes logrado, em caso tão grave, que tão estranho phenomeno se visse no Brasil.

Desde a sua estrela o novo estabelecimento se assignala como um organ de accentuado progresso. Não se limita a manipular satisfactoriamente os productos conhecidos. O seu sôro pestifugo desenvolve o mais energico poder curativo, rivalizando com os melhores do mundo.

COMBATE CONTRA A PESTE

Aqui e em várias outras cidades brasileiras a intensidade epidemica era então assustadora. A proporção dos mortos para com os doentes se elevava até a setenta por cento. O hospital de Jurujuba, onde se internavam os acommettidos, recebia quotidianamente trinta a quarenta enfermos em gravissimo estado, e, desses, rarissimos se salvavam. Entra em acção o sôro, dobrando-lhe a força o processo clinico da sua applicação, modificado por Oswaldo, com as energicas inculações endovenosas desse producto, que elle introduz na pratica hospitalar. Logo após a mortandade cae de sessenta e setenta por cento a dez e doze. Desce assim a um sexto da sua crueza anterior; resto este que representando os doentes, a quem se acudia tarde, teria de todo o ponto desaparecido se a medicação os soccorresse a tempo.

Nunca se viu improvisação de exito mais decisivo. O serviço que se monta quasi de um repente, desenvolve efficacia inesperada. As modificações introduzidas pela technica allemã na vaccina de Hafkin recebem agora, victoriosamente, a sua primeira applicação. O sôro de Yersin, redobrando em vigor mediante o recurso ás doses macissas por via intravenosa, arrebatá á morte os casos mais desesperados. Tudo obra do arrojo duma consciencia segura do seu saber e inabalavel no seu querer.

A DESRATISAÇÃO

A prophylaxia contra os germens fataes estênde systematicamente as suas operações rigorosas. O piso terreo dos predios se impermeabilisa. Os apparatus saneadores desinçam da pragaria das cevandijas os esgotos, os canos d'agua, os vãos inaccessiveis das casas. Em terra e no mar, dos porões e das galerias pluviaes se rechassa e extermina a rataria, perseguida a cosso em toda a parte.

Não ha nada mais nobre do que a sciencia, nada mais vil do que o rato. Mas ha vilezas, capazes de acarretar horrores.

Esta é das que mais nos repugnam. Mas, com ser uma rasteira e abjecta familia, cobre o globo, e em mais de oitentas generos e novecentas especies enxameia pelo mundo. Vive este a desprezal-a sempre. Eis senão quando nos vem a sciencia provar que não a deviamos ter em desdem e nojo, mas em medo e inimizad_e irreconciliavel. Dessa pestis inquinaria, que, emergindo, no meio da civilização chaldaica, entre o Tigre e o Euphrates, tem atravessado, até agora, debaixo de tantos nomes, todas as épocas, percorrendo todos os climas e todos os continentes, estampando a sua medonha passagem nas letras de todos os tempos, desde Thucydides até Bocacio, desde Bocacio até Manzoni, tragando vidas humanas ás dezenas de milhões, das excursões dessa eterna e tenebrosa matadora chegou o homem, finalmente, a saber que os mensageiros e vehiculos são esses vilissimos roedores objecto ordinario da nossa indiferença ou do nosso asco. Estava reservada ao nosso tempo reconhecer-lhes essa dignidade infernal, e contra elles pregar a cruzada scientifica da hygiene. A desratização passou a ser um programma. Com a necessidade veio o neologismo, criação de Oswaldo Cruz, e, ao mesmo tempo, a reacção, que esse nome designava.

Então se viu que a sciencia está sobranceira em poder a todos os demais poderes, inclusive o dessa especie roaz, ralé innumeravel com que ainda se não encontrara adversario capaz de se medir. Bom era que o exemplo valesse, e o mundo se começasse um dia, de véras, a desratizar, noutras paragens, onde a raça insaciavel dos murideos em generos e especies ainda por classificar, não medra menos vasta nem menos valentemente. Seria preciso extinguir, não só a peste que se acaba desratizando-se os exgotos mas tambem a que se eliminará, quando se derratzarem as sociedades, as republicas e as nações contaminadas. O mesmo Hercules, porém, talvez se não atrevesse a tanto e Oswaldo Cruz, atrevendo-se ao a que se atreveu, não se abalançou a pouco.

A EPIDEMIA TRAGICA

Lembrae-vos do horror, que entr_e nós se generalizou com a apparição da peste indiana. Da minha memória não se desluzirá jamais o quadro tragico da morte de Francisco de Castro e o terror que envol-

veu esta cidade, á noticia de que o oraculo da nossa medicina caíra fulminado pela tenebrosa doença. Dirieis que o horrendo mal, para retransir a todos com a impressão do seu poder irresistível, deixara cair o raio funesto sobre o mais sagrado cimo da sciencia brasileira.

Temia-se, não sem razão, que a hospeda truculenta nunca mais se desquittasse do solo brasileiro. A tendencia, nella habitual, de assentar vivenda, onde uma vez acampou, autorizava o receio de vermos perpetuada a sua odiosa visita e seriamente aggravado o mau nome do Brasil côm a nacionalização de mais uma doença, das peiores que o homem conhece.

O VENCEDOR DA PESTE

Graças a Oswaldo Cruz, removemos esse perigo, vencemos o mais sinistro dos contagios pestilentos, e o Brasil não se inscreveu no rol dos paizes pesteados. Para encher uma vida, não se ambicionaria maior colheita de bençãos e gloria. Mas essa existencia singular começava já transbordando em honra e beneficios inolvidaveis.

A FEBRE AMARELLA

Outros ainda maiores lhe estava reservado por Deus espalhar entre os seus semelhantes e prodigalizar á sua terra. Na campanha contra a peste era de rebater um assalto que se tratava. Outro commettimento ia seguir-se a esse, em que tínhamos, não de nos oppor ao esboço de uma invasão, mas de reagir contra uma conquista consummada: o domínio do Brasil pela febre amarella.

Endemia com surtos epidemicos quasi periodicamente renovados, ou epidemia periodica tendente a estabilizar-se com a perennidade regular das endemias, como quer que se considere (e os autores divergem), reinava esse flagello sobre nós, extorquindo-nos todos os annos um tributo consideravel de vidas, exacerbando-se de quando em quando em vastas erupções, e representando ao longe as maravilhas da nossa natureza como traçoelros encantamentos armados por uma perfida Circe ao incauto estrangeiro.

Das praias africanas veio ao mundo a escravidão negra. Não se sabe se dalli tambem procedeu a febre amarella. No seculo XV era ella quem, nas costas de S. Domingos, fazia as honras da primeira hospedagem a Christovam Colombo, quando, alli desembarcando em 1493, perdeu a maior parte dos seus mareantes, levados pelo que hoje se considera "a mais terrivel das doenças epidemicas do nosso tempo". Já então senhoreava ella o Golfo do Mexico e as grandes Antilhas, que, ainda hoje, compartem, com o Golfo de Guiné, a Serra Leão, o

Senegal, a triste distincção de entre si disputarem o titulo de berço do flagello, e constituirem os focos permanentes da sua irradiação perniciosa.

Os nossos medicos contestavam que elle tivesse entre nós a continuidade característica das verdadeiras endemias, e por isto estão não poucas autoridades estrangeiras. Outra opinião, porém, adoptada por competencias não somenos, pretende que a febre amarella reinava com endemicidade nas costas do Brasil, donde a miude se propagava epidemicamente ás nações convizinhas.

PAIZ DE FEBRE AMARELLA

Como quer que seja, embora o Brasil não estivesse na região xanthogenica, circumscripta, ao que parece, no littoral das aguas antilhianas, entre as costas meridionaes da America do Norte e as costas septentrionaes da America do Sul, o facto é que, irrompendo entre nós desde 1849, o vomito negro nunca mais deixou de manchar com a sua nódoa atroz esta parte do continente americano. Nos mappas organisados em 1817 pelo dr. Gama Lobo a estatistica assignaia, anno por anno, durante os vinte e oito anteriores, a presença incessante da invasão, que, num espaço de cincoenta e sete, até 1908, só nesta cidade matou 59.069 pessoas, roubando-nos, annualmente, aqui só, mais de mil vidas. Calculem-se, agora, as centenas de milhares, devoradas no resto do paiz.

E' um mal de que só a raça negra logra a immundade, raro desmentida apenas no curso das mais violentas epidemias, e em cujo obituario, nos centros onde avultava a immigração européa, a contribuição das colónias estrangeiras subia a noventa e dois por cento sobre o total dos mortos. Conservadora do elemento africano, exterminadora do elemento europeu, a praga amarella, negreira e xenophoba, atacava a existencia da nação na sua medulla, na selva regeneratriz do bom sangue aryano, com que a corrente immigratoria nos vem depurar as veias da mestiçagem primitiva, e nos dava, aos olhos do mundo civilizado, os ares de um matadouro da raça branca.

Mas não é só aos nossos hospedes que ella ameaça, não são elles só os que dizima. Por varias vezes, em 1857 e 1858, em 1860, em 1864, em 1869, o Brasil a transmite a Portugal; e, na America, declaram os hygienistas que elle pode vir a converter-se em fôco de contaminação para o Rio da Prata, para o littoral do Pacifico, até para as Antilhas, além de a projectar, atravez do Atlantico, ora á costa occidental africana, ora aos portos da Europa. Dorme ás vezes, tem periodos, mais ou menos largos, de calma, mas renascendo, após essas remissões, intensa e brava. E quem sabe de que violencia não seria susceptivel, numa das suas erupções inesperadas, se na Europa mesma, em climas não tão propicios ao seu desenvolvimento, epidemias

suas houve assoladoras, como a do começo do seculo dezenove, que só na Hespanha matou mais de cento e quarenta mil pessoas.

Já não ha como escondermos o estygma desastroso, a sua perpetuidade, a sua irrefractabilidade. O convenio sanitario, negociado, sob a presidencia Campos Salles, entre nós e a Republica Argentina, estipula as medidas, que, com o nosso consentimento, a devem assegurar na estação quente, contra a infestação do contagio brasileiro. A nossa Academia de Medicina protesta, os nossos medicos se insurgem. Mas a patriotica indignação não occulta a verdade. O mundo vê no Brasil um paiz de febre amarella. O governo brasileiro o confessa. A medicina brasileira não o pode negar. "Se decia que ir a Rio de Janeiro era suicidar-se"; é o nosso consul no Uruguay quem, agora mesmo, o attesta. Da etiopathogenia do mal ainda nada se sabe. A prophylaxia official debate-se quasi toda na rotina das quarentenas e desinfecções. Tudo ou quasi tudo são palliativos, recursos illusorios do antigo empirismo. Ninguém acredita na extirpação, pela qual todos anelam desesperados.

QUEM É ESTE OSWALDO?

Masahi vem, com a presidencia Rodrigues Alves, inaugurada em Novembro de 1902, uma administração, que, entre os objectos capitaes do seu programma, encarece o saneamento do Rio de Janeiro. O ministro do Interior, o dr. Joaquim Seabra, á cata de um director para a saúde publica, offerece o cargo ao dr. Salles Guerra, que o não accelta, e tem a inspiração de indicar Oswaldo Cruz. O ministro o não conhecia. — "Quem é este Oswaldo Cruz?" Não era difficil mostrar-lho. As informações, de tão autorizada origem, convencem o ministro, que por sua vez, submete a proposta ao chefe do Estado, Nova pergunta. Elle tambem o desconhece. — "Mas quem vem a ser este Oswaldo Cruz?" O seu secretario lho diz, e o presidente acolhe, convencido, o nome preposto.

Não vos admireis de que os nossos homens de sciencia nem sempre sejam conhecidos aos nossos homens de Estado. "Quem é Cuvier?" contam haver perguntado Luiz Felipe, quando lhe deram noticia da morte do celebre naturalista, cujo genio creara a anatomia comparada e paleontologia. "Monsieur Cuvier?", respondeu o corteção de Sua Magestade. Creio que é um dos senhores empregados no Jardim das Plantas". Napoleão III dizem que tambem perguntou quem era Claude Bernard, quando um professor allemão lhe solicitava a honra de ser apresentado ao grande medico francez. "Claude Bernard? Quem é Claude Bernard?" — "É", responderam-lhe, é o sabio mais eminente nos dominios de vossa Magestade".

Oswaldo Cruz não era Cuvier, nem Claude Bernard. Mas já me-

recera a menção honrosa de Emilio Roux, e carregava os tropheus da lucta victoriosa contra a peste indiana. Foi, provavelmente, com estes documentos que o seu collega persuadiu o ministro, e o ministro o presidente de que esse era o homem da oportunidade.

Esse homem tinha o senso da sua vocação, e esta lhe não consentiu hesitar. Aceitou a comissão, e se comprometteu, se lhe facultassem as medidas necessarias, a extinguir a febre amarella, no Rio de Janeiro, em tres annos. O de 1903, em que se estipulou esse pacto, deve inscrever-se em caracteres immortaes na nossa historia como um dos mais aureos fastos desta nacionalidade.

PREDESTINAÇÃO

Decididamente uma especie de predestinação acompanha esta existencia privilegiada. Pela segunda vez, na carreira de Oswaldo Cruz, se desmentem os nossos habitos administrativos e governativos, provendo-se num cargo relevante do Estado, não a mediocridade apadriñhada, mas o merecimento notavel. Em terra onde, nos governos, o cumprimento dos deveres elementares assume grandezas de verdadeiro heroismo, não ha medir louvores ao ministro e ao presidente, que, de modo tão extraordinario, souberam acertar em occasião de tão rara gravidade. Quando mesmo no resto da sua administração não houvesse senão erros, o preço deste serviço e suas consequencias os descontaria todos, ainda com margem.

O COMPROMISSO

Inspirava-se o arrojo de Oswaldo Cruz, precisando termo tão breve á conclusão da sua tarefa, no exemplo da victoria, que logrou, contra o mesmo flagello, na ilha de Cuba, a hygiene americana, durante a primeira intervenção dos Estados Unidos. Elle mesmo o declara, quando no anno inicial do seu exercicio, dando conta dos primeiros actos ao ministerio do Interior, lhe diz que resolvera dar amplo desenvolvimento á prophylaxia especifica da febre amarella, accommodando este serviço á orientação adoptada em Cuba pelos medicos americanos.

A extinção da febre amarella, dizia elle nesse papel memoravel, é uma questão "resolvida". O problema está "posto em equação por experiencias decisivas". "A solução já foi obtida pelos americanos em Cuba". "Nada mais resta, senão seguir-lhes as pisadas" áquelles, que em cerca de dois annos, extirparam dalli uma epidemia, cujo agoite, ha muito seculos, dizimava aquella população. "Não se trata de um ensaio; não, é uma experiencia"; trata-se "de um facto consummado", da "execução de um plano", que, seguido outra vez "dará fatalmente o mesmo resultado". É "uma idéa victoriosa", que já passou "de hy-

pothese' a "facto positivo". O que os americanos conseguiram, não ha razão para que não consigamos". Dêem-nos, pois, os recursos materiaes, "dinheiro e leis, que garantam a execução das medidas", e, necessariamente, iremos ter "ao mesmo fim". Numa palavra: "A febre amarella cessará no Rio de Janeiro, desde que o Congresso forneça os meios, que d'elle dependem. Disponha o governo do dinheiro e das leis que julga necessarias, e a febre amarella, no Rio, será, em breve, um mytho".

Tal a fé inabalavel e a segurança absoluta, com que elle advoga o seu programma de administração, vasado em moldes exemplares, desde o momento do seu accesso ao temeroso posto, em março de 1903. E' que não se trata de velleidades ou imposturas ageitadas, sem base, e uma improvisação apparentosa, mas de convicções robustas, maduras e definitivas.

Quando o chamaram, não lhe passava pela mente possibilidade tal. Mas o seu amor da sciencia e da patria não havia mister de outros incentivos, para que esses estudos o attrahissem, dominassem e absorvessem. Entre os seus collegas não era menos inesperada a nomeação; mas isso porque não são actos dessa natureza, actos inspirados unicamente no bem publico, os que, em geral, entre nós, se esperam dos governos. A classe medica já o conhece, já o admira, já o designa como o especialista distincto, entre todos os nossos, no assumpto. No seio della uma corrente de sympathia lhe saúda a escolha. Não lhe é desconhecido o cultor apaixonado e indefeso de um ramo da medicina tão exigente e severo nos seus requisitos, e austero trabalhador, que, desde a sua volta da Europa, abriu, com as portas do seu laboratorio, rigorosamente montado, as da sua sciencia solidamente aparelhada a quantos o buscaram. Estes não são poucos; são todos os que aqui têm creditos de autoridade nessa bacteriologia, cuja sciencia mal haurida então pelos outros nos livros, só elle bebeu e traz viva das grandes matrizes europeas.

Muito antes de assumir a direcção da saude publica, já exerce Oswaldo uma propaganda ardente das idéas da prophylaxia americana e lhe grangela proselytos entre os moços de então, hoje abalisados clínicos ou mestres consummados, em cujas reminiscencias vibra e reluz ainda o sulco da impressão daquellas convicções acendradas no fóco interior de uma consciencia accesa no lume da verdade e abrigada do erro pela solidez de uma disciplina severa.

Não é que entre os medicos brasileiros não se conhecessem as theses essenciaes da experimentação havaneza: a proveniencia microbiana da febre amarella; a incommunicabilidade immediata do seu germen entre homem e homem; a sua evolução em um organismo intermedio, a sua transmissão exclusiva por esse incubador e a resiliencia especifica desta função num insecto, o *Stegomyia fasciata*, o mosquito rajado.

Theoricamente, já não eram, talvez, de todo novidade essas noções. Praticamente, parece que ellas já haviam, até certo ponto, actuado, nos ultimos annos, em algumas providencias da prophylaxia administrativa, manietada, paralyzada e esterilizada então, nas suas melhores intenções e nas suas resoluções melhores, pela dualidade, que a sciencia em hygiene federal e hygiene municipal, condemnando aquelle serviço, pelas divergencias, pelos conflictos e pelos antagonismos dahl resultantes, a uma verdadeira anarchia, a que poz termo Oswaldo Cruz, consummando assim um dos mais inestimaveis melhoramentos da sua administração incomparavel.

Mas ninguem aprofundara esses conhecimentos, que, theoricos, livrescos e indecisos como se achavam, não podiam inspirar resoluções, nem determinar actos, e, não tendo recebido a devida tempera na technica escrupulosa, na sabia disciplina, na cultura experimental da nova escola, eram incapazes de modelar um plano de acção, organizar um systema e conduzir uma campanha. Esta precisava de assumir vida, precisava de encarnar, no mais estricto rigor da palavra, em um homem, todo elle feito dessa convicção e rigorosamente impulsado a realizal-a pela chamma interior, pela inestructivel energia das vocações apostolares. Oswaldo Cruz era o eleito, que Deus saturara dessa energia, e que se sentia arder nessa chamma, quando, senhor do problema em todos os seus elementos, em todas as suas soluções, annunciou com a mais categorica cêrteza a immediata abollção da febre amarella, pelo systema com que a hygiene americana a banira de Cuba.

A EXPERIENCIA DE CUBA

Essa orientação, alli estabelecida e seguida, em 1901, sob a administração bemfazeja do governador Wood, estribava em tres normas cardéaes; extinguir os agentes vehiculadores do virus; prevenir contaminações ulteriores, insulando os doentes; preservar os sãos da infecção propagada pelos seus transmissores. A execução deessas regras, encetada, em março de 1901, com as providencias essenciaes á sua observancia rigorosa, deu em resultado não se assignalar mais naquella ilha, desde esse anno, um só obito da epidemia, que até ao começo d'elle a devastava.

As experiencias do medico norte-americano Finlay e da expedição franceza commetida a Marchoux e Simond, haviam determinado, de modo exacto, o mechanismo de transmissão da febre amarella. Antes disso Sanarelli em Montevideo e no Rio de Janeiro havia insulado um bacillo característico que reproduzia no conceito do sabio italiano, quando inoculado em animaes de experiencia, os sýmptomas habituaes, e as leções anatomicas da febre amarella; verificações posteriores, porém, recusaram áquelle bacillo o papel específico que lhe attribuirá o descobridor.

Nenhum outro veneno, a não ser o das serpentes ou o dos escorpões, se compara, em intensidade, em rapidez, em acção degenerativa sobre o protoplasma celular, com a toxina icterode, mais energica ainda que a da diphtheria.

Mas o que, sobre tudo, inundou em luz a etiologia do typho americano, foi descobrir-se o papel representado no desenvolvimento do germen e suas qualidades malignas pelo seu transmissor. E' o que já se entrevira desde 1848, mas só acabou de se averiguar cerca de quarenta ou cinquenta annos mais tarde, após successivos estudos, nas Antilhas, em Vera Cruz, em São Paulo, no Rio de Janeiro, coroados aqui, pelos de Marchoux, Salimbeni e Simond, chegando-se então á evidencia de que um insecto hemophago, o *Culex fasciatus*, incubando no proprio organismo o germen amarellico, o communica, do individuo doente ao individuo sã, na plenitude e madureza da sua pernicioso actividade.

Essa theoria da molestia, do mosquito d'igo, reputada hoje "uma das maiores conquistas da hygiene pratica nos tempos modernos", é a que, no primeiro anno do seculo actual, guia a campanha das autoridades do serviço sanitario militar dos Estados Unidos, em Cuba, contra o *Stegomyia*. E de tal maneira esse rumo corresponde á verdade na ordem real da natureza, que, inaugurada a exterminação do perigoso insecto, em fevereiro, logo em março, abril, maio, a estatistica regista apenas dois, tres, quatro casos, expirando a febre então por uma vez até hoje.

OS OBSTACULOS

Oswaldo Cruz confiava tranquillo na eloquencia dessa experimentação capital, corroborada pela do Panamá. Mas aqui, numa immensa metropole de cerca de um milhão de habitantes, onde a tenaz endemia enraizara a sua infecção havia sessenta annos, o empreendimento ia arrastar-se com embaraços incomparavelmente maiores, tanto mais quanto, em Havana e na America Central, estava, real ou virtualmente, em acção a lei marcial, ao passo que, entre nós, as condições normaes da legalidade e da justiça apenas deixavam ás autoridades sanitarias um arbitrio limitado pelas garantias individuaes.

Basta considerar na topographia desta cidade, com a sua agglomeração de montanhas e valles numa extensão de mais de mil e cem kilometros, com os seus suburbios enormes, com a sua viciosa construcção, com a sua natureza tropical, e nos costumes da gente que a povoa em certas camadas sociaes, para medir o atrevimento da empreitada a prazo curto e certo, em que se empenhava o ousado higienista.

A TORMENTA

Foram mares verdes, como diziam os nossos antigos navegadores, e ceus de tormenta assanhada os a que se aventurou o bravo domador da morte, o vencedor brilhante de uma peste, agora a caminho da victoria sobre outra. A reacção dos interesses, ignorancias e preconceitos não conhece limites. No paiz classico da resignação e docilidade, no paraizo da servilidade e indiferença, ronca, desfeita, a procella em bravos estampidos, revolvendo o povo, sacudindo o parlamento, abalando o elemento militar.

A lei a que está ligada a sorte do projecto de saneamento, combatida com indignação, desabrimento e fanatismo, cae no odio das camadas menos cultas da opinião, indigitada aos rancores populares como o Codigo das Torturas. Era um desses temporaes da energia civica, do amor ás liberdades individuaes, do zelo pela dignidade humana, que nas crises nacionaes aqui sempre se invocam de balde, mas que, neste momento, por singular ironia das coizas, desencadeia os seus sopros saneadores contra o saneamento scientifico da cidade.

O caso é de esmorecer os espiritos mais convencidos e arruinar as temperas mais rijas. A imprensa e a tribuna parecem conspiradas contra as audacias da empresa. No proprio selo do governo, a ella sinceramente associado, mas abalado pela violencia desses contrastes, se estimaria que o joven reformador, attenuie os seus methodos, e modere o seu zelo. Até entre os medicos e no selo dos seus alumnos já se não encobrem apprehensões de que as circumstancias do meio venham a burlar, na pratica, o systema das medidas combinadas, não obstante a excellencia dos principios, onde estriba, e o valor dos precedentes, que allega.

NEM QUEBRAR, NEM TORCER

Alma, porém, de "antes quebrar que torcer", Oswaldo Cruz nem torce, nem quebra. A doçura do seu semblante, dos seus sentimentos e do seu trato envolve um coração Intrepido, uma vontade acetrada como a lamina do montante de um capitão de cruzadas. Ceder, não cede. Transigir, não transige. Recuar, não recua. Temer, não teme. Confia, persiste, assegura e quer. Um triennio lhe basta; e, se dentro desse breve espaço não estiver desempenhada com honra a palavra da sciencia, a todos os castigos se offerede: "arrastem-no pelas ruas, entregando-o aos insultos da multidão como o mais vil dos impostores, e o enforcuem numa praça".

Estas palavras exaltadas não lhe exaggeram a situação, antes pintam com exactas côres a atmosphaera da epoca, os perigos reaes do commettimento e as qualidades heroicas da indole, que o esposa

com serena galhardia. Uma convicção talhada assim na rocha, não ha maretas, que não desfaça, nem opposições, que não vença. Está confiança, esta placidez, esta bravura desarma as objecções, as duvidas e os medos. O governo, convencido, já lhe não tolhe a bemfazeja dictadura.

EXTINCCAO DA FEBRE AMARELLA

A experiencia de Havana reproduz-se, com toda a sua severidade, no Rio de Janeiro, melhorada no trabalho de adaptação dos procesos prophylacticos ás novas condições ambientes, aos elementos da epidemia peculiáres á nossa terra, e com o mesmo desenlace, a praga declina, e se esvae para sempre.

Em 1902, não se tendo aberto ainda a campanha sanitaria, o obituario da febre amarella subia a 984 casos. Encetada a sanificação em 1903, já nesse anno descendem os obitos a 584; em 1904 baixam a 289; reduzem-se, em 1906, a 39; em 1908 não passam de 4; e dahi avante não ha mais rastro da terrível doença.

A descenção de 984 em 1902, a 39 em 1906, importa, virtualmente, no cumprimento á risca do formidável compromisso. No contraste destes 39 com aquelles 984 e na celeridade prodigiosa do curso descendente entre o anno de 1903 e o de 1906 está claramente desenhada a extinção total, que apenas em dois annos mais de baixa quasi a zero acaba de se consummar.

ANTES E DEPOIS

O que era a capital brasileira antes da obra de Oswaldo Cruz, o que é depois della, dois factos inolvidaveis o mostram numa antithese da mais eloquenté solemnidade.

Em outubro de 1895 aporta ao Rio de Janeiro o caça-torpedeiras Lombardia, da márinha real italiana, elegendo surgidoiro nas nossas aguas, a cerca de oitocentos metros do littoral. Dois mezes mais tarde, em janeiro do anno subsequente, adoecce de febre amarella um dos seus tripulantes, dahi a dias outro, no seguinte mais tres, posteriormente quinze. Aos 11 de fevereiro enferma em Petropolis o commandante, expirando cinco dias depois, e o navio contaminado, levantando ferro deste ancoradouro, faz-se na volta da Ilha Grande, onde poja em terra, e ao lazareto se recolhe toda a gente de bordo.

Mas o toque da infecção, que está com elles, não os poupa. Os golpes vão-se amudando, cada vez mais numerosos, de modo que, aos 16 de março, os doentes são já duzentos e quarenta, e, destes, cento e trinta e quatro mortos. Na deserta nave apenas estão de guarda vinte homens, no começo incolumes, revezando-se a custo no serviço. Mas

já em 24 de fevereiro só ha onze indemnes, dos quaes cinco, inclusive o medico, perdem a vida. Tremenda hecatombe, em que de uma guarnição de trezentos e quarenta pessoas, mal se salvam cento e seis, e, destas, apenas sete evitam o contagio homicida.

Correm annos, não muitos, o nosso porto recebe a grande esquadra norte-americana, que perlongando as nossas costas, de rumo ao Japão, aqui surge e dá fundo. Dezoito mil homens abriga a soberba frota no bojo dos seus navios. Reina em oheio o verão, e, com elle, o calor tropical de janeiro, lembrando a época, ainda tão visinha, em que esta era a quadra certa da visita fatal. Mas os marinheiros americanos demandam sem sobresalto a nossa bahia, dormem tranquillos no nosso ancoradouro, desembarcam na grande cidade, curiosos das suas maravilhas, seguros na hospedagem com que ella os acolhe.

Oswaldo Cruz asseverou, em Washington, ao presidente Roosevelt que a metropole brasileira está saneada, e que as forças navaes americanas, aqui, não correrim o menor risco. Não correram. A grande armada entrou e saiu illesa, atravez das intensas caimas do estio. Nem um caso de febre amarella nesses dezoito mil homens, entre os quaes bem se pode avaliar o horror do morticinio, em que se não exerceria, annos antes, a tremenda malfetora, que, dos duzentos e quarenta mareantes do Lombardia, sepultou cento e trinta e quatro.

OSWALDO E CAYRÚ'

Já houve quem o notasse. Mas convem que hoje o rememoremos. A obra de Oswaldo Cruz completa, se não restaura, a do Visconde de Cayrú. O veto da febre amarella derogava o acto do ministro da côroa, que descerrara ao mundo as portas maritimas do Brasil. Não basta estabelecer por decreto imperatorio a abertura dos portos de uma nação. Se nessas entradas uma calamidade exterminadora aguarda o forasteiro, para o sobresaltear, e carneal-o, não são portos o que allí se lhe depara, mas emboscadas e matadeiros.

Desde 1849, o accesso naval ás nossas capitães não estava senão entreaberto. A especie de dragão, muito mais formidável do que os monstros mythicos, que dahí em diante se aguarda, mal lhes deixa semiaberto o ingresso debaixo da comminação de morte. Só no começo do seculo vinte é que a salubrificação do Rio de Janeiro, obra do nosso grande hygienista, patentela realmente este palz ao commercio dos outros.

UMA PARCELLA DO DEBITO A OSWALDO

Quando os Estados Unidos, em uma epidemia do typho americano que por elles grassou no derradeiro quartel do seculo dezenove,



perderam, levados por ella, vinte mil homens dentre cento e vinte mil accommettidos, o congresso nacional, estimando em valores pecuniarios a somma do damno infligido á republica, o orçou em duzentos milhões de dollars, ou cerca de oitocentos mil contos em nossa moéda. Ora, adoptada para o calculo a mesma base de preço, tendo-nos morrido, só aqui no Rio, desse mal, em cincoenta e sete annos, cerca de sessenta mil doentes, havemos de concluir, segundo a estimativa americana, que o Brasil, no curso desse periodo, só nesta cidade, perdeu, em vidas humanas, sorvidas na voragem da febre amarella, não menos de dois milhões de contos de réis.

Este o contingente penas desta capital. Addicionae-lhe, agora as parcelas relativas a todas as outras no immenso littoral do Norte brasileiro, desde o Amazonas até ao Espirito Santo, pelo interior desses Estados, e, no sul, através dos mais populosos, como S. Paulo, na metropole estadual, em Santos, em Campinas; addicionae-lhe, e apurae onde não irá parar o total dos milhões de contos de réis, que essa devoradora calamidade nos trago, só em existencias humanas immoladas nas suas matanças.

Isto posto, lançae os olhos sobre a vossa conta corrente com este bemfeitor da patria, mettei a mão na consciencia, escutae em quanto vos ella está suppütando o nosso débito a ésta memoria abençoada, considerae se o poderemos jamais resgatar; e, na insolvencia a que deante della estamos condemnados, vede se, ao menos, do nosso reconhecimento não lhe saberemos erigr um padrão, não banal, não mudo, não regelado, como os marmores, os bronzes, as inscrições mortas, mas traduzido em benevolencia, em ternura, em carinho para com os restos superstites da sua vida, os pedaços sobreviventés de sua alma, os caros destroços do seu coração, mutilados e esparsos em torno da sua sepultura.

AINDA A FEBRE AMARELLA

Nem é, porém, sómente no Rio de Janeiro que elle se mede e arca victoriosamente com a febre amarella. O milagre da capital dentro em breve se renova no Pará, onde o nosso triumphador incruentado, convidado pelo governo estadual a traçar o plano de extincção da maligna enfermidade, se obriga a extirpar-a, em um anno, e em um anno a deixa extirpada.

Ainda em 1900 o Pará era uma das regiões, onde os experimentadores estrangeiros iam estudar esse flagello. Nesse anno a Escola de Medicina Tropical de Liverpool (Liverpool School of Tropical Medicine), mandava áquelle Estado, para examinar a doença no seu meio natural, o Dr. Durhan e o Dr. Walter Myers, ambos os quaes o contrahiram, fallecendo o ultimo dos dois em janeiro do outro anno.

Dahi a dez annos esse lanço do territorio brasileiro já não era theatro das proezas dessa desgraça, e, se sabios do outro continente alli viessem a ter, seria para voltarem, attestando a efficacia eliminadora do saneamento pelos methodos irresistiveis da medicina moderna.

O CASO DO PANAMA'

A ella se deve a construcção do canal de Panamá, a que já se dera de mão como irrealizavel. Irrealizavel, não porque as areias movediças de um deserto, ou as serras de uma cordilheira embargassem o passo á engenharia, nem ainda porque os habitantes lhe creassem embaraços, ou exercitos inimigos occupassem o terreno, mas porque, havia quatro seculos, "o isthmo de Panamá se reputava o tumulto dos brancos".

A terrivel coveira, complacente amiga dos negros e mestiços, lá estava de atalaia, com o vomito preto e o impaludismo. Os hespanhoes, os francezes, os inglezes, atrahidos pela gigantesca empresa de Lesseps, morriam como moscas. Calcula-se que, já antes de a largar elle por mão, "cada metro cubico de terra acolá excavado representava o sacrificio de uma vida humana". A dizima cobrada pela morte era de vinte existencias, no minimo, sobre cada cem trabalhadores. Ainda se não sabia que os agentes de todas essas devastações eram dois microbios e dois insectos.

O MÔNSTRO E O MICROBIO

Os antigos encarnavam em sanhudos ou descompassados monstros o terror da origem mysteriosa de certas endemias, ligadas ás condições geographicas ou meteoricas da natureza. Em um pantano, de cujas exhalações a pestilencia envenena as praias do golfo de Argos, habita a Hydra de Lerna, filha de Typhão e Echiana. No covo de fundas valladas, onde as aguas da primavera, mal escoadas, se encharcam e apodrentam em largos alagadiços, vivem aninhados as aves monstruosas de Stymphalo, genero de harpias, que se pascem e repastam de carne human.

Mas não eram nem os sanguinarios abutres de Stymphalo nem as truculentas cabeças da Hydra de Lerna as que Hércules encontraria hoje nos aguagaes e encharcadiços do Panamá, das Indias Occidentaes ou do Amazonas. Hércules teria de trocar a clava e as setas pelo microscopio e pelos insecticidas. Em vez de frechar harpias e esmagar serpentes, a sua tarefa seria destruir larvas, e exterminar insectos.

MADEIRA E MAMORÉ

O terror do disforme substituiu-se pelo terror do invisível. O infusorio tomou o lugar do monstro, o mosquito o do dragão. Não são os seus exercitos os que o governo dos Estados Unidos manda contra a infecção xanthogenica e a infecção malarica no Panamá: são as suas commissões de hygienistas. Não são os nossos generaes os que o governo brasileiro envia a libertar do inimigo, que as tornava inhabitaveis, ás margens do Madeira e Mamoré: é Oswaldo Cruz.

Os operarios occupadós na construcção da via ferrea Madeira-Mamoré pareciam como os empregados no Panamá ou nas Antilhas, hespanholas e inglezas, antes de saneados. A' violencia da mortandade, ao clamor dos governos estrangeiros, á ruina da empresa, paralyzada na execução das suas obras, acordaram os estímulos do interesse, se não os da humanidade.

A MALARIA

A condição paludosa daquellas regiões denunciava o impaldismo. A sciencia já não ignorava a natureza parasitaria das febres palustres. Já se lhe desvendara a etiologia e o mechanismo do seu processo, analogo ao da febre amarella: um hematozoario, o parasito de Laveran, achado no sangue dos febricitantes, e um intermediario especial, hospedeiro e vehiculo seu, um culicídeo, um anophelino, nada mais que um diminutivo da mosca, um mosquito maligno, incumbido, pela natureza, da sucção, da incubação, da transmissão do germen infeccioso, que extrae do individuo contaminado, para o levar ao incontaminado.

A divulgação desta genesis, cuidadosamente escondida, entre os mais minusculos, mas não menos prodigiosos arcanos do universo, á nossa visão desarmada, veio a ser um dos dois elementos, graças aos quaes a sciencia vingou dar a certas regiões do mundo a condição de habitabilidade, que lhes parecia negada por um contraste inexplicavel com as amenidades, as delicias e as bellezas, de que as dotara o Creador.

ISMAILIA

Ao excavar o canal de Suez, elegeu Lesseps, a meia jornada entre Suez e Porto Saíd, na orilha do lago Timsah, um sitio privilegiado, onde sonhava erigir a capital daquella zona. De um lado a bacía deliciosa dessas aguas, onde as do Mediterraneo se vão fundir com as do mar Vermelho; do outro, a solidão absoluta do deserto. O deserto immaculado e o mar incorruptível.

Garantias de salubridade mais seguras não se cria que pudesse haver. A cidade, porém, que surgira entre esperanças, começa abruptamente a decair. Sangrara-se o Nílo, para lhe dar, em abundância, a água de beber. As sobras desentranham a areia em vegetação, esmaltam de jardins a paisagem. Ismailia sorri na sua frescura e fertilidade como um oásis. Mas do liquido que a rega, das humidades que lhe abeberam o solo, se elabora e desprende a subtil invasão, que a exhaure. E' uma cidade valetudinaria a cidade verdejante. Valetudinaria e morta, lentamente morta de paludismo. Não, lhe valem as honras de porta central, que a sua situação e o seu destino traçado lhe attribuem. O commercio a evita, os habitantes a evadem. O medico da Companhia, no anno de 1900, encontra, entre os seus empregados, 2.250 casos de envenenamento palustre e 2.591 numa população total de sete a oito mil habitantes. "Ils n'en mourraient pas tous, mais tous étaient frappés".

Entram os hygienistas com empenho á lida. Tudo era dar com os insectos suspeitos. Ao cair-lhes nas mãos o primeiro anopheilo, já têm a campanha por vencida. Quando as tamareiras carregam, a doçura dos seus fructos as cobre de enxames desses dípteros, tão guilosos de assucar quanto de sangue humano. Por isso a sasão das tamaras é a quadra da recrudescencia da endemia.

Não ha que hesitar. A prophylaxia defensiva com a prophylaxia offensiva assentam as suas baterias, e logo no anno de 1901, no mesmo em que rompem as hostilidades, o inimigo bate em subita retirada, a malária se reduz a 1.500 casos, para baixar, depois, successiva e acceleradamente, de sorte que tres annos mais tarde, apenas dois casos restam, esses de reincidentes, e de reincidencias são todos que, dahi em deante, com a mais extrema raridade, se produzem. A desaparição do impaludismo já é facto consummado. Em alguns mezes Ismailia se emancipa da endemia, que a matava. Em dois a tres annos o impaludismo primario se extingue de todo em todo, o impaludismo chronico se reduz a um minimo, e este minimo, quasi nullo, tende a cessar. Não pode haver lição mais concludente: "um árido recanto do deserto, que se abastece de água doce em demasia, violenta explosão de uma epidemia malarica, campanha methodica de prophylaxia, extincção total do impaludismo."

TRIUMPHO E SACRIFICIO

A intervenção de Oswaldo Cruz nas regiões amazonicas do Madeira e do Mamoré não corre menos triumphalmente. Já então lhe mínam a saúde as lesões impiacaveis, que o arrebataram depois á sciencia e á humanidade. O coração e os rins, abaçados pelo excesso dos trabalhos, pela pressão das responsabilidades, pela amar-

gura dos dissabores na sua tempestuosa campanha contra a febre amarella, já não bastam ás exigencias do seu papel na economia da vida. As Columnas de Hercules do organismo já lhe não asseguram defesa cabal. Mas o intrepido heroe do saneamento do Brasil não se poupa, não leva em conta dias nem annos da sua existencia. Sabe que della não lhe resta muito; mas não o quer para seu gozo: dá-a toda ao bem dos seus semelhantes. Debalde o tentam deter; nem os conselhos dos amigos, nem os sobresaltos, as carícias e os rogos da esposa ou dos filhos o rendem. E' um desses bravos, já sangrados na batalha, a quem o aspecto das proprias feridas e o sentimento da morte imminente dobram ainda o ardor para o combate. Porta-estandarte de uma era de regeneração, havia de fincar a sua bandeira no mais elevado tópo, a que pudesse chegar, dos destroços do mal, bem alta, bem erecta, bem visível ao longe por toda a extensão do futuro.

Não lhe bastava lutar contra a malaria aqui, onde a energia do invencível higienista de mil e duzentos obitos por febre palustre em 1902, a reduz, progressivamente, a cento e setenta e seis em 1911. Se o chamam, a paragens longinquoas, inhospitas e fataes, onde quer que seja, não lhe importam os riscos, irá levar o soccorro, estabelecer o remedio, e deixar o exemplo.

O PROBLEMA DO IMPALUDISMO

A lição deste sacrificio grande e desta victoria ainda maior era necessaria; e ninguem a podia dar com tanta vantagem, não a podendo ninguem dar com tanta autoridade. Porquanto um dos serios problemas do nosso futuro ha-de ser, ainda, a malaria, que, grave no Brasil, se diffunde á larga pelos nossos valles e costas, revestindo fórmias estranhas em certas zonas, como, bem perto de nós, a dessa baixada fecundissima do Rio de Janeiro, a do Madeira, as do Amazonas, especialmente a do Acre, onde as suas variedades vão até ao beriberi fulminante, e os seus parasytos, capazes de resistencia ao antidoto, até agora inconcusso, da quinina, parecem ter o privilegio de se immunizarem á acção delie por uma verdadeira mithriditização.

Mas, ahí, a estrada está, não só traçada, senão aberta pelas tradições e triumphos de Oswaldo Cruz, seus discipulos, sua escola. A chave da questão não se acha na therapeutica, mas na hygiene preventiva. A medicação pode falhar; mas a prophylaxia não falha.

OS DISCIPULOS

Do genio que deu o seu nome a esta era da medicina, já se disse que " a gloria de Pasteur não consiste só no proprio Pasteur, senão ainda em toda essa brilhante escola de sabios e experimenta-

dores, que proseguem na sua obra, e lh'a amplificam". De Oswaldo Cruz o mesmo se dirá.

O Instituto, que hoje se lhe honra com o nome, não é só um laboratório de estudos: é um berço de intelligencias originaes, criado, no começo, pela iniciativa, depois fecundado pela presença o agora aviventado pela influencia sobrevivente do mestre. Admiravel homem de acção, fascinador irresistivel de intelligencias, creador incansavel de almas, suscita as vocações, repassa em coragem as capacidades irresolutas, devassa, na obscuridade e modestia do meiracimento inexplorado, os talentos despresentidos, como o vedor de agua atravez do solo as fontes ou nascentes encobertas, reunindo cerca de si essa constellação de moços laureados, outros tantos mestres, em cada um dos quaes se espelha a imagem gloriosa do modelo: um Carneiro de Mendonça, um Rocha Lima, um Gaspar Vianna, um Eduardo Rabello, um Ezequiel Dias, um Cardoso Fontes, um Figueiredo de Vasconcellos, um Alcides Godoy, um Henrique Aragão, um Arthur Neiva, solicitado pela Republica Argentina, para alli organizar serviços de bacteriologia e hygiene, um Carlos Chagas, cujos primeiros passos na sua carreira bemditosa rutilam com "o maior milagre da medicina moderna", a solução do problema de uma grande infecção brasileira, a sciencia da sua etiologia, da sua pathogenia, da sua clinica, da sua therapeutica, da sua prophylaxia, da sua debellação radical, e a quem o premio Schaudim confere, por uma sentença germanica, as honras do mais notavel dos protozoologistas do mundo.

Deus vestiu das armas naturaes essas intelligencias de escol. Mas só a disciplina de um educador inimitavel de sabios, como Oswaldo Cruz, as podia amestrar, de um modo tão solido e consummado, na sciencia e arte da investigação original, da experimentação exacta, da verificação rigorosa.

O MESTRE DOS MESTRES

Pesquisador extraordinario na actividade, irrivalizavel na tecnica, privilegiado no tino de interpretação, acompanhava com a mesma proficiencia os trabalhos de todos os seus alumnos, em cada um dos ramos do saber cultivados naquella instituição, como especialista, que era, desde os seus vinte e sete annos, quando a inaugurou em todas essas especialidades. Dotado, assim, de uma personalidade robusta e exuberante, assentou as bases da sua escola na consubstanciação do seu espirito com o das suas creaturas intellectuaes; e, constituindo alli com a sua intensidade maravilhosa de acção, no estreito circulo de almas de que se cercou, um verdadeiro apostolado na religião da verdade experimental, as conduziu de trabalhos em trabalhos, de resultados em resultados, de perspectivas

em perspectivas novas, descortinando-lhes os horisontes e habilitando-os a explorar com segurança o terreno dos dominios sem termo abertos pela medicina investigativa aos conhecimentos humanos.

Foi dest'arte que, nos laboratorios daquelle casa, nos seus gabinetes de estudo, nas peregrinações estudiosas dos seus agentes pelas terras mais remotas, mais agrestes e mais insalubres do paiz, ao mesmo passo que collaboravam todos na missão de por todo elle diffundirem a idéas, os methodos e as leis da nova medicina, para ella contribuiam com a obra original, pessoal, nacional dessa escola, cujas lições e triumphos compõem, certamente, o capitulo melhor da nossa historia medica, desde que a começamos a ter.

NACIONALISAÇÃO DA MEDICINA EXPERIMENTAL

Não foi sómente o debellar a peste, a febre amarella e o impudismo. Qualquer destas tres conquistas sobejaria, para eternizar a memoria de um sabio illustre, de um bemfeitor do genero humano. Mas a elle não lhe bastou. Fundara uma escola. Quiz dar-lhe o maior campo de actividade que, creando a medicina experimental no Brasil, lhe podia assegurar, e empregou-a em estudar as doenças brasileiras, ainda mal conhecidas na sua pathogenia, grangeando á sciencia nacional, nesse terreno, uma reputação, que chega a emparelhar-a com a dos mais adeantados centros de cultura hodierna.

Deste modo, no curso desses fecundos trabalhos, determina com exactidão Oswaldo Cruz as modalidades etiologicas e pathogenicas de muitas especies morbidas, reinantes em nossa terra, ou a ella pecculares, bebendo nessas conclusões verificadas copiosos elementos á prevenção e medicação de taes males.

" Na historia da sciencia brasileira"; diz o dr. Oscar Freire, da Faculdade da Bahia, "o nome de Oswaldo Cruz marca uma phase decisiva. O desejo de resolver os problemas nacionaes com elementos proprios, fazendo no Brasil a sciencia para o Brasil, todo se perdia em esforços isolados e esparcos. Preciso era fundar um nucleo, onde se reunissem os elementos de trabalho capazes, e donde se irradiasse para o Brasil inteiro a claridade de uma nova orientação o de novos horisontes. E tal função Oswaldo Cruz exerceu admiravelmente; de sorte que delle, como seu maior titulo de gloria, se pode dizer: "Oswaldo Cruz nacionalisou verdadeiramente a sciencia medica, estabelecendo o principio de que é no Brasil que se devem fazer a medicina e a hygiene para o Brasil".

O MAL DE CHAGAS

E' assim que, por elle guiados, os seus alumnos enriquecem o quadro scientifico da nossa pathogenia com a verificação de mais

uma enfermidade humana, a trypanosomiase americana, o complexo mecanismo da sua pathogenia e o conhecimento do seu agente propagador, um hemiptero superlativamente maligno, mero barbeiro na linguagem da familiaridade popular com o terrível commensal, mas, na sciencia, individuado, com um dos seus mais sonoros nomes, como o *triatoma megistus* de Burmeister.

No tubo digestivo deste insecto, parasyto hematophago vulgar ás margens da Estrada de Ferro Central, onde ia combater a malaria, encontra Carlos Chagas, sob as suas formas evolutivas o *tripanosoma* **Cruzi**, descoberto no sangue do homem ou dos animaes mordidos pelo damninho sugador; e, á luz das investigações que dirige com a pericia magistral de verdadeiro discipulo de Oswaldo se desdobra inteira a nova entidade morbida no seu ciclo completo, desde as visceras do pernicioso hemiptero até ao nosso organismo, de que se apodera, e que reduz á miseria, com as suas terriveis localisações nos tecidos da fibra muscular, no endothelio dos vasos, nos rins, no coração, na glandula tyroide, e as desordens nervosas, as perturbações vasomotoras, as paraliasias, o bocio, o idiotismo, o cretinismo, cujas syndromas lhe assignalam o curso nos individuos inutilizados e nas populações estragadas pela sua contaminação arruinadora.

A ULCERA DE BAURU'

E' ainda sob o influxo dessa orientação inspirada que um dos melhores discipulos de Oswaldo Cruz estabelece a therapeutica da leishmaniose. Eram notorios, entre certas populações brasileiras, os estragos da ulcera de Baurú, abominavel enfermidade, que victima e invalida o homem, quando o não mata, cobrindo-lhe a pelle e as mucosas de largas e repugnantes chagas.

Já se lhe conhecia a natureza, estudada por Lindenberg. Mas é o mallogrado Gaspar Vianna quem lhe descobre e deixa assentado o tratamento especifico mediante as injeções endovenosas de tartaro emetico, já sancionado hoje pelos resultados admiraveis da sua applicação, restituindo-se, dest'arte, com a medicação determinada no Instituto Oswaldo Cruz, á vida e actividade productiva milhares de brasileiros, que esse mal inutilizava, e estendendo-se os beneficios da sciencia brasileira a outros paizes americanos, onde tambem grassa a odiosa doenca.

A VETERINARIA

Illustrando-se assim nos dominios da nossa pathologia e da therapeutica humana, não se descuidou a escola de Manguinhos da veterinaria, que tanto deve aos trabalhos, ás idéas e aos discipulos de

Pasteur. Diferentes vaccinas e sôros curativos, alli descobertos e estudados, vieram beneficiar em larga escala os interesses da pecuaria nacional, dotando-a de recursos contra algumas doenças animaes, que a affligiam, e prejudicavam.

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

O nome do Instituto Oswaldo Cruz, dado, em 1908, ao grande-palacio da sciencia brasileira, da nossa sciencia viva e productiva, attesta o consenso geral da nossa opinião e da do mundo quanto ao papel dominante, creador, soberano, daquella personalidade extraordinaria na origem, na existencia e na gloria dessa instituição, docente entre todas, verdadeira Faculdade, a Faculdade Brasileira de Medicina Experimental, mãe de sabios illustres, mãe dos nossos mais benemeritos investigadores. Num paiz mal conceituado pelo seu desamor ao trabalho, são "trabalhadores de mais de quatorze horas diarias", como o seu director se ensoberbecia em dizer ao nosso governo. Os suffragios das maiores autoridades estrangeiras o collocam lado a lado com os mais celebres institutos analogos da Europa: o de Pasteur em Paris, o de Lister em Londres, o de Koch em Berlim. Já o proclamaram "a maior gloria scientifica do Brasil".

A, exquisita perfeição dos seus trabalhos inexcediveis lhe vale, em 1907, na exposição annexa ao Congresso Internacional de Hygiene e Demographia de Berlim, onde entravam á competencia comnosco cento e vinte oito cidades principaes do mundo; o primeiro premio, que, até então, nunca se concedera alli a nenhum concorrente estrangeiro, e a medalha de oiro, dádiva da Imperatriz d'Allemanha. As suas Memorias, estampadas em dois idiomas e ricas de producções originaes, constituem um dos mais autorisados archivos do movimento scientifico do mundo. Como escola de medicina tropical é a matriz, onde vem beber toda a America latina. Como laboratorio de pesquisas de medicina experimental, de bacteriologia, de microscopia, de serotherapie, de substancias vaccinaes preventivas ou medicatrizes, que distribue com liberalidade por todo o territorio brasileiro, nos assegura absoluta independencia de todo o resto do globo em relação aos problemas de pathologia geral e hygiene, a que está ligada a conservação das nações, seu credito, riqueza e prosperidade.

Esta criação magnifica, estupenda, miraculosa, que mana da influencia pessoal de Oswaldo Cruz como um rio caudaloso do coração de uma fonte crystallina, não teria sido exequivel, se a sua situação na directoria da saúde publica lhe não grangeasse o poder, as occasões e os meios de elevar esse estabelecimento a tão desusada altura. A instituição de Manguinhos e a extincção da febre amarella são as duas filhas gêmeas dessa administração predestinada.

Aquelle homem devia ter nascido com esta missão, para que ella

se lograsse executar com tanta celeridade, harmonia e primor. Quando o Dr. Salles Guerra indicou para aquelle cargo o nome de Oswaldo Cruz, não podla ser senão porque esse era já o eleito da sua classe e o nome consagrado. Naquelle acto havia o duplo merecimento do seu desinteresse e da sua justiça; e é o que reserva a esse nosso distincto clinico uma justa menção de honra na historia do varão illustre, a quem elle deu, dest'arte, a opportunidade providencial de brilhar. Na sua volta do Instituto Pasteur, os nossos bacteriologos daquelle tempo, como Chapot e Fajardo, logo reconheceram em Oswaldo o guia e o mestre. No consultorio da travessa de S. Francisco, onde assentara a sua tenda com Lulz Barbosa e Candido de Andrade, lá o iam ouvir, e lhe buscar o conselho, nos exames ou questões de bacterioscopia, a que o diagnostico então começava a dar a importancia, que tanto depois cresceu rapidamente. Já então ninguem lhe negava ahí a primazia.

UMA PHRASE PROGRAMMA

Trazia Oswaldo consigo todo o saber da escola de Pasteur. Todavia, as suas idéas, sobre a vehiculação da febre amarella pelo mosquito e a sua extinção mediante os progressos da prophylaxia havaneza ainda não estavam assentadas. Mas as publicações medicas americanas, que recebia e devorava todas, não tardaram em o imbuir na evidencia dos soberbos resultados obtidos nas Antilhas com a guerra de extermínio aos insectos, aos quaes a experiência mostrava caber, durante as explosões desse contagio fatal, o tragico officio de portadores da morte; e, nos encontros quotidianos com os seus dois companheiros, o objecto da pratica eram essas noticias, essas leituras, essas victorias da medicina experimental, que acabaram pelo convencer e entusiasmar.

Muitas vezes, então, naquelles colloquios dos tres amigos, como se estivesse adivinhando, sem saber o seu futuro, discutia a applicabilidade eventual ao Rio de Janeiro e ao Brasil, das theorias, experiencias e methodos inglezes e americanos a que se ligavam os nomes de Manson, Rose, Finlay, Reed e outros bememeritos dessa medicina salvadora. Era a epoca heroica dessas experimentações, quando o dr. Lazear, da commissão americana mandada a investigar sobre o assumpto na ilha de Cuba, convencido adepto da transmissão da febre amarella pelo mosquito, para mover á convicção os incredulos, se deixou picar de um insecto contaminado, morrendo em poucos dias da doença contrahida. O ardente bacteriologo brasileiro já não duvidava. Encarava os embaraços com optimismo, respondia com segurança ás objecções, e um dia, por fim, exprimiu a sua confiança, dizendo: "O que precisamos, é um homem sem amigo e um governo de convicções".

PRIMEIRA ACÇÃO DE INFLUENCIA

Dahi veio a resultar que, quando o prefeito Passos, em principios ne 1903, aqui reuniu, numa especie de conselho, em sessões publicas, os medicos e engenheiros municipaes, com o intuito de examinar os melhores meios de sanear da febre amarella esta cidade, entre os demais votos, saturados em geral da rotina reinante, divergiu o do dr. Luiz Barbosa, inspirado nas idéas novas, de que se impregnara na communhão habitual com o seu illustre amigo; e foram estas as que esposou o administrador municipal.

Por incumbencia sua, o dr. Luiz Barbosa as vasou num projecto, que, adoptado por aquella autoridade, se converteu no decreto de 9 de março de 1903, onde a hygiene da municipalidade, inspirada na doutrina americana, rompendo com o systema da preservação pelas desinfecções, estabelecia o de remover o mal, atacando-o nos focos de hibernação e evolução, exterminando-lhe os vehiculos, no mosquito, na larva, nas aguas, nos encharcadigos, nas humidades, nas impurezas, e esboçava, nos acanhados limites da alçada local, um mecanismo gratuito para a execução desse pensamento.

A PHASE PROVISORIA

Já isso era, antecipadamente, como se vê, obra de Oswaldo Cruz, acção da sua influencia creadora; e, quando se lhe entregaram, mais tarde, no mesmo anno, os serviços sanitarios da União, nessa organização embryonaria, composta de medicos e estudantes contractados, é que se lhe deparam os elementos iniciaes da outra. Mercê desse concurso, a que relucta, no começo, a Prefeitura, cedendo por fim á intercessão do governo geral, angaria os meios de vencer os primeiros embarços, recorrendo, já ao pessoal, já ao material da municipalidade, que a administração desta lhe franqueou, autorizando, em abril de 1903, com o decr. n. 415, uma acção combinada, nesse terreno, entre as autoridades municipaes e as federaes.

E' um período vivamente agitado o dessa phase provisoria, em que Oswaldo Cruz centuplica a sua actividade, em que necessita de se aventurar a iniciativas dobradamente energicas, para dominar a rotina dos technicos atrasados, com os quaes tem de lidar, e, jogando com elementos, cuja desharmonia o estorva, desenvencilhar-se de tropeços renascentes a cada passo na execução de medidas essenciaes ainda não juridicamente legitimadas.

A ORGANIZAÇÃO

Só ao entrar do anno subsequente, lhe veio a ser dado pisar terra firme, quando o congresso nacional votou, em 1904, a lei de 5 de



janeiro, que, com o regulamento de 8 de março, deu harmonia aos dois ramos da hygiene, a de aggressão e a de defensiva, reorganizados e coadunados sob a mesma autoridade, recebendo assim o jovem administrador a mais singular demonstração da confiança illimitada, de que já o cercava a excellencia, o tino e a grandeza dos seus primeiros actos.

A LUCTA E O LUCTADOR

Essa lei, pela qual se creou a justiça sanitaria e a engenharia sanitaria, constitue a mais adeantada applicação que nunca se viu dos principios de intervenção do Estado em materia de hygiene. Embora, porém, encontrasse no governo da republica o mais absoluto apoio, a sua obtenção e a sua execução, foram duas luctas dessas em que só heroes não naufragam.

Exigencias tinha a nova ordem de coisas; como a declaração dos casos de doenças infecciosas e, sobretudo, a verificação do diagnostico, contra as quaes até boa parte da classe medica reagia. No congresso nacional, nos quartéis, nas ruas, nos lares, era uma especie de levantamento em massa. Contava-se da esposa de um official, que se armara de carabina, para defender os seus penates contra a invasão dos mata-mosquitos. A tudo, porém, oppoz o director da saúde publica essa mesma inalterabilidade soberana do seu animo bom e justo, com que, na revolta contra a vaccina obrigatoria, se recusava a deixar a sua casa apedrejada pela multidão.

Trepidasse elle ante esses obstaculos, não servissem estes, pelo contrario, para dar ainda mais rigidez á firmeza adamantina, que o caracterizava, e o Brasil estaria hoje onde estava ha vinte annos, malvisto, atrophiado e esterilecido pelas endemias e epidemias, que o vexavam.

O ADMINISTRADOR

Quando se lhe entregou a missão de livrar e desinfecar esta e outras cidades ou regiões brasileiras da insalubridade, que as affligia; quando, especialmente, o governo lhe commetteu a direcção da saúde deste districto, a inveja, zanaga e maninha, a que nunca mingam objecções, para excluir o verdadeiro merecimento, o averbaram de não ter attributos de administrador. Desses predicados só o da experiencia não teria então o homem de actividade, energia e methodo, que, ao imposear-se naquelle cargo, adoptou por lemma dos seus actos a divisa de "trabalho e justiça", as duas condições magicas, de que depende, acima de tudo, a sorte das administrações.

Mas a experiencia, que lhe escasseava, suppriu-lh'a, como que tresdobrada, o genio, o bom senso, a vontade intelligente do bem, a fé, o enthusiasmo, que transporta as almas, que as inspira de clarões ines-



perados na lucta com as difficuldades; e das imprudencias, dos repentcs, das invencões desse inexperiente, a cuja acção directa nada escapava, cujo tino creador acudia a tudo, sob cuja pressãõ tudo se electrizava, tudo se harmonizava, tudo vibrava, resultou a mais completa, a mais extraordinaria, a mais creadora, a mais exemplar das administrações, a que o Brasil tem assistido.

A GLORIFICAÇÃO

O homem que a exercceu, terminou-a coroado pelo consenso geral dos sabios como "um dos grandes benefeitores da humanidade". E' a personalidade, que "representa o Brasil moderno saneado". Delle se disse que, "honrando a sua patria com a extincção da febre amarella, honrou o continente americano". Delle se escreveu que, "com só tentar imital-o, se nos dignifica e enche a vida". Por tel-o produzido, ainda ha pouco, num paiz estrangeiro, se proclamava o Brasil uma "feliz nação".

O mundo scientifico não o conhecia; foi Oswaldo Cruz quem o revelou a esse mundo; e entre o Brasil pesteado, que elle encontrou e o Brasil desinfetado, que nos veio a legar, entre esses dois Brasils, tão diversos um do outro, essa administração mal agoirada pela eterna tacanharia dos praticos se levanta, abençoada hoje por todos, sem mancha, sem declinio, sem medo a rivaes, como uma excepção venturosa, uma antecipaçãõ do futuro, um oasis solitario no seu meio.

QUE SERIA DE NÓS ?...

Que seria de nós hoje, se a Providencia não nol-a houvesse permittido? Que seria de nós, se...? Supponhamos que Deus não houvesse creado o sol... A terra seria deserta, nua, tenebrosa, e os mais planetas, que, com ella, estendem as suas orbitas derredor daquelle disco abrazado, reverberando-lhe os raios luminosos, vagariam, sombras errantes, pelo espaco, á tenue claridade das estrellas. Para o nosso mundo toda a fecundidade, toda a belleza, toda a alegria vem do sol. Grande creador, porém, o sol é, ao mesmo tempo, o "grande putrefactor". Ao calor, emanação dos seus raios, nascem as plantas, nascem os animaes, nasce o homem, surge, respira e se alimenta a vida. Mas, tambem, ao mesmo calor que delle deriva, se desenvolvem todos os processos da morte: as fermentações, as decomposições, as putrescencias. Ao sol riem os jardins, e abrem as flores. Ao sol esfergulham as vermeineiras; e se decompõem os monturos. Aquece-nos o sangue; mas, ao mesmo passo, aviventa os germens, que nol-o destroem.

Entre essas duas funcções a ignorancia não sabe discernir, e aproveitar. A sciencia as discrimina e utiliza. Com a ignorancia o sol torra, derranca, e mata. Com a sciencia o sol fecunda, preserva e cura.

Se Deus nos não suscitasse a missão de Oswaldo Cruz, o Brasil teria o mesmo sol com a mesma exuberancia de maravilhas, mas o sol com a peste, com o impaludismo, com a febre amarella, com a doença do barbeiro, com a ulcera do Baurú, com todas essas desgraças, até então irremediaveis, que esse homem, superior ao seu tempo e ao seu paiz, deixou extinctas ou em via de se extinguiem. Dar o sol, e não dar a sciencia, é deixar apenas meo sol, ou um sol mallogrado, o sol com a doença, a esterilidade e o luto. Deus nos havia dado os beneficios do sol tropical. Com Oswaldo Cruz nos deu os da sciencia, que o corrige. Podemos congratular, agora, de termos o sol estreme dos seus descontos, o sol sem as suas malignidades, o bem logrado sol dos paizes saneados.

THE RIGHT MAN

Tudo isso, porém, o devemos a uma circumstancia, a um momento: a adequada escolha do homem para o logar. E' o que não se faz quasi nunca no Brasil. E' o que, fazendo-se no Brasil uma vez, fez, sob certos aspectos capitães, de um Brasil decadente, retrogrado, paralyzado, um Brasil em reabilitação e progresso.

Se o dr. Salles Guerra não houvesse recusado o convite, indicando, em seu logar, o especialista capaz, ou o governo Rodrigues Alves lhe não accettesse o nome suggerido, o paiz continuaria, não se sabe até quando, ferido mortalmente no seu credito, na sua producção, no seu commercio, na sua colonização, na sua riqueza, na sua vida pelo justo renome de insalubridade — que nos enxovalhava. Por ahi se poderá medir, ante a mais solemne das lições, quanto releva a uma nação guardar o respeito ao merecimento.

A regra ingleza é a da capacidade: *the right man in the right place*. A regra brasileira, a incapacidade: *the wrong man in the wrong place*. Não buscamos os homens para os logares; buscamos os logares para os homens. Os preparados são os despreparados: os despreparados, os preparados; os competentes são os incompetentes; os incompetentes, os competentes.

O LATROCINIO DAS POSIÇÕES

A este veso chamamos nós administração. Latrocinio lhe chamava o padre Vieira. "Querem saber os reis", dizia elle, "sê os que provêm nos officios, são ladrões, ou não? Observem a regra de Christo: *Qui non intrat per ostium, fur est et latro*. A porta por onde legitimamente se entra no officio, é só o merecimento: e todo o que não entra pela porta, não só diz Christo que é ladrão, senão ladrão e ladrão: *Fur est et latro*. E porque é duas vezes ladrão? Uma vez porque furta o officio, e outra vez pelo que ha-de furta com elle. O que entra pela porta,

poderá vir a ser ladrão: mas os que não entram por ella, já o são. Uns entram pelo parentesco, outros pela amizade, outros pela valia, outros pelo suborno, todos pela negociação. E' quem negoceia, não ha mister outra prova; já se sabe que não vae a perder. Agora sorá ladrão occulto, mas depois ladrão descoberto, que essa é, como diz S. Jeronymo, a differença de fur e latro."

Palavras do celebre orador na predica do Bom Ladrão, ouvida, em 1655 (ha muito mais de dois seculos) na Igreja da Misericordia de Lisboa, reinando El-Rei nosso senhor. As portas de entrada aos cargos publicos eram, pois, absolutamente as mesmas que elle hoje teria de enumerar, se estivesse orando, em 1917, nalgum pulpito do Rio de Janeiro; o parentesco, a amizade, o suborno, a valia, nome com com que se indicava, não o valor, mas o valimento, a protecção, as cartas, o empenho, como hoje dizemos. "As mercês não significam valor, senão valia", deplorava o excelso pregador, como nós hoje o deploramos.

E' o que os ministros do altar, nos templos, em pleno despotismo, diziam aos ministros do soberano absoluto. Quer-me parecer que, se a realidade é a mesma, do homem publico, hoje, não se ha-de-negar direito de o dizer, em plena democracia, aos intituídos orgams do povo soberano.

Naquelle tempo naturalmente se acreditava que as valias, valimentos e valedores constituam um vicio peculiar ao arbitrio das autocracias. Depois se viu que as constituições mudam os nomes, mas não a substancia ás coisas, e que, nas republicas mais amodernisadas as privanças, os nepotismos, os compadrios podem ter o mesmo sabor de actualidade que nas mais boioentas monarchias.

O que sob o caruncho das velhas realezas gozava de mais foros do que sob a chibança das republicas mais frescas, é a liberdade moral da palavra humana. Quem, com effeito, me não increparia de exceder as legitimas raías da tribuna, se eu hoje, em pleno seculo vinte, puzesse, como Vieira em pleno seculo dezeseete, o labou de ladrões e ladrões aos que entram aos cargos publicos, não pelas portas deanteiras, da lei e do merito, mas pelas trazeiras da mediocridade e do patronado? Todavia, o baldão encerraria muito mais estricte verdade agora, quando os governos fazem de ministros dos povos, do que naquelle tempo, em que o Estado e seu patrimonio se absorviam no throno e sua vontade.

ODIO AO MERECEMENTO

Quando o tribunal revolucionario, em 1794, condemnou Lavoisier ao cadafaiso, o presidente dessa justiça de guilhotinadores, recebendo pedidos de sobreestar na execução da sentença, despachou que a republiica não precisava de homens de sciencia, "la république n'a

pas besoin de savants"; e o iniciador da chimica moderna, carregado de serviços á patria, recebeu a morte reservada por ella aos seus inimigos, não merecendo, sequer, a rasa inscripção do proprio nome na muda loisa, que lançaram sobre o corpo do justicado. Dahi a dois annos a França ia penitenciar-se naquella sepultura, qualificando-se então a morte de Lavoisier como attentado maior do que a de Luiz XVI.

Mas nem por isso deixa de haver, até hoje, republicas, onde, não se podendo matar os homens de sciencia no cadafalso, matam-se, ou se inutilizam (o que o mesmo vale) com o desprezo, o esquecimento, a preterição, o abandono, a malignidade, a detracção, o odio, a injustiça, sob as mil fórmãs que a desnudam, rebaixam e envenenam.

Se deste modo só se estrangulasse a justiça nos individuos, cabeça por cabeça, tirando-se a cada qual o logar do seu direito, tanto bastaria, para revoltar a consciencia humana. Mas essa habitualidade na injustiça empeçonha o ambiente moral, corrompe as nações, desonestas os governos, e arruina os Estados. A desvalorização da capacidade tem por consequencia a desestimação do trabalho. A mocidade se abastarda, se desbria, se enxovalha, desertando o estudo, e desamando as causas generosas, para se alistar na turba dos postulantes, e esfervilhar entre os cortezãos. Com a justiça postergada se vae o estímulo, com o estímulo a vergonha, com a vergonha a moralidade, com a moralidade a compostura, com a compostura a ordem, com a ordem a segurança, e rapidamente, como em todo o organismo vivo debaixo da acção dos grandes toxicos, a sociedade se desorganisa, decompõe, e dissolve.

Cada competencia que se rejeta, cada merecimento que se desdenha, cada genio, cada talento, cada saber, que se recusa, que se desgosta, que se persegue, negando-se-lhe honras, premios e cargos, para se distribuirem, como librés, a validos e ociosos, a ignorantes e nullos, é um valor de cultura, um valor de producção, um valor de riqueza, que se subtrah á fortuna do paiz, e de que se priva o thesouro geral da humanidade. São actos de espendicio, dilapidacção e loucura, com cada um dos quaes ninguem sabe quanto vae perder a nação e o genero humano.

Se as commissões incumbidas a Oswaldo Cruz se entregassem a outrem quando não existia, no Brasil, ninguem como elle taihado exactamente para ellas, a nossa patria e a especie humana teriam perdido, estariam perdendo, e haviam de perder ainda, em beneficios, toda essa immensidade, que lucraram, estão lucrando, e hão de lucrar com a extincção da peste, da febre amarella e do impaludismo.

A LIÇÃO DA GRANDE EXCEPÇÃO

Neste caso vimos acatada a justiça e, com a observancia da justiça, é incalculavel a riqueza, que se ganhou, se ganha, se ganhará

indefinidamente em vidas humanas, em actividade, em forças productoras. A hygiene brásileira transformou-se, converteu-se num verdadeiro poder, e, nos seus dominios, elevou o paiz a uma altura desconhecida. Ninguem nos excede nos productos, nos serviços, nos melhoramentos, nas condições de civilisação, que a nossa sciencia saneadora, encarnada no Instituto Oswaldo Cruz, hoje representa.

Imaginae agora que não seria, a outros respeito, o Brasil todo, se nos demais ramos da administração, se nas demais esferas do Governo, se repetisse aquelle caso, se o paiz fosse entregue ao merecimento, se as posições cubessem ao trabalho, á capacidade, á honra, se os velhos dessem aos moços os exemplos da temperança, da consciencia e do desinteresse, se nos deliberassemos, em summa, a estabelecer a hygiene moral da republica, obedecendo á mesma lei de selecção dos capazes, a que se deve o nosso glorioso triumpho na lucta sanitaria contra as tres pestes.

NA UTOPIA

Mas senhores, não nos transvilemos por intermundios da Utopia. Onde me não parece que valha a pena de imitar a Santo Antonio, é nisto de sermonar a peixes. Creaturas que nasceram para ser devoradas, não aprendem a não deixar-se devorar. Não. Sanear um territorio já será obra para gigantes. Sanear uma epoca, um regimen, uma nacionalidade não é commettimento accessivel nem dos Briareus de cem braços, nem aos Prometheus armados com o fogo do céu.

Doenças ha, de que nos curam os medicos, outras de que só se curam os doentes a si mesmos. Neste genero estão as mazellas e gafairas moraes dos povos. São males, a que não ha medicamento na botica, e de que só se livra o padecente a si mesmo, quando tem resistencia no organismo e energia na vontade, para desconfiar dos medicos, não se entregar aos curandeiros, e buscar em si proprio a sua cura. As nações doentes, que não dispõem desse vigor d'alma, têm apenas o seu territorio por menagem, e não são livres senão á maneira dos lazarentos, que não cabem na gafaria, e transbordam para as colonias de leprosos. Esses grandes enfermos não sei se serão curaveis. Mas, quando o sejam, não ha-de-ser com remedios formulados nos Codigos officiaes, nem pelos galenos costumados a viver das chagas do cliente.

TERRA A TERRA

Porém, já que sobre os problemas desta hygiene superior, da hygiene d'alma nacional, ainda não vemos assomar o dedo de Deus, ao menos quanto aos da hygiene do territorio brásileiro, quanto aos da hygiene da vida physica, no dominio da qual se nos deu obter resul-

tados tão portentosos, conservemos e desenvolvamos as vantagens alcançadas. Ahí a questão está resolvida, mas a solução não se acha concluída. Manguinhos, esboça essa conclusão; mas ainda a não esgotta. Quando os discípulos de Oswaldo, segundo um delles nos narra, mostravam ao mestre inquebrantavel o quebrantamento das forças dos seus assistentes, a resposta do grande saneador era um rasgão de sol nas nevoas do horizonte: "Para executar os meus planos antigos, já não conto muito com a velha guarda. Ella compriu o seu dever. Eu pensava na gente nova, que lá está, a qual levantaria Manguinhos até mais alto".

O CORAÇÃO DA NOSSA HYGIENE

E' que Manguinhos constitue, naturalmente, o centro inexpugnável das operações da grande offensiva e defensiva contra a insalubridade em todo o Brasil. Allí está o coração scientifico do poderoso organismo, cujas leis Oswaldo Cruz deixou traçadas. Esse organismo abrange na sua influencia, no seu exemplo, na sua escola, na sua acção multipla, nas suas missões de execução toda a nossa terra; e onde quer que se revele uma necessidade, um risco, uma invasão do inimigo, o choque ha-de reflectir-se no musculo central e no cerebro pensante, para dalli retornar, com a idéa, a medida e a solução invocada.

Desappareceu d'entre nós Oswaldo Cruz. Mas a sua criação está viva. O seu genio não a deixou. Deus chamou a si o seu emissario. *Ascendit Elias per turbinem in coelum.* Mas o espirito de Elias descansou em Eliseu. *Requievit spiritus Eliae super Eliseaum.* A successão estava designada pela necessidade inevitavel das coisas. O manto da investidura official não veio senão reconhecer a sagração já consummada. Carlos Chagas ascende á cadeira do mestre com todo o prestigio da grande herança. Da instituição em que succede ao fundador, se domina todo o campo da hygiene brasileira. Se Pasteur não errava em chamar "templos de futuro" aos laboratorios da sciencia experimental, naquelle está o santuario, cujos oraculos os nossos governos devem ir solicitar para a conservação e integração da obra immensa, allí centralizada.

A OBRA FUTURA

Os dominios da malaría entre nós ainda são tão vastos quanto o curso dos nossos rios e as depressões dos nossos valles. Em varios dos nossos Estados ainda agora é notoria a presença da febre amarella: Nas terras de Minas e Goyaz, em vastas regiões de Matto Grosso, do Maranhão, do Piahy, da Bahia, "domina infrene o mais temeroso dos flagellos epidemicos dos sertões, a molestia de Chagas". Populações inteiras de individuos baçados, hebetados, crétinizados, entreva-



dos por ella habitam as sinistras zonas do barbeiro, contra cujas devastações não me consta que já se encetasse, ao menos, como ensaio, a campanha preservativa tracejada pelo grande alumno de Oswaldo Cruz. Situações notavelmente saudáveis, climas de excellencia conhecida apresentam, largamente derramado, nas populações urbanas e ruraes, o estygma da ankylostomiase, mal não custoso de vencer, mas abandonado á sua acção inanidora sobre a vida e o trabalho humano. Escriptores e medicos nos descrevem apavorados um "inferno verde" nas regiões amazonicas, um "inferno sêcco" no nosso nordeste, um "inferno central" nos sertões de Minas e Goyaz, em paragens que a natureza ornou de todas as bellezas, e as infecções reinantes mergulham em todos os horrores. Tãntos infernos no mais maravilhoso dos paraizos.

E' todo um mundo, nessa vastidão incalculavel de necessidades, estudos e providencias, o que estes factos nos descortinam, um mundo bastante para justificar, a nosso respeito, o sentimento de espanto, com que ha sessenta annos, Littré, num dos seus escriptos medicos, se admirava de que nos Estados civilizados não houvesse um ministerio especial da saúde publica. Eu, que, ha trinta e cinco annos, propugnava a criação, no Brasil, do ministerio da instrucção publica, não hesitaria hoje, quando a hygiene assume entre nós essa importancia avassaladora, em votar com Littré pela consagração de um ramo central do governo a este serviço, se, neste paiz, as secretarias do Estado se creassem, para se occupar com os assumptos, que lhes dão os nomes.

Mas esses males, de assoberbadora grandeza, dominantes ainda no campo das reformas que Oswaldo Cruz inaugurou com trabalho de Hercules, devem persuadir-nos a que não durmamos sobre nossos loiros. O que está por acabar, é ainda muito mais vasto do que o que elle deixou acabado. A immensidade, porém, do que elle acabou em tão breve espaço, tendo que improvisar tudo, nos deixa ver quanto iremos acabando, se o continuarmos com a mesma inspiração, a mesma valentia e a mesma perseverança. Este é o verdadeiro monumento, que com a sua memoria condiz, a verdadeira gratidão, que lhe devemos.

"SEMPRE AVISADOS, MAS NUNCA PREVENIDOS"

O Brasil é um paiz de esquecimento e negligencia. Pouca memoria, menos attenção e nenhum cuidado. Parece que o achaque nos vem de nascença e já vagia connosco no berço; pois, ha mais de duzentos e cincoenta annos, prégando no Collegio da Bahia dava retrato o padre Vieira desta mazella como velha e incorrigivel na terra, comparando os nossos desastres, pelo costume de não fazermos conta dos avisos, aos de Troya e Sodoma. Volvo ao prégador, porque é palavra sagrada. Salu de um templo: não tem laivo de paixões terrenas.



"Eis aqui", bradava a grande voz da igreja, "eis aqui, nem mais nem menos, o fado ou desenfado do nosso Brasil: sempre avisados, mas nunca prevenidos. Lançae os olhos por todas as praças, que temos perdido desde o anno de 624 até o presente, e nenhuma achareis, a que não precedessem avisos, e muitos avisos. Antes de se tomar a Bahia, duas barcas de pescar com cartas d'el-rei, que pela novidade da embarcação fizeram o caso mais mysterioso e o aviso mais notorio; um mez antes a mesma capitania da armada hollandeza sobre o morro, que nós mandou avisar pelos prisioneiros de Angola; e nós com a praça aberta, sem fortificação, nem trincheira, como se nos preparavamos, para entregarmos a cidade, e não para a defender; e assim foi. Pernambuco da mesma maneira. Tantas cartas d'el-rei antecedentes, tantas noticias de Hollanda, que haviam de vir, e nomeadamente que haviam de entrar por tal parte. Depois de partida a armada, avisos de Portugal, avisos de Cabo Verde que já vinham, que já chegaram; e nós a cortar canas, a moer engenhos, como se fôra nova de alguma grande frota, que vinha a carregar de assucars; é assim, o mesmo foi desembarcar que serem senhores da terra. Desta maneira se perdeu Pernambuco, desta maneira se perdeu a Bahia, e todas as outras praças menores, por este caminho as perdemos; nunca accommettidos de subito, nunca tomados de repente. Perdeu-se o Brasil como se ha-se perder e acabar o mundo".

O mundo acabará de surpresa, ainda que muito avisado (continua o missionario), por não escutar nunca os repetidos signaes do ceu. "Tal aconteceu sempre no Brasil", diz elle. "Nenhuma nova tão certa, que não tivéssemos uma esperança, para que appellar; nenhum aviso houve nunca tão qualificado, que não tivéssemos um discurso, com que o desfazer. Que está acabada a companhia de Hollanda; que França não os pôde hoje assistir; que Dinamarca tem guerras apregoadas; que baixa com grande exercito o imperador; que os tem mui apertado o cardeal infante; que se desbaratou a armada, que mandaram a Indias; que não ha um hollandez em Amsterdam, que queira vir ao Brasil; finalmente, que estão perdidos, que estão acabados, que estão consumidos. E, quando nos não precatamos, ouvimos soar as trombetas hollandezas por esses oiteiros; acham-nos descuidados e despercebidos, tomam-nos as nossas terras, e deixam-nos os nossos discursos".

Tal, concluía o padre, "o natural descuido nosso" e "o clima ou os peccados do Brasil". Dois seculos e meio vão passados, senhores; mas "o natural descuido nosso não passou, não passaram "os peccados do Brasil", não se lhe mudou "o clima". Eternamente descuidados. Eternamente surdos a todos os avisos. Eternamente desgostosos dos avisadores. Desleixo, imprevidencia, volubildade. Não aprendemos do passado, não nos incommodamos com o presente, não cogitamos no futuro. Assim vamos vivendo e medrando, como vive e medra

a nossa natureza, despreocupada na inconsciencia das coisas. Do imprevisto nos gozamos, embalando-nos nas suas surpresas. Temos nos nossos orçamentos liberalmente consagrado o melhor do nosso sangue á montagem da machina da guerra, Mas, se esta nos bate ás portas, vamos dar com a machina de todo ponto desmontada. Não ouviriamos hoje "soar por esses oiteiros as trombetas hollandezas" como nos dias de Vieira. Mas, se por terras nossas resoasse o clangor do bronze inimigo, não nos encontraria mais apercebidos hoje do que ao tempo, em que os nossos maiores recolhiam a safra dos cannaviaes e molam engenhos de cannas, emquanto as frotas de Hollanda nos ameaçavam as costas. "Sempre avisados, mas nunca prevenidos". Taes em 1917 quaes em 1641. Taes no seculo vinte, quaes no seculo dezesete.

O MILAGRE

Demos graças ao Senhor, por haver permittido um dia que, ao menos, contra uma especie de inimigos e perigos nos precatássemos, e por nos ter dado o gigante para a organização dessa defesa, movendo os homens, que nos governam, a não o rejeitarem, nem lhe regatearem os meios de uma acção creadora. E' o que o celebre prégador chamava "o filho do milagre de Deus".

Este homem, "feito de affoiteza e prudencia, de imaginação e ponderação, de intuição e critica", como Pasteur, era, como Pasteur, "uma vontade obstinada, um vigor seguro de si mesmo, uma fé capaz de levantar montanhas". A esses attributos do seu character, não menos do que ás qualidades superiores da sua sciencia, se deve a gloriosa consummação da sua obra. A independencia no espirito necessita de ser servida pela independencia na acção.

Antes de entrar no cargo, já se révelara elle o homem dessas qualidades, entre nós raras, quando, annunciada a nomeação, para si, de um secretario, sobre cuja escolha não fôra ouvido, posto recalsse em nome digno, salvou desde logo a sua autoridade, impondo o eleito da sua confiança. Depois esses predicados se accentuaram, cada vez mais, na sequencia dos seus actos, com tal irradiação de superioridade, com tamanha exhalação de calor, com uma intensidade tal de convicção, de segurança, de poder galvanico, que, ao cabo de um anno, todo aquelle pessoal, toda aquella administração, todo aquelle serviço, se movia como um só homem; como um instrumento inteiriço e vivo, como os seus proprios nervos e musculos, debaixo da acção da sua vontade, realizando; nas mãos do mais novo, mas do mais notavel dos administradores, a mais creadora das administrações.

O PATRIOTA

Mas, nesse coração, aparentemente absorvido e consumido no amor da sciencia e no amor da humanidade, não era menos vibratil



a fibra do civismo. Sua visão não se estreitou no círculo visual do microscópio. Sentia a relação necessária entre os interesses da sciencia na sua autoridade, na sua sinceridade, na sua utilidade, e a observancia dos principios da ordem social. Amando a patria, amando a liberdade, não perdia de vista os negocios do paiz; antes os seguiu com o discernimento, o zelo e as emoções de uma consciencia desinteressada.

"Quanto a aventura boulangista ameaçou subverter a nação com o quadriennio fatidico que nos assolou", diz um dos seus discipulos em eloquente homenagem á memoria do mestre, "o echo da campanha civilista chegou ao remanso de Manguinhos, arrancando-nos da indifferença com que encaravamos as manifestações da politica nacional. O proprio Mestre agitou-se, e esteve na imminencia de se alistar elector. Quando o cataclismo desabou sobre o paiz, e o pessimismo se asenhoreava de todos, elle não dsanimou um só momento, e, cheio de fé, repetia: "Os gloriosos destinos do Brasil são infinitamente mais poderosos que quatro annos de desgoverno".

Se alguém houvesse auscultado o sussurro desse coração nos transees do passamento, não me engano, creio eu, em suppor que lhe perceberia a mesma tristeza de Pasteur, quando, aos quarenta annos de idade, ferido de uma hemiplegia, a que cuidou succumbir, lhe afiorou aos labios esta queixa: "Tenho pena de morrer: queria prestar ainda mais serviços á minha terra". E ainda os prestou; porque só vinte e sete annos mais tarde, aos setenta e tres da sua vida, acabava a carreira mais gloriosa da sciencia no seculo passado.

Oswaldo pouco mais de metade do lapso dessa existencia viveu; e, quando fechou os olhos, aos quarenta e dois annos de nascido, a carreira, que tão cedo encerrava, já era a mais bemfazeja da sciencia brasileira em toda a historia da nossa nacionalidade.

Mas os serviços de taes homens não se medem pela extensão da sua passagem terrestre, nem pela somma de beneficios que dos seus actos, durante ella, colheu o genero humano. A grande obra dos bemfeitores predestinados está na illimitada sobrevivencia della aos seus autores, que do seu proprio trespassse revivem todos os dias nos frutos do bem, que plantaram, na corrente de bençãos, em que se desentranha a vida ephemera dos mortaes, para a continuarem, atravez de seculos e seculos, em caudaes de benevolencia e caridade.

Aos salvadores de homens, suscitados pelo céu, o inferno contrapõe os exterminadores de homens. Mas, embora estes passem, carregando na torrente de sangue dezenas de milhões de victimas, maior, muito maior, sem comparação maior será sempre, na serie incessante dos tempos, a seara de vidas, que o genio dos semeadores da sciencia arrebata á voragem da nossa mortalidade, e a messe de almas consolidas que elles salvam das agonias do soffrimento.

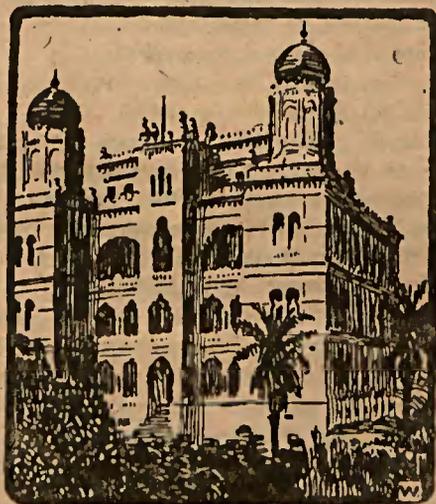
Coube a Oswaldo Cruz a ventura extraordinaria de ser um desses raros eleitos, um desses levitas do sacerdocio consagrado á diminui-



ção dos padecimentos humanos. Essas criaturas amadas e bemditas, como-eile, devem os milagres da sua obra á acção desse deus interior, o Enthoon do enthusiasmo, bella palavra "uma das mais bellas dos nossos idiomas", mas infinitamente menos bella do que o sentimento, que traduz, a paixão das grandes inspirações, das grandes aspirações, das grandes abnegações, o heroismo do trabalho, da justiça, e da verdade.

Ninguem o teve maior do que esse Pasteur, o Mestre de Oswaldo, que, commemorando, na Academia Francesa, a obra e a santidade humana de Littré, dizia, em palavras de uma transparencia immaculada: "A grandeza das acções humanas se mede pela inspiração, que lhes deu o Ser. Feliz de quem traz em si um Deus, um ideal de belleza, e lhe obedece: ideal de arte, ideal de sciencia, ideal da patria, ideal das virtudes do Evangelho. São esses os mananciaes vivos dos grandes pensamentos e das grandes acções. Todas ellas, todos elles se alumiam dos reflexos do infinito".

RUY BARBOSA



UMA AMIZADE TRADICIONAL

BRASIL-ESTADOS UNIDOS

1822-1916

IX

PROPOSIÇÃO DE NOVO ACCÔRDO DE PAZ, AMIZADE
SOBRETUDO DE COMMERCIO
(1851)

Desembaraçado da letra dos primeiros tratados, cuidou o Brasil de seguir uma política de reciprocidade com todas as nações, sem se prender por nenhum texto convencional.

Quería ter mãos livres. Paz nova, precisava tê-las, para sua melhor orientação no commercio mundial.

Dous decretos do anno de 1844 tinham adoptado essa politica.

O primeiro, de 20 de Julho, determinou que "as embarcações das nações que cobrassem, sobre navios brasileiros, ancoragem ou quaesquer outros direitos de porto maiores do que pagavam seus proprios navios, ficariam sujeitas, nos nossos portos, a mais um terço da ancoragem estabelecida". O segundo, de 12 de Agosto, preceitua que "um direito differencial fosse tambem arrecadado nas alfandegas do Imperio sobre as mercadorias importadas em navios daquellas nações que cobrassem, sobre quaesquer generos importados em seus portos, em navios brasileiros, maiores direitos do que se fossem importados em seus proprios navios".

Explicou o Ministro de Estrangeiros do Imperio, Antonio Paulino Limpo de Abreu:

" Estes dous decretos tinham por fim proteger a marinha mercante do Imperio, obrigando por um systema de represalias a cessarem contra ella, nos portos das nações estrangeiras, os direitos differenciaes que lhe tiravam a faculdade de poder concorrer, no mesmo pé de egualdade, com os

“ navios daquellas nações. A reciprocidade que ahí se exige
“ não consiste em que cada nação cobre sobre os nossos na-
“ vlios o mesmo que cobramos sobre os della; mas, sim, que
“ cobre sobre os nossos navios o mesmo que sobre os seus,
“ por isso que nós cobramos sobre os seus o mesmo que sobre
“ os nossos.”

Já era, então, grande a nossa exportação para os Estados-Unidos da America. Do nosso café figurava como o principal consumidor. Recebeu-se então, que, na falta de previo accordo, fossem os carregamentos brasileiros obrigados a pagar um direito differencial de 20 0/0, instituido por lei do Congresso dos Estados Unidos, de 24 de Maio de 1828, quando não houvesse reciprocidade. Dahi nossa Legação em Washington, ser habilitada a negociar uma troca de reversaes “que assegurassem, para os dois paizes, os principios liberaes comprehendidos nos dois decretos de 1844”.

Correspondeu, inteiramente, aos desejos brasileiros, o Governo Americano, o qual declarou e ordenou na Proclamação Polk, de 2 de Novembro de 1847, “que todas as leis impondo direitos differenciaes de tonelagem e imposto, dentro dos Estados-Unidos, ficassem e continuassem suspensas e sem vigor relativamente aos navios do Brasil e aos productos, manufacturas e mercadorias importados pelos mesmos Estados-Unidos, quer de procedencia do Brasil, quer de qualquer outro paiz estrangeiro; e a dita suspensão teria effeito desde o dia acima mencionado e continuaria por todo o tempo que da parte do Governo do Brasil continuasse a reciproca isenção dos navios dos Estados-Unidos, e dos productos, manufacturas e mercadorias importadas, no Brasil, pelos mesmos como ficava dito” (Relatorio da Reparação dos Negocios Estrangeiros, 1848, pag. 11).

Nesse regimen viviam os dois paizes quando em 1849, sendo ministro, no Rio de Janeiro, David Tod, propoz o Governo de Washington a assignatura de um tratado de Commercio e navegação, paz e amizade com o Brasil sob as bases, mediante ligeiras alterações, do de 12 de Dezembro de 1828.

Escreveu em sua nota de apresentação, a 13 de Agosto de 1849, o ministro americano:

“ O abaixo assignado, acredita ser este objecto de grande interesse para ambos os governos. Para se emprehender
“ com successo o commercio entre os Estados-Unidos e o Brasil, é necessario dispôr de um grande capital, e, para proseguir nelle, com vantagem para os cidadãos e subditos dos
“ dois paizes, devem ser pequenos os lucros: este fim somente se poderá conseguir por meio de uma concorrência salutar. E nada tenderá tanto a induzir os capitalistas, a empregar-se neste commercio, e a fazer apparecer aquella
“ concorrência, do que collocar as relações commerciaes so-

“ bre bases permanentes, por meio de um tratado de commercio. O Secretario desta Legação, que acaba de voltar dos Estados-Unidos, como V. Ex. sabe, assegurou, ao abaixo assignado, que os negociantes americanos, que commerciam com o Brasil, dão grande importancia a um tratado de commercio. Elles estão satisfeitos com os regulamentos geraes ora em vigor, e muito se regosijam de saber que existirá amizade e boa intelligencia entre os dois Governos e povos, desejando, porém, ardentemente, que se tornem permanentes estas boas relações.

“ O abaixo assignado não conta ficar ainda por muito tempo junto ao Governo de S. M., porém, posto tenha sido curta sua residencia nesta Côrte, sempre se interessará vivamente pela paz e prosperidade do Imperio do Brasil. Concordando com o Governo e o povo de seu paiz, na opinião de que traria incalculaveis beneficios para os Estados-Unidos e o Brasil, um tratado que regularisasse as relações commerciaes entre as duas grandes nações americanas, e reiterasse o protesto feito mutuamente e ao mundo, de que paz e amizade existisse, e continuaria sempre a existir entre ellas, o abaixo assignado manifesta a esperanza de que V. Ex. convirá em que é chegada a epoca de obrar, e de que se lhe proporcione a grande satisfação de levar a effeito, por parte dos Estados-Unidos, um objecto tão importante e desejado.”

Excusou-se, porém, o Governo Imperial ao solicitado. Havia paz mais firme, que a que unia os brasileiros aos americanos? Sofriam, acaso, os interesses da grande Republica de Washington?

Para justificar a excusa recorreu o Governo Brasileiro ao seu Conselho de Estado. O Conselho de Estado era o gremio dos velhos, por cuja voz jámais falou a inexperiencia.

A sabedoria daquelles homens austeros, fundadores da independencia, raro se enganava. Em consulta de 27 de Novembro de 1850, disseram Antonio Limpo de Abreu, Honorio Hermeto Carneiro Leão e Caetano Maria Lopes Gama quaes os motivos da abstenção Imperial. Ainda soavam aos seus ouvidos os aggravos da independencia. Paiz como o Brasil, que se fizera na defensiva permanente contra o forasteiro, havia de procurar resguardar-se sempre contra as sorpresas do destino.

“ Com que fim iria hoje o Governo de V. M. Imperial, perguntaram, resuscitar a politica dos tratados, cujo ensaio, logo depois da sua emancipação, tão funesto foi aos interesses do Paiz? E' uma triste verdade que, logo que o Brasil proclamou a sua independencia, ou fosse por conselho proprio, ou por suggestão da diplomacia estrangeira, o Gover-

“ no Imperial apressou-se a celebrar tratados de commercio e navegação com diversas potencias da Europa. O instincto nacional pronunciou-se contra taes actos, e não faltaram ao Governo do Brasil motivos para arrepende-se, em não poucas occasiões, dos empenhos que contrahira nessa epoca, sendo, talvez, induzido a isto pela consideração de obter mais facilmente o reconhecimento da independencia, ou pela conveniencia de firmal-a.”

Accrescia que nada soffriam, antes progrediam sempre, com a falta de um tratado, as relações americano-brasileiras.

Com a estatistica em mãos, os conselheiros de estado vinham á conclusão de que “o commercio americano não tinha deixado de desenvolver e prosperar, mediante a politica liberal e esclarecida do Governo Imperial, allás completamente desembaraçada da pela de tratados”.

Isso parecia tanto mais logico, quanto a reciprocidade promettida jámais existiria de facto.

“E’ notorio, consignava a consulta, que os portos do Brasil são frequentados todos os annos por um grande numero de navios dos Estados-Unidos, carregados de productos daquelles e de outros paizes, e que no Brasil residem muitos cidadãos daquelles Estados no exercicio do commercio, e de outras industrias e profissões. Entré tanto raro é o navio brasileiro que se dirige aos portos da União Americana, e poucos (se alguns ha) são os subditos brasileiros que ahí residem empregados no commercio ou no exercicio de alguma outra industria ou profissão. A diversidade destas circumstancias estabelece portanto, contra a reciprocidade escripta, a desigualdade effectiva e real na applicação das concessões que se fizeram em qualquer tratado que o Brasil celebre, ou seja com os Estados-Unidos, ou com outro qualquer paiz que tiver uma navegação e um commercio de muito maior extensão e desenvolvimento. Neste caso estão, incontestavelmente, o commercio e a navegação dos Estados-Unidos comparados com os do Brasil.”

A juizo do Conselho de Estado, melhor parecia, portanto, “adiando a questão de tratados, recorrer a outros meios de que não fossem facels os abusos e que não sacrificassem o futuro do paiz”.

Não esqueciam os signatarios do parecer que o Imperio acabava de negar igual favor á Grã-Bretanha. (Archivos do Ministerio das Relações Exteriores, Conselho de Estado, Consultas do anno do 1850).

Foi abundando neste sentido, então reservado, que respondeu o Governo Imperial á Legação Americana.

“O Sr. Tod, escreveu Paulino de Souza, a 22 de Abril de 1851, durante sua permanencia neste paiz, deve ter conhecido quanto é o-

licito o Governo Imperial em fazer participantes todos os estrangeiros que chegam ao Brasil, ou nelle residem, de todos os favores e protecção de que gozam os proprios nacionaes nas suas pessoas e propriedades, e nenhum dos artigos do tratado proposto vem estabelecer doutrina sobre a qual não tenham já providenciado convenientemente a constituição do Estado, as leis organicas e regulamentos que a explicam e desenvolvem.

E, se sobre algum ponto fôr necessario mais alguma providencia ou desenvolvimento, o Governo Imperial pelo seu proprio interesse, e pelos principios largos e liberaes de sua politica, nunca se recusaria a adoptar as medidas convenientes. Nem os Estados-Unidos, nem o Sr. Tod se queixam da falta de favores e protecção, posto tenham cessado as estipulações do Tratado de 1828. Se as leis fundamentaes e regulamentares do Imperio são, além de permanentes, garantidoras dos direitos pessoas e propriedades do estrangeiro, e lhes são applicadas; se as suas disposições são mais desenvolvidas e completas do que as bases geraes contidas no tratado offerecido, não vê o abaixo assignado necessidade de assignar essas bases em um tratado temporario e transitório".

Não mingua razão ao Governo Imperial. Se o fim do tratado era estabelecer a reciprocidade commercial, não era ella obtida sem nenhum tratado expresso, mediante a simples applicação do regimen vigente, no qual os navios americanos, que frequentavam os portos do Brasil, "tanto pelo que pertencia aos impostos sobre navegação, como aos direitos de alfandega" eram tratados como os nacionaes? "Se as circumstancias, concluiu o Ministro Brasileiro, exigissem mudança de marcha e a adopção de estipulações mais positivas, o Governo do Brasil não hesitaria em dirigir-se á mais poderosa nação americana, da qual tinha recebido não equivocas, provas de consideração e sympathia". (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1851, pag. 34).

NAVEGAÇÃO DOS RIOS (1853)

A navegação do Amazonas ia provar que essas mostras de consideração e sympathia não eram vans por parte do Governo dos Estados-Unidos da America.

E' sabido que, antes de ser o grande rio aberto pelo Brasil ao commercio de todas as bandeiras (Decretos nos. 3.749 e 3.920, de 7 de Dezembro de 1866 e 31 de Julho de 1867) foi essa abertura objecto de continuados desejos e reclamações por parte de alguns paizes.

Entre estes figurou, desde cedo, a Republica Americana.

A politica conservadora do Imperio é de louvar-se pelo cuidado e sabedoria com que resolveu a grave questão. Mesmo dentro de nos-



nas fronteiras houve pedidos em favor de uma abertura que a voz contrariada, mal informada contra o Brasil, reclamou sempre com pertinacia.

"A abertura do Amazonas, disse a 3 de Junho de 1864 no Senado brasileiro, o Senador Pimenta Bueno, importa um systema inteiro, complexo e muito valioso... E' preciso abrir o Amazonas, mas antes de abrir-o é preciso assentar com previsão e intelligencia nas grandes condições dessa transcendente questão".

Desde cedo quizeram varios cidadãos norte-americanos subir o Amazonas. A' Camara dos Deputados do Brasil foi em 1826, apresentada petição de navegação, que, não sendo aceita, deu lugar mais tarde, em tempo do Ministro Henry Wise, a 17 de Novembro de 1845, a um pedido de indemnização. Em Junho de 1850 insistio o Secretario dos Estados-Unidos junto ao Governo Imperial pela abertura do Amazonas, cujas despesas de exploração correriam por conta da União. Em Outubro essa insistencia se fez mais precisa pelo organ de Webster, sendo de então em diante continuamente interpellada nesse sentido e Legação Imperial em Washington.

Era natural o desejo forasteiro de devassar o Amazonas. Em New-York as bellezas do grande rio descreviam-se de maneira exagerada, e uma dessas descripções, a do tenente Maury, correndo impressa pelos Estados da Confederação, poz em sobresalto as imaginações. De 1853 em diante fundam-se na grande metropole varias companhias exploradoras, uma das quaes, a Amazon Steam Ship Company chegou a registrar seu contracto e a annunciar a partida do vapor Tenobscot. Avallie-se por este trecho do tenente Herndon sobre o Brasil de como andavam as imaginações: "Cuyabá est au centre de la région aurifère de ce pays superbe. On y trouve de l'or en veine, entre des pierres, dans les fonds des ruisseaux, et en petits grains á fleur de terre: à la suite de chaque pluie, les esclaves et les petits enfants courent le ramasser dans les boues des rues de la ville. Dans la région diamantine, il est certain qu'on trouve des diamants mêlés à la terre, comme on trouve l'or dans les excavations de Californie. Selon Castelnau, un homme, en voulant ficher un pied en terre, trouva un diamant de neuf carats. Quelquefois on trouve des diamants dans le gosier des petits oiseaux". (Voir Charles Reybaud, *Le Brésil*, 1856, pag. 165).

Pretendendo a navegação do rio Amazonas, claro é que a queriam os Estados-Unidos de inteiro accordo commosco. Deve-se dizer que o Governo americano foi sollicito sempre em desapprovar e impedir quaesquer expedições que visavam subir o rio. Não houve reclamação nossa nesse sentido que não fosse logo satisfeita. De uma feita, annunciada uma expedição filibusteira, deu della rebate ás autoridades americanas nosso Ministro em Washington, Francisco Ignacio de Carvalho Moreira.

"O abaixo assignado, escreveu em resposta Marcy, Secretario de Estado, a 23 de Setembro de 1853, não nega que os cidadãos intelligentes e emprehendedores deste paiz deviam ha muito tempo estar convencidos das vantagens que trariam ao commercio geral a navegação do Amazonas e seus tributarios. Esta convicção pôde ter corrido para induzir alguns delles a quererem ser os primeiros nessa empreza. O abaixo assignado não pôde comtudo presumir que elles levem isso a effeito com violação das leis do Brasil, sabendo que nunca receberiam apoio deste Governo em uma empreza que importa o desrespeito dos direitos daquella potencia. Se, entretanto, contra sua justa expectativa, tiverem a temeridade de assim proceder, podem contar que incorrerão nas penas que as leis prescrevem". (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1854, annexo D, pag. 6).

Mas o pedido formal para a abertura do Amazonas foi feito em 31 de Outubro de 1853, pelo Ministro W. Trousdale, ao Gabinete de Sam Christovam.

Ailegou então o representante americano que, além de interessar ao mundo em geral, essa abertura dizia muito particularmente respeito aos cidadãos americanos cujo commercio com varios paizes, situados na parte superior do rio, já não era pequeno. O argumento principal da Nota era este: "os barcos americanos não derivavam o direito de navegar o Amazonas de nenhum tratado, e só o pretendiam como um direito natural como tinham o de navegar o oceano, direito autorizado pelo Congresso de Vienna com algumas restricções que os paizes ribeirinhos podiam necessariamente fazer".

Tal doutrina não podia aceitar, e nunca acceptou, a Chancellaria Imperial. No Brasil era de longa data a regra de que o Estado tem soberania sobre o trecho de rio que atravessa seu territorio, podendo, por isso, o ribeirinho inferior "negar o transitto ao ribeirinho superior, desde que este não se conformasse com as clausulas, que julgasse com razão, necessarias á sua segurança". (Ver Rio Branco, Notas a Schneider, 1871, 1, pag. 84).

Principio vital para o Imperio, sustentavam-no tambem varios tratadistas como Phillimore e Hall, segundo os quaes "aos Estados possuidores do curso inferior de um rio é licito exercer todas as faculdades de unico possuidor e, tambem, o direito de fechar e abrir as suas aguas". (Ver Clóvis Bevilacqua, *Direito Internacional Publico*, etc., cit., 1, pag. 281).

A nota com que o Ministro de Estrangeiros do Brasil, Antonio Paulino Limpo de Abreu, Visconde de Abaeté, refutou as allegações americanas tem a data de 13 de Setembro de 1854. Foi classificada de luminosa e ficou celebre entre quantas discorrem estes themas. Não



podia o Imperio; a seu ver, estar de accordo com a nova doutrina segundo a qual se assemelhava o Amazonas ao Oceano.

Della jámais se tinham prévalecido os Estados-Unidos nas questões que sustentaram sobre a navegação do S. Lourenço e do Mississipi com a Hespanha e a Grã-Bretanha, não obstante serem, a esse tempo, ribeirinhos. Como, aliás, assemelhar ao Oceano o Amazonas quando o Brasil delle possuía as margens na vasta extensão de 480 leguas, desde a foz até Tabatinga, limite do Imperio? Quando, assaz largo em varios pontos, tinha logares estreitos onde uma só fortaleza podia impedir a passagem, e a navegação não se fazia sem o respectivo uso de suas margens? Quando o Brasil possuía tudo quanto, segundo os principios recebidos, servia para provar sua soberania sobre as aguas do rio? "Sendo o Oceano indispensavel ao commercio do mundo inteiro, rematou Limpo de Abreu, nas mesmas circumstancias se não achava o Amazonas; ainda que seu extenso valle, quando convenientemente povoado, pudesse dar vasto alimento ao commercio das nações, era então quasi inteiramente deserto, e de nenhum interesse e vantagm para as nações que não eram ribeirinhas".

Escreveu nesse documento famoso o Ministro de Estrangeiros do Imperio:

" A grande parte do valle do Amazonas que pertence ao
" Brasil contem duas provincias, a do Pará na foz, e a do Ama-
" zonas no interior. Para o commercio da provincia do Pará é
" sufficiente o porto da cidade de Belem, aberto a todas as
" nações estrangeiras. A população da provincia do Amazonas
" não excede de trinta mil almas, e sendo em grande parte
" da raça indigena, dá escasso consumo aos productos da in-
" dustria estrangeira, e, por isso, não sente necessidade de um
" commercio directo com as nações productoras. Menos popu-
" loso ainda é o departamento de Maynas, pertencente ao Perú,
" que occupa a parte superior do Amazonas. A população desta
" Republica que póde alimentar o commercio estrangeiro, está
" separada do valle do Amazonas pelos Andes, e o caminho
" natural para os seus supprimentos, quer no presente, quer
" no futuro, será sempre o Pacifico. Os territorios occupados
" pela Republica de Venezuela, Nova Granada e Equador, que
" tem affluentes que desaguam no Amazonas, são escassamen-
" te habitados. Os centros das principaes cidades e povoações
" dessas Republicas, nunca poderão ser vantajosamente suppri-
" dos pela navegação do Amazonas. Ainda quando ella fosse
" aberta ao commercio do mundo, continuariam a ser suppridos
" exclusivamente pela navegação do Atlantico e Pacifico. Além
" disso, os affluentes do Amazonas que passam por esses ter-
" ritorios e que podem ser navegados, não serão jámais gnão

“ por embarcações de pequeno porte, incapazes de navegar no
 “ Oceano, e bõa parte delles precisa de obras e trabalhos hi-
 “ draulicos destinados a facilitar essa mesma navegação. Todas
 “ essas circumstancias demonstram que na actualidade não
 “ existem grandes interesses dos Estados Unidos, nem de ne-
 “ nhuma outra nação, que possam servir de pretexto á preten-
 “ ção immediata de navegar o Amazonas.”

Por esse mesmo tempo teve pretensão igual a Grã-Bretanha. E tal foi a segurança da argumentação Brasileira, que Lord Clarendon declarou ao Governo dos Estados Unidos “que não renovaria instancias para a abertura do Amazonas que não fosse feita por muito livre determinação do Governo Brasileiro”.

Tambem não insistio o Governo de Washington. Poucos annos depois, em 1867, reatizava o Brasil a abertura, de accordo com os principios de direito internacional e os dictames de sua segurança. Escreveu Abaeté ás Camaras em 1867:

“ O desejo de dar impulso á colonização do Amazonas, de
 “ desenvolver os recursos da nova provincia e de assegurar
 “ mais o progresso daquellas regiões, mediante a cooperação
 “ dos Governos vizinhos, induzlu o Governo Imperial a promo-
 “ ver negociações com o Perú, a Venezuela e Nova Granada
 “ para conceder-lhes a livre navegação que fora vedada rigo-
 “ rosamente pelos antigos tratados de 1750 e 1777, entre Hes-
 “ panha e Portugal, e que o Governo Imperial tem sempre sus-
 “ tentado que só pôde ser concedido por convenção especial.”

Allás em assumpto de navegação de rios só devia receber encomios a politica brasileira. Mais ou menos ao tempo, um escriptor, estudando estas materias reivindicou para ella “a gloria de haver lançado no Novo Mundo, as bases do moderno direito publico relativo á livre navegação dos rios, dando largas dessa fórma ao desenvolvimento do commercio, das industrias, e civilisação” (Convenção preliminar de paz, de 27 de Agosto de 1828, entre o Imperio do Brasil e as Provincias Unidas do Rio da Prata. — Perelra Pinto, Apontamentos cits. II, pag. 374). Tambem o tratado de 20 de novembro de 1857, assignado entre o Imperio e a Confederação Argentina, estabeleceu a navegação dos rios Uruguay, Paraná e Paraguay “livre para o commercio de todas as nações, desde o Rio da Prata até os portos habilitados, ou que o forem para esse fim, em cada um dos rios, pelo respectivo Estado”.

Em assumpto de navegação de seus rios internacionaes, não foi sempre olhado com justiça o Imperio do Brasil. Entretanto, este foi um dos casos em que sobrelevou, sem mancha, a lealdade de sua diplomacia. “O que é licito affirmar com justiça, escreveu o maior commentador da lei internacional brasileira, é que o Brasil foi moroso

em celebrar essas convenções e em abrir as suas grandes vias fluviais ao commercio do mundo, attitude que se explica pela desconfiança de um governo monarchico rodeado de republicas, e pela falta de garantias de uma nação fraca deante da cobiça arrogante das Potencias da Europa. Mas, no seu proceder, nada se encontra de contrario ao direito". — (Clovis Bevilacqua, *Direito Internacional Publico* cit., I pag. 298).

Em relação á navegação dos rios convem ainda salientar que duas vezes solicitou a União Americana licença para subir o Prata nos limites com o Brasil, em expedição scientifica, e foi attendida. Foi o caso com o commandante Jefferson Page, do *Water Witch* em 1853, e do cidadão americano Forbes e seus companheiros, em 1858. Apressou-se o Governo Imperial em conceder a licença "pelo desejo que nutria de ser sempre agradavel ao dos Estados-Unidos". (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1854, annexo e, 1855, annexo G. e 1859, annexo J).

Ainda mais: decretada a abertura do Amazonas, entrou em duvida se essa liberdade se estendia aos vasos de guerra. A doutrina brasileira "é que os navios de guerra necessitam de licença para penetrar no territorio nacional remontando os seus rios, ainda que franqueados a navegação geral". Assim, em 1878, foi concedida permissão para que um navio de guerra americano subisse o Amazonas até o Madeirã, e, em 1898, para que outro — a canhoneira *Wilmington* — subisse o mesmo rio até Tabatinga, em demanda de Iquitos no Perú. (Clovis Bevilacqua, *Direito Internacional Publico*, cit., I, pag. 293 — Relatorio das Relações Exteriores, 1898, pag. 17).

O sentimento nativista do tempo, exaltando-se por informações mal colhidas, não conseguiu arrefecer as relações entre o Brasil e os Estados-Unidos; e o tempo provou como era infundado.

OLHEMOS PARA O NORTE!

Tal já era a força singular do exemplo americano, que homes e gazetas o apontavam, no Brasil, entre gabos e louvores.

Um delles, Tavares Bastos, espirito liberal, foi o portavoz desses sentimentos:

" Estou, orou elle a 8 de Julho de 1862, na Camara dos
 " Deputados, cõvencido de que, mesmo sob o ponto de vista
 " politico, as relações com os Estados-Unidos da America, do
 " Norte são aquellas que mais convêm ao Brasil. Devemos cul-
 " tival-as e desenvolvel-as, sobretudo porque depois da presen-
 " te luta — luta gloriosa, porquanto é a da liberdade contra a
 " servidão, do progresso contra a barbaria, está reservado á
 " grande Republica de Washington um papel incauculavel nos

“ destinos do mundo. Não preciso apontar as razões que prendem o commercio dos dois paizes, as afinidades entre os processos da sua agricultura, entre os seus meios de transporte, entre a constituição moral e material de suas populações...”

Um livro de Tavares Bastos, que a esse tempo, fez sensação, as *Cartas do Solitário* (30 de Março de 1862) havia já tratado o thema.

“ Sou um entusiasta frenetico da Inglaterra, escreveu elle, mas só comprehendo bem a grandeza desse povo quando contemplo a da Republica que fundou na America do Norte. Não basta que estudemos a Inglaterra: E' preciso conhecer os Estados-Unidos. E' deste ultimo paiz justamente que nos pôde vir mais experiencia pratica a bem da nossa agricultura, das nossas circumstancias economicas, que têm com as da União a mais viva semelhança... Queremos chegar á Europa? Approximemo-nos dos Estados-Unidos. E' o caminho mais perto, essa linha curva... Eu tambem sou monarchista, e julgo esse governo tão necessario ao Brasil, como a Republica é perfeitamente adequada á constituição social, ás idéas e ás tradições da America do Norte”.

Mas, foi sobre o thema mesmo da abertura de nossos rios que a mais liberal das gazetas do tempo, o *Correio Mercantil*, prestou homenagem á grande Republica de Washington.

“ A alguns espiritos, escreveu elle a 7 de Abril de 1865, tem-se todavia antoilhado certo receio pela abertura do Amazonas, especialmente aos americanos a quem imputam tendencias para absorpção da raça latina. Não nos impressionam esses temores. A preponderancia da raça latina com difficuldade pôde ser annullada, principalmente na America e a prova é que a União Americana, não obstante ter declarado sua independencia com precedencia a outros povos deste continente, não obstante ser uma nação notavel pela sua energia e actividade, e a despeito de tantos recursos de que dispõe, e que a tornam temida na propria Europa, não tem feito conquistas no Novo Mundo relativamente ao predomínio da raça anglo-americana. Tal é o nosso pensamento acerca desse receio; se porem attender-se a outras circumstancias e a outra ordem de idéas, não se poderá, com fundamento, sustentar qualquer conveniencia que nos faça afastar dos Estados Unidos. Os nossos interesses na America são homogenios, elles consomem em primeira escala o nosso mais importante producto, elles por consequencia devem ser o nosso aliado natural, e, effectivamente, teem procurado com afincio essas relações. Os factos o demonstram: na questão Wise não se fizeram exageradas reclamações, e para modificar o genio impetuoso desse ministro mandou-se ao Brasil um plenipo-

“ tenciario cordato, e conciliador... Por ventura a nossa fórma de governo se opporia a essa intimidade? Cremos que não.
“ As instituições do Imperio são tambem democraticas e o elemento monarchico que nellas foi encarnado, dá realce e fortifica o systema que rege o Brasil.

“ Quanto á navegação do Amazonas, a iniciativa da União Americana auxiliará poderosamente o desenvolvimento das indústrias e da agricultura, melhorará os seus processos, e estimulará com o exemplo da actividade os habitantes dessas regiões a seguir-os no caminho da civilisação. O colono americano não se assemelha ao colono europeu, aquelle sabe internar-se pelos sertões, vadear, e navegar os rios, dessecar os pantanos e lavrar a terra...”

E eis que nessa atmospherá de tranquilla e mutua amizade, pareceu sobrevir a tempestade. A grande Republica do norte passava pela maior crise que a nenhum paiz foi dado jámais conhecer — a guerra de secessão. O Brasil, por seu turno, e na maior boa fé, se via arrastado para a hora mais grave de sua vida internacional — a luta com o Paraguay.

Entre as difficuldades de ambos, o figado congesto de um homem ensaiou perturbar uma harmonia, que se fizera para a eternidade. Esteve a pique de o conseguir. Os bons fados que zelavam pelos destinos do Brasil e dos Estados-Unidos não dormiram, porém. A ameaça passou; e o mau soffreu o seu castigo.

HELIO LOBO



LIVROS...

MACHADO DE ASSIS — Conferencias
por Alfredo Pujol, na Sociedade de Cul-
tura Artística — S. Paulo.

O livro excellente em que Alfredo Pujol reuniu as suas confe-
rencias sobre o grande escriptor brasileiro é o maior monumento que
até agora foi erigido á memoria do autor de **Braz Cubas**.

Antes d'elle, não faltaram trabalhos diversos sobre Machado de
Assis. Os tres mais notaveis são a obra de Sylvio Romero, a de Lafa-
yette, com o pseudónimo de Labieno, respondendo á primeira e a mo-
nographia sobre o humour, de Alcides Maya.

A obra de Sylvio Romero é um trabalho que não faz hora á sua
grande capacidade. Sylvio Romero deixara-se tomar de uma grande
paixão por Tobias Barreto, seu conterraneo e amigo. Considerava-o
uma figura genial. Irritava-se com o esquecimento em que o via cair,
emquanto Machado de Assis continuava a crescer na estima publica.
D'ai a ideia de escrever um livro contra este.

Ora, o esquecimento de Tobias é tudo quanto ha de mais justo.
Quando os seus ultimos discipulos tiverem desaparecido, ninguem ou
quazi ninguem falará mais nele.

Tobias Barreto foi um belo talento poetico. Verbozo, eloquente
da eloquencia cheia de imajens, que era tão do gosto da sua geração,
juntava a isso uma grande curiozidade scientifica.

Chegou ao Recife na epoca em que estava começando na Europa
o movimento de ideias capitaneado na Inglaterra por Darwin e Spen-
cer e na Alemanha por Haeckel. Tobias conhecia o alemão, lia as ul-
timas produções européas, quer no domínio das ciencias naturais, quer



no das ciências jurídicas e transmitia tudo isso aos estudantes. Gozava por muitos títulos da simpatia destes: o principal era talvez porque annunciára enfaticamente que nunca reprovava nenhum...

Bem falante, espiíruozo, levando uma vida um pouco bohemia, com exhibições publicas de amôres a atrizes e polemicas ruidozas, os rapazes lhe fizeram uma reputação excessiva.

Poderia ter sido um bom poeta, um bom jurista, um bom filozof — si se tivesse aplicado a qualquer dessas especialidades, em que roçou de leve. No fim de contas, foi apenas um vulgarizador de idéias, que eram então novas.

Nesse particular, prestou serviços importantes ao desenvolvimento intelectual do paiz Houve de facto, um periodo em que o Recife, graças em parte a Tobias, foi o centro de cultura intelectual mais progressista do Brázil. Tobias punha em circulação as ultimas idéias européas.

Não ha, porém, na sua obra nenhuma doutrina propriamente sua, nada de orijinal, nada que valha a pena. Os seus discipulos ficaram, entretanto, com uma especie de iluzão de ótica: acabaram por endeuzar-lo como si fosse ele que tivesse inventado o evolucionismo, o darwinismo e varias outras couzas, de que Tobias foi apenas o porta-voz. Porta-voz eloquente, que tinha a vantagem de ser ouvido pelos rapazes, exatamente porque os tratava num pé de camaradajem indisciplinada, que, apezar disso ou por isso mesmo, lhe permittia ter sobre eles mais influencia.

Essa influencia se foi apagando, desde que as idéias propagadas por Tobias se tornaram triviais. E como Tobias nada lhes juntou de proprio, é hoje um nome fadado a desaparecer.

Sylvio não se resignava com isso. Passou a vida empenhado no que lhe parecia uma campanha de justa reivindicação em favor do seu grande amigo. Todos os contemporaneos de Tobias que tiveram mais renome do que ele pareciam a Sylvio adversarios pessoais. Não podia ouvir um elogio a Castro Alves, si não acrescentassem outro a Tobias. E a supremacia de Machado de Assis irritava-o, não só por fazer sombra ao seu grande homem, como porque era difficil conceber dois temperamentos mais antagonicos. Sylvio era injenuo, confiante, exuberante, batalhador. Machado de Assis era, ponto por ponto, o contrario de tudo isso: desconfiado, retraido, tímido. O *humour* de

Machado de Assis escapava inteltramente a Sylvio; ele só concebia a alegria clara e ruidosa. Não havia nisso uma opinião literaria; era uma incapacidade intelectual absoluta.

A vista humana só val na percepção das côres do prisma até o violeta; o ultra-violeta lhe é inacessível. Para a vista intelectual de Sylvio o humour era o ultra-violeta de escala do riso: uma vibração debil de mais para o poder impressionar.

Assim, o seu livro não fol sobre Machado de Assis. Fol contra ele. Sylvio escreveu-o, não como um critico sereno, mas como o paladino de Tobias Barreto. Lafayette repllcou mas tambem não o fez como um critico imparcial. Vlu na obra de Sylvio uma ocasião excellente para dele se desferrar, vingando velhos agravos. Assim, a verdade é que ambos os contendores tomaram Machado de Assis, menos para assunto de estudos calmos, do que para pretexto — um para abatendo-o, exaltar o amigo, outro para, defendendo-o, atacar o autor dos *Ensaio de Critica Parlamentar*, com quem tinha velhas contas a ajustar.

O estudo de Alcides Maya é uma monografia enjenhoza; mas que não vizava um exame completo da obra de Machado de Assis; pretendia apenas — e realizou aliaz muito bem o seu programma — anallzar o humorismo do escritor fluminense.

O livro de Alfredo Pujol é, pois, o primeiro estudo completo sobre Machado. Esse estudo é tão bem feito que permite acompanhar paripassu a vida, o trabalho literario e o melo em que o escritor se moveu.

Quando um critico nos diz que a pajina tantas de certa obra é magnifica e a pajina quantas lhe parece detestavel, delxa-nos geralmente embaraçados, porque não temos diante dos olhos essas pajinas: a leitura de tais apreclações nada nos adianta.

Alfredo Pujol não faz isso. Val criticando e citando. Resume o livros a que alude e reproduz os trechos carateristicos. Assim, chegando ao fim do seu volume, mesmo quem nunca tenha lido Machado de Assis, estará com uma vizão sumaria da sua obra. E nos resumos, como na escolha das citações, Alfredo Pujol revela o seu admiravel gosto literario, o seu conhecimento profundo e minuclozo do escritor analizado.

Será, porém, mais tarde o seu juizo ratificado pela posteridade.



É lleito duvidar. Todos nós, que frequentamos Machado de Assis, estamos muito perto de sua memória para poder julga-lo com imparcialidade.

Ele não era uma dessas personalidades irradiantes, cujas qualidades aparecem á primeira vista e que, desde logo, ou se amam ou se detestam. Era retráido e tímido. Pujol cita a frase exata de Constantino Alves: "pouco íntimo com os íntimos". Quando, porém, alguém se aproximava e observava a sua retidão de caráter, a probidade impecável do seu labor literario, a delicadeza quasi feminina do seu trato, acabava por ser seduzido. Machado de Assis não fazia muitos amigos; mas os que fazia, amigos ficavam para sempre.

Pujol conta-nos a vida do grande escritor. Naceu de gente humilde — o pai era pintor de cazas, a mãe occupada em serviços domésticos do senhorio. Foi sacristão e tipógrafo. Acabou empregado publico.

Parece que nisso se resume a lista dos empregos que lhe deram meios de vida, porque a colaboração em varios jornaes nunca passou de uma a-hêga e a edição de todas as suas obras só ao seu editor enriqueceu.

Assim, a sua biografia nada tem de extraordinario.

A condição humilde de que saíra não o envergonhava. Si não aludia a ela mais frequentemente, é porque, em primeiro lugar, nunca houve quem mais praticasse o conselho do poeta: "*ami, cache ta vie et repands ton esprit*" e, sobretudo, a ideia de se servir do seu nascimento, para contraste com o seu indiscutível principado literario, repugnava-lhe profundamente: ele não queria, por preço nenhum, que o elogio aos seus trabalhos fosse uma especie de compensação á pobreza de sua orljem.

Não é, porém, sem uma certa importancia para a apreciação de sua obra literaria lembrar como ele naceu, como ele viveu sempre em pequenos cargos, sem grandes responsabilidades, e como toda a sua vida se escoou na cidade do Rio de Janeiro, de onde só saiu duas vezes — uma para ir a Petropolis e outra a Nova Friburgo. Assim, a sua mais longa viagem foi a lugar que hoje está apenas situado a duas horas de distancia da Capital do Brazil.

Lutou pela vida, começou modestissimamente e conseguiu subir só pelo esforço do seu talento; mas nunca teve nada de terrível para superar. Houve mesmo uma compensação aos seus males: cazou-se

cedo com uma senhora estimabilíssima, que amou e por quem foi amado, com a qual viveu na mais admirável concordia durante toda a vida.

De trágico na sua historia só houve a terrível molestia que o assaltou: a epilepsia e nos derradeiros mezes um cancro. Dir-se-á que não foi pouco. Mas tudo isso veio quando o seu carater já estava formado, formado estava o seu estilo, o seu talento de escritor.

O conjunto de sua vida se passou, portanto, sempre num modesto meio termo: sem riqueza, mas sem pobreza; sem altos cargos, mas com a consideração de que gozam funcionarios publicos; sem frequentar a sociedade, de que o excluía principalmente a sua propria timidez e desejo de isolamento, — mas isolamento que não ia até a mizantropia. Não consta que tenha tido aventura de amor. Tudo fez crêr ao contrario que não as devia ter, não só pelo seu temperamento, como pelo ambiente de ventura conjugal em que sempre esteve.

Nessas condições, Machado de Assis, vivendo sempre num círculo restricto, conhecendo muito pouco do mundo, analisando apenas pequenos personagens do pequeno meio em que passou todo o seu tempo e sendo, por indole, um tímido, — deixou uma obra de tímido; não há nela nenhuma vibração forte, nenhuma grande criação.

Não é esta a opinião de Alfredo Pujol, que chega em certo ponto a chamar Machado de Assis "artista formidável" e "genio immortal". Ha nisso um exajêro.

Em certa ocasião, Pujol cita um trecho de Alphonse Daudet sobre o prazer que cauzava ao escritor francez a aluzão a qualquer dos tipos literarios, que creara. E realmente esse é o merito supremo do grande escritor de ficção: inventar tipos, que depois possam por si mesmos viver. Don Quichote, Tartarin, o Conselheiro Acacio e tantos outros são criações desse genero. Mas precisamente Machado de Assis não deixou nenhuma em tais condições.

Não podia deixar. Ele era minucioso demais para fazer tipos literarios de tal natureza, que pedem, sobretudo, uma certa generalidade de traços. E' mesmo por isso que os criticos analistas, quando examinam as obras em que estão aquelas criações, declaram, scandalizados, que ellas só tem pinçeladas fortes e grosseiras — o que aliás é exato. Mas com essas pinçeladas se fazem os quadros que se veem de lonje, que todos comprehendem e que cada um enche com as mi-



nueclas que lhe apraz. Os retratos muito detalhados, a bico de pena, com traclinhos, pontinhos, maravilhas de micrografia, nunca chegam a ficar nitidamente na memória do publico. A aparente superficialidade de Daudet, de Cervantes, de Eça de Queiroz, é, no fim de contas, uma superioridade: eles souberam distinguir o geral do particular, o essencial do acessorio e guardar apenas o geral e o essencial. Machado de Assis não se rezignarla jámais a isso. Ele plntava a pequenas pinceiadas, juntava pormenor a pormenor. Não deixou, não podia deixar nenhum "tipo". Os letrados talvez evoquem este ou aquele dos seu personagens; mas nenhum desses personagens sairá jámais das pajinas em que fol creado para viver llvre e solto, como um Tartarín, um Conselheiro Acacio ou qualquer outra das verdadeiras creações ilterarias.

Falando do conjunto dos trabalhos de Machado de Assis, Pujol escreve: "E' a reprodução manifesta, nítida, exata, flagrante, da vida de todos os dias, nas suas miserias rasteiras, nas suas contradções, nos seus maus instinctos, no seu orgulho, na sua ambição, nas suas alegrias, nas suas tristezas..." Alcides Maya diz tambem "Não faz pajajens; repete-se a espaços, vacillante no relato; a sua comedia da vida é trivialissima."

Ora, para dar a miserias rasteiras, e á comedia trivialissima da vida um destaque de genlo era preciso que Machado de Assis tivesse qualquer nota forte na sua pena. E isso sempre lhe faltou. Ele foi o apostolo do meio-termo, da moderação, da surdina. Até a José de Alencar — que, esse, sim, era um genio creador — ele procurou inculcar aquelas virtudes, que lhe pareciam captais.

Alcides Maya escreve:

"Os efeitos declzivos nadem da naturalidade com que o escritor descreve e sujere; é simples, lucido, sardonico, escarnecedor sem ostentação; fare acariciando; sacrifica por entre flôres; esbate a pintura, vela as formas, entenece; porém, o prisma é sempre o mesmo— e sempre os tipos e as ações movem-se e executam-se refranjidos comicamente por uma branda revolta e por uma suave tristeza ironica."

A apreciação é exata. Machado de Assis nunca vai até o fim de uma afirmação. Pujol comenta muito bem, quando diz: "A modestia e a indecizão dos seus conceitos provinham da sua timidez, da sua tristeza conjénita."



Artista consciencioso, Machado de Assis só sabia descrever bem o que via, — o que examinava, segundo diz a expressiva fraze popular, com os seus próprios olhos. Mas esse homem que morreu quasi aos 70 anos "só passou pela vida, não viveu". Sua existencia se escoou em uma pequena parte de uma pequena cidade, em um meio acanhadissimo. E as figuras desse meio ele as tratou com a tendencia natural do seu temperamento, propenso á moderação, medroso de tudo o que era forte.

Sterne, o grande humorista, que Pujol cita, Sterne que foi um dos mestres queridos de Machado Assis, dizia que o "homem, que não tem uma especie de afeição por todo o sexo feminino, é incapaz de amar uma só mulher." Machado de Assis, a cuja notoria castidade, na mais pura das vidas conjugais, Araripe Junior fez uma maliciosa embora afetuosa referencia, não podia ser um grande pintor, um grande analista de corações femininos. E' licito até suspeitar que ele nunca soube o que era realmente o amor. O sentimento, que ele teve pela sua dedicada e' intelijente companheira de vida, foi antes uma dessas firmes e solidas amizades, sem nenhum grande arroubo e por isso mesmo sem nenhum desfalecimento. O amor é alguma couza de mais intenso.

Em rezumo, si se percorre toda a sua vida não se acha nela uma só paixão forte. A sua existencia, foi como a de alguém que, tendo de atravessar um longo salão em que outros dansassem, jogassem, lutassem, passou, na ponta dos pés, de braço dado com uma companheira querida, roçando-se pelas parédes, procurando não chamar a atenção, e olhando apenas para os que estavam juntinho delas.

Nem ao menos ele podia viver a vida dos outros, provocando confidencias. Sempre foi muito retraido. E, ciozo da propria existencia; detestava os que eram, segundo a sua fraze, "derramados". Quando alguém, diante dele, começava a multiplicar as confidencias, Machado achava logo qualquer pretexto delicado para sair, retirar-se. Era como si o quizessem forçar a espiar por um buraco de fechadura: lutava, fugia.

Mas esse homem bom, meigo, brando, retraido tinha uma nota fundamental: o seu pessimismo.

Amor, amizade, ambição, todos os sentimentos humanos — tudo lhe parece vão, falso, destituído de grandeza.

Alcides Maya fala, a proposito de Machado de Assis, em *Anthero do Quental*. Ambos, de facto, provaram a sinceridade da sua descrença — um, suicidando-se, outro, Machado de Assis, na hora da morte, recuzando qualquer auxilio relijiozo. Mas o pessimismo de *Anthero*, que se exalou em versos nem sempre muito corretos, teve o merito de ser forte, vibrante, com uma nota tremenda de revolta. O *Hino da Manhã* é escrito para clarins; si alguem pudesse compôr para ele muzica idonea, essa muzica serviria bem ás destruidoras trombetas do Juizo Final, anunciadas no Apocalypse. Machado de Assis nunca tomaria as liberdades métricas de *Anthero do Quental*; mas nunca, em compensação, admitiria a sua violencia. Ele foi sempre o homem do meio termo, da surdina, da moderação, da penumbra.

E um dos meios de que se serviu para isso foi a forma humoristica, que tanto empregou.

Tem-se discutido, a perder de vista, o que é o *humour*. Cada um procura descobrir nessa forma literaria misterios e complicações e quanto mais os autores põem nas suas definições ingredientes que se repelem, mais lhes parece que fazem obra superfina.

O bom systema para estudar qualquer fenomeno muito complicado é toma-lo na sua orijem, na sua mais extrema simplicidade, e seguir-lhe a evolução. Ha, portanto, um grande erro de metodo em procurar estudar a essencia e a caraterística do *humour* nas suas formas literarias mais elevadas.

James Sully, no seu excelente *Ensaio sobre o Rizo* mostrou que o *humour* era o termo natural da evolução do rizo, evolução que começa no rizo selvajem, ruídozo, coletivo, sacudindo os corpos em convulsões que parecem de epilepsia — e acaba num sorriso vagamente esboçado, ás vezes imperceptivel. O nosso povo fala expressivamente nos que "*riem para dentro*": é o rizo do *humour*. Por isso, Sully o chama o rizo individual, o rizo do homem só. Pensando, porém, na evolução do comico, o que se nota é o mesmo que na evolução de tantas outras manifestações intellectuais.

Ha um certo numero — um pequeno numero de cauzas de rizo. Nos graus inferiores da civilização, ou nas intelljencias mais incultas, é necessario que essas cauzas sejam fortemente acentuadas, para que os individuos as percebam. Ao passo, porém, que a agudez de observação se vai afinando, já não é preciso pôr em relevo com a

mesma força o que se acha nos fatos de rível, para que o individuo, mais educado, perceba essas circumstancia. O que faz o "espírito" de uma grossa chaiaça obcena e de uma finissima ironia filozofica é, no fim de contas a mesma couza: a mesma inadaptação dos meís aos fins, a mesma não-verificação ou não-satisfação de uma exigencia social, ou qualquer outra das cauzas habituais do rizo. Mas o homem incuito precisa que lhe mostre claramente onde está essa cauza. E exatamente, porque se tem de acentuar isso muito claramente, a grossa chaiaça é acessivel ás multidões. A ironia filozofica só pode ser apreendida pelos que possuem a capacidade necessaria afim de bem analizar certas noções elevadas. Por isso mesmo, ela só é apreciada por muito pouca gente.

Dá-se com o rizo o mesmo que com a muzica. O seivajem só percebe o compasso, quando ele é fortemente marcado: o tipo caraterístico da muzica seivajem é o batuque para dansa, brutalmente ritmado. Mas o ouvido educado do compozitor moderno distingue perfeitamente, na muzica de Wagner ou de outros autores contemporaneos, harmonias e melodias que escapam aos não-iniciados. E' o que succede ao fino humorista: ele acha nas mais elevadas noções científicas e filozoficas, nos mais nobres sentimentos da aima humana as contradicções, as fraquezas, as inadaptações que os tornam ríveis.

Vale a pena não esquecer nunca que a intellijência humana trabalha com materiais muito pouco variados. Basta-lhe a indução e a dedução; bastam-lhe as associações por semelhança e por contiguidade para fazer toda a arte e toda a ciencia. São, por assim dizer, os tijolos com que ela erije as suas construções: e com a mesma especie de tijolos se pode fazer uma choupana, um palacio, uma escola, uma prizão, um hospital... tudo emfim.

O humour é uma manifestação feita com material velho e conhecido. As subtiliezas dos escritores, que procuram bordar frases complicadas a respeito deia, não se justificam. Ele é simplesmente uma das variedades do comico, a variedade mais fina, menos acessivel ás massas, porque se exerce sobre assuntos que não parecem destinados a fazer rir e se faz em geral como si quem o emprega não tivesse tal intenção.

O tipo do escritor que se dedica ao humour é o que o francez chama, com uma expressão muito caraterística, o pince-san-rire. O

chalaceador vulgar diz a jocosidade brutal e é o primeiro a explodir em gargalhadas. O *piuce-sans-rire* enuncia uma enormidade, digna de provocar o riso nos que tem a finura bastante para compreendê-la mas faz isso com um tom sizudo, parecendo não sentir, ou pelo menos não acentuando de modo algum o que ha de comico no caso.

Quando se applica essa forma, não a cazos rasteiros, mas a pôr em relevo o que ha de rizível em altas afirmações filozoficas ou morais, afirmações que para o commum das pessoas são de uma gravidade perfeita e absoluta, tem-se o *humour*.

Si, portanto, se precisasse dar uma definição simples e clara do *humour*, ela talvez pudesse ser: o comico, feito com apparencia de seriedade, a proposito das couzas que, em geral, se consideram inteiramente serias.

Si ha quem faça *humour* para moralizar, ou para se vingar da sociedade, ou por qualquer outra razão — tudo isso é acesorio. Um ator pode representar só para ganhar a vida, ou por amor à arte, ou para ser agradável ao autor amigo, ou para conquistar o aplauzo de uma pessoa que elle ama, sem que esses motivos alterem a peça.

Machado de Assis tinha naturalmente de escolher essa forma. Deve-se mesmo dizer, que, dado o seu temperamento e a sua filosofia, ele não podia deixar de fazer *humour*.

Por um lado, a timidez, o receio de escandalizar, a moderação em tudo. Por outro lado, um pessimismo absoluto, a certeza de que o amor, a amizade, a gratidão, tudo emfim tem taras irremediáveis.

Para exprimir estas opiniões extremas e dissolventes, sem ofender o publico, sem fazer escandalo, só havia o meio que ele escolheu: exprimi-las em tom de gracejo, sem azedume, parecendo não o fazer por mal... As pessoas medrosas, quando dizem insolencias, muitas vezes as dizem desse modo: sem que se saiba bem si o que elas estão dizendo é realmente sério.

Machado de Assis nunca escreveria um artigo anti-clerical. Escreveu, porém, discretas zombarias com as couzas religiosas. E de que nelas não acreditava deo a melhor das provas, recuzando, em plena lucidez, pouco antes de morrer, os socorros da Igreja.

O *humour* foi, portanto; nele, não uma livre escolha, entre varios caminhos igualmente accessíveis; mas uma fatalidade inelutavel. Machado de Assis fez *humour*, coajido a isso, porque, dada a sua

profunda e fundamental honestidade, e dada ao mesmo tempo a sua incurável timidez, ele só podia exprimir o seu pessimismo sob essa forma atenuada.

Mas esse escritor de meios-terminos, de moderação, de timidez — só nunca teve meio-termo nem moderação em uma couza: na sua irreprochável probidade literaria.

Alfredo Pujol compara-o a Flaubert. Ai o eiojio não é só justo, como tambem insufficiente. As obras de Flaubert tinham uma gèstação laborioza e ruídoza. Todos os seus amigos sabiam o ilvro que ele estava preparando. Machado punha ulsso como em tudo, a maxima d'iscrição. Tinha tautos cuidados de estilo e compozição como Flaubert; mas um pudor maior da sua vida, não só Intima mas tambem literaria. Cada um dos seus romances foi uma surpresa para os amigos. O conselho celebre:

“vingt fols sur le métier remettez votre ouvrage,
polissez-le sans cesse et le repolissez

— ele o executava ao pé da letra; mas sempre com a sua modestia caraterística: silenciozamente.

Quando se fundou a primeira Revista Brasileira, ele era o terror dos revizores. Dizia-se que a média das revizões das suas provas era de dezeseite vezes. E acontecia, em geral, uma das duas hipóteses: ou a ultima prova era inteiramente diversa da primeira ou inteiramente disigual. Cansado de mudar, de variar, de procurar o melhor voltava frequentemente ao que primeiro escrevêra.

Foi esse labor paciente do estilo que fez de Machado de Assis um grande escritor. Seu estilo é Inconfundível. Puro, correto, claro, todo ele revela o mais impecavel bom gosto.

Machado de Assis leu os classicos e estudou-os minuciosamente; mas não foi para neles pescar termos raros, com que espantasse os seus leitores. Leu-os para educar sua pena.

A nossa literatura é quazi toda de apressados. Como ninguem pode viver excliuzivamente das letras, ninguem lhes consagra sinão umas sobras de tempo.

Machado de Assis nunca teve esse ponto de vista. Ser-ih-e-ia talvez um suplicio si precisasse viver de literatura, porque assim teria necessidade de produzir mais Intensamente. Sem pressa escrevendo por amor á arte, lentamente, pauzadamente, lapidou, como um joalheiro, o estilo admiravel que creou.

Pode-se lastimar que não tenha vivido mais intensamente para pôr esse estilo, que é um labor paciente de ourivezaria literaria, ao serviço de creações mais elevadas; mas o seu trabalho impõe o respeito pela probidade, impõe a admiração pela simplicidade, a beleza, a pureza.

E por aí ele é um dos escritores maximos da nossa lingua.

Pode-se talvez dizer, em uma fraze de elojo para o seu estilo, reconhecendo embora a falta de vigor de suas creações, que ele foi o escritor maximo de uma epoca em que não houve escritores maximos.

Ter creado um estilo original e corretissimo; um estilo simples e perfeito, não é, porém, pequeno mérito. Foi o mérito de Machado de Assis. Nenhum homem de letras do seu tempo e da sua terra o igualou e os escritores de todos os tempos poderão sempre aprender com ele aquelas virtudes essenciaes: simplicidade, clareza, correção.

Quando uma pessoa querida lhe perguntou, quasi á hora da morte, si queria que viesse um padre, murmurou: "Não quero... Não creio... Seria uma hipocrizia..."

Sente-se que essa é uma fraze autentica; não foi arranjada para uzo da posteridade. E vê-se nela o mesmo homem descrente, mas polido e hõnegto. Deu a recuza; mas parece ter tido receio da rudez da negação e explicou-lhe os motivos, como si com eles se desculpasse.

Alfredo Pujol pode ter exagerado — e eu creio que exagerou — os meritos de Machado de Assis, chegando a considera-lo um genio; mas a simpatia doce e profunda, que se desprende dessa vida de extrema probidade literaria é tal que melhor se compreendem os exajêros dos louvores que a menor das restrições.

E, de todo modo, o livro de Alfredo Pujol é o mais belo, o mais nobre, o mais piedozo monumento que se podia erijir a Machado de Assis.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

A EMA

A ema é a avestruz americana, *rhea americana*.

Differe bastante da africana.

Esta, além de ser muito maior, carrega consigo uma plumagem de grande valor commercial.

A distribuição geographica da ema comprehende as republicas do Sul e o Brasil até o Amazonas.

Foi a ema a ave que primeiro prendeu a attenção do eolono portuguez.

Pero de Gandavo na *Historia da Provincia de Sta. Cruz* fez uma curiosa descripção da ema.

Eil-a: "Outras aves tambem nestas partes cujo nome a todos cá é notorio, as quaes ainda que tenham mais officio de animaes terrestres que de aves, pela razão que logo direi, todavia por serem realmente aves de que se pode escrever e terem a mesma semelhança, não deixarei de fazer menção dellas como de eada uma das outras.

Chamão-se emas, as quaes terão tanta carne como um grande carneiro, e têm as pernas tão grandes que são quasi até aos encontros das azas da altura de um homem. O pescoço é muito comprido em extremo e tem a cabeça nem mais nem menos como de pata: são pardas, brancas e pretas e variadas pelo corpo de umas pennas mui formosas que cá entre nós costumão servir nos gorros de chapéus de pessoas galantes e que professão a arte militar.

Estas aves paseem hervas como qualquer outro animal do campo e nunca se levantão da terra, nem voão como as outras, sómente abrem as azas e com ellas vão ferindo o ar ao longo da mesma terra: e assim nunca andão senão em campinas onde se acham desimpedidas de matos e arvoredos, para juntamente poderem correr e voar da maneira que digo".

Era a ema a ave que o viajante mais depressa encontrava nas campinas antigamente. Animal gregario por excellencia, a ema andava aos bandos.

De alguns annos para cá os caçadores de perdizes estamos notando uma assombrosa diminuição de emas nos campos. Onde ha trinta annos as viamos aos bandos de mais de quarenta, hoje quando muito se vêem pares e esses mesmos a grandes distancias, fóra do alcance das mais aperfeiçoadas espingardas.

Durante as nossas longas caçadas os encontros com os bandos de emas eram quasi diarios.

Passou esse bom tempo. Hoje é cousa rara encontrar um casal de emas. . . .

Nas nossas narrativas raramente figura um episodio em que appareça a ema.

Na mesma zona das caçadas de perdizes, onde as emas eram numerosas, havia grande numero de equineos bravos, sem dono, que viviam em plena liberdade, como os cavallos selvagens nos steppes da Siberia. Essa cavallhada foi dispersa a tiro, gallopando os perseguidóres, não com o laço na mão, mas com espingarda. . . Não me achava aqui nesse tempo, mas na Europa; e grande foi o meu pezar, quando ao voltar, encontrei os campos limpos dos seus velozes cavallos. As emas estão com os dias contados na parte septentrional de Minas

Todo caçador mata ema quando apparece ao alcance da sua espingarda; mas isso é difficil porque dotada de vista e olphato primorosos, sabe guardar uma distancia tal, que o tiro seria perdido.

Ir-lhê ao encalço é empresa summamente difficil mesmo para um bom cavalleiro montado em brioso cavallo: a ema teme a approximação de um peão, e apavora-se á vista de um cavalleiro.

O visconde de Porto Seguro dá noticia de gauchos caçando emas *a bola*.

A diminuição das emas no septentrião mineiro tem uma causa difficil de ser removida sem a acção conjuncta dos governos da União e do Estado. Depois de rigoroso inquerito que abrimos entre caçadores, vaqueiros e moradores das proximidades dos grandes chapadões, chegamos a esta conclusão: a diminuição das emas não provem da acção dos caçadores nem de qualquer molestia; provem,



sim, dos incendios que periodicamente devastam legoas e legoas de campos.

A ema põe grande numero de ovos. O principe Maximiliano, Azara e Darwin falam de ninhios contendo de 20 até 80 ovos. O principe de Wied, que obseyou o sertão entre Minas e Bahia, assignala o mez de Setembro como o das posturas, e essa observação coincide com a nossa. Ora, precisamente o mez das maiores queimadas é o de Setembro.

Não passa de pura lenda a historia do aceiro que a ema faz ao redor do ninho sacudindo as pennas molhadas de proposito ao sentir o fogo nas proximidades. . . Dos ataques nocturnos dos guarás e das guazaranas ella se defende correndo vertiginosamente.

A's raposas que rondam os filhotes a ema dá combate e as afugenta.

Zomba dos cancaens e dos puvas. Mas de nada valem a intelligencia, o faro, a vista e a valentia da ema deante das columnas cerradas do incendio invasor, que annualmente derrama a morte e a desolação nos nossos campos. Nestes ultimos annos os incendios dos campos têm tomado proporções assustadoras. A cidade de Minas Novas está separada da de S. João Baptista por uma zona de noventa kilometros de campos, onde vagamundeavam aves e quadrupedes de toda especie. O anno passado o fogo percorren toda essa região, que ficou reduzida a cinza. Para onde terão fugido as emas que não foram cercadas e queimadas? E os seus ovos? E os seus filhotes? Tudo deve ter ficado reduzido a nada. . . Eu não quero me desviar do meu assumpto examinando o mal que o fogo produz á terra, ás forrageas e ao arvoredor. Fico na ema. E' da acção conjugada da União e do Estado que pode vir o remedio para este caso faunístico.

De posturas municipaes nem se deve falar: são leis escriptas para jazer nos archivos. Incendiar campos de *fazenda de cultura* ou de *criação* é crime inafiançavel; incendiar *mattas* ou *florestas* pertencentes a terceiros ou á nação, tambem é crime, segundo o Codigo penal vigente. Mas não é crime incendiar campos pertencentes á nação (como são em grande parte os nossos) e a terceiros, que não têm criação.

Conven que a lei abranja todos os casos, agrave a pena e entregue os julgamentos aos juizes singulares. Se melhorarmos as leis e deixarmos o julgamento dos crimes de incendio ao

jury nada teremos feito de aproveitavel. O jury é uma instituição condemnada, salvo para os crimes politicos.

A ignorancia do nosso povo é crassa. Tudo quanto se tem escripto e se pode escrever sobre os males causados pelos incendios dos campos e das florestas será lido por quem sabe que isso se não deve fazer.

Os incendiarios estão fóra da acção do jornal, do folheto ou do livro. Para elles só ha de efficaz, de comprehensivel — a cadeia ou a penitenciaria.

Os professores nas novas escolas já prégam a bôa doutrina, mas aos meninos das cidades e dos povoados; os das roças continuam a crescer, no seio das trevas. E é preciso andar depressa com o remedio, senão passará o tempo e a ave que desaparece deixando um vazio immenso na faunistica brasileira entrará para a historia das especies extinctas, com grande magua dos irmãos de S. Humberto, dos sertanejos e dos viajantes. Já não falo da perda commercial....

O ARACAMBÉ

DUCTI AB ORIGINE MORES
CUIQUE SUA...

(GRATIUS)

Affirma Varnhagen que nos nossos sertões ha *duas raças de cães*, de uma das quaes, chamada em S. Paulo *aracambé*, fazem uso os caipiras em suas caçadas.

O capitão Henrique Silva, famoso sertanista, diz que temos no Brasil *uma raça de cães selvagens*, que uma vez encontrou entre os indigenas que vaguejam pelas regiões serranas de Sta. Catharina, não lhe sendo possível observá-la bem.

Dizem que os ha em Goyaz, entre as tribus indigenas. O mesmo capitão Henrique Silva assegura que no Brasil Central ha *uns cãesinhos do matto* semelhantes aos furões portuguezes e aos quaes os paulistas dão o nome de *aracambés*.

São escuros, têm muito faro e perseguem tenazmente os pequenos animaes.

O conselheiro Bento F. de Paula Souza diz que esses animaes são refractarios ao captivoiro.

Não consta que alguém os tenha apanhado e conservado em casa. São peritos caçadores e exercem esse mister em bandos, que se suppõe ser a família. São tenazes na perseguição de pequenas caças, — coelhos, cutias e até veados. Quando atropellam a caça têm um como que latido soluçado, que lhes sae do fundo da garganta, aspirado fortemente, e que os denuncia ao longe. São cães com todos os característicos da especie. O facto de não latirem é característico das especies selvagens, como observa Brehen. Até aqui Paula Souza.

O capitão Henrique Silva acrescenta: “Há poucos annos viajando em Goyaz, ao atravessar uma bocaina de matta, topei com um *catigueiro* perseguido por tres desses curiosos animaesinhos, que passaram sem dar fé de minha presença, tão afincados iam no rasto do veado, que com a lingua pendente levava a alma pela bocca.”

Os cães selvagens que o capitão Henrique Silva encontrou entre tribus indigenas na região serrana de Sta. Catharina devem ser descendentes de antigos cães domesticados.

Em um condado de Inglaterra, refere o Visconde de Hérouville na traducção da obra de James Dalziel Dougall, a pagina 90, que “une chienne dont en avait réguliérement noyé tous les petits plusieurs fois, un beau jour disparut, et l'on découvrit qu'elle était allée déposer de nouveaux petits dans une caverne inaccessible; ces jeunes chiens s'élevèrent tout seuls et devinrent sauvages comme des renards.”

No Rio Grande do Sul, diz Ayres de Casal, os cães oriundos da Europa, sobremaneira multiplicados, vivem no campo, onde se sustentam com o resto das charqueadas, sem procurar povoação. Chamam os cães *chimarrões*. Faltando-lhes o alimento, logo que cessa a matança do gado, ajuntam-se em numerosas matilhas, procuram o que pastar e cercando uma rez perseguem-na teimosamente até que o animal, cahindo fatigado é por elles devorado em poucas horas. Um cavalleiro corre risco no campo, quando elles andam famintos.

O capitão Henrique Silva confessa que não observou bem os cães selvagens de Sta. Catharina...

A origem do cão domestico é ainda hypothetica. Para alguns naturalistas o seu antecessor seria o lobo; para outros, a raposa e o chacal. O sabio G. de Mortillet escreveu na sua *Origine de la chasse, de la pêche et de la domestication des ani-*



maux, que nossos cães têm uma origem múltipla. Isto parece demonstrado pela existencia das raças especiaes encontradas na America antes da conquista.

Como é que poderíamos attribuir os mesmos antepassados immediatos aos cães domesticos dos dois continentes, que não se communicam entre si?

No antigo continente existe ao menos um cão domestico cuja origem conhecemos com segurança, é o grande galgo do Egypto, que já figurava nos monumentos erigidos 4.000 annos antes de Christo. Este grande galgo é certamente o producto da domesticação do *Canis simensis*, cão selvagem do mesmo aspecto e que ainda em nossos dias habita a Abyssinia e grande parte do interior da Africa.

Nas catacumbas peruvianas, anteriores á conquista hespanhola, o cão dos Incas muitas vezes é encontrado junto das mumias. Verificou-se que quando foram descobertas as ilhas Fortunadas os seus habitantes alimentavam grandes cães, cujo numero deu ao archipelago o nome que ainda conserva de Ilha dos Cães, *Canarias*. Vi em Las Palmas, Capital dellas, no adro da principal Igreja, duzias de estatuas de caehorros. . . .

O que é certo é que no Brasil só poucos caçadores e raros sertanistas falam do cão selvagem que se tem domesticado.

Os sabios naturalistas, como Lund, os principeps Maximiliano e Neuvied, não nos dão noticia desses cães.

Da existencia do *aracambé* sim, podemos estar seguros. Coincide com a noticia de caçadores da envergadura de Paula Souza a descripção dos naturalistas. Creio que o *aracambé* é o *canis vetulus de Lund*.

Este animal é verdadeiramente um cão e não uma raposa, porque as suas pupillas permanecem sempre redondas apezar da luz intensa que se possa projectar sobre ellas.

O dr. Lund, que viveu muitos annos na Lagoa Santa, possuiu um *aracambé* que foi assim descripto pelo glorioso sabio:

“No anno de 1840 trouxeram-me um cão novo desta especie. Teria tres semanas de idade. Rapidamente se domesticou (1).
dade.

(1) Isto contradiz o que affirmou Paula Souza, que o “*aracambé*” era inimigo do captivo.

Acompanhava-me por toda parte e bem depressa se fez amigo dos meus visinhos com quem brincava muito. Durante a noite ficava tranquillo; mas de manhã e á tarde mostrava grande activi-

Comia bem todos os alimentos de origem animal, tanto cru's como cozidos. Apanhava os ratos e os grandes insectos, que comia com avidez.

Corajoso, não temia os animaes, ainda grandes. Quando viu pela primeira vez um cão ouriçou-se todo e rosnou; mas pouco depois era amigo d'elle e juntos brincavam. Dahi por diante procurava os cães sem o menor temor. Estes é que se mostravam desconfiados. A sua marcha era rapida como a do gato.

No fim de pouco tempo adquiriu todos os modos do cão domestico. Era muito affavel com a gente branca e bem vestida, e suspeito com a gente preta e mal amanhada. Toda sua doçura e familiaridade desappareciam desde que apanhasse uma presa.

Então a vigiava rosnando e não consentia que alguém se aproximasse della.

Um dia um caçador trouxe-me um velho veado galheiro e o deixou na rua, á entrada da minha casa. Logo o meu chacal (1) o descobriu e lançou-se sobre elle furiosamente, lambendo o sangue das feridas.

Ninguem podia retirar d'alli o veado, tal era a sua furia." A sua côr é cinzenta parda. E. Liais na sua *Faune du Brésil* é de opinião que este animal tem muita affinidade com o chacal por causa dos seus habitos. Estes cães são diurnos, mas gostam de sair á caça nas noites de luar. Tem formas elegantes. Nariz comprido, cabeça pequena e pernas bem lançadas. A cauda é cabelluda. O seto todo é agradável á vista.

Pensa E. Liais que o Principe Neuwied errou tomando este animal por uma raposa do Paraguay, descripta por Azara com o nome de Aguarachay, dando-lhe habitos que pertencem a outra especie conhecida no Brasil pelo nome de *Cáchorro do Matto*, que é de facto uma verdadeira raposa.

O *canis vetulus* de Lund é cinzento-pardo.

Os novos são mais claros.

(1) Lund chamava de chacal o nosso "aracambé". Todos canídeos.

E' preciso não confundir este animal com outro descoberto pelo mesmo Lund, e que foi por elle chamado *Jeticyon venaticus*.

Augusto Goeldi diz que elle é conhecido entre nós por *Cachorro do Matto*.

Não é exacto. O *Cachorro do Matto* é uma verdadeira raposa, conhecida desde longa data. O *Jeticyon venaticus* foi descoberto e classificado em 1841.

Este genero, diz E. Hais, pertence á familia dos cães, mas se distingue dos generos Cão e Raposa e tambem dos generos africanos dos Otoeiãos e Cynhyenas. O *Jeticyon venaticus* foi classificado somente pelo dr. Lund, que conheceu uma especie. E elle constitue na familia dos Cães um sexto genero inteiramente americano, representado no mundo actual por duas especies, mas tendo deixado restos na fauna fossil do Brasil. Lund deu ao genero em questão o nome de *Jeticion* para exprimir certos caracteres reunidos dos dois generos Cão e Marta e chamou *Jeticyon Venaticus* a especie viva que elle estudou. Parece fóra de duvida a existencia de um cão genuinamente brasileiro — o *Aracambé*.

Minas Novas.

F. BADARO'



VOCABULARIO ANALOGICO

IV

LOCUÇÕES-ADJECTIVAS

1.º -- APRECIATIVAS

A's direitas: "O Siqueira era um marinho ás direitas." Virgillo Varzea, Mares e Campos, 80.

D'alma: "Este sim que é chão d'alma a quanto lhe requeiras." Castilho, Georgicas, 95.

D'antes quebrar que torcer: "Homem de um só parecer, de um só rosto, de uma só fé, d'antes quebrar que torcer." Sá de Miranda.

D'aquellas: "Uma zurrapa d'aquellas." Motta Prego, A Lagôa de Donim, 367.

De aço: "Isto, que era uma corrente contraria e hostil, podia comtudo ser facilmente combatido e vencido pela tenacidade de aço de Antonio de Lencastre." Maria Amalia, Figuras de hoje e de hontem, 28.

De alto bordo: "Cousa de alto bordo, cousa grande, não vulgar: Casamentos de alto bordo." Dicc. de Moraes.

De alto descortino: "Varlos espiritos de alto descortino." C. de Laet, Em Minas, 188.

De alto lá com elle: "Um quarto de banho de alto lá com elle que o sr. Fernando mandou arranjar." Motta Prego, A Lagôa de Donim, 22. "Uma fritura de alto lá com ella para o jantar do menino." Ibidem, 36.

De arrojo: "E por isso ha de ter a sua novena de arrojo este anno." Alencar, O Sertanejo, I, 38.

De arromba: "Elle é anexerista d'arromba." F. Manoel de Mello, Feira dos anexins, 119.

De assento: "Homem de assento, — considerado, ponderado, constante." Moraes, Dicc.

De assento e sobremão: "Obra de assento e sobremão." Carneiro Ribeiro,Codigo Civil, VII.

De auctoridade: "Foi-lhe concedido, com tal, que assistissem áquella funcção muitas testemunhas de auctoridade." M. Bernardes, Os ultimos fins, 392.

De beijo: "Com tanto que até lá não haja alguma legua de beijo." Taunay, Innocencia, 114.

De bem: Homem de bem, pessoa de bem.

De boa mão: "Porque Gonçalo de Mendoza não devia ser pessoa de boa mão, para lançar á terra uma semente de futuro." Ruy Barbosa, Conferencia no salão da "Prensa".

De cabeceira: "Os seus poetas eram para elle livros de cabeceira." Maria Amalia, Figuras de hoje e de hontem, 40.

Da China: Negocio da China, negocio excellente, que deixa grande lucro.

De circumstancia: "Uma boa **senhora de muita circumstancia.**" Taumay, Innocencia, 50. Causa de circumstancia, coisa importante.

De consciencia: Homem de consciencia.

De conta: "Pessoa tambem de conta." P.e Vieira, Cartas, I, 337.

De contado: "A dinheiro de **contado**, pago á vista e em moeda corrente." Aulete. Dicc.

De conta, peso e medida: "E' um rapaz de muito futuro no commercio, um **homemde conta, peso e medida.**" Arthur Azevedo, Contos fóra da moda, 97.

Do coração: "Teu amigo do **coração, ou de todo o coração**, ou ex-corde.

De crear bicho: "Bordoada de **crear bicho.**" Castilho, Colloquios, 386.

De Deus: "Não me **alembro**, Da primavera ter dias

Dum sol, de brilho tamanho Como este sol de dezembro: **Solzinho de Deus!**..."

Bulhão Pato, Livro do Monte, 78.

De eleição: "O poeta chegara a Lisboa, que o aclamava ruidosa, **envaldecida** de ter entre os seus muros um tal talento de **eleição.**" Maria Amalia, Figuras, 42.

De enche-mão: "Desejos de bens do Ceu, que são solidos e de **enchemão.**" Arraiz, Dialogos, 51.

De escacha: "O paé, tenho eu ouvido que é **materiação d'escacha.**" Cortesão. Subsídios, dicc.

De escacha-pecegueiro: "Alli lhe estive fazendo umas **trovas de escacha-pecegueiro.**" Cortesão, Subsídios dicc.

De escacha-peroba: "Veio Almeida Garrétt com este **argumento de escacha-peroba.**" Gustavo Penna, Alem dos mares, 37.

De escol: "Aquella natureza de **escol.**" Ruy Barbosa, Dicc. dr. F. de Castro, VI.

De espavento: "Levava o

tardo bruto. Um trem de luzimento; — Xaréis, teizes riscos, E gente de **espavento.**" B. Parapiacaba, Fabulas, 75.

De estado: "Coisa de estado, coisa excellente." Dicc. Flg.

De estima: "Não raro ia o menino, tarde da noite, montado no péio do cavallo de **estima**, levar ao taberneiro algum sacco de café furtado." Dr. Augusto Silva, A Escrava, 4.

De estimação: "Fui pagar um veado de **estimação**, que fugiu da casa do doutor." D. Olympio, Luzia Homem, 72.

De estouro: "Th!... Banquete de **estouro!** Champanha está fervendo." Alencar, Tronco do Ipé, 151.

De estrondo: "Equivocos **d'estrondo.**" F. Manoel de Mello, Anexins, 138.

De estucha: "Até as **compotas**, que ficaram de **estucha.**" Fialho, A Cidade, 154.

De examinação: "Obra de **examinação**, obra prima, trabalho esmerado que faz o aprendiz para passar a mestre." Aulete, Dicc.

De excepção: "Quanto era preciso que essa mulher tivesse um talento de **excepção**, para que este fizesse esquecer a sua figura vulgar." Maria Amalia, Figuras, 203.

De fantasia: Objecto de **fantasia**, letra de fantasia.

De ferro: "Mas uma vontade de **ferro** conteve aquelle primeiro impulso." Alex. Herc., O Bofo, 135.

De folego: Obra de **folego**, de largo folego.

De fonte limpa: Noticia de **fonte limpa.**

De força: Escriptor de **força**, argumentador de força.

De futuro: Seu filho é um **rapaz de futuro.**

De gala: Dia de **gala**, vestido de gala.

De gemma: "Carioca da **gemma.**" Inglez de Souza, Contos amazonicos, 106.

De golpe: "Gatuno de **golpe**, ladrão habil, que, aproveitando ajuntamento de gente ou o descuido de alguém, lhe subtrai •

De agua arriba: "Negocio de agua arriba, difficil, arduo, trabalhoso." Aulete, Dicc.

De agua morna: "Como hoje os nossos legisladores de agua-morna nos afogam em leis francezas." Herculano, Monge de Cister, II, 7.

De algibeira: "Tinha o frade e o bacharel na conta de dois rabulas, lardeados de sabença de orelha e latim de algibeira." Alencar, Garatuja, 18. Pergunta de algibeira.

De arribação: "Não quero graças com você, medico de arribação!" Taunay, Innocencia, 201.

De assobio: "Poeta de assobio; poeta falto de engenho, e mero versificador." Moraes, Dicc.

Do arco da velha: Cousas do arco da velha, cousas extravagantes.

Da breca: Conforme o Dicc. de Moraes: "Da breca; diz-se de cousas desagradaveis, incommodas: faz um vento, uma chuva, um sol da breca." Usa-se tambem a fórma levado da breca ou levado da carepa: rapaz levado da breca ou levado da carepa.

De baixa esteira: "De um Tenorio servil de baixa esteira." G. Junqueiro, D. João, 263.

De baixa estofa: "Picadores de baixa estofa." Camillo, Demônio de Ouro, II, 129.

De barata: "Ella não tinha sangue de barata para aturar tanto desaforo." A. Arinos, Feiticeira.

De boneca: A Josepha tem cara de boneca.

De borra: "Perguntem-lhe lá a esse aprendiz de borra." Castilho, Colloquies, 336.

De bronze: Coração de bronze, alma de bronze, insensíveis, duros.

De cabellinho na venta: Homem de cabellinho na venta, isto é, homem de mau genio.

De cabo de esquadra: "Razões de cabo de esquadra, razões sem valor, insufficientes." Castro Lopes, Anexins, 111.

De cacaracá: "Si vamos encher a avenida de predios de cacaracá, melhor será que nos deixemos de sonhos." Billac, Kosmos, n. 4. Razões de cacaracá, razões de nenhum valor.

De canna rachada: "Voz de canna rachada; voz roufenha, rouquenha, muito desafinada." Moraes, Dicc.

De cantaro: "Alma de cantaro — é a do bonanchão, do que é incapaz de offender. E' a boa alma, talvez do simplorio ou do pobre de espirito." João Ribeiro, Phrases Feitas, I, 91.

De cão: Vida de cão ou de cachorro.

De capa e espada: Diz-se das cousas que por gracejo se querem fazer passar por grandes e graves. Aulete, Dicc.

De carregação: "A desagradavel impressão que deixara na physionomia de Ricardo aquelle acolhimento de carregação que lhe fizera o banqueiro." Alencar, Sonhos d'ouro, I, 207.

De cartapacio: "Prégador de cartapacio." Pina Manique, Ensaio Phraseologico.

De cascas d'alhos: Negocio insignificante. Dicc. Moraes.

De chapa: "Para fazer um radical de estrondo, não ha nada como um ignorante de chapa." Ruy Barbosa, Desorg. do ensino.

Neste mesmo sentido usa-se do adjectivo chapado: "Entra na dança commigo um chapado velhacão, que eu crismei em Don Beltrão." F. Manoel de Mello, Fidalgo Aprendiz, 7.

De chicharro: Alma de chicharro, caracter fraco, sem energia, sem dignidade. Dicc. Moraes.

De contrabando: "Qualquer galan desageitado, um Maximo Odiot de contrabando, ou conde de Camors de carregação." G. Penna, Alem dos Mares, 85.

De cordel: "Poesias de cordel." G. Junqueiro, D. João, 99. "Philologia, barata, de cordel." Pacheco, Gramma., 99.

De cozinha: "Meitia o nariz em tudo, mascava latim de co-

zinha." C. de Figueiredo. Prob. de linguagem, 295.

De crocodilo: Lagrimas de crocodilo, lagrimas falsas, fingidas.

Das duzias: "Lavradorzito das duzias." Castilho, Colloquios, 177.

De diamante: Peito de diamante, isto é, insensível.

De duas caras: Homem de duas caras, homem sem caracter.

Do diabo: Elle fez cousas do diabo.

Dos diabos: E' um homem dos diabos. Succedeu-me uma dos diabos.

De empreitada: Obra de empreitada, obra mal feita, concluida em pouco tempo; oppõe-se á obra de encomenda.

De escada abaixo: "Em outras ignorancias de escada abaixo." Camillo, Bohemia, 337.

De eternas luminarias: "Coisa de eternas luminarias, coisa muito ridícula e digna de escarneo." Aulete, Dicc.

De falanca: "Soldados briosos, quaes são os Portuguezes, não usam cousas de falanca." Arte de furtar, 71.

De fancaria: "Todo o polido calça, justo, todo, o que calça justo, não admittre sapato de fancaria." Arte de furtar, 71.

De farta-velhaco: "Coisa de farta-velhaco, coisa grosseira e abundante." Dicc. de Figueiredo.

De ferro: Coração de ferro; testa de ferro.

De galo: Memoria de galo, memoria fraca.

De industria: Cavalheiro de industria.

De kikiriki: "Afimal só apresentou razões de kikiriki." A. Bessa, Giria Portugueza.

De lana caprina: "Demandas de lana caprina." Arte de furtar, 347.

De lopes: "Café ou botequim de lopes, botequim ordinario." Fig. Dicc.

De letras gordas: "Padre Fr. Isidoro, franciscano de fórmulas athleticas e letras gordas." Her-

culano, Monge de Cister, I, 260.

De levadio: Coisa de levadio, sem segurança, sem fundamento: esperanças de levadio, virtude de levadio, conforme Dicc. de Moraes. Telhado de levadio é o mesmo que de telha van, não emboçado, ou não emboçado, como diz o povo.

Da mula russa: "E que saiam a campo esses doutores da mula russa." Garrett, Dona Branca, 41.

De má morte: "Vinhateiro de má morte." Castilho, Colloquios, 178.

De marca: "Coisa ou pessoa de marca, de marca G ou de marca maior, notavel, grande, (toma-se á má parte)." Aulete, Dicc.

De marca d'anzol: "Fulano é um maroto de marca d'anzol." Pina Manique, Ensaio Phraseologico. Ha o canivete marca anzol, que é de qualidade ordinaria.

De mentira: Era elle um jornalista de mentira, não passava disso.

Dé mela cara: "A minha vaidade, ha de tel-a naturalmente descoberto este psychologo de mela cara." Ruy Barbosa, Esfolia da calumnia, XXXI.

De mela tigela: "A mesquinhez de um ou outro sabichão de mela tigela." Garrett, Dona Branca, 14.

De mil demonios: "Foi uma debandada, uma balburdia de mil demonios." V. Varzea, Mares e Campos, 114.

De mil diabos: "Numa falna de mil diabos." V. Varzea, Mares e Campos, 43.

De nada: "Uma turra com o chefe de secção, — cousa de nada." Machado de Assis, Outras Reliquias.

De neve: Coração de neve, coração insensível.

De ninharia: Ninharia, por si, já exprime coisa de pouco valor.

De nonada: "E' heresia na politica do mundo admittir que um

homemzinho de nonada ocupe dois officios, que requerem duas assistencias." Arte de furtar, 263.

De obra grossa: "Tamanqueiro de obra grossa." Ruy Barbosa, Replica, 142, n. 289.

De orelha: "Lardeados de sabcença de orelha e latin de algibeira." Alencar, Garatuja, 18.

Da pá virada: E' um menino da pá vlrada, endiabrado!

Da pelle do diabo: Vae alli um sujeitinho da pelle do diabo, ou da pelle de Judas.

De pacotilha: "No dizer da princeza de pacotilha." Camillo, Bohemia, 232.

De palha: Homem de palha, fogo de palha.

De palmatoria: "Travacontas de palmatoria." Ruy Barbosa, Replica, 154, n. 331. Erro de palmatoria.

De palmo: Lingua de palmo, ou de palmo e melo.

De pau ôco: "Santinho de pau ôco." Inglez de Souza, Contos amazonicos, 261.

De pé quebrado: Versos de pé quebrado.

De pedra: Coração de pedra.

De perna quebrada: "Diga lá dois versos de perna quebrada." F. Manoel de Mello, Feira dos anexins, 43.

De pipia: Voz de pipia, voz de falsete.

De pouco mais ou menos: Pessoa ou coisa de pouco mais ou menos, sem importancia, sem valor.

De poucos amigos: Elle está com cara de poucos amigos.

De primeira viagem: "Bem se vê que você é pae de primeira viagem." M. de Assis, Dom Casmurro, 306.

De quotilliqué: "Apele do pedestal usurpado a V. Exia. estes sablos de quotilliqué." Camillo, Bohemia, 352.

De rabo: "Mentira de rabo, mentira muito grande." Pina Manique, Ensaio Phraseologico.

De rabo e cabeça: "Mentira de rabo e cabeça, mentira exaggerada." Aulete, Dicc.

De seiscentos diabos: "Esta canalha aqui a fazer uma bulha de seiscentos diabos." C. Netto, Miragem, 30.

Dos seiscentos: "Quando se mette a querer explicar qualquer coisa, é um barulho dos seiscentos." Taunay, Innocencia, 193.

De tal: Manoel de tal, Maria de tal, fulano de tal. Tambem se diz fulano dos anzóes, ou dos anzóes carapuça.

De torna-viagem: "Essa tal sciencia é de torna-viagem." Vianna, Apostilas, 2.o, 26.

De trapos: "Lingua de trapos, lingua de quem tem má pronuncia." Fig. Dicc.

De uma figa: "Jumento de uma figa, cortaste-me o fio ás reflexões." Machado de Assis, Braz Cubas, 83.

Dé vista curta: Doutor de vista curta. João Ribeiro, Phrases Feitas, II, 279.

De vento: "Cabeça de vento; (fig.) pessoa estouvada, sem tino, sem juizo." Moraes, Dicc.

FIRMINO COSTA.

VIDA OCIOSA.

VIII

A peroba do Americo, batendo rijamente o assoalho, annunciou-lhe a chegada. Suas primeiras palavras, cheias de convicção, deram-nos a agradável segurança de que o José *viria*. Depondo o chapéo e o porrete, fez menção de sentar-se para debater commigo um de seus themas favoritos; mas um tinir de nikel no balcão da vendinha, chamou-lhe a attenção.

Era a freguezia dos tostões de pinga, que reclamava Americo. Nada o molestava tanto como essas brutas qué-das no real, que lhe entrecortavam as altas preocupações scientificas

— Si soubesse como esta vida me aborrece, dr. Félix... E lá se foi, displicente.

Siá Marciana, por sua vez, desceu á horta, a mexer-se para o almoço, que costumava ser em hora muito matinal. De caminho cruzou Prospero, que já voltava da lagôa, com um bolo de rêdes sob o braço. Entrando a sala, o velho accomodou-as a um canto.

— Pouca cousa se pôde aproveitar, disse elle; mas depois do almoço vou ver se restauro algumas rêdes.

E ainda offegante da empinada ladeira da horta sentou-se no estrado, onde se poz a arrancar rabos-de-burros e amores-seccos adheridos á calça ensopada de orvalho.

Entrementes eu revia, meio desattento, as figuras de peixe debuxadas na parede. Conhecia-lhes a historia, como foram apanhados, a quem os enviaram, pois o melhor das pescas era sempre destinado a lembranças a amigos. Deleitava-me ouvir Prospero recontar-lhes a historia; punha-

se o velho de pé, com o dedo apontava uma das effigies e começava a narrar; e d'uma passava a outra, até correlas todas, memorando incidentes antigos, surpresas gratas de pescador: uma linha que amarfanha violentamente as capitivas num frufutar tempestuoso que indica uma grande presa a debater-se na agua; um formidavel mandy amarello colhido em pescaria de rodada, certa vez que levava a canôa rio acima bem longe, e viera depois suavemente, trazido na correnteza frouxa, com uma das mãos temperando a canôa, a outra empunhando a longa vara de vinte e cinco palmos, e graduando-lhe a altura de modo a trazer o anzol de arrastado pelo thalweg, onde se alapam os grandes mandys triangulares de pelle dourada pintada de preto.

Com o dedo em alvo e acompanhando a parede, figura por figura, e com seu ar ancestral e barba longa, o sr. Prospero suggeria-me Paulo da Gama a explicar ao malabar os fastos portuguezes, bordados nas bandeiras da armada lusitana:

“Este que vês, pastor já foi de gado,
Viriato sabemos que se chama...”

A mais recente representava um dourado de tres palmos, que foi para o medico que tratou a ultima doença da velha. E Prospero contava o prodigio: pegara-o num anzol pequeno, destinado a peixe de menor porte. Ao correr, de madrugada, as varas de espera espalhadas pelas duas margens, vira n'agua um grande rebojo e uma larga forma refulgente que por momentos prancheava... Avisinhou a canôa, febricitante, em risco de cair; e, sem buscar meio de mais cautela, foi-se abraçando ao bicho, quando o pilhou de geito. Houve uma trovoada no fundo da canôa onde o atirara; o dourado espinoteando com valentia, queria saltar a borda; tornou-se preciso, para conter-lhe os assomos, que o velho se sentasse sobre a sua grande massa viscosa, e sangrasse acto continuo á faca.

Siá Marciana subiu a escadinha do terreiro com o concavo da saia repleto de vagens e xuxús.

— Não muda calça, primo? Tão molhado! — exclamou, entrando na varanda.

O sr. Prospero meneou a abeça num trejeito de indif-

ferença: "Para que? Estava acostumado com a agua. A humidade nunca lhe fizera mal" Siá Marciana falou-me então das imprudencias do velho. Pensava que ainda era moço, não tinha bastante resguardo. Lidando n'agua, tinha estouvamentos perigosos: no anno ultimo caira duas vezes no rio, e todo o dia era uma porção de "quasis" de inspirar apprehensões...

—Um dia cae a casa — sentenciou.

E accrescentou em alvoroço, como quem torna a si:

— E eu que estou a parolar, esquecendo o almoço! Quando o sr. vem ver-nos, dr. Felix, nós todos ficamos com a cabeça á roda. Não avalia a falta que sentimos quando custa a apparecer! E' só o nosso assumpto de conversa... O Americo, esse que o diga! Trepá num cupim e ahí fica horas, espiando a estrada...

Americo que vinha de attender á inculta freguezia, confirmou que sim — mas com uma certa circumspecção que denotava condemnar fraquezas sentimentaes, e expansões excessivas. Accrescentou que a amizade que tinha por mim era um sentimento nobre e elevado, como a affeição que votava aos livros.

Eu achava graça nessas declarações amistosas e sentia-me bem, assim festejado e adorado por aquellas creaturas simples. Mas, para escandalisal-os, contei um caso:

— Acredito que sintam essa falta... Nosso poder affectivo é tão grande, que ás vezes se estende a cousas minimas. Lembra-me o caso de uma formiga doceira, cujo desaparecimento muito me penalizou. Aparecia em hora certa da noite, á hora em que habitualmente escrevo. Surgia de um ângulo da mesa, atravessava-a em diagonal, passando sobre o papel, e quebrava além outra aresta, sumindo-se até o dia immediato. Foi assim muitas noites. Acostumei-me á formiguinha, e, ao avizinhar-se a hora de seu apparecimento, tornava-me inquieto, expectante, fugiam-me as idéas, e nada mais podia fazer, até que surgisse, lepida, ligeira, alegrando o papel com seu passinho miudo, a minha querida amiguinha. A' sua passagem eu movia a penna em continencia, arredando-lhe a ponta da trajectoria conhecida — era 'ão fragilzinha minha amiga! o mais leve de meus movi-

mentos podia causar-lhe a morte. Nesses instantes eu interpellava-a: "Onde vaes tão apressada, minha diligente formiga? Parece que tens a cabecinha cheia de preocupações. Detem-te um pouco, conversemos! Queres assucar? Reservar-te-ei toda a noite uma boa porção. Anda ao menos mais devagar! Repara que ha vinte e quatro horas não te vejo, e sem ver-te tenho de passar outras tantas. Vê bem: um oasis de meio minuto entre dois desertos immensos! Vou com a mão interceptar-te a passagem; para seguires, terás de transpor o obstaculo, ou esperar que eu te deixe continuar teu atarefado destino. E' muito cedo! Não receies que te extranhem a falta, no formigueiro onde morás; são tantas as formiguinhas, trabalhadeiras e tão parecidas! Faze de conta que hoje foi tua excursão mais longa... Não me attendes, formiguinha ingrata? Então... até amanhã!" Não me attendia. Era uma pressa, um phrenesi de seguir... Não via a trilha de assucar com que eu lhe pulverizava o caminho; se a mão lh'o cortava em barreira, não hesitava: subia por ella e descia do outro lado deixando-me na pelle um tenue prurido, que era como uma caricia affectuosa. E não se detinha. Toda ella era uma pressa nervosa, um andar afflictivo, uma celeridade de pequeninos meneios, que pareciam dizer-me: "E' impossivel! não posso, meu tempo está contado, só tenho prazo para vir ver-te de passagem e muito depressa. Posso apenas conceder-te uma visitinha de instantes, para matar a tua e a minha saudade. Não me detenhas! Tenho muito que fazer..." E, acabando de atravessar obliquamente a mesa, quebrava a quina e desaparecia. Um dia... ella não veio mais. Fiquei imprestavel, tive de depôr a penna. Enchiam-me tristes apprehensões. Que seria feito de minha formiga doceira? Aborreceu-se de mim? Esqueceu-me? Afogou-se numa gotta de orvalho? Um passo brutal esmagou-a inconsciente? Eu sentia infinitos receios. Esperei-a uma noite, muitas noites. Nada! Nunca mais voltou...

Todos escutaram sorrindo minha historia. Quando terminei, siá Marciana exclamou:

— Qué graça a da comparação! Vou agora mudar seu nome — d'hoje em deante é o dr. Formiguinha.



Riu-se alto e foi para a cozinha com a arregaçada de vagens e xuxús.

IX

Ainda d'esta vez o dia arrasta-se numa lentidão deliciosamente aborrecida. Vive-se mais, na fazenda do Corrego Fundo, que no resto do orbe. Invento mil modos de encher tempo, e ainda ha sobra para uma semana de *farniente*. Maravilhas da vida rural! Por isso é que o fazendeiro que passou annos a tostar-se ao calor d'um brazido, tem a voz indolente, frouxa e de um fanhoso monotono com um sabor a confidencias segredadas, que acalenta e entorpece. Por isso é que elle poupa os movimentos; para levantar-se não o põe alerta, de pé, a mola d'uma energia que actua de prompto; esse movimento é um capitulo do seu dia: primeiro hesita, pésa e resolve, depois começa — estira os braços, n'um bocejo hiante e sem fim, descae sem forças, corcovado, sobre seus proprios quadris, recomeça o bocejo e o espreguiçar, com a mão tenteia um apoio, mexe o pé e com um "ah!" interminavel vae-se levantando, bambo, descónjunctado. Ganhou com isso cinco minutos.

Siá Marciana tem um bom systema de encher-me o dia, vive a inventar comezainas. Lá surge da cozinha com um prato de pinhões. Tenho o que descascar e roer até o almoço. Enquanto o faço, Prospero encordoa anzoas, dando-me conselhos: devem-se encastoar com cabellos de cavallo marinho, cuja transparencia os torna invisiveis na agua; se em vez de fiò se usa arame, cuidado com as crocas! que encrocando, a menor piaba o arrebenta; o fio deve ser do comprimento da vara, enrolando-se outro comprimento por esta abaixo...

De vez em quando uma discussão religiosa. Prospero aprecia a leitura do velho testamento, a que dá interpretações pittorescas. Proponho-lhe uma questão difficil: se os peccados são suggestão do demonio, não seria melhor que Deus não houvesse creado a este? Elle responde-me cabalmente:

— Se o sr. montasse uma empresa, não necessitava de



um administrador? Assim, creado o inferno para castigo dos maus, era preciso um tomador de conta, e este é o Diabo. Dou-me por convencido, e elle prosegue a encordoar os anzoos e eu a roer os pinhões.

Nesta conversa desatada e mastigação interminavel, veio a hora do almoço. O alumno foi correcto. A' mesa lá estava á beira do Americo, que se prodigalizava em attentões. Era um negrinho de quinze annos, impertigado, de meia e chinellos, que em questões de decencia era o professor inflexivel. Usava a carapinha levantada em topete, e a tudo só respondia "sim" ou "não". Tinha ar serio de negro educado, que sabe ser negro só na "côr". Aquillo era obra do Americo.

Siá Marciana arrumou-me um prato alto como uma pyramide, que lenta mas seguramente, eu ia excavando e trasfegando para os mysterios do tubo digestivo. A cada momento eram instigações:

— Coitado do dr. Felix! está sem fome! O sr. precisa tratar-se melhor...

Ao fim da refeição deixei-me ficar na cadeira, refarto, soltos os botões abdominaes, sem coragem para deslocarme. Sentia-me inteiriço, empanzinado, como feito de uma só peça indobrável. A barriga tumefacta dava-me sensações de gravidez.

— Coitado do dr. Felix! Anda tão sem appetite... coma ao menos uma pamonha com o café... Agora é uma raridade milho verde, mas ainda apparece.

— Pamonhas? Hesitei, apalpei-me. — Venham! — resolvi, intrepidamente.

Como sabiam bem! Pena foi não poder passar de duas, que assim mesmo puzeram-se a brigar com o almoço e os pinhões para arranjar logar. Convenci-me nessa hora de que a impenetrabilidade é a mais secante das propriedades geraes dos corpos. Conciliei a pendencia e compuz-me com a physica cedendo mais um botão da ceroula.

Siá Marciana arranjou com sobejos o prato da gata favorita, que lhe repuxava significativamente a barra da saia. Sopesando-a pelo ventre elastico, pol-a sobre a toalha, junto ao petisco.



— E' um animalzinho tão manso e aceiado! — disse ella, dando-lhe maternos olhares.

Sempre impliquei com bichanos. Detesto-lhes a musica encantarrhoada do peito, e a balda de coçar pulgas nas boccas das calças da gente, principalmente se são novas. Observei:

— Fie-se nessa cordura hypocrita! Não conhece o aviso popular “gato matou sô padre?”

A velha riu-se. Era uma antiquissima historia, e provavelmente lendaria. Já seus bisavós lhe contavam em menina a historia do padre que, armado de chicote, se fechára numa sala para castigar um bichano. O animal enfurece-se, encrava-lhe as presas curvas na garganta e... era um padre que morria e um exemplo que para todos os seculos porvindouros nascia. Que a historia era muito espalhada. Quvira-a do dr. Deapé, o gallego, e tambem um francez lh'a confirmara, pelo que um e outro ouviram na sua terra d'elles.

— Calumniaram vocês, minha gatinha... — E siá Marciana amaciava-lhe a espinha ondulante, esperando a terminação do almoço, para acabar de tirar a mesa.

Fóra a toalha, o pessoal espalha-se. A velha encafua-se na cozinha. Prospero vae buscar as rêdes necessitadas de reparos, e Americo, mais o impertigado negrinho, somem para o commodo de negocio. Na sala só fico eu, empachado, o coccix no rebordo da cadeira, a nuca apoiada no respaldo. D'ahi a instantes faz-me o velho companhia, concertando uma primeira rêde que estende sobre a larga mesa de oleo.

Prospero absorveu-se no trabalho pelo qual, meio distrahido, eu me interessava. O novello de barbante não tinha descanzo. Durante meia hora acompanhei-lhe os movimentos, calculando commigo: “agora é um remendo aqui, um nó alli...” A's vezes errava em minhas conjecturas, o que me dava uma leve contrariedade. Incansavelmente meu espirito formulava previsões: “Para concertar aquella ponta, o velho terá fatalmente de passar para o outro

lado da mesa..." Fatalmente enganava-me; ou virava elle o tecido, ou debruçava-se mais.

Isso fatigava-me extraordinariamente.

Com intervallos mais ou menos longos, Prospero ia ligando pedaços de phrases — episodios de pescarias a malhas, os ultimos successos e insuccessos. Nunca comprehendí bem como se arma uma rêde; sobre isso minhas idéas eram em absoluto falsas, o que me desgostava. Ao mesmo tempo receiava que o velho m'o explicasse. Aprender é tedioso. Os machinismos, então, causam-me particular horror. Numa descascadeira, ao ver o café cair, deleito-me; se querem contar-me o processo da descasca, suppliciam-me inutilmente. O caso das rêdes enchia-me de apprehensões, porque uma idéa falsa tambem causa tedio e eu tinha na bocca uma perguntinha recalçada: "Como se arma isso?" Previa já a intuitiva exposição: o velho que interrompia o trabalho e fazia gestos de fincar estacas, e outros gestos simulando a rêde estirada... Provavelmente eu faria um esforço de abstracção, mas continuaria na mesma, sem comprehender.

Nesse em meio ia acompanhando o concerto, procurando, a espaços, divertir a attenção para o exterior, onde devassava um trecho de céu. Era cahir de Sylla em Caribdes. Via corvos minusculos ao alto descrevendo serenamente grandes orbitas vadias. As extremas de suas parabolae, quasi as encobriam os portaes da janella. Era sempre *quasi*. Por esse lado tambem vinham-me apprehensões: "Desta vez encobre, porque a parabola é mais longa..." Preparava-me para mudar de posição afim de não perder as extremas da curva. Mas era excusado, porque mal tangenciava o portal, o vô tornava em direcção regressiva... Era intoleravel. Antes as rêdes! Após um tempo infinito finalisou-se a primeira. Suspirei de allivio.

— Quantas faltam agora, sr. Prospero?

— Nove.

Horripilado levantei-me e fugi. Não foi bem fugir; a expressão é muito lesta para quem tinha meia arroba de mantimento no bucho; fui rebolando-me para o interior com a lerdice d'um cevado em ponto de faca. Ao chegar á



varanda, novo susto do papagaio e a indefectível quêda do poleiro.

— Por isso é que meu Louro anda acorrentado depois de velho — disse siá Marciana, que vinha trazer-lhe a ração. Cáo atoa! Velhice é cousa triste, não, meu negro?

Contou-me que não havia papagaio tão tagarella como aquellê, no seu tempo. Sabia o nome a todos, atiçava cachorros, chamava os escravos. Toda a manhã descia da placa e ia postar-se na cerca que dá para a estrada, d'onde saudava os transeuntes conhecidos com um "boa tarde" nasal. Para elle era sempre tarde, a qualquer hora... Em novo muito dado, a idade tornara-o rabujento. Só tolerava o velho; os agrados dos mais, recebia-os de bico em riste. E que implicância tomára com o Leonardo, o hospede comido de syphilis que alli fôra curar-se da gafeira que o imbecilizara! Se, quando o via, estava solto, lá ia, pés impercussos, empoleirar-se em sitio propicio, e, zás! no lobulo da orelha. Ainda agora, ao ouvir-lhe a voz na estrada, agitava-se, cahia, batia as azas, febril, buscando libertar-se da corrente.

— Não é assim, meu Louro?

Não obtive resposta, porque depois de uma bicada inappetente na comida, sem esperar pela conclusão da biographia recaira a ave em sua modorra habitual.

(Continúa).

GÓDOLFREDO RANGEL.



PAGINAS ESQUECIDAS (*)

MARTIUS

D. Carlos Frederico Philippe de Martius, filho de Ernesto Guilherme Martius, professor da Escola de Pharmacia de Erlangen, nasceu na cidade de Baviera a 17 de Abril de 1794, e alemão pelo berço em que se embalou á margem do Reduitz, era pelo sangue ou de origem italiano. Por mais que se ostente rica de grandezas, de maravilhas e de heróes, a Italia tem direito a lamentar-se da privação desse monumento que lhe tomou a Allemanha.

O açoite sinistro da intolerancia religiosa espantára, com tresloucada perseguição, da Italia e da França, como havia de espantar a Hespanha, milhares de victimas de suas crenças, que, fugindo á oppressão e ao despotismo, ao terror e á morte, levaram braços e capital, industria e sciencia, progresso e pujança para os estados hospitaes, onde ao encanto da liberdade acharam guarida e protecção. Erlangen applaudio-se em 1688 engrandecida com a sua cidadenova, fundada por muitos dos calvinistas emigrados da misera França, quando Luiz XIV, obedecendo á influencia da Alintinan, cujo confessor era jesuita, revogou o edito de Nantes, com que Henrique IV tinha garantido patria, privilegios, segurança e crenças dos seus antigos correligionarios. Como então, já dous seculos antes, Galosthus Martius, nascido em Narni em 1427, e nomeado professor em Padua em 1450, havia sido obrigado, para escapar ao furor da intolerancia religiosa, a refugiar-se na corte do Rei Matheus Corvinus da

(*) Commemorando-se no corrente mez o centenario da vinda de Martius ao Brasil, julgamos interessante reproduzir o discurso de Joaquim Manoel de Macedo, pronunciado na sessão magna do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de 15 de dezembro de 1869, por occasião do anniversario da morte do sabio allemão..

Hungria; depois a familia Martius, perdida pela Italia, se espalhou pela Allemanha.

O sabio, cuja morte deploramos, herdou de seus parentes o amor das sciencias naturaes e especialmente da botanica. Henrique Martius, seu tio-avó, fôra o autor da *Flora de Moscou*, e seu pal era contado entre os fundadores da Sociedade Botanica de Ratisbona; esse amor tornou-se para o tambem nosso Martius em desveladissimo culto; na idade das flores amou as flores e aprendeu os seus nomes, sua composição, seus orgãos; joven, conquistou o mundo dos vegetaes, reconhecendo, classificando e registrando nos livros do seu dominio desde as algas quasi imperceptiveis até os boababs da Africa e os verdes gigantes do Amazonas; velho, enfim, achou-se em um throno, e co-roudo rei por todas as nações e por todos os sabios: Carlos Frederico Philippe de Martius foi o rei e na historia fica rei do reino vegetal.

Sahindo do collegio de Erlangen, onde bebeu profundos e variados conhecimentos litterarios, Martins entrou aos dezeseis annos para a Universidade, destinando-se á medicina, que sacrificou á sua predilecção pelas sciencias naturaes; dous annos depois, tomou o gráo de doutor da academia, apresentando a sua primeira obra "*Plantarum horti, academici Erlaugensi enumeratio*". A 17 de Abril de 1814, no quarto lustro, pois, de sua idade, já era em Munich adjunto do velho Schrank, inspector do jardim botanico que alli acabava de ser estabelecido, e, furtando-se muitas vezes a essa capital, fez até 1816 diversas excursões botanicas em Salzbourg e na Corinthia, onde herboreizou com Hoppe. Nomeado adjunto da academia em Outubro desse ultimo anno, publicou no seguinte a "*Flora Cryptogamica Erlaugensis*", obra ainda hoje altamente considerada pelas mais competentes autoridades.

Em 1816, por occasião do casamento da Archiduqueza a sra. d. Leopoldina d'Austria com o Principe Real o sr. d. Pedro, depois primeiro Imperador do Brasil, os Governos da Austria e da Baviera resolveram mandar a esta parte da America, que em breve se tornaria imperio independente e livre, dous naturalistas bavaros, Spix, como zoologista, e Martius, como botanista; a Academia das sciencias exigia desses missionarios um estudo, o mais aprofundado que fosse possivel, de todas as producções naturaes do vasto e esplendido Brasil. Pela grandeza da commissão calcula-se a grandeza da confiança, e um dos dous naturalistas, Martius, contava apenas 22 annos; era da idade de Condé na batalha de Rocroy.

Partidos de Trieste a 22 de Abril de 1817, Martius e seu compa-
nheiro chegaram ao Rio de Janeiro a 15 de Julho seguinte; os dous naturalistas não eram desses viajantes romanescos, improvisadores sem consciencia, que, farejando os lucros da edição de um livro novo, simulam peregrinações que não flzeram, observações do que não viram, inventam costumes que não existem, e, passando as noites no

alcaçar ou em orgias fazem de conta que testemunharam as pororocas do Amazonas e admiraram a cachoeira de Paulo-Affonso; e temperando historias que fantasiavam com o epigramma mordaz, com a falsidade extravagante, com as calumnias mais indignas, ingratas á hospitalidade mais franca e á protecção mais facil e menos bem merecida, voltam para sua bella Pariz, e, só por milagres dez vezes escapos aos selvagens e aos horrores do Brasil, fazem o seu negocio, vendendo o livro, pura e innocente fiór que lhes sahira da alma sem peccado.

Martius e Spix não foram falsificadores: homens de sciencia e de coração, sabios, verdadeiros gigantes ante os quaes se somem no desprezo aquelles insectos apenas incommodos, Martius e Spix, conquistadores da natureza, lançaram-se nos campos de seus triumphos e de suas glorias, nas Provincias de S. Paulo e Minas abriram suas primeiras campanhas, sonharam com as entranhas da terra descendo aos mais fundos valles, e saudaram de perto o céo, attingindo os cumes das mais altas serranias; de Minas Geraes foram audazes, penetrar na Provincia da Bahia, onde, depois de fertéis excursões no districto de Ilhéos, riquissimo de plantas interessantes, invadiram o interior dos desertos, entraram em Pernambuco e o percorreram, franquearam montanhas, chegaram aos valles ardentes do Piauhy e os venceram, levaram sua conquista insaciavel ao Maranhão, donde pelo oceano saído demandaram o Mediterraneo doce, subiram o Amazonas até Ega, e ahí, enquanto Spix seguia as aguas do rei dos rios até o Perú, Martius avança pelo Japurá até Nova Granada, estacando em frente das cataratas de Arara-Cuara. De volta, os dous naturalistas reuniram-se na barra do Rio Negro, e foram chegar a Belém a 15 de Abrii de 1820. No fim desse mesmo anno chegaram de volta a Munich.

Em pouco menos de tres annos de afadigosas viagens e atrevidas excursões Spix e Martius tinham percorrido cerca de mil e quatrocentas milhas, no sul do Brasil, subindo a majestosas e imponentes serras; no norte admirado os maiores rios do mundo, recolhido no sul e no norte raras e preciosas colleccões, visto, estudado o homem civilizado e o homem selvagem, o cidadão e o indio; apreziado as maravilhas da nossa opulencia vegetal, e calculado os prodigios da nossa riqueza mineral, comprehendido, emfim, a assombrosa torrente de passaros, de thesouros e de privilegios naturaes, derramada pela Divina Providencia sobre este solo de benção, onde tudo a seus olhos se ostenta grandioso, tudo... tudo... menos o homem, que ainda hoje é pequeno em face das proporções magnificas de uma natureza excessivamente descommunal.

A' memoria de Spix devemos por certo gratidão; Martius, porém, foi mais do que Humboldt, foi o Colombo do Brasil; pelo berço allemão, pelo sangue italiano; Martius é nosso pela cabeça e pelo coração; Martius é brasileiro pela sciencia e pelo amor; jovem, ardente,

sensível, sagaz e consciencioso observador, o sábio naturalista e distincto litterato recebeu, na sua viagem scientifica pelo nosso paiz, impressões tão generosas, vio de perto tão esplendidas maravilhas, descortinou tantos segredos de opulencia, recolheu tantos thesouros para a sciencia, foi tão amado e amou-nos tanto, que até aos seus ultimos dias, que até á sua morte Martius lembrou o Brasil, servio ao Brasil, contou com o Brasil, e não lhe faltou o Brasil.

O grande sábio, conquistador intellectual do Brasil, como lhe chamou um dos seus biographos, consagrou a maior parte de sua vida ao nosso paiz; nem sabemos dentre os nossos estadistas brasileiros quem tanto haja feito por elle: a Martius devemos e deve o mundo obras numerosas, geographicas, ethnographicas, linguisticas e botanicas, sobre o Imperio americano, e ainda em 1867, aos 74 annos de idade, Martius, o Brasileiro pela sciencia e pelo amor, publicou um ultimo trabalho sobre a lingua e costumes dos nossos indios. Em seus escriptos magistraes e profundos, não ha conselho que aproveite aos interesses egoisticos de paixões que não têm olhos para o dia de amanhã, e que se gastam em redomoinhos estereis de uma luta ingloria, na qual é a patria o que se lembra menos; ha nelles, porém, luz de futuro, sol que illumina o caminho das immensas fontes de riqueza publica.

A primeira obra de Martius, devida a expedição scientifica ao Brasil, foi a relação dessa importante viagem, que encheu tres importantes volumes em quarto, publicados de 1823 a 1831, e enriquecidos de cartas geographicas; o Rei Maximiliano I tinha encarregado deste trabalho a Spix e Martius; Spix, porém, morreu em 1827, de modo que ao segundo coube principalmente o desempenho da transcendente tarefa, que, aliás, é tão louvada, como a obra igual de Humboldt sobre as outras partes da America tropical. Goethe fez o elogio desse monumento de Martius, e o celebre pintor Cornelius ornou-o com um frontespicio. O nosso sábio e venerando consocio, ha um anno e dous dias finado, foi além dos compromissos que tomára, e, por morte de Spix, que apenas tratára dos mamíferos, das aves e da parte dos amphibios do Brasil, completou o trabalho do seu fiel e dedicado companheiro, sendo auxiliado por zoologistas celebres, como Agassiz, Anté Wagner e Pesty.

A parte botanica da fertilissima commissão scientifica, resultado precioso das colheitas realizadas por Martius, deu ao mundo o que se chama "Nova genera et species plantarum brasiliensium", onde o sábio descreve mais de quatrocentas especies e setenta generos novos.

Descansando destas produções gigantescas, para as quaes apenas bastaria a vida toda de um naturalista notavel, Martius distrahiase, multiplicando incessantes estudos e fições, que modestamente publicava, que a sciencia recolhia zelosa, e cuja enumeração encheria paginas, que elle dispensa no esplendor de mais deslumbrante gloria.



Mas o venerando sabio deu ainda a seus contemporaneos e legou á posteridade duas obras magnificas, que são soberbas pyramides atestadoras prepetuas da sua robusta e admiravel sciencia: uma dellas é a "Historia Naturalls Palmarum", tres volumes infolio impressos em Munchen de 1828 a 1850, e cujo primeiro volume trata principalmente das especies brasleiras. A outra é a "Flora brasiliensis".

A historia natural das primeiras, que Linnéo chamava as príncezas do reino vegetal, é reputada pelos mais abalsados e competentes juizes como portentoso monumento; e um celebre naturalista lavrou sobre ella a sua sentença, exclamando, arrebatado: "Emquanto houver palmeiras, será lembrado o nome de Martius".

A "Flora Brasleira" devia e deve conter a descripção e a figura de todas as plantas do Brasil; os mais famosos botanistas do mundo contribuíram para essa publicação, que teve por protectores S. M. o sr. D. Pedro II, o Imperador Fernando I, da Austria e o Rei Luiz I, da Baviera, e que se considerou sem rival nos annaes da botanica. Honroso e grato nos é lembrar que a magestosa "Flora" exigia sacrificios peculiarlos que nem sempre acudiam ao sabio, e que foi de 1850 em deante, com o concurso poderoso do Governo brasleiro, que ella se desenvolveu, anlmada e facil, em folhetos que Martius deixou em numero de 46, contendo já mil e quatrocentos desenhos *in-folio* e a descripção de mais de mil especies de plantas. Não coube ao venerando Bavaro a fortuna, por elle ardentemente desejada, de levar ao cabo tão grandiosa empreza.

Setenta e quatro annos, dos quaes mais de sessenta consagrados ao estudo, ás excursões e viagens sciéntificas, ao magisterio, ao cultivo incessante das sciencias naturaes e das lettras, a essa extraordinaria producção de obras que enriquecem as bibliothecas de todas as academlas do mundo, gastaram aquella vida preclosissima, que não chegou a ser de um seculo, e que, medida pelo numero e transcendencia dos trabalhos deixados, parece tér sido de seculos.

Martius honrou com o seu nome o quadro dos membros de quasi todas as academias e sociedades sciéntificas do mundo: imperadores e reis não pouparam a manifestação de estima e de favor ao seu grande merecimento; e as nações, e os sabios e os seus contemporaneos souberam glorifical-o vivo; plantas e animaes descriptos pela primeira vez receberam o seu nome; na Nova-Islandia, uma montanha valdosa ousou chamar-se Monte Martius; e, por occasião de sua festa jubiliária, a 30 de Março de 1864, o velho professor de botanica, de Munich, viu cunhada uma medalha com a seguinte inscripção: "Palmarum patri dant lustre decem tibi palmam. In palmis resurges".

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.



UM AUTOGRAPHO DE
CARLOS GOMES

Caro Carlo

Milano 3  ott 74

Ho letto a Trieste il tuo
del articolo nella Gazzetta del
Teatro sul Salvator Rosa, e
ti ringrazio di tutto cuore
per la tua bella parola a mio
riguardo. Sei stato l'unico
fra tutti che ebbe della bon-
tà per me! Grazie!

Non posso capire il perché
tutta la stampa milanese
è così avversa a me, mentre
con altri è stata sovrachin-
mente più che favorevole!

Se è questione di nazionalità,
trav. assurdo, già che mi è
assolutamente impossibile di:

uscire un'altra volta per
opere italiane, tanto più che
io non sono malcontento di
opere brasiliane!

Ci val coraggio, e per ora non
mi sento scoraggiato affatto, e
andò avanti a dispetto loro!

Vedremo, chi si stancherà per
primo!

Ho rifatto un poco agitato in
questi giorni, e non ho avuto
tempo e calma per leggere
la Bella Gabriella. Ora, pensavo,
e ti sapro dire presto qualche
cosa. Il successo di Trieste fu
completo (a dispetto anche di chi
non vuole!) - Di fretta ti
saluto di cuore e credimi
sempre il tuo vecchio amico
A. Carlos Gomes



RESENHA DO MEZ

AMADEU AMARAL

Já se encontra nas livrarias, em uma edição de gosto feita pela "Cigarra", o novo livro de versos de Amadeu Amaral. Não sabemos o que delle pensará o grosso dos leitores. Talvez não pense coisa alguma, ou



pense mal: Amadeu não é poeta que falle á sensibilidade espessa das multidões... Temos, porém, absoluta certeza de que para os espiritos delicados será um livro de altas e fortes qualidades. A poesia de Amadeu Amaral não é feita desse lyrismo facil que acaricia o ouvido, provoca um ligeiro arrepio de emoção e desfaz-se logo sem deixar sulcos no espirito. E' a expressão larga, equi-

librada e serena de um nobre pensamento. Mais philosopho que poeta ou antes, um philosopho-poeta, o seu verso, impecavel sempre pelo rigor da technica e sempre magnifico pela pureza da linguagem, pelo imprevisito das imagens exactas, e pela ondulação ampla do rhythmico, não é o vehiculo esplendido de emoções triviaes mas o engaste precioso de finas sensações estheticas ou de formosas concepções espirituaes.

Melancolico de nascença, esquivo por excesso de timidez, natureza de uma sensibilidade aguda que o traz encarcerado em muralhas de desconfiança sob a guarda permanente de melindres assustadiços, Amadeu Amaral não é, entretanto, um pessimista nem um desalentado. Ha nos seus versos, certamente, muita sombra de magua, muita confissão de tristeza, mas ha egualmente muita nota viril, muita expressão de confiança, muita exhortação á luta, muito hymno á vida. Dentro de sua alma, envolta numa penumbra de soffrimentos vagos e de vagas decepções, que engana á primeira vista, crepita o lume vivo de um ideal, que nunca morre, e floresce, sempre risonha e viçosa a roscira de uma bondade que nem todo o mal do mundo consegue murehar.

Esse contraste reflete-se, como é natural, nos seus versos. A gente os lê e a primeira impressão que recebe é de uma coisa bella mas fria, tristonha e distante. Logo depois, entretanto, a impressão muda e a gente sente que ha, naquellas estrophes, o

calor de um entusiasmo que se retrai ou, melhor, que tem o pudor de vibrar, e a alegria de uma alma ingenua que se encolhe e disfarça com receio de que, dilatando-se, vá a tocar na crosta aspera do mundo e se magoe...

OS ANDRADAS

Ha entre os descendentes naturais dos Andradas alguns homens de grande valor intellectual.

Porque, entretanto, nenhum delles consagrou ainda á memoria dos tres grandes brasileiros o estudo que ella está exigindo? — O dr. Martim Francisco, a quem o sr. Capistrano de Abreu directamente interpelou a esse respeito, deu-lhe naquella sen feita original e saboroso, a resposta deliciosa, cujos trechos principaes passamos para estas paginas:

— Tua pergunta e respeito do meu interrompido trabalho "OS ANDRADAS" provoca resposta argumentada e longa.

Apontamentos, reminiscencias de confabulações paternas e outras, exa-me da parte do arquivo de Jozé Bonifacio que me foi entregue, annaes parlamentares, publicações esparsas, recente manifestação de Monteiro Lobato, meu arquivo particular, varios capitulos já coordenados, subsidios esses que, não houvesse sobrevindo a guerra, pretendia eu completar om Vienna e Londres, poderiam em prazo beirante a um anno produzir o livro que eu delineára. Colloca-te, porém, no meu lugar e responde se vale a pena semelhante empreitada. Conversemos antes da resposta.

Esereveu-me Joaquim Nabuco, aliás muito andradista, ser uzo no Brazil deprimir os Andradas, embora sua trindade fascinasse sempre a mocidade nacional. Não se enganava, e eu te digo porque. Quando Jozé Clemente Pereira, Ledo, Januario, Sampaio e outros, hezitantes, foram merecidamente punidos como INIMIGOS DECLARADOS DA CAUZA NACIONAL (*Annaes da Camara dos Deputados*, 1833) começaram os Andradas os dezoito mezes dum governo que,

iutilizando batalhões da metropole, aparelhando a possível marinha, arrecadando impostos apenas numa exigua faixa do paiz, e não derramando, por motivo politico, uma gota de sangue brasileiro, conseguiu, fato que dezafia copias e desconhece imitações, crear uma nacionalidade sem emprestimo externo.

Naturalmente contra esse governo, rematado que foi o artigo essencial do seu programma, as oposições se conjuntaram. Sempre assim aconteceu. E' da praxe revolucionaria. Amoldando-se ás novas formulas, reagem dentro dellas os interesses contrariados; e não miudos, nem poucos, eram elles em 1821-3.

Ao elemento portuguez, poderoso e queixozo, azevivo e apprensivo, logicamente se ligaram, nas insidias de sua acção, o justo porém mal aplicado despeito de Diogo Feijó por não haver obtido assento na Constituinte, e os dissabores daquelles medrozos que, conforme reconheceu mais tarde o proprio Jozé Clemente, padeciam da *inveja que roe e do sentimento da mediocridade que atormenta* (Ibid.) Nas eleições em S. Paulo, Jozé Bonifacio foi o penultimo votado, e Martim Francisco só alcançou suplencia, da qual dezistiu preferindo mandato pelo Rio de Janeiro por motivos do mais atilado patriotismo.

Necessariamente a maioria adversa aos Andradas teve maior descendencia que a minoria; dai, até hoje, o fato que Joaquim Nabuco assignalou. Alvorçando sua cidade, os paulistanos festejaram o desterro dos deputados constituintes nomeando commissão que levasse a Pedro 1.º parabens pelo golpe d'estado de 12 de Novembro; Mont'Alverne, o mesmo que em Março de 1831 afrontaria as raivas do joven monarca, da tribuna sagrada o elogiava pela exclusão dos motineiros (era vulto de valor, mas tambem de prego: pregava segundo a encommenda: apoteozou Carlota Joaquina em eloquentissimo sermão); e Diogo Feijó, irriquetamente, cercou de promessas de dedicação a autoridade dos novos ministros. Mas fato indiscutivel, inofismavel acontecimento a desnudar a esperteza dos

que, deixando a outros as emoções do combate, se rezervavam as da vitória: successo permanente em summa: a Independencia realizou-se. Frutificára a semente das instruções entregues por Jozé Bonifacio á deputação paulista ás côrtes de Lisboa.

E agora, Capistrano sensato, Capistrano sincero, Capistrano da vanguarda intellectual de minha Patria, diz-me se quem, estudando nossa historia, invariavelmente enxerga profetas do passado remoendo insolencias á maneira pela qual assentámos praça na fileira dos povos livres, tem ou não o direito de perguntar: mas que era que os Andradas deveriam ter feito? Como deveriam ter procedido na tarefa da Independencia?

Sim. Dez vezes sim. Cumpre frizar, mas frizar bastante, frizar sem rodeios, sem subterfugios, essa absurda circumstancia: dos censores que vivem e viveram a publicar os erros dos Andradas nem um indicou quaes deveriam ter sido os seus acertos! Alguns mostrando-lhes eu esse aspeto da questão, se restringiram, em resposta, a ficar com a cara dezenxabida do obsesso consciante; um delles, porém, decorrido minuto de meditação que delicadamente considere profunda, replicou defender eu os Andradas porque delles descendente. Que, por não só-lo, os acuzava o trapalhão, dezisti de treplicar.

Aos Andradas nada se perdoa. Nem uma atenuante lhes abranda as padecidas sentenças. Suas ações mais explicaveis pela intenção, pelo momento, pela tardança das communicações, pelo tamanho da responsabilidade assumida, são processadas e julgadas por inexoravel prevonção. Aos seus adversarios tudo foi e é desculpado, tudo é e foi permittido; uma convoncional taciturnidade dissimula seus telhados de vidro. A tolerancia, porém, pede limites.

As frouxidões monetarias de Ledo; o lembrete material a Mont'Alegre pelo moribundo Braulio Moniz; as anormalidades de Evaristo da Veiga; os ardores de Januario; a legitimação da Goyaz pelo visconde de S. Leopoldo; Diogo Feijó e o morticínio do Mato-Grosso, e a provoca-

da e evitavel revolução do Rio Grande do Sul, e a violenta fraude eleitoral de 1833, e a recuza de garantias da vida a Antonio Carlos, e o fuzilamento de prisioneiros na Ilha das Cobras, e a exigida falsificação da lista senatorial do Espirito-Santo para escolha immediata de intruzo sem votos, e a dezistencia regencial num manifesto banalissimo, e a revolução de 1842 rebentada contra intnitos e ordens de Tobias de Aguiar: foram realidades publicas, deprimentes, que não receberam, da generalidade dos nossos cronistas em curso de restrições mentaes, paragrafo que as acuzasse, adjectivo que as punisse.

Toca as raías da chacota tanta persistencia no abuso de dois pezos e duas medidas! Governo, podia e devia Feijó espionar os Andradas opozicionistas; opoziecionista, não devia nem podia Feijó ser espionado pelos Andradas no governo. Prezos repentinamente, atirados com suas familias durante 54 dias aos azares do Atlantico e dum navio podre, não deviam nem podiam os Andradas receber pagamento de suas apozentadorias legaes, lançando-se-lhes até sobre a memoria 124\$000 gastos a bordo em alimentos de má qualidade; seus adversarios, porém, consultados quanto a locaes para rapida auzenia, e recolhidos á Patria logo que a Independencia pareceu solidada, tinham direito a todos os vencimentos, a todas as garantias de vida, e ainda são chamados á posteridade como martires do dever e victimas da prepotencia!

Não para nisso a injustiça. Cresce o acinte na leviandade. Os 6:999\$000 de apozentadorias recebidas durante o exilio, e que devem constar da escrituração do Tezouro, foram, em tumultuaria afronta á veracidade orçamentaria, por investigadores que se zangam quando se lhes requer a troca da invencionice pelo documento e a permuta do improvizo pela prova, convertidos em despesas do Brazil com a volta dos Andradas. Insensatez. Inverdade. Excede larguras de utopia a compra de seis passagens da França pa-

ra o Brazil, em 1828-9, por sete contos de réis.

Fatos divulgados: Antonio Carlos embarcou para o exilio tendo cedido, por procuração que conseguiu passar em 12 de Novembro de 1823 á noite, na fortaleza da Lage, officio de justiça lotado em 25\$000 por mez; Martim Francisco exerceu professorado particular em Mussidan; Jozé Bonifacio, apesar da venda de sua colleção mineralogica para ocorrer sustentação da familia, só pôde embarcar para o Brazil depois dos irmãos, pagando meia passagem e comprometendo-se a saldar o faltante á chegada. Eram pobres, e normalmente os orçamentos consignam verbas para sustento de presos pobres. Restituiu-lhes o Tezouro as despezas viajeiras? Certo, das dos seus adversarios, pagas, ninguém indaga; fôra perturbar concerto de criminações que têm ido até o ultraje.

Para calmar os assanhos exploradores de pendencias alheias— e exeluo desse delicto a sinceridade testemunhal de Machado de Oliveira, a tradicional competencia de Homem de Mello, a erudição consciencioza de Antonio Piza e a illustração lealíssima de Alfredo Varela — cumpre rememorar que Feijó e os dois Andradas sobreviventes ao Patriarca morreram amigos, collaborando na arregimentação do partido liberal do sul do Imperio contra a forte organização conservadora preparada por Bernardo de Vasconcellos desde 1837; que Jozé Clemente (Jozé-pequeno, como o chamavam por ser de estatura menos que mediana, e elle achava graça) na comunicação á Maçonaria, em 1838, da morte de Jozé Bonifacio, patenteou quantas pazes fizera com o seu antigo commandante na campanha peninsular; que a Mont'Alverne intentaram Martim Francisco e Antonio Carlos, ministros em 1840, dar um bispado, não o conseguindo ignoro porque (Que falta já me faz o Fazenda!).

Dos tres irmãos foi sempre Martim Francisco o preferido da malevolencia; era o mais moço e o mais lutador. Officio de Franca e

Horta qualificava-o de o homem mais pernicioso da capitania. Era-o para os perniciosos. Funcionario limpo, chamára a contas as atrapalhadas contas de Varnhagen na administração do Ypanema. No *Diario de Viagem ao Tibagy* manifestara-se contra o trafico africano, animando-se a aconselhar limitação legal ao castigo dos escravos. Impedira monopolio de carnes tentado pelos ricos da capital. Devolvera negros de contrabando, que magistrado poderoso lhe dera em aluguel para serviço rural na Ilha de S. Amaro. Dizia o que pensava; fazia o que dizia.

Contra essa incommoda creatura todas as armas serviam; o *Martim coronel das novidades*, galhofava na viola um estribillo do tempo; sendo *insuportaveis os atos de despotismo do coronel Martim*, exordia a representação ao principe regente, sem indicar atos de despotismo, mas extravagantemente arrazoando expulsar tambem de S. Paulo o brigadeiro Rodrigues Jordão por ser notorjo amigo daquelle coronel.

Causa e dóe, dóe e assombra tanta perversidade! o eazo do Chaguinhas, esse então, irrita e enjoa. Preeclida de fingido espanto relativo a enforcamento em epoca que os munerava quiçá mensalmente, sua patibular narrativa superabunda em mentira calculada. Vejamo-lo, porém, em sua nudez veridica.

Por atrazo de soldos um batalhão se revolta em Santos; Chaguinhas, commandante, não podendo conter os amotinados, capitanea-os; cazas assaltadas; morticínios; crianças trucidadas; alguns revoltosos enforcados nas vergas de navio que se defende; descida de tropas da capital; dominação da revolta, constituição legal de tribunal militar presidido pelo coronel Daniel Pedro Muller, inimigo dos Andradas, membro do governo e individuo de provados e superiores meritos; condemnação unanime de Chaguinhas á morte; interposição e indeferimento de recurso; applicação da pena. Onde, nisso, a culpa de Martim Francisco, que não foi a

Santos, que não pertenceu ao tribunal militar, e que apenas era, como os seus quatorze companheiros, membro do governo provizorio? Onde?

Vamos adiante. Rebenta a corda do enforcamento. Grupo de centena de populares reclama que não seja executada a sentença. Unanimemente recusa o governo acceder aos reclamantes, sendo Martim Francisco, por ter dotes oratorios, encarregado de transmittir o não governamental. E porque a corda arrebentou, e porque foi Martim Francisco o portavoz dos seus collegas, ficou decidido que Martim Francisco matou o Chaguinhas! E porque a corda arrebentou, os juizes da execução ficaram constituídos especialmente em nova instancia, e tinham obrigação de annullar a sentença!

Data do periodo regencial, quando rugiam rancores em torno á tutoria de Pedro 2.º, a delirante calúnia. Feijó, embarcado por occasião da morte de Chaguinhas, e demandando Lisboa, discursou ter visto a vitima em terra, esfaqueando-a o carasco. Recentemente, em publicação amparada pelo erario estadual, a primeira competencia artistica de Santos a respeito de molduras, com a normal sobranceira de quem se julga superior ao que ignora, escreveu haver Martim Francisco funcionado como juiz no processo militar de Chaguinhas.

Porque tanta malquerença? As explicações que já dei merecem recebíveis adminiculos. Relativamente novos na zona, algum tanto intruzos portanto, difficilmente os Andradas se adaptaram ás duvidosas glorias então em vigor. Quasi coincidira sua chegada com o fecho da guerra dos emboabas, a entrega do territorio das minas, a invingada derrota do Capão da Traição, a aquiescente evasiva a pretexto do retrato de João V. a indiferença concernente aos desembarques de Duclere e Trouin, a abstenção e a tranquillidade durante a revolta do quinto de ouro em 1720: dezalentos pouco a harmonizar com a altivez afidalgada de familia cujas tradições pernambucanas se filiavam á energica

repulsa do flamengo. De que eram inobedientes, recalcitrantes, abundam provas. Em indeliado officio fôra o coronel Bonifacio Jozé de Andrada deprimido porque recuzára fardar-se e fardar gente á sua custa. Alli pelos annos de 1740 foi nota de escandalo, pela singularidade, licença ecclesiastica ao dr. Jozé Bonifacio Ribeiro de Andrada para transgredir regra de convento a que se recolhera, podendo entrar e sair quando lhe conviesse.

Engrossadas pela massa dos interesses em jogo, as discordancias renasceram por occasião da Independencia, sendo a continuação de sua nova faze auxiliada, em sua perseverança até hoje, pela peor das qualidades humanas: a ingratição.

O homem é o mais ingrato dos animaes. O brasileiro é o mais ingrato dos homens. Nossa historia é fertil em ingratições.

Robustos proveitos o Brazil recebeu dos jezuitas: localização de arraiaes que o tempo foi convertendo em cidades; communicações interiores e alargamento de fronteiras contribuintes da unidade nacional; exclusão do orgulho do franciscano e do fanatismo do dominicano na relativa adaptação do tupi e do tapuia: bastariam para debito de gratidão no ajuste do nossas contas historicas com a sagacissima Companhia. Serviço, porém, maior que esses lhe deve o Brazil. Privilegiado no julgamento do seus membros quando incursos em impiedade ou sacrilegio, desse poder uzou o jezuita para embaraçar no Brazil a malvez de Inquição. Divida de honra, essa! Pagou-a o brasileiro, como?

Quando o marquez de Pombal, explorado, e explorando rixas de familia, expulsou os jezuitas em 1759, o Brazil não protestou. Calou-se. Aderiu, como já fizera ao dominio espanhol e á restauração portugueza.

Foi sempre assim. Assim é e será. Matias de Albuquerque não tem estatua; no norte do paiz não existe rna com o nome de Sebastião do Souto. Jacarehy completamente desconhece o caso do valente que, ha dois seculos, aventurou revoltosa-

mente vida e capitaes para fornecer sal aos moradores esfaimados. Nosso exercito exige que permaneça no exilio o unico soldado do Paraguay que está com o soldo em atrazo. Recebendo das mulheres chinezas lições de generozidade, as mães brazileiras têm sido incapazes dum gesto siquer em favor da glorioza septuagenaria que lhes honrou o sexo assignando a liberdade de milhão e meio de escravos. Foi sempre assim. O ingrato esquece com a mesma facilidade com que pede. E, quando não esquece, injuria para fingir imparcialidade.

O que tudo visto e examinado, Capistrano amigo, ropergunto-te: vale a pena o livro que aconselhas? Que logar teria elle numa terra que duvida se festejará, soberana, seu centenario de Independencia?

Nações são organismos. Povo perculario que não resgata titulos, entrega bens, ou aceita interdição. Nada de fantazias inuteis; illuzões não pagam dividas; nossos desperdieios anteciparam dez orçamentos, e nossos credores não querem promessas, não querem discursos: querem metal.

Com a chancellaria a reboque, e duas bancarrotas a liquidar perante credores que também precisam de dinheiro, prometemos viabilidade sociologica?

O mundo sabe que substituímos eleições por apurações. Relatam diplomatas haver no Brazil um publico sem opinião publica. Na cidade capital da Patria ergue-se o monumento ao caracter do ajudante general que ajudou a queda do seu bemfeitor. E queremos existir...

Vale a pena pensar na historia dum povo proximo, talvez, a interrompe-la? Responde-me.

Daqui, terra estrangeira, como me tortura a vizão do dezastre nacional! Andradas o Braganças realizaram a Independencia sem compromissos externos. Os Braganças foram derribados. Os Andradas foram calumniados, e seus iniunigos iniciaram esse regimen de emprestimos londrinos cujo mau serviço ameaça de morte a nossa soberania. Que papel nos será imposto na proxima concordata universal? Teremos, após

intervallo secular de Independencia, apenas mudado de metropole? As marges do Tamiza nos serão mais propicias que a foz do Tejo?

Decide do emprego das quatrocentas semanas que, suponho, me separaram da desgravitação final. Mas se, antes della, o protetorado estrangeiro mascarar o nosso 7 de Setembro, arranja o cargo de Embaixador da Republica dos Estados Unidos do Brazil, perante o governo do Estado Unido de Republica de S. Marino, para o teu sempre amigo, sempre admirador o sempre discipulo:

MARTIM FRANCISCO

BIBLIOGRAPHIA

E. Roquette-Pinto —
Rondonia — Anthropologia —
Etnographia —
1917.

O nome do sr. Roquette-Pinto já é familiar aos leitores da *Revista do Brasil*; figura entre a dos nossos mais apreciados collaboradores. Vae tornar-se agora familiar a todos quantos se dedicam ao estudo das coisas nacionaes. *Rondonia*, livro magnifico inclusive pelo aspecto material, que elle acaba de publicar, é um capitulo de nossa historia, cheio de coisas novas e interessantes, traçado por um espirito de larga envergadura scientifica e animado do mais claro e intelligente amor á terra natal.

Ha, na Serra do Norte, no Estado de Matto Grosso um nucleo de população selvagem que é, no momento, talvez a mais curiosa de todo o mundo: os indios, que a compoem, viviam ainda ha pouco em plena idade lithica. Até agora estiveram completamente apartados do resto da população do Brasil e, rodeados de outras tribus, durante seculos, fugiram sempre ao contacto dos usos e costumes de seus vizinhos. Causava-lhes surpresa, ha poucos annos atraz, a pelle do homem negro e a do homem branco, que todos os indios do Brasil conhecem.

O sr. Roquette-Pinto, que é professor no Museu Nacional do Rio, foi a Matto Grosso especialmente para estudar essas populações. A *Rondonia*, titulo que é uma homenagem digna e feliz ao grande brasileiro que desbravou os sertões que separam o Paraguay do Amazonas, pondo os dois cursos de agua em communicação por meio de estrada de rodagem e pelo telegrapho, encerra a flôr e o fructo das investigações que pôde fazer. Não é simplesmente um livro de sciencia, rígido e frio, impenetravel aos profanos: é tambem um delicioso roteiro de viagem em que estão lançadas, com a brevidade e a siugeleza das annotações vivas apanhadas em flagrante, todas as observações que, no correr da excursão, acudiram ao espirito sagaz do viajante. Contribuição inestimavel para anthropologos e ethnographos, é ella tambem um companheiro valioso para os exploradores de gabinete: Proporciona a quem quizer, ao par de observações scientificas de elevado alcance, uma excursão commoda e rapida aos sertões de Matto Grosso, a partir de Montevidéo, sem nenhum risco e com todos os lucros...

Souza Bandeira — Páginas literarias — Livraria Francisco Alves, 1917.

Encontram-se neste volume varios estudos literarios que o sr. Souza Bandeira, em épocas diversas, publicou em jornaes e revistas e os discursos que tem pronunciado na Academia Brasileira. O sr. Souza Bandeira, já o sabem os leitores da *Revista do Brasil*, da qual elle é um distincto collaborador, tem o condão de escrever com simplicidade e elegancia, dizendo o que quer sem fatigar, antes prendendo o leitor, e dizendo quasi sempre coisas interessantes. A violencia de linguagem e de idéas repugna ao seu espirito calmo e delicado de modo que, analysando homens ou factos, o seu estylo, tocado aqui e alli de um leve tom de ironia graciosa,

nunca se aparta de uma compostura discreta e corre sempre fluido e limpido, sem rodeios inuteis e sem intumescencias de mau gosto.

O escriptor conquista para si não a maior, uma parte igual da sympathia que sabe despertar no leitor pelos vultos que analysa.

João Luso — Elogios — Edição da Renascença Portuguesa.

O sr. João Luso é um dos escriptores mais completos que o jornalismo desfruta e não consegue estragar. As suas chronicas, os seus artigos mais ligeiros guardam sempre uma linha de distincção literaria e trazem sempre no boleio da phrase, no apuro da linguagem, e no jogo das idéas, a marca de uma obra do arte. A obra pôde variar, e varia de valor, mas, desça embora esse valor, nunca perde o seu character artistico. O jornalismo, que é uma escola de vulgaridades, ainda não conseguiu por o dente da sua ferrugem no estylo deste escriptor e devorar-lhe o colorido que o aviva, a linha, que o aformosea, a ironia, que o afina, e a sympathia, que o aquece. Basta, para vel-o, esta serie de *Elogios* que a *Renascença Portuguesa* acaba de editar...

A ARGENTINA E OSWALDO CRUZ

Uma delegação medica argentina, composta dos drs. Gregorio de Araoz Alfaro, David Speroni, José Arce, Eliseu Canton e João A. Gabastou, é da qual fizeram parte alguns estudantes de medicina, foi pelos medicos argentinos, encarregada do offerecer ao Instituto "Oswaldo Cruz", do Rio de Janeiro, uma artistica placa de bronze, como homenagem á memoria do illustre cientista brasileiro. A delegação foi recebida no Rio e em S. Paulo com as distincções que merecia, pateuteando-se mais uma vez a

sincera cordialidade que existe entre argentinos e brasileiros. Foi uma missão muito sympathica, de que os brasileiros se hão de lembrar com gratidão. Na impossibilidade de trasladar todos os discursos trocados pelos medicos argentinos e brasileiros, reproduzimos apenas o do dr. David Speroni, entregando em Manguinhos, a placa de bronze ao dr. Carlos Chagas, director do Instituto "Oswaldo Cruz":

"Excelentissimo Sr. Director, Srs. colegas, Srs. estudiantes:

En nombre del cuerpo médico argentino tengo el honor de ofrecervos esta placa en homenaje de alta admiración para su creador y Director Oswaldo Cruz, Brasileño eminente, sabio ilustre, gloria de la raza latino-americana.

Su pensamiento está expresado en esa alegoría compuesta de la ciencia médica argentina, la humanidad y la higiene que rinden respetuoso homenaje á la memoria de Oswaldo Cruz. La ciencia médica argentina está representada por una figura de mujer clásica y augusta que ofrece una rama de laurel y sostiene el escudo nacional en su brazo derecho; la humanidad por una figura simbólica que enseña, á las nuevas generaciones, á un niño, sus brazos cargados de flores, el nombre de aquel que impuso la salud y la vida allí donde dominaban la enfermedad y la muerte; la higiene está representada por una mujer griega que ofrece sus armas á Oswaldo Cruz, su lanza vencedora y su copa de salud en holocausto á su sabiduría y feliz esfuerzo.

Señores: En nuestra Republica Oswaldo Cruz es conocido en todo su grande merecimiento; cuando la triste noticia de su desaparición llegó á Buenos Aires, nuestras corporaciones médicas: la Academia Nacional de Medicina, la Sociedad Medica Argentina, la Sociedad de Higiene, el Instituto Bacteriológico, honraron su memoria con sesiones extraordinarias y oraciones póstumas y en ocasión de esta visita á vuestra Universidad los médicos de Buenos Aires han querido expresar una vez más su admi-

ración hacia el investigador de magnificas concepciones, hacia el patriota abuegado que consagró su actividad y su vida al servicio de su país; ellos os envían esta placa, fundida en el bronce eterno, para que sea inerustada en los muros de este templo, que el apostol creó con sus altos prestigios é iluminó con la luz, no extinguida, de su genio maravilloso.

Entre nosotros la obra de Oswaldo Cruz se sintetiza en esta fórmula bien sencilla: Antes de Oswaldo Cruz la noble Republica del Brasil, languidecia, muriente, bajo la influencia de la peste y de la fiebre amarilla; despues de su campaña vencedora, el Brasil queda saneado y resurge como en una reconvalecencia con fuerzas nuevas que lo llevan al actual florecimiento; sale así de la angustiosa letargia que degeneraba la raza e impedía su desarrollo económico, para entrar de lleno sana y vigorosa en la vanguardia de la civilización en marcha. Honra y gloria impercedora de aquel, su hijo venerable!

Despertó entre sus compatriotas el sentimiento de la investigación científica; tenia los contornos del maestro bien modelado: justo y bueno, sabio y laborioso, abnegado hasta el sacrificio, era de una modestia que enaltecia su evangelica personalidad. Lo conocí pobre como Jesucristo y ya era grande como un Dios! Era el año 1909; se reunió aquí el IV Congreso Médico Latino-Americano, certamen en el que estaban representadas todas las naciones de América. Los colegas brasileños quisieron honrar en aquella ocasión á su sabio ilustre y nos invitaron á presenciar en este mismo Institute la entrega de una medalla alegorica á Oswaldo Cruz; aquella fiesta de contornos augustos, apoteosis del genio, dejó en nuestra memoria un recuerdo que nunca se borrará. Era una mañana radiosa como la de hoy; siguiendo este mismo camino que acabamos de recorrer, subiendo la misma pendiente, llegaron hasta la puerta de este santuario aquellos cruzados de la ciencia médica americana. Allí nos recibió Oswaldo Cruz, bajo el

cielo azul; sencillo, modesto, pobre, humano y sorridente, con aquella dulce expresión del apóstol. Vuestro eminente clínico el profesor Azevedo Sodré, hizo en un brillante discurso la presentación del genio. Nicolás Lozano, en nombre de la delegación argentina, habló para aplaudir tan alto como merecido homenaje y agradecer la participación que se había dado a los representantes del Gobierno de la Nación Argentina. Después contestó Oswaldo; lo hizo con palabra tan humilde, tan generosa, como si hubiera querido disgregar su gloria para distribuirla entre los colaboradores de su obra magna; su discurso breve, tocante, conmovió hasta las lágrimas. Los colegas brasileños que llevaron á esa fiesta cartuchos llenos de pétalos de rosas los abrieron y dejaron caer una lluvia de flores sobre la cabellera, que, como una fronda de plata, caía de aquella cabeza angusta. Manifestación exelsa de la sensibilidad y del sentimiento artístico de los Brasileños, aquella fiesta clásica, de mitológicas líneas, fue la apoteosis, fue la consagración divina de Oswaldo Cruz. Era pobre como Jesucristo y grande como un Dios!

Señores:

La eficaz influencia de la obra de Oswaldo Cruz ha sobrepasado los límites de esta nobilísima República; la Argentina ha sido grandemente beneficiada por ella. Los últimos desacuerdos políticos que tuvimos con esta nación hermana, que tanto queremos de verdad, fueron provocados por aquellas repetidas y prolongadas cuarentenas que interrumpían y perjudicaban nuestro intercambio económico; saneado este país, desaparecieron los motivos de aquellas desavenencias; se estableció el intercambio económico, intelectual científico y social; nos conocimos de cerca, con la palabra hablada y hemos llegado así á esta armonica comunidad de sentimientos en que estamos viviendo; merced a la obra de Oswaldo Cruz podemos llegar con esta frecuencia hasta vosotros para admirar la belleza de vuestra tierra, los progresos de vuestra ciencia y apreciar y sentir de cerca la honda

y entusiasta simpatía que teneis por nuestra patria.

Oswaldo Cruz ha creado este Instituto destinado á la investigación científica, el primero y más grandioso de nuestra América; él ha servido de estímulo para la creación y organización de un instituto similar en nuestra Capital Federal. Como una prolongación de esta escuela científica, un discípulo formado en esta casa, Arturo Neiva, ha dirigido y formado la división de protozoología médua en nuestro Instituto Bacteriológico; ya debemos á esta casa un injerto valioso. Esta institución es un modelo en su género, al que tendrán que recurrir las naciones sudamericanas cuando hayen tomado la resolución de organizar la suya propia. La América debe á Oswaldo Cruz esta creación de avanzada cultura humana.

La República de Bolivia ha beneficiado también de la obra de Oswaldo Cruz. Gracias á la lucha contra el paludismo ideada y establecida por vuestro sabio, ha sido posible la construcción del ferrocarril Madeira-Mamoré que ha abierto un horizonte nuevo al intercambio económico de estas dos Repúblicas. Antes de la profilaxia del paludismo hecha con toda eficacia en la zona infestada, los obreros caían dizemados, víctimas de aquella epidemia; el ferrocarril solo pudo construirse después de saneada aquella región.

Las Repúblicas de Chile, del Uruguay, del Perú y las demás naciones de este continente han sentido también directa ó indirectamente la influencia de esta obra americana de Oswaldo Cruz.

Señores:

Me he permitido entrar en estas consideraciones porque pienso, en mi carácter de representante del cuerpo médico argentino, que el monumento nacional que esta República está preparando, para honrar la memoria de Oswaldo Cruz, debe ser, no sólo un monumento nacional brasileño, sino un monumento continental americano y si esta idea es aceptada por vosotros desde hoy, desde este momento, esta delegación médica se avoca la

iniciativa para darle esa mayor grandeza.

El Gobierno de mi país, aunque no estoy autorizado para hacer ningún ofrecimiento, ha de contribuir seguramente á la realización de este proyecto; si, puedo asegurarvos que la clase médica argentina y el pueblo argentino, siempre dispuesto á colaborar en las grandes acciones, le dará su sanción moral y material, para que en la enorme masa fundida que ha de glorificar al genio vayan amalgamados los sentimientos de afinidad científica, social, económica y afectiva del pueblo brasileño y del pueblo argentino; habemos así levantado los dos grandes monumentos de nuestra América: uno allá en la cresta de los Andes, frente al Aconcagua, la image divina de Cristo, que, serena, vijila la paz americana y la concordia de estos países; el otro, aqui, al pié del Corcovado, el monumento á Oswaldo Cruz, vijillando los progresos de la ciencia médica americana, para felicidad del individuo, el mejoramiento de la raza y la mayor grandeza de nuestras patrias."

O DARWINISMO E A GUERRA

Todas as armas são boas, para os allemães, desde que se trate de sustentar a missão hegemónica da propria raça.

A "Kultur" prova por A mais B que os germanos são os verdadeiros aryas encarregados de civilisar a Europa. Tudo o que ha nas outras nações de grande e de bello, é um derivado da Germania. Dante era tudesco; Raphael e Miguel Angelo são descendentes directos de Herminio; Jesus Christo era allemão porque, tinha os cabellos loiros e os olhos azues!

O papel aceita tudo, e a ousadia em affirmar as theses mais absurdas não conhece limites do outro lado do Rheno.

Si Aristarchos de Samos correu o risco de ser queimado vivo por ter affirmado que o sol era maior que o Peloponeso, hoje, em com-

pensação, von Bernhardt, Reimer, Woltmann, Tonnenberg, podem dizer tudo o que quizerem sem risco nenhum.

Agora é a vez do darwinismo. Schoroceder assegura que, segundo Darwin, os allemães devem vencer porque representam a raça superior.

Na verdade a theoria de Darwin, mal interpretada e mal applicada, por espiritos tendenciosos, pôde servir de conforto e excusa á megalomania tudesea. Mas antes de tudo, vejamos: é a guerra um phenomeno biologico?

Parece-nos que não. Mas mesmo que estivesse provado, como se poderia applicar a elle a theoria de Darwin, na sua parte mais contestada e mais duvidosa e que, no fundo, não passa de uma hypothesis?

Demais, os caminhos d'essa selecção natural são varios e multiplos. O proprio Darwin não invocou a guerra como principio genetico e como transformador das especies. A sua observação mostra-nos, sobretudo, a lucta com o ambiente, a adaptação e a sobrevivencia dos organismos mais adaptaveis e resistentes. Mas no seio das especies a lucta é um facto inedito: o lobo não come o lobo e o leão não come o leão.

E a prova que a selecção natural resulta mais da adaptação ao ambiente do que do conflicto e do triumpho sobre as especies ou raças rivais, é que animaes formidaveis da era prehistorica, como o mamuth, o "leo spalius", o mastodonte, desapareceram, ao passo que os termitas, as ephemeras e a humilde barata chegaram até nós, vindos desde a época paleoçoica!

São justamente as formas animaes mais poderosas, mais colossaes, as que desapareceram, servindo os seus restos, hoje, de ornatos espaventosos dos museus.

Donde se conclue que nem a biologia nem o darwinismo dão razão aos allemães, e que nem todas as leis ou hypotheses do mundo physico ou biologico se podem applicar com justeza ao homem e ás sociedades. — J. D..

NA ACADEMIA BRASILEIRA

A 19 deste mez foi recebido na Academia Brasileira o sr. Luiz Guimarães Filho, eleito para a vaga de Garcia Redondo. Do discurso do novo academico reproduzimos abaixo alguns trechos, assim como do sr. Paulo Barreto, que o recebeu em nome da Academia.

O sr. Luiz Guimarães Filho tratou da personalidade literaria de Garcia Redondo:

... Nas *Viagens pelos paizes da ternura* transparece, á vontade, a phisionomia moral deste escriptor. Sobre as paginas do livro adreja, maravilhosamente sereno, o Espirito Santo da felicidade familiar. Ellas nos transmittem a poesia dos seus primeiros idyllios, a historia dos seus primeiros arrufos. — arrufos de namorados que são amores dobrados — o chilreio do seu primeiro filho.

Tudo é alli narrado com um geito commovente e discreto, onde o ridiculo não ousa embrenhar-se nem o braço impaciente da Critica se atreve a metter a foice. Ha, todavia, outro amor que não deixa repouso ao espirito de Garcia Redondo, é o que elle sente pela fecunda Natureza. Em quasi todas as paginas dos seus livros abrolham plantas e corollas, luzem cearas, se enramam bosques, entrelaçam-se amorosos troncos.

O caracter affectivo da sua individualidade manifesta-se em todos os actos da sua vida: ás pessoas e cousas da sua juventude conservou sempre esse tenaz apego que só acha agasalho nos corações superiormente perfectos.

Já professor da Escola Polytechnica de S. Paulo, parte um dia para Coimbra, no intuito de rever o quarto do seu tempo de estudante. No mesmo dia da chegada, ao amanhecer, ás horas em que as lindas lavadeiras acordam o Mondego com a jovialidade das suas vozes, o illustre escriptor escapa-se sorratamente do hotel, onde alojára a fa-

milla, e ali vai subindo lentamente a ingreme rua, olhando para as fachadas de todos os predios, que não haviam envelhecido como o seu rosto, pisando as roliças pedras da ladeira, que o tempo não havia tornado mais macias, no descortino da casa das velhas Seixas, onde trinta e quatro annos antes o seu coração ainda não provára as coleras da vida. E sobe a mesma escada de degrãos baixos, a escada de João Penha! e abre a mesma porta de madeira roida, a porta de Gonçalves Crespo! e arrima-se á mesma parede de cal desmaiada, a parede de Guerra Junqueiro! e afinal bate palmas como trinta e quatro annos antes...

— Que deseja o sr. doutor? indaga uma voz de mulher.

— Quero visitar o predio, senhora.

— O predio está alugado. O senhor é da Hygiene?

— Sou um antigo morador desta casa e venho visitar o meu quarto, se a meuina der licença.

— Pois não. concede a dona da voz, apparecendo ao antigo estudante, como uma enviada, talvez das velhas Seixas que teriam ouvido, na paz do tumulo, a supplica do seu hospede. Mas ha gente no quarto, um quintannista de Theologia, que ainda não acordou. Não pôde voltar mais tarde?

— Ai, se soubesse a pressa que tenho de rever o meu quarto...

— Então, venha commigo, meu rico senhor...

— Era aqui o quarto do Pareto, murmura o autor das *Caricias*, estacando no primeiro patamar

— Agora é o do sr. Simões, elucida a tricana.

Outro lança mais e eilos em frente a uma porta de tristonho aspecto. *Anima rerum*, Garcia Redondo inclina-se, recolhe a chave que jaz no soalho, debaixo da porta, como trinta e quatro annos antes, mette-a na fechadura, dá a volta, entra... Era o seu quarto! Os mesmos muros, a mesma janella, a mesma cama de ferro no mesmo lugar de outr'ora! O estudante de Theologia empina-se no leito, alvo-

roçado com tão inesperada visita.

— E' aqui o cavalheiro que morreu neste quarto, ha trinta e quatro annos e quiz tornar a vê-lo, explica a amavel cachopa.

O futuro capellão reengolfa-se nos lençoes e Garcia Redondo queda-se, contemplativo, dentro daquellas quatro paredes que tantas boas cousas lhe diziam!

Subito — que é isso? está-se lembrando de tristezas? interroga a pobre mulher fitando os olhos no seu rosto... E' que surpreendera uma lagrima que elle em vão procurava retor, homenagem silenciosa á juventude desaparecida!

...A convivencia com os melhores espiritos da geração de Coimbra influíu poderosamente na formação literaria deste notavel academico. Leituras dos mestres methodizaram e fortaleceram o seu irrequieto talento. Maupassant e Carlos Dickens, Heine e Eça de Queiroz, Gautier e Gonçalvos Crespo, chamaram-n'o ao amor das curiosidades artisticas. Findos os estudos preparatorios, Garcia Redondo regressa ao Rio de Janeiro e matricula-se na Escola Central, de onde sahe em 1876 sobraçando um diploma de bacharel em mathematicas. Constroe o theatro Guarany, vulgariza as estradas de ferro de bitola reduzida, canaliza as aguas thermaes de Poços de Caldas, funda o Instituto Historico de S. Paulo, é nomeado professor de botanica e zoologia, lança revistas, collabora em quasi toda a imprensa das duas capitães. Em 1882 publica os *Arminhos* e, a partir desse anno, o seu talento parece acommettido de uma febre sem intermittenças. Aos *Arminhos* succede o *Attentado da rua S. Leopoldo*, depois vêm as *Caricias*, em seguida a *Choupana das Rosas*, as *Moléstias e bichos*, a *Salada de frutas*, *Através da Europa*, *Conferencias literarias*. E' autor dramatico. E' abolicionista. E' historiador. E' critico de arte. E' até feminista.

No estudo deste inesgottavel assumpto é que o nobre academico mais nitidamente revela a feição bondosa do seu caracter. A sua

penna está sempre á mereê dos oprimidos. A sorte da mulher inspira-lhe paginas de uma grande elevação moral, combatendo sem trevas o despotismo do homem. Para elle o homem "é brutal e egoista, mantendo em si o germen da fera inconsciente. Escravisar, escravisar, eis o thema da sua eterna preocupação. Para oppôr uma barreira a esse dominio é indispensavel que as mulheres se levantem em massa e, por sua vez, neguem tudo a quem nada lhes quer dar."

... Garcia Redondo, que mostrava pelos infortunios alheios uma grande communicação, era para a propria dôr de uma estoica philosophia. Cultivava, com certa voluptuosidade, a memoria das maguas intimas. Tinha a nitida comprehensão da inutilidade de combater o irremediavel. Os systemas metaphysicos que negam a entidade do Mal deviam de se lhe affigurar absurdos nesses momentos de suprema angustia. Elle bem sabia que na vida os dias felizes são apenas breves entre-actos da immensa tragedia que é a historia dos homens. Duas vezes combalido com a morte das filhas, não perde o equilibrio moral em presença da espantosa catastrophe.

Transforma-se no tumulto vivo das crianças mortas. Não blasphema, como Guilherme Braga, á beira dos esquifes:

Hei-de orar? mas na sombra da
|consciencia
Não me luzem cá dentro ignotos
|brilhos!
Hei-de crer? mas a mão da Pro-
|videncia
Tem garras para mim... rouba-me
|os filhos!

Alma delirantemente panteista, é ao regaço da natureza que vai entregar o coração coroado de martyrios.

Tudo canta e ri, no cemiterio onde as mortas se esquecem da vida... "O lyrio branco faz madrigaes ás rosas, á hera abraça os troncos" e do marmore alvejante cresce para o céu uma onda de tão ethereos aromas que pouco a pouco se lhe suavisa a immoredoutra

afflicção... "Vamos, coração, enfoi-tate. Ha nos muros madreilvas cheirosas, anémonas e lyrios nos canteiros fôfos. Cobre-te de flôres, coração torturado, e assim disfarçarás a tua angustia sob essa capa de petalas macias de perfumes narcotizadores. Eu sei onde ha violetas brancas e roxas, grandes, lindas, alvas e douradas, de corolla de veludo. Eram essas as flôres que Elizinha amava. Corre, vôa, coração dorido, vai a Campinas buscalas e põe-lh'as no seio alvo e candido, depois de o beijares docemente. Mas não chores, pobre amigo, não chores para não atormentares as pobresinhas que soffrem de te ver soffrer."

O sr. Paulo Barreto disse:

"... Aproz-me — e só desta arte a comprehenderíamos! — encarrar a vossa obra como uma daquellas legendas arabes que em torno do "raio da felicidade" se teceram nas miragens dos desertos e nas riquezas dos serranhos. Eu vos vejo adolecente mediteraneo, eleito das musas, abençoado de Apollo, amado de Venus. Dos risos e alegrias o sobresalto é a nostalgia do iguoto. Cantais, e do subito parais a canção. E' que ao vosso olhar ácenam paizes de porcellana entre festões de glycinas. Partir! Faz-se necessario partir. O destino manda. E caminhais. O vosso verso espelha a perfeição das cousas: a cada novo amor abandonado, as estrophes do vosso estro desnastram rosas. Seguis enebriado, a memoria de Venus dentro d'alma:

Lembro-me ainda dessa esbelta e
flava
Carícia dos têus braços amorosos...
Por mais que evite o encanto os
impiedosos
Perseguem sempre a minha carne
lescraval

Eram suaves, calidos, cheirosos .
Como doces damagoes!... eu beijava
Aquella morna pelle que tentava
O paladar! Oh braços delieiosos.

Como esquecer as mpcias pertur-
bantes

Os longos desalentos delirantes
Que sem misericórdia vós me da-
veis?

Ah! Torna Venus para o sacro
Eleuzis!
Fui condemnado á morte pelos den-
zes,
E quero-a nos teus braços impla-
caveis!

Erro melancholico. Do alto Venus sorria. E os deuzes todos de concerto seguiram o predestinado com o olhar suave de bondade. De repente o ar escureceu. Sobre os combros das ladeiras e os torrões dos valados, as flôres vermelhas de Proserpina annunciavam a morada do fogo. E no vento suffocante a voz de Hermes Trimegista cantou o vaticinio: "Tu serás o renovador do eterno e grande e palpitante pasmo. Tu tornarás a explicar aos homens o segredo perpetuo das luzes solidas. Tu escreverás o novo lapidario! Retomarás a multiforme explicação do mundo e a teus pés terás o mundo sem reflexão: as religiões e as negações, as superstições e as volupias, os artistas e as mulheres, os rajahs da India e as odaliscas do Grão Mogol, as Imperatrizes romanas e os sabios de Alexandria, as doze tribus da Biblia e as bayadeiras de Visapur, O Rational e Satanaz, a cinta do Papa e os feiticeiros medievos, todas as tentações e toda as virtudes. E Helena a que se dá, e Margarida a que se colhe, sob a gargalhada infinita de Mephistopheles...

Disse, e todas as flôres desfolharam-se em joias. Diante de vós a terra era miraculoso thesouro de gemmas a luzir. Com a graça de Deus, no vosso olhar em vez do extase morava a sabedoria accumulada; e vós, em vez de bolantim correndo sobre maromas de côr a jogar com as pedras os signos zodiacaes, ereis de subito o explicador transcendental do iris subterraneo. O inicial Theophrasto, Democrito, que dizia haver nas pedras alma elementar, Dioscoridão que lhe deu propriedades medicas, o Consul Rutilianus, Pliuio, Da Vinci, o os anony-

mos escriptores dos lapidarios chinezes que classificavam a pedra o osso da terra, e os ignorados receitistas philosophos dos lapidarios asiaticos, e os tropologistas da sombra da decadencia dos Imperios — abriram-se ao vosso entendimento. E o grande segredo attribuido na idade media a Evax Rei da Arabia, a Enoc, ao Rei Salomão o ao proprio anjo Gabriel — vós o relevastes, contando a correlação de cada uma pedra, com os astros, com os mares, com os campos, com os mezes, com a molestia, com o amor, com a Belleza. No enorme thesouro refulgente amontoavam-se as pedras da Kabala que jámais ninguém viu: a aleioctica que se encontra na cabeça de um certo gallo, a aquilaria que só se via nos ninhos das aguias na Persia, a silonite formada no corpo das tartarugas da India, a nephite que afasta a dor, a feripendanus e a androdamas, pedras de fogo. E, recordando penngens do passaros irraes crystalizadas, pedaços de astros frijos e vidramentos de flôres eternizadas, sob a regencia indomavel de adamas, o diamante scintillava a symphonia das pedras que todos vêem. Mas vós dizeis a cada uma o proprio segredo. Entre as aguas marinhas azues, brancas, verdes, de um pallido translucido — o vosso verso aconselhava:

Fugi desses vagos
Clarões aziagos
O' rivas Princezas, ó loiras rai-
pnhas!

Fugi, para serdes
Ditosas, das verdes
E falsas pupillas das aguas mari-
pnhas.

Deante da amethista "da côr dos
olhos de S. João Baptista" murmu-
raveis os versos de oleo perfumado:

Tens os fulgores, debeis e frouxos,
Da luz das tochas no altar dos san-
tos...

Corres nas veias dos lirios rôxos
E nas umbellas dos agapanthos...

Nas florescencias da Natreza

Vejo-te aos montes pelos canteiros,
Pois as violetas são, com certeza,
As amethistas dos jardineiros.

Entre os aludes rubros dos rubis,
o vosso engenho via, além, a
tragedia do bem:

Parece, ao ver-vos, que ao drama
parece assisto
Rubis purpureos, que eternizaes
Todo o Calvario de Jesus Christo
Na luz dos vossos febris crystaes...

Enxergo o lenho da atroz tortura...
Os vis insultos da plebe escrava...
E o sangue vejo na santa e pura
E rota carne que palpitava!

Da Dôr nascestes, rubis do Orien-
te!
Das mãos do Christo, pregado á
Cruz!
Sois frias gotas de sangue arden-
te...
Gotas de sangue... cheias de luz...

Caninhaes entre ardores o chis-
pas como numa fauna em que me-
tarmophoseaes as pedras — aga-
thas, coraes, beryllos, "onixes",
granadas, pedras da lua, crysolitos,
topasios, saphiras, esmeraldas, sar-
donicas, perolas, feitas das gotas
do orvalho da manhã na valvula
das ostras. E como á procura de um
enorme acôrdo universal, doante da
opala, dizeis estas palavras devi-
natorias:

De blasphemias coberto e de affei-
ções alheio,
Teu nome faz fugir os credulos
mortaes...
Ha feitiços na luz dos teus olhos
fataes...
E's a fonte do medo o do, perpe-
tuo anceoio...

Mas eu que sempre amei teus raios
sideraes,
Eu oiço no teu claro o matizado
soio,
Um canto luminoso... um rutilo
gorgeio...
O hymno da tua alma a todos os
crystaes!

A saphira, o topazio, a perola, o
 Buscam no teu regaço um fulgu-
 E embora o amor te evite e o mun-
 do te rejeite,

E's a pedra immortal dos magicos
 Um pedaço de céo destacado do ar-
 Um naufragio de luz... numa gota
 de leite!

Sobre essas pedras animadas pe-
 la nigromancia do vosso estro, lu-
 zia Venus. O descobridor do conto
 arabe não podia deixar de ver, ao
 phenomeno da autoglyptica, nas pe-
 dras gravadas: — andromedas, be-
 nenices, floras, dianas, as mil e uma
 visões da fórma feminina. Assim,
 cada pedra nas vossas mãos é um
 gamapheu providencial e conta do
 vosso anhelto, aquelle que vos fazia
 dizer:

Opala: muda sempre e serás a har-
 monia!

Poeta: ama a mulher nos braços
 das mulheres!

Aquellé aneio de perfeição que
 ainda agora gravemente vos fez
 pregar todos os direitos para a mu-
 lher, fiel ás palavras que os evan-
 gelhos apocryphos fazem de Jesus:
 "Respeitae a mulher, porque é a
 mãe do universo e toda a verdade
 da criação vive nella. Ella é a ba-
 se de tudo quanto é bello e bom,
 como é o germen da vida e da mor-
 te. Della depende a existencia dos
 homens, porque é para elles o apoio
 moral e natural em todos os traba-
 lhos."

Hermes Trimegista, a vós eterna-
 mente joven, dera os lapidariõs pa-
 ra compôr a maravilha. Do alto
 Olympo Venus vos seguiu — Ve-
 nus, que está nas flôres e nas pe-
 dras, sendo Iris a alliança das cô-
 res, Venus, que é a vida nocéo, por-
 que abre o dia e fecha o ocaso,
 sempre perto da lua, Venus-Mulher,
 balsamo do coração. Assim realizas-
 tes, uo "claro obscuro de um es-
 plendor resplaudcente", a vossa

obra, a revelação das pedras com a
 força persuasiva do unico valor po-
 sitivo: o amor! E de nenhuma sei
 que a fama diga mais encantado-
 ra."

A PINTURA NO BRASIL

Recebido no dia 14 do corrente
 mez, no Instituto Historico e Geo-
 graphico Brasileiro, o sr. Laudeli-
 no Freire pronunciou então um
 discurso, em que tratou da pintura
 no Brasil. Eis os principaes tre-
 chos desse trabalho:

"... A quanto possam remontar
 as referencias dos que do nosso pas-
 sado se têm occupado é hoje facto
 que se não pôde pôr em duvida,
 que os primeiros pintores que vieram
 ao Brasil foram os seis pinto-
 res hollandezos trazidos pelo Príncipe
 Mauricio de Nassau, quando, em
 1637, veio apossar-se da colonia do
 norte do paiz, dos quaes apenas
 sabemos os nomes de Frans Post,
 Zacharias Wagner e Eckhout, este
 irmão de Gérbrandt, discipulo de
 Rémbbrandt.

Os forasteiros hollandezes não en-
 contraram terreno preparado e
 ambiente propicio para germiu-
 rem. Tudo lhes fóra esquivo e con-
 trario. Safaros o negro, o indigena
 e o portuguez de "cubiça dessas
 cousas". E uma vez expulsos, tam-
 bem expulsa ficara a arte peregrina,
 que, por accidente da historia,
 aqui tentara aninhar-se.

Perdido que foi esse ensejo em
 que, sob os melhores auspicios, po-
 deria ter despontado a arte, outro
 não se nos deparou no transcurso
 da vida de colonia.

E' lendaria por essa época a
 existencia na Bahia, de um Euze-
 bio de Mattos, como pintor laurea-
 do. Se de facto existiu, o seu pin-
 cel e obra não transpuzeram os
 tempos.

A singular apparição da biso-
 nha figura de Frei Ricardo do Pi-
 lar, é outro episodio que não lo-
 grou sequer transformar-se num
 antecedente.

Dão-lhe, — é certo, virtudes mo-
 rraes de raros encantos. Sob a sua

sotaina de monge soffredor e arredio das paixões mudanas, pulsava um coração de incomparavel bondade que, unida á doçura da sua palavra, era o allivio de quanto desgraçado se acercava do claustro de S. Bento. Posto que muito tivesse produzido, segundo o testemunho de Porto-Alegre, que salienta como a obra prima do frade beneditino a Imagem do Salvador, pertencente áquelle mosteiro, nenhuma influencia exerceu. Não teve discipulos e por isso não chegou a ser um precursor da pintura. Passou a vida dentro das quatro paredes do claustro a que se condemnara, entregue a um mysticismo morbido, que de todo o afastara do convívio com os homens. Assim vivera trinta annos, vindo a fallecer em 1700.

Só na segunda metade do seculo XVIII é que surgiram os peregrinos. E estes foram — José Joaquim da Rocha com os seus discipulos, na Bahia; José de Oliveira, João de Souza, Manoel da Cunha, Costa e Silva, José Leandro, Brasiense e Solano, nesta cidade.

Que arte, porém, poderiam ter feito estes homens no meio inculto em que medraram?

As condições mesologicas do Brasil, no terceiro seculo da sua civilização, ainda não permittiam o surto de uma arte superior. No seio da sociedade em que elles viviam, formada por um conjuncto de elementos ruins e explorada pela ganancia, crueldade, intriga e fereza da época, seria inadmissivel a existencia de grandes artistas. A arte que então irrompera não podia deixar de ser acanhada, inferior, balda de inspiração. Era principalmente o producto da fé religiosa, que lhe determinara e traçara o circulo das inspirações.

Fôra aquelle reduzido grupo de mediocres pintores sacros, retratistas e decoradores que aqui viera encontrar a côrte de D. João VI.

O Rei, querendo aproveitar a capacidade de artistas francezes que, como elle, foragidos, vieram buscar asylo ás nossas plagas, e que lhe buscaram a sua real e graciosa pro-

tecção para serem empregados no ensino, creou, por decreto de 12 de Agosto de 1816, a primeira escola de instrução artistica no Brasil. Houve por bem mandar que se lhes pagassem pensões que ainda, por effeito da sua real munificencia e paternal zelo pelo bem publico, lhes fizera mercê para a sua subsistencia, determinando-lhes firmassem contrato pelo tempo de seis annos, o que posteriormente foi feito.

Os termos do decreto real affastam desde logo a hypothese de terem sido mandados contratar no estrangeiro artistas que aqui vieram ter em virtude dos successos politicos occorridos em sua patria por occasião de subir ao throno Luiz XVIII.

Com o aproveitar-lhes as habilitações, prestou D. João inolvidavel serviço á nossa cultura.

E' facto que essa colonia de francezes, tão liberalmente aproveitados em prol da nossa nacionalidade, para logo entrou a desfazer-se. E taes foram as difficuldades para a realização dos fins a que se obrigaram que só dez annos mais tarde, a 25 de Novembro de 1826, ficara definitivamente instalada a primeira academia artistica.

Por essa época, do primitivo grupo aproveitado, que em começo se compunha de 11 artistas, restavam apenas Grand Jean de Montigny e João Baptista De Bret.

E' na pessoa deste eminente artista que a pintura brasileira entra na sua phase organica, já hoje dividida em duas grandes épocas — uma de formação e outra de desenvolvimento.

Da primeira que se estende até 1860, foi elle o factor principal. Coube-lhe formar o primeiro grupo de pintores nossos, que foram — Porto Alegre, Francisco Amaral, Francisco de Souza Lobo, Arruda, Carvalho dos Reis, Simplicio, Moreira e Affonso Faleoz. Em Julho de 1831, com a consciencia do dever cumprido, regressou á patria. Aqui, porém, deixára o seu grande esforço fructificado, e assegurada á cultura artistica a continuidade necessaria na pessoa dos discipulos,

que mais tarde se fizeram mestres.

De Bret leccionara a pintura historica. Secundara-o no magisterio o vulto, por muitos titulos sympathico, de Felix Emilio Taunay, o segundo barão deste nome, a cargo de quem, desde 1824, ficara o ensino da paizagem.

Da acção inicial e conjunta destes dous illustres artistas francezes, resultara a formação, já em nosso meio, de pintores, cujo merecimento não pôde ser contestado.

Entre estes exellem Augusto Muller e Agostinho da Motta, os maiores artistas da época de formação, seguindo-se-lhes Corrêa de Lima, Maximiano Mafra e Leão Palliere.

Augusto Muller, nome hoje injustamente esquecido, foi o mais notavel artista da sua geração e um dos maiores pintores brasileiros. A sua arte é larga e vigorosa. *Jugurtha na prisão*, o *Retrato de Montigny*, que figuram na Galeria Nacional, são disto comprovação.

Com estes primeiros artistas começara a accentuar-se a tendencia da pintura para libertar-se da estreita preocupação do estylo decorativo e do genero sacro, e em cujo trabalho não se deixara de fazer sentir a acção de pintores estrangeiros, que aqui se vieram domiciliar. Ferdinando Krumoltz comnosco convivera dez annos, elevando a pintura do retrato; Julio Le Chevre, por espaço de um lustro cooperou esforçadamente para o desenvolvimento da pintura de genero; Viñet, nosso hospede de vinte annos foi um interprete fiel da natureza brasileira, em contraste com a technica amaneirada, minuciosa, mas, todavia, inconfundivel do seu emulo Faechinetti; Baptista Borely iniciara a pintura a pastel; e Henrique Fleiuss, delicado aquarellista, foi grande professor das artes graphicas.

A despeito dos progressos da technica da evolução gradativa da pintura dos claustros e das igrejas, das irmandades e dos conventos para a pintura de todos os generos — faltava, comtudo, á arte a indispensavel liberdade e, consequentemente,

um mais largo conceito esthetico. Começava ella a expandir-se, é certo, mas detida nos circulos, que lhe traçaram a realza e a igreja. Ao espirito aulico que se impunha ao artista, esguia-se-lhe uma especie de determinação tacita para que "não ultrapassassem as raias de uma mediocridade disereta".

Dahi a ausencia nos pintores da época, do que poderíamos chamar o "instincto de nacionalidade", unico capaz de mover o artista, como representante da sua raça, a contrapôr-se aos excessos do idealismo da sociedade do tempo e a beber inspirações na harmonia da erença com o sentimento patrio.

Tal fôra a situação a que attingira a pintura até 1860.

Transposta a primeira metade do seculo, firmados estavam os factores fundamentaes da vida constitucional do paiz — a independencia, o throno e a ordem. O Brasil firmara-se na politica, prosperara na economia e desenvolvera a cultura.

Acontecimentos de varias ordens e de procedencias internas e externas reflectem-se sobre a nossa consciencia.

De um lado, a guerra do Paraguay, a questão do elemento servil e a luta religiosa abalam as consciencias, e agitam fortemente a alma nacional; de outro, chegamos os écos da guerra franco-prussiana, do advento da Republica em Hespanha, a queda do segundo Imperio napoleonico e immediata proclamação da Republica em França.

A vida litteraria attinge á phase brilhante da segunda geração romantica. Os poetas identificam-se, communicam-se com o meio social em que florescem; e a sua poesia, unvida de sinceridade, já é a expressão da alma de um povo, ao cabo do tres seculos de vida historica e de algumas dezenas do annos de vida autonoma.

Como a litteratura, a pintura não poderia deixar de reflectir os salutareos effectos de tão poderosos elementos de renovação, e nesse ambiente de maior liberdade espiritual, em mais dilatado campo de



inspirações, entra a desenvolver-se nas propicias condições que o meio já lhe proporcionava.

É precisamente nesse momento historico que nos apparecem as figuras dominantes de Victor Meirelles e Pedro Americo.

Através do seculo decorrido — foram elles os que firmaram a época de verdadeiro desenvolvimento da pintura, ao mesmo tempo que foram os seus maiores representantes. Iniciaram o que poderia chamar a nacionalização da arte, passando a pintura a inspirar-se no sentimento das cousas patrias e embeber-se em motivos propriamente nacionaes — Arrancaram-n'a dos laços em que a detinha a estreiteza do meio e elevaram-n'a a concepções mais amplas e á cultura de todos os generos. Revestiram-n'a de fórmãs brilhantes e a souberam concretizar em télas que nos honrariam em qualquer meio adiantado e culto. Por fim, emulos e competidores, na verdadeira luta artistica, se tornaram os nossos maiores mestres.

A influencia de Victor sobreexcede a de Americo no ministrar o preparo technico, na dedicação ao magisterio, no esforço em pról da formação de uma escola brasileira, assegurando a continuidade da cultura nos discipulos que preparara e que vieram a formar as gerações de 79 o 84. A nenhum outro pintor foi dado exercer acção mais significativa o preponderante.

A obra de Pedro Americo, porém, sobreleva-so na unidade criadora das manifestações do genio.

Em nenhum momento da nossa desenvolução, tivera a pintura pinceis que a traduzissem com accentos de inspiração tão subida, de mais nobre pensamento e superioridade de expressão. Se o sentimento, a correção esthetica de cada um tem, por vezes, uma feição especial, traduzindo-se na variedade dos themas, acções e episodios de que se occuparam não raro a emoção os unificara no mesmo culto do amor civico, do entusiasmo pelos feitos da historia, pelas creanças e

leudas dos nossos homens o da nossa cultura.

Não vos fatigarei como o estudar a significação da obra de cada um destes dous grandes Brasileiros. Nella apenas procurarei transmitir a impressão da identidade de sentimentos que os irmanara na criação da epopéa na pintura.

As primeiras manifestações do talento de Victor Meirelles se concretisaram na *Primeira missa do Brasil* e na *Moema*, trabalhos de fina e apurada arte. A *Primeira missa no Brasil* foi o primeiro quadro de pintor brasileiro exposto no salão de Paris. Com a *Moema*, o autor conquistara a laurea do nosso salão de 66.

... Por seu lado, Pedro Americo se estréava nos mesmos vãos de inspiração fecunda e grandiosa.

Pintando a "Carioca", quando ainda não tinha os seus 21 annos completos, não quiz nella deter-se numa nova reprodução da belleza tradicional da arte, não "violantando a nympha grega, exilando-a dos valles da Arcadia para as florestas e fontes da Guanabara".

A nympha da Carioca é brasileira, e sua belleza a das nossas patrias; a sua "Carioca", aprecia um critico francez, a mãe da agua, a náíade, a suave filha das aguas, do perfume e dos raios do sol americano, é morena como uma Andaluza, de cabellos negros como a aza da tormenta e fianco avelludado, com ondulações da serpente e graciosa virgindade das espadas da onça indomavel. Antevê-se naquelles olhos fitos, naquelles profundos olhos luminosos, o resplendor mysterioso do horizonte em noites de tempestade chammejante, e do negro abysmo do mar em cujo seio floresce o coral voluptuoso e a perola se esconde na crystalina crysalida.

"Como são bellos, como são penetrantemente irresistiveis os contornos da náíade brasileira, cuja pelle amorenada e rica de um sangue virgem faz o effeito das lampadas de alabastro coradas pela restea da luz interior e viva!

Como Victor, Pedro Americo

transportou tambem para a t ela o infortunio de Moema, rolando   flor das aguas, numa suave transparencia de beleza e gra a.

Todas essas manifesta es, por m, senhores, n o eram sen o pre-nuncios de uma arte mais ampla e vigorosa, com que os dous grandes artistas haviam de perpetuar os acontecimentos da historia, que j  eram patente affirm a o do nosso espirito de nacionalidade.

Chegamos ao mais brilhante decennio, no qual parece que todas as for as e energias, at  ent o latentes, se manifestam na mais alta express o de vitalidade.

Na philosophia, o Visconde do Rio Grande d    publicidade o primeiro trabalho vasado nas correntes do naturalismo darwinista, opondo-se ao impenitente espiritu-alismo. Na sciencia, s o accrescidos os novos cursos profissioaes das cadeiras referentes  s sciencias phisicas e naturaes; surgem os estudos originaes de anthropologia, archeologia, ethnographia e historia natural, pelos sabios Lacerda Ladislau Netto, Rodrigues Peixoto, Ferreira Penna, Orville Derby, Hart, Fritz Muller. Ruy Barbosa surge no scenario do pensamento brasileiro, assombrando-nos j  com a vastid o da sua cultura, na Introdu e o do "Papa e o Concilio". Na politica, o ideal republicano se consubstancia num manifesto e se concretiza num partido. A mancha indelevel da escravid o recebe o primeiro golpe, com a aurea *lei do ventre li-vre*. No romance, Machado de Assis, seguido de Taunay e Franklin Tavora, succede a Alencar. Na poesia aos ultimos e geniaes representantes do romantismo, Castro Alves, Fagundes Varella e Tobias, succedem os primeiros cultores do parnasianismo francez, que foram — Luiz Guimar es e Machado de Assis. O cantor immortal do Guarany firma-se nas scintilla es de seu genio musical.

Finalmente, nas artes plasticas,   a pintura que se eleva ao esplendor e brilho desse decennio entrando num periodo de florescia como j mais tivera attingido.

Victor e Americo, depois de terem produzido, o primeiro — "O combate naval do Riachuelo" e a "Passagem de Humayt ", e o segundo — "O passo da Patria e a batalha de Campo Grande", elevam a sua nobro arte   altura da "Primeira batalha dos Guararapes" e da "Batalha do Avahy", as mais potentes manifesta es, ainda hoje inexcedidas, da nossa cultura artistica.

O autor dos "Guararapes", proseguiu no caminho do verdadeiro fundador da pintura brasileira, chegando, por fim, pouco antes de fallecer, a dar-nos os seus inolvidaveis panoramas, atrav s de inauditos esfor os, cuja narrativa seria a de uma pequena tragedia.

Imaginassemos representar a produ o do excelso autor do "Socrates afastando Alcibiades dos bra os do vicio" — por uma pyramide de luz, cuja base assentasse na "Batalha de Avahy", e em cujo apice brilhasse a imagem seductora da Carioca brasileira — em cada uma das faces luminosas do polyedro refulgiria o genio do artista, cujo admiravel pincel houvera debuxado — A Noite acompanhada dos genios do amor e do estudo, Judith e a cabe a de Holophernes, Joanna d'Arc, O voto de Heloisa, A Virgem Dolorosa, Moys s e Abisag, Jacobed levando ao Nilo seu filho Moys s, Voltaire aben oando o filho de Franklin, a Proclama o da Independencia, Vis o de Hamleto, Paz e Concordia.

"A batalha de Avahy" e "A Batalha dos Guararapes", foram apresentadas ao publico na exposi o official de 79, que, por isso, assignala o momento culminante da evolu o da pintura.

A par dos dous eminentes artistas, outro mestre, com a alma aberta aos bons sentimentos, idealista dos mais accentuados e com esmerada educa o do fino colorista, serve   arte de Apelles, elevando-a, por seu turno, a essa tranfus o e communic o de vida palpitante.

Zeferino da Costa, depois de ter produzido — "S. Jo o Baptista no deserto", "O obulo da viuva" e a

"Caridade", concentra a sua maior actividade na grande obra da Candelaria o no formar discipulos, que se tornaram os representantes das gerações que se succederam.

Faz-se tambem sentir no magisterio a acção de Souza Lobo.

Arsenio Silva traz-nos da Europa o segredo de pintar gouaches, genero então desconhecido no paiz.

Começam a vicejar os primeiros pintores formados por Victor Meirelles, entre os quaes sobressahem Augusto Duarte, Pedro Peres, José Maria Medeiros, simples e retrahidos, mas conscienciosos e delicados. Aparecem tambem os principaes e mais directos discipulos do Pedro Americo, Decio Villares e Aurelio de Figueiredo. A pintura do primeiro prima pelo sentimento poetico, que é a sua nota pessoal; do segundo, bastaria para lhe ter firmado reputação a grande tela representando o "Baile da Ilha Fiscal".

Hourique Bernardelli o Daniel Berard entram do lança em riste para as conquistas da grande arte.

No Norte, em Sergipe, a pintura eleva-se na pahlbeta de Horacio Hora, produzindo trabalhos do admiravel belleza, como "Pery o Cecy", "A miseria e a caridade".

Mas nos seus maiores traços, a pintura desce das epopéas das batalhas para inspirar-se em assumptos de tocante serenidade, que se espelha na "Partida do Jacob", no "Ultimo Tamoyo", "Jesus em Capharnaum" o "Narração do Philectas"; ou na simplicidade dos habitos e costumes da nossa terra, dos typos o aspectos do nosso meio, que se revelam no "Derrubador brasileiro", nos "Caipiras negaceando", no "Caipira picando fumo", no "Violeiro" e na "Partida da Monção".

Amoedo e Almeida Junior, nas revelações do engenho artistico, que se lhes desabrocha, com mais intenso brilho, na decada do 80, são os continuadores das gloriosas tradições dos dous decennios anteriores.

A belleza moral dos sentimentos quo se possam traduzir no osculo materno, num sonho do amor, no ly-

rismo bucolico, na piedade christã e no sentimento vivo da poesia em seus aspectos mais sensiveis — eis o quo reğuma da obra de Amoedo, se tentassemos traduzil-o numa synthese.

De natureza timida era o pintor predilecto da Paulicéa. Modesto provinciano, Almeida Junior não quizera nem se preocupara já mais de renunciar aos habitos e gestos do caipira. No emtanto, nenhum pintor, mais quo elle, soube alçar-se á eminencia do momento esthetico da sua época. A sua arte fôra sempre inspirada pelo amor das cousas patrias, especialmente da sua terra, e nesta orientação deixou-nos com admiravel simplicidade, obra imperecivel de belleza. Com essa mesma simplicidade tratara de assumptos biblicos, dándonos o "Remorso de Judas" e a "Fuga da sacra familia", obras de mestre.

Dir-se-hia que ao pintar o "Decanso do modelo" o artista devassara um ponto no céo, onde fôra embeber-se nas alturas purissimas para maior refração do seu genio.

A pintura chega ao fim do segundo Imperio, seuão com o mesmo intenso brilho dos periodos anteriores, mas com exuberancia relativa. So diminue o numero de finos espiritos que a cultivam, para ainda sobre ella o espirito liberal de Pedro II trazendo-a sob a sua immediata assistencia, do modo a dar-nos artstas da ordem de Belmiro de Almeida, Weingartner, Oscar da Silva, Castagneto, Vasquez e Caron.

E' a mesma época em quo Antonio Parreiras se inicia auspiciosamente na paizagem, sob a segura orientação da pintura ao ar livre, aqui introduzida por Jorge Grimm, para logo depois, tornando-se independente nos estudos, que os fez por si, ontrar a produzir uma obra, na qual se não sabe o que mais possa impressionar — se uma altissima intelligencia, ou se a audacia, o esforço e uma espantosa capacidade de trabalho. Nesse se pôde dizer que o temperamento do artista excede a obra do pintor.

Chegamos ao anno de 89, e com elle chegara a pintura a evidente grão de desenvolvimento progressivo. Cultivaram-se todos os generos. Do saero ao nu'; do retrato ás batalhas; do genero historico ao de natureza morta.

Como ultimo representante da cuidada cultura no Imperio, um pintor apparece que se torna o nome representativo e de maior relevo da primeira geração que despontara na Republica.

Com Elyseu Visconti reveste-se a pintura de uma expressão superiormente vigorosa, em rasgos que transportam.

A natureza brasileira, no que ostenta de suggestivo e empolgante, de bello e maravilhoso, não deveria deixar de produzir o paizagista. Aqui, como em nenhum outra parte deveria ter-se verificado o conceito do Taine — a natureza faz o colorista; o meio physico impõe ao artista os seus assumptos, os seus aspectos e o seu colorido. Por isso é extranho que no Brasil, no transcurso de todo um seculo de pintura, não tivesse havido um cyclo de grandes paizagistas. Sem apanharmos como factores, os pequenos artistas, todos proporcionalmente iguaes, como diria o proprio Taine — não houve da paizagem um eultor á altura do meio.

Nascida timida e sem vôos, embora mimosa e delicada, na palheta de Felix Emilio, poderia ter-se notavelmente desenvolvido com Agostinho da Motta, se os estos da sua capacidade artistica não tivessem sido represados por morbido e enervante egoismo.

Depois d'elle, entrou a pintura na maior expansão de todos os generos, sem que, no mesmo pé destes, se ostentasse a paizagem. De modo que, só tardiamente, e sem antecedentes que lho trouxessem elementos vitaes para a formação de uma individualidade, foi que chegámos a ter um interprete no sr. Baptista da Costa.

Mas se consideramos a tautologia de uma technica que se reveste sempre dos mesmos tons, dos mesmos aspectos, dos mesmos verdes, dos

mesmos trechos, espantamo-nos do vêr que na cultura da paizagem se não tenha verificado o conceito de Taine

Mal se começára a extinguir o impulso communicativo da cultura no Imperio, que chegara a dar-nos não pequeno numero de bons pintores, alguns dos quaes de universal renome; faltando-lhe, por outro lado, como lhe tem faltado, o concurso do Estado que se devera concretizar numa real e efficiente protecção — a arte é hoje não desvalorada, obediente á direcção de mãos remadores que a ciaram.

Inilludível é o seu declinio ao attingir o primeiro marco secular da sua evolução.

Ha vinte annos ella decahe.

... E' que lhe falta o espirito protector de quem, com inexecutível empenho, velara, protegera e fizera a nossa educação artistica; o espirito bemfazejo, supplantado pelo desamor actual

Os Mecenas de então mediam-se pelos fulgores da intelligencia e pela extensão do saber; os de hoje medem-se pela bitola dos Calibans de Shakspeare.

A Republica ainda não nos deu um grande artista; e assim como vai não nol-o dará. O ensino cahe de roldão E' o proprio Governo quem já reconhece e proclama a necessidade de batermos ás portas extranhas para importarmos professores."

NOTAS DE SCIENCIA

O ALCOOL E A ENERGIA HUMANA

Que influencia exerce o alcool sobre a energia humana? — Mesmo em doses minimas e regulares o seu effeito é deprimente e degenerante sobre o corpo e o espirito — responde o sr. Eugene Lyman Fisk, numa revista norte-americana. E, para demonstral-o; refere-se ás seguintes experiencias realizadas no "Laboratorio de Nutrição": primeira, o exame do reflexo patololgar por meio de um apparelho que

registra as variações até o millesimo do segundo; segunda, o exame do movimento da palpebra, registrado photographicamente; terceira, o exame da reacção do olho sob um estimulante repentino; quarta, o exame da reacção da palavra sob estimulantes visíveis; quinta, o exame da associação das idéas, obtido fazendo pronunciar ao paciente uma palavra em resposta immediata á pronunciada pelo experimentador; sexta, o exame da memoria, da sensibilidade ao estímulo electrico e dos movimentos dos olhos e dos dedos.

Essas experiencias foram effectuadas sobre individuos normaes, moderados bebedores de alcool, e livres, na apparencia, dos effeitos de'le. O alcool lhes foi ministrado em duas doses separadas: a dose A, de 30 centímetros cubicos, e a dose B, de 45 centímetros cubicos. O alcool foi bem diluido sob formas diversas, para evitar a auto-sugestão. Em todos os casos acima enumerados, com excepção do quinto e do sexto (exame da memoria) a respeito dos quaes os dados foram insufficientes, — foi manifesta a depressão devila ás dose alcoolicas.

O registro das pulsações durante essas experiencias, foi importante. Estabeleceu-se discussão entre os physiologos, ácerca dos effeitos do alcool sobre o pulso, mas a evidencia das experiencias, cuidadosamente verificadas por meio dos mais delicados instrumentos modernos, parece conclusiva. Eis como as refere o relatorio: "Considerando a abundancia dos nossos dados e a sua exactidão, acreditamos que a influencia accelerante do alcool sobre o pulso de pacientes normaes, durante uma moderada actividade mental e physica, pódo estimar-se como certa. Acreditamos tambem que as provas são sufficientes a indicar, como causa dessa relativa acceleração, a paralyasia parcial dos centros cardio-inhibidores". Por outras palavras, além de varias perturbações, o alcool produz a diminuição da energia organica.

Surge agora o problema de vêr a quo resultados conduzem as provas obtidas, com relação á tradição scien-

tifica que se formou durante experiencias anteriores. Certamente, confirma-se o juizo moderno sobre o alcool como narcotico, mas ha mais: o alcool não estimula nem ao menos parcialmente as funções musculares e organicas, antes uniformemente as deprime, e, como deprime as inferiores, deprimirá seguramente as mais complexas do systema cerebro-espinhal.

A proposito dos offeitos de trinta centímetros cubicos de alcool, na acceleração da reacção ocular, é significativa a observação de Frankfurth, que achou os erros da escripta á machina enormemente accrescidos pelos alcool, como tambem ás vezes, a velocidade.

Qualquer que seja o effeito do alcool sobre um corpo são, forte e resistente, não se póde pôr em duvida a sua acção deletéria sobre um organismo debil ou não resistente. Quem o bebe deveria fazer-se visitar ao menos uma vez por anno pelo medico: precaução boa para todos, mas indispensavel áquelle que ingere habitualmente alcool. Sem essa precaução o individuo apressa esse "lento suicidio" que é o viver contra a hygieno.

A DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO NA CHINA

A China tem uma população de 326.000.000 de almas, nas 22 provincias que constituem a China propriamente dita, isto é, com exclusão do Thibet e da Mongolia autonomes, que contam respectivamente 2.000.000 e 1.800.000 habitantes. Como a superficie da China é de 6.242.300 kilometros quadrados, a população relativa vem a ser de 52.3 por kilom., inferior á de muitos paises europeus e á do Japão, onde é de 115.

Mas a distribuição dos habitantes na China é tão irregular que essas cifras têm pouco valor. Com effeito, 95 por cento da população está localisado om cerca de um terço (35 oje) da area total, attingindo assim a uma densidade de 141 habitantes por kilometros. Os restantes cinco por cento vivem sobre 65 por

cento da superficie total, de sorte que em cada kilometro quadrado não se encontram mais de 4 habitantes. Ha ainda a notar que 40 o/o da população, comprehendida nos 95 o/o alludidos, localisa-se ao sul do rio Yang-Tse, ou sobre a immediata margem septentrional, de sorte que a população relativa sobe nessa região a mais de 162 habitantes.

Esses dados têm muita importancia, e servem a tranquillisar-nos acerca da China. Se a população relativa de 52,3 fosse uniforme em todo o ex-Celeste Imperio, poder-se-ia temer um rapido crescimento, como so verifica na Russia. E no momento em que o numero dos habitantes por kilometro quadrado equalasse o de varios paizes europæus, teriamos um bilião de chinezês para a população total absoluta. Os dados acima mostram entretanto que só em certas zonas o desenvolvimento demographico poude effectuar-se, ao passo que em outras é prejudicado por elementos naturacs, como o clima, a capacidade productiva do solo, o rolovo orographico, a falta de vias naturacs de communicacões etc.

Quanto ás terras meridionaes, comprehende-se que a população relativa chegou ao seu limite de saturação, como demonstra a leve porcentagem de augmento nos ultimos decennios. E' claro que a noção de saturação demographica é relativa ao systema de produção que fornece á população as subsistencias, o que não tem progredido nada. Vias de commu-nicação, meios de transporte, systemas do produção, pode-se dizer que, sob muitos aspectos, se acham ainda no estado primordial e representam por isso francos obstaculos ao desenvolvimento productivo. A cultivacão do arroz, por exemplo, que se faz nas regiões mais populosas, poderia facilmente attingir ao dobro sustentando uma população mais numerosa e permittindo exportação mais larga. Mas, depois da constituição da Republica, e depois do impulso que terá de soffrer a China em consequencia da guerra europæa, prevê-se um renovamento economico e um augmento de produção, com um conse-

quente progresso demographico que, antes que se acabe o seculo, ha de com certeza dar á China mais quinhentos milhões de homens.

AS SCIENCIAS BIOLOGICAS E A AGRICULTURA NOS ESTADOS UNIDOS

O agricultor moderno tem necessidade de tantos conhecimentos scientificos que é necessario ser auxiliado nisso pelo Estado: por si só não poderia desenvolvê-los convenientemente. Por isso, o Estado se encarrega de estudar e de fazer experiencias por elle. Ainda agora o professor Marchal do Instituto Nacional Agronomico francez publica na "Actualité Scientifique" um estudo sobre as sciencias biologicas applicadas nos Estados Unidos, á agricultura e á lucta contra os inimigos das plantas. A organização especial de que o prof. Marchal revela o funcionamento, refere-se especialmente ás relações das sciencias biologicas com a agricultura. A sua sede é em Washington, com quatro departamentos, que são verdadeiros institutos: o da cultivacão, o do gado, o da entomologia e o da biologia. Cada um destes é dirigido por scientists, e realisa, sob um plano, prestabelecido, investigacões theoreticas e ao mesmo tempo praticas. Todos esses institutos são dotados de laboratorios, jardins e estufas, mas a maior parte dos trabalhos e das experiencias se effectua sob a sua direcção, nas estações ruraes espalhadas pelo territorio.

Os chefes destas estações mantêm-se em contacto permanente com os institutos onde se entretêm durante as estações de repouso rural, encontrando ahi uma bibliotheca, um museu e as observações dos seus collegas, enquanto conferencias adequadas procuram dar-lhes a orientação necessaria á campanha seguinte. Quando voltam ás respectivas estações, onde têm á sua disposição pessoal numeroso o bem instruido, o material technico completo e aperfeiçoado, cultivam vastos campos de experiencias. Assim, é facil ao che-



fe de cada estação, trabalhando segundo os planos traçados no Instituto de onde veio, orientar as suas indagações e coordená-las com as dos seus collegas, que se encontram nos outros Estados da União.

O trabalho de todas as estações e institutos é reunido, e o que póde ser aproveitado pelo publico se publica, em opusculos documentados, que são vordadeiras "Georgicas" modernas, menos poeticos do que as de Vergilio mas de innegavel utilidade. A esse trabalho de publicação se destinam largas sommas, que mostram bem a grande importancia que os norto-americanos ligam a essa propaganda: só o Dopartamento de Entomologia possui um orçamento de 142.000 dollars, cerca de 2.800 contos da nossa moeda.

M. P.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COUSAS NACIONAES

A LAURA DO PETRARCA DE VILLA RICA

Marilia de Dirceu não se chamava D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas Brandão, mas D. Maria Dorothea Joaquina de Seixas, nome igual ao de sua mãe. Com esse nome, fez olla o seu testamento, a 2 de Outubro de 1836, em Ouro Preto. Marilia era uma das filhas do casal do capitão de dragões Balthazar João Mayrink e sua mulher D. Maria Dorothea Joaquina de Seixas; e nascera em Villa Rica, na freguezia urbana de N. Senhora da Conceição de Antonio Dias, aos 8 de Novembro de 1767 na mesma casa onde ainda hoje no largo de Marilia se conserva o historico solar dos Ferrões, actual convento dos frades franciscanos hollandezes, em Ouro Preto. Não era filha unica, mas, ao contrario, tinha duas irmans e dois irmãos. Tendo perdido seus paes ainda em tenros annos, foi Marilia residir, em companhia de seu tio meterno e tutor, o então coronel João Carlos Xavier da Silva

Ferrão, irmão de sua mãe, om cuja casa passou toda a sua infancia, respirando uma atmospherá do luxo e conforto, pois os Ferrões eram gente de bração e remontavam á melhor aristocracia do Reino. Marilia tinha havido em herança de seus paes sufficiente cabedal em bens, joias, moveis e muitos eserravos, um dos quaes, de nome André, muito se lhe affeiçou, e com ella viveu até a morte de Marilia, acompanhando-a já idosa á missa, na matriz de Antonio Dias ou na egreja de S. Francisco do Assis.

Em fins de 1782 completara Marilia quinze annos de idade e estava mocinha, em pleno esplendor da sua radiante formosura, attestada por quantos coevos della falavam. Era muito clara, de pequena estatura e gracioso semblante, olhos tímidos e modos discretos. Neste anno chegára a Villa Rica o novo ouvidor, dr. Thomaz Antonio Gonzaga. Gonzaga, que nesse tempo andava pelos trinta e oito annos apenas conheceu a joven sobrinha do coronel Ferrão em casa deste, por ella se inflamou de ardento amor. Mais velho vinte e tres annos que a eleita do seu coração. Dirceu manteve o doce idillio á altura de um enamorado adolescente; e quando estalou o drama da Inconfidencia em 1789, destruindo com o calabouço e o degredo as illusões do noivado, já o poeta andava pelos seus quarenta e cinco annos e Marilia ropontava a idade da mulher em flôr nas suas vinte e duas primaveras louçans. O terno enleio durara do Natal de 1782 até fins de Maio de 1780, quando foi preso Gonzaga na manhã do dia 23, em Villa Rica. Exilado para Moçambique, lá falleceu Gonzaga em 1809, aos sessenta e dois annos de idade enquanto que Marilia só veio a morrer em Ouro Preto, sua terra natal, em 1853, mais que octogenaria, com oitenta e seis annos de edado. Sobreviveu olla, portanto, quarenta e quatro annos ao seu apaixonado Dirceu, o qual ao clima inhospito do degredo apenas poude resistir quinze annos. Mas se fôr considerado o facto de que desde a prisão de Gonzaga ella não mais o viu, dever-se-á dizer que durante

sessenta e tres longos annos viveu Marilia carpindo as saudades do noivo inditoso: sendo-lhe fiel no celibato, em que se conservou; apagando-se na penumbra da prece e das obras de discreta beneficencia; vivendo na casa solitaria donde apenas sahia para o templo; afastada da sociedade, ella que, ainda bem moça, formosa, prendada e rica, poderia ter brilhado nos salões de Villa Rica, onde ao certo seria disputada a sua mão pelos melhores pretendentes ao enlace com a pupilla do opulento e influente coronel João Carlos. Ao contrario, disse, Marilia se furtava ao convívio social raramente falava no nome proprio do Gonzaga, a quem sempre que alludia era com o designativo em terceira pessoa, *Elle*.

E Gonzaga como procedeu? No exilio foi duas vezes infiel na verdade: primeiro, quando ao lhe ser tomado o depoimento na Sé da Matriz de Moçambique, em 9 do Maio de 1793, para os seus desposorios com a luso-africana D. Juliana do Souza Mascarenhas, que tinha apenas 19 annos de idade elle commetteu a fraqueza do diminuir a sua propria idade, deixando de declarar quo então contava sessenta e dois annos, para talvez, em homenagem á juventude da segunda noiva, jurar á falsa fé que tão sómente tinha trinta e oito annos; segundo, quando esquecendo as juras trocadas com Marilia e o pacto esponsalicio de Villa Rica, elle declarou nos ditos depoimentos que "nunca déra a palavra de casamento a pessoa alguma!" Por esta forma contrahiu Gonzaga nupcias com a ardente mestiça de Lourenço Marques, uma creoula analphabeta e de bastarda descendencia, olvidando os seus castos amores (que a lyra de Dirceu jurara eternos!) com a fidalga e loura ouropretana, typo de belleza patricia, prendada de corpo e de espirito, e a qual de vez lhe entregou o coração virgem, conservando-se solteira até render a alma ao creador em 1853:

Por muito ter vivido muito soffreu Marilia, já pela tragica viuvez do seu casto noivado em flôr, cortado pela brusca separação de Dirceu,

já pela critica impiedosa de alguns escriptores patrios e estrangeiros, que a ella não perdoaram o "crime" de se ter deixado envelhecer só desapparecendo do mundo terreno quando lhe souu a hora fatal, aos oitenta e cinco annos e tres mezes de idade... (Nelson de Senna — *Revista Americana*, Rio).

SOBRE A NOSSA LITERATURA

Ainda não possuímos uma consciencia nitida e perfeita da literatura nacional. A literatura brasileira effectivamente parece um pouco problematica nas suas feições essenciaes, por que será sempre coisa difficil distinguir profundas differenciações de espirito quando só existe uma lingua commum.

Livros como a *Iracema* e o *Guarany*, parecem frivolos e ridiculos, além mar. Na generalidade as obras de ficção, verso ou prosa, quando passam o Atlantico, lá chegam como certos generos avariados, molles, húmidos e deliquescentes; buscam-lhes fórma, linhas e correções e nada encontram senão uma volúpia liquida e informe.

Nada de terso, rude ou forte; ao contrario, o vicio de que nos accusam é a mollicie selvagem de lambões lubricos, mellosos e ridiculos.

Ha uma incomprehensão lamentavel entre os dois mundos. A distancia esmorece, esfuma, apaga todas as arestas e projecta n'um cahos de neblina todas as linhas.

Somos vistos a uma só dimensão; toda a nossa solidez stereometrica esplama-se n'uma mancha confusa.

Os nossos versos chegam aos ouvidos de lá como clangores mortos da inubia selvagem, perdem nas ondas da travessia o rythmo proprio.

Não podem ser lidos.

A prosa dá idéa de uma traducção. Faltam-lhe todas as ollipses mentaes que não podem arrastar consigo. Chega sem alma.

E acima de tudo não sabemos a lingua. A prole escarumba, como

diz um auctor, pápagueia coisas isolitas, mólha as palavras.

O nosso *portuguez com assucar* (agora mais docemente com *agucar*) é a definição dada por outro publicista. Deve offerecer paladares jogralescos, chocarrices imprevistas, de infinita graça em bocas femininas, mas destoante da varonilidade asperrima das barbas tradicionaes de Dom João de Castro.

Eis um caso pathetico. Na qualidade de critico não posso dispensar a lei. Aconselho barbas e rebarbas, se o querem. Que as rapem alguns incréos transmarrinos, so isto lhes não aceresce a feminilidade dos gestos.

O remedio, porém, não é tão amargo o a bem ponderar o nosso diagnostico podemos vender saude.

Fingimo-nos de enfermos, mais do que o pintava Moliéro.

D'ahi a necessidade que tomos do mascarar os nossos solecismos com certas diligencias grammaticacs que cá se climatizaram definitivamente. aSbem-n'ó os livreiros; as antigas edições classicas portuguezas têm encarecido e cada vez se tornam mais raras na Europa, pois quo passaram e passam ainda ao Brasil.

Os bibliomanos de Lisboa, Coimbra e Porto, queixam-se d'essa migração das suas preciosidades livrescas. A qualquer proposito, discutem-se aqui innumeradas pequices grammaticacs; a orthographia é um pesadello para muita gente e ha até quem consagre á prosodia algumas horas de desfastio. Sei de uma senhora que diz agora *quére e pergunta* e já ouvi de uma rapariga indigena a declamação de uns versos de Antonio Nobre:

Man'él, tains razão. Vanho tarde
Mêx nã-fui eu quain teve culpa...

Não desgostei de todo d'esse *sotaque* peregrino.

Esta gente parece esquecer quo o brasileirismo é infinitamente complexo e que deturpar a prosodia ou a escripta é esconder-se, como o gato, com o rabinho de fóra.

Em qualquer caso é um symptoma. Temos esse lusitanismo, em ver-

dade, raro e esparso, mas impertinente. Temos discussões, polemicas e rifarias, infindaveis, cá e lá; de todos os ramos de erudição, o mais volumoso e aggressivo pelas suas razões, réplicas, tréplicas, apologias e contraditas, é o das questões grammaticaes. A imprensa que reflecte o gosto e as tendencias do publico sustenta, como folhetim obrigatorio uma secção respeitavel acerca do que *se não deve dizer* — ou de — *O que é correcto*.

Esta caça formidanda, constante e pertinaz aos barbarismos da lingua deve causar eterno descredito á fraqueza da nossa organização militar. Estão muito longo d'ella e da sua violenta contumacia, as nossas nobres pobres sociedades de tiro.

Entretanto, a nossa literatura soffria ou ganhava d'essa vagabundagem lotrada e douta. Toda a cidade andava ás portas dos ministros da lingua:

Enfin, Malherbe vint.
o um dos nossos humoristas pou-
do exclamar: *Os pronomes estão já collocados*. Que allivio!

Esta foi a primeira grande vitoria das questiuiculas. A critica e a censura *pro lingua* andam es-corraçadas agora.

Já é possivel respirar um pouco desaffogadamente, om quanto ás traças o caruncho e o lepisma, cá enormemente vorazes, roem em paxorra as florestas e silvas do padre Manoel Bernardes e guloseam com os inéditos de frei Fortunato de São Boaventura. Bom proveito lhes faça.

Uma coisa, porém, ficou verificada, á saciedade: é que os nossos chamados brasileirismos são fórmas classicas o até archaicas da linguagem, ombalsamadas pelas essencias fragantes do nosso clima. A colonia guardou phonographicamente nas carnaubas, como nas de Edison, todas as vozes primevas perdidas na matta virgem.

A pronuncia camoneana só ha entre nós. Gonçalves Vianna, o erudito, demonstrou que nunca Gil Vicente ou Camões pronunciou como o fazem os portuguezes de hoje. E

é facil verificar que o modismo nosso é o antigo. Gil Vicente nem Camões e nenhum outro, rimou já-mais *mãe e tambem* e nem comeram as vogaes e os hiatos com tamanha voracidade.

Não é aqui o logar de mostrar que até o — *vi elle* — é a linguagem normal dos Nobiliarios. Que o caipirismo do *preguntar* é o archaismo recente dos neographos portuguezes e dos seus macacos cisatlanticos.

Donde, pois, o nosso crime?

Temos construcções classicas, authenticas e de tal arto que annotando os versos de Sá Miranda,

Andrade, eu vou seguro...

... a um só certo

Juizo, bom, fiel sempre me atando, diz em glosa o Visconde do Castilho (Julio): "Hoje seria acoiada de brasilcirismo essa *viciosa* construcção: *sempre me atando*." E é um portuguezismo esse vicio do seculo de quinhentos.

A approximação, por nossa parte, da *linguagem actual* portugueza é, sobre absurda impossivel. Quando escrevemos — *póde se ver deve se escrever* — o portuguez philaucioso e ignorante, logo diz — é um erro e é brasileirismo. Se o censor é um sabio erudito, como Candido de Figueiredo, tem a condescendencia de apontar benignamente — não é normal. O normal é *pode ver-se e deve escrever-se*.

Essa condescendencia no seu espirito naseo de que elle sabe ser a nossa construcção abonada pelos grandes classicos. A *linguagem errada* do Brasil quasi toda, senão toda ella, é a mesma lingua do seculo XV e XVI como a falavam os conquistadores. E como podia deixar de o ser? onde haviamos de a inventar acaso?

Assim, uma situação mixta contemporanea, luso-brasileira, é de si mesma insustentavel. Por quanto, ao parecer d'ella a nossa tradição ou evolução propria é errada o desprezível; os nossos estudos e pesquisas classicas, por sua vez, nada adiantam pois que nos retemperam na lingua antiga e nos affastam do modelo *soi disant normal*.

D'esta arte, temos que repudiar as variações do nosso meio, isto é, a evolução propria, o tomar como *canon* a evolução europeá. Cada vez que Coimbra ou Lisboa altere um vocabulo, o esqueça, ou crie um modismo, só nos resta na qualidade de *tabula rasa* inscrever essas longinquas inconstancias.

Perdemos o direito de conservar ou faer criações novas tidas a conta de volubilidades doentias ou anormalas.

O melhor seria contractar para toda a nossa terra milhares de mestres lusitanos, renovados cada geração para que nos dictassem a *lingua normal*.

Emfim, nunca saberiamos a nossa lingua, sempre dependente dos tribunacs do *Que se não deve dizer*... em Lisboa (João Ribeiro—*O Imparcial*, Rio de Janeiro).

HOMENS E COUSAS ESTRANGEIRAS

O INDUSTRIALISMO ARGENTINO

Como é sabido, o industrialismo é o systema social que consiste em considerar a industria como o principal objecto do homem e o eixo das sociedades politicas. O seu objectivo é robustecer o poder da industria e tender á sua preponderancia dentro das actividades coloniacas. Para iniciar o seu ciclo o atingir logo esse fim, torna-se preciso desenvolver-se e facilitar-se gradualmente, em todo o paiz dotado de recursos naturaes e de inclinações laboriosas, um conveniente processo evolutivo, favorecido pela acção tutelar do governo e da legislação. E' tempo, sem duvida, de pensar nisso.

Presentemente, na vida economica argentina, constituem a mais fundada previsão publica e resultarão por isso proveitosos e beneficos, todos os esforços attinentes á solução do problema de nossa evolução industrial.

Em consequencia dos acontecimentos mundiaes e da expectativa dos resultados finaes da conflagração européa, propagada á America, semelhante preoccupação em nosso paiz é perfeitamente justificada e se impõe, com nitidos caracteres de permanencia e do crescente interesse. Devemos chegar ao estado industrial quanto antes o preparar, pois, o terreno e as aptidões com que affrontar a nova phase. O paiz reclama, não já uma "lei do industrias", nem a implantação do um systema aduaneiro rigorosamente proteccionista — mas toda uma legislação completa e harmonica, que preveja, attenda e favoreça a cada situação particular, a cada especialidade ou empresa fabril determinada o indique em todos os casos o caminho a percorrer até a obtenção de resultados positivos para o definitivo estabelecimento do industrialismo argentino. A evolução em materia economica é regida pelas mesmas leis de transformação da biologia: deve ser progressiva, mas lenta. Mas, nas circumstancias anormaes em que vai vivendo o universo e ante a dolorosa destruição européa actual, é licito o opportuno aconselhar-se a aceleração de um passo que, noutra época, deveria ser graduado e receioso.

O desenvolvimento industrial apresenta, na Republica Argentina, tres aspectos igualmente importantes. O de ordem "natural" offerece as molhores perspectivas dado o incremento das industrias principaes e a segurança com que temos de affirmar a nossa superioridade no abastecimento do carne, lan, cereaas ou fructas. O ponto fraco nos nossos recursos naturaes, consiste na falta de combustivel: por isso, nunca serão demais os esforços tendentes á exploração do petroleo.

Os outros dois factores do problema são o "social" e o "legal". Ao estudo do primeiro, corresponde, antes de tudo, a questão da regulamentação da vida operaria, em conexão com o regimen legal das industrias; e depois, ao que se refira ás exigencias impostas pela

selecção da nossa população immigratoria, praticada de accôrdo com paulatinas e acertadas modificações da lei sobre a materia.

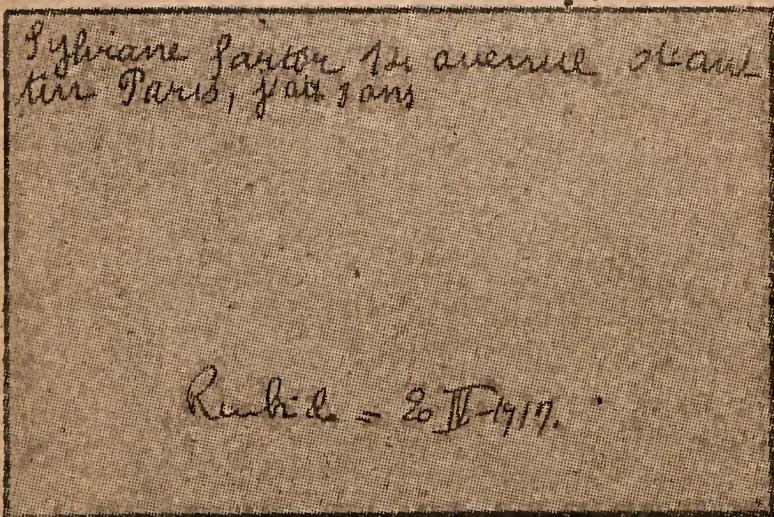
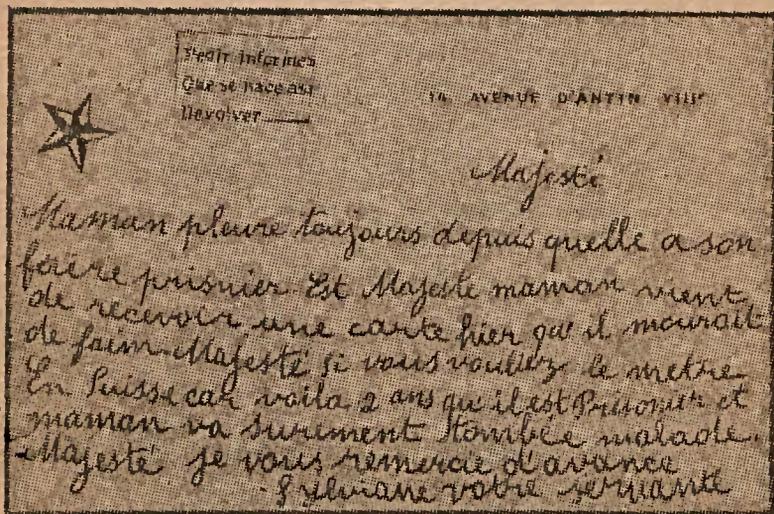
Quanto ao aspecto legal do industrialismo, seria conveniente ampliar a Direcção do industrias e commercio que, em qualquer outro paiz, poderia constituir um verdadeiro ministerio. Desde que é necessario crear-se um vasto programma legislativo, de realisação methodica e racional, póde sustentar-se o concluir-se que a producção argentina e a sua proficua elaboração fabril requerem, antes de tudo, planos de governo adequados o leis tutelares que sejam a sua consequencia logica. Entretanto, a irradiação do credito rural o a investigação regional periodica para a sua distribuição mais equitativa; as reformas restrictivas de importação manufactureira; a preparação de tratados de commercio conformes á melhor defesa dos nossos interesses nacionaes; o melhoramento o a hygienisação da vida operaria; a educação técnico-industrial — são outras tantas idéas e rumos já generalisados, e constituem, precisamente, as etapas indispensaveis da almejada evolução fabril — (Emilio Pellet Lastra — *Revista Argentina de Ciencias Politicas*, Buenos Aires).

O MINISTERIO DA CARIDADE

E' hoje um verdadeiro Ministerio da Caridade a repartição ideada e organizada pelo rei Affonso XIII, para encarregar-se do serviço de informações relativas aos prisioneiros de guerra. Não ha quem de certa importancia que, indo hoje a Madrid doixe de visitar nos andares superiores do palacio real a installação desso serviço, que está sob a direcção pessoal do proprio rei. Toda a imprensa hespanhola e estrangeira tem dado a respeito detalhes interessantes que mostram como funcionam essa repartição. E' sabido como o rei foi levado a converter sua secretaria particular em repartição especial encarregada do assegurar

a exacta e prompta transmissão das petições que pelas famílias lhe são dirigidas. Logo nas primeiras semanas após o início da guerra, na França principalmente os paes e as mães se volviam para o mo-

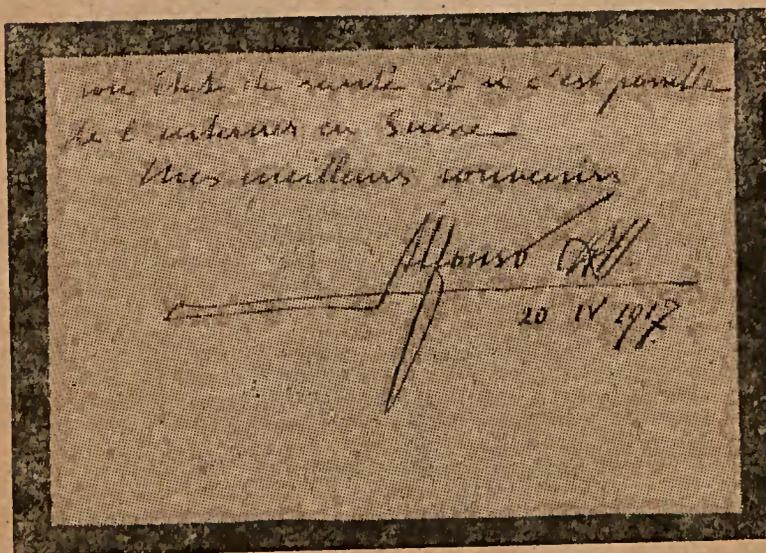
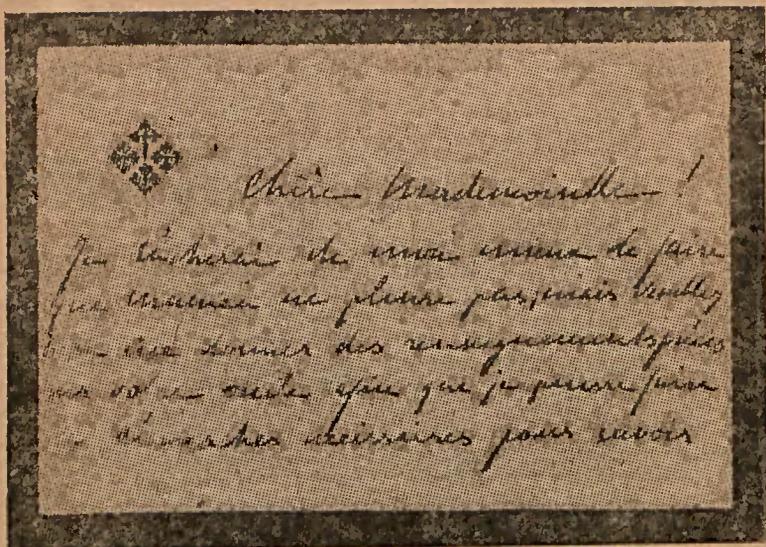
narcha hespanhol, guiados pela fé na sua fama de generosidade ardente e juvenil para obter de sua intervenção informações acerca da sorte dos seus queridos ausentes ou para solicitar a sua mediação em



favor de um condemnado. Inspirando-se nos seus sentimentos de caridade christã, Affonso XIII pedia immediatamente ao embaixador da Hespanha em Berlim, sr. Polo de Bernabé, que se informasse dos casos ácerca dos quaes recebia pedidos. Algumas destas investigações deram resultado tão feliz quanto inesperado, de sorte que estes primeiros exitos atrahiram sobre o palacio real de Madrid uma correspondencia cuja extensão augmentava dia a dia e que logo exigiu um pessoal exclusivamente consagrado ao serviço do correio o á transmissão das petições. Tal foi o embryão da administração actual, verdadeiro Ministerio da Caridade, que occupa varios salões e mobilisa um numero respeitavel de empregados. O pessoal habitual da secretaria, composto de seis funcionarios, teve que ser augmentado com pessoal extraordinario: tres senhoras e vinte addidos, isso sem alludir aos subalternos. A frente do serviço estão D. Emilio Maria de Torres e o conde de La Union. Quando o trabalho é extraordinario, excedendo ás forças do pessoal, o rei accita a collaboração de algumas comunidades religiosas, taes como as Irmãs do Sagrado Coração, as Irmãs Reparadoras, as Filhas de Maria, etc. Toda a despesa com o serviço — e é facil calcular a sua importancia — são pagas pela bolsa pessoal do rei. Esses gastos ficaram ultimamente reduzidos com a franquia postal concedida pela França ás quinhentas ou seiscentas cartas que diariamente so recebem ali dos prisioneiros de guerra.

Mas esta franquia não se estende ao telegrapho, quando é precisamente pelo telegrapho que, ao chegar uma boa noticia ao palacio real, o soberano a transmite aos interessados, qualquer que seja o lugar de sua residencia. Um systema de fichas dispostas por ordem alphabetica em classificadores do ultimo modelo norte-americano permitto conhecer immediatamente o estado progressivo de qualquer investigação. Pequenas bandeiras

de côr falam aos olhos e continuamente indicam so a ficha procurada é a de um servio ou a de um belga; se so trata de um aviador, se o interessado foi objecto do uma remessa de dinheiro, etc. A côr das fichas é a mesma dos livros diplomaticos de cada belligerante: amarello para os francezes, azul, para os inglezes, verde para os italianos, branco para os allemães, alaranjado para os russos o vermelho para os austriacos. Reccebem-se diariamente pelo menos settecentas cartas, tendo-se chegado a receber num só dia tres mil, e desde o principio da organização do serviço as cartas sóbem já a duzentas mil, cifra enorme quando se pensa que *nenhuma* carta fica sem resposta. Algumas vezes um sello de correio ou uma pequena quantia "para todos os gastos" acompanha a petição, o que constitue augmento de trabalho para a repartição, que devolve o sello e o dinheiro ao remetente, ao qual se faz conhecer que o serviço é gratuito. Quando é o proprio rei que recebe a petição, o por si mesmo pede noticia de um prisioneiro, carimba-se a carta com uma grande estrella azul, signal que não corresponde, entretanto, a nenhum favor especial, servindo sómento para chamar a attenção sobre a origem do pedido. A repartição serve indistinctamente a todos os belligerantes, mas é de francezes que se constitue a parte maior dos que a olla reeorrem. Examinar ligeiramente a correspondencia dirigida ao rei pelas familias francezas ó passar em revista todos os matizes da sensibilidade humana, realçada pela nota de delicadeza do tacto que characteriza o espirito popular da França. Aqui está, por exemplo, uma carta semelhante a milhares de outras que se acha impregnada de um religioso sentimento de gratidão: "Senhor: Recobi a carta que houvestes por bem escrever-me relativamente ás pesquisas que tivestes a caridade de ordenar acerca do soldado... Sou muito feliz em dizer-vos que este soldado acaba de dar noticias suas á familia,



após quarenta dias de silêncio. A França e todos os francezes não esquecerão nunca tudo quanto devem á grande bondade de S. M. o rei da Hespanha, e o seu reconhecimento será eterno. Rogo a Deus todos os dias por V. M. e peço ao Omnipotente que vos devolva em

felicidade e prosperidade de toda a especie, o que fazeis por nossos soldados e por nossas familias na desgraça."

Não é possível referir todas as iniciativas philanthropicas do rei da Hespanha. A' Hespanha, terra classica das obras de redempção, estava reservado desempenhar, na mais terrivel das catastrophes que o Mundo tem visto, uma missão de paz e de piedade. Sob o ardente impulso do seu fidalgo monarcha, a nação cumpriu essa missão nobre e desinteressada, que a fez credora de uma pagina gloriosa na historia de uma guerra, fóra da qual a sua neutralidade a tem mantido. (Alberto Mousset — *La Revista Quincenal*, Barcelona).

ALIMENTAÇÃO E SAUDE

Um dos methodos beneficos da grande conflagração que arruina a Europa é o enthusiasmo com que todos aconselham a austeridade e a temperança. "Desappareça tudo quanto é delicia o prodigalidado habitual de todas as mesas" recomendava o sr. Paulo Boselli, presidente do conselho de ministros da Italia. Com effeito, não ha nada mais aconselhavel do que a frugalidade. Luigi Cornaro, cujos discursos ácerca da vida sobria têm tido editados innumoras vezes, em italiano e traduzidos em francez, inglez e allemão, foi, no seculo XVI um eloquente exemplo disso. Nascido em 1467, Cornaro tinha uma constituição delicada, que logo, com uma mocidade de prazeres, deu de se tornar fraca. Por volta dos 35 annos passava tão mal, que certamente morreria dali a pouco se, de repente, não resolvesse mudar de vida, o que fez decididamente. "Encontrando-me nessa triste situação, narra elle, tendo feito todas as tentativas para sarar, e nada melhorando, disseram-me os medicos que para a minha doença não havia senão um remedio — a vida sobria e methodica. Como não tinha outra coisa a fazer, pois o próprio vinho de que tanto gostava, já o não podia beber mais —

dei-me de corpo e alma a esse remedio. E (parecerá incrível a muita gente) em menos de um anno senti-me curado de todas as minhas enfermidades". Luigi Cornaro viveu assim até 1566.

O dr. Cook, autor de um tratado em que demonstra que não ha doença que se não possa curar ou pelo menos attenuar com uma conveniente regra da vida, adverte que todas as pessoas delicadas, fracas ou em idade avançada devem comer pouco. Quando se come, diz elle, e não se sente que as forças augmentam — é que se está comendo demais. E' necessario que se espere o appetite e não comer nunca até fiçar-se repleto.

Todos sabem, por experiencia propria, que de manha, antes de comer, se sentem ageis e leves, o que, logo após a um repastò abundante, se sentem pesados e até somnolentos. Quem faz uma refeição moderada deve sentir-se mais do que antes, disposto ao trabalho. Usando alimentos simples e bebendo agua, em vez de vinho, não ha perigo de conceder ao proprio appetite mais do que elle precisa.

Como observa sir Henry Thompson, no seu trabalho "Food and feeding" (alimento e alimentação), os alimentos mais sãos podem ser, graças ao seu preço, usados por todos; e nessas condições toda gente, fóra excepções de grande miseria, podem alimentar-se de maneira racional e verdadeiramente util.

E' um erro suppor que o melhor alimento seja a carne. O estudo do tubo digestivo demonstra que o homem pode ser herbivoro, frugivoro, ou carnivoro, mas será carnivoro mais do que herbivoro, segundo a sua compleição, o genero de vida e a terra que habita. Mas uma alimentação animal muito abundante dá origem a não poucos damnos: a plethora e todas as doenças suas sequazes, as hemorragias, a gotta, são, com o tempo, effeitos da carne demasiada que se come.

E' certo que os inglezes abusam da alimentação animal; so elles

não se sentem mal com essa alimentação é por causa da vida muito activa que levam. Como os selvagens, que correm o dia todo no encalço da caça, podem viver exclusivamente do que caçam — os anglo-saxões, occupados em trabalhos arduos, podem, ainda impunemente, comer muita carne. Mas as condições da vida dos povos tendem a alterar-se, o trabalho do cerebro tende a substituir o do corpo, e o homem acabará servindo-se quasi unicamente das machinas. Então, será preciso mudar o regimen da alimentação do homem, e quanto mais a sua vida se torne sedentaria quanto mais o seu trabalho se torne puramente cerebral, tanto mais a sua alimentação deve ser leve, e comprehender, principalmente os vegetaes.

Em geral se dá ás crianças e aos velhos uma alimentação cerrada.

As crianças, logo os pais querem pô-las á mesa, e fazel-as comer de quasi tudo — como “os grandes”. Os velhos não se capacitam de que a sua vida deve ser regulada com muito mais cuidado, pois, a eidade os reconduz a condições physicas por varios aspectos analogos ás da infancia. Assim, tanto a uns como a outros, a alimentação mais conveniente é a de vegetaes, leite e doces.

Nos dois termos da vida tem-se maior necessidade de carbono do que de azoto, e, conseqüentemente, mais de vegetaes do que de alimentos animaes.

Quem quer nutrir-se convenientemente deverá distinguir, entre os varios alimentos, o pão e os legumes, que, infelizmente, vão sendo relegados das mesas, hoje em dia. (Giuseppe Loschi — *Rasegna Nazionale*, Florença).

O MEDO ENTRE OS SOLDADOS

A opinião publica confere generosamente o titulo de heróe a todo o soldado. Mas é preciso confessar que os heróes na guerra não são assim tão numerosos. O soldado conserva na guerra todos os seus defeitos e

todas as suas fraquezas. E' um homem como dantes, e o typo mais commum entre os homens é igualmente o mais commum entre os soldados. Qual é este typo mais commum? Um typo de mediana força moral, distante igualmente do heróe e do pusilanime. E' assim a maioria. A gente não se torna super-homem de repente, na guerra. O Marne, o Yser, os Eparges, a Champagne, Verdun e o Somme poderiam fazer pensar o contrario; mas é preciso não confundir o valor colectivo da tropa com o heroismo individual. Se o exercito realisa factos grandiosos, não quer isso dizer que cada um dos seus elementos seja um ser superior; quer dizer simplesmente que as qualidades excepcionaes de alguns valorosos, são afinadas por uma vontade dirigente que faz nascer momentaneamente o sopro do entusiasmo. Acalmado este, cada soldado volta aos sentimentos proprios de homem do typo ordinario. Um destes sentimentos é o medo.

O medo, os dicionarios o definem como sendo o sentimento que nos leva a evitar tudo quanto julgamos que possa prejudicar-nos. Para o homem em guerra o medo é o sentimento que o leva a evitar e a temer o projectil ou a baioneta que mata. O medo é além disso proprio do homem, pois parece que os animaes não o conhecem: nas trincheiras, por exemplo, os gatos que vivem a combater os ratos não se mostram de maneira alguma incommodados com as granadas que os visitam a cada instante.

Se o medo é um sentimento, as almas mais sensiveis deveriam scr-lhe mais sujeitas, dedueção esta que, levada ao extremo, faria concluirmos que na escala social as naturezas simples devem ser isentas de medo, augmentando este proporcionalmente ao desenvolvimento das facultades individuaes. Felizmente, porém, os factos desmentem esse raciocinio. Em todas as categorias de combatentes ha pessoas medrosas e pessoas corajosas até o heroismo. Qual será a causa dessas duas disposições diversas? E' difficil dizelo. Em todo o caso so é possivel dominar o tempe-

ramento proprio, é eomtudo impossivel mudal-o, do sorte que o medroso se torne corajoso Na minha companhia eu via dois soldados, ambos intelligentes o vivos. Quando se achavam na primeira linha, um delles estava sempre inquieto, não comia o parecia fóra de si; o outro, ao contrario, parecia experimentar um verdadeiro prazer em expôr-so, e quando marchava para o assalto era como quem fosse para uma festa.

Ha ainda outros exemplos do medo entre os soldados. Entre os mais humildes, por exemplo, os que se acham addidos ás cozinhas, quando os projecteis assobiam por cima das trincheiras á hora do rancho, vêm-se soldados que trazem as marmitas caminhando agachados, ao passo que outros, mesmo durante os fortes bombardeios, caminham direito, com o cachimbo na bocca o assobiando como se fossem pacificos burguezes em passeio.

Conheci um official que soffria enormemente toda a vez que o combate fervia, lutando contra si mesmo para não deixar que os seus comandados o percebessem; mas conheci tambem outro que debaixo de uma chuva de bombas caminhava sem nem ao menos abaixar a cabeça. O capitão S., encarregado de reforçar a posse de uma posição recentemente arrebatada aos allemães, para lá caminhou impavido contra as metralhadoras que dizimavam as columnas francezas. Naturalmente foi morto antes de chegar. Mas porque tão inutil arrojou? Provavelmente porque esse official não tinha consciencia do perigo. A coragem não consiste

em nunca ter tido medo, mas em achar em si a força do olhar o perigo do frente quando não se pôdo evital-o.

O medo manifesta-se quasi sempre da mesma maneira. Tem-se medo porque se é ameaçado na vida ou se temem os soffrimentos. A presença de cadaveres o do feridos parece influir pouco sobre o animo dos soldados, mesmo antes quo elles se habituem a isso. E' quo talvez o espectaculo da morto no campo de batalha é muito menos triste do que o da morte ordinaria. Em geral os soldados se habituam logo ás fuzilarias; as motralhadoras são, comtudo, muito temidas, sendo precisa uma notavel dose de coragem para atravessar com sangue frio uma zona batida pela artilharia. Todavia, é mais facil vencer o medo nos assaltos do que na resistencia passiva; no ataque, a massa, excitada pela energia dos chefes o pelo exemplo dos temerarios, lança-se como se fosse um só homem; ao passo que durante os tiros de preparação e contra-preparação, quando o soldado, firme no seu posto, vê cabirem fragorosamente as fortificações vizinhas, desaparecerem os companheiros ou se despedaçarem, quando sente emfim, a cada instante se avizinhar o momento do uma horrivel morte — então ha grande merito em ser corajoso. Entre as mais tristes horas da minha vida, conto as quo passei durante dois dias o duas noites com a minha companhia num terreno minado, cuja explosão se esperava a todo o instante (Capitão D. — *La Grande Revue*, Paris).

AS CARICATURAS DO MEZ IN EXTREMIS



Uma grande injeção de óleo camphorado

(J. Carlos — "Careta" — Rio de Janeiro)

CARIDADE PARA USO EXTERNO



ElbA — Já sei que vai aceitar uma flôr em beneficio das crianças belgas...

(Callisto — "D. Quixote" — Rio de Janeiro)

OS DOIS EXILADOS



O CZAR — Resigna-te, Constantino. Talvez venha mais gente...
(J. Carlos — "Caretá" — Rio de Janeiro)

FUTUROS TRABALHOS ELEITORAES



— Não contes com o voto das
Guimarães. Não podem votar amã-
nhã.

— P...

— Porque a costureira não
pôde coucluir as "foilettes" a tem-
po.

(Jullão Machado — "O Paiz" —
Rio de Janeiro)

EQUILIBRIO DIFFICIL



E espefou-se...

(Julho Machado "O Paiz", Rio de Janeiro)

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO DO N. 18

JUNHO DE 1917

F. J. OLIVEIRA VIANNA — **Populações meridionaes do Brasil.**

MARIO PINTO SERVA — **O problema do transporte maritimo.**

OLIVEIRA LIMA (da Academia Brasileira) — **O meu professorado em Harvard.**

HELIO LOBO (do Int. Hist. e Geographico Brasileiro) — **Brasil- Estados Unidos.**

MONTEIRO LOBATO — **Pollice verso.**

AMADEU AMARAL — **Poesias.**

MARTINS FONTES — **Poesias.**

MEDEIROS E ALBUQUERQUE (da Academia Brasileira) — **Livros...**

GODOFREDO RANGEL — **Vida Ociosa** (romance).

COLLABORADORES — **Resenha do mez.**

RESENHA DO MEZ — Vicente de Carvalho — Ophir (**Othoniel Motta**) — Missões de professores paulistas (**Carlos da Silveira**) — Bibliographia — Movimento literario — Machado de Assis — **NOTAS DE SCIENCIA** (A paralytia infantil — A vista das creanças — A utilisção mechanica dos raios solares — O problema da morte — Os couraçados terrestres) **M. P.** — Expressões technicas da architectura (**João Ribeiro**) — A França e a Grecia (**Afranjo Peixoto**) — Ricardo Wagner e o germanismo — O inventor do Esperanto — A educação da mulher — Um novo programma escolar — O patriotismo de Renan — As repetições da historia — O theatro francez e a guerra — Superstições de soldados e lendas da guerra — Ladrões intellectuaes — O medo do kaiser — Publicações reeebidas — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: Vicente de Carvalho (**Wasth Rodrigues**) — As galeras portuguezas (**trichromias**).

ROBES & MANTEAUX

Lingerie de Luxe, Blouses, Trousseaux

Bertholet

Corsets, Spécialité de Fournitures pour Modes

Rua 15 de Novembro, 30

São Paulo-Paris

Casa de Saude □

△ □ **Dr. HOMEM DE MELLO & C.**

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e menraes

Medico consultor — **Dr. FRANCO DA ROCHA,**
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — **Dr. Th. de Alvasenga,**
Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — **Dr. C. Homem de Mello.**

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o **Dr. HOMEM DE MELLO** que reside á rua *Dr. Homem de Mello*, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

▼ Caixa do Correio, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560 ▼

Companhia Mechanica e Importadora de S. PAULO

Fabricantes de Machinas de Cafè e para Lavoura, de Material Ceramico e Sanitario - Fabrica de Pregos e Parafusos e Rebites Fundição de Ferro e Bronze etc.

GRANDE SERRARIA A VAPOR ≡
CONSTRUCTORES e IMPREITEIROS

AGENTES de: Robey & C. (vapores) - Automoveis FIAT - Fabrica de Ferro Esmaltado SILEX - Comp. Paulista de Louça Esmaltada - Societá Italiana Transaerea SIT (aeroplanos e hidroplanos Bleriot), etc., etc. — Deposito, fabrica e garage:

RUA MONSENHOR ANDRADE e AMERICO BRASILIENSE (Braz)

Estabelecimento
Ceramico : **AGUA BRANCA** Telephone
N. 10-15

IMPORTADORES DE materiaes para toda a classe de construcções e para estradas de ferro, locomotivas, trilhos, carvão, ferro e aço em grosso, oleos, cimentos, asphalto, tubos para abastecimento de agua, material electrico, navios de guerra, rebocadores, lanchas e automoveis FIAT, etc., etc.

RIO DE JANEIRO :

Avenida Rio Branco n. 25
Caixa 1534

SANTOS :

Rua Santo Antonio, 108, 110
Caixa 129

LONDRES - Broad Street House-New Broad - LONDON E. C.

EM, S. PAULO :

Rua Quinze de Novembro n. 36

Endereço Telegraphico "MECHANICA"

Caixa do Correio 51 - Telephone 244

Codigos em uso: A. B. C. 5.ª EDIÇÃO - A. I. A. Z., WESTEN UNION
LIEBERS E RIBEIRO

COMP.^{IA} NACIONAL DE TECIDOS DE JUTA

Fiação e Tecelagem - Fabrica SANT'ANNA

Aniagens - Saccaria - Lona branca
Tapetes - Lona de cores
para colchão, etc. - Fios
de Juta simples ou torci-
dos de qualquer grossura.

Escritorio :

RUA ALVARES PENTEADO, 24

TELEPHONE N. 872

CAIXA POSTAL N. 342

Telegrammas: JUTA S. Paulo

CODIGOS

Particular

Ribello

A. B. C. 4.^a e 5.^a edição

A. I.

SÃO PAULO

Srs. lavradores e industriaes ! Como substituir o trigo ?

Não nos devemos surpreender se, — em consequencia das difficuldades oriundas da guerra — fór totalmente impedida, para o futuro, a exportação da farinha de trigo para o Brasil.

Nem tão pouco devemos considerar indispensavel aquelle alimento, que podemos perfeitamente SUBSTITUIR por outros igualmente nutritivos.

Do milho, por exemplo, faz-se uma variedade infinita de farinhas, e assim tambem da mandioca — para não citar as numerosas feculas que constituem a riqueza do nosso sólo privilegiado.

Os lavradores brasileiros devem rejubilar-se com as difficuldades que vão apparecendo relativamente á vinda da farinha de trigo do estrangeiro — pois que isso concorrerá para valorisar productos do nosso sólo, criando para o paiz novas fontes de renda.

Ja se accentúa por toda a parte a grande procura do FUBA' DE MILHO, para as suas innumerables applicações; os productos extrahidos da MANDIOCA vão tendo, igualmente, boa collocação em todos os mercados.

Resta que, para a exploração destas industrias de tão grande futuro — os srs. lavradores e industriaes procurem machinismos que se recommendem pela sua PERFEIÇÃO e resultados praticos.

Nós temos os melhores MOINHOS HORIZONTAES PARA FUBA', com legitimas pedras ituanas desde 16" até 44", para produzir de 5 até 40 alqueires por dia, e de custo desde 460\$000. fabricamos tambem MOINHOS PARA FUBA' COM RODIZIOS, muito proprios para as fazendas onde haja uma pequena agua a aproveitar, com queda desde tres metros para cima — moinhos estes extremamente simples, podendo trabalhar dia e noite sem interrupção e sem vigilancia.

Para a fabricação da FARINHA DE MANDIOCA, fornecemos installações COMPLETAS, comprehendendo: — lavador de mandioca, cevadeira para ralar, ferragem de prensa para a massa, torrador cylindrico, aperfeiçoado, prensa mecanica para separar, e machina completa para bater e côar a farinha. Esta installação é para uma produção de 1.000 kilos de farinha por dia. — PREÇO TOTAL: — 4:000\$000. — installação verdadeiramente economica, a titulo de propaganda.

Para mais informações, dirijam-se á

Companhia Industrial MARTINS BARROS

RUA DA BOA VISTA, 46 — :: — Caixa Postal, 6 — :: — SÃO PAULO

= CASA DUCHEN Grandes Armazens
de Alimentação =
ENORME SORTIMENTO DE VINHOS
em quartolas e por duzias

Grande variedade em
LICORES FINISSIMOS
Nacionaes e estrangeiros

Não deixem de comprar uma
LAMPARINA IDEAL, ultima novidade:
pratica, economica e hygienica

RUA DE S. BENTO, 76

Telephone, 429

SECÇÃO DE OBRAS

— DO —

"O ESTADO DE S. PAULO,"

Jornaes, Revistas, Folhetos e Trabalhos commerciaes
com esmero e a preços modicos

TELEPHONE, 7S5

SECÇÃO ARCHIVO

RUA 25 DE MARÇO, 145 - S. PAULO



AMIDON



ESPLENDOR

Este é o verdadeiro amidon
brilhante, porque brilha como
:: nenhum outro ::

ooo

Industrias Reunidas
F. MATARAZZO
SÃO PAULO

ooo

N. B. — As engommadeiras, quando não
quizerem dar brilho aos engommados, não devem
empregar o "AMIDON ESPLENDOR", porque
este amido é muito brilhante, e, por isso, pro-
prio para os engommados que requerem brilho.
Devem, nesse caso, usar outros amidos, de diver-
sas fabricas do paiz, que se encontram no mer-
cado com a denominação de AMIDO BRILHAN-
TE, — porque estes amidos são brilhantes só no
nome, e, aos engommados não communicam o
menor brilho.

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para **CAFÉ** **MANDIOCA**
ARROZ **MILHO**
ASSUCAR **FUBÁ, etc.**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanisado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanisado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C
SÃO PAULO



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

F. J. OLIVEIRA VIANNA	Populações meridionaes do Brasil (II)	415
ALCEU AMOROSO LIMA	Souza Bandeira	427
MONTEIRO LOBATO	Cavalleria rusticana	431
LINDOLPHO ESTEVES	Poesias	441
A. DE SAMPAIO DORIA	Methodologia do ensino e literatura didactica	447
MEDEIROS E ALBUQUERQUE <small>da Academia Brasileira</small>	Livros...	486
A. CARNEIRO LEÃO	Oliveira Lima	496
GODOFREDO RANGEL	Vida Ociosa (romance)	506
COLLABORADORES	Resenha do mez	520

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 20 - ANNO II

VOL. V

AGOSTO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA-DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Um poeta — Questões de ensino publico (*Carlos da Silveira*) — **Notas de Sciencia** (A reeducação dos surdos da guerra — A preparação scientifica) *M. P.* — Cotegipe (*Oliveira Lima*) — Os heróes do sertão (*Henrique Silva*) — A autoria de “Arte de Furtar” (*João Ribeiro*) — Gomes Leal. (*Mayer Garção*) — Antonio Feijó (*Pinto da Rocha*) — O imposto territorial — A confederação luso-brasileira — A instrucção technica em Portugal — A cooperação agricola na Allemanha — Medicina e medicos — As caricaturas do mez.

As assignaturas começam em qualquer tempo
e terminam em Junho ou Dezembro

A “REVISTA DO BRASIL” só publica tabalhos inéditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SEIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863.

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000	Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de lettras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaes quer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

Companhia Industrial "Martins Barros" Engenheiros Constructores Importadores

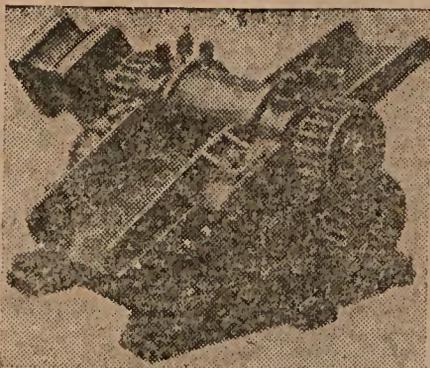
Grandes Officinas Mechanicas, Fundição de Ferro e Bronze, Serraria, Carpintaria, etc.

Escritorio e armazem:
RUA BOA VISTA, n. 46
Telephone II-80-Central
— S. PAULO —

Endereço telegraphico
— "PROGRESIOR" —
— Caixa postal 6

— Oficinas e deposito
Rua Lopes Oliveira, 10
(Barra Funda) —
— S. PAULO —

Não comprem machinas ou accessorios, motores, correias, lubrificantes, ferragens em geral, — sem primeiramente indagar da qualidade e dos preços dos artigos que lhe poderemos fornecer, para qualquer ramo de installação agricola ou industrial.



ENGENHOS DE CANNA

Uma das grandes especialidades de nossa casa é a fabricação de ENGENHOS DE CANNA, — desde os typos manuaes até ás installações para grande produção. Contractamos a installação de usinas completas. Fabricamos: engenhos verticaes e horizontaes, para força animal, a vapor ou rodas hydranticas. As características principaes dos nossos engenhos são: — resistencia, elegancia e produção inegualavel. A canna passada pelos nossos engenhos — NÃO DEIXAM NENHUMA PORCENTAGEM DE CALDO. Peçam o nosso catalogo com gravuras. Para pedidos, informações orçamentos, etc. dirijam-se á Comp. Industrial Martins Barros — Rua B. Vista, 46: Caixa 6

orçamentos, etc. dirijam-se á Comp. Industrial Martins Barros — Rua B. Vista, 46: Caixa 6

A' ILLUMINADORA

FUNDADA EM 1889

Casa especial em artigos para illuminação

FOGÕES ECONOMICOS A GAZ E A LENHA

GELADEIRAS AMERICANAS

Installações electricas

- DE -

Luz, Força, Campainhas

47 - RUA DA BOA VISTA N. 47

S. PAULO

Casa de Saude

Dr. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proalmo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

SÃO PAULO

Telephone, 560

CASA DUCHEN Grandes Armazens
de Alimentação

ENORME SORTIMENTO DE VINHOS

em quartolas e por duzias

Grande variedade em
LICORES FINISSIMOS
Nacionais e estrangeiros

Não deixem de comprar uma
LAMPARINA IDEAL, ultima novidade:
pratica, economica e higienica

RUA DE S. BENTO, 76

Telephone, 429

Joailierie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 de NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes et Marbres

d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à PARIS - 30, RUE DROUOT, 30

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Traversa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Muntch. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Semnario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças-Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinares, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetuinga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor offieial — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor offieial — Camblo e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Offieial — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa. 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa. 135. Telegrammas: "Belli", Genova (Italia), Piazza Scuole Pio X — Casella 1.459. End. tel. "Bellico".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-

Ho Rocco — Novidades em case-mira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, caudelas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo — **A CASA MARCELLINO** compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

OS ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

• INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA

Loteria de São Paulo

PARA 14 DE SETEMBRO

100:000\$000

POR 9\$000

**Os bilhetes estão á
venda em toda a parte**



POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL

(POPULAÇÕES RURAES).

II - PREPONDERÂNCIA DO TYPO RURAL |

I

Quando se abre o IV seculo, toda aristocracia brasileira do sul, como já se disse no capitulo anterior, vive em pleno campo, nos seus solares fazendeiros, lavrando, com os seus escravos, os canaviaes e as roças cerealíferas, ou pastoreando rebanhos de gado grosso. Apenas nos cargos civis e militares de governo local a sua influencia se revela incontrastavel: nos regimentos de milicias, o corpo de cuja officialidade fórma, e no senado das camaras, onde a sua preponderancia, sobre ser natural, é absoluta. (1) Fóra dahi é nenhuma a sua interferencia na administração da colonia.

(1) — “Os senados das camaras de todos os ditos logares são compostos de pessoas muito nobres, porque em toda a parte se acham moradores de calidades, que com esplendor e autoridade servem a republica”. — (Domingos Loretto — “Desaggravos do Brasil e Glórias de Pernambuco”, cap. 19, l. 3).

E' verdade que vemos um certo numero dos seus representantes na gestão de algumas magistraturas importantes, de ordem civil ou de ordem militar, ouvidorias, juizados, brigadeirias, ou mesmo no governo de capitancias secundarias (2). Mas, da alta officialidade dos corpos de linha, bem como dos quadros burocraticos do governo geral, e da gestão das capitancias de primeira ordem, é tambem verdade que ella está praticamente afastada. Desta porção mais importante da administração colonial a Corôa portugueza se reserva monopolio exclusivo, e a confia, de preferencia, aos delegados da sua vontade, despachados directamente da metropole.

De modo que, assim afastada dos cargos supremos do governo colonial, rebate-se a nobreza territorial, modestamente, na penumbra rural, e pastoreia o gado, e fabrica o assucar, e minera o ouro, e vai ampliando dest'arte o povoamento e a cultura do interior com a extensão das suas derrubadas e a multiplicação dos seus curraes.

Desta obscuridade bucolica, em que ella se esquece, desse longo silencio, em que se mergulha, vem tiral-a, de subito, um facto puramente accidental: — a transmigração da familia imperial, consequente ás conquistas napoleonicas na peninsula.

Este grande accidente historico marca, com effeito, ao sul, uma epocha decisiva, de consideravel transformação, na vida social e politica da nossa nobreza territorial.

II

Realmente, de Minas, de S. Paulo, dos interiores fluminenses, o nosso luzido patriciado rural inicia, desde essa epocha, o seu movimento de descida para o centro ca-

(2) — "Ainda que em geral regidos pelos portuguezes de nascimento, notavam os povos brazileiros que alguns dos seus naturaes já eram aproveitados para os cargos elevados da administração da Republica". (Pereira da Silva — "Historia da Fundação", v. IV, pag. 141). "Cfr." tambem: Domingos Loretto — "Desaggravos do Brazil" e "Glorias de Pernambuco", e Tacques — "Nobiliarchia paulistana".

rioca, onde está a cabeça do novo imperio. Os seus melhores elementos, as flôres da sua aristocracia, entram a frequentar essa "Versailles tropical", que se localisa em S. Christovam. Alli encontram elles, rumorejando já em torno do rei foragido, nos corredores do paço, — de um lado, uma burguezia recém-nada, formada de commerciantes enriquecidos com a intensificação commercial, derivante da lei da abertura dos portos; de outro, uma multidão aristocratica de fidalgos luzitanos, que viera juntamente com o rei, acompanhando-o, em cauda, na fuga precipitada.

Eslas tres classes se defrontam, inconfundiveis e hostis, nas inimizades da côrte, junto do rei. Os nobres da terra, opulentados de engenhos e fazendas, com o seu historico desdem pelos peões e mercadores. Os mercadores, conscientes da sua riqueza e da sua força, susceptibilizados por esse desdem offensivo. Os lusos transmigradas, com a pro sapia das suas linhagens fidalgas e o entono impertinente de civilizados passeiando em terra de barbaros.

Ora, enfrentando estes e aquelles, os nossos ricos potentados territoriaes vencem, simultaneamente, uns e outros. Insinuam-se no paço, acercam-se do rei e depois do Principe regente. De tal maneira agem junto de um e outro, que, antes mesmo de proclamar-se a independencia, já estão inteiramente senhores do poder nacional.

Como explicar este trimphe?

III

Compreende-se o fascinante prestigio que deveria ter sobre a nossa nobreza fazendeira a instalação da côrte bragantina no Rio. Os nossos grãos-duques ruraes não haviam por esse tempo esmorecido ainda no seu respeito á realeza luzilana, na sua cavalheiresca fidelidade á magestade ultra-americana.

Durante a phase das explorações sertanistas, em busca das coslas do onro, esta fidelidade é mesmo utilizada com habilidade pelos reis portuguezes. Que por uma carta El-Rey convide a qualquer desses potentados do Rio, de S. Vicente, de S. Paulo, ou de Taubaté, a arremetter con-



tra o deserto, e para logo elle se põe em acção, levantando tropas, organisando bandeiras, angariando socios e manelucos, para os riscos da aventura temeraria. Tanto quanto a propria cobiça, uma das causas mais efficientes, que explicam a prodigiosa movimentação das bandeiras no II e no III seculos, está sem duvida nessa ardente enaulação de corresponder a tão alta prova da confiança régia. Installada a côrte portugueza no Rio, é natural que essas podestades do interior, algumas já mais ou menos afidalgadas, e todas com o exercicio historico das magistraturas locais cheias de um alvoraço deslumbrado, ao centro carioca.

Esta nobreza territorial não é, aliás, um conjunto de rusticos e incultos caudilhos, á maneira dos potentados feudaes, da idade média. Ha um certo polimento de maneiras na sua sociabilidade, embora já sem aquelle alto timbre aristocratico dos dois primeiros seculos. Grande numero dos seus representantes chegam mesmo a possuir um lastro de cultura intellectual, devéras notavel para esse tempo. (3) Não é raro que muitos delles, dentre os mais opulentos, mandem os florões da sua descendencia ao reino, na frequencia da velha universidade coimbrã. Por outro lado, o ensino jesuitico nos seminarios, que tão largamente se espalham, durante o periodo colonial, pelos interiores de Minas, do Rio e de S. Paulo, faculta também á nobreza rural a aquisição de uma recommendavel cultura em humanidades. O gosto pelos livros e pelos estudos classicos chéga a crear verdadeiros autodidactas (4).

Tudo isto é, por certo, muito relativo — porque, em regra, esses magnatas ruraes, na sua maior parte, descuidam-se da cultura do espirito. Os seus typos de escol summariam, porém, não só o que ha de mais moralmente excellente na colonia, como o que nella ha de mais culto, prestigioso e rico.

Com taes tradições de lealdade cavalheiresca, ainda bem vivas no coração; contando entre seus membros al-

(3) — Oliveira Lima — "D. João VI", pag. 413, 254.

(4) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 253, 257, 276.



guns altamente cultos, outros traquejados no convívio europeu, outros afeitos ao trato com governadores geraes e vice-reys; nada mais natural que essa poderosa aristocracia rural, principalmente de S. Paulo e de Minas, transmigrada a côrte bragantina, descesse até o littoral e viesse concentrar-se em torno do rei, atrahida "pelo brilho da côrte real e pela seducção das honras, títulos e dignidades, de que alli se encontrava o manancial." (5)

Em concorrência com ella, e em busca tambem de dignidades e nobreza, procura igualmente acercar-se do throno umia outra classe, tão poderosa quanto a nobreza rural pela riqueza, mas evidentemente sem o traço de distincção, e mesmo sem a linhagem, dos nossos rusticos matutos. E' aquella burguezia de ricos commerciantes, que a lei da abertura dos portos creára com os altos lucros do commercio estrangeiro, e que se superpozera, á maneira de uma efflorescencia, á massa numerosa e anonyma dos primitivos peões, casta, como sabemos, de pouca cotação na sociedade colonial.

Esta nova classe, sorte de alta peonagem, de feição estritamente urbana, não é inculta, como a congerie dos mercadores. Ao contrário, possui um notavel polimento literario e está cada vez mais familiarizada com as idéas e as cousas da Europa. (6) Este cabedal de cultura e mais a sua fortuna consideravel são as credenciaes com que ella se justifica das suas pretensões á consideração régia e da sua ambição de honrarias. E' quasi integralmente composta de luzitanos; mas, muitos dos jovens brasileiros, que frequentam Coimbra, ou que aqui se fazem illustres, della descendem (7).

Esta classe, de origem e caracter puramente urbanos, contrasta vivamente, nos salões e corredores do paço, com os orgulhosos e austeros senhores territoriaes, descidos, ha pouco do planalto paulista e das montanhas mineiras, e intangiveis nos seus puudonores de independencia e

(5) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 109.

(6) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 107.

(7) — Cfr. — Sylvio Romero — "America Latina", pag. 176.



hombridade. De 1808 a 1831 ella se faz umas das grandes forças determinantes da nosso historia geral. Nella é que se vão recrutar os "recolonisadores" mais insolentes e virulentos. No fundo, a lucta entre os partidarios da "recolonisação" e os "liberaes" brasileiros não é senão uma lucta entre "burguezes" e "ruraes", isto é, entre essa nova nobreza urbana, na essencia, luzitana, e a velha nobreza das fazendas, medullarmente brasileira (8).

Entre essas duas classes, verdadeiramente nacionaes, colloca-se uma outra, perfeitamente adventicia; mas, pela qualidade dos seus elementos, altamente influente e prestigiosa. É a classe dos fidalgos e parasitas luzos, formigantes nos recessos do paço, em de redor do rei, e, como elle, foragidos aos soldados de Junot. Esta classe é composta inteiramente de orçamentivoros, de burocratas, de pretendentes a burocratas, de pensionistas do Estado e de pretendentes a pensionistas do Estado. (9)

IV

Essas tres classes, de 1808 a 1822, buscam preponderar no paiz e na côrte. Encaram-se, por isso, no paço, cheias de prevenções reciprocas e animosidades indissimulaveis. Os primeiros conflictos corisçam, rapidos, naquelle ambiente de hypocrisias e cortezanismos (10). Emigrados, burguezes e fazendeiros, todos disputando renhidamente

(8) — Essa lucta se prolonga mesmo depois do acto da abdição; na verdade, só cessa depois da morte de D. Pedro, em 34, e a consequente extinção do partido recolonizador, representado na famosa "Sociedade Militar", onde predominam os portuguezes. Na "Sociedade Defensora", com ramificações por todo o paiz, a mais prestigiosa, e onde estão Evaristo, Feijó, etc. aggregam-se os mais genuinos elementos brasileiros, entre os quaes as grandes influencias territoriaes. Cfr. Felix Pacheco — "O publicista da regencia", pag. 111 e seg.

(9) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 182.

(10) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 66.



pela conquista de empregos e honrarias, procuram lisongear e atrahir a magnanimidade dadivosa do rei.

Nos primeiros annos, coube aos luzos desplantados, maior quinhão nos favores. Dentre as pessoas que se expatriam com o rei, diz um testemunho da epocha, não ha uma só que não tivesse recebido das suas régias mãos a recompensa desse grande sacrificio (11). Luceok conta entre elles um milhar de empregados publicos e outro milhar de dependentes da côrte. Sendo, na sua maioria, homens de pouca, ou de nenhuma posse, vivem todos elles por isso, á custa do erario publico.

Para com a nobreza rural e a burguezia dos grandes commerciantes já não é a mão do rei assim tão liberal e magnanima. Uma e outra "levam quinhão mais modesto nesta ampla sementeira de dignidades, honras, mercês e officios."

Esta preferencia, tão aberta, em favor dos emigrados luzos desgosta e irrita as outras duas classes. Explodem, então, as rivalidades e as ciuudades, denuncieando-se em picardias asperas e criticas azedas, de parte a parte.

Os honrados commereiantes da praça, desde que se vêem agraciados com habitos e commendas, sentem-se na necessidade moral de classificar-se, e deixam o balcão pouco condigno. Fazem-se, então, candidatos a empregos publicos — o que equivale dizer que entram a concorrer, nos bastidores do paço, com o cardume dos luzos adventicios. Estes os recebem, como é de esperar, de pé atraz, hostilmente, e os setteiam com epigrammas e ironias pungentes (12).

Como os postos militares, de capitão para cima, acabam, praticamente, por se fazer monopolio dos emigrados luzitanos, os representantes da nobreza rural, por sua vez, se descontentam tambem. Alguns retiram-se mesmo para as suas fazendas, cheios de despeito, e desilludidos (13).

(11) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 183.

(12) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 60, 65.

(13) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 60, 219.

Os fidalgos luzos estão, assim, nos primeiros dias da transmigração, na plena posse das graças da eôrte. Esta preponderancia é, porém, ephemera. Porque os grandes senhores ruraes acabam por predominar e venerer todos os seus concurrentes: os luzos, primeiro, e, depois, a burguezia commercial.

Polidos, cultos, orgulhosos, esta subalternidade, em que os colloca a realeza diante do elemento forasteiro, não podia, com effeito, deixar de os ferir, e fundamente, na sua dignidade e pundonor de brasileiros. Reagem. Já não lhes bastam as simples distincções, as honrarias, os erachás, os titulos; vão além; quefem mais do que estes platonismos vistosos. Querein tambem governar, coparticipar dos negocios publicos, administrar este paiz, que fundaram, e que é seu.

Nesse sentido, a acção que desenvolvem junto do throno, durante a estadia de D. João VI e na regencia do principe D. Pedro, é habil, insinuante, diplomatica e efficaz. Dez annos depois da transmigração, isto é, em 1818, já não são mais os luzos, e sim elles, os que maior quinhão conseguem na distribuição dos favores.

E' expressivo sobre este ponto o testemunho presencial do consul da França nesta época, o coronel Maler (14). "O exercito e este reino — diz elle, em officio ao seu governo — tem sido bem impoliticamente esquecido até agora na distribuição das honras e recompensas; e os portuguezes não saberão, nem poderão vêr, a sangue frio, que elles não são siquer considerados como irmãos cadetes dos brasileiros, ou dos seus irmãos que habitam este hemisferio."

Quatro annos mais, e já o elemento nacional está senhor inteiramente do paço. O elemento portuguez, aquelle nucleo de nobres emigrados, que cercava D. João VI, e que este deixára junto do principe, desapparece, pouco a pouco, da eôrte, durante a regencia de D. Pedro. Este vê afastarem-se de si e retomarem, um a um, o caminho de Lis-

(14) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 65.



boa, os velhos amigos e os velhos servidores de seu pae: o marquez de Angeja, a familia Belmonte, D. Francisca Telles, D. Luiza de Noronha, D. Maria Barboza de Menezes e tantos outros... Todos elles sentem que a atmospherá palaciana, crescentemente electrizada pela idéas nacionalistas, torna-se cada vez mais irrespiravel aos seus pulmões de luzitanos. Com este ou aquelle pretexto — e o principal é o presentimento da revolução proxima—abandonam discretamente a cõrte, e retiram-se do Rio. De tal fórma, que o anno de 1822 ainda está nos seus começos, e já não restam mais na cõrte siquer “uma dama de honor ou um gentil-homem da câmara”. Apenas “um mordomo e um estribeiro e dous camaristas da princeza” permanecem. (15).

O ambiente da cõrte se trausmudára a olhos vistos. Passa rapidamente de luzitano a brasileiro. O poderoso patriciado nacional havia batido, em toda a linha, o elemento forasteiro. D. Pedro está com elle. Dahi á cavalgata victoriosa do Ypiranga ha apenas um passo...

Desapparecido o bando dos emigrados luzos (que tornam acompanhando, pela maior parte, D. João VI, na sua retirada, em 1822 fica, desde então, no campo da lucta), defrontando o rural pederoso, vindo dos latós mineiros e paulistas e dos reconceavos fluminenses, apenas a burguezia commercial.

Esta tem. porém, contra si a eiva do luzitanismo, suspeito ao espirito nacionalista, que fala de emancipação e autonomia. Entretanto, é forte, organizada, unida, ambiciosa, influente. Quando rompe a lucta entre o partido brasileiro e a facção militar, que quer a restauração, é ella que promove toda a campanha recolonizadora, e a sustenta com vigor e tenacidade. Comtudo não resiste ao embate — e, ou rende-se, ou é repellida.

Synthese: derrota do elemento estrangeiro, representado no fidalgo adventicio ou no huzo commerciante; trium-

(15) — Oliveira Lima — “Formação histórica da nacionalidade brasileira” (ed. franceza), pag. 163.



pho completo do elemento nacional, representado principalmente na alta nobreza fazendeira.

E este triumpho é, aliás, perfeitamente logico. — Nessa sociedade extremamente simplificada, que é a sociedade brasileira dos começos do IV seculo, o tecido social não adquirira ainda esse gráo de complexidade, indispensavel á formação de uma prestigiosa plutocracia, de caracter estrictamente urbano e de origem puramente nacional. Nesse meio economico rarefeito e dispersivo ainda não se encontram nem os “grandes banqueiros”, nem os “grandes chefes industriaes”, nem os “grandes proprietarios urbanos”, senhores de grandes fortunas prediaes ou grandes detentores de titulos publicos. De propriamente nacional, de fundamentalmente brasileiro, não existem senão esses grandes prestigios e essas grandes ascendencias, que vemos assentarem-se exclusivamente sobre os vastos latifundios do interior. E' essa massa de grandes proprietarios ruraes que fórma a unica classe realmente superior do paiz, aquella em que se concentra a maior somma de autoridade social. Os proprios elementos intellectuaes existentes, representados nas altas profissões liberaes, vinculam-se estreitamente a ella, ou della provêm directamente.

Emancipado o paiz; expulso o elemento forasteiro; repellida a burguezia commercial; nada mais logico que a essa aristocracia territorial caiba o supremo encargo da organização e da direcção geral da nacionalidade. E as academias superiores, que se fundam successivamente ao norte e ao sul, são como que os aparelhos de selecção, os crivos depuradores, por onde as novas gerações ruraes se filtram, antes da sua ascensão aos cimos do poder.

V

Depois de tres seculos de paciente elaboração, a nossa poderosa nobreza rural attinge, assim, no IV, a sua culminancia: nas suas mãos está agora o governo do paiz. Ella é quem vai daqui por diante dirigil-o.



E' esta a sua ultima fineção em nossa historia. Della parte o movimento pastoril e agricola do I seculo. Della parte o movimento sertanista do II seculo. Della parte o movimento minerador do III seculo. Nella se apoia o movimento politico da independencia e da fundação do imperio. Centro de polarisação de todas as classes sociaes do paiz, a sua entrada no scenario da alta politica nacional é o maior acontecimento do IV seculo.

Como é no Rio que se localisa a séde do novo imperio são os elementos ruraes de S. Paulo, de Minas e do Rio de Janeiro, os que têm, naturalmente, a maior porção das responsabilidades politicas do governo e da organisação nacionaes. Esta sítiação especialissima, que é o facto da sua contiguidade geographica assegura-lhes uma proeminencia tal sobre todos os outros, que os torna os verdadeiros modeladores politicos da nacionalidade toda. Elles é que dão realmente, durante todo o curso dos dois imperios, o peso especifico ao escol dirigente do paiz.

Dentre todos os typos regionaes brasileiros, desde o gaúcho dos pampas ao sertanejo das caatingas, é por isso, o matuto meridional o rural de Minas, de S. Paulo e do Rio de Janeiro, o mais importante e principal. Esindando-o nos seus centros historicos de formação: nas terras baixas e na região serrana do Rio de Janeiro, nas mattas e campos de Minas e nos platós agricolas de S. Paulo; é d'elle, da sua "evolução historica", da sua "organisação social", da sua "formação politica", e da sua "psychologia collectiva", que irão dizer, com minucia e amplitude, os capitulos que se seguem (16).

F. J. OLIVEIRA VIANNA.

(16) — Este estudo e o outro já aqui publicado formam os dous capitulos da introdução de um ensaio sobre as nossas "Populações Meridionaes". Os outros capitulos estudam successivamente a "evolução historica" do typo social das regiões meridionaes, a sua "organisação social", a sua "formação politica", e, por fim, como resultante de tudo isto, a sua "psychologia social e politica". Todo o ensaio se distribue assim:

—Introdução: — cap. I: “Formação do typo rural”; cap. II: “Preponderância do typo rural”.

— Evolução histórica: — cap. III: “Pequena historia do dominio rural”; cap. IV: “Expansão das bandeiras”; cap. V: “Ethnologia das classes ruraes”.

— Organização social: — cap. VI: “Funcção simplificadorã do grande dominio rural”; cap. VII: “Genese dos “clans” e do espirito de “clan”; cap. VIII: “Psychologia social da alta classe rural”.

— Formação política: — cap. IX: “Historia da capangagem senhorial”; cap. X: “Os grandes caudilhos ruraes e a anarchia colonial”; cap. XI: “O syncretismo dos “clans”: o mechanismo da centralisação”; cap. XII: “O syncretismo dos “clans”: funcção da Corôa”; cap. XIII: “Desintegração da “gens” rural ao sul”.

— Psychologia política: — cap. XIV: “Evolução da idéã do Estado”; cap. XV: “Psychologia política do matuto meridional; cap. XVI: “Instituições de solidariedade privada”; cap. XVII: “Instituições de solidariedade política”; cap. XVIII: “Formação dos grandes partidos nacionaes”; cap. XIX: “Funcção política das academias”; cap. XX: “Organisação do suffragio nos campos”; cap. XXI: “O sentimento da liberdade política e sua genese”; cap. XXII: “Psychologia das revoluções meridionaes”.

Este ensaio sobre o typo das regiões agricolas e um outro, tambem já concluido, sobre o typo gaúcho, isto é, o typo das regiões pastoris do extremo-sul, cuja evolução é singular, principalmente no seu aspecto político, completam o estudo das nossas populações meridionaes. Observo, entretanto, que não é propriamente o rural como “classe social”, mas o rural como “typo psicologico” — o objectivo destes ensaios. E' sómente estudando o povo brasileiro na sua porção mais typica e representativa, isto é, nas suas varias populações ruraes, que será possível traçar, com segurança, e sobre bases objectivas, as linhas fundamentaes da nossa psychologia collectiva.

SOUZA BANDEIRA

On doit pleurer les homes á leur naissance
et non, pas á leur mort.

MONTESQUIEU.



Souza Bandeira foi uma alma simples; delle, portanto, se não pôde dizer sem recato. Cuido que se houvesse podido exprimir a maneira como quizera ser lembrado, depois de morto, preferira um sorriso melancolico ao amargor de uma lagrima. Typos ha, de cuja vida irradiou tanta vida, de cujo coração tanta bondade jorron, que só podem ser evocados sem travor, antes com doçura e prazer: assim foi Affonso Ari-

nos, assim foi Souza Bandeira. E já que na minha pena, embebida de saudades, o correr do pensamento se approximou, não me furto ao desejo de recordar as analogias, que os irmanavam.

Pouco se viam, é certo, mas qualquer coisa de immaterial os ligava, mais forte do que o tempo, e que a distancia: a mesma sensibilidade, o mesmo espirito de largo descortino, um só amor pelos simples. Quando o acaso os rennia,

no curso da vida aventureira de um e do labutar impenitente do outro, apagavam-se as mesquinhas preocupações, fugiam as azas negras que a ambos attribulavam, e entre elles pairava a doce harmonia dos corações da terra, sobrios e virgens.

A ultima vez que me lembra ter visto esvoaçar, nos labios já descorados de Souza Bandeira, o franco sorriso dos momentos de beatitude, foi graças á magia da palavra de Arinos, poucos mezes antes de sua morte, a ultima vez que veio ao Rio. Impressionado com a lenta decadencia physica do amigo, tentou Arinos fazer recobrar sangue áquella face livida. E aproveitando o aspecto da sala onde conversavam, acanhada e triste como todos os escriptorios, esboçou, naquelle ar viciadô de autos e demandas, o contraste com a vida farta dô campo, o sadio despertar matutino nas fazendas, a paz das cidades mortas, veneraveis e ancians. E logo, como caminheiro avisado, traçou um itinerario pela velha Minas, onde juntos iriam retemperar os nervos exgotados.

Não lhes quiz a Sorte conceder o bem dê uma pequena viagem pelo velho sólo brasileiro; reservava-lhes a Adversidade, para breve, uma longa, longa excursão pelo mysterio, onde juntos penetraram a curto intervallo.

Souza Bandeira foi bem uma figura expressiva da nacionalidade, uma folha subtil da sensitiva brasileira. A sensibilidade é o caracter dominante desse esboço de raça que formamos. É nossa força e nossa fraqueza, forjada por nós, neste pedaço de America, onde viemos formar uma nova civilisação. Os norle-americanos têm a audacia, os ibero-americanos a arrogancia, os luzo-americanos temos a sensibilidade. Ella nos é, hojê, um grande obstaculo, sendo uma virtude na paz, mas vicio na lucta; e as nações nascem da lucta e não do repouso.

Souza Bandeira era dos ultimos representantes, em nosso meio, do movimento iniciado no Recife, cerca de 1880, por Tobias Barreto, e a que se pôde chamar de scientismo. A fermentação intellectual e politica de 1848 na Europa; e a descoberta da Allemanha no Brasil em 1880, foram as causas principaes da illusão scientista aqui. A



meia-ciencia florio entre nós, produzindo a reacção, que óra se manifesta. Estamos caminhando para uma especialisação das preoccupações mentaes, e nosso romance de hoje é uma obra de psychologia e imaginação, como nossa sciencia um esforço de methodo e observação conscienciosa. *Lans Deo*. As generalisações, apanagio do genio, só pódem surgir normalmente do labor aturado dos especialistas.

Não sei se disse bem, affirmando ter sido Souza Bandeira uma das figuras do movimento scientista. Foi um bovarysta desse movimento. Começou, de facto, a vida intellectual, em pleno scientismo, e seu primeiro livro — “Estudos e Ensaios” — disso nos dá um testemunho. Já, porém, nesses esboços esparsos, reunidos sob aquelle titulo, a verdadeira feição do seu espirito, laivado de ironia e graça, surgia nas paginas dos capitulos “O advogado na litteratura”, “O Padre catholico e a Catechese”, escriptos em 1895 e 1899, quando já se lhe apagava da memoria o “cyclone que abalava a somnolenta Academia do Recife” em 1882.

No Rio, iniciou Souza Bandeira a vida forte, e as necessidades da lueta apuraram a penna do publicista, cujo feitio ainda lhe não era o proprio. Proseguindo no terreno da critica, cujos primeiros ensaios tanto deixavam esperar, trillhou afinal um caminho que lhe era propicio. Se percorrermos os artigos ullimamente vindos á luz com o nome de “Paginas Litterarias”, producções de 1902 a 1913, acompanharemos o desdobrar dessas finas qualidades de ironica perspicacia e de synthese, raras na critica indigena, quasi sempre derramada e mordaz, quando não brutal. Souza Bandeira tinha a unção de um discipulo de Renan, na brandura com que tratava os homens e suas obras. Era de uma tolerancia infinita. Antes ironista que “humourista”, tinha tambem a “patativa que lhe cantava no fundo dalma”, como de si proprio costumava dizer um dos nossos mais finos letrados. Descrendo dos homens, evitava manifestar-lhes o seu scepticismo, por temer feril-os. Não era o critico differente do homem. Escrevia com penna de seda, com o que não criou inimigos.

No livro de viagens "Peregrinações", revela-se-nos seu talento, sob uma nova face, já adivinhada, aliás, em outras páginas, como "Snobismo e Cultura": a perspectiva, que emprestava às narrações. Todo esse livro, de piedoso cruzeiro pela Europa, é uma longa evocação flagrante de épocas vividas, um suggestivo despertar de fantasmas idos. O dom da perspectiva é a qualidade que consagra um escriptor, e Souza Bandeira o teve, ás vezes brilhante.

Esse dom, elle o ia pôr em relevo, com fulgor, se a morte lhe tem demorado o termo por algum tempo mais. O volume, que lhe estava a sahir das mãos, essas paginas de "Evocações", que eram o livro de sua vida e de sua alma, seriam a applicação daquella graça á historia patria, aos homens e ás coisas nacionaes. Ficou-lhe a obra incompleta, apenas debuxada em alguns capitulos. Seria uma contribuição preciosa para a nossa historia anecdotica, tão deficiente e vulgar.

A obra literaria de Souza Bandeira foi um lento itinerario para o nacionalismo. Iniciada sob a inquietação philosophica, encaminhou-a o interesse literario, vindo afinal a firmar-se na preocupação nacional. O bom torrão pernambucano lentamente o chamou a si.

Melhor do que nos livros, porém, vasou elle sua obra na palestra. Foi um conversador delicioso. Como Affonso Arinos, como Gastão da Cunha, como Afranio Peixoto, como Tobias Monteiro, teve a faculdade alada do encantamento pela palavra. Cultivou a anecdota com carinho, e em tal copia, a completar volumes, se colligidas. Até o momento supremo do largar do mundo não perdeu o velho habito; morreu com a anecdota nos labios. Foi-lhe a morte a confirmação da vida. Conhecendo-a, encarou-a sem temor. Inimigo da ostentação, foi-se de nós a sorrir. E com isso nos ensinou a commemoral-o discretamente.

Que estas breves palavras, de um amigo obscuro, floresçam sobre a sua memoria, como as rozeiras em torno aos tumulos dos que se amaram.

Rio.

ALCEU AMOROSO LIMA.



CAVALLERIA RUSTICANA

— Navio?

— Talvez pharol ...

Dava azo á duvida uma luzita vermelha a piscar no horizonte, única na escuridão da noite. Escuridão, não direi de breu, que não é o breu de sobejo escuro para referir um negror d'aquelles. De cego de nascença, vá.

Ceu e mar fundia-os um só carvão, sem fresta nem pique além da pinta vermelha, que ás subitas se fez amarella.

— Lá mudou de côr, é pharol.

E como era pharol a conversa cahiu sobre pharoes. Eduardo interpellou-me de chofre sobre a ideia que eu delles fazia.

— A ideia de toda a gente, ora essa!

— Quer dizer uma ideia falsa. "Toda a gente" é um monstro com orelhas d'asno e miolos de macaco, incapaz d'uma ideia sensata sobre o que quer que é. Tens na cabeça, respeito a pharol, uma ideia de rua, moeda corrente recebida do vulgo e nunca recunhada na matriz d'uma impressão pessoal. Erro?

— Confesso-té que eu seria capaz de estarrecer um auditorio de casaca, conferenciando sobre esse thema; não affirmo, entretanto, que o pharol descripto se parecesse com algum.

— Pois affirmo-te eu, sem menospreço do teu engenho, que tal conferencia, ouvida por um pharoleiro, poria o homem de olho parvo a dizer como o outro: se percebo, cebo!

— Acredito. E entenderia elle melhor a tua sécca?

— E' de crer. Já vivi uma temporada inesquecivel no pharol dos Albatrozes, e falaria de cadeira.

— Já viveste em pharol! Homem prodigioso que és!...

— E lá fui comparsa n'uma tragedia nocturna de arripiar cabellos. O escuro desta noite evoca-me o tremendo drama...

Estavamos ambos de bruços na amurada do **Orion**, e a hora propiciava o esbaçoar d'um dramalhão inedito. Esporeado na curiosidade, provoqueei-o:

— Vamos ao caso, que estes negrumes clamam aspectos que o povoem. E' calamidade a Shakespeare ou Ibsen?

— Assigna o meu drama um nome maior que o de Shakespeare...

— ?

— ... a Vida, a grande mestra dos Shakespeares maiores e menores.

Eduardo começou pelo principio:

— O pharol é um romance. Um romance iniciado na antiguidade com fogueiras armadas nos promontorios, para norteio das embarcações a remo, e continuado seculos afóra até aos nossos possantes holophotes electricos. Emquanto subsistir no mundo o homem o romance "Pharol" não conhecerá epilogo. Monotono como as caimarias, embrecham-se nelle, a espaços, capitulos de tragedia e loucura, — gravuras pungentes de G. Doré quebrando a monotonia de um diario de bordo. O caso dos Albatrozes foi uma dellas. Gerebita metteu-se no pharol aos vinte e tres annos. E' raro isso.

— Quem é Gerebita?

— Sabel-o-ás em tempo. E' raro isso porque no geral se mettem nas torres maritimos maduros, quarentões surrados pela vida e descrentes das suas illusões. Deixar a terra na quadra verdolenzada dos vinte annos é apavorante. A terra... Nós mal damos tento da nossa profunda adaptação ao meio terreno. A sua fixidez, o variegado dos aspectos, o bulicio humano, a cidade, os campos, a mulher, as arvores... Sabem os pharoleiros melhor do que ninguem o valor dessas teias.

Enlurados num bloco de pedra, tudo quanto para nós é sensação de todos os instantes neiles é saudade ou desejo. Cessam os ouvidos de ouvir a musica da terra, rumorejo de arvoredos, vozes amigas, barulho de rua, as mil e uma notas d'uma polyphonia que nós sabemos que o é, e encantadora, unicamente quando uma segregação proiongada nos ensina a lhe conhecer o rythmo. Os olhos cessam de rever as imagens que desde a meninice lhes são habituaes. Para os ouvidos ha ali, dia e noite, entra anno, sae anno, o marulho das vagas estralando chicotadas no enrocamento da torre. Para a vista a eterna massa que ondina, ora torva, ora azul, é em cima o outro eterno azul.

Variante unica trazem-n'a as velas que passam ao largo, donairosas como garças, ou os transatlanticos pennachados de fumo.

Figura-té a vida de um homem desraigado á querencia e assim posto, qual galé, dentro duma torre de pedra grudada a um ilhéu tambem de pedra. Terá poesia de longe; perto é allucinante.

— Mas o Gerebita...

— Uma leitura de Kipling despertou-me a curiosidade de conhecer um pharol por dentro.

— "O perturbador do trafego?"

— Parabens pela argucia. Foi justamente a historia do Dowse o ponto inicial do meu drama. Tal desejo incubou-se-me cá dentro e ficou a espera d'ocasião para grelar.

Certo dia fui espalreecer pelo cães, e lá estava, de mãos ás costas, a seguir o vôo dos joão-grandes, e a notar a gamma dos verdes luzentes que a sombra dos barcos atraçados ondeia na agua represada dos portos, quando ablcou um lancha e vi saltar em terra um homem de felções duras e pelle encorreada. Ao passar ao pé d'um magote de catraellos um delles chasqueou em tom amolecado:

— "Gerebita, como vae a Maria Rita?

O desembarcadiço rosnou um palavrão de grosso calibre e seguiu caminho de sobreceño carregado. Interessou-me aquelle typo.

— "Quem é? Indaguei.

— "Pois quem ha de ser senão o pharoleiro dos Albatrozes? Não vê a lancha?

De facto, a lancha era do pharol. A velha ideia deu-me uma cotovelada: é hora! Fui-lhe no encalço.

— "Sr. Gerebita..."

O homem entreparou, como admirado de ouvir-se nomear por bocca desconhecida. Emparelhei-me com elle e enquanto andavamos ful-lhe expondo os meus projectos.

— "Não pôde ser, respondeu, o regulamento prohibe sapos na torre; só com ordem superior.

Ora, eu tenho corrido mundo, sel que marosca é essa de ordens superiores. Metti a mão no bolso e cochichei-lhe o argumento decisivo. O pharoleiro reluctou uns instantes, mas corrompeu-se mais de pressa do que eu suppoz, e, guardando o dinheiro, disse:

— "Procure o Dunga, patrão da "Galvota Branca", terceiro armazem. Dlga-lhe que já falou commigo. De quinta-feira em diante. E bico, hehn?

Prometti-lhe um bico caladíssimo e tornei ao cães em cata do Dunga, ilhéo palavroso a quem expuz o negocio. Que sim, disse, que já fizera isso certa vez a "outro maluco", e sabla prender a llingua para não atanzar a vida aos amlgos.

E como me informasse do pharoleiro:

— "E' Gerebita d'appellido ganho no Puru's onde servlu como grumete. Ao depols se metteu na lanterna, p'r'amor d'amores, o alarve, como se faltassem ellas por ahí, e bem catitas.

Mulheres! A mim é que não me empecem, as songuinhas. O demo as tolha, que eu...

E foi pelas mulheres além, a dar rijo, com razões nem meliores nem peiores que as de um Shopenhauer d'alto bordo.

No dia aprazado, antemanhã a "Galvota" largava com rumo ao pharol. Saltei n'um atraçadouro toseco, de difficil abordagem. Encon-

trei o pharoleiro occupado em pullr os metaes da lanterna. Recebeu-me de boa sombra e largou o esfregão para fazer as honras da casa.

Examinei tudo, dos allcerces ao lanternim, e á hora d'almoço já entendia de pharol mais que uma encyclopedia. Gerebita deu tre-la á llingua e falou do officio com muita psychologia e melhor do que a que um romancista põe n'um romance maçador. Tambem narrou a sua vida desde menino, a grumetagem no Puru's, a sua palção pelo mar, e por fim a entrada para o pharol aos vinte e tres annos de idade.

— "Porque, assim tão moço?"

— "Caprichos do coração, má sorte, coisas... respondeu com ar triste; e accrescentou, após uma pausa, mudando de tom:

— "Pois a vida cá é isto que vê. Boasinha, hein? Entretanto, boa ou má, temos, os pharoleiros, um orgulho: sem nós essa bicharria de ferro que passeia n'agua fumando seus dols, seus tres charutos...

— "Lá vem um! interrompeu-se, apontando uma fumaça remota. E indo á janella mirou pela luneta o pennacho.

— "Bandeira allemã, duas chaminés, rumo sul. Deve de ser um Cap, o Trafalgar, talvez. Seja lá que diabo for que vá com Deus. Mas como ia dizendo, sem os pharoleiros a manobrar a "optica" esses comedores de carvão havlam de rachar atolnha ahl pelos bancos. Basta cair cerração e põe-se elles tontos, a urrar de medo pela bocca das sereias, que é mesmo um cortar a alma á gente. Porque então nem pharol nem caracol. E' a cegueira. Navegam com o perigo no leme. Fora disso salva-os o foguinho lá de cima. Pouco antes da minha entrada para aqui houve desgraça. Um cargueiro do "Bremem" rachou o bico ali no Capellão.

Quem é o Capellão? Ah! ah! O Capellão! Pois o Capellão é o ralo da terceira pedra a boreste. São tres deste lado, a Menina, que é a primeira, a Gurutuba que é a do meio. A criminosa é o Capellão que reponta mais ao largo e só mostra a corôa nas grandes vasantes. Cá a bombordo inda ha duas, a Virgem e a Maldita, onde bateu o Rotterdam.

— "E aquella lisinha, acolá?"

— "Essa é uma coltada que nem nome tem. E' mansa, está muito perto da terra, não faz mal a ninguem. Ali mora um anequim, bichanca do tamanho do dlabo e que gosta de virar canôas. Mas aqui para nós, moço, isso é embromação. Peixe mora em todo o mar, não tem toca como bicho de terra. E' abusão de pescador. Quando ha mar não se enxerga nada por ali, mas se a agua serena e vem vindo a vasante, vae apparecendo um lombo de pedra lisa com geito de peixe. Passa um pescador atolambado, desconhecedor da zona, vê aquillo de longe. E' anequim! é anequim! e toca a safar com o medão n'alma. Se acontece embrabecer a



agua, e dá temporal, e a canôa vira; qu'é de Mulano? tá, tá, tá, foi o anequim! Toda a gente, péga feito mulher velha: foi o anequim do pharol! Ora ahi está como são as coisas. Elle ha muito anequim e tintureiras por aqui. Onde é mar sem cação? Mas dizer que um tal móra ali, é embroma.

E na sua pinturesca linguagem de marítimo, que ás vezes se tornava prodigiosamente technica, narrou-me toda a vida daquellas paragens e da torre. Falou de como, segundo a tradição, se foram baptisando os recifes, os crimes de cada um, as hecatombes periódicas de aves nocturnas que, cegas pela luz, batem de peito contra os vidros da lanterna, juncando o chão de corpinhos latejantes, as medonhas tormentas nas quaes o pharol estremece como a tiritar de pavor. Do que não falou Gerebita, naquelle inescquecível dia?

— E o ajudante? Tem-n'o cá?

O rosto do meu pharoleiro mudou de expressão. Vi de relance que eram inimigos.

— “E’ aquelle estupor que lá pesca, disse-me achegando-se á janella e apontando um vulto immovel, acocorado n’um penedo.

— “Está a apanhar garoupinhas. E’ o Cabrea. Máu companheiro, máu homem...

Entreparou. Percebi que mascava uma confidencia difficil. Mas a confidencia denunciou-se apenas. Gerebita sacudiu a cabeça e murmurou como de si para si:

— “Está cá de pouco, e é o unico homem no mundo que não podia estar cá!... Já reclamei, já mostrei o perigo ao capitão do porto, mas qual!

Estranha creatura o homem! Insulados do mundo n’aquella fragua, ambos naufragos da vida, o odio os separava... Não faltavam, entretanto, accommodações no pharol para as familias dos seus guardiães. Porque não as tinham ali? Seria um bocado de mundo a lenir as agruras do emparedamento. Interpellei-o, mas Gerebita me retrucon de modo inviezado.

— “Familia não tenho, isto é, tenho e não tenho. Tenho porque sou casado e não tenho porque... Historias! Estas cousas de familia é bom que fiquem cá com a gente.

Notei de novo que a pique d’uma revelação engulia-a a tempo, por desconfiança ou pudor. Suas feições endureceram, sombras más annuuearam-lhe a physionomia. E mais torvo ainda me pareceu quando se abriu a porta e Cabrea entrou, sobraçando uma cesta de pescado. Typo de má cara, passou, sem nos volver um olhar, em direitura á cosinha. Mal se sumiu o bruto, Gerebita exclamou “Raio do diabo!” pespegando n’um caixote expliatorio um murro de fender pinho. Depois:

— “O mundo é tão grande, ha tanta gente no mundo, e me cae aqui o unico companheiro que eu não podia ter!...

— “Porque?

— “Porque?... Porque... é um louco.

Entre o primeiro e o segundo “porque” notei transição radical. Dubio o primeiro, o segundo affigurou-se-me resolute, como illuminado pelo clarão de uma ideia brotada no momento.

Desde esse dia nunca mais Gerebita abandonou o thema da loucura do outro. Demonstrava-m'a de mil maneiras.

— “E aqui, onde os sãoes perdem a tramontana, argumentava, um já assim rachado de telha aos tres por dois rebenta como bomba em fogueira. Eu jogo como não vara o mez. Não vê que modos?

Metade por suggestão, metade por observação leviana, razoavel me pareceu a phophecia, e como Gerebita sem cessar maihava na mesma tecla acabei por convencer-me que o casmurro era um fadado ao hospicio com pouco tempo de equilibrio nos miolos.

Um dia Gerebita abordou a questão nestes termos:

— “Quero que o senhor me resolva este caso: estão dois homens sóos n'uma casa; de repente um enlouquece e se atira como um cação sobre o outro. O outro deve deixar-se matar como um porco ou tem o direito de atolar a faca na garganta do bicho?

Era por demais clara a consulta; respondi como um rabula positivo:

— “Se Cabrea enlouquecesse e te agredisse, não havendo socorro á mão, matal-o seria um direito natural de defesa. Matar para não morrer não é crime, mas isto só em ultimo caso, você comprehende.

— “Comprehendo, respondeu-me distrahidamente, como quem lá segue os voiteios duma ideia secreta, e, depois de longa pausa:

— “Seja o que Deus quizer, murmurou de si para consigo Deixei-me ficar á janellia a ver cahir a tarde. Nada mais triste do que umas ave-marias no ermo. A treva espessára as aguas e absorvia no céu os derradeiros pallores da luz. No poente um leque aluarado, vermelho nas varetas, com dedadas sangrentas de nuvens a barral-o de listrões horizontaes. Triste... A ardosia do mar, as primeiras estrelinhas entreluzindo estrouvinhadas, o marulho na pedra, tchá, tchá, compassado, eterno... A alma confranglu-se-me de angustia. Vi-me naufrago, retido para sempre n'um navio de pedra, grudado como craca desconforme na pedranceira da ilhota. E pela primeira vez na vida senti profundas saudades dessa coisa sordida, a mais reles de quantas inventou a civilisação, o “café”, com o seu tumulto, a sua poeira, o seu bafio a tabaco e a sua freguezia habitual de vagabundissimos “agentes de negocios”...

Correram dias. Minto. No vazio daquelle dissaborido viver no ermo o tempo não corria, arrastava-se com lentidão da lesma por sobre um chão liso e sem fim. Gerebita tornara-se-me enfadonho. Não mais narrava pitorescos incidentes da sua vida de marujo. Aferrado á ideia fixa da loucura do Cabrea só cuidava de me demonstrar os progressos della. Fôra desse thema sinistro a occupação era seguir de olhos os navios que repontavam ao largo até vel-os sumirem-se na curva das aguas, e formular hypotheses sobre a identidade da silhueta. Velas, poucas aivejavam, tirante barquinhas de pesca. Mas uma que surgia levava-me os olhos e a imaginação. Como casa bem com o mar o barco a vela! E que sortidos baratões craquentos são ao pé delle os navios a vapor!

Escunas, corvetas, pequeninos cutters, fragatas, lugres, brigues, hiates... O que lá vai passado, de leveza e graça! Substituem-n'as, ás graças leves, feios escaraveiros de ferro e pixe; a cilas que viviam de brisas e ventos, negros comedores de carvão, bicharocos que mugem roncões de touro enrouquecido.

Progresso amigo, tu és commodo, és delicioso, mas feio a valer. Que fizeste da coisa linda que é a vela enfundada? do barco á antiga, onde resoavam canções de marujo, e todo se enleava de cordame, e trazia gageiro na gavea, e icndas de serpentes marinhas na bocca dos marinheiros, e a N. Senhora dos Navegantes em todos os corações, e o medo das sereias em todas as imaginações? Desfez-se a poesia do reino encantado de Amphitrita ao ronco dos Lusitanias, hotéis ambulantes com garçons em vez de "lobos do mar", incaracterísticos, cosmopolitas, sem donaire, sem capitão de suissas, pitoresco no falar como seiscentos milhões de careveilas.

O carvão sujou a aquarella maravilhosa que desde Hamon e Ulysses vinha o veleiro pintando na tela oceanica...

— Se pára o caso dos loucos e te mettes com intermezzos rellenciados para uso de meninas olheirudas, vou dormir. Volta ao pharol, romanticação de má morte.

— Devia castigar-te sonegando-te o epilogo do meu drama, filho do Café e do carvão.

— Conta, conta.

— Certa tarde Gerebita chamou a minha attenção para o agravamento da loucura de Cabrea. Adduzia varias provas, concluindo:

— "Queira Deus não seja hoje!...

— "Tens medo?

— "Medo? Eu? de Cabrea?

Quería que tu lhe viesses que estranha expressão de ferocia estampou-se-lhe no rosto... A conversa parou ahí. Gerebita chupava cachimbadas nervosas, fechado de sobrecenho como quem ru-



mina uma ideia fixa. Deixou-me e logo em seguida subiu. Como anoitecesse recolhi-me, pouco depois e deitei-me. Dormi e sonhei. Sonhei um sonho, agitadíssimo, guignolesco, com luctas, facadas, o diabo. Lembro-me que agredido por um facinora desfêchei sobre elle cinco tiros de revolver; as balas, porém, grudaram-se á parede e deram de resoar e barulhar d'um modo tal que accordei. Mas accordado continuei a ouvir o mesmo rumor, vindo de cima, da lanterna. Presento a catastrophe esperada. Salto da cama e aguço o ouvido: barulho de lucta. Corro á escada, galgo-a aos tres degrãos, mas no topo esbarro com a porta fechada. Tento abri-la; não cede. Escuto: era de facto lucta. Rolavam corpos no chão, fazendo retinir os vidros da lanterna, e ouvia-se um refulgar precipitado junto com rugidos surdos e embates contra os moveis. Completa a escuridão. Nenhuma restea de luz coava para a escada. Minha situação era esquerda. Ficar ali, inutil, quando portas a dentro dois homens se entrematavam? Estava nisso quando um choque violento escancarou a porta. Um clarão de sol chofrou-me os olhos. Senti nas pernas um tranco e rodei escada abaixo de cambalhada com dois corpos engalfinhados. Ergui-me tonto, em baixo, e vi rebolarem no chão os dois pharoleiros atracados. Gerebita procurava manietar o louco, mas não vingava dominal-o apezar de mais corpulento.

Atirei-me á lucta no intento de auxillar o amigo.

— “Dois contra um! gemeu Cabrea suffocado, é cobardia!

Pela primeira vez lhe ouvi a voz, e hoje noto que nada nella denunciava loucura. No momento pensei diversamente, se é que pensei alguma coisa. Gerebita, com grande assombro meu, tambem me repelliu.

— “ Não, não! Eu só!

Nisto um pégão de nortada varreu a torre, e trancou a porta do lanternim com estrondo. Envolveu-nos de novo a escuridão. Começa aqui o horror. Os rugidos que ouvi, os arrancos e sacões formidaveis da lucta nas trevas, a minha anciedade... Estão ahi uns minutos de vida que não desejo ver reproduzidos. Perdi a noção do tempo. Durou muito aquillo? Não sei dizer, só sei que de repente ouvi, escapo ao peito de Gerebita um urro de dôr, e logo em seguida uma imprecação, “desgraçado”, cujas derradeiras syllabas morreram n'um trincar de dentes atassalhando carnes. Cabrea grugulejou uns roncões que se casavam com o arquejar do peito de Gerebita. A lucta cessou. Eu, sem palavras na bocca, cego pela escuridão, só ouvia, fóra, os uivos da nortada, e ali aquelle arquejo do vencedor exausto cahido ao lado do morto. Com os olhos da imaginação eu via isso, que com os da cara enxergava tanto como se estivesse a cabeça envolta em velludo negro.

Não te conto os pormenores do epílogo. Cavei luz e o que vi não te conto. Não te descrevo o hediondo aspecto de Cabrea com a carotida entraçalhada a dentes, cahido n'um lago de sangue. Nem te digo o estado de Gerebita, com a cara e o peito vermelhos, a mão sangrenta com um dedo decepado, e estatelado no chão sem sentidos. Nem te conto os meus transeis diante daquelles corpos martyrisados, áquella hora da noite, daquella horrível noite, negra como esta e sacudida por um vento do inferno.

Nã manhã seguinte Gerebita pousou a mão no meu hombro, e disse:

— “O mar não leva daqui os corpos á praia. O mundo não precisa saber de que morreu Cabrea. Cahu n'agua, morte de marinheiro. E o moço é testemunha de que matei para não morrer. Foi defesa. Agora vae jurar-me que isto ficará para sempre entre nós.

Jurei-o lealmente, apertando-lhe de leve a mão mutilada. E elle, n'um accesso de infinito desalento, quedou-se immovel, a olhar para o chão, murmurando insistentemente:

— “Eu bem avisei. Não me acreditaram. Agora, está ahí, está ahí, está ahí...

Nesse mesmo dia voltou a buscar-me o Dunga, conforme o combinado. Logo que a “Gaivota” largou, narrei-lhe a morte do pharoleiro, romanceando-a: Cabrea, louco, a despenhar-se pela torre abaixo e a sumir-se para sempre no selo das aguas.

O Dunga, assombrado, susteve no ar os remos.

— “Pois morreu? e louco?”

— “Está claro!”

— “Claro lhe parece, que a mim...”

— “Conhecia-o?”

— “Não conhecia outra coisa. Des'que furtou a Maria Rita...”

— “Que Maria Rita?”

— “Pois a Maria Rita, mulher de Gerebita, então não sabe? que elle seduziu, hom'essa.

Abrí a minha maior bocca e arregalei o que pude os olhos.

— “Como sabe disso?”

— “E' boa. Sei porque sei, como sei que aquella gaivota que all vae é uma, e que este mar é mar. A Maria Rita era uma morena de truz perigosa como o demo.

O tolo do Gerebita derrocou-se d'amores pela bisca, e casou. E vae ella, a songulha, mal o homem sahia no Puru's mettia em casa ao Cabrea. E nesse jogo viveram até que um dia se foram juntos para outra terra. O pobre do Gerebita se não acabou de paixão é que é teso. Mas entrou para o pharol, que é tambem um modo

de morrer p'ro mundo. Pois bem. A bola vira, o tempo corre, e vae senão quando quem mette o Governo no pharol em lugar do defunto Gabriel? Ao Cabrea! Ao Cabrea que tambem andava descrente da vida porque a Rita correrá a terceiro. Coisas do mundo! Agora diz-me V. S. que o homem enlouqueceu e rodou do penedo e lá o rói o peixe. Está bem, antes assim, que do contrario era em ponta de faca que aquillo acabava.

Calei-me. Ha situações na vida em que as ideias se baralham de tal arte que é de bom conselho deixal-as irem-se assentando de per si, como líquidos turvos.

Eis como...

— ... o grande Ernesto foi empulhado por um assassino vulgar!

— Perdão. O facto de se não manejarem floretes não tira aquelle pugilato o character de duello.

— "Cavalleria rusticana" então?

— E porque não?

MONTEIRO LOBATO.



POESIA

O MAR

*A ter de dia o sol em chammias sobre o peito
com que o ceu lhe tortura a carne e sem um grito
de rebelião, o mar semelha-se a um precito
que, á custa de soffrer, se torna á dôr affeito.*

*Mas quando a noite cae, deitado no alveo estreito
e sem pôder sonhar no horror da treva afflito,
o mar se atira contra as rochas de granito
procurando alargar a angustia do seu leito.*

*E ao ver por cima o ceu tão rutilo e tão claro,
de indigencia mendiga um só punhado de ouro,
como o escravo estendido aos pés do seu tyranno*

*Então para o calar, de tedio o ceu que é avaro,
deixa apenas cahir, abarcando um thesouro,
uns farrapos de luz sobre a nudez do oceano...*



O CARACOL

*Desde o romper do dia, o lento caracol
tenta subir um tronco ou galgar um penhasco,
emquanto deixa atraz, a sahir-lhe do casco,
o muco pegajoso argenteando-se ao sol.*

*E neste esforço vão, que emfim o esgota, em prol
da conquista do azul, semeando apenas o asco,
fracassa como o oceano ensaiando num chasco
de espumas attingir a altura de um pharol.*

*Alguns homens assim, querem, a andar de rojo
na existencia, enfrentar as luctas e vencel-as
embora outros ao lado engulhem-se de nojo.*

*O desejo em que estão, de fulgir entre os astros,
impede-lhes o ver e o entender que as estrellas
somente quando caem do ceu andam de rastros...*

A SOMBRA

*Quando caminho, ao sol, ella caminha,
pára si paro, emfim, no mesmo instante;
A's vezes vem atraz, outras adiante,
descrevendo commigo a mesma linha...*

*E vendo-a nesta imitação mesquinha
de um mourejar tão duro e tão constante,
chego pensar ser ella o caminhante
e eu a sombra que delle se avizinha.*

*As horas, que me prostram na tristeza,
leves lhe correm, como silenciosas
pennas de ave rolando numa alfombra.*

*Antes mudara a minha natureza
na sua de impalpaveis nebulosas,
fosse ella a realidade, eu fosse a sombra...*



DUALISMO

*Escuto a palpar, dentro do peito,
um outro coração do meu diverso,
moldado pelo musculo perverso
de algum tigre que ruge insatisfeito.*

*Vencido, á mesma dôr eu me sujeito
como todos os seres do universo,
e elle procede sempre por inverso
a blasphemar de tudo que é perfeito.*

*E' o coração talvez de um eu selvagem,
teñaz, que passo a passo me acompanha,
e do qual não me posso libertar.*

*O' que dura e feroz camaradagem!
Si me rio elle geme em dor extranha,
gargalha si me ponho a soluçar...*

O JAGUAR

(Leconte de Lisle).

Ao dr. José Gonçalves.

*Sob o longinquo veu das esarpas sombrias
em ondas esmorece a luz que no ceu arde,
e os pampas absorvendo as sombras erradias
palpitam vagamente á frescura da tarde.*

*Dos brejaes, onde uma herva alta e silvestre abunda,
das dunas, dos capões e das rochas despidas,
sobem para cahir da solidão profunda
sinistras vibrações do sol desconhecidas.*

*A fria e branca lua, atravez dos vapores
e dos ramos passando os seus raios tranquillos,
fere a vaza de um rio em surdos estertores
fazendo reluzir o dorso aos crocodilos.*

*Maxillas a estalar de fome como incudes,
na beira arrastam uns as retorcidas coxas;
outros no humido chão, troncos velhos e rudes,
jazem escancarando á briza as guellas roxas.*

*Num bifido Acaju', qual serpe num ardil,
de focinho para o ar e de olho somnolento,
o mosqueado Jaguar sorve em faro subtil
o odor de carne viva esparso pelo vento.*

*Dentes e unhas aprcita ao duello que antegoza,
o corpo a repouzar descachido sobre a anca,
pelas ccrdas perpassa a lingua cor de rosa
e ao tronco, remordêndo, o tegumento arranca.*

*Torcendo enrola a cauda indolente e travessa
no tronco do Acaju' numa rapida espira;
descança em paz na pata, alongando a cabeça
e fingindo dormir docemente respira.*

*De subito se acolhe ao mattagal hirsuto
como petrificando o corpo fulvo em massa,
dos pampas surge ao largo um touro bicornuto,
de focinho pendente em jactos de fumaça.*

*O touro mal ensaia um passo e alquebra o esforço
ao ver dois olhos perto, e scm que a mais se affoite,
sente-os a resvalar pelo arrepiado dorso
de ouro e sangue a chispar na escuridão da noite.*

*Curvado para o chão nas pernas vacillando,
esvazia a mugir o peito de um arranco,
mas o Jaguar, o corpo em arco retezando,
da forquilha se atira e se lhe agarra ao flanco.*

*Cedendo o touro ao pezo imprevisto se dobra
e a terra a cambalear com os rijos cornos fura;
depois, louco, a correr, nas forças que recobra
arrasta o cavalleiro, ao léo, pela planura.*



*Sobre a movel areia, em vagas como um mar,
cheia de lameirões e de hervaes resequidos
passam, á luz argentea e triste do luar,
cegos de sangue e de ira os dois vultos fundidos.*

*E mergulham além nos immoveis negroses
que afastam para longe os terminos do mundo;
morrem, de instante a instante, os seus surdos rumores,
volvendo a noite e a morte ao silencio profundo.*

SACRA FAMES

(Leconte de Lisle)

*Dormita o mar immenso; erguem-lhe o dorso apenas
as ondas em que a luz põe rutillantes chagas;
as estrellas da noite espalham-se serenas
no silencioso horror das somèbras e das vagas.*

*Fundem-se o céu e o mar num abysmo sem termo,
de tristeza, de paz e de fulgurações
tumba e sanctuario têm esplendores de um ermo
onde olhos a vigiar entreabrem-se aos milhões.*

*O mirifico azul e as aguas veneraveis,
embebidos na luz, resonam lado a lado;
dir-se-ia que o clamor dos seres miseraveis
jámais lhes perturbasse o sonho illimitado.*

*Pela fome acossado, envolto em pelle rude
o Tubarão, de ronda aos estepes do mar,
vae, volta farejando ao longe a quietitude,
as maxillas abrindo, em tedio, a boejar.*

*Pouco lhe importam, certo, o immenso azul distante,
o Triangulo, os Tres Reis, o alongado Escorpião
torcendo no infinito a cauda flammejante
ou a Ursa que constella o claro Septentrião.*

*Afora a carne, emfim, nada ha que elle conheça,
queima-lhe o ventre a sede atavica de sangue;
lentamente prescruta a agua sombria e espessa
com o exorbitado olhar amortecido e languê.*

*Tudo é vasio e mudo. Em cima, á flôr das aguas,
nenhum ente a fluctuar, que a sanha lhe desperte;
então, qual um piloto affastado das fragoas,
recolhe-se a dormir, boiando cego e inerte.*

*Monstro! Como a nós, maus instinctos te consomem
e nem por isso és vil, ou mais desesperado;
Consola-te; si em breve has de matar um homem,
pelo homem, amanhã, tu serás devorado.*

*Do assassinio feroz a fome não recua,
desde os antros da sombra aos ceus resplandescentes;
o homem e o tubarão, victima e algoz, á tua
fria presença, ó Morte, ambos são innocentes.*

Abril, 1917.

LINDOLPHO ESTEVES



METHODOLOGIA DO ENSINO E LITERATURA DIDACTICA

O attributo especifico da literatura didactica é a intuição analytical.

A efficacia do ensino é, em substancia, uma questão de methodo. Não que se desmereça no valor dos programas. Elle's são projectos humanos de uma obra divina. Mas ficarão letra morta, si não forem executados, como devem. Na execução, o methodo é o arbitro oracular da maneira intelligente de agir. O professor que explica ou expõe, nas aulas ou nos livros, si não se saturar do methodo, fará obra de máo quilate, sinão, ás mais vezes, semeará desgraças e ruinas. A literatura didactica, sob o aspecto oral ou escripto, se deve aprimorar das mesmas qualidades da literatura commum. O que a extrema desta, é a influencia dominante do methodo, na escolha dos seus assumptos, e na maneira de os encadeiar e expôr.

I

Que é, então, methodo?

Diz quasi tudo a etymologia da palavra: meta, para, fim; hodo, caminho. Methodo é caminho para um fim.

Mas caminho intelligente.

A intelligencia do caminho é a sua propriedade e efficacia para o alcance dos fins. E' caminho capaz de os attingir, com o minimo esforço e menor prazo. Dado que, para um mesmo fim, haja dois caminhos, um seguro e longo, outro breve e perigoso, é de bom senso que o da segurança



prevaleça. Para ir de uma sala á rua, ninguém vae pular janellas, a pretexto de ser, por ahi, o caminho mais curto: não é, evidentemente, o mais seguro. A brevidade vem depois da segurança. A intelligencia ou idoneidade do caminho é, em summa, a segurança mais breve, com que se evita o inutil, na consagração do mais proprio.

Sendo esta a noção generica do methodo, qual é o methodo preciso da edueação?

Cada cousa tem o seu methodo. Os methodos da guerra, os da administração publica, os do commercio, não hão de ser os do ensino. Os meios estão em funcção dos fins. Variando os fins, hão de os meios variar. Na guerra, os fins são a destruição do poder militar do inimigo, e os meios, seguros e breves, para lograr estes fins, são a estrategia e a tactica dos combates.

Em educação, preciso é lembrar os fins e os meios, para fixar a idoneidade destes. Os fins supremos da edueação são dois: a formação do espirito, e a formação profissional. A formação do espirito é a correcção e o enfortalecimento da intelligencia e da vontade, com os cuidados subentendidos da saude, força e vigor fisicos. A formação profissional é a criação de habilidades praticas, no genero de actividade, para qual se sinta talhado de naseença o espirito.

Em segundo logar, os meios são as actividades do educando e as do educador. A cada um toea uma actividade certa em qualidade e quantidade.

Professores ha que a chamam toda a si, ensinando demais, reduzindo os seus alumnos a ouvintes passivos. Ainda que os anime a intenção bondosa de proporeionar aos alumnos a maxima facilidade, o caminho é máo, porque não vae ter aos fins visados. Sem esforço proprio, o estudante não aprende, não fórma o seu espirito, não se habilita para a vida, — o que anularia de todo a generosidade do professor.

Por outro lado, cae-se no extremo opposto, deixando ao estudante o trabalho de, por si só, redescobrir, para melhor aprender. Teria elle de observar, como faz o sabio



orientado apenas pelos canones logicos da inferencia, eliminando, ou variando antecedentes, para, na ausencia, ou variação de consequentes, apanhar a relação de causalidade entre os elementos do fenomeno, que estuda. Adoptada esta doutrina, bem pouco veria o estudante a conhecer. Excluido o concurso do mestre, que abrevia e dirige, o estudante precisaria condensar, em si, os genios de todos os inventores, dilatar por seculos e seculos a sua vida, e ter a boa estrella dos acasos felizes, para, então, ficar senhor da sciencia de seu tempo.

A actividade educadora ha de ser imma cooperação do professor e do estudante. Nem só o esforço do educando nem só o esforço do educador. O essencial é que os dois se coordenem e se ajustem, na realização dos mesmos fins.

Vejamos, primeiro, a justa medida do esforço que cabe ao educador.

E' uma tarefa dupla. Antes de tudo, lhe cumpre fixar e graduar o objecto da actividade educativa para si e para o alumno. Já na criação das escolas, na organização dos programmas, na feitura de livros didaticos, na regencia escolar, o educador, legislando, administrando e ensinando, determina a materia e o gráo de estudos, a que os educandos têm de submeter-se. E' uma determinação inspirada na evolução psychica, e no preparo dos escolares. Em segundo logar, estando a escola em via de função, releva ao professor dirigir o esforço do educando, que se fórma, se habilita e aprende. Nesta sua direcção, não substitue o esforço do educando, tal como as mães que, para ensinar a andar os seus filhos, não andam por elles, mas os fazem andar, encaminhando-os e amparando-os. O educador encaminha os educandos na sua formação mental, moral e profissional, evitando-lhes esforços inuteis, e apontando-lhes o oriente que devem seguir.

Vejamos, agora, a justa medida da actividade que cabe ao educando.

E' uma tarefa de obediencia e de iniciativa. Não da obediencia do fonografo, que tudo regista e tudo reproduz. Mas, apenas na faze da sua inexperiencia, uma subordina-



ção providencial á actividade, que o educador lhe indicar, por melhor, para a sua formação.

E' uma obediencia preparatoria da sua autonomia futura no pensamento e na acção. Com a maioridade que ella prepara, já póde o educando dispensar a orientação obri-gatoria do mestre. Por isto mesmo, é que, dentro da orien-tação traçada pela escola, o educando não deve ser um au-ditor sem voz, mas um principio de energia, que se orienta, para avultar e dominar-se. E' o caso da criança que apren-de a andar. Da mesma fórma, um professor de dança não valsa pelo alumno, mas o faz valsar, ensinando. Um pro-fessor de dactilographia não ha de reduzir os seus alum-nos a meros assistentes da sua maestria no officio: sem a actividade propria do educando, escrevendo, elle mesmo, a machina, sob a direcção do seu professor, jámais veria elle a ser dactilographo. O mesmo para todas as discipli-nas. O principio da actividade propria do educando é o úni-co apto a criar e aperfeçoar a capacidade de acertar, e o habito successivo de agir com acerto.

Lembre-nos que a razão suprema da educação da in-fancia e da mocidade é a sua adaptação ás necessidades de subsistir e prosperar. A efficiencia desta adaptação depen-de da mais viva capacidade de acerto prompto e seguro, e de acção viril e perseverante. Logo, não crear e não des-envolver esta capacidade, mais hade a escola parecer um pacto diabolico, no intuito secreto de forjar vilões e ser-vis, com que as demagogias deverão contar para tudo. Nun-ca será formar homens dignos da liberdade, como é de ri-gor nas democracias, homens criadores do seu destino, bemfeitores de si e dos seus, da patria e da humanidade. Só pela actividade propria, pela livre iniciativa, pelo ha-bito de observar, interpretar e verificar as leis da nature-za, pode o educando adquirir a confiança em si na lucta, que o espera, fóra da escola, por todo o decorrer, suave ou aspero, de sua vida.

Accentuemos, entretanto, ser esta actividade criadora necessariamente orientada pela proficiencia do educador. E' este quem determina ao educando o genero das activi-dades formadoras. Estas serão o que fôr a orientação do



mestre. Logo, o que a tudo prima, nos meios educativos, é a cooperação do educador. Si ella prestar, prestará a actividade obediente do alumno: si ella nada valer, por' manca ou errada, nada valerá a actividade obediente do escolar. E todo o prestimo da cooperação educadora está na sua idoneidade para alcançar os fins da educação.

Passemos, então, a ver quais devem ser os moldes idoneos desta cooperação.

O phenomeno, em que ella intervem, é a formação intellectual, moral e profissional, dos educandos. Ora, não se pode favorecer o desenvolvimento de nenhum phenomeno, sinão obedecendo ás leis que o regem. E' o luminoso principio heiconiano, com que se abrem as portas ao exito, em todos os emprehendimentos. Logo, a cooperação educadora se hade pantar pelas leis que regulam a evolução formadora das crianças e dos moços.

Mas a cooperação do educador consta de duas secções: uma preparatoria, e outra realizadora. A preparatoria é a organização das escolas, dos programmas, da hygiene, da ordem interna, disciplina, recreios, férias. E' tudo isto a estrutura e o ambiente propicio á actividade dos alumnos e dos mestres. A alma da escola, o que se espera de toda esta organização, é o ensino, é a suggestão magistral de actividades ao educandô que as effectua. O dever supremo do professor é suggerir actividades, com cujo exercicio o educando se fórma, se habilita e aprende. Ora se a efficacia das intervenções humanas, em phenomenos naturaes, depende da conformação dellas com as leis que os regem, o professor só será entendido, com inteireza, no intuito de se educarem os alumnos, se a sua cooperação obedecer ás leis da capacidade humana de aprender.

Mas a capacidade de conhecer ou é percepção ou é raciocinio. Ou conhecemos provando, cheirando, vendo, ouvindo, movendo, apalpando, introspectandô, ou conhecemos por meios de raciocinio. Sei, por exêmplo, que o ceu é azul, percebendo. Sei que sou mortal, raciocinando.

Summariemos, então, o mecanismo da percepção e a marcha adquirente de noções claras.



Apresentam-me, agora, um homem que nunca vi, e de que nunca ouvi fallar. Cinco minutos depois nos separamos. Que idéa fiquei fazendo do recém conhecido? Sem duvida, uma idéa vaga e geral: alguma cousa do seu porte, do seu olhar, do seu vestuario, da sua falla. E' uma impressão incompleta e obscura. Dias depois, porém, me acontece revel-o, e, durante uma hora, conversamos sobre assumptos geraes. Deixou-me elle a descoberto uma face da sua intelligencia, não percebida no primeiro encontro. Succedem-se as occasiões de convivencia, durante as quaes tenho ensejo de lhe observar as crenças, o preparo, os preconceitos, os principios, a sensibilidade, e, sobre tudo, os actos. No fim de certo tempo, a minha idéa sobre elle é bem mais completa que a primeira.

A marcha para este resultado é, em todos os casos, a mesma.

Que noção tinhamos nós, quando infantes, da personalidade humana? Uma noção muito geral e obscura. Fomos conhecendo as partes constitutivas do organismo, com as suas differenças individuacs. Na idade escolar, aprendemos, por grosso modo, a anatomia, a circulação do sangue, a digestão, a respiração pulmonar, as secreções, o metabolismo cellular, a convergencia de todas estas funcções, interdependentes, para o fim unico de manter a vida. Mais tarde, nos revelam certas leis de hereditariedade, que nos solidarizam com as gerações passadas. Então, nos inteiram da influencia decisiva que, sobre a nossa formação, exercem os factores da alimentação, do clima, das instituições politicas, dos usos e costumes sociaes, na inevitavel e eterna evolução das cousas. Depois, nos iniciam no emaranhado mecanismo dos phenomenos psychicos, em suas relações com a actividade cerebral. E sempre noções novas sobre renovados aspectos, corrigindo e ampliando as impressões anteriores, ou nos revelando o absolutamente novo. Então, a idéa que faziamos da nossa propria individualidade, se foi substituindo por idéas cada vez mais claras e mais exactas sobre a mesma realidade em estudo.

E' o que succederia, em um vasto recinto, com numerosas lampadas espalhadas por todos os cantos. Estava ac-



cesa, a principio, só uma, e, por isto, a claridade era morfiça. Accende-se, logo, uma segunda, e o clarão primeiro se intensifica. Accende-se, depois, uma terceira, e o clarão augmenta. Continua-se. Cada lampada nova, que se accende, acclara mais o clarão precedente. Andou-se, aqui, da penumbra inicial do começo, para a claridade viva do fim.

Esta marcha deixa ver bem o que se passa no espirito. E', de entrada, uma noção geral e vaga, a que se dá o nome de "sincretica". São, em seguida, noções novas sobre os varios aspectos, elementos, e relações do mesmo objecto, occurrencia ou phenomeno. E, com cada destas observações parciaes, as idéas anteriores se vão substituindo por idéas melhores em clareza, integridade e exação.

Costuma-se chamar "sintetica" a idéa final desta marcha, como si ella fosse a sintese das noções anteriores com as innovações das analyses. Preferivel scrá, entretanto, dispensar o termo, porque estas idéas melhoradas, resultantes, não são, como parece ao associacionismo, fusão das idéas anteriores mais as adquiridas pela analyse do mesmo objecto. Em verdade, e verdade, as idéas anteriores e as analyses preparam o cerebro para uma actividade conjugada, de que resulta a idéa nova, melhorada.

A noção primeira, de entrada, note-se bem, a impressão sincretica, recae sobre toda uma realidade complexa. Ninguem começa o conhecimento de uma cousa por uma abstração, uma generalidade. A' escola, muitas vezes, nos impinge esta inversão, mas é quasi sempre em pura perda. Partindo da noção, imprecisa e geral, do primeiro momento, sobre a realidade total, reparae neste outro ponto: a marcha aquisitiva de conhecimentos aperfeiçoados se compõe de analyses. A chamada percepção sintetica, não é senão o termo de cada analyse, o resultado mesmo das analyses. Por se compor sómente de analyses o trabalho da intelligencia que aprende, se tem dado o nome de "methodo analitico" ao curso aquisitivo de percepções nitidas, exatas e fics das cousas.

Vale a pena, por isto, lembrar, aqui, as leis de analyse, já para a aquisição de abstrações, já sobre o seu mecanis-

mo mental, quando abstrae em face de um objecto isolado.

Uma criança, até a idade de oito meses, só se alimentára com leite adoçado. Um certo dia, por diseuido, lhe dão a beber leite sem assucar. Com a mais natural das energias, ella recusa semelhanté leite. O que determina a recusa, dada a igualdade das demais condições, é a impressão da ausencia do assucar. Não lhe sendo innatâ a consciencia de doçura, nem a tendo sentido senão só de mistura com o leite, a noção distinta de doçura só agora lhe surge, mas que imprecisa, no dominio da consciencia. Com repetições de fenomenos semelhantes, a consciencia da doçura se aclara. A mesma abstração poderia, tambem, a criança tel-a obtido, si, não tendo sentido a doçura sinão só no leite, um dia lhe dessem a comer qualquer eousa doce. Neste caso, como no primeiro, a consciencia isolada da doçura começa a tёр existencia propria no espirito em formação da criança. No decorrer de suas experiencias, estas abstrações, como as demais, esboçadas e obscuras, se accentuam e se aclaram.

Já no primeiro caso, se entrevê a lei: **tudo o que varia em consas semelhantes, tende a ser objecto de uma consciencia distinta.** E' a lei das variações na unidade, ou na semelhança. Tambem, no segundo caso, já se vislumbra, do mesmo modo, a lei: **tudo o que se repete em cousas variadas, tende a ser objecto de uma consciencia distinta.** E' a lei da unidade nas variações.

E' por esta forma que vamos adquirindo as nossas idéas sobre cousas abstractas. Depois de as termos armazenadas na memoria, com facilidade as podemos reviver, em faee de um só objecto, ou fenomeno, capaz de as produzir. Esta operação se submete a uma lei conhecida: **analizam-se, na observação de um objecto, tantas abstrações, quantas relações e aspectos deste objecto já se tenham percebido.** E' a lei do mecanismo das analyses. Costuma-se enunciar esta mesma verdade, dizendo-se que a percepção é uma reapercepção, ou uma prepercepção.

Considerae, nesta altura, um facto permanente, a condição substaneial na mareba aquisitiva das perecepções:



é o contacto da intelligencia percebente com as realidades a perceber. Podem-se adquirir noções sem este contacto, mas não se digerem: será uma violencia á natureza.

Mas extractemos o mecanismo da percepção. Já não se trata, aqui, do enrsso aquisitivo de noções valiosas, mas de summariar o jogo mental da percepção.

Conhecemos, de longa convivencia, um certo individuo. Certo dia, avistamos, ao longe, um homem que passa. Mais não percebemos, agora, de caracteristico do que o seu geito de andar. Nem mais é preciso, para nos certificarmos que se trata do tal conhecido. Tantas e tantas vezes o vimos a andar por aquelle geito, tão seu, tão differente do andar de todos, que bastou a impressão do seu andar, para lhe termos a imagem inconfundivel. Podemos jurar tel-o visto naquelle dia.

Eis uma percepção, igual, em substancia, a todas. Qual foi o seu mecanismo?

Primeiro, uma abstracção, a visão de um attributo, o geito do andar. Segundo, a communicacção da actividade cerebral deste attributo com as actividades dos demais attributos, conhecidos, da mesma pessoa. Esta communicacção é possivel, porque os varios attributos, constitutivos do referido ser, se nos associaram mentalmente, por contiguidade, na marcha descrita, com que lhe adquirimos a percepção. Então, mercê desta reactividade cerebral, iniciada pelo attributo de agora, se tem a consciencia de ser fulano, conhecido nosso, aquelle vulto que passa ao longe, e de que, agora, notamos claramente o andar.

De sorte que o mecanismo da percepção se compõe de tres partes: uma abstracção actual, a actividade cerebral das imagens evocadas, e a consciencia de que o objecto da abstracção e o objecto das imagens evocadas são uma só e a mesma realidade.

Variae o caso, á vontade. O mecanismo da percepção será, sempre, o mesmo. Ouço, agora, um ruido caracteristico, e affirmo que um bonde passa a pouca distancia de onde estou. O ruido foi uma abstracção, e nada mais. Estava, porém, elle associado, em minhas experiencias anterio-

res, com as outras impressões do mesmo objecto. Foi a reactividade cerebral destas impressões evocadas pela impressão do ruído, que me deu a consciencia de se tratar de um bonde que passa.

O numero e o valor das imagens, evocadas pela impressão actual, varia com os individuos, a idade e a cultura. Uma criança, aos quatro annos, não póde ter num olhar rapido sobre uma arvore, senão uma percepção falha e obscura. Aos quinze annos, porém, tendo já feito estudos especiaes de botanica, a sua percepção, mesmo numa visão ligeira, inicial, já será bem mais completa. A um botanico profissional, então, com a simples impressão geral da côr e da fórma, que seu olhar apanha de relance, a percepção da mesma arvore é sufficientemente completa e nitida.

O que, neste momento, mais convem accentuar, é a mingua e superficialidade das massas aperceptivas da criança, ou imagens do mesmo objecto, evocaveis pela impressão actual. São poucas e não mui seguras as actividades cerebraes associadas á da impressão inicial, e de cujo concurso resultam as percepções.

— Summariemos, nesta altura, a marcha acquisitiva e o mecanismo do raciocinio.

Assisto á morte rapida de um homem, victima de um tiro no coração. Mesmo que nunca me houvessem falado da gravidade de tal ferimento, de agora em diante a idea de tiro no coração me suggere a idea da morte. São duas cousas que me impressionaram em contiguidade, e que, por isto, se associaram mentalmente, de modo que a idea de uma dellas, que, primeiro, se reproduza, tende a despertar a idea da outra.

Admittamos, em seguida, ter notado o acerto de um homem em suas previsões. O que elle dizia ir acontecer, acontecia de facto. Então o objecto do homem e o objecto **infallibilidade** se associaram mentalmente, de sorte que a idea de um delles, que se reproduza, tende a despertar a idea do outro. Como a infallibilidade, as ideas de bondade e de maldade, de sabedoria e de atrazo, de religiosidade e de



atheismo, de combatividade e de sociabilidade, e sem numero de outras, se acham associadas, por contiguidade, com a idea de homem.

Mas a relação entre o objecto dellas e o objecto homem ora é contingente, possível ou provavel, ora é necessaria, certa, inevitavel. Sabe-se que o attributo humanidade coexiste sempre com o attributo mortalidade, ao passo que o attributo atheismo ou infallibilidade ora coexiste ora não coexiste com o objecto homem.

Como havemos de adquirir a consciencia da contingencia ou da necessidade desta coexistencia?

Observando uma e muitas vezes, accumulando experiencias. Vi que fulano morren de um tiro no coração; era ainda moço. Vi, tambem, que sicrano acertou nas suas previsões. Formulo as duas hypotheses: tiro no coração mata, o homem é infallivel. Eis o primeiro passo.

Continuo, porém, a observar. Percebo que outros tiros no coração mataram outros pessoas, fossem velhos ou moços, ricos ou pobres, varões ou mulheres, brancos, amarelos e pretos: todos morreram rapidamente por terem sido feridos a bala ou a faca no coração.

Em meio desta variedade de pacientes, uma cousa me fica em evidencia, constante e a mesma: é que onde houver ferimentos de bala ou faca no coração a morte estará. E' uma idea generica, a idea de uma cousa abstracta, que me resulta suavemente da observação, segundo a lei de que a constancia na variedade tende a ser objecto de uma consciencia nova.

Agora, a segunda hypothese: o homem é infallivel, formulada tão legitimamente como a primeira, pois que nasceram ambas da observação de coexistencia dos dois factos. Continuando, como no primeiro caso, a observar, noto ter aquelle mesmo homem que acertou muitas vezes, errado uma vez. Além d'elle, outros muitos individuos erraram em suas opiniões, falharam em suas crenças, se desmentiram em suas previsões. Do confronto da hypothese inicial com as outras observações, não se verifica a constancia na relação entre o objecto homem e o objecto infallibilidade. Pelo contrario, os homens ora acertam, ora



erram. A coexistencia da humanidade com a infallibilidade não é, pois, necessaria, mas sim contingente.

Em qualquer hypothese, a marcha adquirente da generalidade é, primeiro, uma hypothese, depois comparações do facto da hypothese com factos semelhantes, ou da mesma especie, e, como resultado desta comparação, a consciencia da necessidade, ou contingencia, na relação dos dois factos, a consciencia da co-existencia, fatal ou fortuita, dos dois factos em uma só e mesma realidade. E' a inferencia.

Assim se adquirem as idéas geraes, os principios, os axiomas.

— Passemos, em seguida, a examinar o mecanismo do raciocinio.

Um medico, chamado a vêr um doente em artigo de morte, logo ao primeiro exame, desengana os interessados — Não amanhece, declara, sem rodeios. Este prognostico não é evidentemente uma percepção pura e simples, pois se trata de um facto futuro. E' o resultado de um raciocinio, é uma conclusão, uma previsão.

Qual devia ter sido este raciocinio?

O que o medico percebeu, agora, foi certo symptoma. E' uma abstracção, a consciencia de alguma coisa na realidade presente, que observa. Mas, graças aos seus estudos, e, sobretudo, á sua pratica profissional, o symptoma percebido desperta a idéa da morte inevitavel, dentro de horas. Não foi só uma, senão muitas vezes, que observou, na fórma da marcha exposta, a sequencia da morte rapida ao symptoma que nota. E' a consciencia de que onde houver o tal symptoma estará inevitavelmente a morte rapida, o que lhe dá ensejo ao prognostico deseconsolado.

O mecanismo deste raciocinio, como o de todos, se compõe de uma percepção inicial: o symptoma no doente. E' o que, em logica, se chama premissa menor. Vem, em seguida, a evocação de uma idéa pelo attributo, que se analisa, do objecto em observação. Esta evocação e o attributo, que a evoca, constituem a premissa maior. E' uma generalidade, que se logra por analyse de factos variados, é uma inferencia obtida na observação das coisas sobre que dis-

põe, quando não é conclusão de um raciocínio anterior. Por fim, tendo-se a consciencia de que o objecto da imagem evocada coexiste, necessariamente, com o objecto da idéa evocadora, se substitue^a na premissa menor a imagem suggeridora pela suggerida. E' a integração, ou conclusão.

Notemos, agora, este facto culminante para as applicações do ensino. A premissa menor, que abre o raciocínio, é um apanhado dos sentidos, suppõe o contacto da intelligencia, que raciocina, com as realidades, sobre que conclue. A premissa maior, que o predicado da menor suggerre, é uma generalidade *analytica* de factos em contacto com a intelligencia, que infere. E, por último, a conclusão é um desdobrametno, ou corollario explicito do que, implicitamente, a premissa maior contem, e, por isto, se origina, como ella, no contacto da intelligencia com as realidades.

Todo o raciocínio, pois, tira os seus dados da observação das coisas.

Comparando, então, a percepção com o raciocínio, chegamos á evidencia desta verdade corriqueira, trivialissima: a origem primaria de ambos, isto é, de toda a capacidade de conhecer é o contacto da intelligencia cognoscente com as coisas a conhecer. Tudo o que se conheça, sem este contacto, é conhecimento de segunda mão, o qual havia de ter origem, ainda que remota, na observação da natureza.

Ao contacto da intelligencia com as realidades se dá o nome de intuição. Não é toda a observação, mas tão sómente a observação directa, pessoal, do sujeito cognoscente. Este contacto se realisa, a principio, com os sentidos, e, depois, sem os sentidos. O que constitue essencialmente a intuição, é o contacto da intelligencia percebente com as coisas cognoscendas. O que a elimina de todo, é a interferencia, a interposição de uma intelligencia extranha entre o sujeito, que conhece, e as realidades, que vae conhecer. Para saber o que se passa no theatro da guerra, ha dois meios: presenciar os factos, é intuição; ouvir ou lêr narrações de quem os tenha presenciado, já não é intuição. Da mesma fórmula, para saber a lei das evocações psychicas, ha, como para a aquisição de todos os conhecimentos, dois

meios: observar os factos, para, do confronto, se inferir a lei nos termos intuitivos e analiticos já descriptos, é intuição; escutar, lêr e decorar a lei, já formulada por outros, não é intuição. Será um conhecimento de segunda mão, raramente assimilavel com utilidade pratica, e, de nenhuma fórma, efficaz, para a formação das faculdades.

A intuição é, em summa, a fonte de toda a sabedoria: percebe-se por intuição, e raciocina-se com os dados, que a intuição fornece. O que se aprende sem intuição, havia de ter sido obtido por alguém intuitivamente, para, só depois, se transmittir pelo boato, pelo testemunho, de bocca em bocca, por tradição oral ou escripta.

E sempre se compõe de analyses a marcha acquisitiva de conhecimentos.

*
* *

A verdade sobre o methodo de ensino, então, se impõe. A cooperação do professor, na realisação dos fins educativos, é suggerir actividades, com que os educandos se formem, se habilitem e aprendam. Ora a capacidade humana de conhecer se exerce no contacto da intelligencia, que percebe, com as coisas que vae conhecer, isto é, na intuição constante em analysès. Logo é pela intuição-analytica que se ha de modelar a cooperação educadora do mestre.

A intuição-analytica é o methodo supremo e unico do ensino. Tudo mais são confusões e aberrações.

Insistamos.

Tenhamos a paciencia heroica de assistir a algumas aulas de uma grande escola. Esta é de botanica. O professor discorre longamente sobre as plantas. Ninguem lhe póde negar, com justiça, a enorme erudição; mas, no seu ensino, não mostra nunca, quando lhe seria tão facil, os objectos sobre que disserta.

Nesta aula de chimica, o desastre ainda é maior. Na lousa, o professor algebrisa as reacções chímicas, depois de ter feito decorar, durante alguns dias, as nomenclaturas fastidiosas. Nenhuma experiencia que analyse ou synthetise os corpos. Nem por sombra se realisa o contacto da intelligencia do estudante com os phenomenos ensinandos.

Aqui, a aula é de physica. Discursa o professor sobre installações domiciliares da electricidade. Mas acontece, ninguem sabe como, que, sendo noite, a luz se apaga, e ninguem sabe fazel-a voltar. Chamado um mecanico, a difficuldade se resolveu com a substituição de um fusivel, que se queimara. Ninguem, na aula-conhecia realmente a função do fusivel.

Nesta outra sala, ensina-se grammatica. A lição é da pagina tanto a pagina tanto. Pobres crianças!... Já sabem definir a grammatica, conhecem phonemas e ditongos, metaplasmos e affixos, regras e excepções de genero, numero e grau dos substantivos, adjectivos, regras e excepções de concordancia do sujeito com o verbo, collocação de pronomes, uso dos infinitos pessoaes e impessoaes, definições de adverbios, preposições, conjuncções, figuras de syntaxe, e ainda nada sabem da proposição, que é, no caso, a factó de todos os dias, a unidade psychica!

Só mais uma aula. É de methodologia. O que logo notaes, é o tom pedagogo da voz do professor, e a sua sabedoria privilegiada de iniciado em mysterios cabalisticos. Os methodos, doutora elle, são quatro para fulano, seis para sicrano, onze para beltrano. Fala em synthetico, com os olhos postos na synthese chimica. Fala em analytico sem saberem os alumnos as leis de analyse. Fala em indutivo, sem desvendar o mecanismo da indução. Fala em deductivo, sem explicar a estrutura psychica do raciocinio. Não se preoccupa com os factos, sobre que versam os methodos: a acção do professor que dirige, a do alumno que se educa, as condições, sobre que se exerce a cooperação directora do mestre. Parece que, de proposito, todos estes factos, constitutivos da materia do methodo, são affastados da intelligencia do auditorio, para maior gloria da sua immensa sabedoria.

Será que estas aberrações são privilegio da escola primaria e secundaria?

Não. Nas escolas superiores, os estudos de pedagogia ainda se não acclimaram. Salva uma ou outra excepção, o methodo ali é uma algaravia de phrases, ás vezes sonoras, vasias quasi sempre. Repassam-se opiniões, ensinam-se pontos de vista, não se argumenta com razões, não se mos-

iram factos. A preocupação das definições iniciais é da pragmática. O ensino rola de abstracção em abstracção, entre nevoeiros de metaphysica, num eterno bate-bocca doutrinario, entre rebeldias de grammatica e innocencias de estylo. O espirito, atordoado e cansado, do estudante sáe daquelle recinto augusto, ignorando as realidades que fôra conhecer. Já é proverbial dizer-se que, só com a pratica ulterior, se aprende, de quasi nada valendo o curso academico. Mas a pratica do methodo pelos cathedricos conseguiria a realidade do ensino academico, como o exige o bom senso e a dignidade profissional.

O segredo está na pratica do methodo intuitivo.

A aula é de botanica? Trata-se, por exemplo, da influencia da luz sobre o crescimento das plantas. Porque não ha de o professor plantar, á vista dos alumnos, um certo legume de rapido crescimento, deixando um delles exposto ao sol, e o outro á sombra? De dias em dias, notem os alumnos as differenças no crescimento, na côr, na vida e belleza de ambos. O phenomeno será, por esta fórma, aprendido com agrado e para sempre, e, o que é mais, terá concorrido para que os alumnos se habituem a observar a natureza, adquirindo o geito e a segurança de lhes explorar os segredos.

A aula é de chimica? Tende piedade dos estudantes, e não lhe cresteis em flôr a disposição nativa por conhecer a natureza dos corpos. Em logar de lhes engurgitar a memoria de mythos phraseologicos, fazei experiencias poucas, mas fazei algumas. O ideal é que cada alumno faça a experiencia, para aprender devéras. Fazer o professor uma só, para todos, serve como recurso de brevidade na falta de laboratorios. Supponde que a explicação versa sobre o que seja mistura em physica, combinação chimica, sobre o que seja analyse e synthese. Reuni um pouco de enxofre em pó e limalhas de ferro: é uma mistura. Por mais que a revolveis, cada ingrediente cõservará a sua existencia autonoma: basta que deiteis a mistura em um pouco dagua, para que sobrenade o enxofre, e o ferro repouse no fundo. Para a idéa de combinação, aquecei parte desta mistura, em cadinho, até a fusão tranquilla: o enxofre e o ferro perdem a existencia propria, fundindo-se, combinando-se em

um corpo novo, sulfureto de ferro. E' uma synthese. Para evidenciar intuitivamente a analyse, aquecei, com um maçarico, em um tubo de vidro, um pouco de pyrita de ferro, bisulphureto de ferro, encontradiço em toda parte; logo o enxofre se desprende do ferro, adherindo ás paredes superiores do tubo de vidro fechado. Por esta fórma, os alumnos jámais se esquecerão destas noções, comprehendidas integralmente. O que, de todo, não se tolera, é este ensino abstracto de chimica, reduzido a decorar nomenclaturas, algebrizando, na lousa, analyses e syntheses, sem uma palpitação de vida e realidade.

E' de physica a aula? Vêde esta lição aos mestres: — "Apresente o professor, diz Ruy Barbosa, aos seus discipulos um magnete natural ou artificial; dê-lho a examinar, ponha-o em contacto com fragmentos de ferro, aço, um pouco de limalha, umas agulhas; approxime successivamente dos polos estas substancias; afaste-as, trazendo-as pouco a pouco até á parte média; mostre-lhes varias hastes imanizadas, suspensas livremente; faça-os distinguir a orientação em que todas se fixam depois de oscillarem algum tempo; encaminhe com discripção as perguntas; e, no correr destes exercicios, os meninos attentos, satisfeitos, avidos, terão descoberto — elles mesmos — a propriedade attractiva do iman, a sua polaridade, a sua tendencia fatal para o norte. Adquiridos assim, estes conhecimentos serão indeleveis no espirito do menino, e contribuirão com a mais prodigiosa efficácia para a evolução educativa das suas faenldades."

E' do ensino do idioma nacional a aula? Em vez de decorar a grammatica, proporcione o professor a observação directa dos factos da lingua, para, com esta base, inferir a regra. E', por exemplo, numa classe secundaria, o encantado problema da topologia pronominal. Já se havendo os alumnos iniciado na leitura dos classicos da lingua, no manuseio dos sens melhores escriptores, chame o professor a sua attenção para a posição dos pronomes átonos em relação aos verbos, de que elles são complementos. Ha uniformidade nesta posição? E' a regra. Não a encontraes, por se contradizerem os factos classicos a respeito? Aproveite o professor a oportunidade, para lhe ensinar a evolução



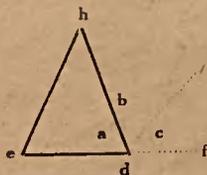
da lingua: a sua marcha vagarosa e eterna para a clareza, que é a sua condição de ser, e para a belleza que é o seu primor de arte. Mostre, então, como o progresso do idioma no caso em estudo, dado o caos da tradição classica, é a selecção daquellas formas, que mais se aproximarem da clareza e da belleza. A selecção feita é a regra. Nesse teôr, se chega á lei, ao preceito, á generalidade, pela observação dos factos individuaes. E', porém, uma classe primaria? As crianças, mereê da convivencia com os maiores, já falam com relativo acerto, na concordancia, na construcção de frases, torneios, inflexões, e conhecem o sentido de numerosos vocabulos. Pois aproveite o professor este cabedal de noções da lingua, adquirido intuitivamente, na convivencia com os grandes. Examine, com elles, as sentenças que usam desde os primeiros alvares da sua intelligencia. Será facil fazel-os distinguir, nas sentenças, as palavras que dão nome ás cousas, ás qualidades, e ás acções: são os substantivos, qualificativos e verbos. As especies de substantivos, e suas regras de numero e genero, as classificações subtis dos verbos, as demais fórmias do adjectivo, a noção do pronome, das relações expressas em preposições, conjucções, os adverbios, virão. progressivamente, com o tempo e o desenvolvimento mental. O que se não comprehende, é esta pratica generalizada de se começar o estudo da expressão verbal do pensamento pela analyse grammatical, por abstracções, como são as palavras, desarticuladas, sem sentido completo. O abandono da sentença, como ponto de partida, tem gerado o mais entranhado horror aos estudos de linguagem.

Chegou a vez da aula de psychologia. O methodo não póde variar: tem o professor de pôr o objecto do seu ensino em contacto com a intelligência de seus alumnos, para que estes deseubram, por assim dizer, a lei, a verdade sobre elle. Trata-se, por exemplo, da lei de que a repetição atenciosa favorece a conservação das idéas. Já ha de ter acontecido que, depois de explicada certa materia, não tenham os alumnos dado boas licções. O professor naturalmente ha de ter reexplicado a mesma materia, e, então, os



alunos já dão mostra de melhor conhecer. Numa terceira chamada, todos elles enunciam admiravelmente o que ouviram. São factos comeseinhos, de todos os dias. Pois, chamando a attenção para elles, os alumnos se embebem na evidencia da realidade, cuja lei, só então, deve ser enunciada.

Nem mesmo a mathematica, que, de proposito, só agora apparece, escapa á necessidade da intuição. Toda demonstração de mathematica é um encadeiamento systematico de raciocinios. A premissa maior de cada raciocinio é a conclusão de raciocinio anterior, a premissa maior do qual é conclusão de outros raciocinios, ou é axioma. Mas os axiomas são, afinal, verdadeiras inferencias, são productos racionais de observações anteriores. De modo que, pelo lado da premissa maior, a fonte originaria dos estudos de mathematica é a communicacão da intelligencia com as realidades. Pelo lado da premissa menor, em qualquer raciocinio, a intuição é immediata. Seja a demonstração de que a somma dos tres angulos internos de um triangulo vale 180° : Tome-se qualquer raciocinio, entre os encadeiados na demonstração:



Vêde que os angulos a, b, c, sommados, são todos os angulos possiveis em torno do ponto d sobre a recta ef. E' a premissa menor de um dos raciocinios, é o facto que evoca a idéa de que os angulos formados em torno de um ponto sobre uma recta, valem 180° grãos. E' a premissa maior, resultado de raciocinios anteriores. Então, concluimos que os angulos a, b, c, valem dois rectos. O resto da demonstração se compõe de raciocinios como estes. E qualquer que seja a demonstração de mathematica, é toda ella baseada em percepções actuaes, que fazem de premissas menores,

e de evocações, que são, ou se reduzem a inferências intuitivas. Logo, no ensino da mathematica, o contacto da intelligencia, que aprende, com as realidades ensinadas, é a condição de exito e normalidade. Si por maior facilidade se substituem as cousas concretas, sobre que versam os teoremas, por solidos, ou figuras, que as representam, nem por isto a intelligencia se deixa de contagiar com a realidade.

*

* *

Chegam afinal estas exemplificações, todas tendentes a mostrar as vantagens do methodo intuitivo, não só para fazer conhecer, como, principalmente, para desenvolver a capacidade de conhecer pelo fecundo contacto com a natureza.

Passemos, agora, a ver as fórmãs de apresentação das realidades ao espirito do estudante, e a successão natural destas fórmãs na pratica das escolas.

As realidades se podem apresentar de dois modos: aos sentidos, ou á imaginação.

Aos sentidos, primeiramente. Nos seus inicios, a educação não supporta outra fórmula de apresentação das realidades. A linguagem pura sobre cousas ausentes não tem quasi sentido ao entendimento infantil, e, principalmente, não lhes attrae a attenção, não lhes interessa a curiosidade. A presença, porém, das cousas aos sentidos mantem os meninos sob a encantada magia de um espectáculo sempre renovado. Espontanea e permanente é a sua attenção pelas cousas animadas que a circundam.

Acontece, entretanto, que nem sempre se podem ter a mão as realidades em si. Por contingencia inevitavel, a presença dellas, em si mesmãs, é de todo impossivel, como a dos factos historicos. Outras vezes, ainda que possivel, a presença material dellas ao espirito do edueando acontece ser de tal maneira difficil, que tornaria impraticavel a intuição, si a intuição não podesse existir sem ella. E' o caso dos estudos de geographia de paizes longinquos, ou da zoologia de animaes de outras terras e outros climas.

Note-se que a impossibilidade pratica da presença ma-



terial de taes realidades não deriva da natureza dellas, mas de um concurso de circumstancias inevitaveis. Neste caso, o primeiro recurso é a sua figuração em estampas, gravuras, desenhos, ou, ainda melhor, em projecções luminosas, que as tragam animadas aos sentidos.

Em geographia, por exemplo, se lança mão de cartas muraes, mappas, planisferios, cinematographia. Em historia, porque se não ha de recorrer ás estampas, que representem certos usos e costumes, artes industriaes e guerreiras, habitações, navios e vias de rodagem? Em geometria ha os solidos, tão em uso nas classes intelligentes, os traçados, os desenhos, figurações, em summa, das realidades ausentes, a respeito das quaes se determinam, pelo raciocinio, verdades imperceptiveis pelos sentidos.

Mas, para que as illustrações possam supprir, com interesse, facilidade e proveito, a presença material das realidades, preciso é que os educandos se habilitem a interpretal-as. Para isto, ainda na fase escolar das realidades em si, presentes aos sentidos, cumpre se adextrem na plastica, no desenho, na cartographia geographica, em que as realidades se figuram com dimensões reduzidas, e posições relativas, umas ás outras. A aprendizagem destas cousas é condição para o bom andamento do methodo intuitivo: ella facilita ver, com nitidez e exacção, em representações graphicas, ás realidades ausentes, em si, aos sentidos.

Por melhores, contudo, que possam vir a ser as figurações das realidades, nunca se deve dispensar a presença material dellas, desde que haja possibilidade. No ensino da anatomia humana, por exemplo, ha illustrações admiraveis em nitidez, relevo e fidelidade. Mas não serão jamais capazes de dar ao estudante a consciencia animada e palpitante, que recebem, observando os corpos reaes em necroterios, hospitaes e laboratorios.

Agora, em segundo logar, á imaginação. Ha realidades imperceptiveis aos sentidos, com a da philosophia e sciencia juridica. E', digamos, um lente de direito internacional, que vae explicar a doutrina de que, com o apparecimento dos submarinos, como arma de combate, as leis de morali-



dade e de humanidade, vigentes na guerra, não se derrogam, pois não deixam de ter as mesmas razões de existência. Como ha de evidenciar esta doutrina, apresentando as realidades em si, na sua materialidade viva, ou, mesmo, por illustrações?

E' claro que não póde ser. Mas, note-se bem, nem por isto deixa de ser possível o contacto da intelligencia que aprende, com as realidades a conhecer. As realidades se podem apresentar á imaginação, evocando vestigios do que os sentidos apanharam, vestigios capazes de pôr em evidencia o facto que se expõe, se explica e se prega.

Por esta fórma admiravel, se presencearia á intelligencia a realidade juridica alludida: "Desde que ha, entre os homens, diz Ruy Barbosa, a noção do meu e do teu se considerou como acto reprovado o de um individuo que se apodera do alheio. Por isto, as gavetas do proximo são sagradas. Isto não é de hoje... Um bello dia, porém, inventa-se a gazua, e o inventor da gazua... nos vem dizer: — Realmente, até hontem era vedado meijter a mão nas gavetas do proximo; mas ainda não se tinha inventado a gazua que é incompativel com esta lei — Inventada a gazua, o que se segue, não é que a policia deva acabar com a gazua, mas que a gazua deva acabar com as leis que protegem as gavetas".

A lição de direito internacional teria ficado obscura? O methodo, ahí usado, de apresentar a realidade ao espirito do auditorio, não logra apenas transmittir uma noção, mas incute uma convicção. A verdade se banha no sol da evidencia para dominar os espiritos.

Mesmo cousas materiaes, na impossibilidade da sua presença actual, aos sentidos, podem e devem ser apresentadas á imaginação pelo mesmo methodo, com que se apresentam as cousas abstractas. O verbo humano é o maravilhoso instrumento deste recurso. E', por exemplo, a fórma da relina, que o professor não tem a mão, nem dispõe, no momento, de illustrações apropriadas. Basta, em tal caso, evocar, por exemplo, a imagem de um guarda chuva aberto, cousa tão conhecida do estudante. Resalvadas as proporções, e retocada, aqui e allí, a idéa da fórma coucava-



convexa do guarda chuva aberto mostra claramente a forma da retina. Victor Hugo, querendo explicar, em carta, á sua mulher, uma salina, que acabava de visitar, se exprime mais ou menos assim: "Imaginae, deitado á beira mar, um caixiho quadriculado de janella, em proporções immensas, e vidros embaçados: é uma salina". -- Quem deixa de ver, com a imaginação, em todo o seu relevo, só com aquella imagem, uma salina distante?

A explicação deste poder suggestivo da palavra talvez se possa encontrar no mecanismo da percepção: uma excitação actual, a actividade cerebral das massas aperceptivas, e a consciencia resultante de toda esta actividade conjuncta. Ora, a actividade cerebral das evocações é, em grande parte, commum a numero quasi infinito de percepções, pois que são identicos os attributos de numerosos objectos. E' o caso da forma geral do caixiho quadriculado da janella, e da forma de uma salina: a actividade cerebral, de que depende a consciencia da mesma forma em um e outro objecto, não póde deixar de ser a mesma, pois que identicas são as causas externas, e identicas as condições intermediarias. Por isto, evocando-se a imagem do caixiho, se produz uma actividade cerebral, que, como mais que se disser, gera a consciencia da idéa nova.

O segredo da clareza está neste mecanismo cerebral. Elle tem sido explorado, em todos os tempos, por todos os escriptores, nas suas hiperboles, nas suas imagens, nos seus symbolismos, nos seus tropos, nas suas comparações, na trama constante da sua linguagem. Mas, no ensino o uso deste methodo se submete a uma restricção: é a obrigatoriedade de serem as imagens, com que se pretendem mostrar cousas novas, imagens de cousas sabidas e resabidas por aquelles, a quem ellas se dirigem. O contrario seria amontoar difficuldade sobre difficuldade.

A presença das cousas aos sentidos, ou á imaginação, é todo o espirito da intuição. Aos sentidos, só as cousas materiaes, em si mesmas, ou por illustrações: é a intuição sensorial. A' imaginação, porém, se podem tornar presentes todas as realidades, assim as materiaes, como as immateriaes, as concretas como as abstractas, desde que se



lenha o bom tino de usar imagens apropriadas: é a intuição supersensorial

O que define a existencia da intuição, é, tão sómente, o contacto da intelligencia, que aprende, com as cousas a couhecer. Seja este contacto por meio dos sentidos, ou por meio de imagens, sempre contacto é, e, pois, a intuição subsiste. Se, todavia, se quer fazer questão de palavras, reduzindo a intuição ao só percebimento pelos sentidos, como se costuma, chame-se discursiva a phase de apresentação das realidades por meio de imagens. Não terá, porém, isto a menor importancia, porque o essencial é o contacto da intelligencia, que aprende, com as realidades que vae aprender, ao que fica bem o nome de intuição, si se não quer inventar outro melhor.

*
* *

Assentada a actividade pessoal do educando, sem a qual a educação é uma burla; assentada a cooperação do educador, dirigindo a actividade do educando; e, mais, assentado que, sem a presença das realidades aos sentidos, ou á imaginação, a educação jamais attingirá aos seus propositos, passemos a examinar os estadios, os transmittes a marcha normal do methodo.

E' a marcha mental, com que se adquirem as idéas claras sobre as cousas: a passagem, ou a substituição de idéas, com vantagens da verdade, da clareza, da inteireza. Ha, de começo, um ponto de partida, que é a noção geral sobre o todo, ou objecto, que se observa. Ha, em seguida, considerações successivas sobre as partes do mesmo objecto inicial. A' medida que ullimam estas considerações, as noções anteriores se substituem por noções melhores em clareza e acerto, ficando as anteriores de todo esquecidas, ou meros fósseis do que já não é.

Ha, pois, na marcha, com que, por intuição, se adquirem idéas accercladas e vivas, dois objectos dignos de estudo: são estes todos, que iniciam os conhecimentos, e estas analyses, que os aperfeçoam.

O ponto de partida nunca póde ser, legitimamente, um



aspecto, uma qualidade, uma relação, mas sim o objecto, a cousa, a realidade, que os contem. E' grave erro começar o ensino da leitura pelo alphabeto, em nome de um falso methodo synthetico, por inspiração de uma falsa doutrina associacionista, como tem sido de uso quasi universal; ou começar o estudo da geographia por generalidades, como parallellas, meridianos, movimentos da terra, segundo é de uso na quasi unanimidade dos compendios. Já é uma velharia, que se apregoa, e não se cumpre, de ver o ensino ir do concreto ao abstracto.

Por onde começamos a adquirir a idéa, que hoje fazemos, da arvore? Já, antes da escola, muitas e muitas vezes tivemos o ensejo de vê-las, comparal-as, de lhes notar differenças, de lhes discernir muitas de suas partes, de dar nomes a todas. Na travessia da escola, nos ensinaram botanica, sem, por hypôthese, nos alhearem da natureza. Depois da escola, ainda podemos continuar o nosso estudo sobre o mesmo objecto, cujas differenças, funções e relações, se perdem no infinito. Mas sempre o começo de todos os nossos estudos a respeito foi a primeira visão, em criança, de uma arvore.

E' o todo inicial.

O que seja, exactamente, o **todo** inicial dos conhecimentos não tem sido isento de incertezas e duvidas. A mór culpa é da equivocidade do termo.

O **todo** pôde significar duas cousas. O conjuncto dos homems, dos gatos, dos elephantes, e congeneres, é um todo, chamado animal. Neste caso, o **todo** significa o total de muitas cousas, diversas entre si, mas ligadas por caracteres communs. E' evidentemente, uma generalidade, faz parte de uma classificação doutrinaria, implica um trabalho ulterior do espirito. O globo terraqueo é um todo, nesta acceção, pois comprehende numerosas cousas genericamente consideradas.

Cada homem, cada gato, cada elephante, cada objecto da geographia, como um rio, ou a orientação do sol, é, por sua vez, um **todo**. Um homem é um todo de muitos organys, capacidade, qualidades e relações sem fim. Neste caso, o **todo** é a totalidade de uma cousa. Não se trata de uma ge-

neralidade scientifica, mas de uma individualidade como se nos depara a natureza.

Em metodologia, o **todo** inicial é a individualidade, é o que tem existencia real e propria na natureza, é por onde começam os nossos conhecimentos antes da escola e depois da escola. O erro commum da escola é ser uma: solução de continuidade na marcha acquisitiva das idéas. Os todos, como generalidades, não são realidades encontraveis na natureza, mas criações uteis do espirito, que divide os objectos cognosciveis do universo em objectos de varias sciencias, e, ainda, para maior clareza, os subclassifica dentro das sciencias. As generalidades são, em verdade, abstracções, a que se deve, e se póde chegar.

Afastada qualquer duvida sobre a significação de **todo** na marcha acquisitiva dos conhecimentos, consideremos o segundo objecto capital da intuição, a sua marcha.

São as analyses. Toda ella se compõe de analyses, na marcha da percepção e na do raciocinio. Quem quer que intente aprender uma sciencia, ou conhecer um objecto complexo, terá de proceder a estudos successivos sobre as partes, ou componentes della, ou delle. Cada these, cada problema, cada aspecto de uma sciencia, ou de uma individualidade, é objecto de analyses, de estudos proprios.

Na aprendizagem da leitura, é a sentença o todo inicial, o facto de todos os dias, a realidade psychica, a individualidade capaz de analyses. A marcha analitica decompõe a sentença, não ao accaso, mas com observancia restricta ás leis de analyse. A criança ignora a sillaba e a letra, a que não corresponde nenhuma realidade na vida objectiva. A letra e a sillaba são abstracções, que ella vai adquirir, como adquire qualquer abstracção no curso de sua existencia. Aprende, digamos, em dado momento, a dizer casa, ao desenho calligraphico, ou palavra, que o professor escreve na lousa. E' claro que não lê propriamente aquella palavra, só com nomeal-a: limita-se a dar nome aos signacs, que fita, da mesma fórma que chamaria casa, ou arvore, ao desenho destes objectos. Depois, a mesma criança aprende a dizer cadeira á palavra, que o professor escreve na pedra. Então, do confronto mental das duas pa

lavras, casa e cadeira, a syllaba inicial ca se destaca mentalmente, segundo a lei de que tudo o que se repete em cousas variadas tende a ser objecto de uma consciencia distincta. Por combinações intelligentes, com que o mestre prepara, ou enseja a que os seus discipulos analysem, chegam elles a conhecer todas as letras, ao mesmo tempo que apprendem a ler tudo, sem esforço esterilizante, e sem jamais se divorciarem da significação, não commettendo o grave erro de ler, sem a imagem mental dos objectos lidos. psytacicamente, como acontece a todos os que aprenderam a ler pelo detestavel methodo sintetico, violante das leis naturacs.

Na aprendizagem de qualquer lei scientifica, intuitivamente, acompanhando a inferencia, ou a marcha mental de que ella resulta, os passos são sempre de analyses. Seja por exemplo, a noção de egualdade entre o dividendo e o producto do divisor pelo quociente: é uma lei de matematica. Ao invés de decorar este principio, assim enunciado, póde o professor fazer que os seus alumnos o adquiram por intuição. Tendo, digamos, o professor trazido á aula dez objectos quaesquer, divida-os igualmente por dois alumnos; cada um recebe cinco. Como já sabem multiplicar, faça-os sommarem os dois grupos iguaes de objectos, ou multiplica umr delles por dois. O resultado é o total de objectos do começo. Varie, em seguida, a experiencia, augmentando o numero de objectos, que se repartem igualmente, augmentando o numero de pessoas, com quem os reparte. Em todos os casos, a multiplicação do numero, que cabe a cada um, pelo numero de alumnos, com quem se dividem os objectos, é sempre igual ao numero total de objectos totaes. Deante destes factos, que o professor póde tornar bem variados, uma cousa é sempre a mesma: **O numero total das cousas, que se dividem, é igual ao producto do que toca igualmente a cada um pelo numero daquelles, com quem se dividem.** A generalisação se produz suavemente e necessariamente, segundo a lei da unidade nas variações.

A intuição-analytica foi o espirito deste ensino, a mar-



cha seguida foi inspirada na marcha adquirente das premissas maiores, a qual é regida por uma lei de analyse. O estudante, com semelhante exercicio, fará, por si mesmo, a generalisação, terá, por si mesmo, descoberto a lei.

Trata-se, pois, de obter uma simples percepção, cada vez mais clara, mais exacta e mais completa, ou se trate de obter uma generalidade, uma regra, uma inferencia, a marcha da intuição é sempre regida por leis de analyses, se compõe de considerações sobre as partes, os elementos do objecto, occorrença, ou phenomeno, que se estuda.

Afinal, ainda e só duas palavras sobre qual deva ser a ordem de successão dos todos, iniciadores de conhecimentos. Sendo, no dominio de cada sciencia, sem conta o numero de realidades, capazes de serem o ponto de partida dos conhecimentos, por qual delles se ha de começar e que successão hão de ellas seguir?

Supponha-se, na historia da humanidade, os seus infinitos factos, pelos quaes se póde começar o ensino, tanto pela antiguidade, como pelos tempos modernos, tanto pela civilisação de povos extranhos, como pela historia da patria. Será pela genese da humanidade, ou pela historia da vida do proprio estudante, o melhor ponto de partida, para semelhantes estudos? Assim, em direito, se ha de começar o seu estudo por philosophia juridica, e por direito romano, ou por noções do direito positivo, actual, em nossa terra?

A solução scientifica destes problemas está no espirito mesmo do methodo intuitivo. O essencial é a apresentação das realidades á intelligencia do estudante, a principio, tanto quanto possivel, mediante as cousas em si, ou suas illustrações, e, só depois, com os residuos mnemonicos desta primeira phase, mediante imagens. Por isto, entre o longe é o perto no espaço e no tempo, é claro que se ha de preferir o perto, por mais capaz de relevo, vibração e calor, por mais susceptivel de intuição. Com o que se haja aprendido mais de perto, será facil atinar com o distante.

Em geographia, por exemplo, o todo, por que se ha de começar, é qualquer facto geographico do logar onde se aelle o aprendiz: a orientação pelo nascimento do sol, a sala de aulas, o pateo, as ruas, a cidade, as colinas, os correios, tudo o que fôr susceptivel de uma observação directa e autonoma. Não será difficil cartographar estas cousas vistas e reproduzil-as, na medida do possivel, em alto relevo, modelagem, ou plastica. A estensão destes estudos, relacionados com estas noções primeiras, depende das necessidades e capacidades do estudante.

Em historia, o todo inicial não póde ser a génese biblica, ou evolucionista, do genero humano, com que se costuma preambular a historia, para, logo depois, divagar sobre um amontoado de nomes, datas, factos, numerosas dynastias, narrações de perfidias, proezas gigantescas, triumphos occasionaes do crime, sem nenhum sentimento da naturalidade dos seus personagens, nenhum sentimento da realidade historica, nenhuma observação da alma humana, nenhuma visão da vida pratica. O todo inicial dos estudos da historia é a historia do proprio individuo, a da escola que frequenta, a da cidade que habita, consultando, o estudante mesmo, documentos, certidões de baptismo, monumentos historicos, inscrições, confrontando testemunhos e tradições. Depois, num encadeiamento intelligente, se passa ao estudo da historia patria, na evolução dos seus principios politicos, nos factos dominantes da sua formação, desenvolvimento, aspirações e glorias.

Em direito, o todo inicial não póde, legitimamente, ser direito romano, nem tão pouco philosophia do direito, como se faz entre nós. E' um começar pelo passado longinquo, e pelas generalidades de factos, ainda por conhecer. A philosophia juridica, no começo do curso, é exactamente, como a grammatica no começo dos estudos da lingua: é um começar pelo fim. Antes, numa cadeira introductoria de encyclopedia juridica, se aproveitasse a observação, tão de todos, das relações entre os membros de uma casa: a situação dos paes é uma, a dos filhos é outra, e ainda outra é a dos criados. A cada qual toca uma determinada es-

phera de acção, ha regras, ainda que não reduzidas a escripto, sobre o que compete a cada qual fazer, ou deixar de fazer, para que seja possível a vida harmonica e prospera de todos. A noção, doutrinaria e verdadeira, do direito se póde derivar suavemente desta simples observação intuitiva.

Em resumo, pois, quer se trate do ensino primario, quer do superior, o methodo é sempre a intuição-analytica.

II

Insistamos, agora, na literatura didactica.

A linguagem do professor, que fala ou escreve, se confundiria com a literatura commum, si não fôra a sua preocupação intuitiva, na escolha dos assumptos, e na maneira de os concatenar e expôr. Quem quer que se aventure a escrever para a infancia, não logrará uma linha do seu intento, si não pautar toda a sua linguagem pelas indicações da intuição analytica no seu espirito, no seu curso, e nos seus fins.

a)

NO SEU ESPIRITO

O espirito do methodo intuitivo é o contacto da intelligencia cognoscente com as realidades a conhecer. A negação completa do espirito intuitivo é a interposição de uma intelligencia extranha entre as realidades e o sujeito que as vae conhecer. A intelligencia do educador não deve interferir por este modo, mas fazer que a intelligencia do estudante se contagie com as realidades, guiando-a e amparando-a.

A realização deste contacto admitté duas fórmas capitales: a presença das realidades em si, ou por illustrações aos sentidos externos ou interno, e a presença, imaginada, das realidades ao pensamento. A primeira fórma é a unica que vae bem com a infancia, a cujos ouvidos passam geladas e ôcas, como sopro, as palavras cujo sentido elle ainda não aprendeu intuitivamente. A fórma supersensorial da intuição é a continuidade normal e necessaria da primeira, que a facilita e a prepara. A sua existencia é de ab-



solta necessidade para o ensino. Não é o detestado verbalismo, que esteriliza, mas o verbo animado e vibrante, que, com os vestígios sensoriaes, organiza, na imaginação, realidades novas, suggerindo imagens semelhantes ás que se logram no contacto material com a natureza.

O livro, que não apresentar as realidades novas ao espirito do leitor, por illustração ou por imagens, se acha vazio do espirito intuitivo. Do que o leitor já conhece, por intuição, póde o livro limitar-se a lembrar, mas do que o leitor ainda não conhece, daquillo para cujo ensino, afinal, o livro appareceu, não póde fallar sinão por imagens, vestígios mentaes da observação, ou auxiliado de preferéncia por illustrações.

Como o numero de noções intuitivas vae crescendo com a idade, o livro didactico póde ir diminuindo, com o preparo do leitor, a que se destina, no emprego das illustrações e das imagens, pois mais ensejo tem elle de apenas relembrar. Quanto menor fôr, porém, o preparo do leitor, tanto menos póde o livro didactico fallar sem imagens, ou illustrações

Não se conclua que seria improprio o uso das imagens e das illustrações na madureza e na velhice. Sempre que se tiver de fallar de cousas ineditas ao leitor, a imagem é o espirito da clareza. Além disto, agrada mais a linguagem constellada de imagens mesmo sobre cousas já sabidas.

Não obstante, a razão suprema das imagens é a necessidade da clareza. Vêde como nenhum escriptor de mérito as dispensa. Ao accaso, lêde esta comparação, usada por Coelho Netto, para dar a impressão do homem que, tendê claudicado uma vez, roubando para jogar, roubando depois, para recuperar o perdido e salvar-se, se perde de uma vez: — "montanha escarpada: a gloria e pureza, e-tão no cimo, no sopé alastra-se o tremedal dos crimes cheios de seduções, de miragens, de enganós. Quem se inclina sente a vertigem e soffre a attração. Si desce um passo, resvala, rola, precipita-se, aprofunda-se. Raros são os que conseguem agarrar-se ás raizes do arrependimento,



ás arestas energicas da vontade, salvando-se da perda fatal”.

Não é menos clara e encantadora esta imagem da eloquencia ruybarboseana: “A natureza, amiga de anthiteses, debuxa na rampa das nossas praias, estre o lamarão e a area, a vida rasteira do carangueijo, que nos distrae a ociosidade nas horas de vasante: as suas tontas correrias de lura em lura, a exophthalmia estrabica dos seus pedicuculos oculares, o esconso de sua marcha, o disforme dos seus appendices maxillares, o hostile dessas pinças, promptas na aggressão e innocuas na mordedura, toda uma existencia pequenina, rojante, enlameada, á orla do immaculado anil, da immensidade marinha, omnipotencia incompreensivel, entre cujos braços se estreitam os continentes. Emquanto o sopro de uma grande causa agita em vastas ondulações a opinião nacional, e a grande reivindicção popular, em vagas e vagas, açoitas os diques da rotina, o campo inteiro da politica se vae lurando, como a ribeira descoberta pela baixa-mar, e dos esconderijos esparsos esfervilha á superficie a ralé amphibia, predatoria, carniceira, voraz, fugindo sobre dez pernas á onda que se acerca, e ameaçando com as tenazes dentadas o elemento irresistivel, que daqui a pouco, na enchente, a submergirá”.

Não se póde exprimir com mais clareza, nem mais belleza, tão complicado facto social, nem estygmatizar, com mais acerto e indelebilidade, o caracter dos intrigantes de baixa extracção social, os adventicios de fachada austera e consciencia a premio.

Não é, pois, privilegio da literatura didactica o uso das imagens. O que, neste particular, a differencia da commum, é a quantidade e a qualidade das suas imagens: são mais numerosas e mais simples, mais triviaes, mais correntias, mais ao alcance da intelligencia do estudante a quem se falla.

A apresentação das realidades desconhecidas, ou mal entrevistadas, por meio de imagens de consas conhecidas, ou mais faceis de entender, é o ségredo supremo da clareza, o seu mecanismo mental na linguagem humana. Si quizerdes explicar o que é methodo, e o que é processo, por-



que não haveis de usar de meios facéis, como este: "para ir de um ponto a outro, o caminho mais curto é a rua tal: mas podeis ir a pé, a cavallo, de bonde, de carro, de automovel, sosinho, acompanhado, silencioso, falando. O caminho é o methodo, e os modos de o trilhar são os processos". Ou si quizerdes explicar como um processo admite subprocessos, e, neste caso, se poderia chamar ao primeiro methodo, e aos segundos processos, porque não explicar de modo semelhante a este: "animal é genero de que são especies o homem, o macaco, o boi, o gato e as aves; mas a ave é, por sua vez, um genero de que são especies o canario, a araponga e o tico-tico. Assim, ha processos, que são methodos para novos processos". Ou, ainda, si quizerdes dar a idéa de que, nas classificações scientificas, nem sempre ha fronteiras definidas entre os grupos classificados, mas numa região fronteira, onde a distincção é impossivel, fallae por este modo: "no correr do tempo, ha dia, ha tarde, ha noite; mas qual o momento exacto, em que deixa de ser dia, tarde ou noite? experimentae marcar, com precisão, este momento indeciso. Assim, em geral, as classificações scientificas: objectos ha que se vacilla em classificar num grupo, ou no seu visinho, como, em grammatica, verbos transitivos, relativos e intransitivos".

O livro, que se abster de usar esta linguagem em tudo o que pretenda explicar, pecca por obscuro, e não dá nenhuma idéa de que o seu autor pratique a didacticidade. Não se supponha didactico o livro, que é claro para o seu autor: a clareza é para o leitor a quem se destina o livro. Dahi, a necessidade de apresentar as realidades, sobre que disserta, por imagens, ou vestigios de que antes o leitor, provavelmente, tenha sabido. E' a marcha do conhecido para o desconhecido, do facil para o difficil, do velho para o novo.

O bom lino está em saber utilizar-se do que provavelmente se acha na experiencia do leitor. A observação mostrará o preparo, em média, para cada phase da infancia. O livro, então, usará de imagens, que reproduzam alguma coisa deste preparo. Por isto, póde um livro ser didactico,

para os dezesseis annos, e não o ser, para os dez. A clareza didactica requer a adaptação das imagens, de que se vale, ao preparo do leitor, a quem elle se destina.

De par com as imagens, que apresentam as cousas incditas, os livros da infancia se devem aprimorar de illustrações tanto e onde couberem. Será, de um lado, mais um meio de continuar a intuição sensorial, que prepara a imaginosa. E, por outro lado, um meio de augmentar a agrado aos livros: ellas são, o prato appetecido de todos os dias

b)

NO CURSO

Passemos a ver a marcha do methodo: a passagem de impressões indiscriminadas e obscuras para noções melhores, por meio de successivas analyses.

O objecto inicial dos conhecimentos são os **todos**, na accepção indicada, como realidades complexas individuaes. A iniciação de estudos novos por abstracções é um absurdo, porque viola a ordem mental de aquisições de conhecimentos. Neste particular, o dever dos livros didacticos está em começarem o seu ensino por **todos**, e não por attributo, elemento ou relações.

O mais difficil aqui, é saber quaes são esses-todos, por que ha de a literatura iniciar o seu officio. Sendo elles innumeraveis, dentro de cada sciencia, por qual ha de começar, e que sequencia hão de seguir?

Só a psychologia pôde resolver estes problemas. Ha realidades que, numa idade, interessam com energia, e, não, obstante, aborrecem solemneamente em outra idade. Romances de aventuras, capa e espada, comedias fanfarronas, e zombeteiras, fantoches, palhaçadas e polichinellos, que eram a nossa delicia até quasi os vinte annos, já não são de molde a nos agradar aos trinta. Parece que declinamos pela colina do occaso, enquanto aquellas cousas ficam eternamente em sol nascente, aos olhos encantados da mocidade em perpetua renovação. Mesmo em dada phase da vida, ora nos agrada, ora nos enfara o mesmo assumpto, segundo a disposição do momento.

Mercê destas razões, a literatura didactica tem, primeiro, de seleccionar, entre os assumptos possiveis, aquelles que mais se adaptem á idade do leitor, a que se destina. Além disto, força lhe é tratá-los de modo a manter, contra as indisposições do momento, o agrado e o prazer da leitura.

E' preciso que o assumpto do livro satisfaça as inclinações psychicas dominantes na idade. Si se fallar de sciencia da administração a uma criança de nove annos. ella não poderá comprehendel-a, nem escutará, com agrado dois minutos a fio, emquanto, mais tarde, poderá ser o assumpto da sua maior predilecção. Por emquanto, ella prefere ouvir contos de fadas, historias illustradas sobre a natureza viva, que a rodeia. E' o que está adequado á sua comprehensão, e se harmoniza com as suas preferencias em transitio.

A observação psychica assenta a ordem natural de successão destas preferencias. E' uma sequencia constante e natural de instintos que amadurecem para a vida. Só lograrão proveito as actividades que os puderem satisfazer. A principio, o que mais interessa, attrae e fascina, são as impressões dos sentidos, como quem andasse a fazer uma larga provisão de idéas, para a incerta e longa caminhada da existencia que começa. Vem, depois, com os vestigios da observação, as criações da imaginação ardente, em busca de sahida para as realidades, na amizade e no amor, nas viagens e nas aventuras, nos jogos e nos perigos. Chega um dia a idade da razão fria, dos calculos prosaicos, do pensamento logico, dirigindo a pratica ramerona da vida commum. São os tres cimos dominantes na evolução das tendencias humanas: as sensoriaes, as imaginativas, e as racionaes. Depois disso, só o declínio, temperado pela saudade do que foi.

A literatura da infancia deve esmerar-se em satisfazer as necessidades psychicas do estudante acariciando-lhes os sentidos, e insinuando-lhes esperanças, mediante o que tenha intimas affinidades com a sua vida.

Na preocupação de accomodar o assumpto com a idade, relewa, entretanto, evitar os exaggeros das triviali-



dades, que enfadam. E' um peccado commum na literatura que entedia a infancia, esterilizando-lhe o futuro. As erianças são sequiosas da novidade: estão na phase acquisitiva e constructiva por excellencia, e não toleram que as estacionem nas mesmas cousas. Por isto, as futilidades, os logares communs, já lhes não aguçam os appetites, não lhes despertam interesse.

Mas, mesmo depois de accommodado o assumpto a idade, muitas vezes o prazer da leitura se amortece, seja por indisposição de momento, seja por secura de linguagem. Para a manutenção firme do interesse e do prazer, é preciso que se anime e vibre a linguagem. Um disurso, feito com monotonia e frieza, dorme o auditorio mais gentil. O mesmo assumpto, porém, tratado e recitado á Bilae, inflamma e exalta, entre applausos, o auditorio mais commedido. O assumpto se transfigura aos toques da arte; o entusiasmo e a eloquencia lhe insinua, nas veias, palpitações de vida. Adequada a eloquencia á infancia, na maneira de conduzir os assumptos e no modo de os expor, ella mantém e cresce o interesse, enthusiasma e fecunda o trabalho. Por influencia dynamogenica, a emoção agradável da leitura eloquente tonifica o organismo, e concorre prodigiosamente para a saude e o futuro.

e)

NOS FINS PROPOSTOS

Attendendo, agora, aos fins da edueação, a literatura didactica se ha de aprimorar em moralidade, verdade e belleza.

Ninguem ousaria, para a formação moral das gerações novas, inocular, no seu espirito, teorias subversivas e daninosas. Em que pese ás divergencias sobre a noção legitima do bem, num ponto se harmonizam as opiniões: é no dever da conformidade com a natureza individual e social do homem, e, correlatamente, no horror ao que a possa amesquinhar, violar ou destruir. A literatura didactica não póde allegar á desculpa de que a arte não tem olhos pos-



tos na moral, mas na belleza e na graça. Ella é, por destino, moralizadora, e, como se dirige á infancia, o seu rigor, neste particular, tem de ir além do da literatura commum. Cousas ha que não se podem taxar do menor deslize moral, si forem bem consideradas na estrutura intima de suas causas e effeitos. Todavia, ellas mesmas, tomadas por partes, sem o nexo logico que as crystaliza em uma só criação, podem semear no espirito ineauto, as suggestões mais seductoras e mais damninhas aos bons costumes. A moralidade de uma these, em didactica, varia com o gráo de desenvolvimento do leitor. Assim, para exemplificar, a leitura do "Primo Basilio" de Eça, ainda que se não possa arguir de immoral para uma senhora intelligente, é de todo pernicioso para uma criatura de quinze primaveras, romantica e sonhadora. Ella se apegaria, talvez, aos episodios, aos incidentes, sem os relacionar com as suas consequencias inevitaveis, determinadoras do caracter moral. Da mesma fórma, é damnosa á infancia esta literatura negativista da correccão moral, num endeusamento supremo da força, da energia e do trabalho. Cousas são estas que se não de recommendar, mas sob a pureza das intenções moraes, sob o imperio do respeito e da justiça. Mais do que quealquer outro genero de literatura, a didactica deve insinuar, suavemente, no espirito infantil, como o ar que se respira e tonifica, a pureza e a moralidade da vida.

A segunda qualidade, que se deve accentuar na literatura didactica, é a sua constante preocupação da verdade. A mentira, o absurdo, o monstrengo, terminam por enfiar e viciar o espirito por toda a vida. As crianças preferem as realidades reaes. Eneher-lhes o espirito de abusões, deturpações e mentiras, é arruinar-lhes todo o futuro, engaiolando-o na rotina que atraza, no preconceito que inferioriza, nas superstições que geram a intolerancia. No ensino, só se deve dizer a verdade, e, si hypotheses são inevitaveis, passem por hypotheses — o que é sempre dizer a verdade. Não se allegue que a verdade é um mytho, no teor de uma philosophia, que se compraz em pregar a impossibilidade humana de alcançal-a. E' uma das mais ridiculas hipocrisias, que jamais apedrejou o sol. A verdade



se obtem, a cada momento, sobre quasi tudo, e por toda parte. A literatura didactica, por isto mesmo que é didactica, ha de ser uma escola de horror a mentira, ainda que provisoria. O que lhe cumpre, é o culto fervoroso da verdade pura e limpida. Porque idéas falsas, que se embebem na infancia, se consolidam na madureza, para enfrear no erro e na maldade toda uma existencia falha.

A terceira qualidade essencial da literatura do ensino é a belleza. A formação do espirito do educando envolve, evidentemente, a sua formação estetica. Mas o culto da arte na expressão verbal do pensamento, não chegará jamais a criar raizes, si não fôr começado desde cedo, na linguagem com que se falla á infancia. Porque ha de esta linguagem ser manca, arida e feia? A simplicidade e naturalidade, em que, por ser didactica, se extrema, não lhe tolhe o bom gosto e a pureza e a vernaculidade. Preeiso é ir habituando a criança ao attaeismo da falla simples e elegante. O que se deve evitar, é a contaminação do rebuscado, da frouxidão e das asperezas. Para isto, bastará que se insinue, na linguagem diaria, a transparencia e a graça do verbo criador.

*
* *

Resumamos:

Methodo é a idoneidade dos meios para o alcance dos fins.

Os meios, com que se aleançam os fins educativos, são a cooperação do educador com a actividade do educando. Esta cooperação se effectua praticamente, ensinando, e suggerido actividades, que os discipulos realizam.

Mas, a idoneidade desta cooperação educadora, a sua capacidade para attingir aos fins, depende da sua conformidade com a capacidade humana de conhecer. Ora esta capacidade se exerce, de natureza, no contacto da intelligencia, que aprende, com as cousas a conhecer, isto é, mediante a intuição. Logo, a idoneidade dos meios educativos, ou methodo de ensino, é, na sua essencia, a intuição.

O contacto da intelligencia com a realidade se effectua pela presença material, ou illustrada, das cousas, ou por



meio de imagens, que reproduzam impressões sensoriaes. Porque, nas crianças predomina a acção dos sentidos, a intuição, que lhe cabe, é a da apresentação material, ou illustrada. das realidades, e, á medida que, com a experiecias, a actividade interna fôr crescendo, as realidades se podem apresentar por meio de imagens, que a palavra suggere. De modo que, a intuição é, de começo, sensorial, e, depois, supersensorial.

Porque os objectos dos conhecimentos, que começam, são, naturalmente, as realidades, taes como se encontram na natureza, e, só depois, é que se ellas decompõem, mentalmente, em tantas partes, quantas se puder, ou convier, e se confrontam, para obter generalidades, regras ou leis, a intuição tem de começar por todos, ou realidades encontraveis na natureza, e proceder em seguida a analyses, segundo a lei do seu mecanismo, ou accumular factos, de que se analysa, segundo leis determinadas, a generalidade, a regra, a lei.

Visto serem passcs de analyses todo o andar da intuição, bem se poderia chamar intuição-analytica o methodo didactico no seu espirito e na sua marcha.

Por isto, a literatura didactica, ou linguagem do professor, tem de ser intuitiva-analytica no seu espirito, na sua marcha e nos seus fins. Intuitiva, no seu espirito, para dar nascimento á clareza; analytica, na sua marcha, para criar e manter o interesse; educativa, nos seus fins, para melhor formação moral, amor á verdade e afeição á belleza e a graça.

(Capitulo da "Educação").

A. DE SAMPAIO DORIA.



LIVROS...

ALBERTO RANGEL — D. Pedro I
e a Marquiza de Santos.

Livro estranho, o do Sr. Alberto Rangel. Por um lado, ele representa um trabalho formidável: é difícil imaginar maior esforço para a elucidação de um problema histórico. O autor precisou fazer uma batida sistemática a arquivos e bibliotecas do Brasil, de Portugal e de outras nações. Por outro lado, entretanto, o problema a resolver nos aparece, em última análise, mesquinho.

Esse problema se resume em poucas palavras: que influência teve a Marquiza de Santos sobre o Imperador D. Pedro I, de quem ela foi amante?

A mais ligeira leitura das cartas trocadas entre os dois respondia imediatamente que essa influência não podia ter sido grande, porque, se a Marquiza se preocupasse com os negócios públicos do país, na sua correspondência alguma couza teria transparecido. Ora, nas numerosas cartas que ha, tanto dela ao Imperador, como do Imperador a ela, as raras aluzões a acontecimentos políticos são de uma insignificância perfeita. Vê-se bem que junto da amante, Pedro I era também apenas amante.

Os próprios documentos reunidos pelo sr. Alberto Rangel nos mostram que não se precisava todo o trabalho que ele fez para chegar a essa conclusão. Em todo o caso, depois do seu livro parece que o processo não admite mais revizão. Fica sendo pizitivamente "res judicata". A Marquiza de Santos, que achou um primeiro marido ciumento



e brutal, um amante imperador, um segundo marido homem de grande valor, acabou por encontrar um cavaleiro andante, viugador de agravos, para destruir as acuações que lhe faziam Feliz mulher!

O tipo de D. Pedro I que resalta das pajinas de Alberto Rangel é o de um príncipe, que estava bem no periodo de tranzição entre as ideias absolutistas de outr'ora e as ideias liberaes que, no sen tempo, começavam a espalhar-se. Ele dezejava e julgava mesmo ser um imperador constitucio-nal; mas o sen temperamento o impedia de realizar esse tipo.

Alberto Rangel cita, aliaz com incompreensivel simpatia, alguns dos rasgos do genio do Imperador. Certa vez, por exemplo, ele deu na Alfandega uma chibatada num funcionário criminozo; ao Mordomo da Fazenda disse em publico uma série de injurias; vizitando uma exposiçáo de Belas-Artes, achou tão máu um retrato seu que rezolveu fura-lo com um pontapé; recebendo um papel official de um ministro, rasgou o documento diante dele desfeiteando-o.

Estes e outros rompantes se podem tolerar e mesmo até, ás vezes admirar como sinais de independencia nos que estão em graus inferiores de hierarquia social, porque, por cauza deles, podem sofrer. Quando, porém, quem os pratica é um imperador, são vilanias cobardes, porque os atinjidos por elas não têm o direito de réplica.

Assim, qualquer admiração por esses atos é incompreensivel. Quando muito, é licito achar-lhes atenuantes em certas condições morbidas de quem os pratica. D. Pedro I era, de fato, um epilético e, de mais a mais, confessava ter sido muito mal educado. Tanto era facil de irritar-se, como de chorar copiosamente, a proposito de tudo.

Da sua má educação não faltam documentos. A sua correspondencia é escrita de um modo lamentavel. Além disso, está cheia de verdadeiras puerilidades. Assim, por exemplo, ele queria muito que a amante o chamasse "Meu filho", tratando-a tambem ele por "Minha filha".

E' verdade, que em materia de amor, convém ser sempre de uma induljencia infinita para todas as puerilidades;

mas mesmo nesse particular se póde ter uma certa coeren-
cia e graça. E ninguem dirá que seja este o cazo quando um
amante escreve á mulher amada: "Filha, não estejas mal
com teu filho."

Anthero do Quental, dirigindo-se tambem a uma mu-
lher amada, dizia-lhe como, ás vezes, pensava com prazer
numa hipótese extranha:

"si tu fosses, querida, minha mãe".

D. Pedro I aparece, portanto, como um tipo de bons
sentimentos, generoso, cheio de vida; mas ignorante e em
uma faze de transição: mal dezadaptado do absolutismo,
mal adaptado ás novas ideias liberais.

Os seus bons sentimentos foram, entretanto, negados.
por cauza exatamente da sua ligação com a Marqueza de
Santos. Antonio Carlos escreveu contra ele este iracundo
terceto:

Vil escuma do trono, despe o manto,
mau filho, mau amigo, mau consorte,
serás do mundo inteiro horror e espanto.

Ha, porém, nisso notorio exajêro. E, pois que o livro de
Alberto Rangel trata especialmente dos amores de D. Pe-
dro I com a Marqueza de Santos, vale a pena vêr comô se
formulava esse cazo psicologico.

Alberto Rangel escreve:

"Convirá lembrar sempre, para entender certas in-
congruências do casal e devidamente as apreciar, que a
Imperatriz era uma louraça feiarrona. Não uzava collete,
trazendo sempre roupas frouxas e trajava quási diariamen-
te as de montaria, saia ou casaco de ganga ou lilla, com a
bota, camisa e gravata de homem... Tinha seus pontos
de contacto com a Cristina da Suecia: descazo de toucado-
res, prazer de montar, amiga de dissipações, licenças de
linguagem e letras abundantes. Estatura mean, grosso pes-
coço das viennenses, um quê de corcunda, beiços polpo-
sos dos Habsburgos no rosto vultuoso e, como o da irmã
Maria Luiza, carregado na pigmentação vermelha, de modo

a parecer sujeito a um exanthema, o nariz desgraçadíssimo, cabellos espichados, olhos azues com a expressão de assustados, a organização robusta e inelegante”.

Esse retrato é simplesmente o que resulta dos depoimentos de quantos conheceram a Imperatriz. Os diplomatas, que a cercaram, enviaram para a Europa descrições que nada a abonam.

“Jacques Arago, que tanto admirava a Imperatriz e lhe era reconhecido, fez-lhe o desenho com o buril de um Callot: “Sans exagération aucune, elle était vêtue comme une vraie gitana, aux pantoufles près: une sorte de camisole froncée retenait des jupes tombantes d'un côté à l'aide de quatre ou cinq grosses épingles, et ses cheveux en désordre attestaient l'absence du coiffeur et de la camériste depuis huit jours au moins. Point de collier, point de pierres aux oreilles, pas une bague aux doigts; la camisole attestait un long usage, la jupe était fripée et blessée en plusieurs endroits”.

Outro mencionava tê-la até encontrado sem meias.

E apesar disso tratava-se de uma mulher ilustrada, que tinha mesmo conhecimentos poucos banais de astronomia. Mas não é propriamente de astronomia que os amantes costumam fazer grande cabedal...

Diante dessa Imperatriz, que desconhecia as vantagens da faceirice e mesmo até ao simples asseio, levantou-se uma rival, de quem os que menos bem disseram, — disseram que tinha “un extérieur agréable”. Outros falaram na “nobre regularidade dos seus traços”. Alguns foram mais longe ainda.

É uma banalidade lembrar que a beleza é couza relativa. As mulheres, de que a historia nos conta que inspiraram grandes paixões, a beleza, em geral, não era prodígioza.

Quando, portanto, todos os que cercaram duas mulheres, são unânimes em dar a preferencia a uma delas, essa preferencia se deve ter por justificada.

No caso de D. Pedro I, não ha, mesmo nos que prezavam a Imperatriz e detestavam a Marqueza de Santos, um



só testemunho que defenda a superioridade das graças ou encantos da primeira. Os maiores inimigos da Marquiza se extaziam diante das virtudes e dos conhecimentos astronomicos da Imperatriz; mas não vão mais lonje. Por cumulo, ha até um testemunho insuspeitissimo.

Quando D Pedro enviuvou, o sôgro poz-se em campo para achar-lhe uma segunda mulher. Escrevendo ao Marquez de Barbacena, ele dizia enumerando os requizitos da futura Imperatriz: "O ponto principal é que seja linda e espirituosa para fazer meu genro feliz, e não tñida e negligente, como era minha filha".

A confissão é precioza e deciziva.

No julgamento dos reis, falta sempre a seernidade da Historia. Luiz XV, por exemplo, passou á posteridade como um tipo conquistador, procurando fora do lar as felicidades que nele devia legalmente achar.

Mas não ha legalidade que rezista a uma mulher que só sabia estar, mezes a fio, em una cama atulhada de cobertores, na qual fazia um calor insuportavel. Friorenta, a rainha vivia sepultada debaixo deles. Duas vezes, saindo precipitadamente desse incomodo leito conjugal, Luiz XV, chegou a cair, ferindo-se!

E os que censuram o primeiro divorcio de Henrique VIII da Inglaterra, o celebre rei Barba-Azul, esquecem que a mulher, mais velha do que ele oito anos, era insuportavel de fealdade, de máu genio, de orgulho e de ignorancia.

D. Pedro I, quando não fosse levado ás infidelidades conjugais pelo temperamento, sê-lo-ia pela propria mulher, de quem uão ha nenhuma biografia que a favoreça. Quando, depois de ter lido as aluzões dos que a viram sem meias, de roupas sujas e desgrenhada, a gente acha a confissão do pai, chamando-a "neglijente", sente-se que esse eufemismo delicado esconde muita falta de asseio. E desde logo tem-se a vontade de perdoar o procedimento de D Pedro.

O perdão ainda parece mais facil, quando se reconstitui o meio em que ele vivia. Alberto Rangel, descrevendo o que se passava na época do Imperador, escreve:

“Que a moralidade ambiente no Rio de Janeiro se apresentava bem precária, testemunham-no Cook, Martius e quantos observaram o nosso meio. Caldeleugh proclama que a esse respeito “the inhabitants of Brazil are not the most correct”. Luiz de Freycinet nos traços salientes do carioca encontrou o sensual, e entre os vícios dominantes a libertinagem; refere-se ao “pays où il n'est pas rare de voir régner tous les genres d'excès...” O conde Aymar de Gestas declara-o “un pays où on est peu scrupuleux sur l'article des moeurs”. Saint Hilaire observa que “o esquecimento da moral se tornou universal” e attribue a ruins exemplos, dados pela Côrte de Portugal no Brasil, a peora dos maus costumes publicos, da união illegitima á venalidade da justiça e á simonia do clero. E o amigo de nossa terra, escarmentado, escreve: “On est devenu indifférent sur les devoirs les plus essentiels; les fautes contre les moeurs sont á peine aujourd'hui des fautes”. Jacques Arago cita o Rio de Janeiro: “ville royale où les vices de l'Europe débordent de toutes parts”.

“A prostituição fazia-se sem reboço e o adulterio era corrente. Os mercados de carne humana sustentavam a agricultura e os harems. O sangue do africano, escorrendo dos cepos de suplicio, no ar em que repicava muito sino e nas ruas empatadas de procissões, estrumava a terra dos sítios e engenhos...” “tingia de pardo a pelle da população. O Vallongo satisfazia ao mesmo tempo á lubricidade e á industria, fornecendo o collo para o amor e o braço para a enxada. D'ahi as noções mais puras se confundirem com as mais abjectas, mascarando o direito essas torpezas, á custa de alguns cruzados. Nos livros de baptismo da época, as declarações — paes incognitos — sucedem-se appostas aos nomes dos recém-nascidos, em proporção pouco edificativa. Os filhos naturaes surdiam nas brechas do edificio social desmantelado. Graves homens publicos, burguezões barregueiros, não raro esqueciam os compromissos matrimoniaes aos mimos de brancas, crioulas, cafusas e mulatas de sua propriedade ou preferencia. Nada, porém, das leviandades elegantes de seduzimento, dos vícios de epiderme e arripios mais intellectivos que sensuaes

de certos meios de grande civilização, onde a Arte tempera e escoima os sentidos ao influxo de seu culto superno. Quevedo cita a "melosidad" e "derretimiento" dos portuguezes e mofa da femieirice lusa. Aos ardores do clima americano, ás precocidades e violencias do indio e do negro na colonia, os salazes peninsulares não escolheram nem apuraram: deram toda aza ao vento, no rescaldo fecundo da terra, ainda hoje, de prodigos e de lascivos".

Seria possivel lembrar que esse estado de couzas vinha de lonje. Todos os primitivos povoadores do Brazil mencionaram a lubricidade do nosso gentio. Uma velha anedota conta do ditador arjentino, Rosas, que ele só consentia em Buenos-Ayres as reuniões de Brasileiros, quando todas as outras eram proibidas, por achar que os Brasileiros certamente estariam discreateando sobre cazos picarescos. Assim, D. Pedro nada fez de muito extranho: foi bem, no capitulo dos amores, o Imperador do seu povo.

Alberto Rangel acha até que é injusto considera-lo como um "homme á femmes", porque ele só teve, no fim de contas, trez aventuras conhecidas e documentadas e a da Marqueza provcou que, si a mulher o houvesse sabido prender, como o prendeu a amante, talvez fosse um ótimo marido.

Que influencia teve sobre ele a amante?

O Dr. Francisco de Assis Bueno pensa que a decisão do Ypiranga não deixou de sofrer a influencia dessa formosa mulher. O amor do principe estava exatamente na sua faze inicial, a que é, em geral, a mais ardente. Nada impede de supôr que ele quizesse amentar o seu valor junto da mulher amada, galgando o gráu supremo do poder. De mais, a familia da Marqueza e quantos a cercavam eram já na época patriotas, a quem a Independencia do Brazil não podia deixar de ser muito grata.

Mas a hipóteze não tem por si documento algum. Embora lojica, não chega, portanto, a ser uma verdade histórica.

Si se elimina esse epizodio, que daria á amante imperial um prestijio excepcional, o que se encontra de mais

grave é a acuação de Jozé Bonifácio, dizendo que ninguem mais do que a Marqueza concorrêra para a sue queda.

Alberto Rangel diseute e afasta essa acuação.

Por muito que se estime a personalidade do Patriarca da Independeneia, é forçozo convir que ele não era de trato facil e ameno e, si gostava de pregar ideias da liberdade, era exatamente como Pedro I: entendia que todas as liberdades se deviam perdoar e encorajar, menos as que trouxessem prejuizo ou restricções ao seu dominio. No poder foi sempre arbitrario e violento.

Conhecendo-se o seu feitio psicologico e o de D. Pedro, logo se via que aos dois se tinha de aplicar o velho rífão portuguez: "duro com duro, não faz bom muro". Assim, com ou sem a intervenção da Marqueza, intervenção de que não ha prova alguma, Jozé Bonifacio não podia viver em bôa harmonia com o Imperador.

A' parte esses dois cazos de interesse publieo, ha ainda o de Ratcliff. Aí, segundo se conta, a Marqueza quiz obter o perdão do condenado. Não o .conseguiú. D. Pedro, quando lhe mostraram a sentença que mandava Rateliff ao patibulo, enojou-se com a bajulação que nela havia e exclamou asperamente que podiam condenar o réu, sem injuria-lo. Refere-se, porém, que no dia da execução trancou-se em um quarto, a cuja porta em vão bateu a Marqueza para fazê-lo assinar o perdão. Só d'af safu, finjindo até então ter estado dormindo, quando Ratcliff já fôra enforcado.

Os adversarios da Marqueza acuzavam-n-a de obter muitos favores do Imperador para seus parentes e protegidos. Diziam mesmo que com eles negociava. De muitas dessas acuações provou-se a falsidade. Sabendo-se aliáz que foi sempre isso o que se disse de todos os favoritos de todos os governos e lembrando que, entre nós, as acuações de dezonestidade perderam pela vulgaridade toda importancia, é bem de crêr que a Marqueza tenha apenas sido uma grande caluniada.

A sua foi a historia corrente da maioria dos amores. "On s'enlace; puis, on s'en lasse..."



Quando se percorre a correspondência amorosa de quasi todos os grandes homens, verifica-se em geral que é feita de banalidades.

Ha, é certo, exceções. Mas exatamente são exceções.

Alberto Rangel fala, por exemplo, no caso de Gambaetta, que escrevia á amante contando-lhe todas as suas preocupações politicas. Podia falar tambem em Victor Hugo. A regra é, porém, que mesmo os homens que tem mais altas preocupações intellectuais limitem-se, quando escrevem ás amantes, a verdadeiras infantilidades.

E, si ha mesmo uma boa regra nesse assunto, é que, em amor, ninguem deve procurar exhibir orijinalidades. D. Pedro ia talvez longe de mais na obediência a esse preceito, porque chegava a dar á amante noticias muito prozaicas sobre molestias intimas e falava-lhe de purgantes e clisteres tomados e dados, com uma clareza muito chocante. Mas é que a partir de certa data, a Marqueza chegara á despoetização de espoza, quando o segredo das espozas que se querem fazer amar é o de parecerem sempre amantes.

O livro de Alberto Rangel só tem um defeito. E' o do seu estilo. O autor gosta do que é arrevezado e complicado. Chega a fazer periodos de comprehensão difficil. Sente-se o seu dezejo de singularizar-se. Tendo, por exemplo, de escrever "censuras", escreverá de preferencia "dezaplauzos". Faz inversões de correção duvidosa e de (para escrever ao seu modo) indviduoza falta de elegancia: "Faltaria-lhe...", "Estaria-o...", "O casal dezaveio-se, porém".

Atravez de todos esses precalços, o livro se mantem de principio a fim, vivo e interessante.

Nein D. Pedro, nem a Marqueza saem amesquinhadados das suas pajinas. Foram duas pessoas que se amaram. Passaram para isso por cima das convenções sociais, mas tiveram grandes desculpas.

Depois, tendo D. Pedro partido para Portugal, a Marqueza cazou-se com um homem de alto valor e foi uma excelente mãe de familia, morrendo cercada da estima geral. Num romance naturalista, a historia pareceria trivial.



Si um Emilio Zola reproduzisse cartas de amor como as de D. Pedro escritas por um pequeno burguez sem importancia, censura-lo-iam pela inverosimillhança do cazo ou pelo seu dezejo de rebaixar tudo em que tocava.

E' que, como tantas vezes se tem dito, o amor e a morte são as duas couzas que mais nivelam as creaturas humanas.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.



OLIVEIRA LIMA

A PROPOSITO DAS "ANOTAÇÕES" Á HISTORIA DA
REVOLUÇÃO DE 1817

Oliveira Lima é um dos maiores sociologos americanos e uma das melhores mentalidades contemporaneas. Elle é, hoje, inquestionavelmente, o grande historiador brasileiro. A historia, no seu espirito, perde esse caracter medioere de narração de factos para adquirir a situação interessante de interpretação da vida soeial do passado. Os factos são-lhe apénas as determinantes indispensaveis para carактерizar a psychologia de uma epoea e elle o faz com a elevação moral de um juiz e o criterio precioso de um philosopho. E' um juiz em quem ha bom humor ao lado de uma justiça irritantemente exacta; e é um philosopho sem caturrieas de escolas, mas com a amplitude serena do pensador tolerante e sabio. A sua qualidade de historiador philosopho ha de ser largamente contestada, porque elle não se filia a methodos nem maneiras nem interpretações de nenhum dos considerados mestres da philosophia da historia. E nem tão pouco proeura fazer escola sua. Oliveira Lima julga, e estou com elle, que tanto vale a maneira de Momsen; resuscitando a civilização romana através o seu modo de ver as coisas, como a de Ferrero, tentando demolir a obra de seu antecessor, num juizo pessoal. A doutrina de qualquer delles não conseguirá alterar a verdade dos acontecimentos nem a opinião dos homens sob a feição daquella époea. Por isso, commentando os fa-

ctos, a sua visão clara das coisas busca-lhes as determinantes politicas e sociaes para descobrir-lhes a razão de ser, a elevação e o criterio. Ha tambem nelle um intenso amor da sua patria e uma prodigiosa consciencia civica, tão grande que se derrama profusamente em toda a sua obra. Já não falo dos seus trabalhos sobre o nosso paiz nem mesmo de obras como as suas conferencias sobre a historia sul-americana, mas deste livro admiravel, como pintura viva de uma sociedade — “Nos Estados Unidos” — onde a intenção da patria, a evocação, a alma do Brasil se descobre, sangrando, por toda a parte. O livro é, pelo titulo, os Estados Unidos, mas, interiormente, para quem é capaz de apprehender a razão de ser das coisas, o livro é o Brasil.

Fazendo historia, como criticando coisas actuaes, Oliveira Lima é um sociologo de vista afeita á investigação tranquilla do passado, consultando archivos, compulsando documentos, mas sempre muito senhor de si mesmo, não perdendo nunca no convivio das edades mortas a consciencia do momento presente. Tem, sobre a maioria dos historiadores, principalmente brasileiros a vantage de conhecer, por ter vivido nellas, as mais interessantes sociedades modernas. Conhece e interpreta e comprehende desde a China, para nós irremediavelmente empederuida nas épocas confucianas; apesar de Li-Yuan-Hung com a Republica e do Japão (prodigio de adaptação na Asia da civilização do Occidente) — da vertigem americana, da organização alleman, da esthesia franceza, do character inglez, até a Venezuela de Castro — ultimo reducto do mais typico caudillismo sul-americano. Não é o historiador que narra simplesmente, ou descreve os factos passados com o criterio com que elles foram julgados na sua época ou que os julga apenas arbitrariamente, mas o sociologo contemporaneo, que os estuda á luz da critica e da philosophia contemporaneas. E' historiador e commentador. E, como conhece o homem nas suas multiplas variedades, desde os typos physicos mais dispares até aos cidadãos mais dissimilhanes, constituindo as civilizações mais diversas, elle se acha apto ao julgamento exacto dos aconte-



cimentos humanos, no espaço e no tempo. Não se pôde conseguir um espirito mais apropriado para o historiador moderno, para o homem que faz a critica, faz a philosophia politica e social ao mesmo tempo que faz historia. Se o historiador não viu o mundo em toda a sua amplitude, o sêr humano em toda a sua acção, não comprehendeu, ao menos, as diversas características das diversas civilizações de uma mesma época e dos homens de uma mesma era, em logares differentes, a sua visão será defeituosa, porque estará circumscripta e falha. O espirito que passou a existencia inteira em Roma, ouvindo, na sua preocupação de arte antiga, os rumores do mundo presente através as gazetas e os livros, como o que não sahiu de Nova York, afogando na vertigem yankee de industrialismo as suas rapidas sensações telegraphicas do resto da terra, seria incapaz de um julgamento historico sem o exclusivismo do seu feitio mental. Mas não é assim o que viu e observou o mundo e comprehendeu como factos passados numa sociedade destoariam noutra sociedade, surprehendeu os povos na sua faina intima de formação e desenvolvimento. Este tem a tolerancia de todo o espirito que subiu mais alto para abranger maiores amplitudes.

Oliveira Lima está nesse caso. O que caracteriza o seu senso historico é a tolerancia que é tão real que se dilata em justiça. Nem mesmo o seu ar bellicoso, que é antes uma attitude mental, filha da sua missão de desbravador, e de que elle proprio sorri sadiamente, prevendo o ar de desbarato dos seus oppositores e a intriga dos que o esperavam tranquillo, como a sua intelligencia, altera-lhe a tolerancia absoluta com que julga os acontecimentos. A parcialidade aparente dos seus conceitos é a resultante da religiosidade com que o seu espirito acata a justiça. Pode-se discordar da sua interpretação, mas nunca julgal-a insincera ou intolerante. A discordancia é, nesse ponto, muito commum desde que se trate de julgamento tão sujeito aos varios moldes intellectuaes. Por isto mesmo a maior virtude de Oliveira Lima, como historiographo, ha de ser o ponto mais susceptivel de controversia. Elle

vê e interpreta a historia á luz da philosophia contemporanea.

E tudo quanto é actual tem que ser controvertido e julgado com parcialidade pelos homens actuaes.

No entanto esse é o grande criterio historico e o que o faz o mais completo dos nossos sociologos historiadores. Elle descreve a historia com os methodos modernoss vendo-a na sua época, tal qual a época poderia criá-la, mas julgando-a na consciencia do presente. E' a falta desse criterio que faz dos formosos trabalhos de Anthero de Figueiredo, mais uma obra de arte do que uma lição de sociologia ou uma grande pagina de historia. E' mais a belleza do que a realidade historica e social de um facto que o impressiona. D'ahi o perfil suave da sua Ignez de Castro, antes filha poetica de Camões e da renascença do que da época brutal da media idade; ou os traços demasiadamente carregados com que retrata a figura interessante de Leonor Telles, inspirado mais na chronica tendenciosa de Fernão Lopes, do que na justiça, para julgar uma criatura forte, cujo maior desar fôra ser realmente filha da sua época.

Mas em Oliveira Lima, as qualidades de sociologo não prejudicaram o artista. O seu estylo cheio de movimento e de vida presta-se, admiravelmente, para uma pintura incisiva de typos que não morrem. Não conheço, em nossa bibliographia historica, nada mais interessante do que o seu estudo sobre D. João VI, no Brasil. E' a sua maior obra historica e aquella em que as suas virtudes de estylista, como de sociologo, estão melhor definidas e condensadas. A reabilitação de D. João VI, é uma obra de carinlio e de reconhecimento pelo fundador da nacionalidade brasileira, deveras enternecedora. E' antes um grito de gratidão da raça pelo homem que precipitou o advento do Brasil como nação, e, cujo gesto permittiu que a Independencia não nos trouxesse solução de continuidade com a alma heroica dos grandes conquistadores peninsulares, mas nos fizesse venerar as tradições dos nossos maiores portuguezes, como estimulos prodigiosos para uma trajetoria promissora e illustre no planeta.



E ha nesse grande livro typos traçados com um relevo balsaquiano. D. Carlota Joaquina é uma agua-forte admiravel. Palmela, Barca, Linhares, foram individualidades impressionantes daquelle tempo, que a sua penna retratou com uma freseura eneantadora.

Nada falta a Oliveira Lima para que elle seja o maior dos nossos sociologos historiadores. A propria formação do seu espirito, começando por um prolongado mergulho no passado, do qual nos trazia, aos vinte annos, "Pernambuco e seu desenvolvimento historico" e, logo em seguida, "Literatura Colonial", para vir chegando até aos seus estudos de critica contemporanea, da-nos a expressão da sua obra. Com o conhecimento do passado elle comprehendeu o presente e com o conhecimento do presente elle penetrou firmemente nas edades preteritas.

E é essa a sua força de historiador que é sociologo e é critico. A sua historia tem que ser narração e commentario, descripção e critica. Historiador, elle enumera os acontecimentos, sociologo, elle os abrange num lanço largo de vista e explica-lhes a psychologia.

E' o que acaba de empregar magnificamente sobre a revolução pernambueana de 1817. Ahí, não fez propriamente a historia, mas completou-a, relocou-a, illuminou-a. Projectou, sobre os pontos obscuros ou controversos, uma luz nova e fê-la renascer, com toda a grandiosidade de um acontecimento maravilhoso. Havia o trabalho documentario de Muniz Tavares, prestigiado pelo seu character de testemunha e comparsa. Mas faltavam-lhe não apenas os topicos que só muito depois se enecontrariam, para certos esclarecimentos, porém dados esparsos, difficéis de apereceber e, sobretudo, o julgamento repousado, a visão sociologica e politica, que um homem como Oliveira Lima, melhor que ninguem, o poderia fazer. Pode-se talvez acimal-o de tel-o feito com ternura pelas criaturas imprevistas e sensibilizadoras, que empregareram o mais bello e o mais completo dos movimentos pela independencia brasileira. Mas ninguem dirá que não seja justo e maguifico.



“As Anotações”, com as suas duas conferencias, uma em Pernambuco e outra na Parahyba, são, para quem leu Muniz Tavares, a resurreição daquella época e a glorificação mais enthusiastica das nossas aspirações liberaes e dos nossos predicados de generosidade. Pernambuco esteve evidentemente, naquelle momento, á altura do espirito de liberdade que, precipitado dos Estados Unidos, varrerá a França e refluira depois com impeto á America do Sul. No seu caracter de idealismo puro, a que não se misturou nunca o menor interesse pessoal; na sua feição de tolerancia, de magnanimidade, de honestidade e de abnegação não conheço um movimento superior na historia das nacionalidades. Póde ter havido mais audacia, mais segurança de propositos e, principalmente, mais felicidade de exito, porém maior desinteresse, maior altruismo e maior grandeza moral não aredito que houvesse em nenhum outro acontecimento americano. Foram talvez, até, esses predicados que se afrouxaram em brandura, essa elevada comprehensão do espirito de humanidade dos patriotas, que mais comprometteram o exito final da causa republicana. Nem uma violencia, nem um acto de injustiça ou de desrespeito ao direito dos adversarios foi commettido ou sancionado, voluntariamente, pelo governo revolucionario. Eram revolucionarios que tinham o culto da dignidade e da honra e o horror ao sangue, á desordem e á anarchia.

Passada a confusão das primeiras horas, em que a rale e os criminosos commetteram desatinos, a ordem, a cordura, a justiça imperaram sem descontinuidade até ao fim. E gisaram-se os planos mais adiantados e mais imprevisivelmente concebidos por aquelle punhado de heroes, que eram intelligencias cultas e corações generosos. A tolerancia pelas religiões alheias, os projectos da extincção do trafico de africanos e da emancipação lenta dos escravos, provam a que grau de cultura e a que allitude democratica tinha attingido a consciencia daquelles abnegados espiritos. O arrojo e o alcance dessas medidas só poderia perceber quem considerasse, maduramente, o profundo salto que a nossa sociedade colonial daria no caminho da



justiça e da liberdade. Nem a propria America do Norte ousou tanto.

A republica de Washington conseguiu alliar, por mais de meio seculo, a liberdade de um povo com a escravidão de uma raça.

E para fazer, afinal desaparecer esse conluio esdruxulo foi preciso desencadear a mais terrivel e fraticida lucta que já se conheceu nas edades hodiernas no seio de um mesmo povo.

No Brasil a revolução triumphante teria obtido a emancipação lentamente, como elles queriam fazer, para evitar a crise economica e social que se desencadearia numa libertação instantanea e em massa e teria livrado o Brasil da enxurrada de perto de um milhão de escravos.

Não se cifrava nisso o beneficio para a nossa civilização e a nossa raça, porque a libertação lenta dos pretos, a emancipação dos seus filhos e a não entrada de mais gente de cõr para o eito e para o sangue brasileiro, não só era um triumpho soberbo nos ideaes de libêrdade, mas um golpe politico inestimavel, fomentando a immigração e revigorando a raça.

Uma revolução que traz nos seus designios além de eordura proverbial, de honestidade pasmosa — porque todo o governo provisorio teve por primeiro gesto a renuncia de vencimentos e o zelo supersticioso pelos dinheiros publicos — a extineção immediata do trafico, a libertação lenta da escravidão e a tolerancia religiosa, é irrecusavelmente um acontecimento digno do maior enthusiasmo.

E não merecia o esquecimento absoluto senão a deprecição systematica que lhe votaram os historiadores do Imperio.

Não perdõo a Adolpho Varnhagen o menospreço que, com tão evidente má fé, timbrou em manifestar sempre pelo grande movimento pernambucano senão porque, atravez o testemunho illustre de Pedro Lessa, lhe conheçei a aniedade fremente de cingir commendas e titulos de nobreza.

f A revolução de 1817 foi uma explosão luminosa da consciencia demoeratica do Brasil.

Ella não poderia agradar aos homens do Imperio e ainda menos aos aspirantes de favores imperiaes. Foi por isso que o Brasil deixou que decorresse um seculo numa gelida atmospherã de silencio á memoria dos martyres illustres.

Foram os historiadores, como Varnhagem, os maiores cumplices nessa grande injustiça. Entretanto, todos elles, inclusive o futuro Visconde de Porto Seguro, tiveram para a Inconfidencia Mineira e para a memoria de Tiradentes o melhor dos seus enthusiasmos. Mas, porque julgaram a Inconfidencia um acontecimento inocuo e Tiradentes um louco, cuja memoria era francamente inoffensiva.

E Tiradentes e a Inconfidencia, que o martyrio stoico do filho de Villa Rica crystallizou em data memoravel, bem mereceram a veneração das almas liberaes como um dos mais angelicos sonhos pela liberdade; mas foram apenas isso. O movimento de 17, não, esse foi uma realisação evidente de organização republicana, um acontecimento que pretendeu realisar e realisou por dois mezes, embora, conquistas que sómente a multiplicidade de varias datas heroicas conseguiria, mais tarde, por parecellas.

Foi uma revolução movida pela mais culta intelligencia e pela mais inatacavel moralidade brasileira. Dos seus dirigentes nem um só teve um acto ou um gesto do qual tivesse de corar perante o julgamento imparcial e frio da posteridade. O proprio Domingos José Martins, que foi a acção revolucionaria, sem descontinuidade e sobre quem pesavam, por conta dos seus inimigos, accusações menos nobres, parece ter sido satisfactoriamente defendido por argumentos novos que Oliveira Lima adduzira. Seja qual fôr o seu passado, porém, o seu papel na revolução foi digno e heroico. Bastava a leitura daquelle soneto que, em homenagem da esposa e á patria, fizera momentos antes de subir ao cadafalso, para attestar o desprendimento, a fidalguia e a pureza dos seus intuiços patrioticos: —

Meus ternos pensamentos que sagrados
Me fostes quasi a par da liberdade!
Em vós não tem poder a iniquidade:
A' esposa voae, narrae meus fados.

Dizei-lhe que nos transes apertados,
 Ao passar desta vida á eternidade,
 Ella n'alma reinava na metade
 E com a patria partia-lhe os cuidados.

A patria foi o meu numem primeiro,
 A esposa depois o mais querido,
 Objecto de desvelo verdadeiro;

E na morte entre ambas repartido
 Será de uma o suspiro derradeiro,
 Será de outra o ultimo gemido.

Foram absolutamente commovedoras todas a criaturas dirigentes da revolução de Pernambuco.

Desde o Padre João Ribeiro Martins, a grande figura central do movimento — suicidando-se para não sobreviver á morte do seu sonho; de frei Miguelinho, passando a noite inteira da vespera de uma prisão, por elle tida como certa, destruindo freneticamente papeis compromettedores de companheiros de idéaes, até ao Padre Roma, que, depois de ter lançado ao mar, vendo-se perdido, os documentos perigosos para os seus correligionarios bahianos, commandava a propria execução, que a grandeza de alma e o heroismo tocante commovem e enthusiasmam.

Não precisava mais para nos descobirmos com respeito, á evocação da memoria de martyres tão nobres.

Oliveira Lima, com as suas "Anotações", revelou ao espirito brasileiro de hoje, a admiração nacional, os grandes heroes. E esse acto, além do seu valor como justiça teve um merito politico: explicou ao Brasil, a democracia brasileira, a proclamação incruenta de uma Republica, por quem derramara tanto sangue e carpira tantas dores toda uma geração de patricios notaveis.

Foi mistér que o sangue corresse generosamente em 1817 para que a abolição surgisse, com flores, em 88 e a Republica viesse, tranquillamente, sem confusão nem morticínio. Lá estavam no esquecimento, ha 72 annos, ha duas largas gerações, os grandes fiadores da Republica do Brasil. Porque é realmente motivo de orgulho para a alma brasileira que os nossos homens, afastados, até então, da ad-

mmistração publica e da politica, exercida pelos portuguezes dominadores, fossem capazes de projectar e emprehender, com tanta serenidade e descortino, actos de tamanha significação social. Foram os grandes precusores da Independencia, senão as forças que a preeipitaram com energia. A falta, até certo ponto, de um senso pratico salvador, a confiança excessiva na justiça, somente possivel em almas candidas e bôas, a ingenuidade com que acreditaram na apparencia de um espirito publico consciente, comprometteu-os e arruinou-os. Mas foram elles os unicos attingidos pela desgraça irremediavel. O exemplo ficou e a semente lançada por aquellas mãos generosas haveria de medrar cinco annos depois para crescer lentamente, projectando, já, em 1871, agazalho e eonforto aos filhos dos escravos, até frondejar em sombra larga e amiga, para tantos soffredores, no dia da abolição e para toda a nação brasileira um anno mais tarde, apenas.

Pernambuco vae erigir, em bronze, um monumento commemorativo dos grandes martyres, que será a sagração da propria alma heroica e liberal da raça. Nada mais justo nem mais nobre. Antes, porém, desse acto de justiça e magnanimidade, que não vem longe, quero saudar, com entusiasmo, a grande obra de Oliveira Lima, que ha de ser, para sempre o ponto de referencia do maior dos acontecimentos historicos da nacionalidade.

A. CARNEIRO LEXO.



VIDA OCIOSA

X

Vagabundeei sem rumo pela casa, buseando algo a que me interessasse. Pesado e bamboleante fui ao negocio. Fóra o sol reverberava, dando offuscantes fulgurações de ouro á estrada poeirenta, onde rangia a intoleravel serrazina do guincho de um carro de bois.

Fartamente assoalhados pelo chispante estendal de luz, os campos tambem modorravam somnolentos. Nada ha tão vulgar como as horas d'um dia de sol.

O veneravel astro rei, tenha paciencia, bem podia variar os seus processos de illuminação. São assás estupidas essas reincidentes ondadas de ouro e mormaço, céngantes para a vista e atorporantes para o organismo. Não pensavam assim os altivolantes corvos, cujos remigios serenos banhavam-se voluptuosamente no ar das alturas, refazendo, incansaveis, curvas enormes. Divisados de longe eram pequeninos traços horizontaes, rudimentos de monoplanos, as azas ligeiramente arrebitadas nas pontas. Arranquei-me á sua vista obsidiente e relatei o commodo. Nas prateleiras, meia duzia de molhos de rapadura, muitos feixinhos de canetas invendiveis, um litro de oleo de capivara, meia duzia de peixes fritos num prato esbeçado, o garrafão de pinga. Um enxame de abelhas zumbia e rezumbia em torno das rapaduras, cujo cheiro enjoativo impregnava o ar. Em attitude correcta, o José copiava em bella vertical, uma historieta do livro de leitura. Perto, o Amerieo sorria enfiado, julgando-se sem perdão aos meus olhos pela sua grande ousadia de querer leccionar.



— Também ensina estas cousas? — perguntei-lhe mostrando o caderno, — suppuz que fosse apenas sciencia pura.

— O sr. sabe — desculpou-se elle — é preciso começar por essas nonadas. Não faz nem dois mezes que saiu do abe...

— Aprendeu com você? — perguntei, admirado.

Fiz o negrinho ler, dictei algumas palavras, passei-lhe uma conta — era espantoso o como acertava. Maravilhado encarei no Americo. Estava alli um bom córte de professor primario. Revolvi no pensamento uma certa resolução secreta.

— E gosta do ensino? inquiri.

— Oh, sr. doutor! Se não fosse muito topete, eu arranjaría uma escola para leccionar de graça os moleques d'estes lados; mas afinal, como diz o caipira, cada um deve pendurar o chapéo onde a mão alcança — quem tem perna curta não dá passo largo. Isso só para homens como V. Exa.

Sorri com o "V. Exa.", e internei-me de novo para a varanda. Sentia urgente necessidade de espichar-me em meu repouso preferido. No meio d'aquella pasmaccira sossobran-te, a arca antolhava-se-me como logar de eleição. Estendi-me com goso na larga tampa, e, dobrando o cotovello, fiz do punho travesseiro.

— Já deu o ataque de preguença, Dr. Felix? easquinou da ante-sala siá Marciana, que auxiliava o velho.

— Já... Quantas redes promptas?

— Uma só, por emquanto...

Meu Deus, como era demorado! Aquella paciente tarefa enervava-me, como si estivesse eu proprio a trabalhar. Penosissimo fardo é a ociosidade, algumas vezes!

No meu pouso não pude ainda caír em beatitude. O tedi, é um estado fecundo ás más suggestões. No meu cerebro o sr. Prospero trançava barbantes sem cessar, e regyravam preguiçosas rondas de corvos. Cerrando os olhos eu via estrias e manchas verdes e cearlates, doloroso decalque imprimido na retina pela offuscante visão das estradas e dos campos ensolados. Queria dispersar-me, devanear; puxei pontas de romances heroicos, cujo principal personagem era eu; mas o enredo apagava-se como um rio sem foz que se evapora no deserto, e a dispersão concentrava-se no importuno vineo d'aquellas impressões visuaes.

Uma cousa pulou na area. Era a gata predilecta de siá Marciana, muito dada, esfregadeira, rouronante. Coçou as pulgas no meu pé, continuou a frieção perna acima, deixando na easimira um rastro de pellos calhidos. Achei adoravel aquella semcerimonia, e, ajuntando paciencia, resolvi comnigo:

— “Vamos ver até onde ehga o atrevimento”. Fez-me massagem abdominal, coçou-se no cotovello, cueostou a bigodeira pruinte no meu rosto, ronquejando surdas catarrheiras; fez menção de beijar-me, foçou-me no ouvido...

“Vamos ver até onde vae isso!” troeadilhei, fulo de raiva. Foi a dez passos de distancia, pois, sem chamar mais paciencia, appliquei-lhe um tabefe centrifugo: Siá Marciana não estava alli... Perto d’ella é que eu tinha hypoerisias. Aminava o fe lino, punha-o ao regaço, achava-o bonito e tudo mais que agradasse á dona.

Eseafedeu-se a gata aos pinchos e bufos pela janella do terreiro. Fez-me falta, porque então senti-me vazio. O vaeuo pesava-me como ehumbo.

— Quantas redes? perguntei.

— Quasi duas.

E cram dez, ao todo! Busquei alhear a attenção pensando em cousas da cidade. Evoquei a minha vida de homem civilisado...

O diabinho zombeteiro do tedio fez-me lembrar uma inquirição marcada para aquelle dia. Testemunhas de longe, crime sensacional, com advogados, aeusador particular... Pulei na area. E eu que me havia esquecido! Maldicto azar!

Dias e dias que passo ás moscas em meu gabinete, sem uma petição, um auto a despachar, sem um depoimento, apenas a eueabulação da visita do meirinho bexigoso, reverente e cor recto, a perguntar me inutilmente: “Sr. dr., tem alguma cousa para os cartorios?” — tão correcto que ao chegarem as onze já começo a enfesar “Faltam cinco minutos... quatro, tres, dois...” e exaspero-me, apprehensivo, certo de que d’ahi a um minuto bate delieadamente á porta e na curvatura respeitosa do eostume me’estribilha o quotidiano: “Sr. dr., tem alguma consa...” — e espero que falte aquelle dia ao menos, que quebre aquelle habito de pontualidade acerbante, novo supplicio de Damocles — e passa o minuto, e as pancadas e a

pergunta e a minha resposta impaciente: “Nada, nada, homem de Deus!” — tantos dias assim vazios, e logo naquelle, destinado a uma excursão de visita aos velhos, aquella enervação de summario, a berrar-me de longe a suggestão de um intoleravel remorso!

Numa erispação raivosa procurei perto a gata para um segundo revez de desabafo. Nada! Havia-se de certo eclipsado para o fundo da horta, suicidara-se no rio ou fugira para o fim do mundo, a evitar segunda aventura. Senti-lhe a falta.

Serzinho inestimavel, um bichano!

— Ora, que se arranjassem! Dar-me-iam como presente á inquirição, ou a deixariam para o dia immediato.

Estendi-me de novo na caixa. Mas já não tinha socego. O aborrecimento moral communicara-se ao physico: revolvia-me, remexia-me, voltava-me “como a porta em sua couceira”.

Só via autos, num rór de papelada com estampilhas, e um desfile interminavel de figuras de partes: este, rabula terrivel, que achava em artigos, tudo que eu fazia, “radiealmente nullo”, por isso, por aquillo; uma rubrica mal gatafunhada, uns minutos de atrazo na audieneia, o porteiro que apregooou só uma vez o requerido, e já se enfileiravam os: Provará...

E era tudo catado, depurado, num esquadrinhar implacavel; outro, figura manhosa e insinuante, a querer em palestras auferir conselhos ou previsões sobre o exito de tal feito; outro, berrador e impulsivo, possesso com um indeferido, a elamar que o juiz é prevaricador e comprado — uma procição irritante de figuras irmanamente hostis, da surda hostilidade instintiva de elasse, que separa os julgados e os julgadores, e que os põe, a uns e outros, numa eterna e irritante defensiva.

Via-os a todos gananciosos e rapaces, com as unhas que esfolam o constituinte promptas para agadanharem o juiz.

Enxotava-os da mente e elles tornavam proceSSIONalmente, com as suas astueias e exigeneias, protestando e reorrendo...

Por fim foi-se esfumando a turba vociferante, deixando apenas enfocados uns gordos autos de embargos por julgar, que estavam ha sessenta dias sobre minha mesa de trabalho.

Incoereiveis, os remorsos continuavam a pungir-me, com pontas aceradas.

Oh, esses malditos autos!

Ter de meditar duzentas folhas ensebadas e arrear a livraria, procurar o easo nos praxistas, quando os praxistas pre vêm todos os easos, menos o que nos interessa! Ante a enormidade da tarefa os embargos lá ficavam dormindo sobre a mesa o somno dos prazos interminaveis...

Afogado sob tanta culpa, tive uma reacção de desespero. Não! eu não era um mau juiz. Em mim sentia a massa dos julgamentos inpareiaes.

Mas, diabo! A justiça, como nós a comprehendemos, esse tonto catar de artigos e retalhos de acordãos, era excessivamente implexa.

Em mim não faltava boa vontade para o trabalho nem amor acendrado ao monumento das leis; respeitava-as, admirando-lhes o alto espirito philanthropico.

Respeitava os bons juizes e as sábias sentenças. O diario official, por exemplo, transerevia sempre os julgados do mais sabedor de nossos Papinianos, onde eada paragrapho tinha farta cauda de citação ponderosas. Eram sentenças de peso e de tutano, via-se bem. E com respeito immenso eu as cortava e colleccionava. Póde-se ser mais respeitoso? Não as lia, é verdade, mas, com mil raios! se não me faltava boa vóntade para o trabalho, sobejava-me pouca para o começar, e assim ficavam em perpetua esterilidade as minhas boas intenções. Que pena não estarmos na terra dos vizires autonomos e Salomões summarissimos, que numa phrase deslindam una pendencia, sem inutil esbanjar de tinta e de praxistas!

A culpa não era minha, portanto. E com esta convicção creescente, os gordos autos de embargos foram tambem reduzido-se e esfumando-se a distaneia.

— Tome um travesseiro, dr. Felix.

Agradei a siá Marciana, que vinha de rematar com o vello a segunda rede, e ageitei-o sob a cabeça. Boa e perspieaz velhinha! era de certo aquillo que me faltava para calar a galhofa diabolica dos diabinhos do tedio. A cabeça azoinada achon-se bem naquelle aconehego de paina macia, e a alma dilatou-se satisfeita, predisposta a cair na beatitude de um longo eochillo.

Tudo começou a tornar-se em calma e incomparavel mansuetude. Os eserupulos das obrigações atamaneadas e esqueci-



das, a hostilidade das figuras que á desfilada me traziam punitivo aneio, o vinco luminoso do meio-dia ensoado, as repiscadas orbitas dos corvos lentos, foram vaporando e dissipando-se no doce diluimento com que se esmaecia e se apagava no azul a nuvemzinha branea que nesse momento meus olhos contemplavam; até o concerto infindavel das redes, em vez de nervosismo, trazia-me a tranquilla eerteza d'um dia doce e sem fim. Parava o tempo, o mundo immobilisava-se na ultima postura das mãos e no derradeiro soido de vez, como no castello da prineeza adormecida; suspendia-se a vida numa ultima emoção, o rythmo do eoração numa diastole final, tudo passava ao estado de irreallidade e de sonho...

Benigna sésta beatificadora! Não era bem dormir, e apenas entreviver, fazer na alma um grande vacuo, dar-lhe uma varredura nas idéas e preocupações, fazel-a uma cousa inerte e vegetativa que se abre ao sol e á vida com a passividade de uma fronde largamente espalmada na altura.

E, assim vazia, penetrava-a com suavidade o ambiente daquella quadra, o odor dos mangericões que viçavam á janella, sob as fuchsias que a emmolduravam. Entrava-me uma sensação de paz, de lar e bucolismo. Era como um retrocesso á infancia: sentia-me reenado vinte annos, tornava-me creança. E áquella hora nada me seria mais doce que uma eantiga materna á cabeceira:

“Dorme, dorme, meu filhinho,
Que o Tutu' vem te pegar...”

Não ter a gente a vida toda quem assim nos embale, dando-nos a carícia de maeia mão que nos alisa os cabellos, a dizer-nos historias de fadas e principes encantados e a chamar-nos filho, numa aza immorredoura sob a qual nos pudessemos fazer pequeninos, encolhidos, escondidinhos...

Mal organizada, esta complicação dolorosa da vida!

Mas naquelle momento parecia-me quasi perfeita.

“Viver é bom!” murmurava somnolenta minh'alma, dissolvendo-se.

Longe, na estrada, rangia ainda o carro, interminavelmente; e era como se o meio-dia se houvesse feito som, e por es

sa voz atorporada e longa dissesse a desmaio voluptuoso dos grandes campos adormecidos ao sol...

XI

— Conte-me uma historia de caça, sr. Prospero.

Ultimado o concerto das redes, o velho viera sentar-se ao pé de mim. Sentei-me tambem; e, ainda estrouvinhado do longo cochillo, observava, um tanto abstrahido do logar e da hora, no alto de um portal negro, pequeninos túneis de barro estendidos lado a lado, povoado rustico de uma colonia de maribondos, que o acerescentavam eada dia. Sabindo do seu profundo torpor, o velho papagaio dignou-se abrir um olho vidrento, eom que nos inspeccionou num instante; em seguida reemergulhou na sua immobilidade de ave empalhada.

O sr. Prospero pigarreou, sorriu, ageitou-se, e começou a historia reelamada. Era um velho episodio, um tanto desairoso para os seus fóros de caçador feliz. Combinaram uma vez, elle e o capitão Domiciano, passar a noite num barreiro, á espera de caça. Não sabia eu que era um "barreiro"? Ia explicar-me. Nas naseentes de certos correços, ha nalgumas grotas, uma especie de lama salitrada, que os animaes gostam de lamber. A terra ahi lagrimeja continuamente escassa humidade. Durante o dia e a noite, revesa-se nesse logar toda a sorte de caça. E' o ponto de encontro das especies mais desirmanadas, e algumas ahi vão mais á cata de pabulo vivo, que attrahidas pelo salgado marejamento do solo. De dia são os animaes menos espantadigos, e as aves de grande porte, até jaeutingas: á noite é a assemblea tranzida das paeas e capivaras ariscas, cotias, cachorros do mato, que não raro são surpresos pelos temerosos coutados da mata virgem: antas, onças, queixadas. Caleado por todo o feitio de patas, o terreno é limpo mun certo raio; e pela acção erosiva de milhares de bicos e linguas, vae-se solapando em roda. Não ha melhor posto para um caçador que uma das arvores do circuito. E' preciso, porém, que seja homem de coragem, e use certas prevenções. Ora, para isso, era optimo companheiro o capitão Domiciano, pois mais de uma vez se haviam arriseado em sombrias tocas de feras, e acampados semanas



em serras bravas, á caça de macueos. Durante o dia foram ao ponto escolhido, para os preparativos necessarios. Procuraram uma arvore apropriada para a construcção dum estaleiro, e que não fosse obliqua, nem muito grossa, que as onças grimpam de melhor grado nos troncos hartos lançados de viez. Feita a escolha, dois escravos, o Adão e o pae Thomaz, arranjaram o ponto de pouso.

— Sabe o que é um estaleiro ou girau? E' uma especie de prateleira de paus enruzados armada numa arvore. Estiva-se bem estivado, fazendo-se como um assoalho, e dos lados levantam-se parapeitos. Fazem-se para uma e duas pessoas. Ahi até pôde-se dormir. Finalizando os escravos o serviço, fomos para a fazenda, a tratar dos ultimos aprestos. Preparamos matálotagem, verificamos o bom estado e limpeza das armas, entrouxamos cobertas que nos defendessem do frio, e nesses arranjos esperavamos a tardinha para partir. Precisa a gente ir com dia e disposta a passar a noite no girau, porque é perigoso arrisear-se com o eseuero em logar rondado por tão perigosas fêras. Depois do jantar chegou á fazenda, muito açodado, o Vigilato, parente longe. “Soube que vão ao barreiro?” perguntou. Respondemos que sim. “Pois vim para arranehar á partida”. “Impossivel! o girau dá apenas para dois. Se avisasse mais cedo...” “Não seja essa a duvida! arranjar-me-ei de qualquer modo”. Pensei que fosse gracejo, porque era de genio brinçalhão, e poneo dado a aventuras. Mas teinou que ia, que ia... Já vinha armado, e prompto para o pernoite. “Pois então, Vigilato, faça o que quizer. Depois não se arrependa!” E á tardinha partimos os tres, rumo do barreiro...

Aquí o sr Prospero tocou-me o braço:

— Veja, dr. Felix, a attenção do Louro... Está recordando se dos tempos antigos...

De feito o papagaio, com os olhinhos agora vivos e brilhantes, desperto do seu somno de velhice, esutava com immensa attenção.

—São do seu tempo, meu louro, o Vigilato, o capitão Domiano, o pae Adão...

E o velho proseguiu a narrativa. Foram, pois, rumo da grotta. Chegados ahi, Prospero e o capitão subiram, a experi-

mentar o estaleiro. Pareceu-lhes pouco solido e ahi cabiam estriitamente duas pessoas.

— Pois, Vigilato, arranje-se como puder, que não sobeja espaço para você.

O rapaz tomou em riso a diffieuldade. Se ainda estava dia...

— Vou fazer uma estiva melhor que a sua, disse.

Numa arvore perto atravessou uns pans pelas forquilhas dos galhos amarrou e eneruzillou por tudo solido eipó, e pôz-se á turea sobre a armação, gracejando:

— Daqui farei mais proezas que vocês, porque não ha pa-rapeito á estorvar-me.

E pilheriava, contava casos, atirava remoques aos compa-nheiros.

Quando o negrumé da noite deu de adensar aos poucos, o caso mudou de figura. Vigilato foi-se pondo mudo e de olhos arregalados.

— C'os diabos! rosnou entre dentes. Não avisei a Marieóta, que póde estar inquieta...

Devasson num relanee o caminho a desandar; mas seguir um carreiro mal amassado, por brenhas inhospitas, e áquella hora, e só.

— Vamos adiar a espera para outra noite? perguntou em voz incerta.

Os companheiros, quietos.

— Que diabo! Não respondem?

— Pouco barulho, ciciou Prospero; é tarde para lembrar se da Marieóta. Se tem medo, trocamos de logar.

— Medo, eu?!

E tentou para mostrar isenção, cochiear novas faeccias que lhe sahiram miseravelmente sem sal. Os auditores, tambem, não lhe encorajavam a loquela pois para o bom caçador é grave peccado quebrar o silencio solenne da espera. E os bichos não iam tardar.

Fechou-se de todo a noite. Do barreiro subiam sons mys-teriosos, bruseas correrias, estranho amarfanhar de folhagens, guinchos abafados, longos silencios expectantes...

Em forçada inacção passam algumas horas. Felizmente a lua eleva-se, e na clareira esmoitada espalha-se um diffuso albor. Já se póde caçar. E, olhos á espreita, e ouvidos fitos na ca

lada da selva, ao menor rumorejo suspeito comprimem com o pollegar o gatilho das armas, promptos para aperrar.

Raras fórmãs assustadiças sombreavam o chão numa carreira, fazendo, pequeninas que eram, largo rumor. Um foelho minusenlo trabalhava o barranco, na faina de lambar. Nada que valesse nma carga de chumbo, e o alarma de uma detonação.

Vigilato pôz-se a trautear entre dentes uma modinha, affectando desassombro. O foelhito riseou o chão de negro, numa fuga rápida

— Pst! recommendaram os companheiros ao cantador importuno.

Fez-se outra vez o silencio... e, no silencio, muito longe, ronquejon um urro sinistro.

— Nunca ouviu urrar nma onça, dr. Felix? E' nma coisa bonita. E' um miado forte, mas um tanto engasgado, como o dos gatos em sanha. Quando ella urra, parece que tudo se confrange de medo, e até a matta fica mais quieta.

No instante do nivo, entrevin-se no barreiro um confuso debandar de fórmãs antes invisiveis. Um trepidar seceo vinha do estaleiro do Vigilato. Elle tremia, e os paus nos seus pés tremiam com elle.

— A bicha ahí vem — murmurou o capitão.

Passou-se um espaço de ealada absoluta. No céu sem brisa immobilisaram se as ramas das arvores, negras e como petri ficadas. Apenas longe em longe um lufio manso corria um fremito pelas franças sombrias. E aquillo prolongava-se, sem termo... "Má noite!" pensavam os caçadores.

Mas um segundo indieio, bem proximo, preveniu-os de algo sensacional. Ouviram um tae-tae caracteristico.

— E' pintada, avisou Prospero. Essa qualidade de onça tem o "sotaque" de estralar com as orelhas. Armas engatilhadas e silencio. Vamos atirar todos juntos. Segurem o ponto e esperem o signal.

Do negrume da brenha surge uma grande massa animada que avança lenta e ondulante. E' uma bella fórmula de felino. Ao sahír da orla de sombra, bate-lhe em cheio o luar. Tem o pello mosqueado de negro e ouro. Na pausa solemne dos quadris a deslocarem-se na marcha, ha a segurança da força. Ondulante e lenta atravessa o barreiro, em direitura da arvore onde se

aeham os dois... Detem-se em baixo, como buscando sonegar-se-lhe á sombra, á espera, tambem.

Preparam o ponto, cautelosamente.

Os dentes de Vigilato estralejam, entrebatendo-se.

— Pst! faz Prospero a pedir-lhe sileneio.

Com o “pst” a onça olha para cima. Domiciano assusta-se, e um seu movimento instintivo falseia um pau do estaleiro, e o estaleiro, mais os dois caçadores, desabam fragorosamente sobre a onça... A féra, surprehendida, atira-se, de salto, para a arvore onde está Vigilato. Vigilato despenha-se, num berro...

— Ah, sr. dr., nem posso contar-lhe todas as peripecias dessa noite! Cahimos de muito alto — ficamos machucados uma espingarda quebrou e as outras ficaram sob os eseombros. E tropeçando no eseuero, aos tombos, afflietos, a olhar para traz, fugimos correndo o quanto podiamos, quasi sem rumo, extra viados na eseuridão da mata. Felizmente não fomos perseguidos. Então, recobrando alento, pudemos gemer as nossas contusões, e, aceedendo pedaços de taquara e palha de pinheiro, conseguimos achar o caminho da fazenda.

E Prospero ria, da velha recordação. Siá Mareiana, da cozinha, fez côro com elle. Eu ajudei-os. E, esperto na sua placa, revivendo tambem antiquissimas memorias, na illusão de um retrocesso aos bons tempos, o papagaio quebrou sua obstinada mudez, clamando em falsete e estridente:

— Capitão Domiciano! Vigilato! Pae Thomaz!

XII

Num barreiro — continuou Prospero, a quem esentavamos attentos eu e o papagaio — onde se reuinem especies tão varias, dão-se ás vezes interessantes episodios. Era testemunha, não de vista, mas de ouvido, de uma pendencia entre uma onça e um bando de queixadas.

Mas as queixadas, aceresentou, não são os unicos animaes que podem enfrentar o nosso jaguar; a anta defende-se d'elle perfeitamente, graças á sua rija couraça nativa. E a sua arma de ataque é o arremesso da fuga. Nunea assistira eu á corrida de uma anta? Era um bellissimo espectaculo. Quando fogue aos-



sada pelo inimigo, tem o impeto de um obuz; rompe deseneabrestadamente em linha direita, varando, esmagando, sem encontrar obstaculo. E' uma avalanche que despenha.-E não ha enrediga de touça ou tranqueira engrazada que ella, irresistivel, não force. Mau grado a conraça eneorreada, é atacada ás vezes. A onça, num bote, toma-lhe de assalto o cogóte, onçe se encarapita: e ahi, adherida como emplastro vivo, foreeja por estronear-lhe o eacheço. Contaram-lhe de uma que, levando uma féra assim ás cavalleiras, embarafustou matta a dentro em rompente arremesso, que o peso suplementar não móderava, aprofundando nm tunnel no intricado da matta. Guiada pelo instineto, atira-se de raspão sob o primeiro madeiro deitado de través... Com o craneo estalado, a onça desmanta bruscamente, áquem do obstaculo, onde fica esebujando, no ralo ultimo. Podia não ser verdade, mas era verosivel. Attestava, porém, a veracidade do que passava a narrar "Palavra de caçador, dr Felix!"

•Destá vez era seu companheiro um vizinho, bom sujeito, o Prudencio.

Estavam empoleirados num girau. Noite negra e silencio grande. Um rastilho prateado no horisonte, annuncia a lua. Já as ramas mais altas se meneiam alvaentas sobre o bojo atro da clareira. Podem dormir, ainda é cedo para caçar, pois o luar tardará a banhar o barreiro emparedado pela grande matta, num profundo entreseio de serras. E, no estaleiro commoço, dispõem-se a fazer cana... Subito a attenção aviva-se-lhes. Ouvem um rumor longinquo, um vago crepitar que se torna cada vez mais nitido. Porfim é um vasto estrepito que se avizinha, tomando monte e valle, em convergencia para um só ponto — o barreiro. A' chegada, o rumor sinistro torna-se o formidavel estralejar das presas de um cento de queixadas, cujo entrechocar é mais sonoro que estalos de espoleta. De mistura, roneos, grunhidos, acachoado farfalhar de folhagens destrôçadas. E o terreno apisoado pela horda invasora é foçado e furiosamente revolvido, arado pelo cento de focinhos, que avidos se eevam na salobra infiltração do solo.

No entanto, os caçadores nada vêem. A treva homogenea, compacta, espessa como pixe, enche o ambito da clareira. A vida alli é apenas o confuso rumor da bandeira invasora — um

grulhar mltiplo, e um amortecido estrincar de presas. Aquella vida mysteriosa no negror da noite, coa-lhes pelos nervos arrepios de pavor. Arrisear passos, áquella hora, sob as soturnas abobadas da matta, seria buscar o perigo. Em cada ponto das pesadas trevas póde haver uma emboscada. A elasticidade do salto está prompta para o bote, as orelhas applicam-se adivinhando a presa, as unguilas erisgam-se nervosas no antegosto da posse... Mesmo protegidos pela altura, os caçadores estão emocionados e trementes. Oh, a forte sensação, eternamente renovada, da montaria ás feras!

Em baixo, a bulha amorteece. E' agora um resfolgar exasperado de foelhos lavrando a terra molle, num grande raio Impróvisio, celeuma terrivel. Entrebatem-se as presas entre roncões ferozes, bufos assanhados e confuso revolvimento da horda. Era uma onda infernal a investir contra um ponto e a reonar, como rôlos encapellados abalroando um rochedo e refugindo com fragor. E a mysteriosa investida arrancava para um mesmo ponto, sempre o mesmo... Para os caçadores só havia em baixo a homogeneidade do negrume; nem chispas, phosphorescencia, ou pallido delinear de contornos: a treva unida, equal.

— Sabe que significa esse rebate? perguntou Prospero a Prudencio.

— Não.

— E' um inimigo. As queixadas defendem-se.

— De que?

— Escute, escute!

Não tardou partiu de baixo um rugido fortissimo, prolongado, que dominou a alarida dos pores, enchendo a matta e a noite com um rebôo de trovão; e embuzinado pelo valle, desconforme trompa, o rebramar da fera foi despertar até longe os éeos adormecidos dos rineões selvaticos.

Aos caçadores, azoïnaram-lhes os ouvidos.

— E' onça! exclamou abafadamente Prudencio. Atire! atire!

— Atirar como! objectou Prospero. Nada vejo! Mas soe que, que, occupada a caçar as queixadas, não dará pela nossa presença.

Com o urro espalhou-se o panico no bando dos suinos, seguindo-se preeipitada bulha de numerosa abalada. E entre

bufos, guinchos e matraquear de dentes, e um farfalhar eucachoeirado, a esparramada turba desgalgou pelo valle, tornando-se prèstes uma erepitação longinqua. E então, já remto, um segundo urro estrugiu no silencio e na treva. O inimigo tambem distanciava-se, na esteira da prêa recalcitrante.

Esse incidente foi um azar. Subiu serena a lua, dealbando as entranhas do valle, um luar tão claro, que se desenhava no barreiro a sombra earrugada do menor caule de herva. Era uma riqueza de minucias no chão calcado e aberto, que mais elaramente mostrava a falta de caça. Nem uma paea, nem um rato montez!

Pela madrugada desceram, com as cargas inexplodidas nos canos das armas. Viram em cada palmo do solo os vestigios da passagem do bando; e num grosso troneo, para onde se concentrara a investida da bandeira, a casca, nalguns logares escodeada de fresco e agatanhada de garras mostrava a cautela da onça em frente das queixadas, não se aventurando ao duvidoso desenlace de uma lucta rosto a rosto com a desaçaimada horda estrepitosa.

(Continua).

GODOFREDO RANGEL.



RESENHA DO MEZ

UM POETA

E' sempre agradável fazer justiça ao merito real, quando desdenhado ou mal comprehendido. Agradábilissimo é fazer justiça ao merito encoberto, revelando-o á admiração dos espiritos ainda capazes do admirar. Esse prazer tão fino e tão raro nos toca hoje. A "Revista do Brasil", com um pouco de explicavel ufania, desvenda, no presente numero, aos olhos dos seus leitores, um talento poetico de primeira agua: o do sr. Lindolpho Esteves.

O sr. Esteves é um joven sacerdote catholico, vive, na Igreja, sob uma doce penumbra, desempenhando recatadamente e gravemente as suas funções de ministro. Na republica das letras, como na igreja, cultua em silencio e em socego a sua segunda, augusta religião da arte. Crente da revelação e crente da poesia, é, como padre, um poeta embebido de corpo e alma na contemplação da suprema belleza e no encanto sereno do seu ministerio; como poeta, é um sacerdote todo entregue á sua religião, sem curar de espectadores nem de applausos.

Foi por acaso que o descobrimos. Os versos que vão em outras paginas, vimol-os em mãos de um intimo do autor. Lemol-os, sem esperar nada de mais. Ao cabo da leitura, estavamos convencidos de que temos em S. Paulo, e no Brasil, e talvez na lingua portugueza, mais "um poeta".

Vejam os leitores esses versos, e julguem por si. Permittam-nos, porém, quo lhes chamemos a attenção para o seguinte:

O sr. Lindolpho Esteves assigna algumas traducções de Leconte de Lisle. Quem quer quo conheça Leconte e conheça, ainda que por alto, a arte da versificação, ficará encantado com essas traducções. Nellas não está apenas o pensamento e a composição do parnasiano francez: está tambem o "espirito" da poesia lecontiana, a sua serenidade grave e magestosa, e está a arte sóbria e justa do autor dos "Poemas barbaros", na qual todas as bellezas de rithmo, de vocabulos, de rimas, de pinturas e de imagens se fundem harmoniosamente em conjuntos moderadamente homogeneos, onde nenhum daquelles elementos predomina e todos se equilibram. Ninguem traduziu ainda melhor do quo este poeta, no Brasil, versos de Leconte.

Mas o sr. Esteves dá-nos tambem alguns sonetos seus. São todos bem feitos; todos são "sonetos", na verdadeira accepção das rogras classicas. Isto é: não o vão apenas pelo accidente material de só constarem de quatorze versos. E' que, dentro desses quatorze versos, desenvolvem completamente um thema, sem deixar nada que accrescentar, e sem encher o limite prescripto á custa de accessorios dispensaveis. Eis ahi, antes de tudo, o que elles têm do notavel. Depois, observe-se como a factura é sempre correcta e acabada: a boa linguagem, o jogo das vogaes,

a bella sonoridade, os ritmos largos e adequados, a justeza dos epithetos. Por fim, note-se a nobreza da inspiração e a elevação do pensamento...

Dir-se-á que elogiamos de mais. Talvez. Mas não de desculpar-nos esse calor. E' tão agradável descobrir um talento que o soja ás déveras! Sobretudo nestes tempos em que a faculdade de pensar e o fino dom do bom gosto não parecem pesar mais nada na avaliação dos talentos...

QUESTÕES DE ENSINO PUBLICO

A medicina pedagógica e sua acção no lar e na escola. — Gabinetes de anthropometria escolar.

Está muito na ordem do dia, nos paizes civilizados, a acção do medico sobre as crianças que frequentam escolas.

Com um papel mais ou menos amplo, funcionario publico ou representante de algum movimento philanthropico individual ou social, ou ainda investigando por conta propria, agindo com maior ou menor liberdade, o medico é considerado, nos tempos que correm, indispensavel collaborador á boa marcha do aparelhamento escolar.

Não causa surpresa, porisso, o facto de aguns tratadistas, embora eminentes, considerarem, como questões de pedagogia, numerosos pontos de pura hygiene, dando a confusão margem para alguns desvios como, por exemplo, o do professor que, nos seus planos de estudo de pedagogia, apenas encarar o lado prophylactico e o therapeutico das molestias communs no meio escolar, proprias desse meio ou da idade infantil.

De tal pecha não estão isentos alguns cientistas italianos que, entusiasmados talvez pelos estudos sobre anthropologia criminal dos quaes nasceu o renome de Cesar Lombroso e outros, enveredaram francamente pela trilha anthropologica, em cujo termino vêem o ideal da pe-

dagogia do futuro, a pedagogia scientifica que, na verdade, apenas ensaia hoje os seus primeiros balbuídos.

Para esses pseudo-pedagogistas a pedagogia não pode ainda existir como *sciencia* do ensino, por faltar-lhe o conteúdo proprio, sendo uma *arte* sómente, formada de preceitos tirados daqui, dalli, conforme costuma succeder com as demais artes.

Como quer que seja, e deixando de lado numerosas questões interessantes que a proposito se poderiam referir, passo a tratar da medicina escolar e da sua benefica influencia para o individuo e para a sociedade.

Organizada na Hollanda, em 1865; na Inglaterra, em 1870; na Russia, em 1871; na Belgica, em 1878; na França, em 1879; na Suissa, em 1883; na Hungria, em 1887; na Noruega, em 1889; estabelecida depois na Allemanha, Austria, nos Estados Unidos, na Turquia, Bulgaria e no Japão (onde por 1910, havia 9.000 medicos escolares), conforme noticia o sr. prof. dr. Alexandre Lustig, no seu livro "Igiene della Scuola"; tambem fundada na Argentina e em mais um outro paiz americano, conformo o voto do Congresso Internacional de Hygiene de Bruxellas, em 1903; e criada entre nós, no Rio de Janeiro e em São Paulo, tal instituição ganha terreno em toda a parte e constantemente vê augmentado o seu já respeitavel prestigio.

Em S. Paulo, onde recente reforma deu origem ao serviço de medicina escolar subordinado á Directoria Geral do Ensino, está elle sob a chefia do abalisado sr. dr. Vieira de Mello, especialista na materia e autor de trabalhos sobre o assumpto, entre os quaes o optimo livrinho "A hygiene na escola", merecedor de farta leitura e cuja nova edição ha pouco sahida, porventura mais interessante, ainda não tenho o prazer de conhecer.

O corpo medico escolar paulista foi instituido para operar exclusivamente na Capital; no interior ficou o serviço a cargo das Municipalidades que, ou contam com recursos

bastantes e pagam um funcionario idoneo, ou então deixam a inspecção em abandono, a não ser que algum dedicado patriota se apresse em iniciar ou proseguir obra de tanta monta.

Não é, entretanto, a primeira vez que se tenta organizar a inspecção medico-escolar em S. Paulo. O Decreto 2,141 de 14 de Novembro de 1911, nos seus artigos 66, 67 e paragrafos, 135 até 158, trata de questões referentes a escolas; a letra *g* do artigo 556 do mesmo Decreto criou o serviço de inspecção medico-pedagogica no interior do Estado, a cargo dos srs. medicos do serviço contra o trachoma. Os resultados, porém, dessa tentativa creio foram inteiramente falhos. E como o não serem?

"O officio de medico escolar é um officio muito complexo e delicado para o qual sómente podem ser chamadas pessoas de grande tacto, de nobres sentimentos, que demonstrem especiaes vocações para semelhantes occupaões e taes estudos, que sintam amor e ternura pelas crianças; mas de nenhum modo um tal officio deve ser o de um medico clinico, nem estar em antagonismo com a direcção didactica".

Eis umas sabias palavras do sr. prof. dr. Lustig, no seu livro supra-citado. Nem é outro o modo de dizer dos tratadistas da materia e, parece, tudo quanto não esteja afirmando por esse padrão está mais ou menos errado.

Entre nós, qual devêra ser a acção da medicina pedagogica? Evidentemente o papel do medico-escolar, no Brasil, ha de ter amplitude e importancia maiores do que as que se notam nos paizes mais adiantados, cujas normas administrativas costumam servir de modelo para a orientação dos nossos homens publicos.

A influencia do medico-escolar, no nosso paiz, deve se exercer desde a escolha do local onde tenha de ser construido o predio da escola (e só assim serão evitados certos erros nas construcções escolares), até á assistencia domiciliaria ao alumno que della precise, manifestando-se por-

tanto durante o cyclo escolar e procurando criar um ambiente de saúde, de conforto, de bem-estar, que ainda não existe nas nossas terras. Nem é razoavel limitar, entre nós, a inspecção medica a um rapido exame otorhino-laryngologico e ao exame ophthalmologico, com o accessorio dos cinco dispensarios da Capital, annexos a Grupos e nos quaes se faz um tratamento odontologico.

O trachoma, a opilação, o paludismo, a syphilis, a tuberculose, o mal de Carlos Chagas, o alcool e toda uma negra lista de agentes morbidos eriam, para a quasi totalidade das crianças brasileiras, maximé no interior do Estado e da Republica, uma desoladora situação.

Paiz sem cultura physica, lavrando neste sentido uma iguorancia bem maior do que a quo se suppõe, nelle o olho do medico-pedagogico precisa abranger casos de que muitos povos não cogitam. Que não seja o trabalho de inspecção predeterminado num regulamento minucioso e... falho; em havendo aquelle amor de que fala o sr. dr. Lustig, a consciencia do medico e a sua fé scientifica serão a melhor garantia de trabalho util e proveitoso. Mas é um apostolado! dirão, e tudo quanto se aproxima desse estado de coisas ó tido como idealismo, como utopia; o magisterio, porém, e sua irmau gêmea, medicina-pedagogica, são funcções pesadas, encargos trabalhosos, e não sinecuras condemnaveis como as ha tantas, no Brasil. Tenhamos todos, professores e medicos-escolares, grande energia na acção e demonstremos aos mais incredulos o que valem o esforço continuado e confiança na propria obra.

Não seja jámais esquecido que o paiz é vasto, de população pouco densa; que não ha recursos medicos suficientes e, em numerosos lugares, nem meios de obtel-os; que o povo se alimenta mal e a mulher brasileira no geral é franzina e tantas vezes incapaz de amamentar os filhos que, criados no regime de alimentação artificial, crescem com deficiencias organicas mais tarde insuperaveis; nunca olvidemos que nós, brasileiros,



sonos fracos, afeados, doentios e tristonhos e que as gerações futuras tem de herdar as taras dos antepassados quasi sempre as aggravando. Lembrem-se todos de que a robustez physica é condição indispensavel para a excellencia das funções mentaes, e dellas, por sua vez, depende a fortaleza do character. Não saia da nossa memoria de bons patriotas que, logo no primeiro sorteio de moços para o serviço militar, cerca de mil rapazes foram recusados por incapacidade physica, o que todavia não os inibirá de, pelo casamento, gerarem degenerada prole.

As investigações feitas nos estabelecimentos de ensino dos paizes da vanguarda da civilisação vieram indicar, entre outras coisas dignas de interesse, que as classes favorecidas da fortuna gozam de melhores condições de saúde e robustez que as classes pobres. Reflecta-se agora que o nosso paiz é de gente mais pobre do que rica e que das classes humildes da sociedade tem de saber os que vão auxiliar as verdadeiras fontes da riqueza — agricultura, industria e commercio.

Escola brasileira e familia brasileira, ambas superiormente orientadas pelo medico-escolar, são afinal o meio com que a Patria conta para, melhorando-se cada dia as condições sanitarias entre nós, apresentar dentro de algumas dezenas de annos, uma população cujo grau de fortaleza physica possa rivalizar com a que existe nos povos que gozam de uma vida hygienizada.

Para a determinação das characteristics do typo brasileiro normal, para se organisarem quadros pelos quaes seja possível conhecer claramente a evolução somática do nacional, desde as mais teuras edades; afim de se tornarem conhecidas e vulgarizadas as mais frequentes anomalias na primeira infancia e na segunda, nas tres phases da adolescencia (pre-puberdade, puberdade e post-puberdade), e na juventude, bem como, se possível fôr, as causas efficientes de taes anomalias, um auxiliar magnifico da escola e da medi-

cina-pedagogica pode ser encontrado nos gabinetes de anthropometria escolar.

Entendo por *gabinetes de anthropometria escolar* as repartições annexas ás escolas e encarregadas de uma investigação minuciosa e profunda da parte physica da nossa gente, para os fins quo a sciencia tem em vista: fins anthropologicos, physiologicos, pedagogicos, sociaes, e politico-administrativos.

Aos "encarregados dos gabinetes de psychologia experimental" das escolas normaes secundarias (S. Paulo, Itapetininga, S. Carlos) caberia muito naturalmente, por estar dentro da attribuição que lhes compete á vista da competencia, boa vontade, espirito de iniciativa, patriotismo e outros predicados proprios dos que devem ser encarregados desses gabinetes, caberia, repito, promover investigações dessa natureza qual a de determinar as referidas characteristics do typo brasileiro normal, indagações aliás muito difficeis entre nós em virtude da necessidade de analysar-se a massa da população e serem attendidas suas partes constitutivas — elemento nacional propriamente, elemento negro e mestiços d'elle, elemento indigena e suas combinações, elemento estrangeiro de varias origens e suas misturas. Tomar medidas de conjuncto, deixando de lado esses factores, é empresa inutil por não permittir conclusões mesmo approximadas, e perigosa por induzir em erro.

Não foram mesmo outros os intuitos da lei que criou os impropriamente chamados "gabinete de psychologia experimental", nas Escolas Normaes Secundarias; basta que se examinem as *fichas* adoptadas entre nós para se verificar desde logo a grande superioridade dos dados puramente somaticos, sobre as indicações de natureza psychologica.

Além disso, quando o M. D. Governo de S. Paulo entendeu couvinha orientar a acção dos professores paulistas para uma pedagogia melhor, mais efficiente pelas suas bases psychicas experimentaes, adoptou as normas da tendencia italiana e con-

tractou o sr. prof. dr. Ugo Pizzoli, autor de muitos trabalhos já conhecidos, para dirigir um curso de "Pedagogia Scientifica" a mestres primarios e secundarios, directores de escolas, *et coetera*, curso esse com chamada diaria, programma, exames finais obrigatorios, notas e diplomas, official portanto.

Ora os que acompanharam as lições do entusiasta scientista de Milão puderam vêr que elle dava um desenvolvimento enorme ao estudo da parte physica e da parte physiologica da criança, — pontos de vista estes que dominavam as aulas —, denominando "psychologia" apenas as questões referentes á educação dos órgãos dos sentidos e a pouco mais do que isso, facto aliás já notado pelo eminente psychologo italiano dr. Morsolli, conforme se lê em Gaston Richard "Pédagogie Expérimentale" — 1.a edição — 1911, pag. 2 e 3.

S. Carlos, agosto de 1917.

CARLOS DA SILVEIRA.

NOTAS DE SCIENCIA

A REEDUCAÇÃO DOS SURDOS DA GUERRA

Quo poderão fazer a medicina e a pedagogia em beneficio dos surdos da guerra? E' o que se trata de ver hoje nos varios centros de reeducação dos surdos mudos, que ha um anno se vêm fundando em França, e nos quaes professores especialistas da materia seguem dia a dia o gráu da enfermidade e o progresso da cura sobre soldados surdos de todas as categorias. Os methodos que hoje se adoptam para a cura pedagogica da surdez — lemos na *Révue Scientifique* — são tres: reeducação auditiva vocal; leitura sobre os labios e orthophonía.

A reeducação auditiva pôde prestar serviços consideraveis na maior parte dos casos em que a audição não se enfraqueceu muito, mas não poderá nunca realisar o prodigio de fazer com que um ouvido mais ou menos affectado chegue a ouvir como

antes da surdez. A acuidade da audição não dependo sómente do poder de percepção do ouvido, mas também da faculdade de comprehender certas sensações, que antes eram do dominio do inconsciente, e que suppreem a deficiencia do individuo sujeito agora a novas condições. Essa faculdade pôde ser desenvolvida como pôde ser aperfeiçoado o estado moral; e taes são, justamente, os objectivos a que se propõe chegar a reeducação auditiva vocal. O surdo reeducado pôde chegar a tirar o melhor proveito da sua faculdade auditiva enfraquecida. E' assim, por exemplo, que um soldado meio surdo após tres mezes de tratamento dizia: "Não creio que ouça mais do que antes, mas sei valer-me melhor da audição que me resta." Em poucas semanas havia readquirido a orientação auditiva, a qual, se elle estivesse abandonado a si mesmo, sómente readquiriria após muitos mezes. O que parece mais provavel é que a reeducação não é mais do que uma arte de adaptação a sensações que restam ao individuo. Ha, porém, outro methodo, que emprega não mais a palavra, mas instrumentos. Tal é o methodo do dr. Marage, que inventou uma sereia para reeducar os surdos. Os resultados obtidos por elle são, porém, muito discutíveis. A leitura pelos labios presta grandes serviços a todos os surdos da guerra, porque lhes proporciona um meio pratico do se subtrahirem ao isolamento, sempre funesto aos surdos, por causa da depressão moral que occasionam. Muitos surdos, quando chegam aos centros de reeducação, confessam ter tido já a idéia do suicidio. Após algumas semanas de cura, porém, vendo que lhes restava ainda um ultimo recurso que não conheciam até então, sentem-se completamente transformados. E esses homens ainda jovens, na maior parte, aprendem a arte subtil de ler as palavras nos labios com facilidade tal, a surpreender todos quantos antes da guerra se dedicavam a esse ensino. O dr. Marage não nega a utilidade da leitura nos labios, mas faz a respeito algumas reservas. Para elle,

esse tratamento não é senão um paliativo comparavel ao methodo Braille da escripta para os cegos, o qual substitue o tacto á vista, como a leitura labial substituiria a vista ao ouvido. Isso, porém, não impede reconhecer que o methodo Braille tenha prestado aos cegos mais serviços que a sciencia medica, como a leitura labial prestará aos surdos, enquanto a othologia não encontre remedios para a surdez. O dr. Marago preferiria limitar essa leitura aos affectados da surdez completa, entendendo que ella é nociva aos outros, pois, impedindo-os do escutar, lhes occasiona a atrophia do um organo que poderia ter um resto de actividade. E accrescenta que poderia citar oxemplos typicos. E' preciso, porém, observar-se que os exemplos não podem ser convincentes, porque na surdez a aggravação do mal é um facto commum. Os surdos, com o andar do tempo, se tornam mais surdos ainda, faça o que fizer o medico; como affirmar, pois, que essa aggravação depende unicamente da leitura nos labios? Além disso, esta não é, nem deve ser praticada de modo exclusivo, antes, com os surdos incompletos se deve ter a precaução de fazer todos os dias exercicios de audição pura, afim de se manter o ouvido em estado de actividade funcional. E' conveniente falar sempre que seja possível, de maneira que o ouvido possa perceber os sons. A' opinião do dr. Marage não se associam os drs. Lannois e Chavanne, os quaes dizem que os surdos lêem nos labios instinctivamente. Esses dois especialistas chegam ás conclusões seguintes: as lições de leitura nos labios são as unicas verdadeiramente uteis aos surdos incuraveis. Este methodo, que promete menos do que o dos exercicios acusticos, mantem, porém, as suas promessas e basta para poupar aos mutilados do ouvido o silencio da surdez." Do mesmo parecer é o dr. Moutet. O dr. Lubet Barbon, no seu relatório sobre o funcionamento do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Paris, distingue duas categorias de mutilados do ouvido: a) — os surdos completos, aos

quaes foi ensinada sómente a leitura nos labios; b) — os surdos incompletos, que seguiram, além desse, outros methodos de reeducação auditiva. Quanto á primeira categoria, os resultados têm sido absolutamente satisfactorios: em tres mezes esses infelizes puderam entrar em contacto com os seus semelhantes, com o que lucrrou muito o seu moral. Não são, entretanto, comparaveis a esses, os resultados obtidos por meio da reeducação auricular, tendo os proprios professores declarado que essa reeducação exige mais tempo. Nas suas conclusões, o dr. Lubet Barbon affirma que é preciso insistir sobretudo sobre a leitura labial, por causa das necessidades presentes, e do grande numero de doentes, o que impõe a obrigação de procurar os mais rapidos resultados.

O methodo da orthophonia tem sido seguido só excepcionalmente, com os surdos da guerra. A surdez destes, embora completa, é muito recente ainda para que possam ter-se produzido deformações importantes na sua palavra, phenomeno que so brevem geralmente sómente alguns annos depois. Mas so a orthophonia não tem podido ser utilizada com grande numero de soldados surdos, ella presta entretanto reaes serviços aos mudos, e aos surdos-mudos da guerra, e tambem a uma cathogoria inteira de mutilados, os quaes da face, mais numerosos do que era licito suppôr no principio das hostilidades. Existem ainda os surdos-mudos e cegos.

A todos esses infelizes podem ser applicados os processos adoptados nas escolas dos surdos-mudos, onde o methodo oral é empregado. Sobre alguns delles se obtem, com o auxilio da natureza, do repouso o dos curativos medicos, resultados muito satisfactorios.

A PREPARAÇÃO SCIENTIFICA

A preparação de um paiz não consiste sómente a possibilidade de repellir invasões inimigas nem em possuir formidaveis exercitos e marinha fortissima. Tudo isto são ele-

mentos necessários e de primeira importância, mas em última analyse não passam de instrumentos que, embora collossaes, podem afinal ser inúteis se não forem perfeitos. O que importa verdadeiramente — diz um collaborador da *Yale Review*, — é que estes instrumentos tenham uma efficacia e um grau de perfeição superiores aos das outras nações. Essa superioridade não pôde ser devida senão ao trabalho intellectual dos homens cultos que organisam e fazem agir o complicado mecanismo bellico, e' neste campo, no desenvolvimento dos preciosissimos dotes intellectuaes, que a preparação de um paiz devia intensificar-se e alargar-se. Sem menoscabar as sublimes qualidades do patriotismo e da coragem individual, é preciso contudo reconhecer que salvo poucas excepções, todos os cidadãos as possuem em maior ou menor grau. Ha, porém, qualidades que existem desenvolvíssi-ssimas em poucos individuos, ao passo que escasseiam na collectividade. Se existem nos individuos, é logico suppôr que taes qualidades poderiam cultivar-se e diffundir-se também nas massas. Assim, cultivar-as e diffundil-as deveria ser um dos objectivos principaes da preparação nacional.

Os dotes intellectuaes, que se manifestam por trabalhos materiaes, mas que em conjuncto se chamam organização, contribuem mais para o successo do que as qualidades puramente espirituaes, como o heroismo. E' assim, por exemplo, que as estatísticas demonstram que, para cada soldado que combate na linha de batalha, houve cinco trabalhadores que o puzeram em estado de combater. Sem esta collaboração o heroismo do combatente seria inutil, redundando num sacrificio sem resultado. Isso demonstra a importância da cooperação industrial que seria impossível sem uma adequada preparação scientifica. De resto, o enorme valor pratico desta tem sido demonstrado justamente pela Alemanha, a qual deve ao trabalho scientifico a força que a mantém ainda de pé.

Para elevar o nivel da educação nacional, é essencial antes de tudo que se reconheça a sua importância e o seu valor pratico, mesmo do ponto de vista militar. Da intensificação da escola, especialmente da escola technica e profissional, poderão brotar invenções e descobertas taes a dar uma notavel superioridade militar sobre os outros povos. No campo da aeronautica, da navegação submarina, da radiotelegraphia, ha muito ainda a descobrir e a aperfeiçoar. As applicações praticas destas modernissimas invenções estão ainda na sua infancia. O aeroplano, futuro meio de transporte e locomoção, está ainda, relativamente, no mesmo estado em que se encontrava o primeiro transatlantico ideado por Fuller. Pode-se dizer o mesmo de todos os outros ramos do progresso, nos quaes jovens estudiosos, educados segundo methodos scientificos modernos, desbastados de preconceito e animados de sagrada chamma de um patriotismo bem entendido, poderão prestar serviços preciosissimos, não só ao proprio paiz mas a toda a humanidade.

E' de lembrar-se que as experiencias de laboratorio realisadas por alguns scientists allemães com um puro objectivo de investigação scientifica, sobre a liquefação dos gazes, sobre a synthese do ammoniaco, do hydrogenio e do azoto, deram em resultado tornar a Alemanha absolutamente independente do estrangeiro no que concerne aos adubos chinnicos e aos explosivos, na composição dos quaes, como é sabido, o ammoniaco e o acido nitrico desempenham papel importante. E é de notar-se ainda que numerosas descobertas scientificas, mais tarde utilizadas e valorisadas pela industria, foram devidas a estudiosos que se propunham exclusivamente a uma investigação de laboratorio, sem nenhum pensamento de ganho, e sem mesmo suspeitar que a sua descoberta teria o desenvolvimento e as applicações praticas posteriores. A liquefação do ar foi por muito tempo considerada como um divertimento de gabinete de physica, sem nenhum valor pratico, e mesmo a

oxydação do ammoniaco para produzir acido nitrico no inicio não ultrapassou o limiar do laboratorio chimico, porque o acido nitrico resultante da combinação valia menos commercialmente do que o ammoniaco. Entretanto, essas descobertas iniciais aperfeiçoadas e genialmente applicadas á industria têm agora uma importancia preponderante na economia das nações.

Estes exemplos poderiam multiplicar-se ao infinito, demonstrando todos a grande importancia que têm as investigações scientificas, na preparação pratica dos povos que almejam o progresso e a felicidade.

M. P.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

COTEGIPE

Celebrou-se em 1915 o centenario do nascimento do barão de Cotegipe, um dos estadistas de maior nomeada do Brasil imperial e aquelle, depois de Rio Branco pac, cujo nome se acha vinculado á extincção do captivo, de quem a memoria melhor se conserva entre as classes menos esclarecidas, merecê da funda e geral impressão causada pelo seu vaticinio do desaparecimento do regimen monarchico, motivado pelo modo por que o throno levou a cabo, sem respeito aos interesses conservadores, a grande reforma economica e social da abolição do elemento servil. Cotegipe foi de facto um homem de Estado dotado de argucia, de descortino e de previsão, e foi especialmente um diplomata no sentido mais largo da palavra, não no de mero executor com mais ou menos jeito de ordens recebidas, mas no de inspirador de actos e gestos de que se avoca a responsabilidade.

Seu campo de acção foi naturalmente o Rio da Prata, onde nossos interesses são mais directos, e mais importantes eram então, quando o

Brasil, grande potencia comparativamente á porção das chamadas "republicuetas" que o rodeavam, fazia e que costumam fazer todas as grandes potencias — desejava conservar essas nações menores numa condição de relativa inferioridade que lhe assegurasse para sempre o primado internacional na America do Sul. Dahi a defesa estrema da soberania do Paraguay e do Uruguay contra as tentativas e pretensões de absorção argentina, fundadas, como é sabido, numa tradição de governo colonial. Se o Brasil, cujo vice-reinado não comprehendia o Pará-Maranhão, englobou a Amazonia, não parecia fóra de proposito que Bucuo Aires continuasse a ser capital do todo o vice-reinado do Prata, tornado independente.

Não era o amor ás pequenas nações que ditava tal proceder. Cotegipe perguntava num dos seus discursos do Senado se seria "uma especie de cavalheirismo, de don-quixotismo politico, sustentarmos o principio da integridade do Uruguay e do Paraguay?"

E ello proprio respondia que não, "que era o nosso interesse nacional immediato: aquelles Estados são dois parachoques; impedem o dos dois outros paizes." Era portanto a preocupação da propria grandeza, que não comportava ou antes não supportava a grandeza alheia.

Tiveram afinal as duas grandezas que so harmonizar sob pena de chocarem, do que resultou o estado actual de equilibrio que não ha razão para que se não prolongue indefinidamente, porque cada um dos dois paizes, Brasil e Argentina, possui um campo vasto de expansão onde se exercerem suas actividades. A Argentina, senhora de si, isto é, dos seus destinos, já não tem motivos para desconfianças e receios, e o Brasil já não dispõe com relação a ella dos mesmos meios efficazes de intervenção e do mesmo efficiente prestigio. Approximaram-se portanto os dois, e da approximação proveu logicamente a concórdia. Cotegipe teve porém de arcar com a má vontade aguda anterior a esse periodo de acalmção, numa occasião em que

a expansão argentina visou o Chaco paraguayo.

Foi o peor momento das nossas relações, e da habilidade e vigor com que se houve o negociador brasileiro ficou uma impressão duradoura. O momento parecia aliás unico para as ambições argentinas: a Republica do Paraguay sem elementos de resistencia; a do Uruguay enfraquecida pela guerra civil; a Bolivia fraca e allegando os argentinos dircitos seus incontestaveis a duas de suas provincias." Com o seu natural scepticismo consolidado pela longa experiencia dos negocios publicos, Cotegipe não se fazia illusões sobre aquellas ambições, que reputava ingenuas em todos os argentinos. "Eu respondo, dizia elle, áquelles que affirmam que Mitre e seu partido pensam divorsamento que são "nuances". Uns querem ver se conseguem por jeito o que outros pretendem pela força." Para garantir de algum modo o futuro do Paraguay, incapaz de defender por si sua independencia, é que o visconde do Rio Branco tinha aventado sua neutralisação; mesmo para justificar com ella a prohibição de poder o Paraguay levantar fortificações á margem do rio, prohibição que se pensava tornar extensiva á ilha argentina de Martin Garcia.

Este episodio da vida diplomatica de Cotegipe — sua missão ao Prata e ao Paraguay — acha-se tratado com maior desenvolvimento do que qualquer outro na conferencia que sobre o estadista do Imperio pronunciou no Instituto Historico da Bahia, em sessão commemorativa, seu genro e antigo governador do Estado, dr. Araujo Pinho. A conferencia, redigida em bom estylo academico, poz um contributo, muito menos, contudo do que seria para desejar, o archivo particular deixado pelo eminente homem publico.

As cartas privadas dão immenso valor a qualquer estudo historico; não porque ellas revelem tudo, mas porque o deixam perceber, e a verdade nellas transparece mais facilmente do que nos papeis officinaes. São, portanto, indispeusaveis para a comprehensão exacta de uma época e

das suas personagens, comtauto, bem entendido, que as utilize o interprete com o necessario criterio. E' por isso lastimavel que tantos archivos de homens publicos do Brasil se tenham extraviado sem delles poder o estudioso colher informações interressantes sobre o passado nacional. Joaquim Nabuco não teria podido escrever a excellente biographia paterna que é antes a historia do segundo reinado, se o velho senador Nabuco não tivesse sido um optimo archivista dos seus proprios papeis.

Faltam igualmente a quem quer escrever sobre historia no Brasil os subsidios representados pelas "memorias" dos contemporaneos, que tão viva podem tornar a evocação de um dado periodo e dos seus typos representativos. Cotegipe, por exemplo, tem que ser localisado nos salões fluminense de 1850 a 1890; não porque elle houvesse sido um "dandy" como Maciel Monteiro, mas porque foi um homem de sociedade, e o "mundo" que dali derivou deu-lhe incontestavel superioridade sobre a raça de politicos bisonhos e canhestros de que o Brasil é prodigo. — Oliveira Lima — *O Estado de São Paulo* — S. Paulo).

OS HERÓES DO SERTÃO

Já é tempo de darmos a sua categoria hierarchica na série e seu papel na época em que vieram, aos grandes vultos de bandeirantes nossos que principalmente o mais fuido penetraram, picando, devastando, desbravando o coração do alto Brasil, quando outros, com exagero de gloria em nossos dias, então pouco se distanciavam da linha de contorno o littoral, arranhando as immedições das praias como carangueijos, na bem conhecida mas sempre suggestiva e pittoresca phrase de frei Vicente Salvador.

Imbuídos da leitura dos nossos soidos chronistas coloniaes, mais om destaque, de mais facil aquisição, quasi todos os ensaistas historiadores, philosophos o poetas contemporan os se fizeram ou fazem pregoeiros de insignificantes interpezas sertani-

tas que nem de longe se podem comparar, quanto mais igualarem ou excederem em audácia e grandeza. ás de esquecidos ou desdenhados sertanistas que linhas adiante, com justiça envidaremos tirar de um como que systematico ostracismo historico, neste momento precisamente de tão pronunciada tendencia para o estudo das nossas cousas nacionalistas, dos páramos do interior, particularmente.

Goyaz o Mato Grosso possuem terras que precisam ser novamente descobertas — e antes que isto succeda, não esqueçamos, por justiça o gratidão, os nomos dos seus primeiros desbravadores.

E' justo, é preciso destacar hieraticamente as figuras legendarias dos primeiros descobridores, melhor dito, restaurar o culto a um genero de heróes que floresceram nos primeiros dias de expansão da nacionalidade brasileira, dando-nos o espectáculo dessa epopéa que nos encho de asombro: a descoberta dos sertões do interior — Goyaz e Mato Grosso.

Não menos injusto é dar-se a uns, exageros de gloria que outros maiores, desconheceraem uos annaes da historia.

As decantadas façanhas de Paro Lopes, Adorno, F. Chaves e mais outros, que apenas penetraram poucas leguas dos sertões proximos á costa, e só por isso ficaram famanazes nas chronicas da época, carecem de importancia, comparadas ás do uma dezena de bandeirantes paulistanos, como, por exemplo, Antonio Pires de Campos, Antonio Pedroso de Alvarenga, Manuel Corrêa, Paschoal Paes, Amaro Leite, para não falar dos dous *Anhangúeras*, pae e filho que, como se sabe, foram dos mais antigos sertanistas de Goyaz.

Sob o ponto de vista da civilização, como do económico, a entrada de Fernão Dias Paes Leme em busca das Esmeraldas ao norte de Minas-Geraes, resulta menos importante do que qualquer uma das empreendidas pelos sertanistas, cujos nomes tão olvidados, alludimos acima.

No emtanto, o nome do "Caçador de Esmeraldas", que aliás não merecemos, por justiça e equidade,

ahi está consagrado como typo masculino de bandeirante paulista, chegou ao apogéo da gloria — foi decantado em magnificos alexandrinos na lyra inspirada de ardor patriotico do um dos nossos maiores poetas contemporaneos.

Chronologicamente os sertões de Goyaz e Mato Grosso foram devassados antes dos do Minas Geraes — e este asserto aqui segue escripto por um historiador de inecontestavel merito e reconhecido sabedor das cousas antigas do Brasil Central:

"Posto inverosimil, certissimo é que as terras de Mato Grosso e Goyaz foram conhecidas muitos annos antes que esta nossa, em que se erigiu mais tarde a Capitania das Minas Geraes.

Em communicações francas desde o principio do seculo 17.º já Buenos Aires commerciava com o Perú; e as casas ricas de S. Paulo ornavam-se de cõpas de prata assim como as capollas de alfaia importadas de Potosi.

Os paulistas, pois, suppondo com razão que taes minérios deveriam existir nas regiões limitrophes do velho Imperio dos Incas, cujo acervo de metaes preciosos foi o que mais rico se achou neste mundo, deitaram para lá suas esperanças, e abriram caminho até aos mais remotos confius da terra devoluta, da qual não retrocederam, senão a força de ameaças, tendentes a se não turbar a posse do Rei de Castella e de não so provocar com isto a guerra entre vizinhos, já tão indispostos por outros motivos.

Por outras razões, os aventureiros que andavam á busca de Indios, não mediam distancias, e não paravam diante de obstaculos; pelo que, paizes remotos, ficaram conhecidos bem antes que outros mais approximados." (Diogo do Vasconcellos — *Historia Antiga de Minas-Geraes*).

Estas primeiras jornadas para o nosso *Far-West*, devemol-as e a ninguém é licito ignorar, aos heroicos filhos dos Campos de Piratininga — os pro-homens do sertão, — pertence ao genio paulista, que no dizer de Sylvio Romero é o filho mais velho da civilização e da organização bra-



sileira, adiantou-se mais de um seculo ao Brasil inteiro.

“O rythmo da civilisação nacional — accrescenta o notavel publicista — é avançar para o oeste e dominar o grande corpo do paiz.

S. Paulo antecedeu a todos nessa direcção: foi o primeiro que pizou o sertão e delle se apoderou.

Nesse oeste maravilhoso, onde estão as terras roxas, que lhe dão a riqueza, elle plantou tenda antes dos mais.

Chogou até a funcionar como agentes, descobridor, como devastador de terras, dando-as a outros, terras que vieram desenvolver — Minas Geraes, Goyaz e Mato Grosso.”

Entre os archi-bandeirantes paulistas, um ha para o qual os nossos ensaistas recentes não lhe fizeram ainda mais ligeira menção ás innumerables proezas praticadas nos sertões bravios de Goyaz e Mato Grosso.

Referimo-nos ao capitão-mór de bandeira, Antonio Pires de Campos, que ainda menino acompanhava já uma bandeira aos Martyrios de Araés, em companhia do seu pae, que o levava para o industriar o habilitar-o ás rudeszas do sertão, onde com o seu companheiro da meninice Bartholomeu Bueno, o *Anhangüera*, de 12 annos de idade brincava jogando dados, cujos tentos vermelhos eram pedacinhos do ouro, que colhiam nas areias do Rio das Mortes, entre os mais bem figurados... (Henriquo Silva — *A Informação Goyana*, Rio do Janeiro).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

A AUTORIA DA “ARTE DE FURTAR”

A *Arte de furtar* é um livro de autoria desconhecida, e um dos melhores exemplares da prosa portugueza. De leitura amena e facil (coisa rara entre os rigidos classicos da lingua), é uma alegre satyra dos costumes inconcessos e sordidos do tempo. Só podia ser escripta por um homem de espirito, jovial e chisto-

so e, provavelmente, má lingua e desbocado.

Quando o livro appareceu foi attribuido ao padre Vieira, pelas qualidades de elegancia e primores de linguagem. A attribuição era falsa; e, depois de vigorosa polemica bem documentada e instruida dos melhores informes, ficou demonstrada a van e estulta conjectura.

Não se conformaram, naturalmente, com esto julgado, os editores, que viam naquella fraude, desde então até hoje, um immenso e inextinguivel reclamo e chamariz ás especulações de livraria.

Ninguem, todavia, acredita, agora, na autoria do padre Vieira.

Ficou a questão aberta a dosafiar a curiosidade de eruditos e bibliophilos que sempre andam á cata desses problemas. Quando editei, ha onzo annos, em 1906, uma reimpressão da *Arte de furtar* para a casa Garnier, expuz toda essa questão até o ponto em que jazia, duvidosa e insolúvel.

Apreciando as opiniões dos meus predecessores, e pesando-as sem intuitos do revelar a verdadeira incognita, inclinei-me ao parecer de Cunha Rivara, bibliothecario de Evora, que attribuia a Thomé Pinheiro da Veiga, a autoria do famoso livro.

Na época, era este Thomé Pinheiro um deslinguado, espirito fino, arguto e ironico. E essas qualidades concorriam no autor (quem quer que elle fosse), da *Arte de furtar*.

Parecia, pois, que um e outro, tal vez, fossem o mesmo. Nada mais.

Do Thomé Pinheiro da Veiga, só se conhecia uma obra manuscrita, multiplicada em varias cópias, o nenhuma dellas autographica; o eis por que eu escrevia:

“A publicação da *Fastigimia* (de Thomé Pinheiro) provavelmente contribuirá para resolver este problema ou para nos approximar cada vez mais da solução verdadeira.

A *Fastigimia* foi realmente publicada alguns annos depois por Bruno, um dos bons serviços desta escriptor doudo e muito lido, mas embaraçado e confuso, sem lueidez e sem ordem. A *Fastigimia* veio confirmar a eri-

tica de Rivara, quanto a elegancia, a critica fina, a ironia e ás vezes a satyra.

Assim, no meu conceito, a opinião de Rivara ganhou novo alento e se eu tivesse de reimprimir a *Arte de furtar* acerescentaria essa juizo, formado a posteriori, fortalecido pela leitura da *Fastigimia*. Os dois livros são semelhantes por todos os aspectos, pelo estylo, pela graça, pelo chiste e por terrivel maledicencia.

Ha tempos, e antes disso, Camillo Castello Branco contestava a auctoridade de Thomé Pinheiro, fundando-se numa amphibologia grammatical que demostrei sem cabida, á vista do texto e da chronologia; e fundava-se ainda Camillo na seguinte phrase que ocorre na *Arte de furtar*:

"Disse muito bem o doutor Thomé Pinheiro da Veiga, que em tudo é discreto, respondendo a uma petição!!!"

Camillo disse que seria *insolita vaidade* falar um autor de si mesmo naquelles termos. Não m'o parecem, e escrevi que o homem provavelmente falava por ironia, sendo tido, como o era, por maldizente e leviano.

Tive o prazer de achar confirmada mais tarde essa conjectura quando Bruno editou a *Fastigimia*. Lá se depara a mesma coisa: Thomé da Veiga fala de si nos mesmos termos, a paginas 250:

"Para que é mais? Eu que sou *discretissimo* nunca trouxe mantéos abertos."

Não é a igualdade ou semelhança de textos que prova coisa alguma; é a preocupação do sujeito tido por indiscreto que tem sempre o cuidado de rebater a offensa *dizendo-se discretissimo*.

Isto parece indicar que a presumpção de Rivara, que tornei minha, tem fundamentos valiosos (João Ribeiro — *O Imparcial*, Rio de Janeiro).

GOMES LEAL

Em uma varanda alta de um primeiro andar, uma figura se destaca em plena luz, banhada pelos raios de ouro do sol que vae alternando as

violencias do seu colorido magnifico e orgulhoso. E' um homem. E' um velho. Reconheço-o. E' um poeta. Porventura o maior que Portugal tem tido ha meio seculo. O seu perfil recorta-se em negro sobre a fachada de azulejos brancos. Uma velha e comprida sobrecasaca parece envolvel-o, anarrotada e larga, mais como uma mortalha negra que como o traje de um homem vivo. Na cabeça um chapéu preto, de abas largas. Só a sua face resplandecia. O sol concentrou-se nella. Dir-se-hia o rosto amarelo de um idolo. E' elle olha para o sol que além se vae escondendo; o seu olhar é fixo; percebe-se que nada mais o interessa, que a nada mais attende. Em baixo, um bando de rapazes fita-o de vez em quando com pasmo. Ha na sua attitude a apparencia de um louco? Não sei. O que ha certamente é alguma coisa que nos subjuga, que nos emociona. Quantos são aquelles que, em Lisboa, das frestas das trapeiras ou das janellas dos palacios olham assim para o sol, como para um amigo que lhes diz adeus?

Reconheço-o. E' um poeta. E' um amigo. Sauda-o. Mas elle não me vê. E eu desisto de o perturbar na sua contemplação muda do sol que declina. Talvez encontre nesse declinio do sol uma analogia com a sua propria existencia. Porque esse poeta, que foi um grande poeta, esse poeta é Gomes Leal. Ruina de si mesmo, ha muito que o seu juizo entrou na phase crepuscular. Elle olha para o sol. Vê-o abaixar, enfraquecer, dentro em pouco desaparecerá. E' o que succede a esse altissimo artista em rimas, e a sua figura que tanto parece a de um velho reitor de aldeia, empenhado em espalhar consolações sobre as almas, como a de um Zorrila, cantando os castellos que desabam nas lendas, a sua figura toma proporções de um symbolo. Elle já veste de negro, como a noite; elle já está meio coberto das sombras escuras que ainda não suffocaram o rei dos astros. De mãos apoiadas na grade da varanda, dir-se-hia que assiste á viva representação do seu drama pessoal. O sol

apaga-se. O seu juízo também se apagou.

Porventura uma saudade o pungerà, ao pensar que o sol renascera amanhã dos abismos em que se subverteu, o o seu genio não pode resurgir como elle. Mas esse genio permanece, illuminando consciencias, em perenne devoção perante elle. Quem conhece Gomes Leal? Quem sabe mesmo já que elle vive? A sua actividade cessou. Ficaram, porém, os seus admiraveis poemas. Ficou a *Historia de Jesus*, ficaram as *Claridades do Sul*, a recordação das satyras sublimes da *Traição* e do *Herreje*; certos trechos inimitaveis da "Mulher de Luto" — do *Anti-Christo*. Felix Arvers teve uma estatua por um soneto. Gomes Leal poderia ter uma avenida em que a sua estatua se reproduzisse, esculpida no marmore ou no bronze. Elle vive, ignorado, ruina de si proprio, arrastando uma existencia crepuscular. Mas o Gomes Leal dos bellos tempos do estro vigoroso, ardente, que não cederia ante a inspiração de um Musset; da imagem bizarra e fulgurante que não desmerecia perante as impressões extranhas de Baudelaire; da fantasia original e viva que podia figurar ao lado da do Hoffman, ou da de Poe, ou da de Gerard de Nerval, esse Gomes Leal não perdeu o brilho da sua gloria. A sua juventude é constante, não enfraqueceu, não envelhece. E' como o sol. A noite occulta-o; prende-o nas suas gehennas; mas elle vae na mente dos mortaes, onde os seus raios eternamente flammejam.

Curiosa figura de que não posso arredar os olhos! Ella é realmente a figura de um poeta. Entre nós, ha muito que nenhuma assim realiso a concepção que do vate fórma a imaginação dos que admiram e amam, através da arte, a imagem visionada do artista. Quasi todos os poetas em Portugal — refiro-me aos consagrados, refiro-me aos que deixam, não apenas um lampejo, mas viva nma constellação de formosos raios do espirito — quasi todos os poetas em Portugal não são unicamente poetas. Embora tomando esses recursos como uma mecanica de garantir ou

ilustrar a vida, uns têm fortuna pessoal que lhes garante a existencia burgueza, outros pedem á politica os bafejos de uma outra aura, outros ainda resignam-se ás situações proletarias dos assalariados do Estado ou das empresas particulares, e devo também mencionar os que em outras profissões liboracs procuram os meios indispensaveis á vida. Guerra Junqueiro é rico, Thomaz Ribeiro foi um vulto politico, Bulhão Pato vivia de um pequeno emprego publico. Gomes Leal, não. Nunca foi outra coisa senão um poeta. Nunca pensou senão em fazer versos. Criança ainda, seu pao collocou-o no cartorio de um tabellião. Foi expulso porque escrevia versos no papel sellado. Houve um tempo em que roçou de lovo a politica. Não o tentou. Auxiliou as idéas da liberdade com os seus cantos. Nada mais. No jornalismo, muito embora nos seus cartões de vista sempre se designasse como jornalista, a sua passagem foi fugaz.

Poeta, só poeta, sempre poeta! Mesmo a sua actual phase religiosa é devida, estou certo disto, não só á dôr da perda da mãe ostromecida, que o deixou só no mundo, mas ainda ás tendencias da sua poesia. Como Hynsmans, de resto, bem o denuncia nos seus livros, o mysticismo de Gomes Leal é feito de belleza esthetica. Sobretudo o que elle vê na religião é a figura purissima, idealissima, da Virgem. Não podia haver concepção mais poetica. Nada podia a imaginação humana de mais casto, de mais puro, de mais bello. Para Gomes Leal a religião é a Virgem. Deprehende-se bem da sua *Senhora da Melancholia*. Como nos admiraremos da sua quêda no mysticismo absorvente, quando a razão bruxoleou nelle grande o sensível espirito, ao peso de uma dor inarravel? Até atheus têm cantado a Virgem. Não a cantou Theophilo Braga? Não cahiram de joelhos, diante da formosura sem par do seu symbolo, robustas consciencias como a de Anthera de Quental? Diante da Virgem, as palavras irreverentes, se chegam a sahir dos labios, já não representam uma convicção forte do

espírito, mas uma especie de farronada sacrilega. Ella não chega, com os passes tragicos do commendador, para castigar a impiedade de d. João. Chega com um sorriso, e não seria um sorriso que levou Richopin a renegar as *Blasphemias*?

Tudo isto eu pensava em frente da janella onde Gomes Leal, immovel, com a sua sobrecasaca de velho padro e o seu chapéu de *quaker*, olhava fixamente para o sol. Tudo isto ou pensei em um minuto. O crepusculo descia cada vez mais. Os seus ultimos raios de ouro tornaram a face branca daquelle velho dourada como a de um deus. Tristeza, paz, uma agonia doce e tranquillã, tudo isso dizia a hora mysteriosa e formidavel. Segui. Consolava-me agora a idéa de que, finalmente, Portugal não deixava morrer na miseria um grande poeta. Tanta vez eu clamara que era preciso deixar á porta de Gomes Leal o seu pão, coberto das flores da homenagem e amor da sua patria agradecida. Outro grande poeta fôra o iniciador dessa campanha glorificadora para o paiz: Guerra Junqueiro, cuja luminosa alma jámais se cegou com o pensamento de qualquer rivalidade. Fica na sua varanda, junto dos vasos de flores, poeta singular, consolador das nossas almas, nosso guia para ideacs inatingiveis! A nossa consciencia está tão louca como a tua. Vive em paz. Morre em paz — (Mayer Gargão — *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro).

ANTONIO FEIJÓ

Ao tempo em que Antonio Feijó frequentava a Faculdade do Direito, na Universidade de Coimbra, havia na rua do Rego d'Agua, que ligava o largo do S. João ao da Feira, um barbeiro, mestre Ignacio Barradas, se a memoria me não falla, homem de pouco mais do meia idade, palrador infatigavel e profissional "emerito nas duas artes concomitantes, como elle dizia, da esthetica pilosa humana: o córto

de cabollos e a escanhoação das barbas..."

Emquanto movia e repinicava por musica a tesoura que herdara de sua veneranda mãe, a Parca fria, ou emquanto rapava a primor a queixada de uma victima imbelles, mestre Ignacio contava anedotas, dava novidades em primeira o segunda mão, expunha as snas impressões literarias e defendia as suas convicções politicas: mestre Ignacio era miguelistã da pá virada.

A casa de mestre Ignacio Barradas, não era um salão do luxo; ao contrario, tinha um aspecto mediodial, tanto ou quanto rebarbativo, sendo, como era, o Figaro predilecto da rapaziada do poucos haveres, dos bohemios incorrigiveis, que antes do dia 12 já tinham sacrificado todo o patrimonio mensal no panno verde do Salvador, uma espulunca de tavolagem que demorava ali pela rua das Covas, á esquerda de quem desce para a Sé Velha.

Não era rico do bolsa, o Figaro da rua do Rego d'Agua, mas, como era da raça de Harpagão, emprestava dinheiro aos rapazes, do dia 15 em diante, a juro barato: dez tostões de cada vez para receber quinze no fim do mez, com fiador idoneo, ou dezoito, sem fiador.

E tinha freguezia...

Em um terceiro andar do predio fronteiro ao salão de mestre Ignacio Barradas, moravam, em companhia de sua velha mãe, senhora pobre, mas virtuosa e boa, tres meninas encantadoras, loiras, muito brancas, mmitos delgadas de corpo, mas elegantes e extremamento sympathicas na modestia attrahente que as distinguia e na formusura simples, delicada e morbida.

Chamava-se a mãe: D. Maria Anna da Silva, e desse appellido vieram as pequenas a ser conhecidas dos estudantes pela antonomasia de — meninas Silvinhas.

Viviam aquellas quatro creaturas, no seu terceiro andar, na trapeira do predio, com frente para o largo de S. João e entrada pela rua do Rego d'Agua, no trabalho constante e indefesso da costura p'r'a amor de ganhar a vida, como é cos-

tume dizer, mas perdendo-a lentamente, como parece mais certo.

Toda a gente conhecia as Silvinhas e lhes tributava o maximo respeito: não houve jámais quem se atrevesse a erguer para aquellas suavissimas creaturas um olhar, sequer, de tentação.

E não era raro ver nas ruas de Coimbra, quando ellas iam a passeio ao Jardim Botânico ou para as bandas da Estrada da Beira, a mais velha com a mamã e as duas mais novas á frente, não era raro ver um estudante destragar respeitosamente a capa num gesto de galanteio, num cumprimento attencioso e fidalgo, á virtude e á belleza que passavam.

Adoeceu uma dellas, a mais velha; e tal doença foi que, ao cahir das folhas, entraram as faces a empallidecer, os olhos a encovar, a tosse secca a rebentar-lhe o peito e a febre a accender todos os dias, por volta do sol-posto, duas roseatas vermelhas nas faces muito brancas, ao mesmo tempo que lhe crestava os labios, reduzindo as carnes daquelle corpo, em que lentamente se estiolava uma alma de eleição.

Vendo-a um dia passar, em pleno vigo de mocidade e de saúde, Joaquim Araujo disse daquelle encantadora creatura:

“Possue as cousas mais bellas,
mais puras e mais formosas:
um corpo feito d'estrellas
e uma alma feita de rosas”.

Outro poeta, brasileiro, por signal, ao vel-a no Jardim Botânico, á sombra da Avenida das Tílias, quando já lhe começava a fugir a vida, escreveu:

“Na frente pura e maguada
tinha a triste morbidez
de uma rosa amortalhada
em rendas de pallidez.
No seu purissimo olhar,
havia aquella doçura
qua a morna luz do luar
projecta sobre a verdura.

Tinha tão loiro o cabello
e de tal fórma annellado
que o rosto puro e nevado
mais correcto que um modelo,
parecia um busto de gelo
de fios d'ouro cercado”.

Quasi ao fim do outomno, poucos dias depois de recommçados os trabalhos escolares na Universidade, quando já se fazia ouvir a voz monotona e somnolenta da “Cabra”, correu pela “Alta” a dolorosa noticia: havia morrido, ao entardecer, a mais velha das Silvinhas, uma das graças encantadoras daquelle grupo que a rapaziada irrequieta e turbulenta, mas sempre fidalga e gentil, se acostumara a ver passar pelas tardes maravilhosas de outubro, a caminho do Penedo da Saudade, do Choupal ou da Riba de Santa Clara, á busca de ar lavado e puro, que os seus pulmões, já traçociricamente feridos, pudessem respirar.

Sumira-se lentamente aquella vida de flor, estiolara-se aos poucos aquella encantadora figurinha de marfim e ouro, como se fôra uma vela de cera que a chamma houvesse devorado vagarosamente, numa tristeza prolongada e bruxoleante.

No dia seguinte, lá foi o corpo a descansar para sempre na solidão do Pio, entre os cyprestes e as casuarinas, ao alto da encosta de Mont'Arroyo, naquelle cemiterio tão cheio de recordações, de poesia, de flores e de mocidades desfeitas na terra amiga, e a evolarem-se depois em perfumes e seiva.

Acompanhando o feretro da morta encantadora, iam os estudantes, de capas negras pendentes dos hombros, homenagem das almas bohemias, áquelle alma de rosa que emigrara.

E Antonio Feijó, poeta de um suave lyrismo, repassado de um largo sopro de inspiração por vezes subindo a irmanar-se com Banville e Gauthier, escreveu o soneto — “Pallida e loira” — que dedicou á memoria da morta angelical, que todos os rapazes sabiam

de côr, que se fez celebre em Coimbra, que toda a imprensa do Portugal reproduziu, que tove traductores em varios idiomas e que ha de ficar na poesia portugueza como joia das mais apreciadas:

“Morreu. Deitada no caixão estreito,
pallida e loira, muito loira o fria,
o seu labio tristissimo sorria
como num sonho virginal desfeito.

Lyrrio que murcha ao despontar do
foi descansar no derradeiro leito,
as mãos de neve erguidas sobre o
pallida e loira, muito loira e fria.

Tinha a côr da rainha das balladas
e das monjas antigas, maceradas,
no pequenito esquite em que dormia.

Levou-a a Morte com sua garra
E eu nunca mais pude esquecê-la,
pallida e loira, muito loira e fria!”

No dia seguinte, mestre Ignacio Barradas leu o soneto que um jornal da cidade publicara ao descrever a solennidade funebre do enterro.

Mestre Ignacio não se contevo e criticou os decasyllabos de Antonio Feijó.

Estes poetas, dizia elle entre indignado e piedoso, estes poetas não tomam tento na bola; andam sempre no mundo da lua e mentem por quantos póros têm. Eu bem sei quo a familia é pobre, que a Sra. D. Maria vivo do seu trabalho e da costura das filhas, mas não é tanta a pobreza como o Dr. Antonio Feijó quer inculcar neste soneto...

— Mas onde viu você isso ó mestre Ignacio? — perguntou-lhe o Santos Mello.

— Aqui está no soneto...

— Deixe ver, pediu-lhe o Santos Mello, erguendo a cabeça e voltando a cara ensaboada...

E mestre Ignacio Barradas retorquiu-lhe:

— Ora essa! Cá está:

“Morreu deitada num caixão estreito,”

E' falso: a pequena morreu na cama em que sempre dormio, e não em um caixão estreito, como diz o Feijó.

Eu conheço bem a familia e quando a pobresita morreu, fui lá lovar os meus sentimentos á Sra. D. Maria, mais ás duas irmãs da fallecida e ainda vi o corpo da pequena doitado na mesma cama em que tinha dado a alma a Deus...

— Mas, mestre Ignacio... — quiz atalhar o Santos Mello...

— Não tem mas, nem porém, contrarestou mestre Ignacio; eu bem sei que os poetas têm certas licenças, mas assim também é demais porque a verdade é que a pequena morreu na cama e não no caixão estreito.

Eu fui testemunha.

Quando o Santos Mello relatou ao poeta a critica de mestre Ignacio, Antonio Feijó sorriu e no mesmo instante escreveu esta quadra com que o barbeiro miguolista corecoveo:

Ignacio, quando morreres,
irás direito ao enxurro
que o Pio não come carne
de mula, cavallo e burro”.

Hoje 33 annos depois, folheando o velho compeudio de Direito Ecclesiastico Portuguez, do Dr. Paiva Pitta, lente da cadeira, encontrei, em uma pagina, aquelle epigramma de Antonio Feijó, escripto a lapis pelo punho do Santos Mello.

Mortos ambos!

Como o tempo foge e a saudade envelhece! — (Pinto da Rocha — *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro).

O IMPOSTO TERRITORIAL

A necessidade de uma reforma radical dos systemas tributarios vigentes tem sido reconhecida em todo o mundo. Em toda a parte os grandes estadistas e os estudiosos de questões economicas apontam essa necessidade como primordial. E já varios paizes se resolveram a atacal-a de frente, sem mais se deterem em discussões byzantinas.

E' certo que na Europa qualquer reforma profunda é mais difficil do que nos paizes novos. O mecanismo das instituições é mais amplo, mais velho, mais complicado, mais lento. Entretanto, lá mesmo o imposto nino faz proselytos. Deve saber que, ha annos já, o primeiro ministro inglez, Lloyd George, é partidario dessa reforma, e bem antes da guerra lutava por implantal-a na Gran Bretanha. A resistencia dos lords, grandes possuidores do terras, foi, como era natural, terrível. Mas Lloyd George venceu-os. Venceu-os, é claro, porque a causa era boa. Lloyd George conseguiu que a Camara autorisasse uma avaliação geral dos bens do raiz — trabalho que foi interrompido pela guerra.

Lloyd George é um dos paladinos deste movimento, como o foi esse outro grande estadista, já morto, Henry Campbell-Bannerman.

Foi esto que, depois da guerra sul-africana, deu aos "boors" a autonomia politica e a independencia economica — o direito de resolverem os seus problemas nacionaes por si mesmos e o direito de arrecadarem as sua rendas pela fórmula que mais conviesse aos habitantes, collocando-os assim nas mesmas condições das demais partes autonomas do Imperio Britannico, Canadá, Australia e Nova Zelandia.

Estas colonias são, na verdade, paizes autonomos. O governo da metropole não intervem de modo algum nas respectivas administrações. Todas ellas têm camaras que fazem as leis que julgam necessarias e nenhuma contribuição pagam ao governo do Imperio. Gosando da maxima liberdade, e longe dos mercados da Europa, os habitantes da Nova Zelandia foram os primeiros a reconhecer a irrationalidade dos systemas tributarios que equivaliam a verdadeiras multas sobre a produção de riqueza, os melhoramentos dos campos e os surtos da iniciativa particular. Lá, como em todos os paizes, existiam grandes proprietarios de terra, que as conservavam inculatas, como objecto de mera especulação commercial. Os impostos recahiam sobre os que trabalhavam; os im-

postos castigavam a actividade dos que produziam. Quando Henry George, visitando a Australia, fez conferencias da propaganda em Sydney, produziu uma impressão enorme nos seus ouvintes, que eram multidão. O resultado foi uma lei gravando o valor da terra sem melhorias, e desonerando de impostos os productos... Quem possuia terras cultivadas nada pagava pelos productos que obtinha. Quem tiuha terras pagava uma taxa sobre o respectivo valor venal. Era uma redistribuição das contribuições ao Estado e aos municipios. Qual foi o effecto? O effecto immediato foi um augmento de produção. Ninguém mais teve medo de plantar os seus campos ou os seus terrenos nas cidades e povoações, ao passo que aquelles que possuíam terras ~~em~~ repousou se viram forçados a fazel-as produzir, ou a pagar uma multa em fórmula de imposto territorial.

Vendo o progresso que entrou a desenvolver-se no Nova Zelandia, os vizinhos trataram logo de a imitar. Dentro de poucos annos os legisladores provinciaes de Queensland reformaram o seu systema tributario; depois, os da Australia do Oeste, os da Australia do Sul e os de Nova Galles do Sul. Quer melhor prova? E não é tudo. O Canadá, em estreito contacto commercial com a Nova Zelandia mediante as linhas de vapores que viajam de Melbourne a Sydney (Australia) e de Washington a Auckland (Nova Zelandia) e Vancouver, impressionou-se com o desenvolvimento dos paizes que haviam adoptado a reforma e começou a estudar o assumpto. Hoje, o imposto territorial é praticamente a unica fonte de rouda nas provincias da Columbia Britannica e Alberta, quer para o governo geral de cada uma, quer para os dos seus municipios.

A prova mais eloquente de que os contribuintes se conformam é a seguinte: como resultado do uma reunião de grande numero de agricultores e criadores do noroeste canadense, 14.244 delles firmaram uma representação ao governo federal do Canadá pedindo a suppressão das al-

fandegas e apontando a terra como fonte de toda a renda necessaria aos sorviços publicos. O governo federal tinha em estudos a materia dessa representação, quando, em 1914, rebeutou a guerra, e toda legislação de ordem social ficou paralyzada, a espera da paz. Não ha duvidas, porém, quanto ao resultado da campanha reformadora. Os Estados do Oeste, onde vigora o imposto territorial, têm na propria população a maior partidaria da reforma. Essa população cresce rapidamente, e em breve terá grande peso nas votações para a legislatura federal do Dominion.

Mas as provas dos offeitos beneficos da reforma não se limitam aos paizes de lingua ingleza. Aqui tem um exemplo interessante: ha annos, quando os allemães tomaram Kiau-Chau, o governador nomeado adoptou como base das contribuições o valor da terra. O effeito foi immediato e maravilhoso. Dentro de pouco tempo Kiau-Chau passou, na escala da importancia, entre as terras do Imperio, do 17.º ao 5.º lugar!

Ora, vejamos o que se podia fazer em S. Paulo.

A produção de S. Paulo é do café, cereaes, assucar, algodão, carne, além de outros generos de menor importancia. Mas a economia o bem estar do Estado repousam principalmente sobre o café. O café é o grande sustentaculo da fortuna publica e da particular, e é o centro em torno do qual tudo gravita. Conheço as estatisticas. Ora, em face disto, seria de esperar-se que o poder publico tratasse, com o maximo empenho, de augmentar o consumo do café. Todo commerciante sabe que o melhor meio de propaganda, para qualquer artigo, é collocar-o ao alcance do maior numero possivel de consumidores. Para isso é essencial que o preço seja modico. Parece, porém, que os homens publicos de S. Paulo têm outras idéas, porque por intermedio dos impostos se encarece o producto em cerca de 30 por cento! Ha uma taxa de 5 francos por sacca exportada; ha 9 p. c. sobre uma pauta arbitraria até 38-40 p. c. acima do valor actual; ha um

gravame por meio do imposto sobre o frete ferroviario, que, incidindo sobre tudo quanto o lavrador consome, tendo a encarecer ainda mais a mão de obra, e ha os impostos sobre o material das estradas, — o que tudo redundo em prejuizo do produtor; e ha ainda um augmento de 33 % sobre cada sacca, por intermedio do proteccionismo a uma industria completamente ficticia, a ponto de utilizar materia prima importada. Mercê de tudo isso, quando o café, como hoje, vale 5\$ ou 5\$100 por 10 kilos, que é que fica para os productores!...

Pois bem. Esses impostos todos são pagos pelos que trabalham. Os que possuem terras incultas não pagam nada. São protegidos na sua inacção, enquanto os que dispendem energias, capitaes, trabalho, sangue e suor, ainda carregam com as despesas da communhão. A propaganda mais efficaz que se poderia fazer em favor do café seria tirar-lhe de cima os impostos que o encarecem e pô-lo assim ao alcance dos milhões de trabalhadores do todo o mundo, não como artigo de luxo, que é hoje, mas como artigo de primeira necessidade.

As difficuldades da substituição dos impostos actuaes pelo territorial reduzem-se a bem pouco. Ha quem diga que é necessario um cadastro; mas não ha tal. Na Australia implantou-se a reforma sem cadastro — pela simples declaração do proprietario. O dono de um immovel deve saber o valor do mesmo, o ao declarar-o ao fisco deve submeter-se á condição de vêr a sua propriedade expropriada por utilidade publica a um preço, por exemplo, 15 a 20 p. c. acima daquello valor. Não ha melhor avaliador no mundo que o proprietario mesmo, e não ha meio melhor de conseguir uma avaliação justa e veridica do que collocar o proprietario entre a obrigação de pagar um imposto e o direito do Estado do expropriar o immovel por utilidade publica, por um preço superior á avaliação.

As avaliações seriam fixadas mediante documento publico, e a cada contribuinte ficaria sempre a oppor-

tunidade de verificar quanto pagou o seu vizinho. Ninguém poderia proteger o proprietário de um terreno que tivesse de avaliar-se pelo seu valor venal; o publico e especialmente os vizinhos se encrenariam de velar pela equidade da avaliação, exigindo a expropriação no caso de essa ter sido feita visivelmente mais baixa do que devia. Quanto a perseguições, não me parece possível que as haja. Desde que o proprietario declare o justo valor do seu terreno, que lhe poderá acontecer? Note que esse proprietario, sendo-o de terrenos com melhoramentos, virá a pagar menos, pelo imposto territorial, do que paga actualmente pela penca de impostos que o affligem. O valor do imposto, para a municipalidade, não poderá exceder de 10 a 12 POR MIL.

Em Montevideu, quando se construíram os caminhos macadamizados que alli existem entre a cidade e as praias de Pocitos e Ramirez, o governo adoptou para esse serviço uma contribuição territorial. Proceêdeu á avaliação dos terrenos e começou as obras conservando o direito de expropriar com 10 p. c. do augmento e concedendo aos donos o de corrigir as avaliações por meio de declarações juradas. O resultado foi magnifico para o erario. Os donos, com receio do fisco, deram aos seus terrenos tal valor que o erario percebeu 300 p. e. mais do que a somma calculada pelos engenheiros.

A municipalidade de Montevideu colhe hoje uma renda muitissimo maior do que a calculada e dispõe do fundos para enfrentar os seus compromissos e ainda augmentar os beneficios ao conforto da população. O exemplo de Montevideu é outra comprovação das vantagens do imposto territorial — "sobre o valor da terra livre de melhorias."

A julgar pela experiencia de outros paizes, seria melhor começar pelos municipios, munindo-se estes do capacidade para arrecadarem a sua renda por meio de um imposto sobre o valor da terra. Em seguida, procederiam elles desde logo ao "empadronamento" das propriedades existentes no seu territorio, e quando esse trabalho fosse concluido, ao

cabo de seis mezes ou de um anno, principiam a cobrar o novo imposto, eliminando os indirectos.

Dahi adviriam duas vantagens: a primeira é que a todos se patentearia a conveniencia da eliminação dos multiplos impostos actuaes e sua substituição pelo territorial, — conveniencia para as finanças da municipalidade, para o desenvolvimento dos serviços publicos a seu cargo, para o progresso economico da cidade e para o bem estar da população; a segunda é que, uma vez adoptado pelos municipios o novo imposto, e eliminados os outros, o Estado poderia sem o menor sobresalto imitá-lo, aproveitando o trabalho de avaliação já feito pelas camaras. — (Charles N. Macintosh, da Liga Argentina do Imposto Unico — entrevista com o *Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

A CONFEDERAÇÃO LUSO-BRASILEIRA

A solidarisação de Portugal com o Brasil é hoje mais do que nunca uma questão de ordem do dia. Não é uma ideia inteiramente nova a confederação luso-brasileira, visto que já Sylvio Romero a formulara. Consiglieri Pedroso, por exemplo, propunha em 1909, um acêrdo que se baseava nos laços de sangue, de raça, em aspirações communs, em interesses de ordem economica, etc. Para effectivar o seu projecto, Pedroso propunha a realisação de congressos periodicos luso-brasileiros, alternadamente em Lisboa e no Rio, tratados de commercio e arbitragem, linhas de navegação, entrepostos nas capitales dos dois paizes, unificação, ou, pelo menos, harmonisação da legislação civil e commercial dos dois paizes, equivalencia de diplomas scientificos, etc. Quasi na mesma data em que Consiglieri Pedroso propunha o seu acêrdo, mas pouco antes, em 1908, o dr. Coelho de Carvalho, numa sessão da Academia das Sciencias de Lisboa, lia a copia de uma carta que D. Luiz da Cunha, embaixador de Portugal em França no reinado

de D. João V, dirigira a Marco Antonio de Azevedo Coutinho, pedindo-lhe que o aconselhasse ao rei a que mudasse a eôrto para o Brasil, e preconizando o Rio de Janeiro para a capital do Imperio Portuguez.

Infelizmente, porém, com a prematura morte de Consiglieri Pedroso succedeu ao projectado accôrdo o que não raras vezes succede mesmo ás mais promissoras iniciativas. Faltando-lhe quem pelo seu prestigio e cultura e pela sua esforçada propaganda mais fecundamente a encarnava, a ideia foi aos poucos esquecendo para só agora ser de novo agitada como um dos problemas que mais interessam, não só á nossa vida economica e ás relações commerciaes entre as duas republicas — Portugal e Brasil, — mas aos proprios destinos da nossa raça no velho e novo continente. A ideia de um simples accôrdo ou alliança tem entretanto, deixado o Brasil e Portugal um pouco indifferentes. E' vermos o succedido ás varias tentativas para um tratado de commercio e ás projectadas linhas de navegação. Nada se tem conseguido e nem vale a pena insistir sobre as razões desse insuccesso. A ideia de uma confederação, essa sim, não poderá deixar de impor-se á attenção de brasileiros e portuguezes, mormente nesta occasião e que so jogam nos campos de batalha os destinos das nações ou para melhor dizermos, das differentes raças que procuram alicerçar em novas bases os seus respectivos agrupamentos. São innegaveis as vantagens.

Basta olhar o mappa para que dellas nós certifiquemos. Do um lado e de outro do Atlantico, que vemos? Numa extensissima margem da America austral, o Brasil; quasi em frente, na costa africana, a vasta colonia portugueza de Angola; e entre as duas, como um mar lusitano, o Atlantico-Sul. Numa zona de navegação commum ao Brasil e á Africa Occidental, o archipelago de Cabo Verde. E mais ao norte, como pontos de escala em rotas differentes — os Açores e a Madeira. E, no ponto de convergencia de innumoras linhas de navega-

ção, como vasto entreposto commercial dos productos de Portugal e Brasil, o amplo e magnifico porto de Lisboa! E não é tudo porque, sobre esses simples dados do ordem geographica, quantas outras considerações de ordem economica, politica e social, em defesa da minha ideia? E depois, pela parte que nos toca, a nós outros portuguezes, cumpre-nos hoje, mais do que nunca, velar pelo futuro da nossa raça. Porante as incertezas da hora presente, é-nos licito perguntar o que succederá, depois da guerra, na sua vida economica, nas suas relações internacionaes e nas suas condições de existencia, ás pequenas nacionalidades? Não sei; mas o que vejo e o que mais se accentúa desde o ultimo quartel do seculo passado, com a expansão colonial da Inglaterra e da França, com o despertar do Japão para a civilização moderna e o seu latente imperialismo, com a hegemonia que os Estados Unidos so propõem exercer sobre o continente americano, adoptando como lemma o celebre principio de Monróe — a America para os americanos — com o pan-germanismo da Alemanha, o pan-slavismo da Russia, o pan-iberismo da Hespanha, ainda ha pouco formulado por Romañones, o que mais so accentúa e recentes factos ainda mais confirmam, é a tendencia para os grandes agrupamentos de povos, Estados o nacionalidades sob uma só bandeira, e tendo como baso, ou o territorio, ou a raça, ou interesses de ordem economica.

Não ha um só imperialismo, mas imperialismo de varia especie — imperialismo colonial, imperialismo geographico o imperialismo de ordem ethnica, implicando cada um delles uma solução differente. Ora, se ha um imperialismo de ordem ethnica, que não é bem o imperialismo inglez, como tambem não é o imperialismo americano, mas sim aquelles a que aspiram germanos, slavos o iberos, porque se não ha-de tambem, o com melhores razões, levantar, em Portugal e no Brasil, o problema do lusitanismo? Que outro agrupamento ethnico apresenta, como o que é constituido por portu-

guezes e brasileiros, uma maior unidade de pensar e sentir, mais intimas afinidades de ordenação affectiva e mais ajustáveis superfícies de cohesão? Ligados no passado por glórias e tradições communs, porque não hão-de, portuguezes e brasileiros, unindo os seus destinos, constituir uma nova e grande Lusitania? Portugal seria, na Europa, o centro de irradiação, a *fons gentium* da raça lusitana, e o Brasil, onde o seu esforço e o seu genio tão intensamente se vivificam e florescem, seria na America o seu vasto e fecundo corpo de expansão... E assim constituido, com solidos pontos de apoio, em todos os vastos territorios onde se fala a lingua portugueza, o grande Imperio Lusitano, estendendo a sua influencia o a sua acção a todos os continentes, posaria, enfim, sobre os destinos da humanidade, como uma grande força civilisadora. E' certo que para a solução do problema muitas são as difficuldades e a maior de todas é a de encontrar a formula constitucional e juridica que, sem susceptibilisar os justificados brios dos dois povos, consiga enfim resolver o problema da sua completa unificação. E' um problema para estudo e que se não pôde levantar, convenho, de uma maneira definitiva, sem previamente se saber como esta ideia será acolhida no Brasil, onde aliás já conta um grande numero de valiosos elementos, como os couta tambem em Portugal, em differetes classes e *élites*. E' certo tambem que, para definitiva solução do problema, se terá de attender não só á sua viabilidade, quanto aos dois paizes, Portugal e Brasil, como ainda á sua acceitação pelas outras nações do mundo. (Dr. Bettencourt Rodrigues, entrevista com J. de B. — *Atlantida*, Lisboa).

A INSTRUÇÃO TECHNICA EM PORTUGAL

A guerra actual veio evidenciar os perigos a que estão sujeitos os paizes que descumram o aproveitamento de suas riquezas o as faeuldades

de trabalho dos seus filhos, conformando-se com a modesta situação de consumidores dos productos da industria alieia. Exhaurem-se economicamente em favor das nações que os alimentam, transformando-se pouco a pouco em collectividades parasitarias, cuja vida economica é feita de expedientes que mais e mais as depauperam e degradam material e moralmente. Se paizes industriaes como a Inglaterra e a França se preoccupam com afan com a maior expansão a dar ás suas industrias, terminada que seja a guerra, não será descabido discurrir os meios a ompregar para que a nossa diminuta actividade industrial se desenvolva. E' evidente que para o realizar se torna necessaria a collaboração de dois factores indispensaveis: uma politica economica que permita o desenvolvimento e a introdução de industrias viaveis no nosso paiz, e uma boa organização das escolas especiaes para produzirem os technicos que á sombra de uma sabia legislação possam impulsionar o desenvolvimento industrial. A conveniente legislação economica é evidentemente assumpto complexo que devo ser estudado pelos economistas interessados em que o paiz progrida, traduzido em leis pelos politicos patriotas, que deveriam ser postas em execução sem os mil byantinismos habituaes da nossa burocracia.

Os principios a que deve obedecer a organização do nosso ensino são intuitivos e banaes, embora nem sempre observados entre nós: nem todos são bastante patriotas para comprehender, por exemplo, que a escola deve existir para bem do paiz e não ser a instrucção pretexto para albergar afilhados. Na formação do engenheiro, entram dois elementos distinctos: a instrucção scientifica e a educação technica. O primeiro elemento é constituido pelas multiplas noções scientificas que servem de base á technica e cujo conhecimento é indispensavel para a resolução dos problemas profissionaes. O ensino deve ser acompanhado de exercicios dos methodos pelos quaes se attingiu o conhecimento das verdades fundamentaes da sciencia e so descobrem

diariamente novas verdades. O ensino racional das sciencias mathematicas e physicas o dos seus methodos vale não só por si mas pelo desenvolvimento que dá ás faculdades e á disciplina mental do alumno. E' muito essencial entre nós prestar a maior attenção ao ensino do desenho, elemento educativo de primeira importancia, mas tão deploravelmente descurado nos programmas da instrução primaria e secundaria. O saber tirar o maior partido dos conhecimentos adquiridos é, em todas as profissões, condição essencial de successo na vida; por isso a educação pela aquisição do habitos salutarres deveria preoccupar o corpo docente de todas as escolas. A educação pratica de laboratorio e officinas na escola technica tem um duplo fim: levar o alumno a *toucher du doigt* os phenomenos scientificos em que se baseia a sua profissão para desenvolver as faculdades de observação, a autonomia mental e o interesse pela sciencia, que não dão o ensino verbalista; o adquirir habitos que reagindo sobre o seu ser o eduquem, isto é o modifiquem no sentido que mais convem ao exercicio da sua profissão. A escola technica deve preparar o alumno de tal modo que ao abandonal-a para entrar na vida pratica este se não sinta um momento sequer deslocado. E' essa, em linhas gerais, a orientação a que obedecem a instrução e a educação technicas fornecidas pelo Instituto Superior Technico. Muito ha a fazer ainda para que essa escola tenha attingido a perfeição compativel com as nossas circumstancias. No entanto, os alumnos que concluíram os seus cursos têm encontrado facil collocação na industria particular, que não dá empregos de favor a ninguem.

A collaboração do Instituto Superior Technico no desenvolvimento da nossa industria pode muito bem ir além da missão de fornecer-lhe alumnos com uma preparação escolar cuidada. Devia comprehender a de estudar em casos especiaes os problemas de natureza scientifica, a que o labor corrente dos estabelecimentos indus-

trias não permite geralmente prestar muita attenção.

Assim o Instituto collaboraria na medida das suas forças no levantamento da industria nacional, não só fornecendo-lhe technicos com uma preparação cuidada, mas tambem resolvendo-lhe problemas de que depende o seu desenvolvimento indicados pela propria industria, criando ao mesmo tempo engenheiros especializados para os diversos ramos da actividade profissional que nós faltam quasi por completo. (Alfredo Bensaúdo — *A Águia*, Porto).

A COOPERAÇÃO AGRICOLA NA ALLEMANHA

Uma semana justamente depois de rebontar a guerra europea, decretou-se na Allemanha uma lei, afim de estabelecer o preço maximo dos generos de primeira necessidade, isto é, os alimentos, as forragens e materias primas. Isso queria dizer que a Allemanha comprehendia duas coisas: ser possivel uma longa duração da guerra, e ser inutil regulamentar os preços dos objectos trabalhados sem regulamentar antes o preço das materias primas. Quando os inglezes se convenceram da prolongação da guerra, trataram de encurtal-a com o bloqueio maritimo, mas ficaram surpresos com a resistencia allemã. Ha motivo para erer que o governo allemão tenha exaggerado a gravidade do bloqueio, em parte para alimentar o odio particular contra a Inglaterra e para tornar mais evidente a necessidade das limitações dos consumos, em parte tambem para attrahir a sympathia dos neutros. "Os nossos inimigos saberão, disse von Westarp num relatorio, que o seu desejo de dominar pela fome uma nação de setenta milhões de homens, mulheres e creanças, foi frustrado graças á habilidade das nossas providencias." Que providencias foram essas? Só o podemos saber, por enquanto, recorrendo ao passado agricola da Allemanha, aos decretos hodiernos e aos artigos dos principaes periodicos.

Durante quasi quarenta annos a agricultura allemã tem tido progresso continuo. Devo-se esse progresso em grande parte aos aperfeiçoamentos technicos introduzidos no trabalho agricola. Esses aperfeiçoamentos seriam tambem conseguidos na Inglaterra, mas o que nos falta é um meio de communicacão entre os centros scientificos experimentaes e o agricultor. Este lê pouco, o se lê ou ouve lições e conferencias, não fica por isso persuadido do que lhe dizem, supondo-o mais pura theoria. Por essa razão é que os folhetos de propaganda e os cursos instructivos se tornam inuteis ou quasi. Ha necessidade de um methodo intensivo de organisação, dos quaes podemos ter um exemplo nos systemas allemães.

Existem na Allemanha dois typos de entidades que são intermediarias entre o camponez e quem o instrue ou tem negocio com elle: as Camaras de Agricultura, semi-officiaes, situadas em quasi todas as provincias, e as sociedades cooperativas do credito ou de commercio, inteiramente voluntarias, espalhadas aos milhares em todo o Imperio. Das primeiras, fala extensamente J. R. Cahill, no seu Relatorio ao "Board of Agriculture" de 1913. Foram fundadas pelo Parlamento prussiano em 1894 para encorajar os agricultores durante a depressão agricola do então; rapidamente se espalharam pelo Imperio, e em 1914 se encontravam em tolas as provincias. O objectivo dellas é o progresso tecnico e economico da zona em que se acham, progresso que se pôde attingir por meio da organisação, da educação agricola e da cooperação; tomam parte na fiscalisação dos mercados de cereaes, annotam os preços, dirigem as estações experimentaes e a criação de gado, occupam-se das permittas de trabalho agricola, distribuem os terrenos concedidos pelo Estado, afim do serem utilizados pela agricultura. Instituições activissimas, as Camaras de Agricultura mantêm um pessoal tecnico viajante, escriptorios de infirmação, agencias de venda de gado, e formaram, congregan-

do-se, o Escripatorio Central para Vendas de Gado e o Mercado de Gado, do Berlin. O dinheiro com que se mantêm as Camaras de Agricultura provém das taxas applicadas a todos os agricultores que têm uma certa renda, attingindo algumas entradas á somma de vinte mil libras esterlinas. Fazem parte della sómente agricultores independentes ou pessoas de segura experiencia agricola, sendo os seus representantes nomeados pelos conselhos das provincias. Assim se acha ligado o governo com as sociedades cooperativas locais e consequentemente com os pequenos proprietarios. As Camaras de Agricultura mostraram quanto são uteis recebendo durante a guerra as communicacões governamentaes, propondo modificacões necessarias, transmittindo as ordens ao paiz e fiscalizando a execução dellas.

Vejamus agora o desenvolvimento e a importancia das sociedades cooperativas, a maior parte das quaes são filiadas á União Imperial ou *Reichsverband*. São estas as informacões interessantes, que se encontram no *Berliner Tageblatt* de 26 de Outubro de 1916: a União comprehendia, a 1 de Junho de 1916, 28.752 sociedades cooperativas, das quaes 97 eram sociedades centraes ou federações, 17.825 bancos de economia e de credito, 2.867 sociedades de fornecimento, 3.594 leiterias e 4.369 sociedades de varias especies. O total dos socios é de cerca de 2.600.000.

Segundo o *Vossische Zeitung*, as compras de coisas necessarias á agricultura por parte das sociedades cooperativas attingiram, em 1916, á somma de 259.000.000 de marcos, as vendas a 459.000.000 de marcos, ao passo que no anno antecedente tiuham estas attingido sómente a 303.000.000 de marcos.

Quatro problemas principaes se apresentaram á Allemanha com o prolongamento da guerra: a distribuição dos alimentos, as providencias a respeito das provisões de batatas, os emprestimos de guerra, e a politica alimentar relativa especialmente ao trigo, á carne, ao lei-

te e lacticínios. Na solução destes problemas tomaram parte de maneira notável as sociedades cooperativas guiadas pelas camaras de agricultura. No principio da guerra, e antes que o governo allemão recorre ás sociedades, erros graves foram commettidos. Quando, por exemplo, começaram a escassear os generos alimentícios, foram mortos todos os suínos, com grave prejuizo para o paiz, o tal foi o descontentamento ocasionado pelas providencias relativas ás batatas, que o governo foi obrigado a crear o lugar de Dictador dos viveres. Mas esses inconvenientes se eliminaram quando o governo recorreu ás sociedades cooperativas: para as forragens, o governo confiou a sua distribuição e commercio á *Bezugsvereinigung*, fundada em 1901, a qual, segundo parece, desempenha bem a sua commissão; quanto ás batatas, foi instituida uma repartição central, subordinada ao chanceller do Imperio, que realisa o seu trabalho mediante auxilio das cooperativas. O paiz foi dividido em districtos de duas especies: districtos onde o producto excedia ás procuras e districtos onde succedia o contrario. Os primeiros deviam, depois do ter provido ás necessidades do exercito, pôr de parte o excedente, que ora destinado aos segundos. Se tal systema devesse ser implantado *ex-novo* com a guerra, as queixas da população seriam grandes; mas assim não foi, graças á organização das sociedades cooperativas.

Além do tudo isso, as sociedades cooperativas tiveram papel importante quando se tratou de regular a distribuição e os preços dos generos de consumo. As autoridades governamentais haviam confiado muito no systema de estabelecer preços maximos e minimos, mas logo se viu que essa providencia resultava illusoria, por causa da vastidão e das diversidades de condições das varias regiões do Imperio. Quando depois se fixou o preço segundo as localidades, os productos emigravam logo para o lugar onde os preços eram mais altos, ocasionando

então abusos e descontentamento entre os agricultores e os habitantes das cidades. Recorreu então o governo ás agencias cooperativas, as quaes se animaram a trabalhar de accordo com as autoridades municipales. Instituíram-se padarias cooperativas e leiterias cooperativas, e tal foi o resultado do novo systema, que já se projecta continualmente depois da guerra — (Smith-Gordon — *Quarterly Review*, Londres).

MEDICINA E MEDICOS

Falar mal dos medicos e da medicina tornou-se desde os tempos mais antigos um dos lugares mais communs do humorismo, e um habito que se devia tornar inveterato até crear, sobretudo em França, uma especial tradição literaria. Do medico se chegou a fazer mesmo um typo da Comedia da Arte, e os doutores francezes *Rondibilis*, *Diabirus*, *Macroton*, *Purgon*, etc., são ao lado do doutor hespanhol, *Sangrado*, e do italiano *Balanzone*, outros tantos illustrissimos medicos, laureados todos na mesma Universidade do humorismo. Na realidade, a escola de Bolonha, como a de Montpollier e a de Tubingen, como a de Saragossa, applicavam na cura dos enfermos doutrinas e methodos tão extranhos, com um apparatus tão pedantesco, e tamanha pompa de sciencia pharmacopeica, bastante a fazer rir a todos... fora os enfermos.

Se fossemos compendiar todo o mal que se tem dito dos medicos e da medicina, creio que seriam precisos varios volumes de não menor tomo do que aquelles em que fosse recolhido todo o mal que se tem dito das mulhoeres. Mas da mesma maneira que estas, apesar dos milhares de satyras e de epigrammas compostos contra ellas, continuaram a ser cortejadas pelos homens com o mesmo ardor, assim os medicos e a medicina, apesar de todas as diatribes, continuaram sempre a ser reclamados pelos doentes. E do mesmo modo que as mais ferozes ac-

cusações contra as mulheres foram pronunciadas por mulheres mesmo, as quaes são as primeiras a não quererem ser tratadas por medicas, assim as mais ferinas flechas contra a medicina foram lançadas precisamente por medicos. O illustre clinico lombardo Bucellatti, no seu trabalho *Sulla gotta, la sciatica*, etc., chega a chamar a medicina "uma chimera", cuja base não é menor do que a da astrologia judiciaria, e tratando uma vez da dôr de cabeça, disse: "Tudo quanto temos sabido fazer contra esse mal, foi dar-lho o nome de *cephaléa*". Muito antes d'elle, Cornelio Celso tinha escripto: "Summa medicina est non uti medicamentis"; e um outro luminar da sciencia medica, Hofmann, não duvidou acolher na sua "Dissertatio septem leges sanitatis exhibens" o seguinte preceito: "Fugo medicos et medicamenta, si vis esse sanus". O grande Boerhaave, fundador do ensino clinico, chega a pronunciar o grave apophtegma: "Teria sido muito mais util á humanidade que nunca houvesse existido medico algum." Elle fundava essa sua convicção neste dilemma: "Ou a medicina não conseguiu nunca curar as doenças, e nesse caso, se não foi prejudicial, tem sido pelo menos inutil; ou então a medicina tem servido e serve para prolongar a vida aos enfermos, e neste caso, em regra não tem servido nem serve para melhoramento da especie, e portanto, do progresso humano, porque impede a selecção natural da parte mais fraca da humanidade".

As satyras contra os medicos referem-se em sua maioria á medicina de outros tempos, cuja tolice não é necessario pôr em evidencia. A este respeito basta ver nas Memorias Historicas de Amelot de la Housaye quaes os sapientes curativos que o dr. Bouvard, medico assistente do rei de França Luiz XIII, e provavelmente, portanto, um dos medicos mais acreditados do seu tempo, proporcionava ao seu augusto cliente: só no espaço de um anno, o dr. Bouvard fez ingerir ao desgra-

çado soberano nada menos de 215 medicamentos, ministrando-lhe ainda 212 clysteres! Na verdade devia ser bem robusto Luiz XIII para resistir assim a semelhantes curativos, até os 42 annos, idado em que finalmente... capitulou!

O que ha de verdadeiramente maravilhoso na historia da medicina é que uma "sciencia" desse genero tenha podido ser durante tantos seculos tolerada, razão pela qual não é de surpreender o numero immenso dos epigrammas que lhe foram lançados, e que podem todos ser resumidos na celebre phrase de Montaigne: "Le soleil éclaire les succes des médecins, et la terre couvre leurs fautes!" Aos epigrammas se associa ainda o "folk-lore", por meio do qual se sabe que em muitos paizes ha a crendice de que quando se vê em sonho um medico é preciso logo fazer testamento. Esta crendice é mesmo muito antiga, pois o facto de Andragora, que depois de ter ceiado alegremente com uns amigos, na manhan seguinte foi encontrado morto no seu leito, Marcial o explicava com grande simplicidade: "Bastou-lhe ter sonhado durante a noite com o medico Hermocrates!" *In somnis medicum videtur Hermocratem!* Os proverbios populares contêm tambem pontas satyricas innumeraveis contra os medicos. Ha, por exemplo, este, inventado pelos hespanhoes: "Para todo hay remedio, si no para el medico", o que, livremente, se pôde traduzir assim: "De todo o perigo a gente se pode salvar; mas quem nos salva do medico?".

Frederico, o Grande, rei da Prussia, falando um dia dos erros da arte medica, em conversa com o dr. Zimmermann, lhe perguntou brevemente:

— Quantas pessoas tereis matado, doutor, em toda a vossa vida?

E o medico, promptamente lhe respondeu:

— Não tantas, como Vossa Magestade... e com muito menor gloria! — (Americo Scarlatti — *Minnerva*, Roma).

AS CARICATURAS DO MEZ

A NOVA RUSSIA



Kerenski — Eu acabo abdicando também.

(*J. Carlos* — "Caretá", Rio de Janeiro)

LEGIÃO FEMININA DA MORTE

"As mulheres russas resolveram partir para a guerra"

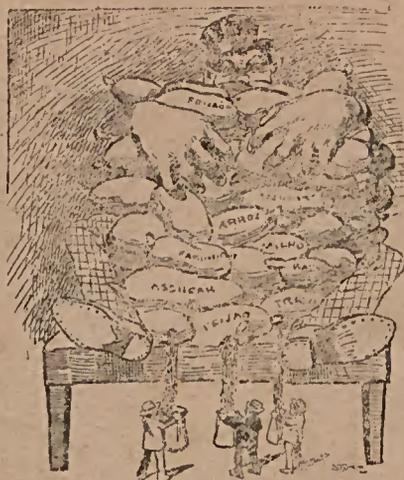
(*Dos Jornaes*)



Os alemães — Kamarade!... Kamarade!...

(*J. Carlos* — "Caretá", Rio de Janeiro)

O AÇAMBARCAMENTO DOS GENEROS



Os varejistas — A freguezia fem que pagar as migalhas a peso de ouro ;
nós é que não vamos no prejuizo.

(Storni — "D. Quixote", Rio de Janeiro)

A PAZ



Desta vez ella apresenta-se com as angelicas vestes papaes, mas...
esqueceu-se de tirar o capacete.

(Aryosto — "A Noite", Rio de Janeiro)



O TUTOR



— Vocês podem gritar á vontade. Não irão para a companhia de sua mãe porque a bisavó de sua fataravó era alleman.

(J. Carlos — "Caretá", Rio de Janeiro)

A PAZ HONROSA



Elle — Desde que eu não seja obrigado a "descer da minha dignidade", acceito.

(Calisto — "D. Quixote", Rio de Janeiro)

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

"The London Tailor-Made"

A elegancia suprema do "tailleur" de Londres, a sua simplicidade de linha, e a sua adaptabilidade em todas as occasiões é reconhecida por toda senhora conhecedora da arte de se vestir. Nós temos sempre os ultimos modelos em exposiçào, importados directamente de Londres. Convidamos as exmas. sras. paulistas para inspeccional-os sem compromisso de compra.

ARTIGOS FINOS A
PREÇOS MODICOS



MAPPIN STORES

English Tea Room

5 ó clock Tea diariamente,
das 15 $\frac{1}{2}$ ás 17 $\frac{1}{2}$ horas.

— ORCHESTRA —

**Rua Quinze de
Novembro, 26**

S. PAULO

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Teleg. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para indústrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres
Seguros marítimos e contra fogo

J. B. White & Brothers, Londres
Cimento Portland "J. B. W."

Aberthaw & Rhose Portland Cement &
Lime Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"

Read Brothers Limited, Londres
Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"

Curtis's & Harvey Ltd., Londres
Dynamite marca "Dragão"

Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres
Chá preto e verde marca "Bond"

William Pearson Ltd., Hull
Creolina, Pacolol e Pacofluido

Andrew Usher & Co., Edinburgo
Whisky "Liqueur"

J. Bollinger, Ay Champagne
Champagne "Bollinger"

P. Virabian & Cie., Marselha
Ladrilhos e Cimento

Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne
Tintas preparadas "Lagoline"

Accetam pedidos para importação directa mediante
modica commissão





AMIDON



ESPLENDOR

Este é o verdadeiro amidon
brilhante, porque brilha como
:: nenhum outro ::

○○○

Industrias Reunidas

F. MATARAZZO

SÃO PAULO

○○○

N. B. — As engommadeiras, quando não
quizerem dar brilho aos engommados, não devem
empregar o "AMIDON ESPLENDOR", porque
este amido é muito brilhante, e, por isso, pro-
prio para os engommados que requerem brilho.
Devem, nesse caso, usar outros amidos, de diver-
sas fabricas do paiz, que se encontram no mer-
cado com a denominação de AMIDO BRILHAN-
TE, — porque estes amidos são brilhantes só no
nome, e, aos engommados não communicam o
menor brilho.

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorizados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os Julzes, promotores e delegados de pollicia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373



REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA

A maior, a mais completa, a mais util, a mais lida e a mais Interessante revista commercial, economica financeira do Brasil. Collaborada pelos mais eminentes economistas, jurisconsultos e contabilistas brasileiros. Unica publicação nacional que traz os seus leitores ao corrente dos progressos, das necessidades e da situação do commercio, da industria e das finanças do paiz. Já está no seu 3.º anno de publicidade. Responde gratuitamente a quaesquer consultas dos seus assignantes.

Assignatura Annual 10\$000

Envia-se um numero GRATIS a quem o pedir aos

EDITORES: OLEGARIO RIBEIRO & Co.

CAIXA POSTAL, 1172 - SÃO PAULO

Redac.: R. Direita, 27 - Offic.: R. Dr. Abranches, 43

A CAMISARIA PROGRESSO

*É a primeira casa
de roupas brancas.*



*Executa sob me-
dida e com ama-
xíma perfeição,
qualquer en-
commenda. ∴*

*Grande secção
de perfumarias
finas. ∴ ∴ ∴*

2 - PRAÇA TIRADENTES - 4

TELEPHONE, 1880 - C

RIO DE JANEIRO

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

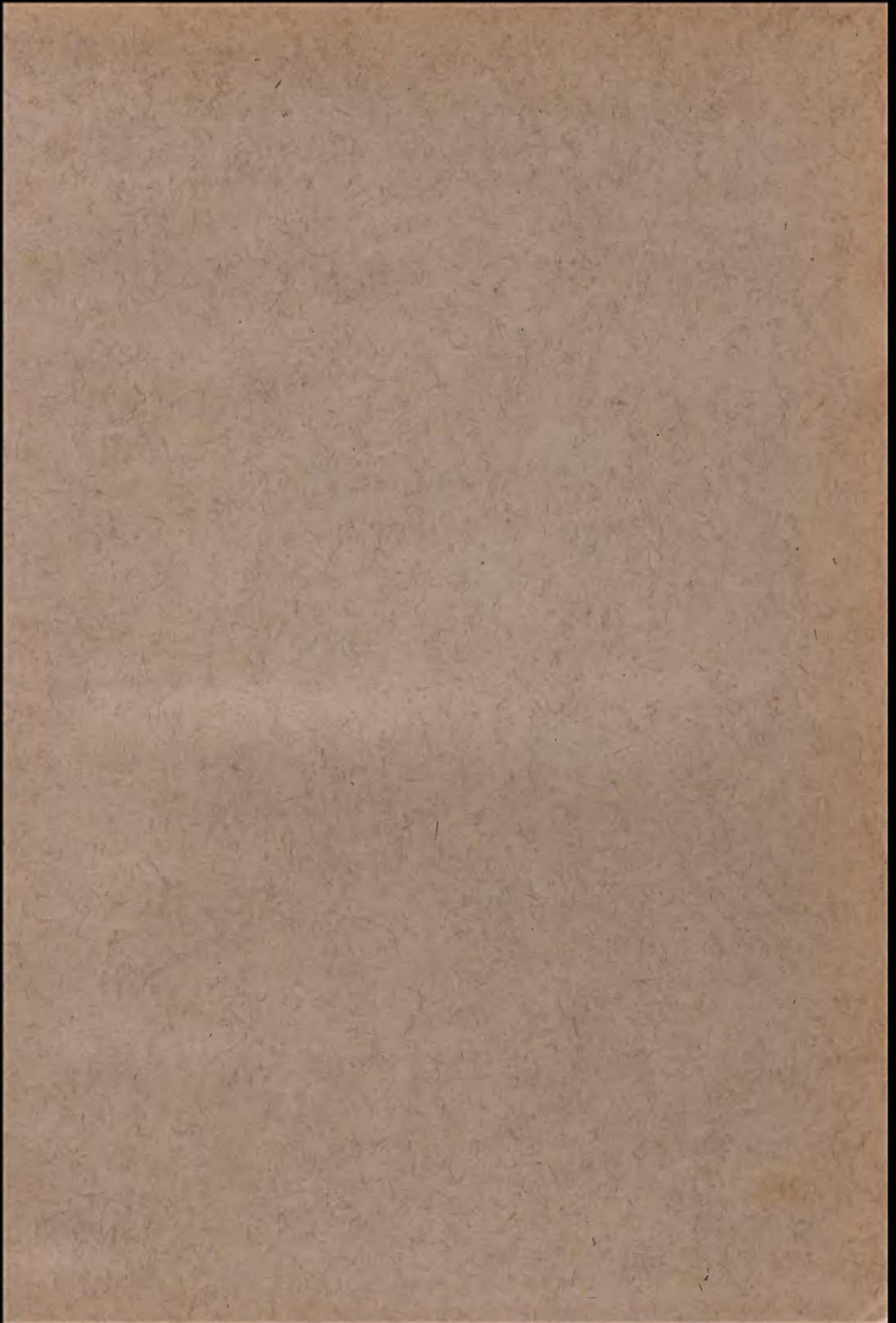
Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

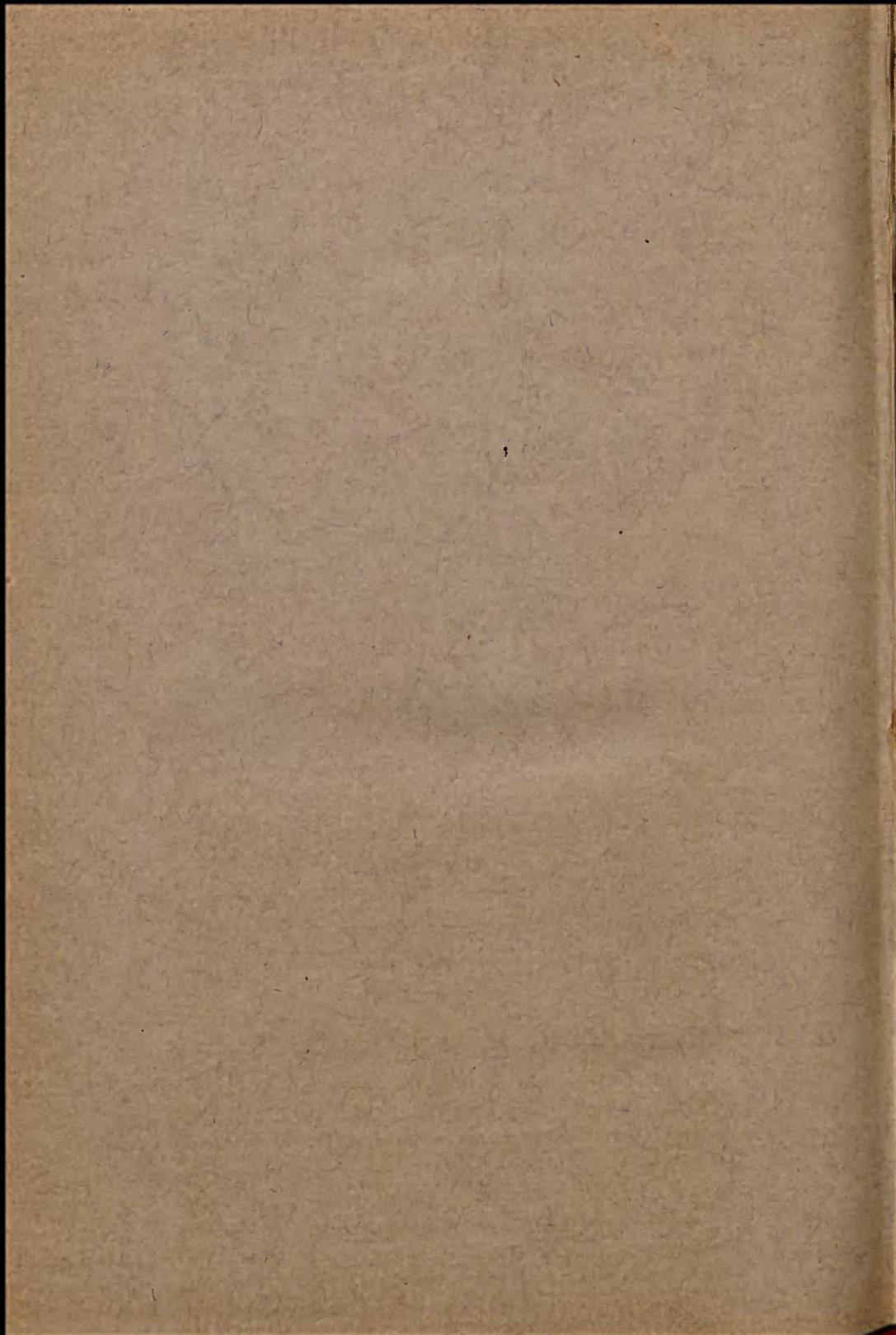
Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTALO" L. S. PAULO







Esta publicidade deve ser devolvida na
última data marcada

02 MAI 1989		
09 SET 1989		
20 OUT 1989		
03 NOV 1989		
24 NOV 1989		

20291

SO	DEVOLUÇÃO	ANO 1917	VOL. 5	N.º 17-20	CLASSIF. OR050
	MAI 1989				
	08/06/89				
	09.09-89				
	20-10-89				
	5-11-89				
	24-01-89				
	05 MAI 1991				
	15.02.91				
	15-3-91				
	30/9/92				

TOMBO: 20291

INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA
E PSICOLOGIA DE ASSIS

BIBLIOTECA

PERIÓDICOS

ILHPA - Mod. SBD/62

